



ARCHER TAYLOR

MUSIC LIBRARY  
UNIVERSITY  
OF CALIFORNIA  
BERKELEY



THE LIBRARY  
OF  
THE UNIVERSITY  
OF CALIFORNIA

THE  
ARCHER TAYLOR COLLECTION  
OF FOLK SONGS & BALLADS









BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

---

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

---

III

# BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

- I — *Historia da Poesia popular portugueza* (3.ª edição). . . . . 2 vol.  
1.º As Origens.. De xvi-480 p. 1902. 800 réis  
2.º Cyclos épicos. De vi-570 p. 1905. 800 réis

## *Tiragem especial*

D'esta 3.ª edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho, cada vol. . . . . 3\$000 réis,

- II — *Cancioneiro popular portuguez* (2.ª edição) (No prelo.)

- III — *Romanceiro geral portuguez* (2.ª edição). . . . . 3 vol.  
1.º Romances heroicos, Novellescos e de Aventuras. De viii-940 p., 1906. 1\$000 réis  
2.º Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros. 1907. De 558 p. 800 réis.  
3.º Romances com forma litteraria, do seculo XV a XVIII. Notas e paradigmas comparativos. 1909. De 634 p. 1\$000 réis.

Obra completa, 3 vol. . . . . 2\$500 réis.

## *Tiragem especial*

D'esta 2.ª edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho, cada vol. . . . . 3\$000 réis.

- IV — *Theatro popular portuguez*: Reisadas — Lapi-nhas — Mouriscadas — Jogos figurados. . . . . 1 vol.

- V — *Adagario portuguez*. . . . . 1 »

- VI — *Contos tradicionais do Povo portuguez* (2.ª edição). . . . . 2 »



THEOPHILO BRAGA

---

# ROMANCEIRO

## GERAL PORTUGUEZ

---

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA  
DO SECULO XV A XVIII

NOTAS E PARADIGMAS COMPARATIVOS

---

*SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA*



LISBOA  
J. A. RODRIGUES & C.ª — EDITORES  
186 — Rua Aurea — 188  
1909

PRESERVATION  
COPY ADDED  
MF 3/90

MUSIC LIBRARY  
UNIVERSITY  
OF CALIFORNIA  
BERKELEY

PQ9155  
B7  
1906  
v. 3  
MUSIC  
LIBRARY

# ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

V

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA  
DO SECULO XV AO XVIII

§ 1 — *Romances, Trovas e Canções narrativas*

**ALVARO DE BRITO**

*Trovas á morte do principe D. Affonso,  
filho de D. João 2.º*

Morto he o bem d'Esanha,  
nosso principe rreal;  
chora, chora, Portugual,  
choremos perda tamanha!  
E carpindo lamentemos  
dous, em huum triste responso,  
rrey & prinçepe choremos,  
dom Affonso! dom Affonso!  
Ho que morte tam estranha,  
ho que nojo, ho que mal!  
chore, chore Portuguall,  
choremos perda tamanha!  
Ho que queeda tam sanhosa  
pera chorar & carpir,  
ho que queeda tam danosa  
que nos fez todos cayr!  
Ho quanta nobre companha  
sente tristeza mortall!

chore, chore Portugall,  
choremos perda tamanha!  
Choremos, que tal cayda  
por nossos grandes pecados  
nos leyxa deseparados,  
mata toda nossa vyda.  
Que pesar nos acompanha,  
que nũaca foi visto tall;  
he perdido Portugal,  
choremos perda tamanha!  
Choremos huum jnocente,  
huma santa creatura,  
que por nossa desventura  
morreo tam supitamente.  
Ho que mall, que nojo, sanha,  
que desemparo mortall  
nota todo Portugal,  
choremos perda tamanha!  
Morreo nossa defensam,  
& morreu nossa liança,  
morreu nossa esperança  
de nom vyr a ssogeyçam.  
Asy nos desacompanha  
nosso senhor natural;  
o senhor çelestial  
o rreçeba em sa companha!

*Cancionciro Geral*, de 1516, t. I, p. 221.  
(Ediçãõ de Stuttgart )

**GARCIA DE RESENDE**

*Trovãs á maneira de Romance feitas á morte  
de Dona Inez de Castro*

Eu era moça menina,  
per nome dona Ynes  
de Crasto. & de tal doutrina  
& vertudes, qu'era dina  
de meu mal ser ho rrevés.  
Uiuia, sem me lembrar  
que paixam podia dar,  
nem dal-a ninguem a mym.  
foy m'o Príncipe olhar  
por seu nojo & minha fym.  
Começou-m'a desejar,  
trabalhou por me servir.  
fortuna foy ordenar,  
dous coraçõs conformar  
a uma vontade vyr.  
Conheçeo-me conheçi-o.  
quys-me bem & eu a ele,  
perdeo-me, tambem perdi-o,  
nunca tee morte foy frio  
o bem que triste puz n'ele.  
Dey-lhe minha liberdade,  
nam senty perda de fama,  
puz n'ele minha verdade,  
quys fazer sua vontade,  
sendo muy fremosa dama.  
Por m'estas obras paguar  
nunca já mais quys casar,  
polo qual aconselhado  
foy el rrey. qu'era forçado  
polo seu de me matar.  
Estava muito acatada,  
Como princesa seruida,

em meus paços muy honrrada,  
de tudo muy abastada,  
de meu senhor muy querida.  
Estando muy de vaguar,  
bem fóra de tal cuidar,  
em Coymbra d'aseseguo,  
pelos campos de Mondeguo  
caualeyros vy somar.  
Como cousas que am de ser  
loguo dam no coraçam,  
começey entristeçer  
& commiguo soo dizer:  
estes omées d'onde yram?  
E tanto que preguntey,  
soube logo que era el rrey;  
quando o vy tam apressado,  
meu coração trespassado,  
foy, que nunca mays faley.  
E quando vy que decia,  
sahy ha porta da sala,  
deuinhando o que queria,  
com gram choro & cortesya  
lhe fiz huma triste fala.  
Meus filhos puz derredor  
de mym com gram omildade,  
muy cortada de temor,  
lhe disse: — Avey, senhor,  
d'esta triste piadade.  
Nam possa mais a paixam  
que o que deueys fazer.  
metey n'ysoo bem a mam:  
que'é de fraco coraçam  
sem porque matar molher.  
Quanto mais a mym, que dam  
culpa, nam sendo rrezam,  
por ser mãy dos ynocentes

qu'ante vós estam presentes,  
os quaes vossos netos sam.  
E tem tam pouca ydade,  
que. se não forem criados  
de mym, soo com saudade  
& sua gram orfyndade  
morreram desemparados.  
Olhe bem quanta crueza  
faraa nisto voss'alteza,  
& tambem, senhor, olhay,  
pois do príncepe sois pay,  
nam lhe deis tanta tristeza.  
Lembre-uos o grand'amor  
que me vosso filho tem,  
e que sentira a gram dor  
morrer-lhe tal seruidor,  
por lhe querer grande bem.  
Que s' algum erro fizera,  
fora bem que padeçera,  
& qu' estes filhos ficaram  
orfaãos tristes, & buscaram  
quem d'elles paixam ouuera.  
Mas poys eu nunca errey  
& sempre mereçy mais,  
deueys, póderoso rrey,  
nam quebrantar vossa ley,  
que, se moyro, quebrantays.  
Úsay mays de piadade  
que de rrigor, nem vontade :  
avey doo, senhor, de mym,  
nam me deys tam triste fim,  
pois que nunca fiz maldade.  
El rrey, vendo como estaua,  
ouue de mym compaixam  
& vyo-o, que nam oulhaua,  
qu'eu a ele nam erraua,

nem fizera traíçam.  
 E vendo, quam de verdade  
 tive amor & lealdade  
 hoo príncepe, cuja sam,  
 pode mais a piadade  
 que ha determinaçam.  
 Que se m'ele defendera,  
 c'a seu filho nam amasse  
 & lh'eu nam obedecera,  
 entam com rrezam podera  
 dar-m'a morte que ordenasse.  
 Mas vendo que nenhum'ora,  
 desque naqy atégora,  
 nunca n'isso me falou,  
 quando sse d'isto lembrou,  
 foy-se pola porta fóra.  
 Com sseu rrosto lagrimoso,  
 c'o proposito mudado.  
 muyto triste, muy cuidadoso,  
 como rrey muy piadoso,  
 muy cristam & esforçado.  
 Hum d'aqueles que trazia  
 comssiguo na companhia,  
 caualeyro desalmado,  
 de tras d'ele, muy yrado,  
 estas palauras dezia :  
 « Senhor, vossa piadade  
 he dina de rreprender,  
 pois que sem neçessidade  
 mudaram vossa vontade  
 lagrimas d'uma molher.  
 E quereys que abarreguado  
 com filhos, como casado,  
 estè, senhor, vosso filho;  
 de vós mais me maravilho  
 que d'ele, qu'è namorado.



Se a loguo nam matais,  
nam sereis nunca temido,  
nem faram o que mandays,  
poys tam cedo vos mudays  
do conselho qu'era avido.  
Olhay, quam justa querela  
tendes, pois por amor d'ela  
vosso filho quer estar  
sem casar, & nos quer dar  
muyta guerra com Castella.  
Com sua morte escusareis  
muytas mortes, muytos danos,  
vós, senhor, descansareis,  
& a vós & a nós dareis  
paz para duzentos anos.  
O príncepe casaraa.  
filhos de bençam teraa.  
seraa fóra de pecado ;  
que aguora sè anojado,  
a menham lh'esqueçeraa.»  
E ouuyndo seu dizer,  
el rrey ficou muy toruado.  
por se em tais extremos ver,  
& que avya de fazer  
ou hum ou outro, forçado.  
Desejaua dar-me vida.  
por lhe nam ter merecida  
a morte, nem nenhum mal :  
sentya pena mortal  
por ter feyto tal partida.  
E vendo que se lhe daua  
a ele tod'esta culpa,  
& que tanto o apertaua,  
disse a aquele que bradaua :  
—mynha tenção me desculpa.  
Se o vós quereis fazer,

fazey-o sem m'ò dizer ;  
 qu'eu n'isso nam mando nada,  
 nem vejo a essa coytada  
 porque deva de morrer.—  
 Dous cavalleyros yrosos,  
 que tais palauras lh'ouvyram,  
 muy crus & nam piadosos,  
 perversos, desamorosos,  
 contra mym rrijo se vyram.  
 Com as espadas na mam  
 m'atravessam o coraçam,  
 a confissam me tolheram :  
 este he o gualardam,  
 que meus amores me deram.

*Cancioneiro Geral*, t. III, p. 617.

*Exclamação:*

Qual será o coraçam  
 tam cru e sem piedade,  
 que lhe nam cause paixam  
 huma tam gram crueldade  
 e morte tam sem rresam !  
 Triste de mym ynocente !  
 que por ter muyto fervente  
 lealdade, fee, amor  
 ho princepe, meu senhor,  
 me mataram cruamente !

A minha desaventura  
 nam contente d'acabar-me,  
 por me dar mayor tristura,  
 me foy pôr em tanta altura  
 para d'alto derribar-me.  
 Que se me matara alguem  
 antes de ter tanto bem,

em taes chammas nam ardera,  
pay, filhos nam conhecera,  
nem me chorara ninguem. <sup>1</sup>

Este formoso jardim,  
estas rosas tanto bellas,  
estas formosas donzellas,  
tudo se fez para mim.  
Nunca me desamparaste,  
meu amor firme e leal;  
em vida me acompanhaste,  
e na morte me deixaste  
Rainha de Portugal.

Não me perdi por alarve,  
mas por gentll cavalleiro,  
galante principe herdeiro  
d'este reyno e do Algarve.  
Oh, amor, que mal andaste  
em minha morte real,  
não sinto que me mataste,  
mas a magoa que deixaste  
no Principe de Portugal.

*Fala o Principe:*

Senhora, quem vos matou  
seja de forte ventura,  
pois tanta dor e tristura  
a vós e a mi causou!

---

<sup>1</sup> Estas estrophes vem no *Cancioneiro* de Resende com a rubrica :  
*Fala Dona Ynes* No Ms. de A. L. Caminha são o principio de uma nova  
composição.

E pois nam vim mais asinha  
tolher vossa triste fim,  
recebo-vos, vida minha,  
por senhora e per Rainha  
d'estes reynos e de mim.

Estas feridas mortaes  
que pelo meu se causaram,  
nam uma vida, e nam mais,  
mas duas vidas mataram,  
A vossa acaba já,  
pelo que nam foi culpada,  
e a minha que fica qua,  
com saudade seraa  
para sempre desgraçada.

Oh crueldade tam forte,  
e injustiça tamanha!  
viu-se nunca em Hespanha  
tam cruel e crua morte?  
Contar-se-ha por maravilha  
minha alma tam verdadeira:  
pois morreis d'esta maneira,  
eu serei a torturilha  
que lhe morre a companheira.

Hi, senhora, descansada,  
pois que vos eu fico qua,  
que vossa morte será,  
se eu viver, vem vingada.

.....  
Por esso quero viver,  
que se por isso não fôra,  
melhor me fôra, senhora,  
comvosco logo morrer,

Amor, porque entendes  
 que aquelles que tu matas,  
 quantas mais mortes lhes catas  
 tanto mais firmes os prendes:  
 Prendeste dois corações  
 em um nó tam firme e forte,  
 que com esta triste sorte  
 ficam nossas affeições  
 muito mais vivas na morte.

E pois onde tu te accendes,  
 tuas chammass tarde matas,  
 olha bem, que os que prendes,  
 se os soltas mais os atas.<sup>1</sup>  
 Sangue do meu coração,  
 ferido coração meu,  
 a quem assim por o chão,  
 vos esparge sem razão,  
 eu lhe tirarei o seu.

---

### GIL VICENTE

*Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz  
 para Saboya, cantado no Auto das Côrtes de Jupiter, que  
 se representou nos Paços da Ribeira em 1519.*

Niña era la Ifanta,  
 Dona Beatriz se decia,  
 Nieta del buen Rey Hernando,  
 El mejor Rey de Castilla,  
 Hija del Rey Dom Manoel .  
 Y Reyna Dona Maria,

---

<sup>1</sup> *Ineditos* publicados por Caminha, I, 197; o resto da estrophe em fragmento no *Essai statistique*, de Balbi, t. II. App. Geograph., p VII.

Reis de tanta bondad  
 Que tales des no habia.  
 Niña la casó su padre,  
 Muy hermosa á maravilla,  
 Con el Duque de Saboya,  
 Que bien le pertenecia.  
 Señor de muchos señores,  
 Mas que Rey es su valia.  
 Ya se parte la Ifanta,  
 La Ifanta se partia  
 De la muy leal ciudad  
 Que Lisboa se decia;  
 La riqueza que llevaba  
 Vale toda a Alejandria.  
 Sus naves muy alterosas,  
 Sin cuento la artilleria;  
 Va por el mar de Levante,  
 Tal que temblaba Turquia.  
 Con ella va el Arzobispo  
 Señor de la Cleresia;  
 Van Condes y Caballeros,  
 De muy notable osadia;  
 Lleva damas muy hermosas,  
 Hijas dalgo y de valia.  
 Dios los lleve á salvamiento  
 Como su madre querria.

*Obras, t. II, p. 416. Ed. de Hamburgo.*

*Romance burlesco, parodiando o celebre Romance de Yo me  
 estava allá en Coimbra, cantado na Farça dos Almocreves,  
 que se representou em Coimbra em 1526*

*Yo me estava en Coimbra,  
 Cidade bem assentada;  
 Pelos campos do Mondego  
 Não vi palha nem cevada,*

Quando aquillo vi, mesquinho,  
 Entendi que era cilada  
 Contra os cavallos da cõrte  
 E miuha mula pellada,  
 Logo tive a mão sinal  
 Tanta milham apanhada,  
 E a pezo de dinheiro,  
 O' mula desempurada,  
 Vi vir ao longo do rio  
 Hũa batalha ordenada,  
 Não de gente, mas de mus,  
 Com muita raiva pisada.  
 A carne está em Bretanha,  
 E as couves em Biscaia.  
 Sam capellão d'hum fidalgo  
 Sem renda, e nem nada;  
 Quer ter muitos apparatus,  
 E a casa anda esfaimada;  
 Toma ratinhos por pagens,  
 Anda já a cousa damnada.  
 Quero-lhe pedir licença,  
 Pague-me minha soldada

*Obr.*, t. III, p. 392.



*Cantiga dos Romeiros em folia no Auto do Templo d'Apollo, representado em 1526 na partida da Infanta D. Isabel, filha de D. Manoel, que casou com Carlos V.*

Pardeus, bem andou Castella,  
 Pois tem rainha tão bella.  
 Muito bem andou Castella  
 E todos os Castelhanos,  
 Pois tem Rainha tão bella,  
 Senhora de los Romanos.

Pardeus, bem andou Castella  
 Com toda sua Hespanha,  
 Pois tem Rainha tão bella,  
 Imperatriz d'Allemanha.  
 Muito bem andou Castella,  
 Navarra e Aragão,  
 Pois tem Rainha tão bella,  
 E Duqueza de Milão.  
 Pardeus, bem andou Castella  
 E Sicilia tambem,  
 Pois tem Rainha tão bella,  
 Conquista de Jerusalem.  
 Muito bem andou Castella,  
 E Navarra não lhe pesa,  
 Pois tem Rainha tão bella,  
 E de Frandes he Duqueza.  
 Pardeus bem andou Caatella,  
 Napoles e sua franteira,  
 Pois tem Rainha tão bella,  
 França sua prisioneira.

*Obr.*, t. II, p. 392.

*Romance ao nascimento do Infante. Dom Felipe, com que termina a Tragi-comedia da Romagem de Aggravados, representada em Évora em 1533.*

Por Maio era, por Maio,  
 Ocho dias por andar:  
 El Ifante Don Felipe  
 Nacio en Evora ciudad.  
 Viva el Ifante, El Rey, y la Reyna,  
 Como las aguas del mar.  
 No nació en noche escura,  
 Ni tampoco por lunar,



Naciò quando el sol decriña  
 Sus rayos sobre la mar.  
 En un dia de domingo,  
 Domingo para notar,  
 Quando las aves cantaban  
 Cada una su cantar,  
 Quando los árboles verdes  
 Sus fructos quieren pintar,  
 Alumbró Diós á la Reina  
 Com su fructo natural,  
 Viva el Ifante, el Rey y la Reyna  
 Como las aguas del mar.

—●—

*Romance á morte de El Rei Dom Manuel*

Pranto fazem em Lisboa,  
 Dia de Santa Luzia,  
 Por El Rei Dom Manuel,  
 Que se finou n'esse dia.  
 Choram Duques, Mestres, Condes,  
 Cada um quem mais podia;  
 Os fidalgos e donzellas  
 Muito tristes em porfia:  
 Os Iffantes davam gritos,  
 A Iffanta se carpia;  
 Seus olhos maravilhosos  
 Fonte d'agua parecia.  
 Bem merecem ser escriptas  
 As lastimas que fazia:

«Paço tão desamparado  
 Derribado merecia,  
 Pois a sua fortaleza  
 Se tornou em terra fria.

Oh minha senhora madre,  
 Rainha Dona Maria,  
 Quem a vós levou primeiro  
 Mui grande bem vos queria,  
 Pois que vos livrou da pena  
 Que passamos n'este dia.»  
 E outras magoas, que de tristes  
 Contar não mais ousaria.  
 O princepe dava suspiros,  
 Que a alma se lhe sahia;  
 Suas lagrimas prudentes,  
 Como a gram senhor cumpria:  
 De dia sempre velava,  
 De noite nunca dormia.  
 A Rainha estrangeira  
 Já chorar o não podia:  
 Com rouca voz dolorosa  
 Estas palavras dizia!

— Oh Reina deseparada!  
 Qué haré sin compañía,  
 Pues que en esta triste vida  
 Sola una vida tenia!  
 Y pues me la llevó la muerte,  
 Para qué quiero la mia?  
 Oh sin ventura casada  
 Tres años no mas habia,  
 Quien tan presto fue viuda  
 Triste para que nascia:  
 Niña sola en tierra agena,  
 Huérfana sin alegria! —

Se uma vez acordava  
 Outras sete esmorecia;  
 Assi pedia a Deus morte  
 Como quem pede alegria,

Dizendo : «Llevenme luego,  
«Que esta tierra ya no es mia :  
«Por la mar por donde fuere  
«Algún peligro venia,  
«Que me matasse á mi sola  
«Salvando la compañía.»

O bom Rei em seu acôrdo  
D'este mundo se partia :  
Sua morte conhecendo  
Com muita sabedoria,  
Per palavras piedosas .  
Os sacramentos pedia ;  
Fallando sempre com todos,  
Deu sua alma a quem devia;  
Morto levam o gram Rei  
Senhores, de gram valia,  
Dizendo uns aos outros :  
—Oh que triste romaria !  
Que grande amigo perdemos  
E que doce companhia !—  
Já passada a meia noite,  
Tres horas antes do dia,  
Mettido em um ataúde  
O qu'inda ha pouco regía,  
O gram senhor do Oriente  
Dos seus Paços se partia.  
Seiscentas tochas accezas,  
Escuras a quem as via ;  
Triste pranto até Belem  
Nem passo não se esquecia.  
Em terra fica enterrado,  
Porque assi mandado havia,  
Conhecendo que era terra  
A mundanal senhoria.  
Disse que os vãos thezouros

A' morte não pertencia.  
 Desque ficou enterrado  
 Cada um se despedia,  
 Dizendo estes versos tristes  
 A' gloriosa Maria. Etc.

*Obr.*, t. III, p. 348.

— ● —  
*Romance á acclamação de D. João 3.º*

Dezanove de Dezembro,  
 Perto era do Natal,  
 Na cidade de Lisboa,  
 Mui nobre e sempre leal,  
 Foi levantado por Rei  
 Dos reinos de Portugal  
 O Principe Dom João,  
 Principe angelical.  
 Sahiu n'uma faca branca,  
 Parecia de cristal,  
 Guarnecida de maneira  
 Que se não viu sua igual.  
 Opa leva roçagante,  
 Tudo fio d'ouro tal,  
 Forrada de ricas martas,  
 Bem parecia real;  
 Pelote de prata fina,  
 Prata mui oriental,  
 Barrado de pedraria,  
 Vinha-lhe mui natural.  
 De perlas não fazem conta  
 Porque è baixo metal;  
 Só um collar que levava  
 Toda Alexandria val;  
 Na cabeça leva preto

Por seu padre natural;  
Sahiu com lagrimas tristes  
Como filho mui leal.  
O seu rosto tão formoso  
Que parece divinal,  
Seus olhos resplandeciam  
Como estrellas equal:  
Os cabellos da cabeça  
D'ouro eram que não d'al;  
Sua boca graciosa  
Com ár mui angelical,  
Um semblante soberano,  
Um olhar imperial.  
Não foi tal contentamento  
No povo todo em geral,  
Como vêr na Rua Nova  
Ir o seu Rei natural  
Com tanta graça e lindeza,  
Que não parece humanal.  
Os forasteiros diziam:  
Mui ditoso é Portugal.  
O Iffante Dom Luis  
Leva o Estoque real;  
O Iffante Dom Fernando,  
Outro seu irmão carnal,  
Ao estribo direito  
A pé, não lhe estava mal,  
Porque em tal solemnidade  
Tudo lhe vem natural:  
Todos os Grandes a pé,  
Quantos ha em Portugal.  
O Conde Priol levava  
A bandeira principal,  
Chegou assi a San Domingos,  
Onde estava o Cardial:  
Benzeu o mui-alto Rei

De benção pontifical,  
 E deu logo juramento ;  
 Jurou n'um livro Missal  
 De fazer cumprir as leis  
 Como lei imperial ;  
 Comfirmou os privilegios  
 D'esta Cidade real.  
 Os povos muito contentes  
 De Rei tão especial,  
 De pequeno sempre grande,  
 Magnifico e liberal,  
 Que é virtude julgada  
 Dos Principes principal.  
 Isto tudo assi acabado,  
 Disseram : — Arraial ! Arraial !  
 Alli tocam as trombetas,  
 Atabales outro tal :  
 Todos lhe beijam a mão,  
 Os senhores em geral.

*Obr.*, t. III, p. 355.

—●—  
*Cantiga do Natal, com que remata o Auto Pastoril, representado em Evora a D. João 3.º em 1523.*

—Quem he a desposada ?  
 «A Virgem sagrada.  
 —Quem é a que paria ?  
 «A Virgem Maria.  
 Em Bethlem, cidade  
 Muito pequenina,  
 Vi hũa desposada  
 E Virgem parida.  
 —Quem he a desposada ?  
 «A Virgem sagrada.

—Quem he a que paria ?  
 «A Virgem Maria.  
 Hũa pobre casa  
 Toda reluzia,  
 Os anjos cantavam,  
 O mundo dizia :  
 Quem he o desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem he a que paria ?  
 A Virgem Maria.

*Obr.*, t. 1, p. 147.

—●—  
*Vilancete de Abel no Auto da Historia de Deus, representado em Almeirim em 1527.*

Adorae, montanhas,  
 O Deus das alturas,  
 Tambem as verduras ;  
 Adorae desertos  
 E serras floridas,  
 O Deus dos secretos,  
 O Senhor das vidas:  
 Ribeiras crescidas,  
 Louvae nas alturas  
 Deus das criaturas.  
 Louvae, arvoredos  
 De fructo presado;  
 Digam os penedos  
 Deus seja louvado,  
 E louve meu gado  
 N'estas verduras  
 O Deus das alturas.

*Obr.*, t. 1, p. 317.

### Barca da Gloria

Remando vão remadores,  
 Barca de grande alegria;  
 O Patrão que a guiava  
 Filho de Deus se dizia,  
 Anjos eram os remeiros,  
 Que remavam á perfia;  
 Estandarte de esperança,  
 Oh que bem que parecia!  
 O mastro de fortaleza  
 Como cristal reluzia;  
 A vela com Fé cozida  
 Todo o mundo esclarecia!  
 A ribeira mui serena.  
 Que nenhum vento bolia.

*Obr., I, p. 246.*

### Os Cativos do Peccado

Voces daban prisioneros  
 Luengo tiempo están llorando,  
 En la triste carcel oscura  
 Padeciendo y suspirando,  
 Con palabras dolorosas  
 Sus prisiones quebrantando.

—Que es de tí, Virgen y Madre,  
 Que á tí estamos esperando?  
 Despierta al Señor del mundo,  
 No estemos mas penando.

Oyendo sus voces tristes,  
 La Virgen estaba orando,



Quando vino la embajada  
Por el Angel, saludando :

«Ave! rosa, gracia plena»  
(Su preñez anunciando ;)  
Suelta los encarcelados  
Que por tí están suspirando ;  
Por la muerte de tu hijo  
A su Padre están rogando  
Cresca el Niño glorioso,  
Que la Cruz está esperando;  
Su muerte será cuchillo  
Tu ánima traspasando,  
Sufre su muerte, Señora,  
Nuestra vida deseando.

Obr., t. I, 233.

*Fragmento da parodia do Romance da Bella mal maridada*

Le bella mal maruvada  
De linde que a mi ve,  
Vejo-ta triste nojada,  
Dize tu razão puruqué.  
A mi cuida que doromia  
Quando me foram cassá ;  
Se acordaro a mi jazia  
Esse nunca a mi lembrá.  
Le bella mal maruvada  
Não sei quem cassa a mi,  
Mia marido não vale nada,  
Mi sabe razão puruque.

Obr., t. II, p. 333.

*Cançoneta dialogada*

—D'onde vindes, filha,  
Branca e colorida ?

«De lá venho, madre,  
 De ribas de um rio;  
 Achei meus amores  
 N'um rosal florido.  
 —Florido, enha filha,  
 Branca e colorida.  
 «De lá venho, madre,  
 De ribas de um alto,  
 Achei meus amores  
 N'um rosal granado.  
 —Granado, enha filha,  
 Branca e colorida.

*Obr.*, t. III, p. 270.

*Cantiga cantada em Chacota de pastores na tragi-comedia pastoril da Serra da Estrella, representanda em Coimbra em 1527.*

«Não me firaes, madre,  
 Que eu direi a verdade.  
 Madre, hum escudeiro  
 Da nossa Rainha,  
 Fallou-me d'amores;  
 Vereis que dizia,  
 Eu direi a verdade.  
 Fallou-me d'amores,  
 Vereis que dizia :  
 —Quem te me tivesse  
 Desnuda em camisa !  
 Eu direi a verdade.

*Obr.*, t. II, p. 445.

*Cantiga conservada no Auto da Lusitania, representado em 1532.*

Vanse mis amores, madre,  
 Luengas terras van morar,

Yo no los puedo olvidar.  
 Quien me los hará tornar!  
 Yo soñara, madre, un sueño  
 Que me dió nel corazon,  
 Que se iban mis amores  
 A' las islas de la mar.  
 Yo no los puedo olvidar.  
 Quien me los hará tornar!  
 Yo soñora, madre, un sueño  
 Que me dió nel corazon,  
 Que se iban mis amores  
 A' las tierras de Aragon :  
 Allá se van á morar.  
 Yo no los puedo olvidar,  
 Quien me los hará tornar!

*Obr.*, t. III, p. 299.

—●—  
*Cantiga conservada na Comedia de Rubena.*

Halcon que se atreve  
 Con garza guerrera,  
 Peligros espera.  
 Halcon que se vuela  
 Con garza á profia,  
 Cazar la queria  
 Y no la recela :  
 Mas quien no se vela  
 De garza guerrera,  
 Peligros espera.  
 La caza de amor  
 Es de altaneria ;  
 Trabajos de dia,  
 De noche dolor :  
 Halcon cazador  
 Con garza tan fiera  
 Peligros espera.

*Obr.*, t. II, p. 49.

**BERNARDIM RIBEIRO**

*Cantar á maneira de Saláo, que vem no capitulo XXI  
da Menina e Mõça*

Pençando-vos estou, filha,  
Vossa mãe me está lembrando,  
Enchem-se-me os olhos d'agoa,  
N'ella vos estou lavando.  
Nascestes, filha, entre magoa,  
Pera bem inda vos seja,  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos houve inveja.  
Morto era o contentamento,  
Nenhuma alegria ouvistes,  
Vossa mãe era finada,  
Nós outros eramos tristes.  
Nada em dôr, em dôr criada,  
Não sei onde isto hade ir ter,  
Vêjo-vos, filha, formosa  
Con olhos verdes crescer.  
Não era esta graça vossa  
Pera nascer em desterro;  
Mal haja a desventura  
Que poz mais n'isto que o erro.  
Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe, magoa a nós;  
Não ereis vós, filha, não,  
Pera morrerem por vós.  
Não houve em fados razão,  
Nem se consentem rogar;  
De vosso pae hei mór dôr,  
Que de si se hade queixar.  
Eu vos ouvi a vós só  
Primeiro que outrem niguem;  
Não foreis vós, se eu não fôra.  
Não sei se fiz mal, se bem.

Mas não pode ser, senhora,  
Pera mal nenhum nascerdes,  
Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes  
Conforto mais duvidoso  
Me é este que tomo assi;  
Deus vos dê melhor ventura  
Do que tiveste té aqui.  
A Dita, e a Formosura,  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelejaram um dia  
Sendo d'antes muito amigas.  
Muitos hão que é fantasia;  
Eu que vi tempos e annos,  
Nenhuma cousa duvido  
Como ella é azo de damnos.  
Nem nenhum mal não é crido;  
O bem só é esperado:  
E na crença e na esperança,  
Em ambas ha hi cuidado,  
Em ambas ha hi mudança.

—●—

*Romance de Avalor, que vem no Capitulo xi da segunda parte das Saudades.*

Pola ribeira de um rio,  
Que leva as agoas ao mar,  
Vae o triste de Avalor.  
Não sabe se hade tornar.  
As agoas levam seu bem,  
Elle leva o seu pesar,  
E só vae, sem companhia,  
Que os seus fôra elle leixar,  
Cá quem não leva descanso,  
Descansa em só caminhar.

Descontra d'onde ia a barca  
 Se ia o sol a baxar.  
 Indo-se abaxando o sol,  
 Escurecia-se o ár:  
 Tudo se fazia triste  
 Quanto havia de ficar.  
 Da barca levantam rêmo,  
 E ao som do remar  
 Começaram os remeiros  
 Do barco este cantar:

—Que frias eram as aguas,  
 Quem as haverá de passar?—  
 Dos outros barcos respondem:  
 «Quem as haverá de passar?  
 Senão quem a vontade pôz  
 Onde a não pôde tirar,

Tra'la barca levam olhos,  
 Quanto o dia dá logar.  
 Não durou muito; que o bem  
 Não pode muito durar.  
 Vendo o sol posto contr'elle,  
 Soltou rédeas ao cavallo  
 Da beira do rio andar.  
 A noite era calada,  
 Pera mais o magoar,  
 Que ao compasso dos rêmos  
 Era o seu suspirar.  
 Querer contar suas magoas  
 Seria arêas contar,  
 Quanto mais se alongando  
 Se ia alongando o soar.  
 Dos seus ouvidos aos olhos  
 A tristeza foi egualar;  
 Assim como ia a cavallo

Foi pela agua dentro entrar.  
E dando um longo suspiro,  
Ouvia longe fallar:  
—Onde magoas levam alma  
Vão tambem corpo levar.—  
Mas indo assi, por acerto,  
Foi c'um barco n'agua dar,  
Que estava amarrado á terra,  
E seu dono era a folgar.  
Saltou, assim como ia, dentro,  
E foi a amarra cortar,  
A corrente e a maré  
Acertaram-no a ajudar.  
Não sabem mais que foi d'elle,  
Nem novas se podem achar;  
Suspeitou-se que era morto,  
Mas não é para afirmar;  
Que o embarcou ventura  
Para só isso guardar,  
Mas são as magoas do mar  
Do que se podem curar.

—●—  
*Romance que vem na Eglôga V, ao qual se chamou Cuidado e Desejo.*

Ao longo de uma ribeira,  
Que vae polo pé da serra,  
Onde me a mi fez a guerra  
Muito tempo o grande amor,  
Me levou a minha dôr;  
Já era tarde do dia.  
E a agua d'ella corria  
Por antre um alto arvoredô,  
Onde ás vezes ia quêdo  
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do-verão,  
Quando começam as aves,  
Com seus cantares suaves  
Fazer tudo gracioso ;  
Ao rugido saudoso  
Das aguas cantavam ellas.  
Todas as minhas querellas  
Se me pozeram diante ;  
Ali morrer quizera ante  
Que ver por onde passei;  
Mas eu que digo? passei!  
Antes inda heide passar,  
Em quanto hi houver pezar,  
Que sempre o hi hade haver.  
As aguas, que de correr  
Não cessavam um momento,  
Me trouxeram ao pensamento,  
Que assim eram minhas magoas,  
D'onde sempre correm aguas  
Por estes olhos mesquinhos,  
Que têm abertos caminhos,  
Pelo meio do meu rosto,  
E já não tenho outro gosto  
Na grande desdita minha.  
O que eu cuidava que tinha  
Foi-se-me assim não sei como,  
D'onde eu certa crença tomo,  
Que pera me deixar veiu.  
Mas tendo-me assim alheio,  
De mim o que ali cuidava,  
Da banda d'onde a agua estava,  
Vi um homem todo can,  
Que lhe dava pelo cham  
A barba e o cabelo.  
Ficando eu pasmado d'ello,  
Quando elle para mim,



Falou-me, e disse-me assim :

«Tambem vae esta agua ao Tejo.»

N'isto olhei, vi meu Desejo  
Estar detraz triste e só,  
Todo cuberto de dó,  
Chorando, sem dizer nada,  
A cara em sangue lavada,  
Não bocca posta uma mão,  
Como que a grande paixão  
Sua falla lhe tolhia;  
E o velho que tudo via,  
Vendo-me tambem chorar,  
Começou assi a falar :

«Eu mesmo sou teu Cuidado,  
Que n'outra terra criado,  
N'esta primeiro nasci.  
E ess'outro que está aqui  
E' o teu Desejo triste,  
Que má hora o tu viste,  
Pois nunca te esquecerá!  
A terra e mar passará  
Traspassando a magoa a ti.»

Quando lhe eu aquisto ouvi,  
Soltei suspiros ao chôro ;  
Ali claramente o fôro  
Meus olhos tristes pagaram  
De um bem só qu'elles olharam,  
Que outro nunca mais tiveram,  
Nem o tive ; nem m'o deram :  
Nem o esperei sómente.  
De só vêr fui tão contente,  
Que pera .mais esperar

Nunca me deram lugar,  
 E n'aquisto, triste estando,  
 Com os olhos tristes olhando  
 D'aquellas bandas d'álem,  
 Olhei, e não vi ninguém.  
 Dei então a caminhar  
 Rio abaixo, até chegar  
 Acêrca de Monte-Mór.  
 Com meus males derredor,  
 Da banda do meio dia,  
 Ali minha phantasia.  
 D'antre uns medrosos penedos,  
 Onde aves que fazem mêdos  
 De noite os dias vão ter,  
 Me saú a receber  
 Com uma mulher polo braço,  
 Que, ao parecer, de cansaço  
 Não podia ter-se em si,  
 Dizendo :

— Vês, triste, aqui  
 A triste Lembrança tua.—

Minha vista então na sua  
 Puz; d'ella todo me enchi:  
 A primeira cousa que vi,  
 E a derradeira tambem,  
 Que no mundo vão e vem !  
 Seus olhos verdes rasgados,  
 De lagrimas carregados,  
 Logo em vendo-os, pareciam  
 Que de lagrimas enchiam  
 Contino as suas faces,  
 Que eram, gram tempo, paces  
 Antre mim e meus cuidados.  
 Louros cabellos ondados

Que um negro manto cobria:  
 Na tristeza parecia  
 Que lhe convinha morrer.  
 Os seus olhos de me vêr,  
 Como furtados, tirou,  
 Depois em cheio me olhou,  
 Seus alvos peitos rasgando,  
 Em voz alta se aqueixando,  
 Disse assim mui só sentida :

—Pois que mór dôr, ha na vida,  
 Pera que houve ahi morrer?—

Calou-se sem mais dizer,  
 E de mi gemidos dando.  
 Fui-me pera ella chorando  
 Pera a haver de consolar...

N'isto pôz-se o sol ao mar,  
 E fez-se noite escura,  
 E disse mal á ventura,  
 E á vida, que não morri...  
 E muito longe d'ali,  
 Ouvi de um alto outeiro  
 Chamar: *Bernardim Ribeiro!*  
 E dizer: —Olha onde estás.—  
 Olhei de ante e de trás  
 E vi tudo escuridão;  
 Cerrei meus olhos então,  
 E nunca mais os abri,  
 Que depois que os perdi  
 Nunca vi tão grande bem,  
 Porém inda mal, porem!

*Obras*, p. 351. Ed. de 1852

**CHRISTOVAM FALCÃO***Cantiga com suas Voltas*

Não posso dormir as noites,  
Amor, não as posso dormir.

Desque meus olhos olharam  
Em vós seu mal e seu bem,  
Se algum tempo repousaram  
Já nenhum repouso tem.  
Dias vão e dias vem,  
Sem vos vêr, nem vos ouvir,  
Como as poderei dormir ?

Meu pensamento, occupado  
Na causa do teu pensar,  
Acorda sempre o cuidado  
Pera nunca descuidar,  
As noites de repousar  
Dias são ao meu sentir,  
Noites do meu não dormir.

Todo o bem que é já passado  
E passado em mal presente,  
O sentido desvelado,  
O coração descontente.  
O juizo que isto sente  
Como se deve sentir,  
Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vêjo  
C'os olhos do coração,  
Não me deito sem desejo,  
Nem me ergo sem paixão :  
Os dias sem vos vêr vão,  
As noites sem vos ouvir,  
Eu não n'as posso dormir.

**SÁ DE MIRANDA***Cantiga*

N'aquella alta serra  
 Me ir quero morar,  
 Quem me quizer bem,  
 Quem bem me quizer,  
 Lá me irá buscar.

*Voltas*

—N'estes povoados  
 Tudo sam requestas,  
 Deixay-me os cuidados  
 Que eu vos deixo as festas.  
 D'aquellas florestas  
 Verey longe o mar,  
 Por-me-hey a cuidar.

«Sombras e aguas frias,  
 Quando o sol mais arde;  
 Depois sobre a tarde  
 Por cá bradarias,  
 Vès, que pressa os dias  
 Levam sem cansar,  
 Nunca hamde tornar.

—Não julgue ninguem  
 Nunca outrem por si,  
 Mais de um bem que eu vi  
 A vida nam tem.  
 Nam deixa este bem,  
 Onde se elle achar  
 Mais que desejar,

«Deixa as vaidades,  
 Que da mão á bocca  
 O sabor se troca,  
 Trocam-se as vontades.

Essas vãs saudades  
Armadas no ár,  
Que podem durar ?

N'aquella espessura  
Me hei d'ir esconder,  
Venha o que vier,  
Achar-me-ha segura,  
Se tal bem não dura,  
Ao seu trespassar  
Tudo hade acabar.

*Obr.*, Edic. de 1595.

---

### JORGE DE MONTE-MOR

*Canção tirada da Novella pastoril intitulada Diana.*

Os tempos se mudarão,  
A vida se acabará ;  
Mas a fé sempre estará  
Onde meus olhos estão.  
Os dias e os momentos,  
As horas com suas mudanças,  
Amigas são das esperanças,  
E amigas de pensamentos.  
Os pensamentos estão,  
A esperança acabará,  
A fé não me deixará  
Por honra do coração.  
E' causa de muitos danos  
Duvidosa confiança;  
Que a vida sem esperança  
Já não teme desenganos.  
Os tempos se vêm e vão,  
A vida se acabará,

Mas a fé não quererá  
Fazer-me esta sem razão.

—●—  
*Outra Cançoneta*

Suspiros, minha lembrança  
Não quer, porque vos não vades,  
Que o mal que fazem saudades  
Se cure com esperanças.  
A esperança me val  
Por causa, em que se tem,  
Nem prommette tanto bem  
Quando a saudade faz mal.  
Mas, amor, desconfiança,  
Me deram tal qualidade,  
Que nam me mata a saudade,  
Nem me dá vida a esperança.  
Errarão, se se queixarem  
Os olhos, com que eu olhei,  
Porque não me queixarei  
Em quanto os seus me lembrarem ?  
Nem poderá haver mudança  
Jámais em minha vontade,  
Ou me mata a saudade,  
Ou me deixa a esperança.

—  
**JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS**

*Romance da batalha que El-Rei Arthur teve com Mordereth,  
seu filho.*

Gram Bretanha desleal,  
Ao melhor rei que tiveste  
D'agora, té o fim do mundo  
Chora quanto bem perdeste :

Jaz no campo, entregue á morte  
Que falsa, ingrata lhe deste,  
A flor da cavalleria  
Com que te ensoberveceste.  
A pena tem já da culpa  
Que lhe assi favoreceste,  
Oh traidor de Mordereth,  
Porque um tal rei vendeste?  
Oh Bretanha desleal,  
Que grande traição fizeste,  
A vinte quatro da Távola  
Que por Ginebra escolheste.  
A' Demanda do Grial  
Triste remate pozeste;  
Morto jaz de mil feridas,  
E tu, soberba, lh'as deste,  
Dom Galvão tão animoso  
Por quem mil glorias tiveste;  
E matar Dom Galeazo.  
**Ingrata, como podeste?**  
Que em obras de fortaleza,  
Não sei se outro igual houveste!  
Pôde matar-te Bretanha  
Que tu tanto engrandeeeste!  
Esforçado Flordemares,  
Que em forças mares venceste,  
A morte, que em defenderes  
Tal rei, d'ella padeceste.  
Oh animado Troyano,  
Nunca lh'o tu mereceste,  
Mal lhe parecias, mal  
O que d'ella recebeste.  
Palamedes, oh pagão,  
Que nas armas floreceste,  
Dom Tristão de Leonís,  
Que por amores morrestes



Em não morreres aqui  
Ditosa sorte tiveste,  
Tu, Laçarote do Lago,  
Que as glórias de amor houveste;  
De damas servido, amado  
Da dona a quem mais quizeste,  
Com dano dos traydores  
A' morte a que te rendeste.  
Ficarás sem sepultura  
Co'a pena que mereceste,  
Tu traidor Morderet,  
Pois tal traição commeteste.  
Aqui se acabou a gloria  
Quanta, Bretanha, tiveste:  
Em pago da qual a Arthur  
Nem a sepultura deste.  
Cá na Ilha de Avalon,  
Merlin, vergel lhe fizeste,  
Em que vive, e só salvá-o  
De affronta e morte podeste.  
Como amigo que as más manhas  
De Bretanha conheceste;  
Mas n'algum tempo inda Arthur,  
Bom Rei que desmereceste,  
Bretanha, virá a vingar-se  
Da traição que lhe fizeste.

*Memorial das Proesas da Segunda Tavola Redonda, cap.III.*

—●—  
*Romance ao modo hespanhol, com gentil arte e disposição,  
sobre a Guerra de Troya.*

N'aquella montanha Ydéa  
Que Afrodísia frequentava,  
Páris, aquelle pastor  
A quem Enone amava,

Com ella de companhia  
As feras bravas caçava,  
As aves de mil maneiras  
Armando laços tomava.  
Entre murteiras, nos braços  
Da Nympha a sesta passava,  
D'onde ter-lhe eterno amor  
Muitas vezes lhe jurava ;  
E de tel-a por senhora  
Comsigo se vangloriava  
Aquelle que por ser justo  
De hera os touros coroava,  
Embaixada de Tronante  
Mercurio lhe apresentava :  
Pera julgar antre as Deusas  
Que a Discordia baralhava,  
E de cada uma d'ellas  
Promessas lhe apresentava,  
Riqueza uma, outra victoria,  
Venus formosura dava :  
O justo pastor se incrina  
Ao que os olhos contentava,  
E quer ver núas as Deusas,  
Que nada ver lhe estorvava.  
Oh desenho temerario,  
Que tal perigo intentava,  
Com rasão e com desejo,  
Por Cytherèa julgava.  
E a Deusa satisfeita  
Da palavra penhorava:  
Enlevado na esperança  
Ênone já despresava.  
Lagrimas por seu amor  
Em satisfação lhe dava:  
O seu descanso amoroso  
Por trabalhos o trocava.

Venus cumpre sua promessa,  
Fortuna Ênone vingava,  
Com a fermosa greciana  
A toda a Troya abrazava.  
E não lhe valeu Cassandra,  
Que furiosa o gritava,  
Que estes são os galardões  
Que amor vingativo dava.

*Memorial das Proesas, cap. VIII.*



*Romance da morte de Achilles, e desgraça de Policena.*

Diante os muros de Troya  
Mui ufano passeava  
Achilles, o mui soberbo  
Que em seu peito a abrasava.  
A fermosa Policena  
Antre as ameyas estava;  
E tal era a fermosura  
Com que d'ellas se estremava,  
Que ao romper por entre as nuvens  
A Aurora semelhava.  
O cruel inimigo os olhos  
A real luz alevantava.  
De seus raios traspassado  
Dentro do peito se achava,  
Com a dor que na alma sente  
A fallar-lhe se chegava;  
Mas a troyana princeza  
Que em extremo o desamava,  
Recolheu-se com gemidos  
Que a deuses apresentava,  
Pedindo-lhes a vingança  
Que ella a tomar não bastava.

O cavalleiro indomavel  
Tam prezo e triste ficava,  
Que com suspiros ao céo  
Sua dor manifestava:  
Já d'antes a tinha visto  
Quando ella Hector presenteava,  
Des então do seu amor  
Sua alma preza enxergava.  
De como pudesse havel-a  
Muitas contas só lançava.  
Como agora, amor repouso  
Nem soffrimento lhe dava,  
Soccorreu-se á esperanza  
Que a vida lhe sustentava;  
A Hecuba sua madre  
Tal mensagem ali mandava:  
Que se quer vêr Troya livre  
Policena assegurava  
Que elle a fará descercar  
Se por senhora lhe dava.  
Hecuba, que mais que a vida  
Vingar Hector desejava,  
Com Páris logo da morte  
De Achilles cruel tratava.  
Respondeu-lhe que se vissem  
No templo em que Apollo estava.  
Recebera Policena,  
Se a fé ante elle lhe dava;  
E de imigo será filho,  
Se lhe Troya descercava.  
O triste amator que a via,  
Nem cem vidas estimava,  
A respeito do desejo  
Que Policena causava.  
Sem temor e sem receio,  
Sem cuidar que aventurava,

Entregando-se á ventura  
E Amor que o guiava,  
Sem cautella e em seu conselho  
No templo de Apollo entrava.  
De gíolhos posto ante elle  
Muitas graças a amor dava.  
Páris, que com arco armado  
Escondido o esperava,  
Fazendo votos a Apollo  
Se lhe a seta endereçava,  
Em o vendo de gíolhos  
Muy prestes n'elle encarava;  
Pola pranta do seu pé  
A vida lhe atravessava.  
Cae o triste namorado  
De quem tanto o desamava;  
N'esta vingança de Hector  
Toda a Troya se alegrava.

*Memorias*, p. 128.

*Romance da morte de Policena para vingar os manes de Achilles.*

No templo de Apollo, Achilles  
Desprovido, namorado  
Jaz morto n'alma do pé  
De uma seta trespassado,  
E não lhe valeu no mar  
Por Thetis ser encantado,  
Aquelle que dos Troyanos  
Era temor e cuidado.  
Dos Gregos o defensor  
Pouca cinza já tornado,  
A pequena Urna não enche  
Aquelle grande esforçado.

Contem de sobre suas armas  
 Todo capitão notado,  
 A Thelamão e a Ulysses  
 Todos o logar tem dado.  
 Não nas leva o cavalleiro  
 E levou-as o avisado,  
 A Troya é toda abrasada,  
 O Illião derrubado.  
 Querem-se partir os Gregos,  
 Não fica Achilles vingado.  
 Da terra sáe a sua sombra,  
 E com o seu vulto ayrado,  
 Como quando a Agamenão  
 Tentou matar denodado :

«Quereis-vos partir, (dizia)  
 Grego exercito malvado?  
 E fique eu na sepultura  
 Sem vingança deshonrado.

Pede Policena a alma  
 De Achilles d'ella engeitado.  
 Agora Pirho soberbo  
 Filho, do pae o traslado,  
 Dos braços da triste mãy  
 Que por todos tem chorado,  
 Traz Policena ao sepulchro,  
 Virgem de animo estremado:  
 E vendo Pirho, o cruel,  
 Contr'ella determinado  
 Com rosto seguro, honesto,  
 Feroso, mas descorado,  
 Diz:

«Derrama o generoso  
 Sangue real apurado:  
 Farte-se a grega cueza,

Cumpra-se meu triste fado;  
Seja meu pescôço ou peito  
D'essa espada trespassado.  
Livre nasceu Policena,  
Servir outrem não lhe é dado.  
Não será com minha morte  
Algum idolo applacado,  
O coração só quizera  
Da minha mãe esforçado.  
O gosto da morte minha  
Esta dor m'ó tem tirado:  
Deve chorar só sua vida  
E invejar meu estado.  
A filha do rei Priamo  
Sobre os reis afortunado,  
Vos roga que á triste mãe  
Seja seu corpo entregado ;  
Não seja como o de Hector  
Por outro inda resgatado,  
Contentae-vos que com lagrimas  
A coitada o tem comprado.»

Isto disse, e de um só golpe  
Do cruel Pirho indomado,  
O pescôço cristalino  
Do corpo lhe foi apartado ;  
De recolher, em caindo,  
As fraldas, teve cuidado  
Por conservar o decoro  
Nas Virgens sempre estimado.

*Memorial, cap. XXXV.*

—●—  
*Romance da Historia de Roma.*

De ti, casto Scipião,  
Sofonisba ouvi queixar,

Que foste imigo de amor  
Por querer d'ella triumphar.  
Na forte cidade Cirta  
Masenisa fôra entrar,  
E por teu mandado Sifax  
Seu marido foi matar.  
Com furia e odio imigo  
Nos seus paços fôra dar,  
Mas na mór força da furia  
Amor o pôde amansar :  
Dos encontros dos seus olhos  
O seu coração domar.  
De escrava feita senhora  
De quem vinha cativar,  
De eterno amor dada fé,  
As almas foram trocar :  
Lgrimas e fermosura  
Tudo puderam acabar.  
Sabido per Scipião  
Que amor não pôde abrasar,  
Com coração deshumano,  
Com razões não de aceitar,  
A Mesenisa escrevia  
Que lh'a mandasse entregar,  
Porque era inimiga de Roma,  
Da geração de Amilcar.  
Em grande affronta se vê  
Masenisa e gram pesar,  
O coração não lhe leva  
A' Sofonisba faltar.  
Cuidou um mui duro meio  
Pera haver de a libertar !  
Uma cópa de peçonha  
Lhe mandou appresentar,  
Em logar da liberdade  
Que lhe não podia dar.



Safonisba muy contente  
A bebeu sem reçar,  
Sentindo sómente a dôr,  
Que se não pode escusar,  
Por amor de Masenisa  
Que vive pera a passar.  
Dizendo: «Por vós, amor,  
Me quero sacrificar,  
Não será d'outro cativa  
Quem toda se vos quiz dar.»  
Mal haja a fortuna imiga  
Que tal amor foi córtar.

*Memorial, etc. cap. XIII.*

—●—  
*Romance da vespera da Batalha da Pharsalia*

De Roma sahe Pompeo,  
E toda Roma o seguia,  
Com temor de Julio Cesar  
Que de França já partia.  
O Robicão tem passado.  
Contra Roma traz a via.  
Apesar do bom Metelo,  
Do thesouro se provia,  
Apoz Pompeo se vae,  
E Pompeo que o sabia,  
Em Brandusio se faz forte,  
E d'ali per mar fugia;  
Desamparando a Italia  
Defendel-a pertendia,  
De romanos e outra gente  
Grande exercito fazia;  
A Cesar dera batalha,  
Se o seguira vencia,

Por arredal-o do mar  
 Fugir-lhe Cesar fingia :  
 Ser arte de capitão  
 Pompeo bem o entendia,  
 A Cesar, contra o que entende.  
 E a seu pesar, seguia.  
 Já nos campos de Pharsalia  
 Um contra o outro se via,  
 Vendo-se chegado á summa  
 Pompeo do que temia.  
 Oh que grande senhorio  
 O conjugal amor cria !  
 Que só Cornelia é a causa  
 Que reprime o que cumpria ;  
 E'-lhe forçado apartal-a,  
 Dilata-o de dia em dia,  
 No seu leito sem repouso  
 Chorando, cá não dormia.  
 Cornelia tem a seu lado  
 Que animal-o commetia,  
 De lagrimas suas faces  
 Humidas ali sentia.  
 Dissimula, cá não ousa  
 Tomal-o em tal agonia,  
 Parecendo-lhe que o magno  
 Pompeo assi se batia.  
 Elle que a sente e entende,  
 Taes palavras lhe dizia :

« Mulher, a que eu mais que a propria  
 Vida, ditosa queria,  
 Não esta que me aborrece  
 Mas quando ledto vivia,  
 E' vindo o tempo que eu triste  
 Dilatado, e já não podia,  
 Cá Cesar está no campo

E a batalha offerecia ;  
 Cumpre dar logar á guerra  
 Mandar-te a Lesbos queria ;  
 O al tenho a mi negado,  
 Não cures de mais porfia,  
 Este nosso apartamento  
 Por muito pouco seria.  
 Do teu verdadeiro amor  
 Confiança não teria,  
 Se vères esta batalha  
 O coração t'ò soffria.  
 Corro-me de estar comtigo  
 Quando a guerra assi fervia ;  
 Mais seguro é que de longe  
 Ouças o que succedia,  
 Se me a fortuna fôr falsa  
 E se me Cesar vencia !  
 A melhor parte de mim  
 Segurar, sequer, queria.  
 Quero ter onde me ir possa  
 Segurar minha agonia.

Cortada de mortal dôr  
 Cornelia, que isto ouvia,  
 Esforçando-se com dôr  
 A triste assi respondia :

— Dos deuses e da fortuna  
 Já me queixar não podia.  
 Pois per morte não me aparta  
 Da conjugal companhia;  
 Ser como vil engeitada  
 De ti, d'isto me sentia.  
 Cuidares que algum logar  
 Sem ti me seguraria !  
 E queres, se fôres morto,

Que viva ainda algum dia?  
 Já me ensinas a soffrer  
 Dôr que nem cuidar soffria:  
 A mulher do gram Pompeo  
 Esconder não se podia.  
 D'onde se desbaratado  
 Fôres, isto só pedia:  
 Salva-te em toda outra parte  
 E de Lesbos te desvia.

Partindo-se d'elle agora  
 Um do outro não se espedia.  
 A Lesbos se vae Cornelia,  
 Pompeyo logo a seguia.  
 Vencido vae de seu sôgro,  
 Tal Cornelia o recebia:

«Esta é a minha fortuna,  
 Que me inda segue» dizia.

*Memorial das Proezas, etc. cap. 45.*

*Romance cantado a trez vozes, que se refere á morte do Principe Dom Affonso, filho de El-rei Dom João II e seu unico successor.*

Principes e Emperadores,  
 Que o mundo a sabor mandaes,  
 E tam pouco vos lembraes  
 Da róta da vida eterna!  
 A soberba que governa  
 Vossos peitos deshumanos,  
 Derruba os grandes tyrannos  
 Da mais alta monarchia:  
 Quem da fortuna se fia  
 Não lhe sabe a condição!

Soberba lançou Adão  
No Paraiso deleitoso,  
Ficando victorioso  
Do mundo o enganador.  
Aquelle edificador  
De Babel, que em competencia  
Da eterna summa potencia  
Presumiu d'ella isentar-se,  
Cahiu por alevantar-se.  
Apoz elle os successores,  
Assyrios emperadores  
Que a fortuna sublimou,  
Em breve os desapossou,  
Sardanapalo o sentiu.  
Dos Médos tambem se viu  
Astiages, que cuidava  
Que a seus fados atalhava  
Com mandar matar o neto,  
Cyro animoso e discreto  
Que o despossou de seu estado,  
E foi o Imperio passado  
Aos Persas, onde o perdeu  
Dario, que desconheceu  
Vossa humana condição.  
E aquelle filho de Adão  
Que negou a natureza,  
Cuja soberba altiveza  
Teve em pouco e desprezou  
O mundo que conquistou,  
Sua cubiça atermada  
Foy com morte antecipada,  
Seu Imperio dividido.  
Cesar, não menos temido,  
Em confirmação d'este erro  
Foi morto dos seus a ferro,  
E todos quantos subiram

Tyrannamante, caíram :  
Caíu Thebas, caíu Troya,  
Roma, que levou a boya  
A toda potencia humana,  
Quando foi mais soberana  
Por si mesma se abateu  
Que o mundo não concedeu  
Haver estado seguro :  
Portanto, quem quer ter muro  
Inexpunhavel, e um forte  
Que não entre humana sorte,  
Em Deus ponha a confiança,  
O fundamento, a esperança,  
Com verdade e com amor :  
D'onde tu, Rey Sagramor,  
No que ora vires, verás  
Exemplo que tomarás  
E te fique por aviso,  
Que todo o mundo é riso,  
Sem ter Deus por padroeyro,  
Guia e norte verdadeiro.  
E verás um poderoso  
Rey prudente justicoso  
Liberal, manso, benino,  
Que em Deus tem posto seu tino,  
Christianissimo, cremente,  
Nos desgostos paciente,  
Sesudo em prosperidade.  
Soffreu na adversidade,  
De David claro traslado,  
Que sendo de Deus tocado  
Per vezes, em seu louvor  
Converte sempre sua dor ;  
A paciencia lhe sobeja,  
D'onde fortuna, de inveja,  
Quando mais contente o viu

E descuidado o sentiu,  
De si mesma á traição  
Poz-lhe o Reyno em condição  
De fazer termo mortal,  
E acabar-se Portugal:  
O bom Rey, que assi o temia,  
A seu Deus se convertia.  
E com seu povo gemendo  
Confiança n'elle tendo,  
De um pheux que vivo ardeu  
Logo outro phenix nasceu  
Por Deus a Portugal dado,  
Pera ser mais exalçado  
Que Israel per Salamão:  
Taes pronosticos nos dão  
Os aspeitos celestiaes,  
E seus principios reaes.  
Como foram trabalhosos  
Assi hão de ser famosos  
Os meios e fins da vida,  
Que longa lhe é concedida;  
Cá o que se dá sopesado  
Dos céos sempre foi estremado,  
Tam beninas as estrellas  
Lhe serão, que suas velas  
No mundo sejam espanto,  
E elle, outro Affonso santo  
Que o Reyno renovará,  
E os termos augmentará  
Muyto melhor do que eu canto.

*Memorial das Proezas, cap. 46.*

*Romance á morte do Princepe D. João*

Soberbo está Portugal  
Em sua gloria enlevado,  
Vê-se de um rei sabedor  
Mimoso e bem governado.  
O mundo todo anda em guerras  
Injustas mui baralhado:  
Elle só estava em remanso  
Seguro e mui descansado,  
Plantando antre os infieis,  
Pendões do Crucificado,  
Por capitães animosos  
Que os levam per seu mandado  
E com Deus de taes obras  
Folga ver-se penhorado,  
C'os olhos em Portugal  
Está sempre occupado.  
E como filho mimoso  
De quem não perde o cuydado,  
Porque nam se ensoberbeça  
Em se vêr tão prosperado,  
Na força das suas glorias  
No tempo mais festejado,  
D'antre os olhos lhe tirava  
O seu Princepe estremado.  
Vendo no pae paciencia  
Pera ser mais apurado,  
Dá graças ao Creador  
Inda que desconsolado.  
A menina que seu amor  
Em flor assi viu cortado,  
Vencida com soffrimento  
A dor do amor encortado,  
No peito se abraza em magoa,  
O rosto mostra esforçado;



O coração lhe dizia  
O mal de que era assombrado,  
Entende, soffre e gemia,  
Padece e maldiz seu fado.  
A si mesmo se esforçava  
E fazel-o era forçado,  
Por dar esforço e consolo  
A um pae desconsolado,  
È pe a poupar o fructo  
Do seu amor desejado.  
Oh animosa princeza  
Quanto vos fica obrigado  
Um reino, que destruido  
Por vós ficou restaurado!  
Esforça-te, Portugal,  
Pois já te vês melhorado  
De um Rey que antre os Reys  
Estremo será chamado.

*Memorial, etc., cap. XLVII.*

---

#### D. MANUEL DE PORTUGAL

Reclina la muerta fronte  
Jesus, sobre su costado,  
Para ver con tal postura  
Si quier muerto abrirse el lado.  
Que en vida deseara tanto,  
Por quedar aportillado,  
Para que por tal ruina  
De su cuerpo traspasado  
Entre libre a lo divino  
El espirito aficionado.  
Y en esto el odio fiero,  
Ja muerto lo á remattado:  
Con la lança trespassando

A Dios hombre el diestro lado.  
 De sangue la gran corriente  
 Dos llamas no a apagado  
 En Jesus la afficion,  
 Ni la del odio dañado.  
 Jesus muere por la vida :  
 El por se la aver quitado.  
 De amor y intencion de la muerte  
 Nuestra vida el resultado.

*Obras, fl. 220 v.*

---

## LUIZ DE CAMÕES

### *Mote*

Descalça vae para a fonte  
 Leonor pela verdura ;  
 Vae formosa, e não segura.

### VOLTAS

Leva na cabeça o pote,  
 O testo nas mãos de prata,  
 Cinta de fina escarlata,  
 Saínho de chamalote :  
 Traz a vasquinha de cote,  
 Mais branca que a neve pura ;  
 Vae formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta  
 Cabellos de ouro entrançado,  
 Fita de côr de encarnado,  
 Tão linda que o mundo espanta :  
 Chove n'ella graça tanta  
 Que dá graça á formusura ;  
 Vae formosa e não segura.

**PEDRO DE ANDRADE CAMINHA**

Na fonte está Lianor,  
Lavando a talha e chorando,  
As amigas perguntando:  
—Vistes lá o meu amor?

Mil signaes n'ella se vêm  
De sua tristeza e cuidado;  
Chorar, perguntar: — Se vem?  
E olhar desassocegado.  
Leva-lhe os olhos o amor,  
Que lhe foi a alma levando,  
Ella, por elles chorando,  
Pergunta por seu amor.

Detem-se a lavar a talha  
Por desculpar sua tardança,  
E não quer que a d'elle valha  
Para perder a lembrança.  
Chora e diz com grande dór,  
Sem sentir que está fallando:  
—Vae-se-me a vida acababando  
Porque não vem meu amor.

Inda que lhe a agua faltara,  
Da fonte nada lhe dera,  
Que a dos olhos lhe bastara  
Para quanto falecera.  
Sobeja-lhe em tudo dor,  
Vae-lhe todo bem faltando,  
E diz já desconfiando:  
—Cedo morrerá Lianor.

*Poesias*, p. 297. Ed. Priesb<sup>s</sup>ch.

**Romance subjectivo**

Des que me parti de vêr-vos,  
Tenho quanto mal mereço,  
Pois me aventurei, senhora,  
A quanto sem vós padeço.  
Co' que passo, e co' que sinto  
A mim mesmo desconheço;  
Sómente em tristezas vivo,  
Nenhum prazer já conheço;  
Com cuidados sempre acordo,  
Com cuidados adormeço,  
Sonho cousas espantosas,  
Nunca quieto amanheço.  
Com mil medos passo o dia,  
Com mil medos anoiteço,  
Acho-me sempre entre tristes,  
Nunca entre alegres pareço.  
Tudo o que me faz mais triste  
E' ante mim de mór preço;  
As magoas que mais me seguem  
Contra mim as favoreço.  
O que soia alegrar-me  
De todo agora avorreço;  
Vou-me ao longo de uma praia  
Por que ali mais me entristeço.  
Co'as aguas que m'apartam  
Dos olhos a que obedeco,  
Em sofrer danos sem fim  
A que elles deram comêço,  
Se quer alguém consolar-me  
Logo lhe desappareço;  
Quanto a saudade mais segue  
A mim me desfavoreço,  
E o peito que lhe entrego  
Toda a vida lhe offereço,

Por vêr se com sua força  
 De minhas forças faleço.  
 Mas a sorte não me quer,  
 De novo em meus danos cresço;  
 E porque os sinto por vós  
 Nunca lhe desobedeço.  
 Ergo a vós os pensamentos,  
 Mas logo d'elle me deço  
 Que entre tantas maravilhas  
 De todo logo esvaeço.  
 Co' que em mim sinto e em vós vejo  
 Cuido de mim que endoudeço,  
 Mas inda este bem me falta,  
 Inda mal que o desmereço,

*Poesias*, fl. 331. Ed. Priesbsch.

---

## FRANCISCO RODRIGUES LOBO

### *Cantiga*

Descalsa vae para a fonte  
 Leanor pela verdura,  
 Vae formosa e não segura.

### VOLTAS

A talha leva pedrada,  
 Pucarinho de feição,  
 Saia de côr de limão,  
 Beatilha suqueixada:  
 Cantando de madrugada,  
 Pisa as flores na verdura.  
 Vae formosa e não segurá.

Leva na mão a rodilha,  
 Feita de sua toalla,

Com uma sustenta a talha,  
 Ergue com outro a fraldilha :  
 Mostra os pés por maravilha,  
 Que a neve deixam escura :  
 Vae formosa e não segura,

As flores, por onde passa,  
 Se o pé lhe acerta de pôr,  
 Ficam de inveja sem côr,  
 E de vergonha com graça.  
 Qualquer pègada que faça  
 Faz florescer a verdura ;  
 Vae formosa e não segura.

Não na vêr o sol lhe val,  
 Por não ter novo inimigo ;  
 Mas ella corre perigo,  
 Se na fonte se vê tal.  
 Descuidada d'este mal  
 Se vae vêr na fonte pura,  
 Vae formosa e não segura.

*Obras compl.*, Egl. x, p 65t.

—●—  
*Cantiga*

Antes que o sol se levante,  
 Vae Violante a vêr o gado ;  
 Mas não vê sol levantado  
 Quem vê primeiro a Violante.

VCLTAS

He tanta a graça que tem  
 Com uma touca mal envolta,  
 Manga da camisa solta,  
 Faixa pregada ao desdem ;

Que se o sol a vir diante,  
Quando vae munir o gado,  
Ficará como enleado  
Ante os olhos de Violante.

Descalsa ás vezes se atreve  
Ir em mangas de camisa;  
Se entre as ervas neve pisa  
Não se julga qual é neve;  
Duvída o que está diante,  
Quande a vê munir o gado,  
Se é tudo leite amassado,  
Se tudo as mãos de Violante.

Se scaso o braço levanta,  
Porque a beatilha encolhe,  
De qualquer parte que a olhe  
Leva a alma na garganta.  
E inda que o sol se alevante  
A dar graça e luz ao prado,  
Já Violante lh'a tem dado,  
Que o sol tomou de Violante.

*Idem*, p. 563.

### Romance do Desenganado

Sobre as aguas vagarosas  
Que o Tejo já traz cansadas  
De abrandar duros penedos,  
E de romper serras altas:  
Perto d'onde o mar oceano  
Lhe offerece livre entrada,  
Dando ás crystallinas ondas  
Livres e douradas praias :

Leva o pescador Sereno  
 Com rôtas redes a barca,  
 Tam perseguido dos ventos  
 Quanto de amar sustentada ;  
 E por que o leva forçado  
 Sua virtude contraria,  
 Desterrado do seu Lena.  
 E de sua amada patria,  
 Já o vento o favorece  
 E o mar lhe mostra bonança,  
 Porque para a desventura  
 A ventura nunca falta.  
 E ao som que os duros rêmos  
 Fazem dividindo as aguas,  
 Derramando-as de seus olhos,  
 Vae dizendo estas palavras :

«Fermosas aguas do Tejo,  
 Do mundo tão celebradas,  
 Morada de tantas nymphas,  
 E inveja de outras tantas ;  
 Este corpo que amparaes,  
 Que persegue a sorte ingrata,  
 Dae-lhe vós a sepultura,  
 Que é corpo que vae sem alma.  
 Mil annos vivi sem tel-a,  
 Por poder de uma esperanza,  
 Enganada da ventura,  
 Que tam facilmente engana.  
 Causa foi da minha morte  
 Lisèa, e melhor se acclara  
 Que, pois tanto amei Lisèa,  
 Eu fni de meu mal a causa.  
 O espirito com que vivo  
 E' de um tormento que mata,  
 Que os males aonde ha firmeza.



Nem com a vida se acabam.  
 Junto então do rio Lis  
 Meu rebanho apacentava,  
 Fiz-me pescador do Lena,  
 Provei a sorte em mudanças.  
 Só no mal achei firmeza,  
 Sei do bem quam cedo passa,  
 E sei que a quem muda a vida  
 Se muda mas não se acaba.  
 Sei que vive um corpo morto  
 Por milagre de esperanças,  
 E que o mal ainda sustenta  
 Quando as esperanças faltam.  
 Se em vós móra piedade  
 'Nessas humidas entranhas,  
 Dae fim a meus tristes dias,  
 E a vosso nome esta fama :  
 =Contra o poder da ventura  
 Empregada em um sujeito,  
 De um fogo de amor perfeito  
 Aguas foram sepultura.=

*Romances, 2.<sup>a</sup> parte, p. 722.*

## DOM FRANCISCO DE PORTUGAL

### *Romance pastoril*

Deixou de ir Leonor á fonte,  
 Por vêr damas estrangeiras,  
 Não para vir invejosa,  
 Mas para matar de inveja.  
 Mais que a vêr foi a ser vista,  
 Que como novas estrellas,  
 Não ha olhos que os seus levem,  
 Alma que a sua não seja.  
 De vinte e quatro alfinetes.

Como dizem, foi a festa.  
Que muito que pique a muitos  
Quem tanto alfinete leva?  
Saia de palmilla azul,  
Que tudo são palmas n'ella,  
Que é bem que vista do céo  
O mór milagre da terra.  
Gibão de cannequim fino,  
Que desconfiado confessa :  
Aqui jaz em neve um fogo  
Que o meu branco em branco deixa.  
Beatilha, melhor que ouro  
Encobre um par de madeixas,  
Alcaide de liberdades  
Que só soltando condemna.  
Fita verde que entre raios  
Com perigos lisongeia ;  
Inda que negue esperança  
Quando só mortes promette.  
O desprezo dos cathurnos  
De umas sapatas mermelhas,  
Purpura de unido aljôfar,  
Nacar de animadas perolas,  
Tantas perfeições airosas  
Em naturaes estranhezas,  
Tanto computo artificio  
No descuido de ser bella ;  
Aquelles olhos rasgados,  
Em que amor faz por mór guerra,  
Cada sobrancêlha um arco,  
Cada pestana uma setta.  
Aquelle engraçado riso,  
Que por crystaes de Veneza,  
Com gloria brinda as vontades,  
Sêde mortal que deleita.  
Em casa de um mercador

Na rua nova á janella,  
Sem si Leonor estava  
Formosa ouvindo estas queixas :

—Quebrou Leonor  
O pote na fonte,  
E deitou-lhe os testinhos tão longe?

Sem seu bem mais suspirado  
D'onde estava d'este modo  
A si o descuido todo,  
E a seu mal todo o cuidado,  
O peito tinha abrazado  
Tendo nos olhos a fonte,

—E deitou-lhe os testinhos,  
Mana, tão longe.

Diria, quem a assim visse,  
Que eram pedras que atirava,  
Porque tanto quanto amava  
Tanto tinha de doudice.  
E para que mais sentisse  
Seu sentido está na fonte,

—E deitou-lhe os testinhos,  
Mana, tão longe.

---

### BALTHASAR DIAS

*Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador  
Lodonio de Roma*

No tempo do Imperador,  
Que Lodonio se dizia,  
Que a gram cidade de Roma  
E seu Imperio regia,

Casado com a Imperatriz  
Que Porcina nome havia,  
Por suas muitas virtudes,  
Formosura e valia,  
Como princeza que era  
Filha do grão rei de Hungria ;  
Tinha este Imperador,  
Comsigo em compahia  
Um irmão por nome Albano,  
Que elle muito queria,  
Em rasão de parentesco  
O melhor que ser podia.  
Este nobre Imperador  
Bem dois annos estaria  
Com sua amada mulher,  
Sem haver filho nem filha.  
Certamente mui contente,  
Pois Deus assim o queria,  
E d'isso era servido,  
Por muitos bens que fazia :  
As viuvas amparava,  
E os pobres soccorria.  
As orfãs todas casava,  
Quantas na cidade havia.  
As obras de misericordia  
Com grã vontade cumpria,  
Por amor de Jesus Christo,  
E da sagrada Maria.  
Tinha este Imperador  
Promettido em romaria,  
Visitar a Terra santa,  
Que Jerusalem se dizia ;  
E vêr os santos logares,  
Todos os que n'ella havia,  
Nos quaes havia de estar  
Um anno que assim cumpria.

Antes de sua partida  
Quiz fazer o que devia:  
Deixou por governadores  
A sua nobre Porcina,  
E tambem a seu irmão,  
Que o povo assim o pedia.  
Como isto foi acceitado,  
O povo ajuntar fazia:  
Manifestou-lhe a partida,  
Que escusar-se não podia,  
Dizendo — que obedecessem,  
Sem curar de mais porfia,  
A sua amada mulher,  
Que em seu logar ficaria,  
E tambem a seu irmão,  
Pois tinha tanta valia.  
Todo o povo está eontente  
Do que o Imperador queria;  
E acabando de comer,  
A horas do meio dia,  
Entrou em o aposento  
Onde a Imperatriz dormia,  
Viu-a estar muito chorosa,  
Apartada de alegria,  
Como quem adivinhava  
O mal, que ella não sabia.  
Com o rosto dissimulado,  
Encobriendo o que sentia,  
Disse-lhe d'esta maneira,  
Com pena que padecia:

—Minha amada companheira,  
Minha doce companhia,  
Lume de meus claros olhos,  
Espelho em que eu me via;  
Porque estaes assim chorosa

Com tão sobeja agonia?  
Porque de vêr-vos assim,  
A alma se me saía?  
Mas se vós quereis, senhora,  
Deixarei a romaria,  
Mandarei outrem por mim,  
Pois não se escusa esta via.

Respondendo a Imperatriz,  
D'esta maneira dizia :

«Não olheis vós, meu senhor,  
A fraqueza, que em mim havia,  
Porque eu como mulher  
Nunca deixar-vos queria ;  
Nem estar de vós apartada  
Só um momento de um dia.  
Mas o que vós promettestes  
Outrem cumprir não podia,  
Que seria grão peccado,  
Que Deus muito estranharia.  
Portanto, Nosso Senhor  
Seja sempre em vossa guia,  
Que eu vos encommendarei  
A elle e a santa Maria.

Despediu-se o Imperador  
Sem cuidar de mais porfia,  
Abraçando a Imperatriz  
Que mil lagrimas vertia,  
Pois no coração lhe deu  
Que mui tarde o veria.  
E depois d'elle partido  
Para a sua romaria,  
Esta tão nobre senhora  
Quiz fazer o que devia  
No governo do Imperio,

Com Albano em companhia,  
Que seu marido Lodonio  
Nenhuma mingua fazia.  
Como este Albano era  
Cheio de toda a falsia,  
Amava a Imperatriz  
Já de muito tempo havia ;  
Morria por seus amores  
Que todo se desfazia,  
Pela sua honestidade  
D'ella não a requeria ;  
Que como agora tivesse  
Tempo para o que queria,  
Determina entrar com ella,  
Pois que fazel-o podia,  
Que, como governador,  
Ella não estranharia.  
Em estas coisas pensando  
Está até o outro dia,  
A's horas que a Imperatriz  
De sua cama se erguia,  
Estava quasi despida,  
Porque a ninguem temia :  
Como viu entrar o cunhado  
Toda se estremecia.  
Porque sua honestidade  
Tal cousa não requeria :  
Como dentro entrou com ella  
Mui contente em demasia,  
Foi-lhe a beijar as mãos,  
O que d'antes não fazia.  
A Imperatriz tão casta,  
Assombrada em demasia,  
Cobriu-se com um roupão  
De ouro e de pedraria;  
Com rosto mui vergonhoso

Encobrindo o que sentia,  
 Levantou-se logo em pé,  
 Descalça na pedra fria,  
 Assombrada e mui turbada  
 Espera o que lhe dizia.  
 Disse-lhe o traidor cunhado,  
 Sem olhar o que devia :

— «Perdoae-me, alta Princeza,  
 Minha grande ousadia,  
 Que d'onde ha fôrça de amor  
 Não póde haver cortezia.  
 Muitos dias ha, senhora,  
 Claro espelho e luz do dia,  
 Que desejo descobrir-vos  
 O que encobrir não podia ;  
 Que por vosso grande amor  
 Triste estou sem alegria,  
 Se vós me não daes remedio,  
 Sem nenhum eu ficaria.  
 Por tanto se vós quereis,  
 Grão prazer receberia  
 De vos casardes commigo,  
 Sem cuidar de mais porfia,  
 Levantemo-nos c'o Imperio,  
 Pois que fazer-se podia,  
 Sendo nós Governadores  
 Ninguem nol-o tolheria.  
 Se vós, senhora, temeis  
 Pelo que o povo diria,  
 Eu irei matar meu irmão  
 Estando na romaria.  
 Far-lhe-hei dar tal peçonha,  
 Que morra antes de um dia.

Foi-lhe a Imperatriz á mão



Do mais que dizer queria,  
E abrazada toda em mágoa,  
D'esta sorte respondia :

«Por certo, falso cunhado.  
Vós tendes grande ousadia,  
Vosso grande atrevimento  
Grão castigo merecia :  
Em que viva me queimassem,  
Nunca tal consentiria,  
Porque a fé e lealdade  
Que a meu marido devia,  
Em que me déssem mil mortes  
Eu nunca a quebrantaria !  
Tirae-vos diante de mim,  
Traidor cheio de falsia.

Vendo-a elle tão irada,  
A grande pressa saía  
Da camara, onde estava  
Que assim se despedia.  
Temendo que aos seus brados  
Muita gente acudiria ;  
Determina entrar de noite  
Na camara onde dormia,  
E que com tapar-lhe a bocca,  
Seu desejo cumpriria.  
Descobrimdo isto a um pagem  
Que fiel lhe parecia,  
Porque o acompanhasse  
Na traição que commettia,  
Pareceu-lhe a este pagem,  
Que mui culpado seria,  
Se ali se deshonrasse  
Pessoa de tal valia ;  
Determinou de dizer-lhe,

Antes que chegasse o dia,  
Porque não viesse a effeito  
O que elle fazer queria,  
Como a Imperatriz o soube,  
Com grã pressa em demasia,  
O mandou logo prender  
Na casa d'onde dormia:  
Mandou-o pôr em uma torre,  
Que dentro do paço havia.

Depois que o Imperador  
Acabou sua romaria,  
Cumprindo sua promessa  
Como a tal senhor cumpria,  
Determinou de tornar-se  
Com muita grande alegria;  
Porque esperava de vêr  
A quem tanto lhe queria.  
Mandou diante um correio  
Em que a saber lhe fazia,  
Como seria com ella  
Antes do oitavo dia;  
Com a qual a Imperatriz  
Foi alegre em demazia:  
Fel-o a saber á cidade,  
Porque assim fazer devia,  
Para fazer grandes festas  
A quem tanto merecia.  
Foi-se direita á prisão  
Onde o cunhado jazia,  
Disse-lhe:

«Senhor cunhado,  
Não tenhaes tal fantasia,  
Porque já vem vosso irmão,  
Tomemos grande alegria;

Eu vos perdôo o passado,  
Pois que ninguem o sabia;  
Recebei o Imperador  
Com toda a cavallaria,  
E levareis um vestido  
De ouro e argentaria,  
Que está feito para vós,  
Que é de muita valia.

Tirou-o da prizão fóra,  
Foi com elle em companhia,  
Porque ninguem conhecesse  
O mal que feito havia.  
Cuidava o falso cunhado  
Em como se vingaria  
De quem lhe fez tal pesar,  
Pois já tel-a não podia.  
Foi-se receber o irmão  
Pela pósta ao outro dia,  
Vestido todo de dó  
Que o cavallo lhe cobria.  
Chegando onde elle estava,  
Vestido assim como ia,  
Fez-lhs grande acatamento,  
Fingindo mais que sohia.  
Quando viu o Imperador  
Certo não o conhecia,  
Mas depois de o conhecer,  
Mui turbado lhe dizia:

—Dizei-me, por Deos, irmão,  
Por que assim dó trazia,  
Como está a Imperatriz,  
Minha fiel companhia?  
Dizei-me se é viva ou morta?  
Tirae-me d'esta agonía,

Que meu triste coração  
Grão sobressalto sentia.

Respondeu o falso irmão,  
Com mui grande ousadia:

— «Eu vos direi a verdade  
Pela fé que vos devia,  
E por que sois meu irmão,  
A quem mentir não podia.  
Depois que d'aqui partistes  
Para ir á romaria  
Deixastes a Imperatriz,  
E eu com ella em companhia,  
Para governar o Imperio  
De Roma e sua senhoria.  
Prouvera a Deos fôra eu  
Sepultado em terra fria,  
Antes de ficar com ella,  
Pois tal traição commettia.  
Estando, senhor, dormindo  
Fôra de tão grã falsia,  
Entrou de noite commigo  
Na camara onde dormia,  
E chegando á minha cama  
D'esta sorte me dizia:

«Que por mim perdida andava  
Já de muito tempo havia;  
Que casasse eu com ella,  
Sem cuidar de mais porfia:  
E que logo Imperador  
N'essas horas me faria,  
E quando vós viesses,  
Que ella vos mataria  
Com muito forte peçõha,

Que não vivesses um dia.»  
É porque não consenti,  
Disse que eu a accometia,  
E fez-me logo prender,  
O que ella merecia.  
Até agora prezo estive  
Com muito grande agonia.  
Esta é, senhor, a verdade,  
Que de mim saber querias.

Quando o nobre Imparador  
Tam maldita nova ouvia,  
D'aquella que tanto amava  
Mais que a vida, em que vivia,  
Caíu do cavallo em terra,  
Uma hora se amortecia;  
Fizeram-n'ó tornar em si,  
Com lhe deitar agua fria;  
Cobriu-se logo de dó  
Com o que o irmão trazia;  
Todo o amor que lhe tivera,  
Em odio se convertia.  
Sem mais fallar com ninguem,  
Que a tristeza lh'ó tolhia,  
Determinou dar lhe a morte,  
Que ella tam mal merecia.  
De noite secretamente,  
O mais quieto que podia,  
Entrou dentro da cidade,  
A' meia noite seria;  
Mandou tres homens dos seus  
Sem outra mais companhia,  
Que matassem a Imperatriz  
Antes que viesse o dia,  
N'uma floresta cerrada  
Por onde gente não ia,

E vestida a enterrassem,  
Porque assim fazer cumpria;  
E se isto não fizessem,  
A vida lhes custaria.  
Mandou-lh'a logo entregar  
C'o vestido que trazia,  
Para receber aquelle  
Que tão mal a recebia.  
Vendo-se ella assim levar,  
Suspeitando o que seria,  
Como discreta, que era,  
Cheia de sabedoria,  
Levantou o rosto ao céo,  
D'esta maneira dizia:

«Encomendo a Deus minh'alma  
E á Virgem santa Maria,  
Porque me creou do nada,  
Por sua bondade pia.  
Lembrae-vos, Senhor, de mim,  
Pois sem culpa padecia,  
Não olheis os meus peccados,  
Nem o mal, que merecia;  
Mas vossa misericordia,  
Que todo o mundo cobria.  
Eu perdôo a meu cunhado  
Todo o mal que fazia,  
E tambem a meu marido,  
Porque enganado vivia.»

Os homens que a levavam  
Onde padecer havia,  
Viram sua formusura  
Co' a lua, que então safa,  
Disseram uns aos outros:

==Mal empregada seria  
A morte a esta senhora,  
Pois que tem tanta valia;  
Gozemos primeiro d'ella  
Que a coma a terra fria.

N'isto se determinaram,  
Sem cuidar de mais porfia.  
Respondeu a Imperatriz,  
(Bem vereis o que diria:)

«Fazei o que vos mandaram,  
Não cureis de fantazia;  
Deixae a minha limpeza  
Para quem a merecia,  
Que se tocasses em mim,  
A vida vos custaria.»

Não cuidaram os algozes  
No que a senhora dizia,  
Antes remetteram a ella  
Com muito grande ousadia.  
A innocente cordeira,  
Vendo que a gente a despia,  
Começou a dar taes gritos,  
Que o floresta retinia;  
E como ainda era noite  
Em grande parte se ouvia.  
Acertou de ouvil-a um Conde  
Que muita gente trazia,  
Que vinha de Jerusalem,  
Onde muita gente ia.  
Quiz Deos que aquella noite  
Por ali fizesse via,  
Para livrar a Princeza  
Da pena que padecia.

Como taes gritos ouviu  
Do cavallo se descia,  
E com muita grande pressa  
Na floresta se mettia ;  
Seguiram-no os seus criados,  
Cada um como podia.  
Ao som dos tristes gritos  
A gente toda o seguia ;  
Foram dar n'aquella parte,  
Onde a coitada gemia,  
Que com mui grande fraqueza  
A força lhe falecia,  
E se um pouco mais tarda  
Sua honra se perdia.  
O Conde mui piedoso,  
Que Clitaneo se dizia,  
Vendo tão grande maldade,  
Com grã pressa em demazia,  
Disse : — Matae, meus criados,  
Quem tal traição commettia. —  
Todos foram logo mortôs  
Antes d'uma ave-maria ;  
E a Imperatriz ficou livre,  
Porque mal não merecia.  
Deu-lhe a Imperatriz as graças  
Do bem que feito lhe havia ;  
Quando isto aconteceu,  
Já era mui claro dia.  
E o Conde tão assombrado,  
Que quasi emmudecia  
De vêr sua formosura  
Mais que todas quantas via,  
Logo suspeitou que era  
Senhora de grã valia,  
Assim por seu parecer,  
Como pelo que vestia.



Disse-lhe d'esta maneira  
Com mui grande cortezia :

« Não me negueis vós, senhora,  
Isto que agora diria,  
Porque não queria errar  
Contra vossa senhoria :  
Vós sois de alta linhagem,  
Isto eu o juraria ;  
Se vós me dizeis quem sois,  
Grã prazer receberia ;  
Quem vos trouxe a este logar  
Com tão falsa companhia ?  
Dizei-me toda a verdade  
Sem cuidar de mais profia.

Respondeu a Imperatriz,  
Porque encobrir se queria :

« Eu sou mal afortunada,  
Que não sei porque nascia,  
Por um falso testemnhho  
Perdi minha grã valia ;  
Não vos posso mais dizer,  
Porque escusado seria :  
Senão, quero vos rogar  
Por Deus e santa Maria,  
Me quereis levar comvosco,  
O que eu não merecia ;  
Servir-vos-hei como escrava,  
Sempre de noite e dia.

Foi o Conde mui contente  
De fazer o que dizia ;  
Deu-lhe uma cavalgadura  
De muitas que ali trazia.

Chegaram á pousada  
Com muito grande alegria.  
Onde foi bem recebido  
De sua mulher Sophia ;  
Contou-lhe o que passou  
Em a sua romaria ;  
Tambem lhe apresentou  
A senhora que trazia ;  
Contou-lhe como a achara,  
Que nada não lhe mentia.  
Beijou-lhe a Princeza as mãos,  
Inda que ella não queria,  
Tomou-lhe mui grande amor  
A Condessa em demazia,  
Que não comia sem ella,  
Com ella folgava e ria ;  
Mais que sua irmã carnal  
Era o que lhe queria,  
Até o menino de teta,  
Que pouco maior seria,  
Lh'o deu á Imperatriz,  
E sempre com ella dormia.  
Tinha o Conde um irmão,  
Que Nathão por nome havia,  
O qual por esta senhora  
Graves penas padecia :  
Não tinha nenhum prazer  
O dia que a não via.  
Determinou descobrir-lhe  
Como por ella morria ;  
E um dia tendo logar,  
Quando a Condessa dormia,  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com grande dor que sentia :

—Mui resplandecente aurora,

Claro sol do meio dia,  
 Que fez o Eterno Pintor  
 Que todas as cousas cria.  
 Minha alma por vós padece,  
 Minha vida se perdia,  
 Por isso me deu o amor  
 Esta tão grande ousadia,  
 Que ousasse a descobrir  
 O que o coração sentia.  
 O que vós tendes roubado  
 É liberdade e alegria;  
 Essas cristalinas mãos  
 De aljofrar e pedraria  
 Me deixae beijar, senhora,  
 Pois que tem tanta valia.  
 Não consintaes que pãdeça,  
 Quem a vida só queria,  
 Para vos poder servir,  
 Como ella merecia.

Querendo-lhe a mão tomar,  
 A Imperatriz se desvia,  
 Em ira toda abrazada,  
 Resposta lhe não dizia:

«Se não olhara, senhor,  
 O mal que n'isto faria,  
 Eu manifestara ás gentes.  
 Vossa louca ousadia:  
 Tirae-vos diante de mim,  
 Não cureis de mais porfia,  
 Eu dil-o-hei á Condessa,  
 Minha senhora Sophia,  
 E tambem ao senhor Conde,  
 Que de mim tanto se fia,  
 Sem curar de mais palavras,

Na camara se recolhia,  
Queixando-se da fortuna,  
Porque tanto a perseguia.  
Ficou tão triste Nathão,  
Quanto dizer não podia,  
Por tão áspera resposta  
Como d'ella cuído havia.  
Todo o amor que lhe tivera,  
Em tédio se convertia ;  
Determina de vingar-se  
Por qualquer maneira ou via.  
Como a noite foi cerrada,  
Que já ceado se havia,  
O Conde e a Condessa  
E toda a mais companhia,  
Cada um em seu aposento  
A dormir se recolhia,  
E tambem a Imperatriz  
À cama d'onde dormia ;  
Levava comsigo o menino,  
Como d'antes o fazia.  
Deixou a candêia azeza,  
Como de costume havia.  
Assim como se deitou  
Logo se adormecia,  
Com o menino nos braços,  
Porque muito lhe queria,  
Estava o falso espreitando  
Como a cordeira dormia,  
Cançada de muitos choros,  
Que de continuo fazia,  
Lembrando-lhe seu marido,  
E o bem que d'elle perdia ;  
E que sendo Imperatriz  
De tanto estado e valia,  
Agora como escrava

De uma vassalla se via,  
E que de um seu irmão  
Tanta affronta recebia.  
Como viu este malvado,  
Que o somno a embebia,  
Tirou a porta do couce,  
Com um engenho que trazia,  
E foi-se direito á cama,  
Onde o sobrinho dormia,  
Degollou-o c'um cutéllo  
Mui agudo em demazia.  
Depois que o teve morto,  
Que com pé nem mão bolia,  
Deixou o cutéllo nas mãos  
Da innocente que dormia,  
E saiu cerrando a porta,  
Melhor que elle podia.  
Era o sangue de tal sorte  
Que do menino corria,  
Que o corpo da Imperatriz,  
Olhos e mãos lhe enchia ;  
Como o tinha nos braços,  
Toda de sangue a cobria ;  
Entrando-lhe pela bocca,  
Acordar logo a fazia.  
Vendo na mão o cutéllo,  
E o menino que jazia,  
Começou com grandes gritos  
A publicar o mal que via,  
Dizendo :

«Acudi depressa,  
Minha senhora Sophia.  
Que mataram vosso filho  
Minha doce companhia.

Às vozes que ella dava,

A Condessa se erguia,  
Que ainda estava na cama,  
Porque era antes do dia,  
E seu marido com ella  
Mui triste em demazia.  
Vendo o filho como estava,  
Em terra logo caía,  
Estava tal como morta,  
Que com pé nem mão bolia,  
A coitada da Imperatriz  
A alma se lhe saía,  
Não podia suspeitar  
Quem tanto mal lhe fazia ;  
E ainda que suspeitasse,  
Pouco lhe aproveitaria.  
E n'isto chegou o irmão,  
Que de prazer não cabia,  
Porque tanto se vingara  
De quem tanto a offendia.  
Disse o irmão a Clitaneo,  
Chorando, demais seria:

—Quem matou o meu sobrinho,  
Grande castigo merecia.  
Mandae-m'a vós queimar logo,  
Sem curar de mais porfia;  
Porque ali tem o cutêlo  
Com que fez tão grã falsia.

Estas palavras dizendo,  
A Codessa em si volvia,  
Levantando-se em pé  
Com o grande pesar que havia,  
Viu estar a Imperatriz,  
Que finada parecia,  
Seu rosto maravilhoso

Feito côr de pedra fria;  
Seus olhos fontes de lagrimas  
Com o chorar que fazia;  
Tinha o coração cerrado,  
Fallar a ninguem podia.  
Ainda que perguntavam,  
A ninguem não respondia.  
Estava como pasmada  
Com estas cousas que via.  
A Condessa piedosa,  
Com o bem que lhe queria,  
Não podia esta senhora  
Crêr que tal ella faria;  
Mas o malvado cunhado  
A todos os induzia.  
Que lhe dessem logo a morte  
Que ella tão bem merecia;  
E se matar a mandava,  
Que elle mesmo a mataria,  
Por matar a seu sobrinho,  
Que tanto bem lhe queria.  
Chorando singularmente,  
Mostrando que se doía;  
E para mais a commover  
O cutêlo lhe trazia,  
Todo coberto de sangue  
Do innocente que morria.  
A pomba sem fel chorava  
A tudo quanto ali via,  
Não querendo desculpar-se  
Porque crida não seria,  
E não por temor da morte,  
Que d'ella não se temia;  
Mas antes continuamente  
A Deus sempre a pedia,  
Que quem vive sempre triste

A morte lhe é alegria.  
E mais ella, que estava  
Com tão sobeja agonia:  
Acordou fazer-se muda,  
Pois fallar-lhe não valia.  
A quanto lhe perguntavam  
Vendo que não respondia,  
Cuidando então a Condessa,  
Que culpada não seria,  
É que matara seu filho  
Alguem que mal lhe queria;  
E que ella ora com pesar  
De tal sorte emmudecia,  
E dizendo a seu marido  
Isto que cuidado havia,  
Parecia-lhe bem ao Conde  
O que a Condessa dizia,  
Por não dar tão cruel morte:  
A quem tão bem a servia.  
Foi determinado então,  
Desterral-a sem porfia,  
E n'uma Ilha lançal-a,  
Que dentro do mar jazia,  
Quarenta leguas de terra,  
Onde gente não havia;  
E que ali de fome e sede  
Sua culpa pagaria,  
E comida de animaes,  
D'isto não escaparia.  
Como a noite foi chegada  
A's horas que anoitecia,  
Manda que seja levada  
Por dois homens de valia,  
Com ella duas mulheres,  
Para ir em companhia,  
Para que fosse guardada



Sua honra, como devia.  
Em um navio veleiro  
A Imperatriz se mettia,  
Com lágrimas dos seus olhos  
Da terra se despedia.  
Chegaram á dita Ilha  
A' noite do outro dia,  
A Princeza deixam em terra  
Com grã choro em demazia.  
Tornaram-se com o navio,  
Porque assim fazer cumpria.  
Quando a nobre Imperatriz  
Em tal logar só se via,  
N'uma Ilha tão deserta,  
Onde ninguem não vivia,  
Senão bravos animaes,  
De que ella manjar seria,  
Chorando lagrimas tristes,  
D'esta maneira dizia:

Oh meu nobre Imperador,  
Meu bem e minha alegria,  
Que pouca é vossa lembrança  
De quem tanto vos queria!  
Que pouco tempo durou  
Vossa doce companhia?  
Sempre cuidei de vos ver  
Algum tempo e algum dia;  
Agora por meus peccados  
Jamais nunca vos veria.  
Deus perdôe a vosso irmão,  
E a Virgem santa Maria.  
Que eu lhe perdôo aqui  
Todo o mal, que me fazia.  
Oh senhor, e só meu pae,  
Princepe e rei de Hungria,

Que triste vida será  
A vossa sem alegria,  
Em ouvindo tão má fama,  
Que em Roma de mim corria?  
Mais sinto vosso pesar,  
Que minha grande agonia;  
Pois morrerei uma vez,  
Vós morrereis cada dia.  
A vossa deshonra sinto,  
Que a morte não a temia,  
Porque mais hade temer,  
Quem tão sem culpa morria.

Estas palavras dizendo,  
Mui grande ruido ouvia,  
Tão terrível e espantoso,  
Que soffrer-se não podia;  
Ouvindo isto a senhora,  
A força lhe falecia;  
Como era delicada  
Em terra logo caía.  
Estes eram animaes  
De muitos que ali havia,  
Que tanto que a sentiram,  
Com grã pressa em demazia  
Correram para a comerem,  
Cada um qual mais podia.  
Antes que a ella chegassem  
Um resplendor apparecia.  
Estiveram todos quèdos,  
Nenhum ali se movia.  
Com temor de uma Senhora,  
De quem o Inferno tremia;  
Pois vinha com magestade  
A Virgem santa Maria,  
Para guardar a limpeza

De quem a ella recorria.  
Chegando com grande amor,  
Onde a Imperatriz jazia,  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com suave melodia:

«Minha Porcina, não temas,  
Que nenhum mal te viria;  
Eu sou a Madre de Deus;  
A quem serves cada dia;  
Que te venho soccorrer  
Em tão extrema agonia;  
Não temas nenhum perigo,  
Princeza nobre e mui pia,  
Porque Deus será contigo  
Sempre de noite e de dia,  
Por muitos bens que fizeste,  
De que elle se servia.  
D'esta herba colherás,  
Que n'este logar nascia,  
Sem levar outra mistura  
Mais que sómente agua fria,  
Na qual cozida será  
Quanto te parecia:  
É um unguento farás  
De grande preço e valia,  
Com o qual darás saude  
A quem a mister havia,  
Em nome do Redemptor.  
Rei de toda a monarchia.

E estas palavras dizendo  
A Virgem ao céo subia,  
Os animaes que ali estavam  
Nenhum mais apparecia.  
A Imperatriz ficou

Mui alegre em demazia,  
E dando a Deus as graças,  
E á sagrada Maria,  
Colheu d'aquella herva tanta,  
Quanta mister lhe fazia.  
Acabando de colher,  
Um navio á vela via,  
Capeando-lhe com a mão,  
A gente á terra saía,  
Mui espantados em vél-a  
Perguntaram que queria?  
Ou quem a trouxe ali,  
Onde ninguem não vivia?  
Respondendo a Imperatriz,  
D'esta maneira dizia:

«Que vindo com seu marido  
Para Roma sua via,  
A grã tormenta do mar  
Ali lançado os havia,  
E a Náo foi dar á costa  
Com a gente que trazia,  
E que ella escapara  
Sem outra mais companhia:  
Quero-vos rogar, irmãos,  
Por Deus, e por cortezia,  
Me leveis á terra firme,  
Que bem vol-o pagaria.

Todos foram mui contentes,  
Sem curar de mais porfia,  
Como foi posta em terra  
Com mui grande alegria,  
Foi-se direita ao Castello,  
Que de Alberto se dizia,  
Pelo nome do Senhor,

Que sempre n'elle vivia,  
O qual tinha sua mulher,  
A quem elle muito queria,  
Doente de sangue fluxo,  
Que grã pena padecia.  
Não lhe davam cura os Mestres,  
Que grande pezar sentia;  
A Imperatriz piedosa,  
Licença ao marido pedia,  
Para curar a mulher.  
Que tanto mister havia;  
E assim logo entrou dentro  
Adonde a mulher jazia,  
Untou-lhe todo o seu corpo  
Com unguento que trazia,  
Pela vontade de Deus  
A saude recebia.  
Levantou-se logo em pé;  
O que d'antes não fazia,  
Muito rija e muito inteira,  
E com grande melhoria,  
Clamando por seu marido,  
O qual logo lhe acudia:  
Disse-lhe como era sã,  
Do gram mal que padecia,  
Abraçando a Imperatriz,  
Tão leda, que não cabia,  
Tomou-lhe tão grande amor  
Como a razão o pedia.  
Muita gente a vinha vêr,  
Espantada do que via;  
Que fosse sã tão depressa  
Quem tanto mal padecia.  
Olhava a Imperatriz  
A quem tal bem lhe fazia.  
Mui espantados de a vêr

Tão formosa em demasia  
Sorar tal enfermidade  
Com sua sabedoria.  
Elles a isto assistindo,  
Um cego apparecia,  
E chegando ao Castello,  
Que já dito vos havia,  
Quiz elle pedir esmola  
Assim como antes sohia.  
Vendo a Imperatriz,  
Movida com a obra pia,  
Curou-o em nome do Padre,  
Que todas as cousas cria;  
Do Filho e do Espirito Santo,  
Que d'entre ambos procedia;  
A Santissima Trindade  
Saude lhe concedia.  
Como o cego se viu são,  
Com grã prazer se sentia,  
Poz-se ante ella de joelhos,  
Dando vozes de alegria.  
Levantou-o a Imperatriz,  
Que tal cousa não queria :

«Irmão, dae graças a Deus,  
(Mui humilde lhe vizia),  
Que só vos deu a saude  
Com a sua sabedoria,  
E a infinita bondade,  
Que terra e mar enchia.

A fama d'estes milagres,  
Pela terra se estendia ;  
A Clitaneo os contaram,  
E a sua mulher Sophia,  
Os quaes foram mui alegres

Pelo que agora diria.  
Nathão, aquelle malvado,  
Que arribá se dizia,  
Que matou a seu sobrinho,  
Do que não se arrepndia,  
Que offendendo tanto aquella  
Que nenhum mal merecia,  
Depois de ser desterrada  
Antes de passar um dia,  
Veiu a fazer-se gafo,  
Que nenhum remedio havia,  
Senão pagar com a morte  
No inferno o que devia,  
Era tal sua doença,  
Que tudo aborrecia,  
E ninguem chegava a elle  
Tão fortemente fedia.  
Acordou pois Clitaneo  
(Porque muito lhe doía)  
De logo o levar consigo,  
Adonde Alberto vivia,  
Pois que era seu parente,  
Grande amigo em demasia,  
Disse tambem a mulher,  
Que com elle ir queria.  
Metteram-no em umas andas  
Aonde só ir podia.  
Partiram todos de casa  
Quando a luz apparecia,  
Chegaram ao dito Castello  
A' meia noite seria,  
No qual o parente Alberto  
Mui alegre os recebia.  
Ao tempo que ali chegaram,  
A Imperatriz dormia,  
E não a poderam ver,

Até que foi bem de dia ;  
Como foi pela manhã.  
A recebê-lo saía,  
Com aquelle acatamento  
Que a humildade devia ;  
Todos logo a receberam  
Com mui grande cortezia,  
E quiz nosso Senhor Deus  
Que ninguem a conhecia,  
O Conde e a Condessa,  
Nem a sua companhia.  
Todos eram espantados  
Do primor que n'ella havia,  
Contou Clitaneo então.  
A causa que os trazia,  
Pela doença do irmão,  
Que tal tormento sentia.  
Dizendo : — Pois Deus lhe dera  
Tal graça e tal valia,  
Que lh'o quizesse curar  
Como aos outros fazia,  
Que se por paga o houvesse,  
Quanto quizesse daria.

Respondeu a Imperatriz,  
Mui contente do que via,  
Para se manifestar  
Como sem culpa vivia ;  
Que fosse onde elle estava,  
Porque ella vêr o queria,  
Foram com ella as senhoras  
Por lhes fazer companhia,  
Tambem todos os senhores,  
Para vêr o que fazia.  
Chegando onde elle estava  
Tão fortemente fedia,



Que não podia soffrel-o  
 Toda a gente que ali ía,  
 A Imperatriz piedosa,  
 Com a humildade que havia,  
 Chegando á sua cama,  
 D'esta sorte lhe dizia :

«Meu irmão, salve-o Deus,  
 Que todas as cousas cria;  
 E vos salve vossa alma,  
 E ao corpo dê melhoria.  
 Vós, irmão, quereis ser são?  
 (Disse-lhe elle que queria.)  
 Haveis-vos de confessar  
 Sem cuidar de mais porfia,  
 Diante d'estes senhores,  
 Porque assim fazer cumpria :  
 E se vos não confessaes,  
 Saude vos não daria  
 Christo nosso eterno Deus,  
 Porque d'isto se servia,  
 Que digaes publicamente  
 O que a consciencia sentia.

Confessou-se logo á hora  
 De tudo quanto sabia,  
 Mas o que mais revelava,  
 Calava, que não dizia.  
 Disse-lhe a Imperatriz,  
 Como quem o entendia :

«Se tudo não confessaes,  
 Eu curar-vos não podia,  
 Porque um grave peccado]  
 Que a Deus muito offendia,  
 Convem que satisfaes

A honra que se perdia  
D'aquella, que vós sabeis  
Quão innocente vivia.

Como isto ouviu Nathão,  
Mui fortemente gemia,  
Dava tão grandes suspiros  
Que a alma se lhe saía,  
Como quem do que fizera  
Muito se arrendia.  
Disse-lhe então o irmão,  
Vendo que tanto temia :

— Como, tão grande peccado  
Tendes vós na fantazia,  
Que o não quereis confessar,  
Pois que tanto vos cumpria,  
Por haverdes a saude  
De quem dar-vol-a podia?

Respondeu logo Nathão:

— « Senhor, não tenho ousadia,  
Se vós não me perdoaes,  
E vossa mulher Sophia.

Disse elle, era contente,  
E ella, que lhe aprazia.  
Ouvindo isto Nathão,  
Pois tal fazer não podia,  
Chorando lagrimas tristes  
Com mui grave agonia,  
Contou logo todo o caso,  
De sua grande falsia:  
Como matara o sobrinho  
Na camara onde dormia.  
Porque ella não quizera,

Fazer o que elle pedia ;  
 E de como a commettera,  
 E o que ella respondia;  
 Contou tudo sem deixar  
 Nada, que assim lhe cumpria.

Como isto ouviu a Condessa,  
 Em terra se amortecia,  
 E seu marido Clitaneo  
 O mesmo tambem fazia.  
 Depois que tornou em si  
 A Condessa assim dizia :

—«Oh malvado! quem cuidara  
 Tua grande hypocrisia,  
 Porque te déra o castigo,  
 Que tal traição merecia!  
 A amiga maior perdi,  
 Que ninguem nunca perdia,  
 Minha fiel companheira,  
 Que a mim tanto me queria.  
 Não me pesa de meu filho,  
 Em que a carne o requeria,  
 Porque como pequenino  
 Mui pouca mingua fazia;  
 Mas vós minha senhora,  
 Que eu matei com ousadia,  
 Tenho tão grande pesar,  
 Que a alma se me saía:  
 Eu não posso perdoar  
 Aquillo que não sabia;  
 E se eu lhe dei perdão.  
 Em muito me arrependia,  
 Nem meu senhor e marido  
 Perdoar-lhe tal devia;

Porque, sendo seu irmão,  
Lhe fez tão grande falsia.

A prudente Imperatriz  
Muitos cousas lhe dizia,  
Porém nada aproveitava,  
Que tanto a aborrecia.  
Até que esta senhora  
A todos se descobria,  
Dizendo que ella era  
Por quem tanto se doía.  
Ouvindo isto a Condessa,  
Pelo que em ella via  
No resplendor do seu rosto,  
E na falla a conhecia,  
Porque Deus lhe abriu os olhos  
De sua sabedoria:  
Foi-se c'os braços abertos,  
Que parecia sandia,  
Aos seus da Imperatriz,  
Que outra vez se esmorcia  
Porque tambem isso faz  
A mui sobeja alegria.  
E seu marido Clitaneo  
De contente não cabia,  
Perdoára a seu irmão,  
Porque ella lh'o pedia;  
E logo quiz dar saude  
A quem lh'a não merecia,  
Untando-lhe todo o corpo,  
E as chagas que n'elle havia,  
E tambem a sua bocca  
D'onde máo cheiro saía.  
Em nome de Jesus Christo.  
Saude lhe concedia,  
Mais são, e mais esforçado

Do que antes ser podia.  
Como isto viu Nathão,  
Mui contente em demazia,  
Foi-se a fazer penitencia.  
Onde mais não parecia.  
Toda a gente que ali estava,  
Tanta honra lhe fazia;  
Como se todos souberam  
Sua grande senhoria.  
Nunca d'ella se apartava  
A sua amiga Sophia,  
Tambem a mulher de Alberto,  
Que em extremo lhe queria.  
Vinham de todas as partes  
Ali enfermos cada dia,  
Aos quaes ella curava,  
Sem nenhuma fantazia,  
E a todos dava saude,  
Porque Deus o permittia.

Como a fama era ligeira,  
Por todo o mundo corria.  
Disse-se ao Imperador  
Que em Roma residia,  
O qual foi mui contente,  
Quando taes cousas ouvia,  
Porque tinha sou irmão,  
De que acima dito havia,  
Doente em cama, mui gafo,  
Que já viver não podia,  
Mui peor do que Nathão,  
Porque em taes casos fedia ;  
Sua carne tão malvada  
De bichos já se comia ;  
Ninguem o podia vêr,  
Porque logo adoecia

Que tanto era o fedor  
Que de seu corpo saía.  
Como lhe certificassem  
Ser de mui grande valia,  
Um Duque manda por ella,  
De quem muito se confia,  
Dizendo, que lh'a trouxesse  
Antes do terceiro dia,  
Porque não viesse a morte  
A quem tanto lhe doía.  
Vendo o Duque seu mandado,  
A grã pressa se partia,  
Chegando ao dito Castello,  
Clitaneo o conhecia :  
Logo o foi a receber  
Com mui grande cortezia,  
Fazendo-lhe aquella honra,  
Que tal senhor merecia.  
Como tão pouca detença  
O Duque fazer cumpria,  
Perguntou pela senhora  
Que tantas cousas fazia.  
Como lhe fosse mostrada,  
Grande espanto recebia,  
De ver na sua formusura  
Mais que todas quanto via.  
Lembrando-lhe a havia visto,  
Mas aonde lhe esquecia,  
Muito fóra de cuidar,  
Que a Imperatriz seria.  
A mui nobre Imperatriz,  
Que mui bem o conhecia,  
Seu rosto maravilhoso  
D'elle sempre escondia,  
De que causa se assombram  
Porque a todos se encobria,

O Duque, sem mais deter-se,  
Sua vinda lhe dizia,  
Contando-lhe como Albano  
Cruel pena padecia ;  
E que o Imperador  
Lhe rogava e lhe pedia,  
Que logo o fosse curar,  
Pois tanto mistér o havia,  
E que se o dêsse são,  
Que elle lhe promettia,  
Fazel a tão grã senhora,  
Como ella bem veria,  
Foi a Imperatriz contente,  
Sem cuidar de mais porfia,  
Determinou ir com ella  
A sua amada Sophia ;  
Tambem a mulher de Albano  
Disse que não ficaria,  
Assim que ambos os maridos  
Lhe fizeram companhia,  
Porque tambem desejavam  
De ir a Roma em romaria.  
Partiram com tanta pressa,  
Que chegando ao outro dia  
A' grã cidade de Roma,  
Quando o sol claro saía,  
Era tanta pelas ruas  
A gente que a seguia,  
Que quando chegaram ao paço  
Caber n'elle não podia.  
O Imperador Lodonio  
Tão alegre a recebia,  
Que todos se assombravam  
De sua grande alegria.  
Foi ella beijar-lhe a mão,  
Mas elle o não consentia ;

Ia c'o rosto coberto,  
Que pouco lhe aparecia.  
Como ella se viu diante  
De quem mais que a si queria,  
Não podia ter-se em pé,  
Do grão prazer, que sentia.  
O Imperador fez honra  
A todos quantos trazia,  
Maiormente a Clitaneo,  
Por sua grande valia ;  
Sentou-os todos á mesa,  
Com todos juntos comia.  
Em quanto durou o comer,  
Os seus olhos não desvia  
De sua amada mulher,  
Que elle reconhecia ;  
Mas o coração lhe dava  
Sobresaltos de alegria.  
A prudente Imperatriz  
O mesmo tambem fazia.  
Acabando de comer  
A seu marido dizia :

—Clarissimo Imperador,  
Rei de toda a monarchia,  
A quem devem sujeição  
Todos os que a terra cria ;  
Eu, como serva menor  
De quantos no mundo havia,  
Conhecendo o grão pesar  
Que tendes em demasia,  
Pela doença do irmão,  
Que tanto mal padecia,  
Venho aqui para o curar  
Como quem em Deos confia,  
Como elle lhe dará saude



Por sua clemencia pia ;  
Portanto eu quero vél-o  
Se o Senhor m'ó concedia.

O benigno Imperador  
Muito lh'ó agradecia;  
Foram postos muitos cheiros  
Na cama d'onde dormia,  
Porque de outra maneira  
Ninguem lá entrar queria.  
Foram todos junctamente,  
Que ningnem ficar queria,  
A' camara onde estava  
Quem tanto mal padecia.  
Tinha tão grandes tromentos  
Que a alma se lhe saía.  
A humilde Imperatriz,  
Por fazer o que devia,  
A rogos do seu irmão,  
A quem tanto amor havia,  
Chegando-se á sua cama,  
Salvando-o como sohia,  
A fazer que o curava,  
Como quem seu mal sentia :  
Albano lhe torna graças,  
Muito alegre em demasia,  
Disse-lhe a Imperatriz  
Com mui grande cortezia ;

«Convém de se confessar  
Logo vossa senhoria,  
Diante do Imperador,  
Esta nobre companhia,  
De todos os seus peccados,  
Que contra Deus commettia,

Se um só ficar por dizer,  
Saral-o não me atrevia,

Respondeu logo Albano,  
Como quem já se temia:  
Que elle os seus peccados  
Ao Sacerdote os dizia,  
E que de outra maneira  
Confessar-se não podia.

«Será logo por demais,  
(A Imperatriz dizia.)  
Minha vinda a este logar,  
Pois nada aproveitaria.  
O Imperador agastado,  
A seu irmão respondia:

— Quem agora vos curasse,  
Tam grã milagre fazia,  
Como resurgir um morto,  
Que já come a terra fria;  
E pois por tal vos contamos,  
Porque vos falta ousadia  
De dizer vossos peccados  
Ante esta tal companhia?  
Dizei-nos, por Deus, irmão,  
Não cuideis de mais porfia,  
Se vós não confessaes,  
Grã pesar receberia.

Disse-lhe então Albano:  
Que pois isto elle queria,  
Que logo lhe perdoasse  
Um grã mal, que feito havia;  
O qual era de tal sorte  
Que perdão não merecia,

E se lhe não perdoava  
 Que se não confessaria.  
 Respondeu-lhe o Imperador :  
 Que mil lhe perdoaria,  
 E pois era seu irmão,  
 Porque d'elle se temia?  
 Respondeu então Albano,  
 Com grã pezar, que sentia :

— Bem sei que sereis lembrado  
 D'aquelle tam triste dia,  
 Quando d'aqui vos partistes  
 Para ir á romaria?  
 Por Governador deixastes,  
 Como a razão pedia,  
 A mim e á Imperatriz,  
 Que eu matei com grã falsia

Contou-lhe todo o successo,  
 Porque nada lhe mentia  
 Ouvindo o Imperador  
 Bem vereis o que diria :

— Piedoso Jesus Christo,  
 Eterna sabedoria,  
 Tam altos são teus mysterios  
 Que ningnem os entendia :  
 Quem cuidara que um irmão  
 Tão grã traição me faria?  
 Eu fui mui pouco discreto,  
 Pois fiz o que não devia,  
 Sem primeiro me informar  
 De quem o caso sabia.  
 Oh minha amada mulher,  
 Claro sol, e luz do dia,  
 Minha saborosa lembrança,

Espelho em que me via !  
Como partistes queixosa  
De uma tão penosa via  
De mim mais, que do cunhado,  
Porque eu o merecia  
Em vos matar tão sem culpa,  
Sem olhar o que fazia.  
Porque devera olhar  
O que por razão seria,  
Que quem tem fiel amor,  
Nunca mudar se podia.  
Pelejem os elementos,  
E abra-se a terra fria,  
Para que consumma em si  
Quem tanto a Deus offendia ?  
Escureça o sol e a lua  
Que todo a mundo alumia,  
Porque ajudem a meu pranto,  
Como a razão o pedia.

Estas palavras dizendo,  
Com a dôr amortecia,  
Era por morto julgado  
Da gente que assim o via.  
Vem logo todos os Mestres,  
Cada um como podia,  
Os quaes sabendo a verdade.  
Com muita grande agonia,  
Tantas cousas lhe fizeram  
Com sua sabedoria,  
Até que em si o tornaram,  
Como de antes sohia.  
Não quiz mais a Imperatriz  
Encobrir o que sentia,  
Descobriu seu lindo rosto,  
E a seu marido dizia ;

«Oh meu bem, tam desejado,  
Minha doce companhia,  
Eu sou a que com razão  
Devo de ter alegria;  
Pois Deus me deixou ver-vos  
Como sempre lhe pedia:  
Se agora viesse a morte  
Mui leda a receberia;  
Eu sou a vossa mulher  
Filha do grão Rei de Hungria,  
Que vós mandastes matar,  
Pelo que não merecia:  
Quiz-me guardar Jesus Christo  
E a Virgem santa Maria,  
Por guardar fidelidade  
A quem tanto me queria,

Poz-se ante elle de joelhos  
Ainda que o não merecia,  
Por força lhe beija as mãos,  
Mas elle o não consentia:  
Antes quando a conheceu  
Tão grã prazer recebia,  
Que abraçando-a docemente  
Todo o sentido perdia.  
Não ha ninguem que escreva  
O que cada um dizia,  
Nem papel onde caber  
O que escrever se podia.  
Em extremo se assombraram  
Clitaneo e mais Sophia,  
Vendo a Imperatriz  
De tão grande Senhoria,  
Aquella que em sua casa,  
Como escrava os servia;  
Que mandaram desterrar

Por culpa que não havia,  
Temendo-se que agora  
Algum grã mal lhes viria  
As mãos postas, de joelhos,  
Mui tristes em demasia,  
Chorando pedem perdão,  
Que logo lh'o concedia,  
Fazendo-os levantar  
Com mui grande cortezia;  
A ambos os dois abraçou,  
Chorando com alegria,  
Contando ao Imperador  
O muito que lhes devia.  
Que se por elles não fôra,  
Sua honra se perdia;  
E do granede agasalhado  
Que cada um lhe fazia,  
E que a vida e a honra  
A elles ambos devia.

O Imperador mui ledo,  
Quando estas cousas ouvia,  
A Deus dava muitas graças  
E á Virgem santa Maria,  
Promettendo a Clitaneo  
Que elle lh'o pagaria,  
Com fazel-o grão Senhor  
De todos quantos havia.  
Tomou a Imperatriz,  
A sua amada Sophia,  
Por sua camareira mór  
Pelo bem que lhe queria,  
Tudo quanto ella mandava  
No imperio se fazia;  
Determinou o Imperador  
Por fazer o que devia

Queimar o seu irmão vivo  
Doente como jazia,  
Dizendo : — Que mais merece  
Quem tal traição commettia? —  
A Imperatriz piedosa  
De joelhos lhe pedia,  
Lhe quizesse dar a vida,  
Ainda que, não merecia,  
Dizendo que bem bastava  
A pena que padecia.  
Outorgou o Imperador,  
Porque mui chorosa a via,  
Porque a sua nobreza,  
A muito mais se estendia.  
Levantou-se d'onde estava  
A que n'elle se veria,  
E se foi deitar á cama  
Em que morrendo vivia.  
E untando-o com ungento  
A saude recebia:  
Ficou muito forte e disposto,  
O qual d'antes não fazia ;  
Conheceu o Imperador  
Sua virtude e valia,  
Que era ainda muito mais  
Do que elle cuidar podia.  
Seu irmão, por nome Albano,  
Que muito se arrependia,  
Fez mui grande penitencia,  
Porque bem se arrependia.  
O Imperador Lodonio,  
Mandou fazer cada dia  
Muitas grandes procissões  
A Deos e santa Maria,  
Dando-lhe infinitas graças  
Pelos bens que lhe fazia.

Fizeram por toda a Roma  
 Muitas festas de alegria,  
 Os pobres se alegravam,  
 E toda a gente dizia:  
 Viva a nossa Imperatriz,  
 Que tanto bem nos fazia!  
 Iam-na todos a vêr,  
 Coimo vem á romaria,  
 A todos benignamente  
 A Senhora recebia,  
 Fazendo-lhes mais esmolas,  
 Do que ella d'antes fazia.  
 O Imperador Lodonio  
 Tambem com vontade pia,  
 Fazia uns grandes bens.  
 A todos que bem fazia;  
 Foram bem aventurados,  
 Segundo a historia dizia.

(*Fl. volante de 1860*)

---

### Dr. GASPAR FRUCTUOSO

*Romance que se fez d'algumas magoas e perdas que causou  
 o tremor de Villa Franca do Campo—em 1522.*

Em Villa Franca do Campo  
 Que de nobre procedia,  
 Na ilha de S. Miguel,  
 A quantas villas havia,  
 Era de mil e quinhentos  
 E vinte e dois, que corria,  
 Vinte e dois dias de outubro,  
 Quarto de lua seria:  
 Era uma quarta-feira  
 Quarta-feira triste dia,



E em a noite mais serena  
Que o céu fazer podia,  
Inda que corre Levante  
Nada d'elle se sentia;  
Não corre bafo de vento,  
Nem folha d'arvore bolia,  
Estrellado estava o céu,  
Nuvem não o escorecia,  
Ante-manhã duas horas  
Inda não amanhecia,  
Começou tremer a terra,  
Mais que outras vezes tremia,  
E a dar fortes balanços  
Parecendo marezia:  
Não treme de baixo a cima,  
Mas para os lados tremia;  
Nem abre bocca nenhuma  
O espirito que isso fazia;  
Sacudiu sómente a terra  
Dos lados em que feria.  
Sacode a terra dos hombros,  
Com o pezo que sentia  
O gram gigante Almoural  
Que deitado ali jazia.  
Movem-se todas as cousas  
Quanto seu corpo movia;  
Estrondo que faz a terra  
Roncos são do que dormia,  
Que de ser velho cansado  
Ronca quando adormecia.  
Correu a terra de um monte  
Que d'alta serra pendia.  
E com impeto furioso  
Sobre a villa se estendia,  
Ali começa a dar gritos  
A gente que se affligia,

D'elles chamaram por Deus,  
 D'elles por Santa Maria.  
 Quando chegou a manhã  
 Nenhum d'elles parecia,  
 Que eorreu d'aquella terra  
 Que sobre a villa jazia,  
 Essa gente que escapara  
 Como pasmada morria;  
 Outra que viva ficava,  
 Vivendo assi não vivia.  
 Aqui chega Frei Affonso.  
 E com a tocha que trazia  
 Da ordem de San Domingos  
 De Toledo reluzia,  
 Esse padre glorioso  
 Que da gloria parecia.  
 Para consolar o povo  
 Assim fallava e dizia:

— Confessae-vos, irmãos meus,  
 Em quanto vos dura o dia,  
 Resae todos o rosario  
 Da Virgem santa Maria;  
 Edificae-lhe uma casa,  
 Indo a ella em romaria,  
 Tomae-a por valedora,  
 Que ella por vós rogaria  
 Tende n'ella confiança,  
 Que certo vos valeria.

Não acaba de fallar  
 Quando a casa se fazia,  
 Uns acarretam pedra,  
 Outros madeira á porfia  
 Trabalham môços e velhos,  
 Pessôas de gram valia,

Até as nobres mulheres  
Serviam sem fantazia;  
Trazem telha dos telhados  
Que no arrabalde havia,  
Como formigas ligeiras,  
Andam a quem mais faria ;  
Tanto que em poucos dias  
A Ermida já servia,  
Já celebram missa n'ella,  
Já lá vão em romaria.  
O Capitão Ruy Gonçalves  
Que da Camara se dizia,  
Como soube em sua quinta  
D'esta terra que corria,  
Manda sellar seu cavallo,  
A' espora-fita corria,  
Por soccorrer o seu povo  
Que estava n'esta agonia.  
E chegando a Villa Franca  
Do Campo, campo só via,  
Campo em que estivera Troya  
Que soberda ser soia,  
De mui populosas casas  
Nem uma só apparecia,  
Seus paços postos por terra,  
Terra que n'elles cobria,  
Com seu filho e duas filhas  
A' que elle muito queria,  
Tambem um filho bastardo  
Que não tinha' bastardia,  
A uma sua irmã  
Chamada dona Melicia.  
Dissimulada sua dor,  
Ainda que muito a sentia,  
Seus olhos se arrazam d'agua  
Por mais que elle se encobria,

Com coração esforçado  
De senhor de gram valia,  
Esforça todo seu povo  
Que de pasmo falecia.  
Manda logo cavar gente  
Onde antes estar soía  
O Santissimo Sacramento,  
Cuidando que se acharia,  
Vendo quando Deus nos ama,  
Quam grande bem nos queria,  
Que querendo dar castigo  
Sobre si o tomaria,  
Em todos nossos trabalhos  
Companhia nos faria;  
Dos açoutes que nos dava  
Tambem participaria,  
Sendo uma vez sepultado,  
Outra se sepultaria;  
Por estranhar nossas culpas  
A si mesmo enterraria;  
Mas tão mal cheiravam ellas  
Que Deus d'ali se desvia,  
Pois que cavando a gram pressa  
Ali já não apparecia.  
A arca acham no Altar  
Mas sem elle, estava vasia:  
Não sabem se foi ao céo,  
Se na terra ficaria  
N'algum sacrario mettido,  
Para o qual se mudaria.  
Alguns signaes viram d'isto  
A gente que ali acudia,  
Vendo d'aquelle logar  
Uma nuvem que subia,  
Ouvindo muitos cantares  
De suave melodia,

Suspeitando ser dos anjos,  
Alguma gram companhia  
Que da terra para os céos  
A Deos acompanharia;  
Ou por mãos angelicaes  
N'outra Villa se poria:  
Mas quando não foi achado,  
Um grande grito se erguia,  
D'aquella grande campanha,  
Que misericordia pedia;  
Vendo uma tal maravilha  
Com gritos ninguem se ouvia  
D'aquelle povo tão triste  
Quem então não gritaria?  
Batendo todos nos peitos,  
Quem peitos não quebraria?  
Em tempo de tanta angustia  
Pois d'elles seu Deus fugia.  
Para lhe pedir remedio  
N'aquella triste agonia,  
Já não sentem perder nada  
Só não vêr Deus se sentia.  
Este castigo mais choram,  
Este só mais lhe doía,  
Vendo apartar-se Deus d'elles  
Quem não esmoreceria?  
Depois cavam em outras partes  
Por vêr se alguém vivia,  
Acham mortos pelas ruas,  
Que a terra afogado havia,  
Outros acham em seus leitos  
Sem temor do que viria,  
Cuidando dormir de noite  
Mas tambem dormem de dia,  
Somno de uma noute só  
Para sempre duraria.

Alguns vivos se acharam  
Pouco numero seria,  
Mas quem quer que os vira vivos  
Por mortos os julgaria:  
Tinham todos côr da terra  
Que toda a Villa cobria:  
Mas não cobre uma criança  
Que só tres annos havia,  
A qual achara folgando  
Sobre a taboa em que jazia.  
Nove dias são passados  
Depois de morta a alegria,  
Quando com gram diligencia  
A gente cavando ia.  
Causa de grande tremor  
Quem contar o ousaria,  
Indo o povo em procissão  
Que com chôro se fazia.  
Ouvida foi uma voz,  
D'outro mundo parecia,  
Mui fraco vem o tom d'ella  
Porque do centro saía.  
Muitos ouvem o som confuso,  
Mas ninguem o entendia;  
Ali vem o Capitão  
Que a tudo sempre acudia:  
Manda cavar a gram pressa  
Aonde aquelle tom se ouvia,  
Entendendo que era gente,  
Que soterrada gemia.  
Depois de muito cavar  
Uma trave se descobria,  
Com a ponta para o chão  
Que encostada assi jazia;  
Fazem logo uma abertura  
Em um vão que ali havia,

Vão era que fôra logea  
Onde sobrado' caia.  
São por ella trez vivos,  
Mortos cada um parecia,  
Com as mãos alevantadas  
Como cada um saía,  
Joelhos postos no chão  
A seu Deus graça rendia,  
Pelo livrar de tal morte,  
Que, vivendo, ali soffria;  
Onde estavam mais confusos  
Não sabendo o que seria,  
Se era toda a gente morta  
Ou se o mundo se fundia:  
Não sabem quando amanhece  
Se o gallo lh'o não dizia,  
Que cantava a horas certas,  
Que sempre cantar soía;  
Mantinhão-se de biscouto  
Que para viagem havia,  
Que queriam navegar  
Para onde a sol saía;  
Onde tinham sua terra  
Mas a terra lh'o impedia,  
Que correndo aquella noute  
Ali todos os prendia;  
Bebem agua, que do lodo  
Gota a gota lhe caía,  
E tambem de uma fundagem  
Que vinagre se fazia:  
Assaz de morte passava  
Quem escuro ali vivia,  
Contava isto chorando,  
Com choro o povo os ouvia,  
Tantas lagrimas choravam  
Que a terra se humedecia,

Já não choram seus parentes  
Mortos, que terra cõbria;  
Muito mais choravam os vivos  
Que mais morre o que vivia,  
Não choram amigos mortos  
Nada d'isto lhes doía;  
Pois sabem que tarde ou cedo  
Qualquer dos vivos morreria,  
Choram não saber a morte  
Em que estado os tomaria;  
E mais choram em si mesmos  
Pelo que ainda se temia,  
Choram seus proprios peccados  
De que o castigo nascia;  
Que quem planta culpas graves  
Graves castigos colhia.  
Era tudo ali um grito  
Que ao céu empyreo subia:  
Pedem misericordia a Deus  
Cada um assim dizia:  
Senhor Deus, misericordia,  
Que eu, meu Deos, não merecia.

Tambem tiraram um morto  
Que entre elles jazia,  
Que faleceu ás escuras  
Entre a viva companhia,  
A quem dava gram trabalho  
Pelo muito que fedia,  
O qual depois de enterrado  
Como a outros se fazia:  
Vão todos em procissão  
A uma Ermida que havia,  
Da Virgem Santa Catharina  
Que de parochia servia;  
Dão todas graças a Deus



Como cada um podia,  
Pelos livrar da prisão  
Da terra que os cobria:  
Cinco mil foram os mortos  
Que em toda a Ilha haveria,  
Por que affirmam os antigos  
Tantos morreram em tal dia:  
Outros contam n'esta conta  
Os que a péste feria,  
Logo nos annos seguintes  
Em que entre os vivos ardia:  
O que parece mais certo,  
Que então tantos não havia,  
Alguns morreram nos logares  
Debaixo da casaria,  
Que com o tremor de terra  
Em todas partes caía:  
Morreram religiosos,  
Morreu muita cleregia;  
Morre muita gente nobre,  
Que em toda a Ilha vivia,  
Qualquer rico e poderoso  
Sem as riquezas partia;  
Que por ventura ficava  
A quem não lhe agradecia  
Cuidando gosal-a muito  
No melhor se despedia;  
Não a logrou muitos annos  
Nem jámais .as lograria,  
Se fez algum bem com ella  
Isto só lhe valeria.  
Morreram altos e baixos  
Sem lhe valer fidalguia,  
Morreram grandes, pequenos,  
Todos a morte offendia:  
Mas mais morrem em Villa Franca

Onde mais povo havia,  
 Quasi todos ali morrem  
 Senão algum que fugia;  
 Mas são poucos os que fogem  
 Porque cada um dormia,  
 Poucos são os que escaparam  
 Debaixo da terra fria:  
 E alguns no arrabalde  
 Além da agua que corria;  
 Outros escapam nas quintas,  
 Porque Deus assim queria.  
 Cuidando ser acabado  
 O mal que mais não seria,  
 As nove horas são passadas  
 Depois que já o sol saía.  
 E eis torna a tremer a terra  
 Mais que d'antes parecia,  
 Corre na ponta da Garça  
 E na Maia o mesmo dia;  
 Terra que matou a muitos  
 D'este numero e quantia,  
 Contando môcos pequenos  
 De que contar não sabia;  
 Lembra-me de dôres grandes,  
 Das pequenas me esquecia,  
 Onde houve magoas sem conto  
 Quem contar as poderia!

---

### ANONYMO

*Satira da Perda da Nacionalidade portugueza (1580)*

Arre! arre, para traz,  
 asno do Luso cuitado! <sup>1</sup>

---

Variantes da edição de 1868.

<sup>1</sup> *Asno de luso...*

olha que a ser despenhado  
caminhas por d'onde vás. <sup>1</sup>

Se de uma parte arrojadas  
de arreeiros te encaminham,  
os que a socorrer-te vinham  
querem fazel-o a panquadas. <sup>2</sup>

Zurra sobre mal tamanho,  
asno, pois quiz teu pequado,  
que pera tão triste estado  
viesses a dono extranho.

Chora sobre o mal presente  
os bens que passados sam;  
já fostes asno de Balam,  
oje es burro de Vicente.

Vende-te o cura da egreja, <sup>3</sup>  
grande trabalho te vejo!  
a moleiro d'Alemtejo  
não quiz vender-te d'inveja. <sup>4</sup>

Tambem comprar-te queria, <sup>5</sup>  
e assaz te fôra melhor,  
o nosso honrado Prior,  
tudo foi valhaquaria.

Emquanto Antão, o das botas,  
por seu te tinha em poder,

<sup>1</sup> Caminhas por *onde* . . .

<sup>2</sup> Querem faxel-o a *pedradas*.

<sup>3</sup> *Deixou-te* o cura da igreja.

<sup>4</sup> Não quiz *deixar-te* de enveja.

<sup>5</sup> Tambem *levar-te* queria

não sohias tu trazer  
tanta carga sobre as costas. <sup>1</sup>

Sempre á gineta vestido,  
ferrado de prata e ouro,  
Tejo, Guadiana e Douro  
te davam pasto escolhido.

*Do Ganges, Nilo e Indo  
as claras aguas bebias,  
com que envejado te vias  
dos moradores do Pindo.*

*Quando o inverno mesquinho  
en tão mau caminharia  
pelo lodo se metia  
por te dar o bom caminho.*

Mas agora o que te guia <sup>2</sup>  
esse Gil das calsas brancas,  
poz-te catorze nas ancas  
e manda c'um açoute a via. <sup>3</sup>

Fez barata a compra injusta,  
por isso te desestima,  
porque enfim tudo se estima  
segundo o preço que custa. <sup>4</sup>

<sup>1</sup> Quando o Antão das botas largas  
por teu se tinha em poder,  
não sohias tu trazer  
sobre as costas tantas cargas.

<sup>2</sup> Mas agora que te guia  
*este Gil...*

<sup>3</sup> *E co'a espora manda a via.*

<sup>4</sup> Porque *tudo enfim* se estima  
*conforme ao p preço* que custa.

Sem dar logar que respirem,<sup>1</sup>  
gritam e não se envergonham,  
todos que cargas te põnham,<sup>2</sup>  
 nenhuns que carga te tirem.

N'esta confusão amarga,  
os arreeiros que podem  
 todos a tanger-te accodem,  
 mas nenhum á sobrecarga.

E ao retorteiro te trazem  
 com albarda e sem cabresto,  
 sómente metem o resto<sup>3</sup>  
 nas affrontas que te fazem,

Sempre em tuas mataduras,  
tuas tristes carnes rotas  
alveitares idiotas  
experimentam novas curas.

De sorte, asno, te vêjo,  
hei tal lastima de ti  
pelo estado em que te vi,  
que de vêr-te tenho pêjo.

Entregue a rapazes loucos  
que te guiam por abrolhos,  
tantos a tapar-te os olhos,  
a destapar-l'os tão poucos!

Pelo dono que te deram  
verás tuas perdições,

---

<sup>1</sup> Sem logar a que respirem

<sup>2</sup> Todos que a carga te ponham,

<sup>3</sup> Só metem todos seu resto

filho de quatro nações  
que nunca beni se avieram.

Já com teu senhor passado  
sobre ti em pleito andou;  
agora que te comprou  
has de pagar o fiado.

Aos que foram n'esta venda  
Já hoje o tempo lhe ensina  
quem sem tempo determina <sup>1</sup>  
ante tempo se arrependa.

Mas por divertir-te a dor  
do mal que em ti considero,  
outros males chorar quero:  
zurra tu por teu senhor.

E vós, Tagides, que ouvis  
o som de males tão tristes,  
chorae do bem que já vistes <sup>2</sup>  
as lembranças que sentis.

Chorae do passado abril  
as seccas flores que vêdes,  
em as desertas paredes  
effeitos de sorte vil. <sup>3</sup>

E tu, patrio Tejo ameno,

---

<sup>1</sup> Quem *seu* tempo determina

<sup>2</sup> Chorai dos *bons* que já vistes.

<sup>3</sup> Chorai o passado bem  
Pelo mal que entre vós arde;  
Mas ai! que chorais já tarde,  
Oh filhas de Jerusalem.

revolve tuas claras aguas,  
que é justo que em tantas maguas  
não corras claro e sereno.

Bem vês que o cham que regaste  
fertilisado contigo,  
affrontado como emigo <sup>1</sup>  
mil vezes o experimentaste.

E os pastores do teu prado  
andam, perdida a esperança,  
já de mudança em mudança,  
já de cuidado em cuidado, <sup>2</sup>

O pão no campo frescais  
fructo de suor alheio  
comem sem nenhum receio  
corvos, gralhas e pardaes. <sup>3</sup>

Estam de gritar já mudos  
e sem animo os espiritos,  
Que pouco aproveitam gritos  
d'onde os ouvidos são surdos. <sup>4</sup>

Já entre nós vivem só  
os Maquabeos e prophetas, <sup>5</sup>

<sup>1</sup> *Affronta-o* como imigo.

<sup>2</sup> (*N. B.* Esta estrophe acha-se cinco estrophes abaixo.)

<sup>3</sup> Brada-lhes Mingo, o do saio,  
Cisfranco, o do saio, brada  
Não dão por seus brados nada,  
Nem poupam pão para maio.

<sup>4</sup> Mudos de gritar estam  
Desanimados espiritos,  
De vêr que não valem gritos  
Se os ouvidos surdos são.

<sup>5</sup> *D'Acab os falsos prophetas*

já não derribam trombetas  
os muros de J-riqué;

Que o som do metal covarde  
~~abate a todos~~ os mais, <sup>1</sup>  
e sam suas forças taes  
que n'elle o fogo não arde. <sup>2</sup>

N'este estado e perdiçam  
podes crêr que podem já  
mais que a lança de Joáb  
os cabellos de Abselam.

No grão Pinheiro das falhas  
se sentam já por demais <sup>3</sup>  
por baixo as ave reais,  
por cima còrvos e gralhas.

Os rafeiros que o rebanho  
guardavam de nossos gados,  
todos andam tresmontados, <sup>4</sup>  
metidos no mato extranho.

Porque os que mil vezes d'elle  
a preza e lobo trouxeram,  
da carne nada lhe deram,  
deixam-lhe os ossos sem pelle. <sup>5</sup>

Mas já dos lobos guerreiros <sup>6</sup>  
fica sendo mal singelo;

<sup>1</sup> *Abateu* todos os mais

<sup>2</sup> Na edição de 1868 entra aqui a estrophe: Os Pastores, etc.

<sup>3</sup> Já se assentam deseguaes.

<sup>4</sup> *Andam* todos transmontados

<sup>5</sup> *Deixaram-lhe* os ossos sem pelle

<sup>6</sup> Mas *ai* dos lobos guerreiros.



porque cobras de capello  
bebem sangue de cordeiros.

Já não ha cachôrrros velhos,  
os d'aquella antiga raça,  
e assy se vamos á caça<sup>1</sup>  
os cães fogem dos coelhos.

Os galgos ~~que~~ entam corriam  
as lebres em terra extranha,  
oh que vergonha tamanha!  
já das lebres se desviam.

Já fementidos e imbeles<sup>2</sup>  
andam como desmudados,  
e de sorte desmandados  
que as lebres correm traz d'elles.

Buscavam então grão Pastor,  
o pastor pera seu gado;  
agora busca o creado  
pelo gado a seu senhor.

A branca lâ que uma vez  
tusquiada tira a ronha,<sup>3</sup>  
agora como peçonha  
quada mez lhe tiram dez.

Que o que virtude entam  
por mézinha exercitava,

<sup>1</sup> Já quando imos á caça.

<sup>2</sup> Afeminados, imbelles  
Andam como desmaiados  
E de sorte os vêem torbados

<sup>3</sup> Tosquiada tinha ronha

oje da cobiça escrava  
fica servo d'ambiçam. <sup>1</sup>

Mizericordia e cobiça  
assentaram tal concordia,  
que a falsa mizericordia  
tem desterrada a justiça.

O que tudo o mundo dana <sup>2</sup>  
tem posto em trono cruel,  
contra a voz de Daniel  
os juizes de Suzana.

E assentara n'esta feira <sup>3</sup>  
cousa que mais desatina,  
muitas guitarras sem prima  
mas nenhuma sem terceira.

Porque publica o escrito <sup>4</sup>  
verdades que o tempo sonha,  
quem d'ouvil-as se envergonha  
desterram para o Egypto.

Chumbados exteriores  
firmam só capacidades;  
publicas severidades  
tem por verdadas maiores. <sup>5</sup>

*Porque reprovoo não medro  
com minhas verdades mudas,*

- 
- <sup>1</sup> Fica *cabdo* da ambiçam.  
<sup>2</sup> *Quem* tudo ao mundo dana.  
<sup>3</sup> *Já se tangem* n'esta feira  
<sup>4</sup> Porque publica *o espirito*  
Cousa que mais *desanima*.  
<sup>5</sup> Tem por *virtudes* maiores

*vêr que dam a bolsa a Judas  
do thesouro de San Pedro.*

Todo o remedio é incerto  
em tão differentes pragas,  
pois dão por remedio ás chagas<sup>1</sup>  
Aman, de chagas coberto.<sup>2</sup>

Mas já que o tempo passou  
figura d'este presente,  
no qual o vaso do Oriente<sup>3</sup>  
a voz do santo escuitou;

Mudo sentimento só  
opprima o coração triste<sup>4</sup>  
de vêr que Isaú insiste  
em perseguir a Jacob.

— ● —  
MOTE

Dona velha relha,  
saí d'essa quêlha;  
não sobes escada  
que não digas upa!  
sujaste na roupa,  
fedes-me ao mijado,  
é pôdre o calçado,  
porque sondes velha;  
saí d'essa quelha,  
dona velha relha.

<sup>1</sup> Pois dam por *medico* as chagas

<sup>2</sup> *Na a mão* de chagas coberto.

<sup>3</sup> No qual o *vasto* Oriente

<sup>4</sup> *Primor e* coração triste  
*Pois vejo* que Esaú insiste

Já tivestes dentes,  
agora gingivas,  
covas de formigas,  
olhos de vidraça,  
nariz de cabaça,  
porque sondes velha :  
saí d'essa quelha.

Já fostes colchão,  
agora almadrake ;  
môça, gentil dama,  
lindo estouraquer,  
deu-vos por combate  
que saiaes da quelha,  
dona velha relha.

Já tendes recado  
d'aquelle estudante,  
que era, sem peccado,  
sugeito bargante ;  
deu-vos por combate  
que saiaes da quelha,  
dona velha relha.



### **Aos Governadores do Reino**

Trás um mal outros maiores  
vêm sobre ti, Portugal ;  
hontem coberto de cal,  
agora de semsabores.

Tantos annos de Marquez  
que te quiz tirar a pelle ;  
e por te livrarem d'elle  
te fazem jogo de tres.

Um, sombrio e resoluto,  
outro, nunca experimentado,  
outro, que só tem cuidado  
de adquirir, é astuto.

Todos tres de mão commum  
darão contigo através;  
se dois e um fazem tres,  
estes tres não fazem um.

Um, nos conselhos moderno,  
outro, altivo e temeroso,  
outro, astuto e cobiçoso,  
como farão bom governo?

D'este erro e d'este damno  
a culpa não tem Castella;  
mas a culpa é de quem n'ella  
a suborna com engano.

Ministros mal informados  
por respeito e affeições,  
com erradas eleições  
deixam tantos aggregados.

Deus accuda a este enleio,  
em que os nescios não rezavam,  
pois tantos ternos ficavam  
differentes do que vejo.



### **Aos Governadores de Portugal**

#### **NOTE**

Fugir, que quer o céu cair.

## GLOSA

Que venha um pastor melado  
per tão illicitos meios,  
reger vassallos alheios  
das ovelhas descuidado,  
e que nos seja forçado  
crer no Messias por vir,  
fugir, que quer o céu cair.

E que outro, impertinente,  
buscando traças e vias,  
dê passagem a cortesias  
que admire toda a gente,  
e que venha de repente  
governar sem nos servir,  
fugir, fugir...

E que venha outro engelhado,  
já por não servir disposto,  
governar-nos em agosto,  
sem estar assezoado,  
estando prophetisado,  
que monstros hade parir,  
fugir, fugir...

Jogando o jogo de tres,  
havendo os dois a massada,  
é cousa averiguada  
que até ao extremo o fez;  
guardar de talho e revés;  
porque nos hade ferir,  
fugir, fugir...

Que não sei de que me espanto  
Vendo tanto desatino;

que quando o rei é menino  
 está todo o reino em pranto ;  
 choremos por entretanto,  
 já que não podemos rir,  
 fugir, que quer o céu caír,

—●—

### Folia

*Com que os Portuguezes, que se achavam na Côrte, vão beijar  
 a mão a S. Magestade e dar lhe as graças pola Mercê que  
 faz ao Reino, e se reformar o Conselho.*

#### MOTE

Vossa magestade  
 viva muitos annos,  
 pela liberdade  
 dos seus lusitanos.

Livre já de enganos  
 em dourada edade,  
 vossa magestade  
 viva muitos annos :  
 com pouca sciencia,  
 sem experiencia  
 governavam tudo,  
 nem ao ponto crudo  
 preveniam damnos ;  
 vossa magestade  
 viva muitos annos.

Governavam guerra,  
 que elles nunca viram,  
 porque não saíram  
 por mar nem por terra ;  
 nem este erro encerra

a causa dos damnos :  
vossa magestade  
viva muitos annos.

Na India deixaram  
entrar Hollandezes,  
que os bons portuguezes  
com sangue ganharam :  
Ormuz entregaram  
aos persianos ;  
vossa magestade  
viva muitos annos.

E em taes desvarios  
as armadas mandam,  
que perguntam se andam  
de noite os navios ;  
d'aqui vem os brios  
aos lutheranos ;  
vossa magestade  
viva muitos annos,

Poderosa armada,  
gran casa real  
tinha Portugal,  
hoje não tem nada !  
a renda é sobrada,  
váe-se polos canos ;  
vossa magestade  
viva muitos annos.

Todos tem commendas,  
todos tem thesouro,  
estão cheios d'ouro  
com grossas fazendas ;  
elles tantas rendas,



nós com tantos damnos !  
vossa magestade  
viva muitos annos.

Pera seus creados  
querem os officios,  
e os beneficios  
para apaniguados ;  
aos pobres soldados  
alvarás de enganos !  
vossa magestade  
viva muitos annos.

Tudo quanto viam  
tudo cubiçavam,  
pensões que vagavam  
em si as proviam ;  
para isto fingiam  
traças e enganos ;  
vossa magestade  
viva muitos annos.

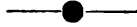
Mandam ás armadas,  
que em Ferrol estão  
se estão ancoradas,  
que logo se vão,  
a perder-se então  
os nobres Passanos ;  
vossa magestade  
viva muitos annos.

---

### **Ao Duque de villa Hermosa, Presidente**

Um é Presidente,  
homem de encher mão,  
nunca diz que não

e a toda a gente,  
então é que mente,  
fazendo afanos;  
vossa majestade  
viva muitos annos.



### Motta

Outro gram sagaz,  
tão sorrateirão;  
que, se ri primeiro,  
então nada faz.  
é lobo voraz,  
com muitos enganós;  
vossa magestade  
viva muitos annos.



### D. João de Bragança

Bispo, não vae lá,  
nem fará lá mingua;  
este, não tem lingua  
nem boa nem má;  
mui bem creará  
bracos e alanos;  
vossa magestade  
viva muitos annos.

Desculpa-se o intento  
de alguns erros seus,  
que lhe não deu Deus  
mais entendimento,  
olhos soberãos;

vossa magestade  
viva muitos annos.

*Canc. geral.*, Ediç. Barata, pag. 227 a 234.

—●—  
*Contra o Conselho da Regencia*

**Ao arcebispo D. Miguel de Castro**

Inda que clamores  
São tempos perdidos,  
Pois crescem as dores,  
Crescem os gemidos ;

Ouve-me primeiro,  
Parvo sem sabor,  
Mais para cordeiro  
Que para pastor.

Não governa o gado  
Só cajado torto ;  
Piloto arcado  
Perde a não no porto.

Quem nada desata  
Como póde atar ?  
Quem não se precata,  
Hão-n'ó de enganar.

Está o mór perigo  
Na mais linda estrada,  
O fingido amigo  
Trama mór cilada.

Por bem ninguem cuide  
Que á malicia escapa :

Que faz da virtude  
Sua melhor capa.

Mais cresce a ortiga  
Se boa sombra cobre ;  
Fazem muito liga  
Tambem d'ouro e cobre.

Foge do Terreiro,  
Vae para o teu gado :  
Todo o companheiro  
Te traz enganado.



### **Ao conde de Portalegre**

Ninguem se defende  
Com gente inimiga ;  
Amor não se vende,  
Nem se elle obriga.

Corações grangea,  
Se queres firmeza ;  
Cantando, a serèa  
Vence a natureza.

Ao cabo não venhas  
Com dasesperados,  
Não temem resenhas  
Os determinados.

Não fies verdade  
De quem t'a vendeu,  
Quem deu liberdade  
A vergonha deu.

Por desconfiança  
Se perde o fiel,  
Pela confiança  
Se ganha o rebel.

Podes-te fiar  
Dos que tens na terra,  
Que o assegurar  
Não está na guerra.

Olha o que perdeu  
Esta pobre gente;  
Rei que conheceu  
Pae de innocente.

Poe n'esta balança  
Este amor passado ;  
Ajuda o que cança,  
Levanta o pezado.

Faze capitaens  
Dos que tens captivos,  
Que inda acharás vivos  
Muitos Scipiaens..

Toma meu conselho  
Com tempo, senhor,  
Que de longe o espelho  
Dá mais resplendor.

Menos dóe a chaga  
Que se viu primeiro ;  
O remedio estraga  
Se vem derradeiro.

**Ao conde de Santa Cruz**

Parvo do conselho,  
E' gram parvoice,  
Seja parvo em velho  
Quem na meninice.

Segue teu conselheiro,  
Não cáias no chão,  
Não dès no atoleiro,  
Asno de Balaão.

Só o de Balaão  
Lêmos que fallou :  
Deu sua razão,  
Mas asno ficou.

Por dentro reluz  
Todo em pedraria;  
Deu, e trouxe a cruz  
D'uma romaria.

Vá-se bugiar  
Todo o entendimento,  
Que onde ha que dar  
Tudo o mais é vento.

**Ao conde de Sabugal**

Benze-te de ti  
Como mór imigo ;  
Tem perto o perigo  
Quem o está de si.

Quem cuida que sabe  
Mais que todos, tudo,  
Nem porque se gabe  
Fica menos rudo.

Quem não confessar  
Que a si é suspeito,  
Não póde julgar  
Os outros direito.

Ninguem te condemna  
Por peor que seja,  
Faz sobeja a pena  
Afeição sobeja.

A todos desama  
Quem só ama a si;  
Quem tem sêcca a rama,  
Secco tem o fructo hi.

Guerra e bolsa aberta  
Conquistam cidades,  
Amor não concerta  
Com auctoridades.

Não promettas muito  
Com damno alheio,  
Que é peçonha o fructo  
Que vem por tal meio.

Vae pela estrada,  
Deixa encrusilhadas;  
Não tomes pousada  
Com almas damnadas.

Não faço thesouro  
O rico do pobre :  
Que val mais o ouro  
Que tem menos cobre.

Não sejas amigo  
Pera fazer mal ;  
Não fies do imigo  
Quando foi mortal.

Nunca bom concerto  
Se fez com diabo :  
Dá por bem incerto  
Mal certo no cabo.

É de peitos vis  
Ter odio e rancor ;  
Não é de juiz  
Ser accusador.

Seja teu imigo  
Por outrem julgado,  
Nunca no castigo  
Sejas apressado.

O que nunca abranda  
Tem certo estalar :  
Muito menos anda  
Quem quer muito andar.

Melhor sobe ao monte  
Quem mais o rodea ;  
Bebe em tua fonte,  
Correr deixa a alhèa.



O reino diviso  
Não póde durar,  
Nem odio deciso  
Com riso soldar.

A braços não venhas  
Com teus deseguaes,  
Não te desavenhas  
Com quem póde mais.

Quem mais val mais póde,  
Guarda desvalido:  
Que até o que lhe acode  
Se vê perseguido.



### **A Miguel de Moura**

Quem mais de si cuida  
Tem menos razão;  
Fortuna tão muda  
A má geração.

Nunca de francêlho  
Se fez gavião,  
Nem mão do artelho,  
Nem rei de villão.

Contra natureza  
Sobe o que é pezado;  
Não diz bem alteza  
Com villão chumbado.

Quem põe toda a honra  
Em tirar a alhêa,  
Muito mais deshonra  
Para si grangea.

Quem ha qu' se espante  
Do que a sorte faz!  
Quantos põe diante,  
Feitos para traz.

Veste-te do teu,  
Deixa o traço alheio;  
Quem feio nasceu  
Com tudo é mais feio.

Se a gente te estima  
Em mais do que és,  
Não vejas de cima  
Aos que abaixo vês.

Quem por sorte medra,  
Vá manso no carro;  
Não se faça pedra  
Quem sabe que é barro.

Grandes monstros vemos  
N'esta nossa edade,  
Mas tudo deixemos  
Para a *Puridade* (1).

---

(1) A. Pimentel, *A Muza das Revoluções*, p. 73 a

## D. THOMAZ DE NORONHA

*A um Cavalleiro de Ceuta ridiculo, que chamavam D. Urrasco, saindo a campo :*

Uma sexta feira á tarde,  
Vespera de Santo Amaro,  
A jogar canas saú  
Vestido á gineta Urrasco;  
Vae em rocim, que mal vae  
Por ir de fome tão magro,  
Que sem confissão passára  
Buracos de San Thiago.  
Por esporas leva dois prégos,  
Com que picava o cavallo,  
A quem rodas de navalhas  
Não fariam dar um passo;  
Calçados uns borguezins,  
Que por qualquer parte calçam,  
E postoque ia calçado  
Jurava que ia descalço;  
Por marlota um gabão  
Que algum tempo fôra pardo,  
Com mais buracos que pontos,  
Mais remendos que buracos;  
A tiracollo um ourello,  
D'onde pendia o terçado  
Que qual setta com veneno  
Vae de ferrugem hervado.  
Por elmo leva um barril  
Que foi de figos pasados,  
E um rabo de raposa  
Leva posto de penacho.  
Ao passar de uma esquina  
O esperam dois embuçados,  
Que invejosos de seu bem

Lhe querem armar um dardo.  
 Urrasco, que sente a cilada,  
 Mette as pernas ao cavallo,  
 E saiu com tanta força  
 Que ficou no mesmo estado.

(*Poes. ined.*, p. 71.)

## D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

*Romance picaresco, intitulado Debuxo de Pena.*

Que em portuguez a retrate  
 Me rogou Dona Breitís ;  
 Porque tem nôjo das côres  
 Dos poetas de Madril.  
 Eil-a vae, escutae, vêde,  
 Pois logo vereis se ouvís ;  
 Que se não vae para vêr,  
 Vae, ao menos, para ouvir.  
 O *cabello* é pino de ouro  
 Tanto mais que o Potosy,  
 Que ao pino do meio dia  
 Faz cada dia o sol crís.  
 Apodara-lhe eu a *testa*  
 A um pedaço de marfil ;  
 Mas ella diz d'esse apódo  
 Que m'ò deixa para mim.  
 Os *olhos* são dois soldados  
 Da fronteira ou do Brasil ;  
 A quem amor por valentes  
 Deu o habito de Aviz,  
 Trez *meninas* tem travéssas  
 Com as duas que lhe vi,  
 Pois brincando elle com ellas  
 São trez meninas, emfim.

Porque são arcos de flores.  
Me jurou Maria Gil,  
Lhe comprára para a dança  
As sobrancelhas sutis.  
*Pestanas* tem, não queimadas  
Por lhe não servir assi.  
Para uns olhos tão dormidos  
As pestanas são dormir,  
Ambas as *faces* parecem  
De obra de agulha gentil,  
Bainha de ambas as faces  
Em lenço feito em Cochim.  
Não fallemos no do meio  
Ramallete de jasmims,  
Que segundo é lindo, e cheira  
É ramallete ou *nariz*.  
O carão limpo é luzente  
Uma peça é de *sitim*,  
Não picado, que picado  
É só quem tal carão vir.  
O *rostro* livro é de caixa  
Cujas partidas gentis  
Não viu o Infante Dom Pedro  
Emquanto andou por ahi.  
As *orelhas* fogem ás dores  
Porque as não querem sentir,  
Orelhas de mercador  
Vendendo mais dor assim.  
A *boca* d'esta fidalga,  
Se não vem como se diz  
A pedir de boca, é boca  
Que nunca vem a pedir.  
Que pouco direi dos *dentes*;  
Bem que muito dizer quiz;  
Mas cada *dente* tem dente  
Contra a musa mais subtil.

Se tomal-a pelo *beijo*  
Quer o cravo e o rubi,  
Ella pelo *beijo* toma  
Mil cravos e mil rubis.  
Sem falta a môça não come  
Outro pão, que de ambar gris,  
Segundo vem perfumados  
Seus nãos quanto mais seus sins.  
Na *garganta* me deu susto  
Quando fui e quando vim;  
Porque co'alma na *garganta*  
Sempre a verá quem a vir.  
O *talho* de muito inteiro  
É feito tão sobre si,  
Que tal me depare Deus  
No meu feito o meu juiz.  
Conforme que prende e mata  
Com *olhar* e com *sorrir*,  
A senhora traz no gesto,  
Um algoz e um beleguim.  
Se trez foram como duas  
Que são duas flores de liz,  
Lhe tomára as *mãos* por armas  
De França o mesmo Delphim:  
Ouvi que lhe pediu Venus  
Para pôr nos seus jardins  
Os *pés*, que postos em terra  
Prendem quaes *pés* de jasmins.  
Quando pisa, o cravo cheiro,  
D'onde já disse Merlim,  
Que *pés* que assim pisam cravo  
São *pés* mãos de almofariz.  
Senhora Breitís, agora  
Comvosco vos conferi;  
Que se este retrato é pouco  
Far-vos-hei d'estes cem mil;

Porque só pinto o que vêjo,  
Não lanço adiante o gis,  
Senão, dae-me mais que vêr  
Que eu vos darei mais que rir.  
Quando empunhando o rifão  
Faça crêr como eu o crí,  
Que a Breitís sempre é das môças  
Qual das aves a perdiz.

*Obras metricas, t. II, p. 219. Edição de 1665*

---

## M. QUINTANA DE VASCONCELLOS

*Romance de Clarideu ao som da harpa da Torre*

Todas as vezes que canto  
Por aliviar minha pena,  
Segue o pensamento a voz  
Té chegar á causa d'ella.  
Lá entre mil alegrias,  
Que a memoria representa,  
Tão triste me considero,  
Que me converto em tristeza.  
Ser alivio de um mal grande  
Qualquer gosto, ninguem creia,  
Que augmente ao contrario ás forças  
Uma debil resistencia.  
Rouba o tempo ao mesmo tempo,  
A musica o animo alegre,  
E é tão querida de amor,  
Que amando o mais rudo adestra.  
Tema do seu doce effeito  
Prodigiosas experiencias,  
Nas aves de que é seguida,  
Nos animaes se deleita,

Eu só me afflijo cantando,  
 E todo o bem me atormenta,  
 Que perder vida e memoria  
 São os remedios da auzencia.  
 Tem por mór mal o da morte  
 Nossa fragil natureza ;  
 Mas, maior mal ha na vida  
 Se ha memorias, o soffrel-a,  
 Aqui só n'esta prizão,  
 E em meu cuidado mais preza,  
 Estam tão longe de mim,  
 Que nada sei de mim mesma.  
 Lagrimas me tem comsigo  
 Quando a suspirar-me leva,  
 Do que fui tenho saudade,  
 E de ser quem sou me pesa.  
 Viver co'a dôr que padeço  
 Deve ser ventura alheia,  
 Inda que dão desventuras  
 Forças da nossa fraqueza.  
 Mas quem desespera ausente  
 Do bem que amando deseja,  
 Já não tem dor que sentir,  
 E embalde outra morte espera,

Novella da *Paciencia Constante*.

---

## ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

*Romance da briga de um Cego e um Corcovado*

De um Cego e um Corcovado  
 Hoje o desafio escrevo ;  
 N'um vou á cega lagarta,  
 N'outro vou com grande pezo.



N'uma palestra se acharam  
Os dois a um mesmo tempo,  
Um carregado de espaldas,  
Outro de colera cego.  
Vinha o Corcovado armado  
De bacias de barbeiro,  
Uma trazia nas costas,  
Outra trazia no peito.  
Com vir nas conchas metido  
Parece vinha com medo,  
Pois nas conchas com alongo  
Um cágado estava feito.  
No Cego vêjo a rasão,  
No Corcovado a não vêjo,  
Porque é um homem que nunca  
Teve avêso nem direito.  
Esgrimiu o Cego um páo  
E andou com elle tão déstro.  
Que em dois angulos obtusos  
As pancadas deu correndo.  
Descarregou de pancadas  
No Corcovado um chuveiro,  
Porque os chuveiros nos montes  
Dão as pancadas mais cêdo,  
Dar o Cego a bateria  
No Corcovado era certo,  
Porque duas eminencias  
Tinha por onde batel-o.  
Sem haver pé de pessoa  
Que a briga estivesse vendo,  
Foi o Cego dar com um páo  
Em dois vultos não pequenos,  
Tropeçou o cego n'elles,  
Que é o tropeçar de cegos;  
E deu de cego pancadas  
Em dois mui grandes torpêcos.

Pôr no Corcovado páo  
 Não foi n'este Cego o erro;  
 Que em casa que tem corcóvas  
 Pôr-lhe pontões é acerto.  
 Dando na Casa dos Bicos  
 Eram golpes tão horrendos,  
 Que lá no Cunhal das Bolas  
 Soando estavam seus eccos.  
 Sempre um cego ha mister guia,  
 Mas eu n'este Cego vêjo  
 Que não ha mister guiado,  
 Pois tanger sabe um caméllo.  
 Como os cegos tangem bem,  
 Este tangeu tão avêso,  
 Que nas costas de um laúde  
 Deu bordoadas aos centos.  
 N'um mesmo tempo brigou,  
 E acclamou o vencimento,  
 Pois sempre na briga esteve  
 Os atabales tangendo.  
 O Cego teve a victoria  
 Mas o Corcovado, é certo.  
 Que nos despojos levou  
 Os dous alforges bem cheios,

---

### ANONYMO

*Romances e Cantigas da canonisação de San Francisco Xavier*

Pérola muy bella  
 Nos traz o Oriente;  
 Mais resplandecente  
 Qu'hua nova Estrella,  
 Quanto tem valia  
 Muito áquem lhe fica;

Pérola tam rica  
No mar não se cria.  
Orvalho dos céos  
Gerou tal belleza,  
Contra a natureza  
Junt'os Pyreneos.  
Vêdes quam ditosas  
São nossas montanhas,  
Pois tem nas entranhas  
Pedras preciosas.  
Não sei se notaes  
Grandeza tão rara,  
Pedras de Navarra  
Vencem orientaes.

—●—  
*Outra Cantiga, que falla com o Piloto da Náo, que é o Sancto*

Piloto da Náo ligeira,  
Que corre por terra e mar!  
A maré é de rosas,  
O porto seguro,  
As velas mandae tomar.  
No meio do coração  
Vos daremos gasalhado,  
Que por bem aventurado  
Se terá com tal patrão,  
Tendes vára de condão  
Pera todos cativar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro, etc.

Enchestes o Oriente  
De luz e de piedade;  
Visitae esta cidade  
Qu'é senhora d'essa gente,  
E vereis quão diligente,  
Se mostr'em vos festejar.

A marè é de rosas,  
O porto seguro, etc,

De drogas celestiaes  
Vindes muito carregado,  
Vêde que sois obrigado  
Repartir c'os naturaes:  
Amor quero, e nada mais  
Por ser pedra de bazar.  
A maré é de rosas,  
O porto seguro  
As velas mandei tomar.

\*

Oh Não que pera a viagem,  
Marinheiros não temais,  
Pois tal Piloto levaes.  
Poderá com segurança  
Quem tal Piloto levar,  
Ou pollo mar com bonança  
Ou por terra navegar.  
Espertae a confiança  
Que dos céos vereis o caes,  
Pois tal Piloto levaes.  
Desferi todas as velas;  
E botae de soz em fóra,  
Pera que possam enchel-as  
Ventos galernos emb'ora.  
Alegres todos a ellas,  
Tempestades não temaes,  
Pois tal Piloto levaes,  
Assás covarde será  
Quem receiar a viagem,  
Pois Xavier governará  
Que é Piloto de vantagem.  
Elle franquèa a passagem,

Iça l iça, mais e mais:  
Pois tal Piloto levaes.

Xavier ao leme,  
Anjos a cantar,  
Larguemos a vela  
Pera navegar.

É sabio o Patrão  
Que a si manda a via,  
Vêm ao Galeão  
Todos á porfia.  
Ledos e contentes  
Pera embarcar,  
E tudó está lestes  
Pera se navegar.  
Galeão fermoso  
E bem artelhado,  
Em tudo lustroso,  
Em partes dourado.  
Quem póde temer,  
Ou arreceiar?  
Já se faz á vela  
Pera navegar.  
Pois não teme guerra  
Na terra ou no mar;  
Por mar e por terra  
Pode caminhar.  
Váe esta Náo bella  
Ao Céu demandar,  
Larga, larga a vela  
Pera bolinar.  
Dourado pharol,  
Dourada bandeira,  
Francisco é o sol,  
Norte de carreira.

E' Náo de alto bôrdo,  
 Náo pode remar,  
 Tende logo accôrdo  
 Pera velejar.  
 Xavier ao leme  
 Anjos a cantar,  
 Larguemos a vela,  
 Pera navegar <sup>1</sup>.

—●—  
*Cantiga de Abel*

Doloroso gado  
 De tanto primor,  
 Dôa-te o fado  
 Do triste pastor.  
 Lembrae-vos, cordeiros,  
 Da minha tristura,  
 Ovelhas, carneiros,  
 Que pastaes verdura.  
 Abel sem ventura  
 De vós apartado,  
 Meu gado amado,  
 De mim com amor,  
 Dôa-te o fado  
 Do triste pastor.  
 Doei-vos de quem  
 De vós se dóia;  
 Lembrae-vos tambem  
 Minha companhia,  
 De quem ser sahia.

<sup>1</sup> *Ralaçam das Festas* que a religiam da Companhia de Jesus fez em a Cidade de Lisboa, na beatificação do Beato S. Francisco Xavier, segundo Padroeiro da mesma Companhia, e Primeiro apostolo dos reinos de Japão, em Dezembro de 1620, recolhidas pelo Padre Diogo Marques Salgueiro, et.: Lisboa, por João Rodrigues, 1621.

Sou outro tornado,  
Fecaes só deixado.  
Sem ter guardador;  
Doei-vos do fado  
Do triste pastor.

*Auto do Dia de Juizo; — Folha volante de 1639.*

---

## FRANCISCO LOPES

### *Romance de Santo Antonio e a Princeza*

Estava el-rei de Leão  
Casado com uma princeza  
De portugueza nação,  
Devota, por portugueza,  
De Antonio, santo varão  
Tinha morta esta rainha  
Uma filha já mulher;  
A qual não pode soffrer  
Que enterrem, como convinha,  
Pelo muito que lhe quer.  
El-rei e toda a mais côrte  
Para a sepultura se ajunta,  
Mas era o amor tão forte,  
Que, tendo a filha defunta,  
Não crê a rainha a morte.  
Tres dias chegou a estar  
A mãe em continuo pranto,  
E a filha sem sepultar,  
Com grande fé no seu Santo,  
Que lh'a hade ressuscitar.  
Erguendo o rosto choroso  
Ao céu com fe verdadeira  
Ao seu Santo glorioso,  
Tão santo e tão poderoso,  
Orava d'esta maneira:

«Já que sois universal  
 Nos milagres que fazeis  
 Por todo o mundo em geral,  
 O remedio não negueis  
 A esta vossa natural.  
 E se é justo que sintaes  
 Esta ausencia tão esquiva,  
 Porque a vida lhe negaes,  
 Dae-me minha filha viva,  
 Pois tantas ressuscitaes.

Inda a rainha não tinha  
 Dita a sua oração santa,  
 Quando Deus ouve a rainha,  
 E Antonio põe a mézinha,  
 Com que a môça se levanta.  
 Porém a infanta amada,  
 Que tornou cá a esta vida  
 Lá da angelica morada,  
 Anojada e offendida  
 Contra a mãe responde irada:

—Perdôe-vos Deus, senhora,  
 Que me tirastes dos céos,  
 Aonde eu estava agora,  
 Porque santo Antonio fôra  
 O que isto pedia a Deus.  
 E Deus como o ama tanto,  
 Porque tanto a Deus amou,  
 Por applacar vosso pranto,  
 D'entre as virgens me tirou  
 Do côro celeste e santo;  
 Porém a bondade immensa  
 Que tudo move e governa,  
 Quinze dias só dispensa



Que esteja em vossa presença,  
E que torne á vida eterna.

Como o divino recado  
Deu a ditosa menina  
Do que Deus tinha ordenado,  
Sendø este tempo acabado  
Subiu á patria divina.

*Santo Antonio, Milagre XXXVI.—Vide Rom.  
Ger. n.º 44. Legitima assimilação popular,  
de 1620.*

---

## FREI RODRIGO DE DEUS

*Hymnos dos Passos da Paixão*  
(1618)

### I

A fortaleza divina  
Grandemente aqui tremeu,  
A alegria dos Anjos  
Muito aqui se entristeceu.

Aos discipulos mandou  
Que o esperassem aqui,  
E vigiassem com elle,  
Emquanto foi orar ali.

Louvado sejaes, Senhor,  
Por o temor que tomastes,  
Pois a vós entristecestes  
E a nós nos alegrastes.

### II

Representa-se o logar  
Onde o Senhor orou,

E por nós se angustiou  
Para nós todos salvar.

Foi mui grande o tormento  
Que apertou seu coração,  
Vendo o pouco sentimento  
Da humana geração.

Porque vendo que bastava  
Para mil mundos remir,  
De sangue uma gota suada,  
Que fariam tantas mil?

Vendo pois que a mais da gente  
Se havia de condemnar,  
Sangue o fazia suar  
O seu amor mui ardente.

Gloria seja ao Padre,  
Gloria ó Filho juntamente,  
Gloria ao Espirito Santo,  
Que é d'ambos procedente.

### III

Vendo o Senhor vir a Judas  
Guiando aquella má gente,  
Lhe sahio ao encontro  
Muito animosamente.

Perguntou-lhes: — Quem buscaes?  
«A Jesu, (elles respondem.)  
Respondeu-lhes: — Eu sou esse. —  
Arremetem e o prendem.

Sejaes, meu Senhor, louvado,,  
Pois movido de amor

Quereis ser aqui atado  
Por soltar o peccador.

## IV

Aqui em este logar  
Respondendo humildemente,  
A' pergunta de Annás  
O feriram cruelmente.

Com bofetada no rosto  
Feriram o Salvador;  
Soffreu com muito gosto  
Por mim grande peccador.

Sejaes, meu Senhor, louvado,  
Pois movido do amor  
Soffreis ser assi tratado  
Por salvar o peccador.

## V

A Caiphás apresentado,  
Por Deus vivo o conjura,  
Que diga se é seu filho;  
Respondeu-lhe com brandura :

—Eu sou o Filho de Deus  
Que vós outros perseguis;  
Vér-me-heis descer dos céos  
Para ser vosso juiz.

«Quem tal blasphemia diz,  
E responde d'esta sorte,  
Condemnado seja á morte  
Pois se faz nosso juiz.

Por tão divina resposta,  
Como se elle blasphemara,  
Arremeteram com elle  
E lhe cuspiram na cara.

Muitas penas padeceu  
N'esta noite tão escura,  
Para nós clara e pura,  
Para elles negro véo,

Louvado sejaes, meu Deus,  
Pois por nós soffreis tal guerra,  
Que sendo juiz dos Céos  
Fostes julgado na terra.

## VI

Primeira vez apresentam  
A Pilatos o Senhor,  
Falsamente o accusam,  
Chamando-lhe enganador.

A Herodes o envia,  
Ouvindo ser galileo ;  
Para d'elle ser julgado  
Como um vassallo seu.

Sejaes, meu Senhor, louvado,  
Pois movido de amor  
Soffreis ser assi tratado  
Por salvar o peccador.

## VII

Aqui foi apresentado  
A Herodes Christo Deus,  
Falsamente accusado  
Dos incredulos Judeus.

Desejava de o vèr  
Por o que d'elle ouvia,  
Não lhe quiz elle dizer  
O que elle saber queria.

Herodes o despresou,  
Pois resposta não lhe deu;  
A Pilatos o tornou  
Vestido como sandeu.

Sejaes, meu Senhor, louvado,  
Pois movido de amor,  
Sois assi tão deshonrado  
Por honrar o peccador.

## VIII

E tornado a Pilatos  
O manssissimo cordeiro,  
Que, sendo Deus verdadeiro,  
O despiram de seus fatos.

Aqui á columna atado  
Por amor dos peccadores,  
Padece Jesu mil dores  
Cruelmente açoutado.

Despois d'em sangue banhado  
E cruelmente ferido,  
E, de purpura vestido,  
E de espinhos coroadado,

Em o seu rosto formoso  
Estão dando bofefadas,  
E mui grandes pescoçadas  
No delicado pescôço.

N'esta horrenda figura  
Lança Pilatos mão d'elle,  
Em voz alta diz a todos:  
«Ecce homo! vós o vede.

Gloria seja a vós, Senhor,  
Porquanto tendes soffrido,  
Por livrar o peccador  
Do inferno merecido,

## IX

Depois de tantos tormentos  
Por nossa causa soffridos,  
Põem aqui pezada Cruz  
Sobre seus hombros feridos.

Com grande amor a abraça  
E vae andando com ella,  
Ao logar da justiça  
Para ser pregado n'ella.

Sejaes, meu senhor, louvado,  
Pois movido de amor,  
Soffreis ser atormentado  
Por livrar o peccador.

## X

Com o grão pezo da Cruz  
Quiz ser Deus enfraquecido;  
E com ella aqui cahido  
Jaz em terra o bom Jesus.

Procuram-no levantar  
Pela corda lhe tirando,  
E em se alevantando  
Parece que quer expirar.

Gloria seja ao Padre,  
Gloria ao Filho juntamente,  
Gloria ao Espirito Santo,  
Que é d'ambos procedente.

## XI

Vindo aqui atormentado  
O Senhor em taes tormentos  
O seu rosto afeiado  
Com escarros mui nojentos.

Com a Cruz ás suas costas,  
E com pezo tão penoso,  
As suas faces formosas  
São tornadas de um leproso.

Em tão horrenda figura,  
Encontra a Virgem Madre  
Ao Filho de Deus Padre,  
Em a rua da Amargura.

Com tal vista de um e d'outro,  
Fica a alma traspassada  
Da espada mui aguda  
No templo prophetisada.

Gloria seja a vos, Sonhor,  
Que encontrando vossa Madre,  
Fostes ferido de dor  
Por nos dardes liberdade.

## XII

Vendo aqui os Judeus  
Que Christo desfalecia,

Com aquella Cruz pezada  
Com a qual já não podia ;

Fazem com o Cireneu  
Que lh'a ajude a levar.  
Grande desejo é o seu  
De o ver n'ella penar.

Gloria seja a voz, Senhor,  
Por quanto tendes soffrido,  
Por livrar o peccador  
Do inferno merecido

## XIII

Aqui, nosso Redemptor  
Chega ensanguentado,  
Tal vem o rosto sagrado  
Que em o vendo faz horror.

Commovida a mulher pia  
Quando o vê assi passar,  
Lhe deu um panno mui limpo  
Para n'elle se limpar.

E se alimpando deixou  
No panno sua figura,  
A qual até hoje dura  
Impressa como ficou.

Gloria seja ao Padre,  
Gloria ao Filho juntamente,  
Gloria ao Espirito Santo  
Que é d'ambos procedente.

## XIV

Em Hierusalem havia  
Uma porta deshonorosa,



Que sómente se abria  
A gente facinorosa.

Judiciaria se chama  
Esta porta tão infame,  
Por ella só se levava  
Por algum crime mui grande.

Por tal julgam nosso Deus,  
Por ella o fazem saír,  
E vendo-o aqui cahir,  
Zombam d'elle os Judeus.

Gloria seja a vós, Senhor,  
Pelas deshonras soffridas,  
Perdoae nossos peccados  
E livrae-nos de cahidas.

## XV

Aqui em este logar  
Vão as mulheres chorando ;  
Diz-lhes o Senhor virando :  
—Por mim não queiraes chorar.

Filhas de Hierusalem,  
Sobre vós mesmas choraes,  
E com dor suspiros dae,  
Por vossos filhos tambem.

Porque são tantos os males  
Que sobre vós hão de vir,  
Que direi : Montes e vales,  
Sobre nós vinde cahir.

Que pois no madeiro verde  
Taes golpes se estão dando,

De seus ficaes julgando  
O que será feito n'elle.

Gloria seja ao Padre,  
Gloria ao Filho igualmente,  
Gloria ao Espirito Santo  
Que é d'ambos procedente.

## XVI

Chegando a este logar  
Do qual sobem ao monte,  
Da fortaleza á fonte  
Já não pode mais andar.

Desfalecido de todo  
Cáe em terra lastimado,  
E com muita crueldade  
É com couces levantado.

Sejaes, meu Senhor, louvado  
Pois sois movido de amor,  
Soffreis assi ser tratado  
Por salvar o peccador.

## XVII

Antes de crucificarem  
O cordeiro innocente,  
Com gram furia o desnúa  
Aquella malvada gente.

O vestido vem pegado  
A carne toda ferida,  
De repente lhe é tirado  
E quasi tambem a vida.

O que veste os céos de luz  
D'estrellas claras ornando,

Despem soldados matando,  
Antes de pregar na cruz.

Quem veste os campos de flores,  
Os jardins de frescas rosas,  
Nu da Cruz está pendendo  
Por vestir os peccadores.

Aqui sobre os seus vestidos  
D'aquelles algozes fortes,  
Foram lançadas as sortes  
E entre si repartidos.

E por tanto, Redemptor,  
Humilmente te pedimos,  
Que pois despido te vimos  
Nos vistas do teu amor.

XVIII -

N'este monte onde estamos  
Expirou o Salvador,  
Morrendo por nosso amor,  
O que mui mal lhe pagamos.

Este logar consagrado  
Foi c'o sangue de Jesus,  
Que encravado nú na Cruz,  
Foi em elle derramado.

Nobre Deus tam deseioso  
De todo o mundo salvar,  
Por seu resgate quiz dar  
O seu sangue precioso.

Pendurado em o lenho  
Grande sêde padecia,

E com grande agonia  
Disse : — Grande sêde tenho.

Estando assim atormentado  
Da cabeça até aos pés,  
Vendo tudo acabado  
Disse :—*Consummatum est.*

Inclinando a cabeça  
Para onde estava a Madre,  
Deu o espirito ao Padre  
Com mui grande fortaleza,

Gloria ao Padre que mandou,  
Ao Filho que obedeceu,  
Ao Espirito que incitou  
A tudo o que padeceu.

*Tratado da Paixão*, 1618. Cap. II: Dos Hymnos  
em Romance, p. 35 a 60.

---

### Trovas de Dom Duardos

(*Seculo XVIII*)

Foy Dom Duardos  
com grão corage  
de amôr selvage,  
comendo pão.

Pois se comesse  
n'esta caterva  
cevada ou herva  
tinha razão.

Foy Dom Duardos  
como era besta  
em tal tollice,  
quiz hortalice,  
fez-se hortelão.

Quer a sua Dama  
huma de nabos,  
outra de rabos  
dar-lhe uma mão.

Como era besta  
homem do diabo,  
se queres tel-a  
chega-te a ella  
c'um beliscão.

Que esta meiguice  
a toda a môça  
lá lhe faz môssa  
No coração.

Homem do diabo,  
não sejas tolo,  
toma um conselho  
de pèrro velho,  
da-lhe um tostão.

Que com dinheiro  
inda a mais guapa,  
nunca se escapa,  
vem logo á mão.

Não sejas tolo,  
já que és fidalgo,  
mostra com gala  
que não te eguala  
O Tamerlão.

Mas o basbaque  
asno da gêma,  
piza o diadema,  
faz-se villão.

Já que és fidalgo,  
Sê Dom Duardos;  
disserem todos  
por varios modos  
que é toleirão.

Eu direy sempre  
 que esta façanha  
 posta em campanha  
 foy grande acção.

*Papeis varios, fl. 65. Collecção da Academia.*

### THOMAZ PINTO BRANDAO

*Despedida d'um Marujo em estylo e giria d'alfamista*

Nas praias que o Tejo banha,  
 D'onde a maré lança o cisco,  
 Se despediu um marujo  
 De huma Cloris de cachimbo.

Ella de mãos nas ilhargas,  
 Elle de chapéo cahido,  
 A qualquer lhe acode o chôro  
 E ambos provocão a riso.

Vendo ella que elle se parte,  
 (Que bem merece partido.)  
 Já como quem se despede,  
 Lhe falla por este estylo:

«He *possivli* que te apartes  
 D'este coração *afrito*?  
 Mal haja quem faz *incesios*  
 Por nenhum homem *marinho*!

*Desne* que sei que *t'alzentas*  
 Choram *meis* olhos *infindo*  
 Com mais *prúveças* correntes,  
 Que o chafariz do *Rechio*.

Se *desne* cando *t'amê*,  
 Tal *avera* conhecido,

Esta *vinorica* alegre  
Ninguem *m'avera* ter visto.

*Cantas razaens* se me vem  
De *sahuidade* as não digo,  
Que as minhas *safocaçoens*  
Nas minhas *queixas fravico*.

O' *Manel*, vais para bordo?  
Coitado do *provisinho!*  
Criaram-te para *Crelgo*,  
E vens a ser *pelingrino*.

Deus te leve a *Fernambuco*,  
Que eu cá ficarey pedindo  
Que *infundas facilidades*  
Te conceda o Céu *prospicio*.

E que venhas para o anno  
Tão *apoquentado* e rico,  
C'o *Rey de Divina marca*  
Não possa *ugalhar* contigo.

Bem pódes dar *Creto a canto*  
N'esta *incagião pruvico*,  
Não cuides que são *lijunjas*  
Os *socates* que te digo.

Vae, que eu cá *martelizada*  
De *tromentos incessivos*,  
Chorarei tuas *mimorias*  
Sem o mais *inimo* alivio.

Sendo esta cara huma *umage*,  
Creio que hasde achar-me em vindo  
Huma *estatula* da morte,  
Hum *escaraleta* vivo.

Tu lá lograrás mil *glorias*  
 E com razão o *considro*,  
 Que na materia de *estremes*  
 Sempre *luvarei os vitros.*»

Aqui chegava da môça  
 O queixume repetido,  
 Quando elle por esta fraze  
 Lhe responde eguaes delirios:

— Já que quiz minha *disgracia*  
 Que d'esses *luxios* divinos  
 Eu mesmo vá dando ás *trancas*,  
 Sem que fique aqui *morrido*.

Mal haja quem não *fizer*  
 Na náó algum desatino;  
 Mas que me leve o *diacho*  
 Por esses mares de *Christo*.

Que vou tão *disinspirado*,  
 Que a não ter d'outrem motivo  
 Inda que eu fora *mey pae*  
 Brigara eu mesmo comigo.

Vou-me eu, bem sei porquê;  
 Senão: porém eu t'ó digo:  
 Porque metto a mão no *golpe*  
 E não *saco* nenhum *gimbo*.

Se eu *criára* o *grão*, a *roda*,  
 A *cheta*, quando é preciso  
 Comprar no estanque o *fumelio*,  
 Pagar na *baiúca* o *pio*:

Se eu *lovera* para o *vulto*  
 A *rede*, se o *gabio* fino.



Para a *bolla*, para as *gambias*  
A meia, e o *caldo* polido:

Se eu *tovera* cada vez  
Que *quijera*, tudo isto,  
*Má ochas* que eu de *Lisbeo*  
Abalara c'os *cachimdos*.

E *má ochas* que eu deixára  
*Augêto* tão *pelingrino*,  
Por quem vivo *marabundio*,  
Por quem ando *enfinicido*.



§ II—*Romances anonymos contrafazendo  
o gosto popular.*

**Decima da Obra do Firmamento**

*(Versão do Rio de Janeiro)*

Quando o Senhor formou  
A Obra do firmamento,  
Obra de tanto talento  
E juizo ;  
Formou tambem um Paraíso,  
De arvores e flores composto,  
Tudo de summo gosto  
E perfeição.  
E para guarda fez Adão,  
E de sua cósta a mulher ;  
E Deus depois lhe arrefere  
Assim :  
—Fica-te n'este jardim,  
De delicias guarnecido,  
E olha que és o marido  
De Eva.—  
Adão todo se enleva  
Por se vêr acompanhado ;  
Logo foi aconselhado  
Pelo Senhor :

—Tudo fica a teu dispôr,  
 Tudo te hade ter respeito;  
 Porém, guarda o preceito,  
 E escuta:  
 Comerás de toda a fructa,  
 Sem que haja prejuizo;  
 Mas agora é bem preciso  
 Que te explique,  
 Para que em tua memoria fique,  
 E goses com *previnencia*:  
 Só da Arvore da sciencia  
 Do bem e mal.  
 Olha que é culpa mortal  
 Se te tal acontecer...  
 Olha que hasde morrer  
 Na verdade.—  
 A Serpente com maldade  
 Eva foi logo atentar;  
 E ella fácil foi pegar  
 No pòmo;  
 E do qual partiu um gòmo  
 E ao seu marido offereceu;  
 E Adão da fructa comeu  
 Tambem.  
 Ambos equal cūlpa têm,  
 Eva e o seu consorte;  
 Ficaram sujeitos á morte  
 Chorando.  
 Aparece o Senhor bradando:  
 —Adão! onde estás metido?  
 «Senhor, estou escondido  
 Com vergonha.  
 —Oh! que terrivel, medonha,  
 Foi tua culpa commettida!  
 Acabou-se a boa vida  
 Que tivestes.

«Senhor, a mulher que me déstes  
Cá me veiu enganar . . .

—Vem cá, oh Eva, explicar  
De repente.

—«Senhor, a maldita serpente  
De certo me enganou!»—  
E o Senhor por ella bradou  
Devéras :

—Oh maldita entre as feras!  
Eu te deito a maldição . . .  
Andarás tu pelo chão  
De rastoés,

Comendo hervas e pastos,  
E a terra para alimento ;  
Ella será teu sustento,  
Malvada !

Tu, Adão, com tua enxada  
A terra cultivarás ;  
E tu, Eva, parirás  
Com dôr.

Nada fica a teu favor,  
Já que a vontade fizeste :  
Assim perdeste o celeste  
Agasalho.

Tu, Adão, com teu trabalho  
Ganharás para comer,  
E Eva te hade obedecer,  
A rasão direita.

Aqui ficarás sujeita ;  
Tu, Adão, a dominarás,  
E te multiplicarás  
Com ella. —

Perderam, pois, a capella  
Que o Senhor lhe houve guardado,  
Tudo causa do peccado  
Horrendo.

Alli ficaram vivendo  
E o seu peccado chorando,  
Ambos supplicando  
Perdão.

Aqui abateram então.  
Logo Eva concebeu,  
Foi quando o Senhor lhe deu  
Caím.

Este foi um filho ruim,  
Muito tyranno e cruel;  
Ao depois lhe deu Abel,  
Pastor.

Este foi um resplendor  
De voto e de castidade;  
Porém Caim com falsidade  
O matou.

E o Senhor p'ra elle olhou,  
Depois que elle fez o mal,  
Pondo-lhe logo um signal  
De preto.

Portanto, ficou sujeito  
A eterna escuridão,  
Negro como um tição  
De lume.

Acabou-se-lhe o ciume  
Qu' tinha com seu irmão;  
E augmentou-se a geração  
Dos peccadores.

E já isto, meus senhores,  
Tem durado de tal sorte  
Que só finda quando o Morte  
Vem!

Ella não respeita a ninguem,  
Leva a todos por parelho,  
Nós temos bem o espelho  
À vista,

Não ha pessoa que resista  
Nem o mesmô Padre santo,  
Que ella leva a quanto  
Tópa.

Todos que estão na Europa,  
As mesmas pessoas reaes,  
Os bispos e cardeaes  
Vae levando.

E tambem de quando em quando  
Reis, principes e monarchas,  
Até mesmo os patriarches  
Levou.

Pois um Deus que nos creou  
Quiz pela morte passar,  
Como havemos de escapar  
À espada?

Ella é certa e pouco esp'rada,  
Da morte tudo se esquece;  
Mas por fim tudo padece  
Este lance.

Todos passamos o transe  
Da morte com affeições,  
Que os mais santos corações  
Paderam.

Aquelles perfeitos morreram:  
Em viso de santidade,  
Um Lamé, um na verdade  
Que é:

O pae do grande Noé,  
Um Abrahão glorioso,  
Seu filho prodigioso  
Isaac;  
Os habitantes de Israc,  
Paes e irmãos de Ludim,  
Aquelle Labal Caim  
Trabalhador;

Um Nabucodonosor,  
Mais aquelle santo Job.  
Um admiravel Jacob  
De Israel ;  
Adão; seu filho Ijabel,  
O grande Melchisedeque,  
E aquelle bom Ab-Melcque  
Rei !

E eu isto tudo direi,  
Certifico e assim é :  
Lá tambem morreu José  
No Egypto.

Tudo isto está escripto,  
E nada póde faltar :  
Tambem morreu Putifar  
Sacerdote.

Morreu aquelle justo Loth,  
E tudo que era égyptano,  
Morreu o rei soberano  
Pharaó.

E não foram esses só :  
Tambem morreu Batuel,  
Agar, mais Ismael,  
Seu filho.

De nada eu me maravilho :  
Tambem morrou Izacar,  
E o seu filho Soar  
Tambem ;

Filhos, irmãos de Rubem,  
Os moradores de Babel,  
E os fundadores de Betel  
Passaram.

Nenhuns do transe escaparam  
Da vil morte com destreza...  
Ella vem com subtileza  
E mata.



Segundo a Escrip̃tura relata,  
De certo que a ninguem perdõa :  
Leva o sceptro e leva a corõa,  
E tudo mais.

Não respeita cabedaes,  
Tudo leva por equal,  
Tambem leva o general  
E o brigadeiro.

E morre quem tem dinheiro,  
P'r'a morte não ha penhor ;  
Tambem morre o governador  
Na praça.

Morre tudo quanto passa  
Esta vida com rigores :  
Morrem padres, confessores,  
Que estão

Lá em sua religiãõ,  
Orando a San Miguel ;  
Tambem morre o coronel  
Do regimento ;

Morrem alferes, sargento,  
O soldado e o capitão ;  
Morrem aquelles que estão  
Na enxovia.

Morre todo a fidalguia ;  
Morre o pobre e o abonado,  
E o ser muito endinheirado  
Não faz ;

Morre o velho e o rapaz ;  
Morre tudo sem remissãõ ;  
Tambem morre o guardião  
No convento:

Morrem no acampamento  
Tambores e mais soldados ;  
Morre nos mares salgados  
Marinheiro ;

Tambem morre o escudeiro,  
O medico e o *surgião*;  
Tambem morre o escrivão  
E o juiz.

Segundo a Escripura diz,  
Só dois foram escapados,  
Elias e Enoc chamados  
De certo.

Têm morrido no deserto  
Aquelles santos levitas,  
E o povo do israelitas  
Falece.

A morte ninguem conhece:  
Morreu o sabio Salomão  
E o valoroso Sansão  
Gigante;

Morre o leigo e o estudante,  
Tambem morre o embaixador;  
Morre aquelle lavrador  
Que anda

De uma para outra banda  
A sua vida girando,  
De modo que vá ganhando  
P'ra passar,

Sem a morte lhe lembrar;  
E ella já batendo á porta,  
Que de repente lhe bota  
A mão.

Muitos leva sem confissão,  
Pois isto me faz tremer,  
Vendo podermos morrer  
Sem sacramento.

Nem signaes de arrependimento,  
Sendo a morte de repente...  
Pois valei-me, omnipotente  
Deus.

Tudo são peccados meus  
De que eu tenho de dar conta  
A Deus, e sempre com prompta  
Vontade.

Pois Deus é de piedade;  
Aquelle doce Jesus,  
Está c'os braços na cruz  
- Pregados!

Tudo por nossos peccados  
Padeceu morte e paixão;  
E nós com ingratição  
O tratamos!

Assim é que lhe pagamos  
Todo o bem que elle nos faz;  
Mas, lá no *Val de Josaphaz*  
Verêmos

As contas que cada um demos,  
Lá no dia universal,  
Quando o Senhor der a final  
Sentença.

Os bons com gloria immensa,  
E os máos sentenciados,  
Para serem abraçados  
No inferno!

Eú peço ao Padre Eterno...  
Valha-me todo o christão  
N'esse dia de afflicção  
E amarguras.

Abriam-se as sepulturas  
C'os corpos resuscitados,  
Sendo de novo formados  
Como d'antes!

E as boas obras brilhantes  
Na presença do Salvador;  
E os máos serão com rigor  
Tratados.

Ali darão, Senhor, brados,  
Bradando só por Elias,  
Segundo as prophcias  
Resam.

Ali verêmos como pezam  
Boas obras que fizemos,  
E os peccados que commettemos  
N'esta vida.

Mas oh! que terrivel lida!  
Oh, que cegueira fatal!  
Sendo este mundo um val  
De enganos!

Vive um homem tantos annos  
N'esta vida engolfado,  
Muitas vezes só obrigado  
Se confessa.

Não se lhe dá que se esqueça  
D'aquella santa doutrina,  
Que a egreja sempre ensina  
Aos fieis.

São os homens tão crueis...  
Só se enlevam em modiças...  
Só ouvem algumas missas  
Por comprazer.

Às vezes vão lá p'ra ver  
Moças da sua affeição,  
Se levam trajo ou não  
A seu gosto.

Se levam lenço hem posto,  
Boa meia e bom sapato,  
Se tem capote e mais fato  
À moda.

E outros metem-se na roda,  
Que estão de quando em quando,  
E vão sempre murmurando  
Dos mais.

Vão os filhos com os paes  
Beber vinho a uma adega,  
Se o dinheiro lhes não chega  
Pedem fiados.

'Stando os paes embebedados  
Dizem, a cambalear,  
Aos filhos: — Vamos jogar  
Ao vento.

Oh, que máo *educamento!*  
Oh, que triste criação!  
Eis porque os filhos são  
Malcreados.

Mas se estes são casados,  
Têm filhos p'ra governar,  
Têm-lhes por certo a faltar  
Co' o sustento.

Tudo serve de tormento  
A's mulheres, se são honradas,  
Muitas vezes já cansadas  
De bradar.

Apparece para o jantar,  
Sabe Deus quando Deus quer,  
Uma côdea p'r'a mulher,  
Se lh'a dão.

Os maridos, sem discrição,  
As levam aos encontrões,  
Quando não lhes dão bofetões  
Pela cara.

Amigo do jogo, repara,  
Mette a mão n'este painel,  
E recolhe-te ao quartel  
Da saude.

E pede a Deus que te mude  
Essa terrivel cegueira,  
Que é saude p'r'a algibeira  
Do cobre.

Tudo que a mão descobre,  
E esse vicio infernal,  
Fazem perder o signal  
Do céo.

Isto vae de déu em déu,  
E assim domingos passamos,  
De modo que sempre buscamos  
Divertimentos.

Vae-se tempo e sentimentos  
Nos dias santificados,  
Que Deus deixou destinados  
P'r'o descanso.

P'ra adorar o cordeiro manso  
Na sua santa egreja ;  
Mas a ira de Deus peleja,  
Com rasão,

Contra a pouca devoção  
Que tem á casa sagrada ;  
Tanto monta como nada  
Resar.

Não pôde a Deus agradar  
Esta pouca *desciencia* :  
Devemos com reverencia  
Adoral-o.

Devemos todos abraçal-o  
E a seu santos mandamentos,  
P'ra livrar-nos dos tormentos  
Que passou.

P'lo sangue que derramou  
Pela rua da Amargura,  
Tudo para a creatura  
Remir.

Devemos todos pedir  
Á virgem Nossa Senhora,  
Seja a nossa protectora  
Em morrendo ;

Emquanto fôrmos vivendo  
 N'este mundo desgraçado,  
 Tenha sempre o seu cuidado  
 Em nós.

Pois ouvi, Senhor, a voz  
 D'este vosso filho ingrato,  
 Cuja ingratição relato  
 Agora!

Valei-me n'aquella hora  
 Da morte que hade chegar,  
 Valei-me em quanto viver,  
 Valei-me depois de morrer,  
 E esta vida findar.



### Romance da Moira Encantada

*(Versão do Algarve)*

Meia noite alem resôa  
 Cerca das ribas do mar,  
 Meia noite já é dada.  
 E o povo ainda a folgar.  
 Em meio de tal folguedo  
 Todos quédam sem fallar,  
 Olhos vltam ao castello  
 Para vêr, para avistar  
 A linda Moira encantada,  
 Que era triste a suspirar.

— Quem se atreve! ai quem se atreve  
 Ir ao castello a trepar,  
 Para vencer lo encanto  
 Que tanto sabe encantar?

Ninguem ha que a tal se atreva,  
 Não ha que em moiras fiar;

Quem lá fosse a taes deshoras  
 Para só desencantar,  
 Grande risco assim corrêra  
 De não mais de lá voltar.

— Ai que linda formosura,  
 Quem a pudera salvar!  
 O alvor dos seus vestidos  
 Tem mais brilho que o luar!  
 Doces, tão doces suspiros,  
 Onde ouvil-os suspirar?

Assim um bom cavalleiro  
 Se estava a delatar,  
 Em amor lhe ardia o peito;  
 Em desejos seu olhar.  
 Tres horas eram passadas  
 N'este continuo anciar;  
 Cavalleiro d'armas brancas  
 Nunca soube arreceiar,  
 Invoca a linda moirinha,  
 Mas não ouve o seu fallar.  
 Nada importa a Dom Ramiro  
 Mais que a moira conquistar.  
 Vae subir por muro acima,  
 Sente os pés a resvalar!  
 Ai que era passada a hora  
 De a poder desencantar.  
 Já la vinha a estrella d'alva  
 Com seus brilhos a raiar.  
 No mais alto do castello  
 Já mal se via alvejar  
 A fina e branca roupagem  
 Da linda filha de Agar.  
 Ao romper do claro dia,  
 Para bem mais se pasmar,



Sahiu do castello uma nuvem,  
Era apenas a pairar ;  
Jurava o povo, jurava  
E teimava em afirmar,  
Que dentro d'aquella nuvem  
Vira a donzella entrar.  
Dom Ramiro de enraivado  
De não poder-lhe chegar,  
D'alli partiu contra os mouros,  
Grande briga vae armar,  
Por fim ganha um bom castello,  
Mas sem moura para amar.

—●—  
**A Pastora**

(*Versão de Tavira — ALGARVE*)

— Que fazeis aqui, senhora,  
Tão gentil e delicada,  
Com chapelinho á malteza,  
Sáia de lan recortada ?  
Quem pelos endros da serra  
Anda assim tão bem trajada  
Ou é princeza dos bosques.  
Ou donzella enamorada !  
Dizei, dizei, donzella,  
Onde é vossa albergada ;  
Embora longe ella seja,  
Lá mesmo sereis levada.  
Se pae e mãe inda tendes,  
Elles me darão pousada,  
Que já minh'alma não póde  
Andar de vós apartada !  
Cativaram-me esses olhos  
E as vossas faces ro adas,

Cativaram-me esses olhos  
 E as vossas faces rosadas.  
 Renderam-me os vossos cantos  
 Quando los eu escutava,  
 Junto ás margens da ribeira  
 Em que vos vira ãssentada  
 «Deixae-me, senher, deixae-me  
 Andar só por esta estrada,  
 Que a pastora que aqui vèdes  
 Anda alegre e bem cuidada ;  
 Não é princeza dos bosques,  
 Nem donzella enamorada,  
 Vive feliz sem amores,  
 Com amores não tem nada.  
 Sahi, sahi d'estas selvas  
 Que aqui não achaes pousada . . .  
 —Não me aparto, não, donzella,  
 Antes que venha a alvorada,  
 Já que vos vi tão louçana  
 Haveis de ser adorada.  
 «Não me enganem vossos olhos,  
 Nem vossas doces palavras ;  
 Amor assim não se cria  
 N'uma hora tão minguada,  
 Ai, não vos quedeis, senhor,  
 Vos rogo por vossa alma.

A donzella assim pedia,  
 E a pedir bem que chorava !  
 Rendida, já tão rendida  
 Estava a triste, coitada.  
 Cavalleiro que isto ouvia,  
 Não mais que suspiros dava,  
 Até que mais não podendo  
 Em seus braços a estreitava.  
 Já não resiste a donzella,

## O Paladim cativo

(Versão do Algarve)

Sendo em terra de Moirama  
Surprehendido um paladim,  
Como escravo foi levado  
Ao nobre Miramolim.  
Tinha o rei moiro uma filha  
Mais alva que um jasmim,  
Lindos eram os seus olhos,  
O seu corpo mui gentil.  
Certo dia olha Celima  
Para as torres de Safim;  
Viu estar o pobre escravo  
Pensativo andando ali.  
O que n'alma ella sentira,  
Bem o quizera encobrir!  
Chorava a triste, chorava,  
Que se não podia ouvir.  
Desde então seus passatempos  
Não a pódem distraír,  
Que lá estão seus amores  
Que tanto a fazem sentir!  
Sobre as torres do castello  
Passa os dias té ao fim,  
Para vêr o pobre escravo  
Trabalhando no jardim.  
A princeza mais não póde  
Sua paixão comprimir;  
Quanto amor sente em seu peito  
Ao christão vae descobrir;  
Porèm elle não responde,  
A' princeza nada diz,  
Recorda só os amores  
Que tinha no seu paiz.

Que não vens matar saudades  
Que me cá deixaste n'alma?

Onde estão esses teus olhos,  
Onde está tua palavra,  
Que juraste ser voltado  
Logo ao raiar d'alvorada?

Ái pobre da minha vida,  
Ái pobre de mim, coitada!  
Mal começo a ter amores,  
Eis-me triste e desgraçada! —

Junto de uma alfarrobeira  
O pèrro villão estava;  
Quantas magoas mais ouvia,  
Bem mais elle se enraivava.  
Amava elle a pastora,  
E como ella o não amava,  
Por vingar-se d'elle e d'ella  
Esta nova assim lhe dava:

— Senhora, minha senhora,  
Por que estaes tão magoada?  
Se choraes só pela rosa  
Que ha pouco vos foi roubada,  
Eil-a aqui! no vosso peito  
Seja de novo guardada.  
Cavalleiro que a roubou,  
Já com a vida a pagara;  
Mal lhe tocou este ferro,  
Logo em terra se quedara.

Ella ouvindo uma tal nova,  
Quer fallar, porém não falla,  
Foge-lhe a luz d'ante os olhos,  
Dá-se em terra desmaiada.  
O villão que assim a víra

Jurou de não mais amal-a;  
 Como em signal de desprêso,  
 Eil-o que vae de abalada,  
 Deixando-lhe sobre o peito  
 A rosa, mas desfolhada...

Dizem que a triste donzella  
 Por morta logo ficara,  
 E que passado algum tempo  
 Mesmo alli a soterraram;  
 Que sobre a cova nascera  
 Uma roseira encarnada,  
 E que as rosas, que eram muitas,  
 Toda a serra perfumavam.

*Romanceiro do Algarve, p. 143.*

—●—  
**A Ausencia**

*(Versão do Algarve)*

Triste era um cavalleiro,  
 Mais triste ser não podia;  
 Quêdo estava ao pé do mar  
 Assentado em pedra fria;  
 Com lagrimas e suspiros  
 Amargamente dizia:

—D'estas praias arenosas  
 Vi fugir mínha alegria,  
 Quando as fontes do meu pranto  
 Vos perderam tão asinha!  
 Que força pôde apartar-me  
 De vêr-vos, senhora minha?  
 Como eu hoje vivo ausente  
 De quem tanto me queria!

Ausente de mim estaes,  
Não da minha fantasia;  
Com os olhos de minh'alma.  
Vos contemplo noite e dia;  
Com estes que me não vêdes  
Chóro eu a flor da vida,  
Que no mar da desventura  
Vae sem rumo, já perdida!  
Ái, ausencia! triste ausencia,  
Meu pesar, minha agonia,  
Porque o meu amor me escondes,  
Que o não vejo onde soía?  
Mal haja tão negra ausencia,  
E mais esta pena minha,  
Que me faz camanha magoa,  
Camanha merencoria,  
Que tão longe me detém  
De quem tanto vêr queria!  
Dizem que ausencia é menor  
Quando amor não tem valia,  
Mas este amor de minh'alma  
Me cresce de dia em dia,  
E com elle meus cuidados,  
E um pesar que não havia.  
Hoje tenho só tristeza  
Onde só tinha alegria;  
Descanço já não conheço;  
Descançar não saberia;  
Esperança se a tivéra,  
Eu ainda viveria.  
Tudo se me acaba agora,  
Menos vida tão mofina.  
Que mais perderei, senhora,  
A não ser esta existencia,  
Que longe de vós não é,  
Não é, não póde ser vida?

Dizem que o bom cavalleiro  
Na viola assim tangia,  
E que ao longe humana voz  
A tudo lhe respondia,  
Olhava o triste coitado,  
Suspirava, e nada via,  
A não ser o rijo mar  
Que contra a terra se abria.

*Romanceiro do Algarve, p. 150.*

---

### A Captiva

*(Versão do Algarve)*

— Eu na terra fui gerada,  
Nas ondas do mar nascida,  
Do meu triste nascimento  
Minha mãe foi falecida.  
A mim para me criarem  
A Italia me levariam;  
A ama que me criou,  
Oh, que bem que me queria!  
Commigo estava ella sempre,  
De ao pé de mim não saía;  
Chamava á luz dos meus olhos  
A luz do seu claro dia.  
De tudo ella me ensinava,  
Que de tudo bem sabia;  
A educar me mandara  
Nas escolas de harmonia.  
Ao cabo de sete annos  
Era a triste falecida.  
Coitada de mim, coitada,  
Que para sempre a perdia,  
Que tão môça em terra alheia,  
Tão sósinha que me via!

Eu por minha devoção  
A' cova resar-lhe-ia;  
Alli lhe prantava flores,  
De suspiros a cobria;  
As lagrimas dos meus olhos,  
Olhos que eram o seu dia,  
Sem que detel-as pudesse,  
Aquella terra bebia!  
A filha do senador,  
Que amisade me fingia,  
A um escravo promettera  
Sua carta de alforria,  
Se me elle degolara  
Quando eu a resar ía.  
À sombra do cemiterio  
O negro me apparecia;  
Olhava-me elle de longe,  
Que ao perto não se atrevia;  
Um dia quiz degolar-me,  
Mas eu d'elle me fugia;  
Junto ao rei de Babylonia,  
Que uma estatua alli havia,  
Por uns moiros que espreitavam  
Muito bem fui soccorrida ;  
O que me então cativara  
Mais que todos me queria,  
De amor elle me fallava,  
Mas eu não lhe respondia.  
O negro alli mataram,  
Morto alli se quedaria;  
Cativa então me levaram  
Mais ao pranto que eu vertia.  
Captivaram me esses moiros  
Para lhes ganhar a vida,  
Cuidando que eu a ganhasse  
Como mulher já perdida.



Instrumentos eu quizera,  
Que assim bem a ganharia.  
Commigo elles caminhavam,  
Commigo elles percorriam,  
Tangendo minha viola,  
Tristes cantos repetia;  
Minha ama me lembrava,  
Só por ella eu cantaria!  
N'uma linda caravella  
Sobre o mar meu pae corria;  
Em toda Italia o mesquinho  
A procurar-me andaria,  
Sabendo o meu cativeiro  
N'outros mares descorria;  
Dia e noite navegava  
Nas costas de Berberia.  
Lá da sua caravella  
O nome só eu sabia;  
A minha ama, coitada,  
Quantas vezes m'o dizia!  
A caravella chegava  
As areias de Tarifa:  
Alli me levam os moiros  
A pensar que ganhariam.

—Abre-me a porta, meu pae,  
Que hoje acaba a tua lida,  
Abre tambem os teus braços,  
Que aqui tens a tua filha!  
«Ha sete annos que andava  
Sem saber de ti, mi vida;  
Aqui tens estes meus braços,  
Filha de mim tão querida!

Os moirinhos que tal ouvem,  
Eil-os que vão de fugida.

*Romanceiro do Algarve*, p. 60.

## A Serrana

(*Versão do Algarve*)

Ao campo se vae Jacintha,  
Manhanita de San'João,  
Com seu borzeguim de seda,  
E sáia côr de limão.  
Para a vêr se erguera o sol,  
As aves cantando vão;  
Jacintha, a flor das campinas,  
Sobre as flores corre a mão;  
Uma capella tecera  
Das capellas-de-San'João,  
Da cheirosa madre-silva,  
Da verde murta em botão.  
Não ha vêr melhor beldade,  
Não ha vêr outro condão;  
Mais formosa que Jacintha  
Outras formosas não são!  
Em bailes começa o dia,  
Todos correm á funcção;  
A villã deixa a cabana,  
A fidalga o seu balcão;  
De amores todas se tocam  
Nos requebros que se dão.  
Porèm nenhuma aldeana  
Inventa melhor canção:  
Ao som da sua guitarra,  
Que ternos amores vão!  
Aquelles sons maviosos  
Todos diziam paixão!  
Ninguem sabe se Jacintha,  
A folgar por San'João,  
Da guitarra as cordas fere  
Ou se as do seu coração!

Os festeiros que a rodeiam  
Por ella morrendo estão,  
Todos lhe deitam cantigas,  
Ella a todos dá demão;  
Para os bem desenganar  
Canta os versos que aqui vão:

—Tenho o meu amor ausente  
Nos campos de Marzagão;  
Aqui só tenho saudades  
Onde eu tinha o coração;  
Outros amores não quero,  
Que os meus amores virão!

Cantava a linda serrana  
Estas fallas, e maia não;  
Uma voz lhe respondera  
Com fingida discrição:

«Os teus amores não voltam,  
Cativos elles estão;  
Lá nos campos da Moirama  
Os moiros los matarão.

Treme Jacintha escutando  
Este funesto pregão,  
Sua mão era gelada,  
Sente apertal-a outra mão;  
Vae erguer seus lindos olhos  
Eis que dá com Dom Beltrão,  
Que vinha de matar moiros  
Dos campos de Mazagão.  
A alegria que elle teve  
Nem seus labios o dirão!  
Assim se acaba a Jacintha  
Este dia de San João.

*Romanceiro do Algarve*, p. 121.

## Os Calvos

(*Versão do Algarve*)

Mães, que tendes vossas filhas,  
Assim Deus vos dê ventura!  
Não lhes deis maridos calvos,  
Se lhes quereis dar fortuna.  
Ai pobre de mim, coitada,  
Que me casei ás escuras  
Com um capão de cabeça,  
Desbarbado até á nuca!  
Mães, casae as vossas filhas,  
Mas não lhes deis amarguras;  
Para com calvos casal-as,  
Melhor é vê-las defuntas.  
Ponde em mim os vossos olhos,  
Se entendeis minha tristura.  
Sem ser turca me casaram  
Com homem de meia lua!  
Ha calvas de *mappa-mundi*,  
Que só com linhas se cruzam,  
Com zonas e parallelos,  
Com cidades e com ruas.  
Deus nos livre de taes calvas,  
D'essas nefandas planuras,  
Que nos fazem parecer  
Mancêbas de padre-cura!  
Ai, fugí, fugí, meninas,  
D'esses depennados Judas,  
Que nos dão cruz e calvario  
Em vez de nos dar venturas.  
Se o marido já vem calvo  
E a bola nos traz madura,  
Ai, como, minha menina,  
Como fazer-lhe a tonsura.

*Romanceiro do Algarve*, p. 195.

## Estoria do Boi bragado

*(Versão da ilha da Madeira)*

Era um rico senhor,  
De mui nobre fidalguia;  
Grandes honras, muitas terras,  
No meio d'ellas vivia.  
Se guerras se pregoavam,  
De tudo mais se esquecia:  
Mas se não andava em guerra,  
Ai mulheres, ai vilania!  
A todas elle lograva,  
Com todas se divertia,  
Que, no azar de seus jogos,  
Como senhor, não perdia.  
Uma quintã elle tinha,  
Sua coutada baldia;  
Dos creados que lá eram  
A um mais que todos qu'ria,  
Tão fiel, com ser malato,  
Que nem zombando mentia.  
Nos gados que este guardava  
Um boi bragado havia,  
Que fizera sete mortes,  
Que, de bravo, nem dormia;  
Lo melhor boi da manada,  
Que seu amo não vendia  
Nem por tanto do dinheiro  
Que la herdade valia.  
Pois teve má fim lo boi,  
Como ninguem cuidaria.

Um villão de por 'lli perto,  
Que abastado vivia,  
Só por abastado ser,

Lo senhor lo acolhia,  
 Só p'ra chacotear d'elle,  
 Que p'ra mais lo não qu'ria:

- Villão ruim, nada vales,  
 (Lo fidalgo lhe dizia);  
 Esse malato do gado  
 Tem muito maior valia;  
 Tu mentes, por condição,  
 Elle nunca mentiria.  
 «Apósto que mentirá  
 Antes que passe outro dia.
- «Apósto minha quintã  
 Mail la coutada baldia,  
 Que meu malato fiel  
 A mim não me enganaria.
- «Eu apósto quanto tenho;  
 Vamol-o vèr, senhoria.
- Apostado, apostado,  
 Vamol-lo vèr, villania.

Lo villão, todo sanhudo,  
 A sua casa corria;  
 Cuidando pollo caminho  
 Por que traças ganharia;  
 E, logo que lá chegou,  
 Tudo á mulher dizia:

- «Mulher minha, bem lo vès  
 Este caso apressado;  
 Vae-me ganhar esta apósta  
 De lanço afortunado.  
 Lo malato da quintã  
 Tem um boi a seu cuidado,  
 Lo melhor boi da manada,  
 Boi que é de côr bragado;

Que fizera sete mortes,  
 De bravo, sempre acordado;  
 Que seu amo não vendia  
 Por quanto dinheiro contado.  
 A' quintã vae-me n'esta hora  
 Dar conta do meu recado.  
 Por ti lo malato seja  
 A modo bem conversado  
 Que, morto lo boi, te dê  
 Los chavêlhos do bragado.  
 — «Descança, marido meu,  
 Darei conta do recado:  
 De conversa e chavêlhos  
 Isso fica a meu cuidado.

Suas rasões bem sabe ella  
 Por que falla assegurado;  
 Malato, quando la via,  
 Olhava embasbacado;  
 Ella de lo vêr gostava,  
 Por ser bem posto malato.  
 Foi lo marido com ella  
 'Té á quintã ser chegado;  
 Ella polla quintã dentro.  
 Elle p'ra casa voltado.  
 Lo malato, que la avista,  
 Fica de côr demudado;

= «Vós, senhora, por aqui,  
 Tão longe de povoado?  
 — «Venho-te pedir-te um favor,  
 Meu malato estimado.  
 = «Que poderei eu fazer  
 Que vos possa ser de grado?  
 — «Malatinho, eu te peço  
 Los chavêlhos do bragado.

- «Ái, amor, não póde ser!  
 É lo melhor boi do gado;  
 Lo mais qu'rido de meu amo,  
 E posto a meu cuidado.
- «Dize-lhe tu que morreu  
 De quebranto ou de olhado.
- «Eu a meu amo não minto,  
 Nem mato lo boi bragado,  
 Que nunca por mim 'tè'gora  
 Foi meu amo enganado.
- «Malato dos meus peccados,  
 Se queres ser meu amado,  
 Dá-me tu lo que eu te peço,  
 Lo que peças terás dado.
- «E se eu vos pedir, senhora,  
 Lo que quer um namorado?
- «Dá-me tu lo que te eu peço,  
 Que terás lo desejado.

Não passava uma hora,  
 Morto foi lo boi bragado;  
 Lo que depois succedeu  
 Não lo sei p'ra ser contado;  
 Não sei dizer lo que foi,  
 Nem que tempo foi passado;  
 Sei que ella levou comsigo  
 Los chavêlhos do bragado,  
 E, dando-los ao marido,  
 Deu conta do seu recado.

- «Marido de meus peccados,  
 Morto esta lo boi bragado;  
 P'ra tão bons chavêlhos teres  
 Foi trabalho porfiado.
- «Mas trabalho, mulher minha,  
 Trabalho bem acabado.



—«Fiz diligencia, marido,  
 Dar conta do meu recado.  
 «Lo malato, que não mente,  
 Agora está apanhado;  
 La verdade não dirá,  
 E ganhei lo apostado.

Entrementes, na quintã,  
 Malato sem socegar,  
 Como peccador na culpa  
 Que não póde resgatar:

==«Tenho que ir onde meu amo,  
 A seus mandados tomar;  
 Mas que lhê vou eu dizer  
 Quando do boi me fallar?  
 Eu digo:—«*Lo boi morreu  
 De quebranto ou d'olhar.*»

E, páo de conto na mão,  
 Prestes vae a caminhar;  
 Mas de pernas a tremer,  
 Passada não póde dar:

==«Esta mentira não presta;  
 Outra melhor hei de achar.

E, então, tomou do páo,  
 Foi-lo na terra fincar:

==«Faço conta qu'ê meu amo,  
 Aqui, em pé, a fallar;  
 —*Como está meu boi bragado?*

(Meu amo vem perguntar).  
 Eu digo: ==«*Não sei do boi.*  
 E nada mais vou contar.  
 Mas esta também não presta::  
 Outra melhor hei de achar.

N'isto, duas voltas deu,  
E tornou a começar:

— *Como está meu boi bragado?*  
(Meu amo vem perguntar).  
Eu digo: = *Lo boi morreu.*  
E nada mais vou contar.  
Mas esta também não presta;  
Outra melhor hei de achar.

E mais duas voltas dando,  
Elle torna a começar:

— *Como está meu boi bragado?*  
(Meu amo vem perguntar).  
Eu digo: = *Cuidae, meu amo,*  
(Não será falso cuidar)  
*Que boa môça me veiu*  
*Com seus encantos tentar;*  
*Que, se do boi los chavêlhos*  
*Eu alli lhe fosse dar,*  
*De tudo que eu lhe pedisse*  
*Nada me haverá negar.*  
*E, meu amo, dixei cá,*  
*Fôra-vos ella rogar,*  
*Quantos chavêlhos de boi*  
*Lhe mandaríeis vós dar?*  
Esta sim, boa resposta;  
Sem á verdade faltar.

E, páo de conto na mão,  
Malato a caminhar.  
Quando lo bom do malato  
Portão do amo entrava,  
Já lo ruim do villão  
Já de mais cedo lá estava,  
E, todo elle alegria,

Escondido lo esperava;  
 Seu amo, sem mal cuidar,  
 Tambem por alli andava,  
 E, quando lo vê, pergunta:  
 Boi bragado como estava?

Lo malato respondeu,  
 Lo villão a escuitar:

—«Cuidae vós, senhor meu amo,  
 (E não é falso cuidar)  
 Que boa môça me veiu  
 Com seus encantos tentar;  
 Que, se do boi los chavêlhos  
 Eu alli lhe fosse dar,  
 De tudo que eu lhe pedisse  
 Nada me havéra negar.  
 E, meu amo, dizei cá,  
 Fôra-vos ella rogar,  
 Quantos chavêlhos de boi  
 Vós lhe mandarieis dar?  
 —Daria, mais que daria!  
 Não precisa perguntar.

Lo fidalgo respondendo,  
 Redobrava a gargaihar.  
 Mas lo máo villão ruim  
 Do malato praguejava;  
 A trôco dos bens perdidos,  
 Com dois chavêlhos ficava.

*Romanceiro do Archipelago da Madeira, p. 273.*

## Lo Mestre de solfa

(*Versão da Ilha da Madeira*)

Um devoto mercador,  
Surdo a mais não poder,  
Uma só filha que tinha  
A freira la quiz metter.  
Mas outros contas fez ella  
No regra do seu viver:  
Com maestr' Affonso, solfista,  
Casada veiu a ser.

- Ai filha! (seu pae lhe disse)  
Já pouco posso viver;  
Quero-te freira professa,  
P'ra socegado morrer.  
«Valha-vos Deus, senhor pae,  
Que muito heis de viver,  
E em vez de ser professa,  
Casada eu quero ser.  
—Tu quiseras-te casada!  
Ou que estás 'hi a dizer?  
Passarem meus bens a outrem!  
Puzéra tudo a arder.

N'um instante ella pensou  
Sua meada tecer:

«Lo qu'eu disse não foi isso,  
Que não sou louca mulher.  
Eu disse: Valha-vos Deus,  
Que muito heis de viver;  
E eu, em vez de professa,  
Casada não quero ser.  
No mosteiro de meus sonhos  
Estar freira é meu prazer;  
E, para entrar prendada,

Solfas quizera saber :  
 Mandae chamar mestre Affonso,  
 Com quem las hei de aprender ;  
 Santas solfas que elle sabe  
 Tambem eu las hei de lèr.

—Seja como tu lo queres ;  
 La paga ha de apar'cer ;  
 No mosteiro de teus sonhos  
 Professar eu te hei de vèr.  
 Oh preto, vae-me n'um pulo  
 De mestre Affonso saber,  
 Se me ensinar minha filha,  
 Quanto ha de receber ?

«Senhor pae, esse recado  
 Bem lo pode offender ;  
 Em um convite cortez  
 Vós lhe deveis escrever.

—Tens tu rasão, rapariga ;  
 Vou por lettra lhe dizer . . .

«Que venha, (accudiu ella)  
 Tempo não ha que perder,

—Dá-me papel e tinteiro  
 E lo mais que hei de mister :  
 Que venha já hoje aqui,  
 Tempo não ha que perder.

Lo preto foi e voltou  
 Vinha a rir sem se sustèr ;  
 Segredo d'estes amores  
 Farto estava de saber.

—«Lo mestr' Affonso, senhor,  
 'Hi vem já, sem se detèr ;  
 Se bem lo quer la menina,  
 Tambem elle bem lhe quer.

—Oh preto, que dizes tu ?

—«Que mestre Affonso bem quer  
Acudir onde lo chamam;  
Que 'hi vem já sem se detèr.

Mestre Affonso veiu logo,  
A voar, não a correr,  
Que lo amor lhe deu azas,  
Visto lo amor las ter.

—Mestre Affonso, vós sabeis  
Orgão, por solfa, tanger;  
Ensinae la minha filha,  
Que freira la vou metter.  
=Sim senhor, p'ra vos dar gosto,  
Prompto vou obedecer;  
Las lições poucas serão,  
'Té nos irmos receber.  
—Não ouvi. Lo que dizeis?  
=Que vos vou obedecer;  
Que bastam poucas lições,  
Se las quizer receber.  
—Isso quer la minha filha,  
Oh, se quer e torna a querer!  
Começae já d'esta hora,  
Que eu pouco posso viver.

Mestre Affonso solfejando,  
La menina a responder,  
Par'ciam dois passarinhos  
A' hora de amanhecer:

=Pouco teremos que esp'rar,  
Se vosso pae vae morrer;  
No mosteiro de Cupido,  
Ambinhos vamos viver.  
«Eu não quero mais esp'rar,

Nem meu pae hade morrer;  
No mosteiro de Cupido  
Ambinhos vamos viver.  
—Não ouvi lo que cantaes?  
=Cantamos lo bem morrer;  
Praguejamos de Cupido,  
Louvamos santo viver.  
«Continúa, filha minha,  
Não deixes tempo perder;  
Que eu me vou ao padre Cura  
Confessar, absolver.

Foi lo velho á confissão,  
Mas, vindo a recolher  
Achou la filha e lo mestre  
Abraçados sem lazer :

—Oh, preto ! vem cá depressa  
La espada me trazer ;  
A's minhas mãos los traidores  
Mortos ahi hão de ser.

Mas lo enganado do velho  
Mais nada pode fazer ;  
Cahiu redondo no chão,  
E p'ra nunca mais se erguer.  
E outo dias passados  
Quem lo qu'ria la foi vèr,  
Um padre casar os dois,  
Outros missas a dizer.

*Romanceiro do Archipelago da Madeira, p. 287.*

## Mariquinhas

(*Versão da Ilha da Madeira*)

Mariquinhas vem da horta  
 Onde só milho havia ;  
 Passando, viu um visinho  
 Que bom repólho colhia :  
 «Oh, que bello repolhinho !»  
 Ella comsigo dizia.  
 Elle, que la viu olhar,  
 Off'receu que lo daria.  
 E Mariquinhas responde,  
 Sem lhe guardar cortezia:  
 Que lo fosse dar ao gado,  
 Que p'ra si não carecia.  
 Mas lo triste do visinho  
 Nem por isso se offendia ;  
 Tamanho amor lhe tem,  
 Que tudo lhe soffreria :

—Ai (diz elle) ai, Mariquinhas,  
 Eu isso não vos mer'cia :  
 Se não lo sabeis, sabei  
 Que muito ha que eu vos qu'ria ;  
 Não regeiteis minha offerta ;  
 De graça não na fazia ;  
 Em troca d'um repolhinho,  
 Por mulher vos pediria.  
 Respondei-me, sim ou não ?

Calada, não respondia ;  
 Mas acceitou lo repólho,  
 E para casa corria.

«Ouvi cá, senhora mãe,  
 Quem tal caso cuidaria !



- Que lo visinho da horta  
P'ra casar me fallaria?  
— «E tu, filha, que dixeste?  
«Eu para casa fugia.  
— «Pois eu vou dizer que sim;  
Hoje fosse já lo dia.

Foi la mãe dizer que sim,  
Que dava sua Maria;  
Ajustam no casamento;  
Ficaram certos no dia.  
Voltando la mãe a casa,  
Não cabe em si de alegria:

- «Maria, meu mealheiro  
Todo lo despejaria;  
Eu te vou comprar vestido,  
Como ninguem compraria;  
E camisa, meia, saia,  
Como ninguem las teria;  
Chanellas de cordovão,  
Como ninguem calçaria;  
Cordão, arrecadas d'oiro,  
Do melhor, e mór valia.

Lo rapaz, á sua parte,  
Nem formiga em roda viva!  
Nem lo melrinho do campo  
Seu ninho melhor fazia!  
Comprou andaina de fato,  
Como ninguem compraria;  
Camisa, meia, barrêta,  
Como ninguem los teria;  
Bota chã de couro branco,  
Como ninguem calçaria;  
E rez morta, pão, e vinho,  
Nem cantor lhe faltaria!

No dia do casamento,  
 Promptos estão a caminhar:  
 Vae diante lo cantor  
 Suas trovas a deitar;  
 Los tocadores de viola  
 De violas a tocar;  
 E sua mãe mail la noiva,  
 Assim lhe vae a fallar:

—«Vamo-nos, filha, depressa;  
 Lo padre está a esperar;  
 Coidado no vestidinho  
 Que pena lo é sujar.

E vae seu pae mail lo noivo,  
 Assim lhe vae a fallar:

—«Vamo-nos, filho, depressa,  
 Lo padre está a esp'rar;  
 Cuidando no fato novo,  
 Que pena lo é sujar.

E padrinhos e parentes  
 Assim se vão a fallar:

—«Vamo-nos, todos, depressa,  
 Lo padre está a esperar;  
 Vamos todos á egreja  
 Vêr estes noivos casar.

Lá 'stão noivos e padrinhos,  
 Lá 'sta lo padre no altar;  
 Los noivos se estão casando,  
 Sogro e sogra a chorâr.

—«Repolhinho, repolhinho,  
 Quem lo houvera cuidar?

Por amor de um repolhinho,  
Se foram estes casar.

*Romance do Archipelago da Madeira, p. 297*

—●—  
**Dom Beltrão**

ou

**O Cavalleiro sem odio e sem amor**

—Satanaz, adiante, adiante,  
Adiante, oh Satanaz!  
Corre, vò! o meu pensamento,  
Oh Satanaz, deixa atraz.  
Tu não ouves o bramido,  
Ai de mim, da tempestade?  
Tu não ouves, meu corcel,  
Tão junto nos acossar?  
Não sentes tu o turbilhão,  
Ai de mim! que nunca pára?  
Que leva o meu pensamento  
Na furia desesperada?  
Oh Satanaz, corre, vò!  
Corre, vò! um só momento  
Deixa atraz, oh Satanaz  
O meu louco pensamento...  
Corre! eu quero que as orelhas  
Me ensurdeça o ár quebrado,  
Eu quero de um turbilhão  
De poeira ser cegado.  
Corre! corre! adiante, adiante,  
Pelos montes, pelos valles,  
Por campinas florecidas  
For estereis matagaes.  
Corre! corre! na corrida  
Tudo abate, calca e passa,

Passa sobre quanto encontres  
 De mais santo e de mais caro...  
 Como o raio na tempestade  
 Passa, oh fido Satanaz, (á fê de)  
 Que só o meu pensamento  
 Tu o deixes, deixes atraz.

Dom Beltrão, olhos de braza,  
 Cabellos dados ao ár,  
 Dá de rédeas e de espóras  
 Ao cavallo sem cessar...  
 Assim vóam, vôam, vôam  
 Por campina e matagal,  
 Passam, passam longe, como  
 Levados do temporal.  
 Os homens ao seu passar  
 Se afastavam assustados :

«Oh, mal hajas, cavalleiro,  
 Oh môço endemoninhado,  
 Que vaes indo tão soberbo  
 Sobre o teu soberbo diabo!  
 C'o desprêso sobre os beijos,  
 C'o desprêso nas olhadas,  
 Triste. tu nada respeitas,  
 Triste, tu não crês a nada!  
 A má ida vá contigo,  
 Oh môço endemoninhado !

Mais adiante, Dom Beltrão  
 Surdo passava, passava ;  
 C'o desprêso sobre os beijos,  
 O corisco nas olhadas.  
 No meio das maldições  
 Surdo passava, passava ;  
 E das rédeas e espóras

Mais o cavallo incitava :  
Seu Satanaz, como o vento  
Longe voava, voava . . .  
Sempre adiante, sempre adiante,  
Vôam, vôam vôam, vão  
Pelos montes, pelos valles  
Passam como o furacão.  
As mulheres ás janellas  
Lhe gritavam cá atraz:

— « Quêda, quêda, cavalleiro !  
Cavalleiro, d'onde vás ?  
Em essa louca corrida,  
Dom Beltrão, quem te traz ?  
Pois qual soberba rainha  
Longe te está a esperar ?  
Oh que tem de ser de fogo,  
Dom Beltrão, o teu beijar ;  
Oh que tem de ser terrivel,  
Dom Beltrão, o teu abraçar !  
Quêda, quêda, cavalleiro,  
Um momento a descansar ;  
Sube, sube nos meus braços,  
Dom Beltrão, a repousar.

Mais adiante, o cavalleiro  
Surdo passava, passava,  
Co desprêso sobre os beijos,  
O corisco nas olhadas.  
Sobre o seu soberbo diabo  
Surdo passava, passava ;  
E de rédeas e de espóras  
Mais o cavallo incitava.  
Seu Satanaz, com o vento  
Longe voava, voava . . .  
Sempre adiante, sempre adiante,

Vôam, vôam vôam, vão,  
 Por planura e matagal  
 Passam como o furacão;...  
 Nem o detêm as injurias,  
 Nem das mulheres a flor,  
 Dom Beltrão, o cavalleiro  
 Sem odio e sem amor.  
 De abril reflorecido  
 Era o mais sereno dia,  
 Na terra, no mar, no céu  
 A primavera sorria:  
 O sol lhe catava honra,  
 E as flores cortezia,  
 E ao pé de um precipicio  
 Dom Beltrão morto jazia,  
 Seu punhal de ouro fino  
 No meio do peito tinha.  
 Ao sol vólta Dom Beltrão  
 Tinha a fronte esclarecida,  
 E esvaídas eram d'ella  
 A tormenta e a alteria;  
 Sobre os beijos desmaiados  
 Uma doce paz sorria.  
 Dormia assim Dom Beltrão,  
 Dom Beltrão assim dormia,  
 E a vida que elle sonhava  
 Que gosada nunca tinha...

Assim seu punhal no peito,  
 Da sua vida sonha a flor  
 Dom Beltrão, o cavalleiro  
 Sem odio e sem amor.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Este romance foi nos communicado de Genova pelo nosso consu Joaquim de Araujo em um folheto iu-8.º pequeno de 15 paginas publicado por Guiglielmo Viscardi, com o titulo *Una Romanza portoghese (Dom Beltrão)*. Ginevra, Tip. Remigio Schira, 1884. Tem

## O Cruzador Cath'rineta

(Paródia politica)

Lá vem o cruzador *Cath'rineta*,  
 Que tem muito que contar,  
 E andou mais de tres quinze dias  
 Por sobre as aguas do mar!  
 Levava a bordo um general  
 E uma sopeira de rachar,  
 E muitos frasquinhos de tinta

um prologosinho, em italiano, datado de Napoles, 1883; n'elle diz o collector: «Che la mia romanza l'abbia trovata in um antico manoscritto della famosa biblioteca d'un non meno famoso mio amico, questo s'intende; etc.» Não querendo que o taxem de nimia credulidade, acrescenta: «non mi faccio alcuno scrupolo di esternare qualche dubbio sull' autenticità di essa—» Eis os fundamentos que apresenta G. Viscardi:

«La romanza, nello stile, nella lingua, nella verseggiatura—questa forse anco tropo elaborata per voler ottenere tutta la trascurateza popolare—nella sua forma, in somma, si presenta con grande pretenzione di autenticità; e sta bene. Il pensiero pero che informa la poesia è quello chi mi fornisce i su referiti dubbi».—E conclue vagamente: «a me piacerebe crederla piuttosto opera di chi, pur seguendo la sua fantasia, abbia voluto prov're fino a chi punto l'imitazione della fórma possa piegare ed adattare all' indole di un popolo un pensiero anco ad essa alieno.» Foi escripto o romance por Carducci, segundo vimos em uma referencia.

O thema tradicional d'este romance, em que D Beltrão é uma especie de Mazeppa, não se encontra nos Romanceiros portuguezes! não é isto bastante para pôr em duvida a sua genuinidade popular. Vê-se que provém de uma copia litteraria, e que o copista retocou, e por vezes não entendeu os versos tradicionais, e os deixou errados por falta de memoria. Mas ha indubitavelmente um fundo tradicional modificado, çom uma fórma litteraria que se pretende fazer passar por popular, como julga o editor italiano. Deve pois ser incorporado do Romanceiro portuguez, perdoando-se-lhe um ou outro epitheto litterario do copista, sobre ditado de alguma familia de christãos novos, que de Portugal fugiram para a Italia nas perseguições da Inquisição, como vimos pelo processo de Diogo Rodrigues.

Para a gente se pintar!  
Aos tantos de tal, zás! bumba!  
Arre...bentou um temporal!  
Foi o quer Deus com batatas!  
Caiu toda a gente ao mar,  
E como a sopeira era  
A unica que andava a boiar,  
Todos os homens afflictos  
Foram-se a ella agarrar!  
Deus Nosso Senhor velava,  
Niguem chegou a espichar,  
E o Cruzador continuou  
Seu roteiro a roteirar.  
Levava um grande andamento  
De a gente se admirar:  
Sete milhas e mais meio metro  
Por semana se chegaram a contar!!!  
Ao decimo millionesimo  
Dia de tanto caminhar,  
Disse o gajeiro das vergas:  
«Começo terra a avistar!»  
Mas afinal era apenas  
O Alpoim que se andava a banhar!  
Chegou a fome, e os coitados  
Pozeram a sopeira de mólho  
Para vêr se a podiam tragar...  
Tiraram sortes á ventura  
Quem a havia de trinchar,  
E caiu a sorte ao general  
Que já ia a desbotar!!  
Ao centesimo primeiro  
Dia de tal moirejar,  
Já se ouviam as barrigas  
*Tim... tim... uim...* horas a dar!  
Então o general, chorando,  
Offereceu a pèra para o jantar...



Foi dia de regabofe!  
 Comeram a péra com cebollinhas,  
 E começaram todos a agoniar!!  
 Mas eis que o gajeiro grita:

— «*Já véjo terras di Juca  
 E áreas di Bota-Fogo!  
 E bondis e márácujá!  
 E na rua do Ovidô  
 Tres mininas á brincá!»*

Porém a bordo ninguém  
 Se podia já levantar!  
 Estavam todos aos vomitos  
 E as tripas a vomitar!  
 Porque a péra tinha tinta  
 E desatara a desbotar  
 Dentro da barriga dos pobres!  
 De maneira que elles todos  
 Estavam já a espernear  
 Envenenados, coitadinhos,  
 E de pernas para o ár!!  
 E assim é que acaba a historia  
 Do cruzador *Cath'rineta*  
 Que tem muito que contar,  
 E andou mais de tres quinze dias  
 Por sobre as aguas do mar!

— ● —

### A Fróta do Syndicato

(*Parodia da Náo Catherineta*)

E' como a náó Cathrinetas  
 Que tem muito que contar,  
 A fróta dos galeões,

Que a Lagos foi viajar...  
 Passaram horas amargas  
 Por sobre as aguas do mar...  
 Cansado o rebocador  
 Já não qu'ria rebocar,  
 Dizendo que tambem tinha  
 Direito de descansar...  
 O fragôr dos bons trombones  
 Começava a desmaiar,  
 Ai! que tormentos passaram!  
 Tormentos para chorar!  
 Maldito rebocador!!  
 Malditas ondas do mar!  
 Era preciso dar vivas  
 A El-Rei ao madrugardar...  
 A frota estava com somno,  
 Já não queria caminhar...  
 Voltaram-se para Deus,  
 Com pavôr, a clamar:  
 — Senhor mandae-nos o vento  
 P'ra este nos empurrar:  
 Ha accções de beneficio,  
 Ainda, para Vos dar?!  
 Queriam Deus p'ro syndicato:  
 Deus mandou-os bugiar...

Que gritos tão lancinantes  
 Ha sobre as aguas do mar!!  
 Oh frota dos galeões,  
 Aonde irás tu parar!!  
 Impava o rebocador,  
 Sem forças, a tropeçar,  
 Prometteram-lhe tambem  
 Accções, p'ra depressa andar...  
 Mal haja o rebocador  
 Que os não quiz auxiliar!!

Ia a manhã larga e fresca,  
Quando puderam chegar... <sup>1</sup>

## A NÃO GOVERNANÇA

(Parodia da Náo Caterineta)

Lá vem a náo Governança  
d'agua aberta, a bordejar!  
Ouvide, pois, rotativos,  
isto que vos vou contar.

Passava mais de tres annos  
Que iam a desgovernar,  
já tinham roido tudo,  
só lhes sobrava o fumar.  
Deitam *accordo* de môlho  
para o poderem trincar;  
mas *accordo* era tão pôdre  
que não se pode tragar.  
Deitaram sorte á ventura  
qual se havia de papar;  
logo foi cahir a sorte  
no Responsavel Geral.

—Arriba, arriba, caixeiro  
do banqueiro principal,

<sup>1</sup> Do «Jornal da Noite»:

«O *Heraldo*, de Tavira, publica uma parodia á *Náo Cathrineta*, dedicada aos syndicateiros da sardinha, que n'um galeão foram embusca do «yacht» D. Amelia, para pedirem a El-rei que fosse tornada effectiva a escandalosa portaria, que determinou o encurtamento da distancia entre as armações da sardinha.

E' devéras engraçada a parodia, que se intitula «A frota do syndicato», e pena temos de a falta de espaço nos permittir transcrever apenas parte dos versos.»

- vê se arranjas um empréstimo,  
que isto assim vae muito mal.
- «Não vêjo nem um vintem  
em terras de Portugal,  
mas vêjo um conde que quer  
ganhar a c'róa ducal.
- Arriba, arriba, caixeiro,  
vêr o conde é bom signal,  
olha bem se traz dinheiro  
p'ra terras de Portugal.
- «Vêjo que traz, n'uma sacca  
cheia d'ouro, a rebentar,  
muitos *contos* para estradas  
para a gente passear.
- «Essa maquia é p'ra mim,  
diz um *loirinho*, a chorar.
- «N'outra sacca traz canhões  
e bichas de rabcar.»  
(Exclama um homem de pèra  
isso é para eu *manobrar*.)
- «Vejo que traz na algibeira  
comboios a fumegar.  
(Todos berram: temos *rede*  
p'ra de graça viajar.)
- «Vejo mais que traz seringa  
para os cambios regular.  
(Seringa para Alijó  
no carnaval seringar.)
- «Vejo, por fim, muita libra  
p'rá Suazilandia marchar.»  
(Qual historia! essa coitadinha  
é p'rá gente manducar.)
- Diz então o Responsavei  
ao caixeiro: —Vou-te dar  
aquillo que desejares

e que tu possas tomar.  
«Responsavel, eu só quero  
que me dês o teu logar.»  
—Renego de ti, demonio,  
qu' me estavas a attentar!  
Este logar é só meu,  
emquanto o Outro mandar.

Tomou-o o Outro nos braços,  
não n'o dixon affogar;  
e assim ficaram na náó  
Elle e Outro a governar...  
Não estoizou o diabo,  
mas a náó ha de estoizar...

*Diario illustrado*, n.º 10:869  
(5-VII-1903)



§ III—*Romances da Historia de Portugal*  
(*tirados das Colecções hespanholas*)

1

**Romance de como se ganó Coymbra**

(*Sepulveda*)

Cercada tiene a Coymbra  
Aquesse buen rey Fernando,  
siete años durava el cerco  
que jamás lo habia quitado:  
por que la villa es muy fuerte  
de muros bien torreado:  
no hay vianda en el real  
que todo lo habian gastado:  
ya quieren alzar el cerco,  
al rey monjes han llegado  
de aquesse gran monasterio  
que nombrado era Lormano,  
que con trabajo crecido  
habian mucho trigo alzado  
ordio, mijo y aun legumbres  
al rey todo se lo han dado:  
rogáranle no alce el cerco  
que darán vianda a basto.  
El rey se lo agradeciò  
tomó lo que le fué dado:  
partiòlo por sus compañas  
vianda les ha abundado:  
quebrantaron muchos muros  
los Moros se han acuytado:  
dado se habian al rey  
la villa y todo su algo:

solos fican con las vidas  
que el rey se las ha otorgado.  
En tanto que dura el cerco  
un romero habia llegado  
que venia de allá de Grecia  
al Apostol Santiago.  
Estiano havie por nombre,  
obispo es intitulado:  
estando haciendo oracion  
ante el Apostol muy santo,  
a Pianos oyó decir  
que el Apostol yá nombrado  
entraba en las grandes lides  
armado y en un caballo,  
a pelear con los Moros  
en favor de los Cristianos ;  
el obispo que lo oyó  
muy mucho le habia pesado.  
No le digais caballero,  
pescador es el llamado:  
y con esta gran porfia  
dormido habia quedado.  
Santiago le apareció  
con llaves en la su mano,  
y con muy alegre rostro  
dixo : — Tu haces escarnio  
por llamarme caballero,  
y tu en ello has dudado:  
vengo ahora yó a mostrarme  
porque no dudes en vano:  
caballero soy de Cristo,  
ayudador de Cristianos,  
contra el poder de los Moros,  
yó delles soy abogado.  
Estando en estas razones  
traido le fué un caballo,



blanco és y muy hermoso,  
Santiago a cabalgado,  
guarnecido de todas armas  
frescas blancas relumbrando  
a guisa de caballero  
ayudar vá al rey Fernando,  
que yazia sobre Coymbra  
habia yá siete años:  
y con estas llaves mismas,  
dijo, que llevo en mis manos,  
abriré yó a Coymbra  
manaña el dia llegado:  
dársela yó a ese rey  
que la ha tenido cercado:  
y en aquesa propia hora  
al rey se habia entregado:  
y la mezquita mayor  
luego se habia consagrado;  
nombre sancta Maria:  
en ella se habia armado,  
caballero don Rodrigo  
de Vivar el afamado  
el rey le ciñó la espada  
paz en la boca le ha dado:  
no le diere pescozada  
como á otros le habia dado;  
novecientos caballeros  
don Rodrigo habia armado;  
mucha honra le hizo el rey,  
mucho lo habia loado  
porque fuera muy valiente  
en ganar lo que es contado  
y en otros muchos lugares  
que el buen rey ha conquistado.

*Romances nuevamente sacados de hitorias antiguas,*  
fl. 120 Anvers, 1551.

## Romance del Conde Alfonso Enriquez

(Anonymo)

Cuando el Conde Alfonso Enriquez,  
 Primer rey de Portugal,  
 Hijo del conde Borbon,  
 De Borgoña natural,  
 Despues que en campo de Ourique  
 A muy duro pelear  
 Venció siete reyes moros  
 Y los trujo á su mandar,  
 Y despues que por sus hechos  
 Le vino Dios á premiar,  
 Dándole sus cinco llagas  
 Por armas y por señal;  
 Ya que ganó á Santaren  
 Con mucha guerra y afan,  
 Y puso á Lisboa cerco  
 Por la tierra y por la mar,  
 Salió de dentro el Rey de ella,  
 Llamado Venalmazar;  
 Pide al Conde franca entrada,  
 El cual se la mandó dar.

—Habrás de saber, le dice,  
 Que ha que tengo en herdad  
 A la ciudad de Lisboa  
 Treinta y siete años y mas;  
 Mi padre cuarenta y tres  
 En quieta y segura paz;  
 Mi abuelo la tuvo treinta  
 Con guerras y mucho afan.  
 Al fin la habemos gozado  
 En feliz seguridad,  
 Desde que el rey Don Rodrigo

La perdió con Portugal;  
Y que aquesta noche estando  
En mi casa á mi folgar,  
Vi venir una doncella  
Al parecer celestial,  
La cual hoy me dijo  
Ser su entera voluntad,  
Que sin guerra te entregasse  
Mi reino y esta ciudad,  
Y que me torne cristiano  
Para mi alma salvar,  
Y tu que te apartas luego,  
Buen Conde, de mas peccar.

El Conde quedó espantado  
De lo que al moro oyó hablar;  
Inclinadas las rodillas  
Comenzó de razonar:

«Mil gracias le doy á Dios  
Por la merced que me hace,  
Y pues que de esto se sirve,  
Cúmpla-se su voluntad.

En esto luego se entraron  
Los dos dentro la ciudad;  
Do al moro hicieron cristiano  
Y al Conde rey natural.

---

2

### Romance de Don Egas Moniz

(*Juan de la Cueva*)

La villa de Guimaraes  
Don Alonso habia cercado,

Oitavo rey de Castilla,  
Conmovido y alterado  
Contra Don Alonso Enriquez,  
Su infante y su mayorazgo,  
Que no obedeciendo al Rey  
Contra su edicto y su mando,  
Teniéndole en menosprecio,  
No acudiendo á su llamado,  
Ni á las cortes de Castilla,  
Aunque era á ellas citado,  
Como tenia obligacion,  
Y debe cualquier vasallo,  
Cual el era de Castilla  
Con juramento obrigado,  
Y no acudia á sus cosas,  
Ni d'ellas tenia cuidado.  
O fuese por querer suyo,  
O por mal aconsejado,  
Al fin estimada en poco  
Ser de Castilla llamado.  
D'esto el Rey ardiendo en ira  
Contra el Infante indignado,  
Le comenzó á combatir  
Teniéndole ya cercado,  
Dándole por todas partes  
Fieros y duros assaltos,  
Perseverando en su intento,  
Prometiendo y protestando  
Que ha de igualar por el suelo  
Su muro reedificado,  
De donde los portuguezes  
Se defienden aunque en vano,  
Porque la porfía del Rey  
En un tiempo ya tan largo  
Los tenia tan estrechos,  
Tan sin fuerzas y gastados,

Faltos de mantenimientos  
E de vituallas faltos,  
Costreñidos de la suerte  
Que estaban determinados  
A rendirse, pues se vian  
Sin remedio en tal estado,  
Y entregar al Rey la villa  
Por no recibir más daño.  
Todo el pueblo en este acuerdo  
La ocasion anda trazando,  
Viendo que el Rey persevera  
Que su intento lleve al cabo,  
Sin desistir de su intento  
Ni alzar del cerco la mano,  
Y para que venga á efecto,  
Un día andaba mirando  
El sitio, el lugar y asiento,  
Por uno y por otro cabo,  
Y por donde el día siguiente  
Pueda el pueblo ser entrado  
Con mayor facilidad,  
Pues casi estaba arruinado.  
Los de dentro temerosos,  
El presto fin aguardando,  
Viendo que él solicitaba  
Su total miseria y daño,  
Un caballero animoso,  
Que era Egas Nuñez llamado,  
Viendo el peligroso aprieto  
Del cerco en que estan cercados,  
Temiendo ver que se entregue  
El pueblo ya acobardado,  
Que viendo al Rey junto al muro  
Todos estaban temblando;  
Mas él con ánimo fuerte  
Y corazon levantado,

Determina de morir  
 O que su pueblo sea salvo:  
 Y assi con firme braveza  
 Armado subió á caballo  
 Y sale á do estaba el Rey.  
 Y ante el puesto, asi ha hablado:

—¿Qué razon hay que tu Alteza  
 Con ánimo tan airado  
 Asi quiera destruirnos,  
 Y en ello ponga el cuidado,  
 Siendo razon mais urgente  
 Que mires por tus vassallos,  
 Que no hacerles tal guerra,  
 En la cual no acobardados  
 Hallarás los corazones,  
 Que nada les pone espanto,  
 Ni les forzaré á que hagan  
 Por fuerza tu real mandado,  
 Pues pueden sufrir el cerco  
 Y darte guerra diez años,  
 Sin que les falte comida,  
 Ni cosa para este caso?  
 Mas una razon los vence,  
 Y es esta quien me ha forzado  
 Que venga á pedir que quieras  
 Que esto acabe, el cerco alzando,  
 Pues la fé que en ti tenemos  
 Nos dá esfuerzo en el quebranto,  
 Que aceptarás nuestro ruego  
 Cual te ha sido suplicado.  
 A esto vengo como tio  
 Del Infante, y su vasallo,  
 Por el cual te doy la fé,  
 Como noble higo-dalgo,  
 Que en todo cuanto mandares

Seguirá tu real mandado ;  
Y acabe ya esta contienda  
De cristianos á cristianos,  
Y vamos contra los moros  
Que nos hacen tanto daño,  
Entrandose por Castilla,  
Tu poder menospreciando;  
Que en lo que toca á nosotros  
Por la fe que ya te he dado,  
Juro en nombre del Infante  
Como deudo mas cercano,  
Que él y todos te obedezcan  
Como leales vasallos.—

Esto oido por el Rey,  
Luego el cerco levantando,  
Egas Nuñez dió la vuelta  
Él libre, y su pueblo salvo.  
Fuése el Rey, ordenó Cortes,  
Todo aquesto ya pasado,  
Citan al Infante á ellas  
Por edicto señalado,  
Responde que él no hade ir  
A ellas, siendo forzado.  
Oyendo Egas Nuñez esto,  
Y habiéndole al Rey jurado  
Que el Infante cumpliria  
Lo que dél fuese mandado,  
Visto que el enganá al Rey,  
Y que él era el obligado  
A cumplir el juramento  
Que hizo como hijo dalgo,  
Con su mujer y su hijo,  
Dispuesto y aparejado  
A lo que del sucediese,  
Para el Rey siguió su paso

Vestido de peregrino.  
 Y de aquel modo llegado  
 A la presencia del Rey,  
 Le dice ante él humillado:

—Gran señor, yo me presento  
 Ante ti, en ti confiado  
 Que mirarás con clemencia  
 La culpa en que soy culpado.  
 Yo soy aquel caballero  
 Con quien hablaste en tu campo,  
 Cuando sobre Guimarães  
 Lo tenias asentado,  
 Fingiéndome que era tío  
 Del Infante, fuete dado  
 Seguro de mi palabra  
 Que vendria a tu llamado,  
 Esto sin mas facultad  
 De la que yo hube tomado,  
 Pues no es mi deudo el Infante,  
 Cual de mi te fué afirmado;  
 Mas es mi rey y señor  
 Y yó, como su vassallo  
 Viendo el peligro y aprieto  
 En que lo tenias cercado,  
 Quise por aquesta via  
 Ser remedio de su daño:  
 Y así pues yó me obligué,  
 Y por mi fuete engañado,  
 Yó, mis hijos y mujer  
 Paguemos este peccado.

Esto diciendo Egas Nuñez,  
 Cruzó en el pecho los brazos,  
 Y hincado de rodillas  
 Como estaba se ha quedado,



El Rey de oír la extrañeza  
 Aunque de ira incitado,  
 Se admiró, y mirando á Egas  
 Le dijo, asiéndole el brazo:

«Levanta, que tu lealtad  
 Te hace libre, y tu engaño  
 Alabo. pues me engañaste  
 Por hacer a tu rey salvo;  
 Y así llevarás el premio  
 Digno de un hecho tan alto.

Mandóle dar muchos dones,  
 Aderezos e caballos  
 Para volver-se a su tierra,  
 Do vuelto, fué mui loado  
 De todos, y del Infante  
 Conforme al hecho estimado.

*Coro Febo de Romances históricos. Ed 1587.*

—●—  
 3

**Romance del rey don Alfonso  
 quando libertó del tributo al reino de Portugal.**

*(Lorenço Sepulveda)*

En Sevilla estava Alfonso  
 Sábio por todos llamado,  
 El rey que ganára á Murcia  
 Antes que oviesse el reynado:  
 El infante don Dionis  
 A Sevilla habia llegado,  
 Hijo del rey don Alfonso  
 De Portugal el reynado,  
 Del rey Alfonso era nieto  
 El infante yá nombrado.

Gran plazer tomó su abuelo  
 Quando lo vido á su lado,  
 De edad era pequeño.  
 A quinze años no ha llegado,  
 Pidió por merced al rey  
 Caballero lo haga armado  
 Con otros sus caballeros  
 Que vienen á acompañarlo.  
 Concediérale el buen rey  
 Lo que le fué demandado,  
 Caballero era el infante  
 A su abuelo se ha humillado,

Díjole : — Rey, mi señor,  
 Pues que soís tan señalado  
 Entre los reyes del mundo  
 De rey liberal y franco,  
 Concédeme lo que os pido  
 Serás mucho loado,  
 Y es que quiteis de tributo  
 A Portugal mi reynado,  
 Y que no vengan sus reyes  
 A cortes siendo llamados,  
 No les pidais gentes de armas  
 Como hasta hoy se os han dado.

El rey respondió al infante:  
 Que él solo por sí en su cabo  
 No podia responder  
 Ni le dá lo demandado,  
 Hasta llamar los infantes  
 Y los grandes de su estado,  
 Que estaban allí con él  
 Que a cortes se habian juntado,  
 Y que si ellos lo han por bien  
 Él no se lo habia negado.

Otro día al rey Alfonso  
Sus grandes habían llegado,  
Declaró delante todos  
Lo que el nieto ha demandado.  
Pidió que le den consejo  
Si lo hará o será negado.  
Todos calláran gran pieza,  
Ninguno había hablado,  
El rey se enojó de todos  
Por que no le han replicado.  
Mas contra aquesse don Nuño  
La saña más ha mostrado.  
Don Nuño se puso en pié  
Con el rostro demudado,

Dijo: «Al rey, mi señor  
Mi hablar fuera escusado,  
Estando aquí presentes  
Los infantes vuestros hermanos,  
Y don Estevan con ellos,  
Y don Lope Diaz de Haro,  
Que son más sábios que yó  
Para tal consejo daros;  
Pero quereis mi consejo  
Daros lo he yó de buen grado,  
Y es que hogades mucha honra  
Mucho bien y mucho algo  
Al infante don Dionis  
Que será bien empleado,  
Por el deudo que le habeis  
A esto sois le obligado,  
Y por que era caballero  
Armado por vuestra mano,  
Y si ayuda ha menester  
Tenido sois a ayudarlo  
Como a qualquier hijo vuestro

De los que teneis amado ;  
 Mas quitar de la corona  
 De aqueste vuestro reynado  
 El tributo que los reyes  
 De Portugal han pagado  
 A este reyno de Castilla  
 Yo no os lo habré conseyado. »

Y en dizendo estas palabras  
 Salido se ha del palacio.  
 No le plugo al rey Alfonso  
 De lo que Nuño ha hablado,  
 El infante don Manuel  
 Y otros han deliberado :  
 Haga lo que don Dionis  
 Le pidió y á suplicado,  
 Pues el tributo era poco  
 Que no se lo aya negado.  
 El rey que lo ha en voluntad  
 Otorgólo de buen grado,  
 Sus cartas le dió de quito  
 Y a Portugal se ha tornado,  
 Muy pagado de su abuelo  
 Que su reyno ha libertado.

*Romances sacados de historias, fl. 203.—Anvers, 1551.*

4

**Romances de D. Pedro I de Portugal  
 y Doña Inez de Castro. — I**

*(De Gabriel Lobo Lasso de la Vega)*

- El valeroso Don Pedro,  
 Gran príncipe lusitano,  
 Hijo del Rey Don Alonso,  
 Sucesor en sus estados.

De una doncella en Galicia,  
Dicha Doña Inez de Castro  
Y Valladares, fué preso  
De su hermosura forzado,  
Cuya recta descendencia  
Fué del tronco claro y alto  
De los antiguos de Lemos  
Que resplandecen hoy tanto,  
Hija bastarda que fué  
De Pedro Hernandez de Castro,  
Un valiente caballero  
Del Príncipe primo hermano.  
Digo pues, que como fuese  
Este Príncipe casado  
Dió grandes muestras de estar  
D'esta Doña Inez prendado,  
A quien con solo la vista  
Iba su mal declarando,  
No gozando aún todas veces  
D'esto que a nadie es negado,  
Que de amor cualquier afecto  
Ofende a un intento casto.  
Hizo muchas diligencias  
De hablarla, y todas en vano,  
Que la bella Doña Inez  
Dá á su pretension de mano,  
Viendo que el mejor suceso  
Tiene de ser en su daño;  
Mas como és víspera el bien  
Del acaecimiento malo,  
Sucedió pues que murió  
La Princeza en este estado.  
Hallóse Don Pedro libre,  
Ya su mal medio buscando,  
Se casó con Doña Inez  
En Berganza con recato;

En la cual tuvo tres hijos,  
 De que fué el Rey avisado,  
 A quien pesó por extremo;  
 Y de tres malos vasallos  
 Fué inducido con instancia  
 A hacer un hecho villano,  
 Que prosiguiendo adelante  
 Se dirá el suceso infausto.

*Romancero y tragedias, etc.*

5

**Don Pedro I de Portugal y Doña Inez de Castro.—II**

*(De Gabriel Lobo Lasso de la Vega)*

Contendo con Doña Inez  
 Está Don Pedro en Coimbra:  
 No en tanto el futuro cetro  
 Como el poseerla estima,  
 Y le paga Doña Inez  
 Con esta voluntad misma;  
 Y como en el buen estado  
 La constancia está abscondida,  
 Ofreciósele a Don Pedro  
 Una ausencia hacer precisa,  
 Cosa que el que bien amare  
 Sabrá bien cuanto lastima.  
 Sabiendo el Rey Don Alonso  
 De su hijo la partida,  
 Con los tres crueles vasallos  
 Que al mal, mal le persuadian,  
 Do está Doña Inez de Castro  
 Con gran secreto camina,  
 Confuso atemorizado  
 Porque los tres le decian  
 Que seria el casamiento

Del reino total ruina,  
Y que el morir Doña Inez  
Era lo que convenia.  
Hirosele duro al Rey  
Sua innocente culpa vista  
De que los tres indignados,  
Con suprema justicia  
Que eran del reyno, tomaron  
Sobre sí aquesta malicia.  
Finalmente, Doña Inez  
Rindió a sus dagas la vida,  
Cuya lastimosa muerte  
Por el Príncipe sabida,  
Mueve guerra contra el padre,  
El cual murió en pocos dias  
De pesadumbre, y los tres  
Se huyeron para Castilla.  
Coronóse el Portuguez,  
Segun su fuero en Coimbra,  
Coronando juntamente  
Por reina e mujer legitima,  
Los huesos de Doña Ines,  
Que desenterrar hacía.  
Funestas bodas y exequias  
Celebrando un mismo dia;  
Y de los tres, dós cogiendo  
Hizo d'ellos cruel justicia.

*Romancero y tragedias, etc.*

6

**Don Pedro y Doña Inez de Castro. — III**

*(Anonymo.)*

Don Pedro, á quien los crueles  
Llaman sin razon Cruel

Desde Coimbra a Alcóbaza  
Cien mil hachas hizo arder.  
Todas arden, más que todas  
Arde el corazon del Rey,  
Lo que vá de amor á luces  
Y de cera al querer bien.  
Sentóse á su lado y luego  
Los fidalgos y la plee  
Y el reino besó en cenizas  
La mano que nieve fué.  
Para obrar tan gran fineza  
No le faltó a Amor ser rey,  
Sin juntarse con las armas  
Del monarca portuguez.  
El sol desconoce el dia  
Cuando por tierra la vé  
En la noche de sus luces  
Todo el firmamento en pié.  
La muerte que solo es fénix,  
Estas bodas supo hacer,  
Donde en la vida y la muerte  
Reinan marido y mujer.  
Los clarines y clamores  
Dan pésame y parabien,  
Al vivo de su firmeza,  
Y al cadaver, de su fé.  
Lo que sobró del sepulcro  
Cubre funesto docel;  
Tálamo y tumulo cubren  
A Don Pedro y Doña Inez.

*Romances de varios y diferentes autores.*



7

**Doña Inez de Castro, Cuello de Garza,  
de Portugal.— IV***(Anonymo)*

Á la Reina de los cielos  
Que con excelencias tantas  
Se coronó de laureles  
Para llevarse la palma;  
Á aquella que ave divina  
Se remontó bella garza  
Á lo más alto del cielo  
Adonde está colocada,  
Le suplico que me preste  
Una pluma de sus álas  
Para que escriba mi ingenio  
La crueldad más inhumana,  
Y la lástima que lloran  
De bronce y marmol estatuas.  
En ese lucido reino  
De la gente lusitana  
Nació un príncipe famoso,  
A quien dió nombre la fama  
De cruel, aunque para serlo  
Le dieron bastante causa.  
Por gusto del rey su padre  
Con una infanta de España  
Casó el Príncipe famoso  
Con grandeza soberana,  
Y á Portugal, con su reina,  
Pasó por dama, una dama,  
Cuya hermosura por grande  
Se igualó con su desgracia.  
Era Doña Ines de Castro,  
Ya lo dicho, que esto basta.

Murió luego en Portugal  
La princesa castellana;  
Sintió Portugal su muerte  
Tanto como le tocaba,  
Y el Príncipe se portó  
Con grandeza para honrarla,  
Y sosegada la pena,  
Que el tiempo todo lo acaba,  
Salió para divertirse  
Al jardin, como estilaba,  
Donde dió vista á una fuente  
De una fábrica tan rara,  
Que era toda de alabastro,  
Con una taza de plata,  
Y allí poniendo sus ojos  
Vió reclinada una dama,  
Que en los frigidis cristales  
Al espejo se miraba.  
Llego el Príncipe á la fuente,  
Porque el fuego busca al agua  
Y mirando su hermosura,  
Quedó su vista abrasada.  
Y á su cariñoso estilo  
Volvió Doña Ines la cara.  
Quedóse el Príncipe helado.  
Y Doña Ines quedó helada,  
Bebiéndose los alientos  
Por los ojos, hasta el alma.  
El fuego venció á la nieve;  
Y derritiendo la causa  
Que aprisionaba su lengua,  
Rendido el Príncipe habia.  
Palabra le dió de esposo  
Prometiendo coronarla  
Por reina de Portugal;  
Y la dama cortesana

Con justo agradecimiento  
Su candido jasmim saca.  
Dióle la mano de esposa,  
Y en fé de mano y palabra  
Se casaron en secreto  
Con union muy voluntaria;  
Y temiendo que su padre  
Esta accion les estorbara,  
Para que más se ocultase  
Del real palacio la saca,  
Aposentando su hechizo  
En una quinta que estaba  
Convecina del Mondego.  
Y su padre, que ignoraba  
Los lances que he referido,  
Trató luego con Navarra,  
Atribuyéndolo á dicha,  
El casarle con su Infanta.  
Concediólo el Rey navarro,  
Y la infanta Doña Blanca,  
Acompañada de grandes  
De su corte y de su casa,  
Pasó á Lisboa, causando  
Mil penas eslabonadas.  
Visitó el Príncipe al Rey,  
El cual le ordena y le manda  
Que pues ha de ser su esposo,  
Visitase á Doña Blanca.  
Obedecióle Don Pedro,  
Y recibóle la Infanta  
Con cariñosos cortejos,  
Y el Príncipe asi le habla:

—Ilustrísima Señora,  
Cierto me holgara en el alma  
Excusar vuestro disgusto

Y el mío, por ser yó causa  
De los presentes desaires  
En que os miro estimulada;  
Mas supuesto que es preciso  
Vuestra pena declarada,  
Rompa mi vez el silencio,  
Pues ya no puedo occultarla.  
Casé, Señora, en Castilla  
Primera vez con la Infanta  
Por el gusto de mi padre;  
Pero pues no está ignorada  
La dicha de estos principios,  
Pasemos á la sustancia.  
Cuando mi querida esposa  
Pasó á Portugal, de España  
Vino asistiéndola entónces  
Una hellisima dama,  
Una hermosura, un prodigio,  
Perdóneme el alabarla  
Vuestra Alteza en su presencia:  
De su belleza informarla  
Mi importa, porque disculpe  
Temeridades osadas,  
Cuando advertida conozca  
De estos extremos la causa.  
Es, en fin, por abreviar,  
Doña Inez, Cuello de Garza,  
Tan garza, que su hermosura  
Y discrecion remontada,  
Por ser un cielo, es el centro  
De la gloria de mi alma.  
Vióla mi vista, y perdida,  
Pues me la robó su gracia;  
Solicité su hermosura,  
Y favoreció mis ancias  
Tanto, que logré la dicha

De gozar premios por paga.  
Ya Doña Inez es mi esposa  
Que está conmigo casada,  
Su esposo soy tan gustoso  
Que á mi dicha no se iguala  
La mayor dicha del mundo,  
Porque es mi dicha tan alta:  
Y así pedrá vuestra Alteza  
Volverse luego á Navarra,  
Que solo Inez hade ser  
En Portugal coronada.

Fuese el Príncipe, y quedó  
En blanco la triste Blanca,  
Dando á los ojos licencia  
Para que tristes lloraran  
La pena que padecia;  
Y el noble rey de Navarra  
Sintió con grandes extremos  
El desaire de su hermana,  
Mandó que al arma tocasen  
Las trompetas y las cajas.  
Y los fuertes capitanes  
Se pusiesen en campaña  
Con ejércitos valientes  
Bien prevenidos de armas.  
Hasta ver de Portugal  
La corona derribada;  
Que para recuperar  
El agravio de su hermana  
Solo pretende ponerla  
Por alfombra de sus plantas.  
Sonó el clarin belicoso,  
Crujió el parche de las cajas,  
Poblóse el campo de picas,  
De mosquetes y alabardas,

Y com fieros estandartes,  
Y banderas tremoladas,  
Le puso sitio á Lisboa ;  
Y temiendo su arrogancia  
El portuguez, pidió treguas  
Y á sus consejeros llama :  
Y puesto en el trono altivo  
Su consejo les demanda.  
Era el uno Egas Coello,  
Y Alvar Gonzalez llamaban  
Al segundo consejero.  
Y el consejo que le daban  
Fué que Doña Inez de Castro  
Muriese, que era la causa  
De las gueras, que su muerte  
Era de mucha importancia.  
El-rey replicó que no,  
Que era tirania ingrata.  
Replicaron los traidores  
Que perderia su fama,  
Y que junto con su vida  
Su corona peligraba.  
Y en fin tiranos, alevés,  
Tantos riesgos alegaban,  
Que bajó desde su trono  
El Rey, dejando firmada  
De Doña Inez la sentencia  
De que muera degollada.  
Al Príncipe aseguraron  
En la prision de un alcázar,  
Y partieron á Coimbra,  
Donde Doña Ines estaba.  
Aqui la mano me tiembla,  
Aqui la pluma se pára,  
Aqui el pulso titubea.  
Y la lengua aprisionada

Entre penas y tormentos,  
No pronuncia lo que habla,  
Le leyeron la sentencia  
A aquella condesa mansa,  
A aquella que imitó á Abel  
Entre el furor y la saña  
De tan ingratos Caines;  
Y vestida de mil ansias,  
Rociaron sus auroras  
Perlas, que en la filagrana  
De sus hermosas mejillas  
Se miraron esmaltadas;  
Y sentada en una silla  
Las manos atras atadas,  
Llegó el tirano homicida,  
Cubrió su cielo una banda,  
Cortó el ingrato cuchillo  
Su bellissima garganta.  
Quedó aquella nieve, roja,  
Aquella luna, eclipsada,  
Aquel sol, todo nublado,  
Aquella luz, apagada,  
Aquella estrella sin rayos  
Aquel lucero, sin alba,  
Sin purpura, aquella rosa,  
Aquel clavel, sin fragancia,  
Aquel jazmin, deshojado,  
Y sin cuello aquella garza,  
Abatidos ya sus vuelos,  
Y remontada su fama.  
Murió Doña Ines de Castro,  
Dios le dé gloria á su alma,  
Y entre hermosos paraninfos  
S'eternice colocada;  
Y el Principe mas amante  
Cuando supo la desgracia,

Sus amorosos extremos  
 Digalos por mi la fama;  
 Y desmintiendo la noche  
 Con la luz de cien mil hachas,  
 Le hizo un entierro solemne  
 Desde Coimbra á Alcobaza,  
 Donde sobre su cabeza  
 Puso la corona sacra,  
 Y luego todos sus grandes  
 Besaron la mano blanca,  
 Hizo que todo su reino  
 Por su reina la jurara,  
 Y á los ingratos traidores  
 Por las traidoras espaldas  
 Arrancó los corazones,  
 Porque su culpa pagaran.  
 Emplazado murió el Rey  
 Para dar cuenta tan larga:  
 Quedó Doña Ines sin vida,  
 Y los traidores sin alma;  
 Y cuando supo el suceso  
 Levantó el sitio Navarra,  
 Y el Principe sin consuelo  
 Quedó llorando mil ansias.  
 Rendido pide el ingenio  
 Perdon de sus muchas faltas.

*Pliego suelto.*

8

**Romance de Dona Isabel**

— De cómo Dona Isabel quiso en vano ser reina de Castilla.—

*(Anonymo)*

Yo me estando en Tordesillas  
 Por mi placer y holgar,



Vinome al pensamiento,  
Vinome a la voluntad  
De ser reina de Castilla,  
Infanta de Portugal.  
Mandé hacer unas andas  
De plata, que non de al,  
Cubiertas con terciopelo,  
Forradas en tafetan.  
Pasé las aguas del Duero,  
Paselas yo por mi mal  
En los brazos a Don Pedro  
Y por la mano a Don Juan,  
Fuérame para Coimbra,  
Coimbra de Portugal:  
Coimbra desde que lo supo  
Las puertas mandó cerrar.  
Yo triste, que aquesto vi,  
Rescibiera gran pezar:  
Fuérame a un monasterio  
Qu'estaba en el arrabal,  
Casa es de religion  
Y de grande santidad;  
Las monjas estan comiendo.  
Yá que querian acabar,  
Luego yo cuando lo supe  
Envié con mi mandar  
A decir á la Abadesa  
Que no se tarde en bajar  
Que espera Doña Isabel  
Para con ella hablar.  
La Abadesa que lo supo,  
Muy poco tardó en bajar:  
Tomárame de la mano,  
A lo alto me fué a llevar,  
Hízome poner la meza  
Para haber de yantar.

Despues que hube yantado  
 Comenzóme a preguntar,  
 Como vine a la su casa  
 Como no entré en la ciudad?  
 Yó le respondi:—Señora,  
 Eso es largo de contar:  
 Otro dia hablaremos,  
 Cuando tengamos lugar.

*Cancionero de Romances, fol. 176 v.*

9

**Romances de Dona Isabel de Liar**

Como, porque el Rey tenia hijos de ella, la Reina la mando matar. —

*(Anonymo)*

Yó me estando en Giromena  
 Por mi placer y holgare,  
 Subiérame a un mirador  
 Por mas descanso tomare  
 Por los campos de Monvela  
 Caballeros vi asomare:  
 Ellos de guerra no vienen,  
 Ni menos vienen de paz.  
 Vienen en buenos caballos,  
 Lanzas y adargas traen:  
 Desque yó lo vi, mezquina,  
 Perémelos a mirare,  
 Conociera a uno d'ellos  
 En el cuerpo y cabalgare,  
 Don Rodrigo de Chavella  
 Que llaman del Marechale;  
 Primo hermano de la Reina,  
 Mi inimigo era mortale.  
 Desque yó, triste, le viera,

Luego vi malo señale.  
 Tomé mis hijos conmigo  
 Y subime al homenaje;  
 Yó que ya iba a subir,  
 Ellos en mi casa estane:  
 Don Rodrigo és el primero,  
 Y los otros traz el vane.

- Salveos Diós, Doña Isabel.  
 «Caballeros bien vengades.  
 —Conoscedenos, señora,  
 Pues asi vais a hablare?  
 \*¡Yá os conozco, Don Rodrigo!  
 Yá os conozco por mi male!  
 ¿A qu'era vuestra venida?  
 ¿Quien vos ha enviado acae?  
 --Perdonemedes, señora,  
 Porque lo que os quiero hablare,  
 Sabed que la Reina, mi prima,  
 Aca enviado me hay,  
 Porque ella es muy mal casada,  
 Y esta culpa en vos estae,  
 Por el Rey tiene en vos hijos  
 Y en ella nunca los hay,  
 Siendo, como sois, su amiga,  
 Y ella mujer naturale:  
 Manda que murais, señora,  
 Paciencia querais prestar.—

Respondió Doña Isabel  
 Con muy grande honestidade:

«Siempre fuistes, Don Rodrigo,  
 Todo en mi contrariedade:  
 Si vos queredes, señor,  
 Ben sabedes la verdade,

Qu'el Rey me pedio mi amôr,  
 Yo no se lo quise dare,  
 Teniendo en mas a mi honra  
 Que no sus reinos mandare;  
 Quando vió que no queria  
 Mis padres fuera a mandare,  
 Ellos tan poco quisieron  
 Por la su honra guardare.  
 Desde todo aquesto vido,  
 Por fuerza me fué a tomare;  
 Trújome a esta fortaleza,  
 Do estoy en este lugare;  
 Tres años he estado en ella  
 Fuera de mi voluntade.  
 Y si el Rey tiene en mi hijos  
 Plugo a Diós y a su bondade,  
 Y si no los ha en la Reina  
 E's asi su voluntade.  
 ¿Por qué me habeis de dar muerte,  
 Pues no merezco mal?  
 Merced os pido, señores,  
 No me la querais negare:  
 Desterreisme d'estes reinos,  
 Qu'en ellos no estaré más  
 Irme he yo para Castilla,  
 O a Aragon mas adelante,  
 Y si no bastare aquesto  
 A Francia me irè a morare,  
 —Perdonadenos, señora.  
 Que no se puede hacer mas,  
 Aqui está el Duque de Bavía  
 Y el Marquez de Villareale,  
 Y está el Obispo de Oporto  
 Que os viene a confesare.  
 Cabe vos está el verdugo  
 Que os habia de degollare,

Y aun aqueste pajecico  
La cabeza ha de llevar.--

Respondió Doña Isabel,  
Con muy grande honestidade:

«Bien paresce que soy sola,  
No tengo quien me guardare,  
Ni madre ni padre tengo,  
Pues no me dejan hablare,  
Y el Rey no está en este tierra,  
Qu'ere ido allende el mare;  
Mas de qu'el sea venido  
La mi muerte vengarae.

—Acabedes yá, señora,  
Acabedes de hablare.  
Tomalda. señor Obispo,  
Y metedla a confesare.—

Mientras en la confesion,  
Todos tres hablando estane,  
Si era bien hecho ó mal hecho  
Esta dama degollare:  
Los dos dicen que no muera;  
Qu'en ella culpa no hay;  
Don Rodrigo, qu'es muy cruel,  
Dice que la ha de matare.  
Sale de la confesion  
Con sus tres hijos delante,  
El uno dos años tiene,  
Elle otro para ellos vae,  
Y el otro, qu'era de teta,  
Dándole sale a mamare,  
Toda cubierta de negro,  
Lástima es de la mirare:  
«Adiós, adiós, hijos mios:  
Hoy os quedareis sin madre:

De alta sangre caballeros,  
 Por ellos querais mirare,  
 Que al fin son hijos de rey,  
 Aunque son de baja madre.

Tiéndenla en un repostero  
 Para habella degollare:  
 Asi murió esta Señora  
 Sin merecer ningun male.

*Cancionero de Romances*

—●—  
 10

**Al mismo asunto. — II**

*(Anonymo)*

En Ceuta estava el buen Rey,  
 Ese Rey de Portugal,  
 Cuando le dieron aviso  
 De tristeza y de pesar,  
 Diciéndole que habian muerto  
 A Doña Isabel de Liar;  
 Y que lo mandó la Reina  
 Por su mala voluntad.  
 Don Rodrigo fué el cruel,  
 El que llaman del Marchal.  
 Y ese Duque de Salinas,  
 Y el Marquez de Villareal,  
 Con el obispo de Oporto,  
 Que la fuera confesar.  
 Cuando aquesto supo el Rey,  
 No hace sinó llorar;  
 Juraba por su corona  
 Que le habia de vengar.  
 Mandó tocar sus trompetas,  
 El real mandara alzar,  
 Vistióse todo de luto

Luego se quizo embarcar  
Con solo diez caballeros  
Que no le quieren dejar.  
No quiso aguardar la flota,  
Por no se tanto tardar,  
Y dentro de siete dias  
A Sevilla fué a llegar  
Y de alli a pocos dias  
Es llegado a Portugal.  
Fuese derecho a palacio,  
Do solia reposar.  
La reina cuando lo supo  
Vinose a lo visitar;  
Mas el Rey con mucha saña  
D'esta suerte le fué á hablar:

—Mal vengades vos, la Reina,  
Malo sea vuestro llegar.

En diciendo estas razones,  
La mandó presto tomar,  
Y en el mismo repostero  
Do su amiga fué a finir,  
Mandó degolar la Reina,  
Don Rodrigo cuartear,  
Y a ese Duque de Salinas,  
Y el marquez de Villareal,  
Y al buen Obispo de Oporto  
Le mandó descabezar.  
Hizo sacar a su amiga  
Para con ella casar,  
Y por heredar sus hijos:  
A Don Pedro y a Don Juan.  
Y despues con mucha honra  
La mando luego enterrar;  
D'este modo vengó el Rey  
A Dona Isabel de Liar.

Timoneda, *Rosa Española*.—II. *Rosa de Romances*.

## 11

**Romances del Duque de Guimarans. — I**

*Dom Juan II de Portugal hace decapitar al Duque de Guimarans, y mata por su mano al joven Duque de Viseo, su primo y cuñado.*

*(Anonymo)*

Los grandes de Portugal  
Se muestran muy enojados,  
Con gran queja de su rey  
Muy gran odio le han tomado.  
Y el Duque de Guimarans  
Es el que más le ha mostrado,  
El cual con sus tres hermanos  
Se siente muy agraviado.  
Por muy áspero le acusan  
Y de no bien enseñado,  
Porque mui mal los tratava  
No haciendo d'ellos caso,  
Siendo de su misma sangre,  
Y sus deudos muy cercanos,  
Fuera de lo que su padre  
Siempre los habia tratado,  
Y de la humana llaneza  
Con que era communicado ;  
Agravando el mal presente,  
Mirando en el bien pasado,  
Y con este descontento  
Estando muy indignados  
Publicaban que era el Rey  
Avariento en sumo grado,  
Injusto, incapaz que el reino  
Fuese por él gobernado ;  
Lo cual por el Rey sabido,  
Mostrando-se muy airado,



Dicen que les levantó,  
O que fué de ello informado,  
Que el Duque y sus tres hermanos  
Que se habian conjurado  
De matar a su persona,  
Y de tomarle su estado  
Y darlo a su primo el Duque  
De Viseo, su cuñado,  
Y por esto los prendió  
Tomándolos descuidados  
Y procedió contra ellos ;  
Y el processo sentenciado,  
Fué el Duque de Guimarans  
En publico degollado :  
Esotros sus tres hermanos  
Fueron todos desterrados,  
Y al Duque de Viseo  
Perdonó por ser muchacho,  
Y no dende a mucho tiempo  
En que aquesto hubo pasado,  
Publicó que aqueste Duque,  
Su primo, queria matarlo,  
Y con otros caballeros.  
Que estaba yá conjurado ,  
Envió a llamar al Duque  
El cual vino a su mandado  
De un pequeño lugar suyo,  
Donde estaba aposentado,  
En la cámara del Rey  
Entró el Duque descuidado.  
Viéndole el Rey ante si,  
Que le maten ha mandado ;  
Pero teniendo respeto  
Nadie quiso ejecutallo  
Por ser su primo del Rey,  
Y ser tambien su cuñado

El Rey sacando un puñal,  
 Fué contra él muy airado  
 Diciendole: — ¡ «Oh traidor! —  
 Y el Duque muy fatigado,  
 Viendose llamar traidor  
 Respondió muy denodado :

«Vos sois traidor y mentis  
 En eso que habeis hablado.»  
 Díjole el Rey: — Tu pensabas  
 Levantarte con mi Estado  
 Y matarme a mi primero ;  
 Pues mal te se ha ordenado,  
 Que si mi brazo me ayuda,  
 No verás lo que has pensado.

Y abrazándose con él  
 Dos puñaladas le ha dado,  
 Y dejándole allí muerto  
 Entró dentro en su palacio,  
 Y preguntóle a la Reina:

— A quien quisiese matarme  
 Y alzarseme con mi Estado,  
 ¿ Que os parece que merece  
 En pago de su pecado? —  
 La Reina le respondió :  
 « El que tal caso ha pensado  
 Muy cruel muerte merece  
 Como traidor y malvado. »  
 Dijo El Rey: — Tened paciencia,  
 Que así he hecho a vuestro hermano.

Fuentes, *Libro de los Cuarenta cantos*, etc.

## 12

**La Duquesa de Guimaras se queja al Rey por la muerte que hizo dar a su esposo. — II***(Anonymo)*

—Quéjome de vos, el Rey,  
Por haber crédito dado  
Del buen Duque, mi marido,  
Do que le fué levantado.  
Mandastemelo prender  
No siendo en nada culpado,  
¡Mal lo hicistes, mi Señor!  
¡Mal fuistes aconsejado!  
Que nunca os hizo aleve  
Para ser tan maltratado;  
Antes os servió, ¡mezquino!  
Poniendo por voz su Estado:  
Siempre vino a vuestras cortes  
Por cumplir vuestro mandado.  
No lo hiciera así, señor,  
Si en algo os hubiera errado,  
Que gentes y armas tenia  
Para dar-se a buen recaudo;  
Mas vino como inocente  
Que estaba de aquel pecado.  
Vos no mirando justicia,  
Habeismelo degollado.  
No lloro tanto su muerte  
Como vello deshonorado,  
Con un pregon que decia  
Lo por el nunca pensado.  
Murió por culpas ajenas  
Injustamente juzgado:  
Él ganó por ello gloria,  
Yó para siempre cuidado.

Agora vivo en prisiones  
 En que vos me habeis hechado,  
 Con una hija que tengo  
 Que otro bien no me ha quedado,  
 Que tres hijos que tenia  
 Habeismelos apartado:  
 El uno és muerto en Castilla,  
 El otro desheredado,  
 El otro tiene su ama,  
 No espero verle criado:  
 Por el cual pueden decir  
 Inocente, desdichado.  
 Y pido de vos enmienda,  
 Rey, señor, primo hermano.  
 A la justiça de Dios  
 De hecho tan mal mirado,  
 Por verme a mi con venganza  
 Y á él sin culpa, culpado.

*Cancionero de Romances*

—●—  
13

**Romance del Duque de Braganza, Don Jayme**

*(Anonymo)*

Lunes se decia, lunes,  
 Tres horas antes del dia,  
 Cuando el Duque d Braganza  
 Con la Duqueza refia.  
 El Duque con grande enojo  
 Estas palabras decia:  
 —Traidora me sois, Duqueza,  
 Traidora, falsa, maligna,  
 Porque pienso que traicion  
 Me haceis y alevosía.  
 «No te soy traidora, Duque,  
 Ni en mi linaje lo habia.

Echó la mano a la espada,  
Viendo que así respondia:  
La Duqueza con esfuerzo  
Con las manos la tenia.

—Dejes la espada, Duqueza,  
Las manos te cortaria.  
«Por mas cortadas, el Duque  
A mi nada se daria,  
Si no vedlo por la sangre  
Que mi camisa teñia.  
¡Socorred, mis caballeros,  
Socorred por cortesia!

No hay ningun allí de aquellos  
A quien el favor pedia,  
Que eran todos portuguezes  
Y ninguno la entendia.  
Sino era un pajecico  
Que a la mesa la servia:

—Deje la Duquesa el Duque,  
Que nada te merecia.—

El Duque muy enojado  
Detrás del paje corria  
Y cortóle la cabeza  
Aunque no lo merecia.  
Vuelve el Duque a la Duqueza  
Antes que viniese el dia.

«En tus manos estoy, Duque,  
Has de mi a tu fantasia;  
Que padre y hermanos tengo  
Que te lo demandarian,  
Y aunque estos están en España,  
Allá mui bien se sabria.

- No me amenaceis, Duqueza,  
 Con ellos yo me avendria.  
 «Confessar me dejes, Duque,  
 Y mi alma ordenaria.
- Confesaos con Dios. Duqueza,  
 Con Dios y Santa Maria.  
 «Mirad, Duque, esos hijicos  
 Que entre vos y mi habia.
- No los lloreis mas, Duqueza,  
 Que yó me los criaria.—

Revolvió el Duque su espada,  
 A la Duquesa heria;  
 Dióle sobre su cabeza,  
 Y a sus pies muerta caia.  
 Cuando ya la vido muerta  
 Y la cabeza volvia,  
 Vido estar sus dos hijicos  
 En la cama do dormian,  
 Que reian y jugaban  
 Con sus juegos a porfia.  
 Cuando así jugar los vido,  
 Mui tristes llantos hacia;  
 Con lágrimas de sus ojos  
 Les hablaba y les decia:

- Hijos! cual quedais sin madre,  
 A la cual yo muerto habia?  
 Matéla sin marecerllo,  
 Con enojo que tenia.

¿Donde irás, el triste Duque?  
 ¿De tu vida, que seria?  
 ¿Como tan grande pecado  
 Dios te lo perdonaria?

Cancionero llamado — *Flor de Enamorados.*

## 14

**A' la muerte del Principe de Portugal***(Fray Ambrosio de Montesino)*

Hablando estaba la Reina,  
 En cosas bien de notar,  
 Con la infanta de Castilla,  
 Princesa de Portugal:  
 A grandes voces oyeron  
 Un caballero llorar,  
 La ropa hecha pedazos,  
 Sin dejar de se mesar,  
 Diciendo:

—Nuevas os traigo  
 Para mil vidas matar:  
 No son de reinos estraños,  
 De aqui son d'este lugar:  
 Desgreñad vuestros cabellos,  
 Collares ricos dejad,  
 Derrubad vuestras coronas  
 Y de jerga os enlutad;  
 Por pedraria y brocado  
 Vestid disforme sayal;  
 Despedios de vida alegre,  
 Con la muerte os remediad.—

Entreambas á dos dijeron  
 Con dolor muy cordial.  
 Con semblante de mortales,  
 Bien con voz para espirar:  
 «Acabadnos, caballero,  
 De hablar y de matar,  
 Decid: qué nuevas son estas  
 De tan triste lamentar?  
 Los grandes reys de España

Son varios, ó vales mal?  
Que tienen cerco en Granada  
Con triunfo imperial.  
A qué causa dáis los gritos  
Que al cielo quieren llegar?  
Hablad ya, que nos morimos  
Sin podernos remediar.  
— Sabed (dijo el caballero,  
Muy rouco de voces dar)  
Que fortuna os es crueldad,  
Y el peligro de su rueda  
Por vos hubo de pasar.  
Yo lloro porque se muere  
Vuestro Principe real,  
Aquel solo que paristes,  
Reina de dolor sin par,  
Y el que mereció con vós,  
Real Princesa, casar :  
De los príncipes del mundo  
Al mayor el más igual,  
Esforzado, lindo, cuerdo,  
Y el que más os pudo amar,  
Que cayó de un mal caballo  
Corriendo en un arenal,  
Do yace casi defunto  
Sin remedio de sanar.  
Si lo quiéres ver morir,  
Andad, señoras, andad,  
Que ya ni vé, ni oye,  
Ni menos puede hablar;  
Suspira por vos, Princesa,  
Por señas de lastimar,  
Con la candela en la mano  
No os ha podido olvidar.  
Con él está el Rey su padre  
Que quiere desesperar :



Dios os consuele, señoras,  
 Si es posible conhortar ;  
 Qu'el remedio d'estes males  
 Es á la muerte llamar.

*Cancionero de diversas obras.*

15

**Romance de la muerte del enamorado  
 Don Bernaldino**

*(Anonymo)*

Ya piensa don Bernaldino  
 Ir su amiga visitar,  
 Da voces á los sus pages  
 Que vestir le queiran dar ;  
 Dábanle calzas de grana,  
 Borceguis de cordoban,  
 Un jubon rico broslado,  
 Que en la corte no hay su par ;  
 Dábanle una rica gorra  
 Que no se podria apreciar,  
 Con una letra que dice :  
 =Mi gloria por bien amar.=  
 La riqueza de su manto  
 No os sabria yo contar,  
 Sayo de oro de mastillo,  
 Que nunca se vió su igual,  
 Una blanca hacanea  
 Mandó luego ataviar,  
 Con quince mosos de espuelas  
 Que le van acompañar,  
 Ocho pages van con él,  
 Los otros mandó tornar ;  
 De morado y amarillo

Es su vestir y calzar.  
 Allegado han á las puertas  
 Do su amiga solia estar;  
 Hallan las puertas cerradas,  
 Empiezó de preguntar:

—; Donde está doña Leonor,  
 La que aqui solia morar?

Respondió un maldito viejo,  
 Que el luego mandó matar:

«Su padre se la llevó  
 Lejas tierras a habitar.

El rasga sus vestiduras  
 Con enojo y gran pezar,  
 Y volvióse á los palacios  
 Donde solía reponer:  
 Puso una espada á sus pechos  
 Por sus días acabar,  
 Un su amigo que lo supo  
 Veníalo á consolar,  
 Y en entrando por la puerta  
 Vídolo tendido estar,  
 Empieza á dar tales voces  
 Que al cielo quieren llegar;  
 Vienen todos sus vasallos;  
 Procurar de lo enterrar  
 En un rico monumento  
 Todo hecho de cristal,  
 En torno del cual se puso  
 Un letrero singular:

==Aqui esta don Bernaldino,  
 Que murió por bien amar.==

*Cancionero ... Romances*

## 16

## Romances del Rey Don Sebastian — I

*(Anonymo)*

Una bella lusitana,  
Dama illustre y de valia,  
Haciendo sus ojos fuentes.  
Con llanto estiende la vista  
A la poderosa armada,  
Que de Lisboa salia.  
La vuelta el mar de Levante,  
Por Sebastiano regida.  
Y como vido que el norte  
Sopla furioso y aprisa,  
Dijo con un ¡ai! del alma,  
Triste, turbada, afligida:  
«Que no hay quien baste  
Contra un gallardo rey, moro arrogante.»  
Esta mirando por tierra  
Ca mucha gente lucida,  
Diferenciados en traje  
Y en diferentes divisas  
Porque aunque Cristo llevan  
La cruz en medio tendida,  
El galan y enamorado  
Conforme a su intento pinta;  
Pero la afligida dama,  
Que vido una roja insignia  
En una alta popa puesta,  
Desde un balcon que partia  
Dijo: «No hay quien baste  
Contra un gallardo rey, moro arrogante.»  
Mira las lucidas armas  
Que lleva la fidalguia,

Y de telas de oro y plata  
 Custosas ropas vestidas;  
 Y las medallas compuestas  
 De muy rica pedraria,  
 Cadenas de oro pendientes  
 Tantas que la vista admiran;  
 Considerando de muchos  
 La dolorosa partida,  
 Y que ve entre los que parten  
 El bien de su alma y vida,  
 Dijo: — «No hay quien basta, etc.»  
 Tocan las trompas á leva,  
 Y las cajas re onantes  
 Con los pifaros parleros  
 Dicen que todos se embarquen,  
 Los marineros dan voces  
 Para que el ferro se alce,  
 Y los lijeros grumetes  
 Al viento velas esparcen.  
 Cuando la dama hermosa,  
 Procurando consolarse,  
 Dice: «Plega Diós, que vuelvas  
 Victorioso y muy pujante,  
 «Y habrá quien baste  
 Contra un gallardo rey, moro arrogante.»

*Romancero generale.*

## El Rey Don Sebastian — II

*(Anonymo)*

De la sangrienta batalla  
 Que tuvo el rey Sebastiano  
 Con los africanos moros,  
 Rompido y desbaratado

Se ha escapado un español  
De los que Felipe ha enviado  
Al socorro y obediencia  
Del bando del lusitano.  
Despedazadas las armas,  
Sin aliento y sin caballo,  
En roja sangre teñido,  
Por muchas partes llagado,  
Arrimóse el español  
A un arbol espeso y bajo,  
De donde vido en su gente  
Aquel mortifero estrago:  
Y aunque lacio y macilento,  
Dijo, que lo oyó un soldado:

- No me pesa de mi muerte,  
Pues con una vida pago  
La deuda que a Diós le debe  
El catolico cristiano;  
Mas ¿por qué ha de morir  
Un rey mancebo y lozano,  
Y con él todos los suyos  
Por ser mal aconsejado?—  
Estas razones diciendo,  
Llegó el Rey alborotado,  
Y dijo: «¿Como, español,  
En tal priesa, tanto espacio?  
—Inclito Rey. le responde,  
Oyeme bien lo que hablo,  
Y és que te guardes, señor,  
Y retires todo el campo,  
Y no des al enemigo  
Tan abierta y larga mano,  
Y que los tuyos perezcan,  
Sin que se escape un cristiano.  
Mira que una retirada,

Cuando és con acuerdo sano,  
Vale más que un vencimiento,  
Si el tal se alcanza con daño.

El Rey atento le ha oído  
Y díjole: «Castellano,  
Toma para ti el consejo  
Que me dás, nó todo sano  
Mas con pecho de cobarde,  
Que no de diestro soldado.»

El capitan que se vió  
Ser del Rey abandonado,  
Cobró el aliento perdido  
Y tomó presto un caballo,  
Y con la espada desnuda  
Parte al sarraceno campo,  
Y díjole: — Excelso Rey,  
Porque entiendas que mi brazo  
No te ha de echar en afrenta,  
Ten cuenta con lo que hago.—

Trez alcaldes tiene muertos  
En una hora de espacio,  
Y mas de diez corredores  
De los que andan en el campo.  
El Rey, que atencion le tuvo  
Aunque no estaba parado,  
Dijo a los suyos: «Sin duda  
El español es honrado;  
Haced lo mismo, vosotros,  
Los que os preciais de hidalgos,  
Y ninguno vuelva atrás,  
Mientras no vuelve mi brazo.»

Pero la Parca cruel  
Que tiene el cuchillo alzado,  
A Sebastiano dió muerte,  
Y a su reino eterno llanto.

*Romancero general.*

— ● —  
**18**

**El Rey Don Sebastiano. — III**

*(Anonymo)*

Discurriendo en la batalla  
El Rey Sebastiano bravo,  
Bañado en sangre enemiga  
Toda la espada y el brazo,  
Herida su real persona,  
Pero no de herir cansado;  
Que en tal valeroso pecho  
No pudo haber cansacio.  
A todas partes acude,  
Do el peligro está más claro,  
Poniendo en orden su gente  
Y temor en el contrario,  
Entre los alarbes fieros,  
Haciendo en ellos estrago  
Con la prisa y peso de armas  
Sale cansado el caballo.  
A remediar su peligro  
Venir vió un valiente hidalgo;  
Las armas traia sangrientas,  
Por muchas partes pasado,  
En un caballo lijero  
Contra moros peleando,  
Y sacando de flaqueza  
La voz, dice suspirando:

—D'este caballo te sirve,  
 Inclito Rey Sebastiano,  
 Y salvarás en salvarte  
 Lo que queda de tu campo:  
 Mira el destrozo sangriento,  
 De tu pueblo lusitano,  
 Cuya lastimosa sangre  
 Hace lastimoso lago;  
 Sin orden tu infanteria,  
 Rompidos los de a caballo,  
 Senal de triste suceso  
 Favorable en el contrario.  
 Que te apartes d'esa furia  
 Te suplican tus vasallos  
 Llenos de sangre los pechos,  
 Puestas las vidas al caso:  
 Pon los ojos en tu fé,  
 Y recibe mi caballo;  
 Prefiérase el bien comun  
 A la vida de un hidalgo:  
 No abaldones mi deseo,  
 Huye las manos del daño.—  
 De cuyos ruegos movido,  
 Respondió el Rey acetando:

«A tal estrecho he venido,  
 Que tengo de ser forzado  
 A receber con tu muerte  
 La vida que yá desamo;  
 Pero poca es la ventaja  
 Que me llevaras, hidalgo,  
 Que aqui do quiere fortuna,  
 No está mal morir temprano.»  
 Decende, le dice el Rey;  
 Pero no puede el vasallo,  
 Que mil honrosas heridas



Le traian en tal estado;  
 Ayúdale a decender  
 El Rey con sus propios brazos,  
 Echándoselos al cuello,  
 Y subiendo en el caballo.

«Adiós, dice, caballero,  
 Que a buscar venganza parto  
 En los fieros enemigos  
 Y a morir con mis vasallos.

*Romancero generale, fl. 73 v.*

●

**Romance sobre a entrada  
 del Rey Felipe II en Lisboa en 1581**

Corriend. la antigua era  
 Del Santo Verbo encarnado  
 Año de mil y quinientos  
 Ochenta y uno contado,  
 Nel penúltimo de Junio,  
 Día santo y dedicado  
 Al Apóstolo primero  
 Pedro bienaventurado:  
 El invicto Don Filipe  
 Quiso honrar la gran ciudad,  
 La noble ciudad Lisboa  
 Que mucho le ha esperado,  
 Que em Almada está, su villa  
 A do yá havia aportado.  
 Y á dó estuvo algunos días  
 Con su corte aposentado,  
 Y de allí con amor mira  
 El buen sitio y gran poblado  
 Desta inclita ciudad  
 Que baña el Tejo dorado,

Que alli su rico tributo  
Viene á dar al mar de grado,  
Mira ricos edificios,  
Quel sol de dia ha mostrado,  
Y de noche varias lumbres  
En ventanas y terrados,  
Mas el cathólico Rey  
A partir determinado,  
Despues del gran sacrificio  
Al Señor ya celebrado:  
Y despues de haver comido,  
Al puerto habiendo baxado  
Con el Cardenal Alberto  
Su sobrino y su cuñado,  
En la su real galera  
Con los suyos se ha embarcado:  
Duques, Marqueses y Condes,  
Señores de Casa y estado,  
De los Grandes de Castilla;  
De su Reyno y potcntado.  
Con él vienen las galeras  
Que en su guarda han quedado,  
Del Marques de Santa Cruz,  
Cavallero exprimentado.  
Luego que su Magestad  
En la galera huvo entrado,  
Los truenos de artilleria  
Horrisona salva han dado.  
Neptuno con su tridente  
Se le humilló de buen grado,  
Los músicos instrumentos  
Tras esto luego han sonado.  
Las focas y los Tritones,  
Pueblo del reyno salado,  
Con las Noreidas del Tajo  
En choros se han ajuntado.

Las belicosas galeras,  
 Que en esquadron ordenado  
 A la Real, como senhora,  
 Patrona en medio han tomado.  
 Mil banderas y estandartes  
 Ya tenian arbolados  
 En astas los Lisbonenses  
 Con todo el pueblo ajuntado.  
 Y lindas embarcaciones,  
 Baxeles de vario estado,  
 Muestran llenos corazones  
 De un amor puro obligado.  
 Y con musicas y fiestas  
 A nuestro Rey han salvado.  
 Que con tan alegre muestra  
 Y deseo en bien fundado  
 Al puerto de la ciudad  
 Alegrementemente han llegado.  
 Los ilustres vereadores  
 Que tienen el consulado  
 De la muy noble ciudad  
 Y su gobierno ordenado,  
 En el caez capaz y largo  
 De mil figuras ornado  
 Y de triumphales arcos  
 Tienen lustroso y gallardo.  
 Luego quanta artilleria  
 En la ciudad se ha hallado  
 Con devida horrenda salva  
 Al Señor han saludado  
 .....  
 La marina y el castillo  
 Todos luego han disparado.  
 Tiembla cielo, agua y tierra  
 Y todo el mundo ha temblado,  
 Viendo á nuestro Rey Monarcha

En la gran ciudad entrado,  
Donde á todo el universo  
Tiene y tendrá conquistado,  
Con tanto aparato y pompa  
Al Rey que ha desembarcado.

El consejo y vereadores  
Aqui le han esperado  
En palio muy preminente  
De riquísimo brocado,  
Y en el adornado caez  
Con paso muy sosegado  
Llegan al Rey sin las varas,  
Haviéndol' reverenciado,

Y lleva un ministro suyo,  
Vereador de obras llamado,  
Las llaves de la ciudad,  
Que el vereador las ha dado  
A Filipe de Aguilar  
Cavallero muy esforçado,  
Y él las dió luego al Rey  
Que haviéndolas dél tomado,  
Como en posesion y firma  
De la ciudad que ha heredado;  
Al nombrado vereador  
Alegre las ha tomado,

Y él al vereador de obras,  
Que allí tenia a su lado.  
Tras esto Su Magestad  
En un rozillo cavallo.

Las galeras y baxeles  
De nuevo le han salvado;  
Con honestos aderezos  
Luego allí ha cavalgado.

Todos los mas apeados  
Delante vá acompañado;  
Le besan su real mano,

Que de buen talante ha dado,  
Y en el palio a dó lo esperan  
Con gran magestad entrado,  
Que tienen los vereadores  
Daqueste año y del pasado:  
Con ropas ricas de negro,  
Haviendo al Rey imitado  
Que aun entonces viste luto,  
Y de aquel año tomado,  
Por su muger Ana Reina,  
Que Dios le havia llevado.  
El Cardenal entre tanto,  
Que ya havia cavalgado,  
De Prelados y Obispos  
Y nobles acompañado:  
Se va derecho al Palacio,  
A dó el Rey ha esperado,  
El qual por el cáez hermoso  
Va en procesion ordenado,  
Mirando lindas figuras  
De relevo y entallado.  
Con elegantes letreros  
Que declaran su Reinado,  
De felicissima mano,  
Su gran ceptro dilatado  
Por muy longas regiones,  
Que su tributo han pagado.  
Y al portal de la Ribera  
En asiento entapizado,  
En pie está Hector de Pina  
Cavallero y buen letrado.  
El qual com gesto y meneo  
Elegante y acomodado.  
Hablando a Su Magestad  
Ha por la ciudad orado.  
El Rey, que se lo agradece,

Y loa lo que ha hablado,  
Siguen luego su camino  
Todo ricamente ornado,  
De hal'embras Persianas,  
Paños de seda y brocado,  
Y de pueblo innumerable  
Por ver a su Rey juntado.

Y a la Iglesia mayor  
Caminando ansi han llegado,  
El Rey á las escaleras,  
En llegando se ha apeado,  
Y al entrar de la puerta  
El Arzobispo prelado,  
Con los canonigos todos  
Revestido está parado.

Y el Santo Leño en las manos  
A besar al Rey ha dado,  
El qual entrando en la Iglesia  
Delante el altar prostrado,

A Dios muy devotamente  
Orando se ha encomendado,  
Y entanto el devoto clero  
Por él havian rezado;

Y acabando de rezar  
La mano le han besado.  
Él tornado de la Iglesia  
Al Arzobispo ha mirado,

Del qual el Rey se partiendo  
El bonete se ha quitado.  
Buelven todos al camino,  
Al palacio adereçado

Con mil fiestas y invenciones  
De juegos acompañado;  
Las calles y las ventanas  
Y quanto del Rey es mirado  
Todo es lleno de ornamiento

De plata y oro entallado:  
 Y de triumphales arcos  
 Y columnas de alto grado  
 Y de misticas figuras  
 De esculpido y dibuxado.  
 Significaban del Rey  
 La gran Monarchia y estado  
 Y su corona invencible  
 Y el gran cetro sublimado,  
 El Rey todo lo mirando  
 De buena gracia y grado,  
 Con muy apacible gesto  
 A todos ha contentado.  
 Y asi al real palacio  
 Llegando se ha apeado;  
 Y quando el sol se ponía,  
 Ya se habia aposentado.  
 Buena sea su venida,  
 Para bien sea llegado,  
 Sea su corona y ceptro  
 Para siempre prosperado.  
 Y acrescentada su vida  
 Por bien de su pueblo amado  
 Y Dios dador de los bienes  
 Para siempre sea loado.

—●—

**Romance da Armada que foi ás Ilhas Terceiras  
no anno de 1581,**

Ya la claríssima estrella,  
 Que causa la noche y dia,  
 Cursando sus doze casas  
 En la sexta entrar queria.  
 Un dia antes del grande  
 Que! ó siempre Virgen Maria!

Tu divinal cuerpo y alma  
N'el cielo se recibia,

Y de tu virginal parto,  
Do nuestra salud nascia,  
Años sobre tres quinientos,  
Ochenta y uno corria:

Quando la española Armada,  
Que el rey catholico envia,  
Del buen puerto del Ferrol  
Con su General partia,  
Don Alonso de Bazan,  
Que el cargo, el ser y valia  
Del Marqués de Santa Cruz  
Su hermano, bien seguia.

Naves siete vezes siete,  
En aquesta Armada ivan,  
Y algunas mas caravelas,  
Que de servicio venian.

Ya todas con Almiranta  
Y ciertas capitancias  
El capitan General  
En siete esquadras partia,  
Orden a cada qual dando  
Y instruccion justa y guia:  
La capitana Real,

Que *San Pablo* se dezia,  
Llena va de municiones  
Y horrísona artilleria  
Con trecientos mosqueteros  
Y noble cavalleria,

Y veteranos soldados  
De experiencia y gallardía,  
A que Don Pedro Bazan  
Hijo del Marqués venia,  
Y Don Juan Maldonado  
Con general veadoria,



Y tambien los capitanes  
 Varela y Miguel Garcia.  
 Y Don Diego Pareja,  
 Que a Don Lope obedecia,  
 Al *San Pablo*, *San Felipe*  
 Y *San Martin* le seguia,  
 Fortissimos galeones  
 Que en mar torres parecian.  
 Aqueste Gaspar de Sosa

.....  
 Con el qual de Don Francisco  
 Te Toledo el tercio iba

Con su Alferes Luis Velasco  
 Y escogida infanteria.

Y algunos entretenidos  
 Que de Lisboa partian,  
 Quales Don Jorge Trojano  
 Y Don Francisco Mexia.

Y Don Diego de Leiva  
 Morillon tambien venia,  
 Con otros nobles soldados,  
 Quantos nombrar no podria.

El galeon *Sau Martin*  
 Que ser General solia,  
 Con el tercio Lusitano  
 Que en Lisboa se hazia,  
 A su Maestre de campo  
 Gaspar de Sosa trahia,  
 De valor y buen consejo,  
 De buen animo y valia.

Tal. que esfuerzo y experiencia  
 A la su edad precedia,  
 De Don Christoval de Sosa  
 Qual sobrino ser, decia.

Lleva valerosa gente  
 Y muy noble compania,

Antonio Leite, alto en cuerpo  
 Y alto en cavalleria,  
 Que á su africano agüelo,  
 En nombre y ser parecia:  
 Lleva a Diego de Sosa,  
 Y a Luiz Alves d'Atouguia,  
 A Juan Roiz Pereira.  
 Y a dos hermanos Farias,  
 Vasco de Carvalho Sosa,  
 Simon d'Araujo, y aun iyan  
 Otros, que el Maestre de campo  
 Les dá mesa cada dia  
 Con su antigo alferez Sanchez,  
 Que va con su compañía.  
 Y á Gerónimo Soarez,  
 Capitan d'infanteria,  
 Y al capitan Luis Herrera  
 Valdevez, que en gallardia,  
 En honra, esfuerço, primor  
 Entre mil resplandecia.  
 Herrera, y dos mas tenia  
 Y tales hermanos quatro  
 .....as se hallarian.  
 Viene el Sargento mayor  
 Garcés, d'antigua valia  
 Con mas outros oficiales,....  
 Que con esto tercio envia.  
 Otras quatorze banderas  
 Por la flota repartia  
 N'el galeon *San Christoval*,  
 Que el *Portugues* se dezia.  
 Viene Francisco Pereira  
 Con su buena infanteria,  
 Y amigos aventureros  
 Que á ventaja se tenian.  
 El Christoval de Tojal,

De honra y experiencia antiga,  
Y Pedro Alvares Vieira  
Que en esto a nadie cedia.

El Texera esprimentado  
Quél Escoso se dezia,  
Y del tercio Lusitano  
El Auditor tambien iba.

Que en tan honrosa jornada  
Su vejez no le impedia,  
Y su hijo Luis Falcon,  
Que es d'aquesta compañía.

Alférez, que otras jornadas  
Ya mui bien servido havia,  
El Giraldo capitan

En *Santo Thomax* trahia  
Sus escogidos soldados  
Que en Lisboa hecho havia;  
Del capitan Valladares

La gente aqui tambien iba.

En otra nao Juan Travaços  
Va con su infanteria,  
Y en otras van Juan Francisco,  
Juan Roiz de Faria,

Villalobos y el Caldera,  
Y el Peralta aqui venian;  
Y viene dela Olivera

Del Puerto, la compañía,  
Con su Alféres y el d'Arca

La mya tambien trahia,  
Y el Lobo y Marcos Hernandes  
Con dignas capitancias.

Delante la Generala  
La segunda esquadra guia  
El claro Don Luis Cotinho  
Que de Lisboa partia,

En diez navios ligeros

Con gente diestra escogida  
Castellana y portuguesa  
Qual España bien la cria.

Aqui Don Fernando d'Agreda,  
Y Don Arias de la Silva,  
Y Pedro Avalos de Ayala  
Con silla real venian.

Don Francisco Carvajal,  
Cada qual d'infanteria,  
El capitan D. Gabriel  
Que en Lisboa presidia,

Y el portugués Gaspar Limpo,  
Y el Tavora de ancianía  
Animoso capitan  
Que en la mar envegecia.

Y Manuel Pacz, con otros  
Que en Felipotes trahia,  
Yba Ochiola en la tercera  
Esquadra, que es Biscaina.

En la quarta Sancho Pardo,  
Y es el que la quinta guia,  
El valiente Bretedona  
Viscaino de valia.

Don Bertholomé en la sexta,  
Y en *Santo Thomás* venia.  
Marcos de Azanbucha trahe  
La sétima de Sevilla.

Y el Garibá, con Pataxos  
Por la flota discorria.  
Al postrer dia d'Agosto  
El sol ya llegado avia,

Quando la Isla Tercera  
Al'Armada aparecia,  
Claman todos: *Tierra! tierra!*  
Con aplauso e alegria.

Ya se ven sus toscas peñas,

Ya campos, ya serrania,  
Ya frescura, y aguas claras  
Que aun mas desean, que vlan.

Porque los que solo en vista  
Gozan frutos y aguas frias,  
De Tántalo el ánsia y gana  
Que imitavan, parecia,

O quando el Rey deve al  
Que sirve en la mar bravia!  
Sábelo el que ha probado  
Saladas sensaborías.

El capitan General,  
Que regalos no queria,  
Corre entorno á la ribera,  
Mas nadie en ella surgia.

Y entonces el General  
Delante un pataxo envia,  
Y a Don Luis ha encargado  
(Que en la vanguardia venia)

Que al barlaviento se vaya,  
Entre el Cuervo y Flores siga,  
Siendo el principal intento  
Hallar la armada enemiga.

Y al arlaviento á éste é.....

A gulaviento envia:  
Luego toda la mas flota  
Bien ordenada partia.

Yá las Islas del Fayal  
Y San Jorge parecian,  
Y la del Pico, que en altura  
A las naves excedia.

Luego á la de los Açores,  
Desde aqui hacen sus vias,  
Onde tienen por avisos,  
Que el enemigo estaria.

Pues el pataxo enviado.

Que á la Inglesa flota via,  
Velas quatro vezes siete  
Haver contado, decia.

Y tirando un grueso tiro  
Abatir todos hazia;  
Los enemigos s'aprisan,  
Amigos s'apercebian.

Claman luego *arma, arma,*  
*Al arma* en gran vozeria  
De cada baxel la gente  
De mar, y d'infanteria.

Capitanes y Alfereses  
Todos em orden ponian  
Los soldados y sus armas  
De la grave Artilleria,

Y el lugar cada qual toma,  
Qu'alli mas le convenia:  
Y el apóstata enemigo  
En quanto esto se hazia,

De entre una Isla y la otra  
Sobresaltado salia;

Éste era un Thomas Howard  
Que por General venia,

Y al gran Richart Campoverde  
Por Almirante trahia:

Los quales doblando el Cuervo  
Nuestra Armada descubrian.

Y a ella con arrogancia  
Sin conocela venian,  
Pensando que eran navios  
De Indias, y mercancia.

Mas la real Capitana  
Luego contra ellos camina,  
Y el arlaviento les toma  
Por impedirles la huida.

Ya la esquadra sevillana

Qu'el Azambucha regia  
Hallándose en la vanguardia  
La enemiga perseguia.

Mas no háviendo aun investido,  
*Sant Felipe* alli investia  
A la Almirante Inglesa,  
Dô Campoverde venia.

Donde un cruel cañonazo  
Qu'el Inglés tirado havia  
Mataba á George Troyano,  
Que por su Rey bien moria.

Mas nueve soldados presto  
N'el Inglez saltado havian,  
Y el General combatido  
En fuego y mosqueteria.

Del Galeou *Sant Felipe*  
Por mafia se deshazia;  
Tras esto la náó *Ascension*  
De la esquadra de Sevilla,  
En la qual Antonio Anrique  
Traia su infanteria,  
A la enemiga Almiranta  
Aferró con gran porfia.

Y alli luego el Bretendona  
Con denuedo le investia,  
Y otros navios d'esquadras  
De Biscaya y de Sevilla.

Con los mas, que al enemigo  
Combaten, que resistia,  
Ya nuestro maestre de campo  
Lusitano que venia,

Al enemigo apretando,  
Y la huida le impedia  
Y a dos enemigas naves  
Rendidas quasi oprimia,  
Manda el General que vuelva

A él, sobpena de vida,  
Y se ajunte á su esquadra  
Que es la de su compañía.

Con que el valeroso Sosa  
La presa y occasion perdia,  
Y al general, se volviendo,  
Se ajunta y obedecia.

Mas D. Luis que de lexos  
Vió tirar la artilleria,  
Y la naumachia travarse,  
A gran priesa, revolvia,  
Hasta llegar dó la furia  
Naval en el agua ardia,  
Y dar alcance á dos naves  
Enemigas conseguia,

Quando el mismo General  
Por un pataxo le envia,  
Que resuelva dar asalto  
A naves que combatia.  
Con el Richarte.....  
Don Luis luego be.....  
Y entendiendo qu'él.....  
Aun havido huir queria:

Y que Don Antonio Leite  
Aferrado le tenia,  
Mandando tocar trompeta  
Que á amigos dá osadia  
Y quebranta al enemigo;  
Por proa le acometia  
Y las xarcias y la gente  
Hiere, destroza y rompia.

En esto na noche oscura  
Cerróse y luz no havia  
Mas que de fuegos y truenos,  
Formados de artilleria.

Y la inglesa Almiranta



Se defiende todavia  
Cercada d'outros navios  
Nuestros que alli acudian.

Esta siendo de mas cuenta  
Baxel que en Londres havia,  
Y asida de todas partes  
Por huirse aun porfia.

Qual talvez el bravo toro,  
Que n'el cosso se corria,  
Lleno de sangre y corage,  
Que miedo, y temor ponía;  
Al qual algunos lebreles  
Temerosos cometian,  
Mordiscando sus orejas,  
Molestándole á porfia.

El toro brama y bravea,  
Aferrado aun se huía  
Hasta que varonil moço  
Le jarreta y abatía.

Tal al bravoso Richarte  
Don Luis llegando hazía;  
En toda la escura noche  
Le rebate y deshacia.

Y viendo-se acometido  
Entregarse no queria  
Hasta cerca de mañana  
Que su armada huía.

Y entonces ya mal herido,  
Con su nave se rendía,  
La qual quarenta e seis piezas  
Gruesas de bronze trabía;

Que furiosas balas echan  
De a noventa y aun mas libras;  
Mas el triste Campo Verde  
En bermejo se bolvia.

Que el cuello, rostro y cabello

De propria sangre tenia  
Y con hasta cien soldados  
Maniatado se trahia,  
    Á la Real capitana,  
Que muertos muchos havia,  
Y el Richarte herido y preso  
Murióse al segundo dia.

La vencedora *Ascension*  
En que el Anrique venia  
Y que en ella ha peleado  
Con esfuerzo y con valia,  
    Horadada por mil partes,  
En fin al hondo se iva,  
Su capitan se salvando  
Y alguna gente con vida.

Y la nave de Don Luis  
Que este mismo mal tenia,  
Sin que pudiese valerse  
Tambien despues se bundia.  
Y Don Luis con su gente  
A otra nau se recogia,  
La del Richarte ya estando  
De todo punto rendida.

La real pues capitana  
Y *San Martin* que seguian  
A la capitana Inglesa,  
Y la mas flota enemiga;  
    Viendo qu'en toda la noche  
Alcanzarla no podian,  
Buelve á la inglesa Almiranta  
Destrozada y abatida,  
    Que estava de cuerpos muertos  
Llena, y de vivos vazia,  
Y en ella vencida, entrando  
Los vencedores se admiran  
    De su talle e compostura,

De su brava artilleria,  
De sus varias municiones  
Cargada, y de mercancia,  
Y entre otras presas y robos,  
Plata fina y oro trahia,  
Y nuestro Baçan prudente  
De que todo bien provia  
Ya va siguiendo a la rota  
Del enemigo que huia. . . . .  
Sehun destrozado él iva.

Con otros siete Galeones  
De la Reina que trahia,  
Ya mas de cincuenta leguas  
Nuestra armada la seguia.

Para dó la flota de Indias  
Venir tambien se creía,  
Y á dieziocho de Setiembre  
Que ella tardar ya se via,  
Cursando asi nuestra armada,  
Eis la Indiana, que venia,  
Que alborotado rebate  
Entre los nuestros hazia,

Hasta que'un galeon nuestro  
Primero la conocia,  
Y acercándose, dan muestras  
Y señales de alegria.

Onze los navios eran  
Que delante asi venian  
Y que'el mal tiempo apartara  
De la otra compañia.

La qual juntos esperamos  
Hasta los veinte y tres dias,  
Cerca la Isla de Flores  
Donde en fin aparecia.

A la nuestra se llegando  
Con ella alegre se unia,

Entendiéndose al principio  
Que para ofender venia.

Destrozado, roto y preso  
Halla, lo que hacer queria :  
Nos prósperos caminando  
De la Tercera la via.

Un abrego muy furioso  
Con impetuosa porfia  
Se arroja en nuestra armada,  
La destroza y dividia.

Y entenas mástiles, velas  
Gaveas. y xarcias rompía,  
Y las fuertes ligaduras  
De las naos enflaquecia.

Y con extraordinarios mares  
Aprofundar la queria.  
Que ora tocaba en el cielo,  
Ora en el centro se hundia.

Y las combatidas naves  
D'agua y de temor enchia,  
Que una, por cima levanta,  
Otra por baxo sumia.

Lo haze con triste muestra  
Que lagunas parecian,  
Los cansados marineros  
Desvélanse noche y dia.

Dan velas y amainan velas,  
No da el viento mejoría,  
Y quedando en arbol seco,  
La tormenta mas crecia,

Tan terrible y porfiada,  
Que humana fuerza excedia,  
En que á Dios piden socorro,  
Y á sus Santos su valia.

Dos noches horrendas pasan  
Y dos tristísimos dias;

Y de las amigas naves  
Muy pocas aparecian.  
Qu'el viento con negras alas  
Derramado las havia,  
Hasta que en parte el furor  
La fuerza disminuia.

Ya la real capitana  
Cerca se nos descubria,  
Y allá junto á la Tercera  
Haziendo hondo surgia.

Dò los fuertes de la playa  
Ya salvado nos havian  
Y a bordo á la capitana  
En barcos gente venia,

Que d'otras naves nuestras  
Nuevas no buenas trahia.  
Porque algunas quebrantadas  
El mar submersas tenia.

Mas aun no estabamos surtos,  
Alli tres horas havia,  
Quando otro viento terrible  
Y repentino se erguia,

Tal que cortar las amarras,  
Y áncoras perder hazia,  
Y por las tremides olas  
Arrojados nos trahia.

*San Martin*, en San Miguel  
Isla, con otros surgia,  
Mas la capitana nuestra  
D'España la buelta iva.

Enviando en una esquadra  
Algunas de Indias, á Sevilla,  
Y aun con vientos contrarios  
Nos yvamos á Galizia.

Ellos en fin nos hizieron  
Ver la alta roca de Cintra

Y la barra de Lisboa,  
Que bien no se conocia.

Mas entrar dentro del rio  
El poco viento impedia,  
Que tanto daño poco antes  
Nos hizo su demasia.

Hasta que los mas baxeles  
De nuestra armada surgian  
En puerto del patrio Tajo,  
Que á Lisboa ennobrecia.

Dó despues el General  
Con los más llegado havia,  
Nuestro Mestre de Campo,  
Que en el *San Martin* venia.

Y a todos con su llegada  
Causaba esfuerço, alegria,  
Llegado haviendo el Coutinho,  
Qu'el estandarte traia

Arrastrado por las velas,  
Qu'al Ingles ganado havia,  
Y un capitan de su esquadra,  
Don Manuel Paes se dezia

Tomó la presa a un corsario  
Que a Don Arias captivo havia,  
Llevándole á Inglaterra;  
Mas gente y nave perdia.

Y en el puerto de Lisboa  
Con todo el tercio surgia,  
Y quasi toda la armada,  
Que Don Alonso regia.

Sea el Señor alabado,  
Que es nuestra luz, vida y guia,  
Su fé pura, y santa iglesia  
Exaltada y siempre invicta ;  
Y al catholico Rey nuestro  
Dé luenga y prospera vida.

# NOTAS

AO

## ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

---

### I

#### CYCLO ODYSSAICO OU ATLANTICO

Nos Cantos populares portuguezes e seus paradigmas da Poesia popular do Meio Dia da Europa, encontram-se themas tradicionaes, que são vestigios inconscientes das *grandes lendas maritimas relativas ao Occidente*, originadas pela impressão indelevel das primitivas navegações no Atlantico. Essas viagens, de que apparecem referencias preciosas nos poemas dos Argonautas orphicos, de Appollonio Rhodio, e na *Ora maritima* de Festus Avienus, têm sido estudadas para recompôr a geographia da região occidental da Europa, e para determinar essa raça navegadora. O seu reflexo nos Cantos populares, ainda corrente na tradição oral, tinba sido apenas entrevisto por Fauriel e J. J. Ampère. A marcha dos estudos homericos sobre as lendas maritimas da *Odyssêa* é que traz uma luz inteiramente nova para coordenar os residuos épicos, ainda persistentes, que foram agrupados cyclicamente na preciosa epopêa grega. Destacaram-se dos vinte e quatro cantos da *Odyssêa* os episodios essenciaes que formam o quadro dos *Errores de Ulysses*, do seu *Regresso a Ithaca*, do *Encontro com Eumeu*, do *Reconhecimento de Penelope*, do *Massacre dos Pretendentes*. Assim procede Kirchhoff decompondo a *Odyssêa*; e Croizet explica a formação cyclica do poema: «crescendo pouco a pouco por uma especie de evolução interior, levando o germen a produzir tudq o que n'elle se contém.» (*Hist. de la Litt. grecque*, t. 1, 335.)

D'este processo deduz lucidamente o critico : «Nós podemos dizer, em summa, que todas as partes da *Odyssêa*, sem excepção foram compostas em vista de uma destinação actual, ainda que ellas não tenham sido *nem concebidas simultaneamente, nem*

*executadas pelo mesmo poeta, sob um plano primitivo.» (Ib., p. 331.)* Houve indiscutivelmente remodelações do Cantos avulsos para os agrupar cyclicamente; é este conjuncto odysseico, que nos revela a importancia dos cantos avulsos populares em que predomina esse thema. Escreve Croizet, referendo Koeckly: «se realmente os cantos primitivos receberam remodelações, que os tenham assim desfigurado, nunca uma sciencia prudente poderá crêr possível o reconstituil-os. A critica não pôde proceder com alguma certeza senão *sobre conjunctos bem caracterisados; . . .*» (Ib., p. 334.)

A nossa classificação dos Cantos populares portuguezes funda-se na comprehensão d'esses *conjunctos bem caracterisados*. Até aqui reconhecia-se que as noticias geographicas da *Odysseia* quadravam ás regiões occidentaes da Europa e não ao Mediterraneo; e já Erasthotenes escrevia: «que para determinar o itinerario de Ulysses seria preciso achar o artifice que coseu o odre em que fecharam os ventos, que o arrebataram na tempestade.» Procuram-se Periplos phenicios e mesmo poemas litterarios como os de Appollonio Rhodio e Festus Avienus, e tudo leva ao reconhecimento, de que essas aventuras odysseicas se passaram no Atlantico e nas costas occidentaes da Europa. E as navegações contidas na *Odysseia* são anteriores ás expedições tardias dos Jonios: «A parte mais antiga do Poema, aquella que narra as viagens de Ulysses, deve ter nascido *antes da grande expansão das navegações hellenicis fóra do Archipelago*, isto é, antes do movimento da colonisação do seculo VIII (a. C.). Ella suppõe um conhecimento muito vago da Africa ao occidente do Egypto, da Sicilia, da Italia meridional. Todos estes paizes são entrevistos pelo poeta através de lendas. Esta parte do poema não pode ser menos antiga do que a primeira metade do seculo VIII, sendo mais verosimil que remonte ao fim do IX seculo.» (Id., p. 425.) Esta data basta para determinar que essas navegações eram realisadas pelos Ligures, destruida a miragem phenicia dos eruditos, que apenas tem o valor de determinar o campo da acção no Atlantico. Precizada a origem ligurica, está explicado o facto apontado por Strabão, de existirem as lendas homericas ou odysseicas na Hespanha e na Italia; os seus povoadores liguricos tinham as lendas oraes das suas proprias navegações aventureiras. E persistindo esses cantos oraes, tomando da *Odysseia* o plano simples ou o *conjuncto mais bem caracterisado*, conseguimos fixar as fórmulas dos Romances que foram elaborados pelos Rhapsodos hellenicos.

O que determinaria este trabalho pelo genio grego? Ampliar a lenda nacional do Regresso dos Acheanos com os



factos emocionantes dos *Errores* e do *Regresso de Ulysses*. Se os efeitos foram bem apropriados em relação ás situações do heroe, o quadro geographico foi transplantado pelos rhapsodos com toda a inconsciencia do absurdo.

Consideremos esta parte negativa a que chegou a critica dos poemas homericos.

Theophile Cailleux, no seu livro *Origine celtique de la Civilisation de tous les peuples*, sustenta desde 1878, que as lendas da Odyssêa de Homero narram impressões de factos passados no Atlantico, e não no Mediterraneo: «Passaram trez mil annos que possuímos a *Odyssêa*, e que com este guia na mão, erramos pela bacia do Mediterraneo, buscando infatigavelmente ilhas, praias, montanhas, povos, cavernas, portos que ahí não existem. Aonde o poeta nos descreve um golfo, vamos encontrar um cabo; para chegar a um porto deveríamos singlar para a direita, e esse porto fica á esquerda; uma ilha é annunciada como separada da costa por um dia de viagem e não avistamos esta ilha da costa.

«Os gregos, que tinham estabelecimentos por todo o Mediterraneo desde a Hespanha ás fronteiras da Asia, que fallavam a lingua de Homero e o consideravam como o seu poeta, debalde ensaiaram, mesmo deturpando lhe o texto, adaptar as suas descripções aos paizes da sua visinhança.

«Os romanos, que lhes succederam n'este trabalho de investigação, chegaram a resultados mais assombrosos; levados pela conquista ás bordas do Atlantico, foram surpreendidos de encontrarem ahí o que se precisava na Grecia; Strabão cita em Hespanha uma cidade com o nome de *Odyssêa*.

«Plutarcho e Solino, sem se deixarem desnortear pelas ficções dos gregos, asseguram que a ilha de Ogygia onde habitava Calypso era no Atlantico, cinco dias de navegação para além da ilha da Bretanha; emfim quando se começou a conhecer bem as regiões occidentaes, obteve-se sobre os paizes homericos noções mais precisas.—O poeta Claudiano (*In Rufinum*, lib. I) diz: «Ha na extremidade da Gallia, sobre as bordas do Oceano, uma caverna aonde Ulysses evocou por libações de sangue as sombras dos mortos. Estes documentos augmentaram com tal persistencia, que, mesmo nos tempos antigos, chegou-se a affirmar que *Homero era um Atlante*.» (Suidas, *Lexic.* vb.º *Hesiodo*.)

Alludindo á hypothese phenicia, escreve Cailleux: «Nos tempos mais remotos, os Phenicios, dizia-se, conheciam pelo Occidente ilhas longinquas, onde iam commerciar; e effectivamente tem-se encontrado nos archipelagos d'este mar, vestigios de antigos povos e inscripções hebraicas (Madeira

e Açores). Em uma época ainda mais antiga, Homero fallando de Calypso, colloca-a em uma ilha no centro dos mares (*Odys.* I, 50, 52.) a que chama Atlante. Ulysses deixa Troia, perde-se em regiões ignotas e regressa a Ithaca; Troia, estas regiões e Ithaca estão todas no Atlantico.

«Os detalhes dados pelo poeta são, em verdade, numerosos e variados; os deuses, os costumes, as artes, os nomes dos povos, os phenomenos da natureza n'elle são embellezados pelos encantos da poesia; mas n'estes elementos ha alguns que appresentem caracteres tão especificos, tão determinativos dos logares em que se passaram, que ficariam em contradicção com todos os outros quaesquer logares a que se queiram applicar.

«As descripções homericas indicam-nos constantemente, por meio dos quatro ventos cardeaes, a direcção do navio indo de uma ilha para outra; no Mediterraneo, por exemplo, cuja bacia é estreita e entrecortada, não podemos obter estas condições complexas, mas na livre extensão do Oceano, os ventos conduzem sem difficuldade o navio para os pontos marcados; d'onde concluímos que foi no Oceano que tiveram logar os erros dos heroes de Homero. — Os seus poemas nos conduzem por toda a região druidica desde o golfo do Wash até á ilha de Gades, nos archipelagos do Atlantico e mesmo nas extremidades d'este mar.»

Cailleux esboçando apenas esta these capital, prometteu desenvolvê-la no seu livro *Pays atlantiques décrits par Homere*, em que provará, que são a Bretanha, a Gallia e a Iberia e todos os Archipelagos do Atlantico; e que a religião referida por este poema se perpetúa n'estes paizes e se encontra ainda nas nossas crenças.

Nós, hoje, damos uma nova comprovação a esta viagem occidental: reconstituimos a *Odyssea atlantica*, que os rhapsodos hellenisaram, agrupando cyclicamente os Cantos populares portuguezes e seus similares catalães, italianos, bretões e francezes, que encerram esse thema tradicional da navegação ligurica. Para se avaliar a verdade dos themas romanescos e do seu agrupamento, importa conhecer a opinião de Aristoteles sobre a *Odyssea*: «Toda a *Odyssea* pode ser exposta em poucas palavras. Um homem está ausente de sua casa ha já alguns annos; detido ao longe por Poseidon (Nep-tuno) elle vê se sósinho; além d'isso, a situação da sua familia dá causa a que os seus bens sejam dissipados por pretendentes, que meditam a morte de seu filho. Chega a final, escapo da tempestade; diversos reconhecimentos têm logar; elle ataca os seus inimigos, elle proprio liberta-se do perigo

e da-lhes a morte. Eis o essencial do poema ; tudo o mais são episodios.» (*Poet.*, cap. xviii.) Esta idéa de Aristoteles foi adoptada por Nitzsch : «Aristoteles observou muito bem, que a *Odysseia* desde o seu comêço, visa ao seu desenlace, que além d'isso conduz habilmente Ulysses a uma situação esboçada pelos primeiros livros, emfim, que tendo augmentado pouco a pouco a culpabilidade dos pretendentes, faz apparecer como um vingador, tudo isto por meio de uma combinação tão intelligente, que nada ha que se lhe compare.» Os criticos destacam da *Odysseia* esses quadros essenciaes ; Koechly aponta entre as rhapsodias primitivas um grupo de cinco rhapsodias do *Regresso de Ulysses* : Calypso, Nausica, Ulysses entre os Pheaces, Aventuras de Ulysses e seu Regresso; e um segundo grupo de oito rhapsodias: Chegada de Ulysses a Ithaca, Ulysses e Eumeu, Reconhecimento de Ulysses e Eumen, Ulysses em presença dos Pretendentes,—em presença de Penelope, Massacre dos Pretendentes, Combinações, segunda scena das mortes.

Kirchhoff, tambem divide o poema em quadros que se completam : Regresso de Ulysses, fim do Poema com a chegada a Ithaca, e Additamento, em que avulta a Telemachia. Para realisar estes desmembramentos bastava seguir as indicações do poema : «O que parece primitivo—*As viagens de Ulysses* e tudo o que elle soffreu longe do seu paiz—figura na invocação da summula da *Odyssea*; não falla na *lucta dos Pretendentes*, se não em uma allusão. Por aqui se vê como os themas avulsos da tradição se foram conglobando. (Croizet, ib. 275.)

Nos Cantos e Lendas populares portuguezas encontra-se todo este quadro odysseaico :

1.º A *Ilha encantada* (Ogygia) ; temos a lenda geographica das Ilhas empoadas; a Antilia transformada da ilha de Avalon.

2.º O *Cativo*, por encantamento junto de Calypso, que lhe dá a liberdade; reelaborado em outras epochas, pelo cativo christão na Moirama.

3.º A *Não Catherineta*, verdadeiramente os *Erros de Ulysses* (liv. v da *Odysseia*.)

4.º *Nausica*, o quadro da Donzella na fonte.

5.º Novos erros; o poder de seducção de *Circe*; acha-se nos Romances das Asturias, *Gayarda*, de Traz os Montes, e da Andalusia.

6.º Viagem ao paiz dos Mortos : ficou na lenda da Descida aos Infernos, Purgatorio de S. Patricio ou a *Visão de Tundal*, fontes da elaboração do Dante.

7.º O *Cativo* chega por milagre á sua terra, na versão de um Romance do Algarve da *Senhora dos Martyres*.

8.º O encontro com Eumeu; acha-se no Romance de *Dom Marcos*, do Alemtejo.

9.º A *Bella Infanta* é o Reconhecimento de Penelope; que o povo relaciona chamando ao marido o dono da *Não Catherineta*.

10.º A *Noiva roubada*, é o quadro da lucta com os Pretendentes.

É verdadeiramente um conjuncto hem caracterizado; isto dissolve a miragem phenicia exclusivamente geographica.

Em uma sessão da Sociedade biblica em Inglaterra em 1873, em que o assyriologo George Smith appresentou os seus trabalhos sobre a tradição do Diluvio nos documentos achados nas excavações da Chaldêa, fallou o grande hellenista Gladstone, manifestando-se pela miragem phenicia: «E' claro para quem estuda sériamente os Cantos homericos, que a origem das instituições e da Civilisação descripta n'este Poema remontam á influencia phenicia.» E em 1900, Bérard, na *Revue arch.*, II, 16) sustentava: «A *Odyssêa* parece-me como um Periplo phenicio (de Tyro ou Carthargo) transformado em versos gregos e lendas poeticas, segundo certas regras.» A esta miragem obedeceu o nosso sapiente archeologo Francisco Martins Sarmiento, em um precioso livro *Os Argonautas*, (1887) e *Ora maritima* (1896). Estes Phenicios, a que se referem os tres escriptores mencionados, são os Ligures, cujas tradições aventureiras ou poeticas foram adaptadas pelos Gregos aos seus heroes acheanos, mas nunca uma idealisação de seccos Periplos geographicos dos Phenicios, que não souberam adaptar ás suas regiões mediterraneas. O valor da critica da geographia archaica por Martins Sarmiento tem uma parte positiva fundamental: é a demonstração segura das Navegações feitas no Atlantico, implicitas das lendas dos Argonautas de Orpheo e de Appollonio Rhodio. E' essa parte que merece ser conhecida pelas suas consequencias da autochtonia da Civilisação occidental ou ligurica.

A miragem phenicia tambem foi complicada pela miragem celtica (como se vê em Th. Cailleux); nas lendas argonauticas de que se serviu Appolonio Rhodio para o seu Poema, os *Ligures* são substituidos pelos *Celtas*; Sarmiento põe em evidencia a miragem: «ora os Celtas realisaram a sua conquista no seculo VII antes da nossa éra, e este nome de *Celta* só apparece no Periplo phenicio do seculo VI, e entre os gregos na obra do Hecateu de Mileto, posterior ao Periplo.» (*Os Argonautas*, p. 214)

Mas o archeologo portuguez Martins Sarmiento, considera as lendas maritimas dos Argonautas de origem phenicia, penetrando algumas na *Odysseia* de Homero: «Escusado discutir se os Argonautas podiam ser gregos; os gregos em tempo nenhum fizeram expedições maritimas para o Mar do Norte. Se se pergunta quem elles deviam ser, a resposta é simples e forçada: foram os Phenicios; e não ha duvida alguma n'este caso em acceitar por historico o dado chronologico da lenda, quando remonta á expedição para além da guerra de Troya. Antes do tempo de Homero, os Phenicios, diz Strabão, apoderaram-se do melhor da Libya e da Iberia, e nós verêmos que foi muito provavelmente a idéa fixa de conhecer e explicar a mysteriosa ilha (Ea) das extremidades da terra e do mar, que os trouxe ao sudoeste da Hespanha. — O que é então a Argonautica? Para nós é a legenda das primeiras explorações maritimas dos Phenicios para o Atlantico, attribuidas pelos gregos a compatriotas seus, como succedeu com muitas outras em que elles puzeram a mão, e deturpada na parte geographica, sobretudo quando os semi-eruditos começaram a notar que o campo dos feitos dos seus primeiros marinheiros não podia deixar de ser uma região facilmente accessivel aos seus navios...» (*Os Argonautas* — Subsídios para a antiga historia do Occidente, p. xxxiii — iv.)

Martins Sarmiento confronta as duas viagens da Argonautica orphica com as da *Odyssea* com toda a minuciosidade; transcreveremos apenas as suas considerações geraes: «A critica já descobriu que a Argonautica não foi extranha á composição da *Odyssea* (Kirchhoff) o que é exacto pelo que respeita aos Erroses... Nos Erroses encontramos as mesmas duas viagens, que na Argonautica, e como n'esta atadas por um laço artificial — uma tempestade. Na *Odysseia*, porém, com relação á Argonautica, a ordem das duas viagens está invertida; ...» (Op. cit., p. 45.) — «As fabulas homericas são pois simples allegorias em que se praticam factos muito reaes, e estes factos não podem ser outros se não os da Argonautica phenicia. O que são então os Erroses de Ulysses? O mythographo conhecia o roteiro dos Argonautas e aproveitou-se d'elles com a maior sem-cerimonia; conhecia factos historicos, passados em cada uma das suas estações, mas revestiu-os de taes fórmulas, que fez d'elles o que podia hoje chamar-se uma viagem maravilhosa; não podendo deixar de conhecer que os heroes d'aquellas aventuras eram os tripulantes da divina Argo, põe-nos em scena, não os Argonautas mas o regulo de Ithaca.

«Em vista de tudo isto o que podem ser os Erroses de

Ulysses ? Para nós são uma parodia da Argonautica phenicia, dando á geographia e á historia d'aquella empreza uma feição inteiramente phantastica. Mas, descoberto o processo do mythographo, e cotejados os logares parallelos da *Odyssêa* e os das Argonauticas gregas de character historico, umas e outras completam se e esclarecem-se de tal maneira, que os acontecimentos principaes da expedição não podem ficar mais nitidamente desenhados.» (*Op. cit.*, p. 64.)

Deixando esta preocupação phenicia, Martins Sarmiento nota um factó que determina a navegação atlantica do heroe de Odyssêa: «E' do mesmo modo indubitavel que a ilha Ogygia, aonde vae parar Ulysses, e a Anaphe d'Appollonio, são uma e a mesma cousa.

«Quando identificamos esta com a Madeira, reservámo-nos para comprovar pelos Errores a justiça das nossas supposições. As instrucções dadas por Calypso a Ulysses, para transpôr a distancia que o separava da sua patria, não podem ser mais significativas, cremos nós. Hade navegar, diz ella, de modo que a *Ursa* lhe fique sempre à mão esquerda (*Odyss.*, V, 271-7.) Advertindo que Ogygia é uma ilha isolada no Atlantico e a terra que o navegante vae demandar é Tartesso, como se infere terminantemente da propria Odyssêa, só n'uma ilha em situação igual á da Madeira são exactas aquellas instrucções ou melhor, o factó consummado que ellas implicam.— Digamos ainda que o mythographo chama a Ogygia *silvosa*.» (*ib.*, p. 71.)

A constellação da *Ursa* era conhecida por um povo occidental, como observa Roisel, citando esta passagem de Guyméner no seu Diccionario astronomico: «que os habitantes do Norte tem o mesmo nome para designar a grande *Ursa* que os povos do meio dia da Asia e do Egipto, quando estes differentes povos pareciam desconhecer-se uns aos outros, porque as sete estrellas d'esta constellação podiam tambem representar outro qualquer objecto, que não este animal.» (*Les Atlantes*, p. 127). Roisel fundamenta: «Nas epocas quaternarias, a *Ursa* ferira vivamente a imaginação dos Protoscythas, e os Atlantes gaulezes transportaram para muito longe um emblema que, entre estes povos, conservava sua antiga representação da força e de potencia.— Decerto este animal pertence propriamente á Europa, e a paleontologia não encontrou ainda vestigios na Africa, nem no meio dia da Asia.» (*ib.*, p. 127.)

Por este e outros factos de egual importancia se desfaz o preconceito phenicio, para determinar a acção maritima dos Ligures.

Estudando a civilização bronzífera, escreve Roisel, na sua obra *Les Atlantes*: «Está reconhecido que um povo colonizador estendeu as suas conquistas sobre as duas margens do Oceano Atlântico e dominou sobre a Europa occidental.— Algumas d'estas colonias, depositarias fiéis da Sciencia, prosperaram em diversas regiões, até aos tempos relativamente modernos das primeiras invasões asiáticas e que foram seguidas de um periodo de equilibração, durante o qual tudo parece ter sido perdido. A nossa historia data d'esta época de confusão.» (*Op. cit*, p. 92.) D'esta ruina da Proto civilização ligurica ficaram noticias importantes nos geographos e escriptores gregos, dando-nos o quadro d'esta raça sociologica unificada na sua situação geographica, os Scythas, os Ligures e os Ethiopes, os tres grupos ethnicos da Civilização do bronze e cuja extensão se determina pela dispersão dos tumuli. A Europa, era chamada por Erasthotenes — uma *Peninsula ligurica*. Por qualquer ramo d'este grupo ethnico recebeu a Grecia as tradições maritimas atlânticas na época em que o genio hellenico elaborava as lendas dos regressos dos heroes acheanos; d'aqui as grandes relações sempre notadas entre a *Illiada* e a *Odysséa*, explicadas como sendo de um mesmo poeta. Escreve Roisel: «Numerosissimas lendas devem entrecruzar-se e confundir se; e a mythologia grega dá-nos d'isso uma synthese tão completa como incoherente. Apenas podemos colligir alguns vestigios d'essas reminiscencias desfiguradas sob a forma mythica — e ainda assim as tradições mais antigas.» (*Ib.*, p. 93.)

A communicação das lendas maritimas á Grecia foi feita pelos Eginetas, cuja ilha estava aberta á influencia dos africanos (Libyos ou Ethiopes) dos asiáticos e europeus (Scythas e Ligures mediterraneos); eram simultaneamente agricultores e navegadores; de Egina sae a raça dos Eacidas, heroes das Guerras de Troya, e as lendas argonauticas que vão syncretisar-se na *Odysséa*, e é pela arte egineta que a Grecia liberta o seu genio occidental da influencia oriental. (Fortoul, *L'Art en Allemagne*, II, 147.) E não será este povo de Egina, tão parecido com o da Etruria, como observou Quatremère de Quincy, e que unifica pela Arte a Grecia com a Italia, como notara Quintiliano, um ramo da grande raça dos Ligures? O seu character engenhoso, as suas moedas, os seus totems como o *Touro*, e medalhas em metal de cunho magnifico levam á prova capitalissima.

Concluindo pela relação dos Cantos odysseicos com os Romances populares do Occidente da Europa: «O que é primitivo é a primeira parte do Poema — as viagens de Ulysses e

tudo quanto elle soffreu longe da sua terra. (Croizet, op. cit. p. 275.) — «A falta de nexo, que se nota em certas ideias faz suppôr muitas remodelações e additamentos.» (Ib., p. 274.) Quaes seriam pois os typos *folkloricos* ou lendas trabalhadas ou deturpadas pelos rhapsodos? Deduz-se que estariam presentes para esse encadeamento cyclico: «Pode-se concluir d'isto que esta especie de prelude poetico foi composta em presença de *um grupo de cantos* que comprehendiam os successos notaveis da primeira parte em que a segunda existia no estado de legenda.» (Ib., p. 275.)

Resta explicar as fórmulas da persistencia da tradição na corrente oral e popular através das edades, e de civilizações diversas:

Os themas tradicionaes transmittem-se oralmente sem fórma determinada, e são a *Legenda*, que se popularisa com o *Conto*; outros themas recebem fórma metrificada, dramatisada em pequenos quadros narrativos, *Rhapsodias*, *Cantilenas*, *Lais*, *Romances*, que pelo influxo harmonico do verso e da melodia mais insistentemente se couservam.

Os themas tradicionaes renovam o seu interesse *actualisando-os*, pelo espirito patriotico, assimilando-os, pelas analogias historicas com successos sociaes, pela constante tendencia para a *personalisação e localisação*. E' sempre o mesmo ramo com foliação renovada. Isto se dá com as Lendas argonauticas, através do genio hellenico nos Cantos odysseicos, das lendas agiologicas da Edade média, do conflicto das Cruzadas, nos cativeiros da pirataria argelina, e até á lenda hollandeza do Navio phantasma.

A importancia dos Cantos populares está na reconstrucção d'estes Cyclos poeticos.

**1. A Não Catherineta** — (*Romanceiro*, I, p. 1 a 32.) Pelos numerosos paradigmas d'este romance no meio dia da Europa, vê-se que vigorosamente conservado e desenvolvido pelo genio maritimo do povo portuguez, pertence a este fundo poetico que revela a unidade ethnica occidental entrevista por Nigra e Wolf, ao apontarem a similaridade de um grande numero de themas épicos. Esse fundo anthropologico e ethnicamente hoje definido é propriamente a raça ligurica. Tanto nas versões portuguezas d'este romance, como nos da Bretanha franceza e da Catalunha apparece o caso da *anthropophagia*, com todo o seu tremendo horror: a não anda perdida na volta do mar, e a sorte é que designa quem hade ser devorado pelos seus companheiros. Essa impressão perdurou na tradição europêa; na *Vida de Agricola*, Tacito descrevendo



a pirataria dos Usipienses, que devastavam a Bretanha, allude a esta crise da anthropophagia no mar: «Algumas vezes repellidos, foram reduzidos pela fome a comerem primeiramente os fracos de entre elles, depois aquelles a quem cahia a sorte. Depois de terem assim circumdado a Bretanha, perderam os seus navios por não os saberem governar, e foram tomados pelos piratas, cahindo successivamente nas mãos dos suevos e dos frisios.» (Cap. XXVIII). Os erros do navegador ausente da sua terra, apparecem-nos em uma lenda agiologica contada por um monge do seculo x, de um certo devoto de Sainte-Foi, Raymond, senhor de *Busquet*, que tendo emprehendido uma peregrinação á terra santa, depois de um terrivel naufragio correu trabalhos e aventuras, até voltar a final ao seu lar. Fauriel fazendo a exposição d'este quadro, considera-o como um vestigio das lendas odysseicas:

«A estes dados, uns christãos, contos historicos, é força ajuntar os antigos, propriamente *homicos*. O facto é estranho, mas fóra de toda a duvida. Os principaes incidentes da historia de Raymond de Busquet taes como acabo de referir, são tomados da *Odyssêa*. E' á imitação de Ulysses que o cavalleiro tolosano é arrastado durante tres dias sobre as ondas, agarrado ás pranchas do seu navio naufragado, invocando Santa Fé, como o grego a Minerva.—São os piratas arabes, que para o submetterem ao seu serviço, quando descobriram a sua valentia para a guerra, lhe fazem beber o licor do esquecimento, que Circe dá a beber ao heroe grego para lhe tirar a lembrança de Penelope e da sua ilha. No seu regresso a casa, acha um rival na posse do seu castello... E' quanto basta, indubitavelmente, para notar que esta historia é tomada da *Odyssêa*, para intrigar e embarçar o historiador litterario. D'onde conheceu o legendario o poema de Homero?... ou como suppôr uma copia (de uma traducção) nas montanhas de Rouergue ou nas campinas do Toulosain, no fim do seculo x ou principio do xi?» (*Hitt. de la Poésie provençale*, I, 446)

Jean Jacques Ampère relacionando o regresso do cavalleiro errante ligado ao romance da *Bella Infanta*, considera-o como sendo a rhapsodia do reconhecimento de Penelope. Observa este escriptor: «Se Mr. Fauriel viu com muita probabilidade nas aventuras de Sire Busquet, voltando das Cruzadas, uma transformação longinqua das aventuras de Ulysses regressando a Ithaca, se reconheceu n'ellas um como que ultimo vestigio das *narrativas que serviram de base á Odyssêa*, taes como se tinham perpetuado na Provença, desde a entrada dos Phoceanos até ao seculo xii, por que se não verá uma vaga remi-

niscencia do regresso de Ulysses na graciosa ballada grega intitulada *o Reconhecimento?*» (*Grèce, Rome et Dante*, pg. 68.) Estes dois notabilísimos eruditos consideravam ainda estas lendas como diffuindo da *Odyssêa* para o Occidente da Europa, não ousando suppôr a sua transmissão dos navegadores atlânticos para a Grecia. As grandes tradições da Edade média espalharam se na Grecia na quarta Cruzada, como o provam Edelestand du Méril, na introdução ao poema *Flore et Blanceflôr*, p. 106 a 117; e Chassang, na *Histoire du Roman*, p. 438. Os romances populares communs á Grecia moderna, Italia, França meridional e Hespanha, devem ser consideradas como pertencentes a este fundo tradicional de que o genio grego tirou os poemas homericos, e que continuaram a persistir na transmissão oral das nacionalidades meridionaes. A realidade historica das navegações atlânticas na edade de Bronze, pela raça ligurica, leva-nos a achar n'estes romances, *as narrativas que serviram de base á Odyssêa*, como enteviu Ampère.

A esta nova luz se comprehende o facto referido por Strabão sobre a vulgarisação das tradições trovanas e odysaicas: «Não só na Italia se conservam passagens historicos, se não *tambem na Iberia existem mil vestigios de taes expedições, assim como da guerra de Troya.*» (*Geogr*, liv. III, cap. II, § 13.) Era esta a materia de esses *Poemas e Leis rythmicas*, que possuiam os Turdetanos, com mais de seis mil annos de antiguidade, de que deu noticia Asclepias de Mirleu, que vivera na Andalusia. Dos Regressos liguricos fizeram as rhapsodos gregos os seus Nostos, tomando até o nome dos nossos barcos; Bérard, procurando sustentar a origem phenicia da Odyssêa, diz que a palavra «*Gaulos*, com o sentido de vaso é transcripção do semitico *g-ou-l*, que os hellenos sómente empregavam designando uma especie de barco.» (*Journ. des Savans*, 1905, p. 248.) Basta para verificar a origem occidental, aproximar *Gaulos* das palavras *Galé, Galeão, Galera, Galeota, Goleta*, que subsistem em Portugal, com nomes liguricos.

Depois das Cruzadas seguiram-se as grandes navegações dos Portuguezes, e as narrativas das meoilhas tempestades e naufragios; a lenda dos Erros maritimos acordava outra vez a imaginação popular, assimilando elementos da realidade:

Sete annos e um dia  
Sem se poder navegar!  
Já não tinham que beber,  
Já não tinham que manjar:  
Só ha solas de sapatos

E mais barro de alguidar!  
Deitaram sola de mólho  
Para domingo jantar;  
Mas a sola era tão dura  
Que a não podiam rilhar. (1)

### A Marinheira

(TRAZ OS MONTES — *Maçóres*)

Gritos dava a marinheira,  
Gritos, que se afundava;  
O Diabo respondeu  
D'um cabêço d'onde estava :

- Quanto deras, marinheira,  
Quem das aguas te tirara ?  
«Dava-te um navio d'ouro,  
E outro de prata lavrada !  
— Não quero o teu navio d'ouro,  
Nem o de prata lavrada ;  
Quero á hora da tua morte  
Escriptura da tua alma.  
«Oh ! maldito sejas tu,  
Mail'a tua palavra ;  
Minha alma é de Deus,  
Mais da Virge sagrada,  
Meu corpo é dos peixes,  
Mais da agua salgada.

*Revista lusitana*, vol. VIII (n.º 30 do *Romanceiro de Traz os Montes*) p. 281.

### O Marinheiro

(TRAZ OS MONTES — *Vimioso*)

Vozes dava o marinheiro,  
Vozes, que se afogava.  
Respondeu-lhe o máo Demonio,  
Da outra banda da agua :

- Quanto déras, oh marinheiro,  
Quem da agua te sacara ?  
«Dar-te-ia os meus navios  
Carregados de ouro e prata.

(1) *Memorias biographicas de Garrett*, t. I., p. 63. Fragmento attribuido á versão do Porto, da criada Brizida, da infancia de Garrett.

—Eu não quero os-teus navios,  
 Nem teu ouro, nem tua prata,  
 Eu só quero, em tu morrendo,  
 Que me deixes a tua alma.  
 «Eu te arrenego, máo Demonio,  
 E essa tua má palavra;  
 A minha alma é p'ra Deus,  
 P'ra Deus a tenho guardada!  
 O coração é p'ra Virgem  
 E o corpo para os peixes de agua.  
 E a cabeça para as formigas,  
 Que n'ella façam morada;  
 E as tripas são para os cegos  
 Para cordas das guitarras;  
 E as pernas para os côxos  
 Que d'ellas façam jornadas.

(Ib., n.º 96, p. 319.)

Nas antigas Relações de naufragios temos a nossa poesia marítima com toda a profundidade do sentimento; que importa que lhe não dêsem forma poetica? Sente-se uma alma em cada palavra do marinheiro, que faz a narração do que passou, com aquella resignação e serenidade de quem ha soffrido muito e tem uns alvôres de esperanza que o alentam' — o amor da patria, o culto das tradições gloriosas que procura conservar integerrimas. Com que unção crente e piedosa nos desenha elle os maiores transes! Os horrores do desastre fazem-lhe reconhecer um poder immenso, que adora com uma vehemencia e ardor capazes de fazerem prodigios. Vêem a náó quasi a afundar-se: «Pelo que, como homens que esperavam antes de poucas horas dar contas a Nosso Senhor de nossas bem ou mal gastadas vidas, cada um começou a ter com sua consciencia, confessando-se summariamente a alguns clérigos, que ahí iam. A este tempo andavam com um retabulo e crucifixo nas mãos, consolando a nossa angustia com a lembrança d'aquella, que ali nos apresentavam. Isto acabado pediamos perdão uns aos outros despedindo-se cada um de seus parentes e amigos, com tanta lastima, como quem esperava serem aquellas as derradeiras palavras que teriam n'este mundo. N'isto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarellidão e trespassamento de manifesta dor e sobejo receio, que a chegada da morte causava, ouvindo-se tambem de quando em quando algumas palavras lastimosas, signal certo da lembrança que ainda

n'aquelle derradeiro ponto não faltava dos orphãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos paes, que cá deixavam ; e acabando cada um de satisfazer ao humano com este pequeno mas devido cumprimento, todo o mais certo do tempo se gastava em pedir a Nosso Senhor remedio espirital (que do corporal ninguem fazia conta.)» (1) A lembrança viva representa a cada instante as passadas angustias. A côr da narração é a verdade. O genio aventureiro marítimo do povo portuguez está dentro d'aquellas paginas ; cada palavra é um sentimento surpreendido na sua ingenuidade. O marinheiro ama a sua náó e confessa-o irreflectidamente: «levando a phantasia occupada n'esta angustia, e os olhos arrasados de agua, não podia dar passo, que muitas vezes não tornasse a trás, para vêr a ossada d'aquella tão formosa e mal afortunada náó, porque postoque já n'ella não houvesse páo pegado, e tudo fosse desfeito n'aquellas rochas, todavia emquanto a viamos, nos parecia que tinhamos ali umas reliquias, e certa parte d'esta nossa desejada terra, de cujo abrigo e companhia, (por ser aquella a derradeira coisa que d'ella esperávamos) nos não podíamos apartar sem muito sentimento, etc.» (2)

Isto que o capitão da náó *S. Bento* sentia era o mesmo que se passava na alma dos velhos mareantes, que davam aos navios nomes domesticos, de paixão, com que esqueciam os que lhes tinham imposto no baptismo ; o galeão *S. João*, que naufragou na carreira da India em 1551, tinha por *alcunha* o *Biscainho*; (3) a náó *Aguia* chamava-se vulgarmente *Patifa*. (4)

Este nome da náó *Catherineta*, nome popular que Garrett julga um diminutivo de affeição dado por graça a algum navio favorito, parece ter a sua origem do galeão *Santa Catherina* do *Monte Synai*, que levou a infanta D. Beatriz para Sabya. As memorias do tempo descrevem-n'o como digno da affeição popular, capaz de deslumbrar a imaginação do vulgo e de fazer nascer uma paixão ao mostrar-se á vista penetrante do marinheiro, que sabe tão bem avaliar o bello das curvas, dos pontaes, e a mastreação elegante. O galeão *Santa Catherina* começou a ter a sua popularidade nos versos de Gil Vicente, na tragi-comedia das *Côrtes de Jupiter* :

(1) Relação do naufragio da náó *S. Bento*, pag. 55.

(2) Idem, pag. 73.

(3) Idem, pag. 109.

(4) Relação da viagem e successo das náós *Aguia* e *Garçe*, pag. 222.

Leva gente muito fina,  
 Poderosa artilheria,  
 E a náó *Santa Catherina*  
 Que vae por graça divina  
 Co'a a prôa n'Alexandria. (1)

Em uma memoria contemporanea se lê: «a infanta du-  
 queza embarcou esse dia, que eram 5 de agosto, na náó *Santa Catherina do Monte Synai*, náó de 700 toneis, muito for-  
 mosa, e de dentro todalas camaras da infante pintadas de oiro e forradas de bordados.» (2) Não é hypothese gratuita, ter a  
 imaginação popular motivo sobre que idealisasse uma náó  
 typica, como centro de acção para todos os seus romances  
 maritimos. O genio do povó só exprime os sentimentos per-  
 sonalizando e localizando; d'aqui a multiplicidade das lendas,  
 e ao mesmo tempo um fundo de verdade em todas ellas.

A lenda da *Náo Catherineta* não tem uma determinada ori-  
 gem historica; é a generalidade tetrica de todos os naufragios.  
 Garrett inclina-se a achal-a no naufragio que passou Jorge de  
 Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no anno de 1556, em  
 que a fome e a ancia de se devorarem e a resistencia do ca-  
 pitão reflectem muito as côres sinistras da lenda. (3) Tam-  
 bem na Relação, que por vezes temos citado, do naufragio da  
 náó *S. Bento*, se encontram ameaços do horror da antropo-  
 phagia: «E porque havia tantos dias que não fizemos res-  
 gate, nem metteramos nas bocças cousa que nome tivesse,  
 constrangeu a necessidade a muitos serem de parecer que co-  
 messemos este cafre; e segundo se já soava, não era esta a  
 primeira vez que a desventura d'aquella jornada obrigara a al-  
 guns a gostarem carne humana; (4) mas o capitão não quiz

(1) *Obras* de Gil Vicente, t. II, pag. 414.

(2) Codic. da Bib. Real publicado no vol. III do *Panorama*,  
 pag. 277.

(3) Tomo III do *Romanceiro*, pag. 87.

(4) Creio que esta passagem se refere á seguinte: «Estes ca-  
 fres não deram novas como os quatro homens que mandara-  
 mos adiante com recado a Lourenço Marques, eram mortos  
 ou mataram d'alli perto, porque elles constrangidos pela fome  
 tomaram um cafre que toparam ao largo do mar, e metendo-  
 se com elle em um mato, o espostejaram e assaram para for-  
 necerem os alforjes; mas como os visinhos d'este o achassem  
 menos, e a terra seja de areia, vieram pelo trilho a dar com o  
 negocio; e então levando os nossos á praia, e não se havendo  
 por bem o que d'elles não tomasse vingança, fizeramnos coi-  
 tados como crua carniceria.» — *Idem*, pag. 123.

consentir em tal, dizendo que se cobrassemos fama que ceciamos gente, d'alli até ao cabo do mundo fugiriam de nós, e trabalhariam de nos perseguir com muito mais odio.» (1) O facto de deitarem muitas vezes sola de mólho, apertados pela fome, como conta ligeiramente a lenda popular, é frequente nas relações dos naufragios: «mas fizemos a ceia de umas alparcas que eu levava calçadas, a quem tambem a nossa não menor mingua fez que não menos gostosas as achassemos.» (2) O gageiro, que era o diabo que na lenda da *Nao Catherineta* levantava o temporal, tem alguma reminiscencia, ou melhor, parece ser fundado no grumete que no naufragio do galeão *S. Bento* se benze e chama pelo nome de Jesus ao vêr erguerem-se uns enormes vagalhões a que elle não hade chamar senão diabos, que vêm em tropelia.

Em todas as narrações de naufragios ha mais ou menos uma sombra do quadro horrivel da *Nao Catherineta*; fômos apontando alguns factos, não para determinar origens, mas para reconhecer a generalidade da lenda.

Na poesia das Asturias encontra se um pequeno romance chamado o *Marinheiro*; tem o mesmo colorido, semelhante ás versôcs de Maçores e Vimioso (Traz os-Montes):

### El marinero

Mañanita de San Juan  
 Cayó un marinero al agua.  
 —Que me dás, marinerito,  
 Porque te saque del agua?  
 «Doyte todos mis navios  
 Cargados de oro y de plata.  
 —Yo no quiero tus navios  
 Ni tu oro, ni tu plata,  
 Quiero que quando tu mueras  
 A mi me entregues el alma.  
 «El alma entrego á Dios  
 Y el cuerpo á la mar salada.

Os naufragios frequentes dos galeões da India acharam uma fórma livre, espontanea, para revelar a extensão do sentimento nos cantos do genio popular. A *Nao Catherineta* é uma epopêa moderna e por isso incompleta, porque o tempo

(1) Idem, pag. 135.

(2) Id., pag. 119.

não deu logar a accumularem-se os episodios, nem dependerem mutuamente as *variantes*. A sua formação descobre-se na diversidade de versões que ella tem; a Estremadura, o Minho, o Algarve, Lisboa, Beira Baixa e Ribatejo, trabalham sobre a mesma lenda. Mais tarde a variante tornava-se episodio, prendia-se á unidade do poema. A imagem do diabo, que mostra as meninas debaixo do laranjal, é de origem puramente christã. O *gageiro* que sobe ao mando do capitão, sobre quem cahiu a sorte para ser devorado, e que promete o grão de cavalleiro, sua filha, o seu navio, se lhe avistar terras de Portugal, é uma das mil personificações do diabo; elle produz a certeza que esconde a praia. O mar, segundo as crenças christãs vindas do paganismo, era a mansão do diabo; Typhon, o principio do mal, a quem o mar fóra consagrado, (1) transforma-se depois no diabo da mythologia christã. O espirito supersticioso, a ignorancia das leis naturaes ainda não vulgarizadas na Edade média, estão representadas no *gageiro* que suscita a tormenta. Era a crença da igreja; na vida de Guibert de Nogent, na *Summa* de S. Thomaz e no livro de Alberto Magno *De potencia Dæmonum* apparece este pensamento que vemos determinado na poesia popular portugueza; na *Divina Comedia* e na *Jerusalem Libertada*, os ventos são tambem attribuidos ao diabo.

Garrett nas poucas linhas com que precede este monumento da nossa poesia popular maritima, admira-se de que um povo de argonautas não exercesse o seu genio creador no romance maritimo.

O seculo xvi foi a edade da critica; comtudo o povo é sempre infante, sempre creador e poeta; mas as imitações classicas infatuadas de sciencia absorveram as attentões a ponto de excluirem a poesia popular. O poema cyclo do mar tivemos-lo nós; basta lêr as relações das viagens, dos naufragios, das fomes, das tormentas. Antes de se fixarem na fórma prosaica da *Historia tragico-maritima*, essas dores foram primeiro soffridas e communicadas. A *Nao Catherineta* não tem uma certa origem historica, como suppõe Garrett, é o germen de uma Odysseia, aonde a multiplicidade das scenas de naufragio está reduzida á generalidade mais tetrica. Entre os folhetos de cordel do seculo xviii encontrámos a narração do naufragio da nao *Gloria*, feito em verso por um marinheiro.

Ao passo que esta admiravel reliquia da poesia da navegação portugueza se vae obliterando no continente, parece tornar-se mais vividoura na tradição oral das ilhas dos Açores.

(1) Plutarcho. *De Is et Osir.* 356.



A náa a que se refere a lenda é sem duvida a nao *Santa Catharina*, como se vê pela terceira variante da ilha de San Jorge. Quem abre as sublimes e inimitaveis paginas da *Historia tragico-maritima*, vê como os velhos mariantes costumavam mudar o nome official dos galeões por outro de affeição. O galeão *São João* era chamado o *Biscainho*, a nao *Aguia* era conhecida pelo nome da *Patifa*. E que nao seria a chamada *Barrileira*, muito velha, da qual até ao presente não houve mais noticia, nem se soube onde se perdeu. (1) Que tela soberba para a imaginação do povo crear á larga os seus romances! Quasi todas as nossas naos antigas tinham nomes de perdilecção: a nao *San Thiago*, que se perdeu na barra de Quilôa em 1506, tinha por apellido a *Gallega*; outra chamava-se *Frol de la mar*; a nao *San Jorge* era a *Taforêa*, o galeão *San Bartholomeu* era o *Bota-fogo*, a nao *Santa Catharina* era *Zambuco*. Os marinheiros afaziam-se no navio em que navegavam, soffriam com elle as tormentas e as desgraças; ás vezes, nas suas relações de naufragio, fallam como amantes e apaixonados. Os nomes das naos portuguezas só por si fazem lembrar essa poesia perdida das nossas expedições longinquoas. Que tradições não acompanhariam na sua carreira a nao *Leonarda*, a *Ferrôa*, a *Frol da Rosa*, o *Gripho*, a *Urca*, a *Botica*, a *Framenga*, o *Drago* e o *Tigre*, nome appellido na plaga africana. (2) Garrett apresentou a hypothese de ser o *Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho* o factio historico a que se refere o romance; devia ter apresentado o paralelo da relação de Bento Teixeira Pinto que se achou n'esse transe, com as circumstancias semelhantes do romance. Sem accetar a hypothese do primeiro colleccionador, fazemol-o nós para elucidar a formação poetica da nossa epopêa naval. O naufragio deu-se em 1565, quando Jorge Coelho vinha do Brasil. (3) Das terriveis fomes que passaram no mar, e das luctas de morte que entre si tiveram, conta-nos o velho marinheiro: «Faltava a agua e mantimento na Nao, e padeciam-se muitas necessidades de fome e sêde; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nao

(1) *Historia tragico-maritima*, t. I, p. 43.

(2) Sobre este ponto é interessante vêr o *Livro de toda a Fazenda dos Reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes*, por Luiz de Figueiredo Falcão, no anno de 1607. Publicado por ordem do governo em 1859. Este livro é tambem de uma alta importancia para a *historia dos preços*.

(3) *Historia tragico-maritima*, t. II, p. 7 a 59.

mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por elle, posto que todos lhe queriam pagar por valer muito, e elle não quiz por elle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos, e se consolaram, e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o *demonio*, que não soffre vêr ninguém contente, semeou entre os marinheiros e passageiros, que vinham na dita Nao, brigas e discordias com que se houveram de perder de todo: etc » (1) Na altura das Ilhas o galeão foi accommettido por um Corsario francez, que se appossara d'elle e da manobra. Em uma versão açoriana do romance ha uma allusão a este successo:

— Não quero as tuas filhas,  
Que Deos t'as deixe gosar;  
*Que eu tenho mulher em França,*  
Filhinhos de sustentar;  
Quero a Náo Catherineta  
Para n'ella navegar.

Em outra versão se diz:

«Acima, gageiro, acima  
A'quelle tópe real;  
*Vê se vês partes de França,*  
Ou reinos de Portugal.

Teixeira Soares, collector d'estes romances fez-nos a seguinte pergunta: «Referir-se ha o romance a algum facto occorrido na marinha franceza?» A' vista da Relação do naufragio de Jorge Coelho torna-se evidente a allusão historica: «logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra *dezesete francezes armados* de armas brancas, com suas espadas, e broqueis, e pistoletes, e alguns d'elles com alabardas: os quaes, sem se lhe poderem estorvar, se senhorearam da Nao, etc.» (2). Um piloto francez caiu ao mar quando se renovou o temporal; seria esse o perfido gageiro da tradição popular? O maravilhoso do *diabo*, que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa: «os mares davam na Nao, que pareciam que a queriam abrir: e isto com tantos relampagos, que pareciam que *andavam ali os demonios do inferno*» (3). A presença dos francezes na Nao, a exagerada e in-

(1) *Hist. trag. marit.* t. II, p. 14.

(2) *Id.*, p. 17.

(3) *Ib.*, p. 29.

suportavel fome, fizeram passar pela mente dos marinheiros portuguezes as iguarias da meza de Thyestes: «N'este tempo, *por não haver mantimento*, e os nossos estarem lastimados dos francezes, se quizeram levantar contra elles : etc.» (1) Porém em outro lugar descreve a assombrosa tentação da antropophagia, e como o primeiro que esteve em perigo foi o *Capião general*: «Aos vinte e sete d'este mez, que foi dia de Sam Cosme e Sam Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que tinham morrido de fraqueza, e com pura fome e trabalhos: e foi tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, e lhe disseram: Que bem via os que morriam e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham cousa de que sustentar; e que pois assim era, *lhes desse licença para comerem os que morriam*, pois elles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua quando ouviu este espantoso requerimento, por vêr a que estado os tinha chegado sua necessidade, e lhes disse com muita dôr, que aquillo que lhe diziam era tão fóra de rasão, que erro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo; mas via que vencidos da necessidade presente tomavam aquelles conselhos que lhes dava tão ruim conselheiro como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque em quanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiam fazer o que quizessem, *e comel o a elle primeiro*.» (2) As facas e espadas que o gageiro vê, como conta o romance, tambem vêm citadas na relação em prosa: «veiu a saber que estavam todos os que haviam vivos na Nao, postos em bandos e brigas... na Nao não havia mais que uns pedaços de *facas e paos para poder brigar*.» A peripecia do romance popular, de apparecerem os cansados mareantes de repente na barra de Lisboa, está admiravelmente descripta na relação: «Estando no miserero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sêde e trabalho que contei, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nossa Senhora, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreu tão favoravelmente, que *milagrosamente*, a dois dias do mez de outubro, a uma terça feira, sem cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas e a Roca de Cintra, defronte de Nossa Senhora da

(1) *Hist. trag. marit.*, t. II, p. 31.

(2) *Ib.*, p. 47.

Pena, a qual casa vimos a horas do meio dia, *acabando-se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina*, que se fizera pela manhã. . . » (1) É natural que o povo romanceasse de preferencia este naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque, por isso que mais lhe fallou á imaginação, como se vê por esta passagem : «o Infante D. Henrique, Cardeal n'este reino de Portugal, que n'este tempo governava, mandou uma Galé para que trouxesse a Nao pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita Nao defronte da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia, e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vê-la, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados, vendo o destroço e davam muitas graças e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que n'ella vinham de tantos perigos como passaram.» (2) Este periodo explica a propagação do romance da *Nao Catherineta*, e a sua ubiquidade em quasi todas as provincias. Porém as versões da ilha de San Jorge estão na sua pureza primitiva, taes como começariam a correr desde 1565.

Todas as cinco versões que apresentámos são profundamente bellas; cada uma tem situações differentes, que revelam a elaboração poetica da mente do povo. A I é a mais parecida com as versões do continente, tem mais uns toques mimosos no retrato das tres meninas, e no que o gageiro alcança no horisonte. Não tem *maravilhoso*, nem o diabo intervem com as suas tropelias; o nó da acção está em não poder o capitão general dar em premio a Nao, que é do rei.

A II versão tem mais outra situação; as fachadas cáem de todos os lados sobre o Capitão, que se acha milagrosamente protegido; o gageiro é *chiquito* ou o diabo, o qual ouvindo pronunciar o nome de Deus, caiu logo ao mar. A situação das meninas que o capitão offerece para vestirem e calçarem o gageiro, que já se encontra no romance da *Bella Infanta*, lembram os versos do velho romance de *Lanzarote do Lago* :

Nunca fuera caballero  
De damas tan bien servido. . .  
Que duenas curaban dél,  
Doncellas del su rocínio.

A III versão apresenta uma circumstancia que, aproximada do facto historico, explica a formação do romance : é a allusão a *partes de França*, mais sensivel ainda na versão v. De facto o naufragio que mais se aproxima do romance é o de Jorge

(1) *Hist. trag. marit.*, t II, p. 51.

(2) *Ib.*, p. 56.

Coelho de Albuquerque, o qual na altura das Ilhas foi agarrado por uns corsarios francezes. Na versão II a scena das sortes está horrivelmente bem descripta. As terras de Hespanha, que o gageiro diz estar vendo, concordam com estas linhas da Relação: «*e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Galliza. . .*» (1) O quadro do *Naufagio da Medusa* de Gericault faz comprehender esta situação estupenda. A IV versão é a que apresenta mais novidade; ainda conserva um nome proprio, que é a primeira cousa que se perde na tradição; o gageiro chama se Pedro, e acceita a offerta que o capitão lhe faz das suas filhas; porém, quando chega a terra já não esta pelo prometido e as filhas, que deram com o gageiro no quintal, desancam-no todas tres com muita pancada. Sobre este lance já o povo tinha margem pararrhapsodia. E' assim que se fazem as grandes epopêas. A V versão faz lembrar o naufragio descripto por Byron no *Don Juan*:

Já mataram o seu gallo  
Que tinham para cantar;  
Já mataram o seu cão  
Que tinham para ladrar

Escreve-nos o nosso patricio e amigo Faustino da Fonseca : «A'cerca da *Não Catherineta* e da *Bella Infanta* . . . diz-me minha avó, confirmando o que sempre ouvi dizer na Terceira a gente velha, que na casa onde se cantam esses romances, cáem todas as desgraças : é como se caísse um raio.» E' este terror derivado da antiga execração da igreja catholica contra os cantos dos jograes ; em um tratado de 791, contra os Espectaculos e Divertimentos publicos, diz se que a entrada dos histriões e mimos em uma casa abre a porta a uma multidão de espiritos immundos : «*Nescit homo, qui histriones et mimos et saltatores introducit in domum suam, quam magna eos immundarum sequitur turba spiritum.*» (Ap. Muratori, *Antiguidades italicas*, t. II, p. 832.) «Não posso dizer se os romances existem na tradição local ; pelo menos na gente com quem convivi eram inteiramente desconhecidos. Os que me cantarolaram, dando logar aos supersticiosos receios, avós e creadas antigas, conheci-os no Midosi.

«Já o *Guerrilheiro*, e outras invenções sentimentaes, caíam pela semelhança na alçada dos mesmos terrores. A fórma como ouvi traduzir o receio dos castigos celestes sobre as

(1) Loc. cit., pag. 51.

peçoas que cantavam os romances era a mesma que se dizia pezar sobre as que passavam livros de propaganda protestante. Em ambos se nota a prohibição clerical.» (Carta de 19 de Outubro de 1902.— Faustino da Fonseca.)

Paradigmas do thema da *Nao Catherineta* na tradição popular meridional:

No *Romancerillo catalan*, publicado por Milá y Funtanals, sob o n.º 215, vem esta versão, digna de comparar-se com a lição brasileira :

### El Grumete

Set bastiments partiren de Marsella,  
Per aná á la ciutat d'Oran,  
Set anys han anat en borrasca,  
Els mantiments van faltant.  
El patró de la galera  
Pallas curtas 'nhi va tirant,  
Tot tirant 'nhi las pallas curtas  
La mas curta le 'n pertocá.

«Qui será 'l gallardo mosso  
Que la vida m'en salvará ?  
Li'n daré uná de mas fillas,  
Y un bastiment sobredaurat.

—Yo seré lo gallardo mosso  
Que la vida ll'voll salvará.

«Qui 'm vulga salvá la vida  
Cubert'amunt ha de pujá.

Quant est al mixt de l'arbre mestre  
El gallardo 's posa á plorá :

—Ya no veig sino sol y aygua  
Y las ondas de la mar.

«Puja, puja, gallardo mosso,  
Molt mes amunt has de pujá.

Quant es al cim del arbre mestre  
El gallardo s' posa a cantá :

—Veig els Turons de Marsella,  
Y las montanyas blanquejá,  
Y també una capelleta  
Tota vestideta de mar.

Si podem eixi d'aquesta  
 L' anirem á visitá,  
 Li fazem un sant retaule  
 Y un altá sobredaurat.  
 Quant los marinés hi passarian  
 L'ancian á visitá.

No *Gwerzian-breiz-izel*, t. II, p. 183, vem a canção *Les Matelots*, immensamente parecida com a nossa. Eil-a, segundo a versão de Du Puymaigre, na *Choix de vieux Chants portugais*, p. 174 :

«Escutae todos e ouvireis — um gwerz novamente composto — feito sobre um rancho de marujos — que se embarcaram sobre o mar profundo. — Vinte sete annos elles andaram — sobre o profundo mar embarcados — e no ultimo anno dos vinte e sete — a comida lhes faltára. — E ao faltar-lhes a comida — pensaram em comerem um d'entre elles... E quando botaram sortes (*tiré à la courte paille*) — foi no capitão que caiu a sorte.

= Deus, Senhor ! será possível — que os meus marinheiros me comam ? — Gageiro ! meu pequeno gageiro — tu és diligente e esperto, — sobe áquelle mastro grande — para eu saber onde é que estamos.

Gageiro subiu cantando — e chorando é que descera ; — subiu ao tope do mastro — não avistou nenhuma terra.

= Sobe outra vez ao mastro grande — para saber onde é que estamos ; — será pela ultima vez.

Elle subiu outra vez chorando ; — mas depois cantando desceu :

— Parece-me que chegamos a terra ; — eu vi a Torre de Babylonia...»

Nos *Chants populaires de la Provence*, t. I, p. 127, colligiu Damase Arbau sob o titulo *Lou Moussi* o romance de um navio que andou sete annos no mar, partido de Marselha para Portugal ; termina com a situação do Gageiro :

Quand lou moussi n'es sur le poumo

Le moussi s'es mes a cantar.

— Ah ! da que cantes, vaillant moussi,

Veres tu quanque port de mar ?

«Vese Toulon, vese Marselha,

Nuestro Damo de la Cioutat.

Vese tres joninos dameiselos,

Que promenoun long de la mar...

Arbau indica duas outras versões d'este romance dos arre-

248 dores de Bordéas e de vale d'Oran, publicadas por Rathery no *Moniteur* de 15 de junho de 1853.— Na *Revue des Langues romanes*, nov. e dezembro de 1879, p. 284, publicou Smith, uma complainte da *Courte paille*, que Du Puymaigre considera parecida com o romance portuguez.— Pelay Briz, tambem nas *Cansons de la Terra*, t. iv, p. 32 e 33, colligiu romances que pertencem a este cyclo e que relembram este nosso canto:

Perdido lá no mar alto  
Um pobre navio andava ;  
Já sem bolacha, sem rumo,  
A fome a todos matava...

Eis o extracto apresentado por Du Puymaigre : «Perdido no alto mar — um pobre navio andava ; — já sem *bussola* e sem rêmos — a fome a todos matava.— Recorreu-se á negra sorte — para vêr qual d'entre elles—seria pelos outros morto — para ser n'esse dia comido.— Caiu a sorte maldita — sobre o melhor dos marujos.— Como o infeliz lamentava—resando á Virgem Maria ! — Mas de repente o gageiro — vendo terra pela prôa — gritou alegre do tope : — Terra ! terra de Lisboa.»

Du Puymaigre cita ainda um outro romance bretão, referido na *Intermediaire*, t. xii, vol. 180, no qual, ao capitão do navio em que ha fome, cãe a sorte, apparece a terra, vê uma torre em que reconhece a sua filha, e por fim o navio chega ao porto e o capitão é salvo.

Du Puymaigre remata os seus paradigmas, publicando uma canção franceza (p. 177) que se tornou satirica :

Il était un petit navire,  
Qui n'avait jamais navigué ;  
Quant il partit pour l'Amerique  
Il portait vingt-cinq passagers.  
Au bout de cinc à six semaines  
Les vivres vinrent à manquer.  
Il fallut donc tirer le sort,  
Pour savoir qui sera mangé.  
Le plus jeune met la main dans l'urne  
C'est lui qu' le sort a designé.

—O sainte Vierge, o ma patrone,  
C'est donc moi qui serai mangé !  
Il court, il grimpe à la grand'hune  
Il voit la terre, il est sauvé.

*Si cette chanson vous embête,  
Nous allons la recommencer.*



Em Portugal tambem se deu este phenomeno de degenerescencia e espirito de parodia com *O Cruzador Catherineta*, *A Frota do Syndicato*, e *A Não Governança*. (Vid. *Romanceiro geral*, t. III, p. 225 a 231.)

Para evidenciar mais a origem atlantica dos cantos ou lendas odysseicas, ahi temos o caso da fascinação de Circe sobre o navegador errante, que apparece nos romances populares portuguezes, andaluzes e asturianos. Escreve Martins Sarmiento, no seu bello livro *Os Argonautas*: «Na lição de Apollonio, Circe habitava nas costas da Italia, no Circéo reconhecido pelos antigos; mas esta opinião obedece evidentemente ás influencias da celebre geographia homeric. . . a viagem dos Argonautas a Ea é uma viagem do Tartesso ao Mar do Norte. Ora segundo Orpheo, a Circe dos Argonautas habitava a poente da foz do Tartesso, portanto na *costa sudoeste da Hespanha*.» (p. 33). Fixado o dado geographico, Circe não é uma deusa, como Calypso, mas uma magica, que domina pelos seus philtros, como notou Croizet; é ella que persegue com ciumes o marinheiro Glauco. E' este caracter de ferocidade sensual, que apparece nos seguintes romances de Traz os Montes, aqui incorporados no *Romanceiro geral portuguez*, o nexó com a lenda antiga da Bretanha da formosa *Dahut*, que precipitava todos os seus amantes do alto de uma rocha sobranceira ao mar:

### A Serrana e o Pastor

(*Região norte de Bragança*)

N'aquella serrinha alta,  
 N'aquella alta serra,  
 Móra uma serrana,  
 Formosa e ingrata era.  
 Seu cabello entrançado,  
 Por cima rica monteira;  
 Sua arma traz ao hombro  
 A' moda de caçadeira.  
 Quando quer tomar amores  
 Desce abaixo á ribeira.  
 Viu andar um pastorsinho  
 Com o gado n'uma lameira.

—Queres tu vir, oh pastorsinho,  
 Hoje commigo para a serra?  
 «O meu gado, serraninha,  
 A mim quem m'o guardera?

—O teu gado, pastorsinho,  
Eu t'ò arresponsera.

Lá no meio do camínho,  
O pastor lhe procurera :

«Que é isto, serraninha,  
Tanta cruz por esta terra ?...

—Todas ellas são de homens  
Que eu por minhas mãos metera ;  
A ti te farei o mesmo,  
Se os meus gostos não fizeres.

Tanto brincaram de noite  
Que ella se adormecera.  
Emquanto ella dormia,  
O pastor se foi d'ao pé d'ella.  
Quando ella acordou  
Já elle ia legua e meia.

—Volta cá, oh pastorsinho,  
Que te fica cá uma ovelha.

«Ainda que fôra de ouro  
Eu por ella não volvera.

Atirou-lhe uma granada,  
Derrubou-lhe uma orêlha ;  
Atirou-lhe mais outra,  
No coração lh'a metera. (1)

### A Serrana

(*Vinhaes* — TRÁS OS MONTES)

N'aquella serrinha alta,  
N'aquella alta serrinha,  
Anda lá uma serrana  
Formosa e ganadeira.  
Sua espingarda ao hombro  
A' moda de caçadeira;  
Quando lhe lembram amores  
Baixa áquella ribeira.  
Encontrou um pastorsinho  
Que seu rebanho guardava :

(1) Publicado por Daniel Rodrigues, no *Instituto*, vol. 54,  
p. 396 (1907.)

—Queres tu, oh pastorsinho,  
Vires commigo p'ra serra ?  
«Como eu irei, senhora,  
Se o meu gado se não perca ?  
—O teu gado não se te perde,  
Que eu te l'o arresponsera.

Deixara o seu rebanho,  
Foi com ella para a serra ;  
Inda no meio do caminho  
Com muita cruz se encontrara.

«Que é isto, oh serrana ?  
Tanta cruz por esta terra !  
—E' signal de homens mortos  
Que eu por minhas mãos matava ;  
E a ti te farei o mesmo  
Se na vontade me dera.

Toda a noite brincaram muito  
Até sobre a madrugada ;  
E lá sobre a madrugada  
Serrana se adormecera.  
Quando foi a recordar,  
O pastor não appareceu.  
Bota pela serra abaixo,  
Mas já por pouco o vira.  
Tirou-lhe uma frondada  
C'uma frondinha de seda ;  
Atira-lhe mais outra  
Derruba-lhe uma orêlha.

O pastor tanto fugira  
Que já ia legua e meia.

*Romanceiro Transmontano* (Rev. Lusit., vol. viii, p. 75).

### A Dama e o Cavalleiro

*(Região do norte de Bragança)*

Eu bem vi estar a Galharda,  
Bem vi estar a Galhardinha,  
Em sua janella de ouro,  
Sua lanterna florida.  
Viu andar um cavalleiro  
Calhe abaixo, calhe arriba.

—Anda cá, oh cavalleiro,  
 Ande cá para riba ;  
 Que eu te dera de cear,  
 Tambem te dera dormida.

Sentaram-se ambas á mesa,  
 Cavalleiro não comia.

—Come, come, cavalleiro ;  
 Come, pela tua vida.  
 «Como comerei eu,  
 Se eu de sêde não podia.

Foi-lhe buscar de beber,  
 Do vinho que em casa havia.

—Bebe, bebe, oh cavalleiro,  
 Bebe, pela tua vida.  
 «Como beberei eu,  
 Se eu de somno não podia !

Foi-lhe fazer a cama  
 O' quarto onde ella dormia.

«Que é isto, oh Galharda ?  
 Que é isto, oh Galhardinha ?  
 —São cabeças de leitões,  
 Creados na minha montinha.  
 «Mentes tu, oh Galharda,  
 Mentes tu, Galhardina :  
 E' a cabeça de meu irmão,  
 Que era a cousa que eu mais queria.  
 Outra é a de meu pae,  
 Pelo rosto a conhecia.

Cavalleiro se deitou,  
 Elle de noite não dormia.  
 Lá pelo meio da noite  
 A Galharda vêl-o-hia.

«Que buscas tu, oh Galharda ?  
 Que buscas, Galhardinha ?  
 —Busco meu rosario de ouro,  
 P'ra resar minha crôinha.  
 «O rosario que tu buscas  
 Na minha mão o tenia.

Puchou pelo punhal de ouro,  
No coração lh'o metia.

«Tu mataste a meu pae,  
Eu a ti te mataria ;  
Mataste meu irmão  
Que era a cousa que mais qu'ria.

.....

«Porteiro, abre-me a porta !

—«Cavalleiro, que queria ?  
Eu a porta não a abro  
De noite, sem ser de dia.

Deitou-lhe o hombro á porta,  
Logo a arrombaria ;  
Montou no seu cavallo  
E d'alli se escaparia. (1)

Este nome de *Galharda*, da versão de Traz-os-Montes, acha se na versão das Asturias, a *Gyarda*. Na *Historia da Poesia popular portugueza*, vol. I, p. 277, fica estudada a lenda bretã da sensual *Dahut*, a originaria Circe odysseaica, memorada nos cantos populares occidentaes. Vidè a *Gayarda* das Asturias : *La Serrana* da Catalunha ; *Serrana de la Vera*, da Extremadura, colligidas e estudadas na citada *Historia* (p. 278 a 287). Sobre a relação do poema da *Odyssêa* com os cantos populares tambem ahi está esboçado o problema. (ib p. 249 a 258.) Vide Menendez Pidal, *Viejos Romances asturianos*, n.ºs 51, 52 e 53; Munthe, *Folkpoesie fram asturian*, 1888.

**2. Bella Infanta** — (*Romanceiro*, t. I, p. 33 a 70). Segundo J. J. Ampère, no seu livro *Grèce, Rome et Dante*, (p. 68) perence este romance ao Cyclo das lendas odysseaicas, de que existem ainda os Cantos populares meridionaes, que entraram nas rhapsodias agrupadas no poema de Homero. E' assombrosa a concordancia do genio do critico com a intuição popular : «as cantadeiras de Tras-os-Montes tratam a *Bella Infanta* como se fosse uma parte segunda da *Não*.» (D. Carolina Michaëlis, *Rev. Lusit.*, 2.º anno, p. 237.) E observa : «a Esposa fiel de um Navegante, que no entender do povo, não podia deixar de ser o dono da *Não Catherineta*.» (Ib., p. 236). Em Traz-os-Montes está este romance ligado á musica com estribilho coral entre cada verso : *Ora, valha-me Deus !* Nos *Cantos populares da Grecia moderna* traz Fauriel uma can-

(1) *Instituto de Coimbra*, vol. 54, p. 379.

ção narrativa em dialecto cretense, sobre este thema odysaico; intitula-se *O reconhecimento*. «=Abre-te, porta, porta da loira de olhos negros.— Quem és tu ? Como te chamas ? Qual é o nome que te pozeram ? = Eu sou aquelle que te trazia maçãs no meu lenço, pêcegos e uvas doces ; eu sou aquelle que beijava os teus labios vermelhos.— Para que eu te abra a porta, para que tu entres, dá-me algum signal da minha morada.— A' tua porta está uma maçieira ; no teu pateo está uma vinha ; e essa vinha dá uvas brancas, e essas uvas um vinho de cheiro ; e esse vinho quem d'elle bebe fica confortado e pede mais.— Tu enganas-me, filho da ralé ; foi algum visinho que te disse isso ; para que te abra a porta, para que tu entres dá-me alguns signaes da minha casa.— No meio do teu quarto está pendente uma lampada de ouro ; ella te allumia quando te despes, quando te desabotôas.— Tu enganas-me, filho da ralé ; algum visinho é que te disse isso ; para que te abra a porta, para que tu entres, dize-me algum signal da minha pessôa.— Tu tens um signal sobre a face, um outro sobre o teu hombro ; entre os teus dois peitos ha a estrella e a lua.— Corei, criadas, corei, ide abrir todas as portas.» (*Op. cit.*, p. 423). O Conde de Marcellus publicou varios paradigmas na sua collecção dos *Cantos populares da Grecia moderna*, p. 152, 162 e 163. Os regressos do Navegante ligurico ou do heroi troyano ao seu estado de Ithaca, vão-se transferindo de idade em idade para o Cruzada que foi á Terra Santa, e que andou perdido na volta como Sire Busquet, para o Cativo fugido de Argel, ou o emigrante que ao fim de annos volta do Brasil. Sempre o mesmo thema adaptando-se a outros meios historicos. No *Recueil de Romances Judeo-espanholes chantés en Turquie*, por Abraham Daum, director do Semanario rabinico de Adrinopoles publicado em 1896, vem uma versão d'aquelle que entre nós é conhecido por *Bella Infanta* ; «acho-o muito interessante em rasão do marido se chamar *Amadí*. — Vem no n.º 8 do semanario *La Illustracion Española y Americana*, de 29 de Fevereiro de 1904 e a pag. 123.» (Carta de Antonio Thomaz Pires, de 9 de Abril de 1905.) Eil-o o romance de

### Arboleda

Arboleda, arboleda,  
arboleda tan gentil ;  
en la rama de más arriba  
hay una bolisa (1) d'Amadí ;

(1) Palavra hebrêa corrcmpida, equivalente á scñora.

peinándose sus cabellos  
 con un peine de marfil,  
 la raiz tiene de oro,  
 la cimenta de marfil.  
 Por alli pasó un caballero,  
 caballero tan gentil :

- «—Que buscáis, la mi holisa ?  
 que buscáis vos por aqui ?  
 «Busco yo á mi marido,  
 mi marido d'Amadí.  
 —Cuanto dabais, la mi bolisa,  
 que os le traigan aqui ?  
 «Daba yo los tres mis campos  
 que me quedaron d'Amadí.  
 El uno araba trigo  
 y el otro zengefil, (1)  
 el mas chiquitico de ellos  
 trigo branco para Amadí.  
 —Mas qué dábais, la mi bolisa,  
 que os le traigan aqui ?  
 «Daba yo mis tres molinos  
 que quedaron de Amadí.  
 El uno molia clavo  
 y el otro zengefil,  
 el mas chiquitico de ellos  
 harina blanca para Amadí.  
 —Mas qué dábais, la mi bolisa,  
 que os le traigan aqui ?  
 «Daba yo las tres mis hijas  
 que me quedaron de Amadí,  
 la una para la mesa,  
 la otra para servir,  
 la más chiquitica de ellas  
 para holgar y para dormir.  
 —Dádos á nós, la mi bolisa,  
 que os le traigan aqui.  
 «Mal año, tal caballero,  
 que tal me quiso decir.  
 —Que señal dais, la mi bolisa,  
 que os le traigan aqui ?  
 .....  
 .....

(1) Arabe : jengibre.

—Nó maldigáis, la mi bolisa,  
 yo soy vuestro marido Amadí.  
 Echados vuestro trezado,  
 me subiré yo por alli.

No Romaneiro de Traz-os-Montes, n.º 34 (*Revista lusitana* vol. ix, p. 283) no Romance da *Bella Infanta* ha o syncretisar d'este trecho de *Dom Beltrão* :

—Esse homem lá o vi,  
 Esse homem lá estava  
 Com tres chagas abertas,  
 Cada uma era mortal;  
 Por uma cabia o sol,  
 Por outra o bello luar,  
 Por outra tambem cabia  
 Linda bola de bilhar.

Na versão de Ligares, intitula-se *D. Francisquinha*, lembra Penelope no tear :

Estando Dona Francisquinha  
 No seu balcão assentada,  
 Fiando e torcendo sêda,  
 Viu vir um cavalleiro  
 A'quella Serra da Estrélla.  
 Atreveu-se a précurar-le :

—Que vae de novo na guerra ?  
 «Menina que tal procura  
 Alguma cousa trae n'ella.  
 —Trago lá o meu marido ;  
 Ha sete annos que anda n'ella.

O thema prolonga-se na fôrma dithyrambica. Na versão de Vinhaes (ib., n.º 62) o thema resume intensamente :

### Um Cavalleiro

Estando eu á minha porta  
 Cosendo e lavrando sêda,  
 Vira vir um cavalleiro  
 Junto da Serra Morena.  
 Atrevi-me e preguntei-lhe :

—Cavalleiro ! vem da guerra ?  
 «Da guerra venho, senhora,  
 Vós a quem trazeis n'ella ?



- Trazo lá o meu marido ;  
 Sete annos ha que anda n'ella ;  
 O cavallo era branco  
 E a sella verde-amarella ;  
 O cavallo era branco  
 E á crina d'uma donzella.  
 «Esse soldado, senhora,  
 Morto ficara na guerra.
- Mal o haja o cavalleiro  
 Que faes novas me trouxera.  
 Vae para minha casa  
 Cerrar portas e janellas ;  
 Eu me vou vestir de luto  
 E ás minhas filhas de terra ;  
 Eu lhe vou fazer por alma  
 O que elle por mim fizera.  
 «Ande cá, minha senhora,  
 O seu marido este era !
- Se tu és lo meu marido  
 Para que me dás tanta guerra ?  
 «Pois eu inda vim a buscar  
 A quem deixei n'esta terra ;  
 Porque a honra das donzellas  
 Anda de terra em terra,  
 E como côpo de vidro,  
 D'onde bate logo quebra.

Em outra versão *A rica Armada*, de Vinhaes, n.º 63 (ib., p. 300) termina de outra fórma :

- Se tu eras meu marido,  
 Porque tanta guerra me davas,  
 Pois eu nunca me esqueci  
 De quem n'esta terra deixara.

Uma versão de Maçôres (n.º 83, ib. p. 312) é extensa, mas com todos os desenvolvimentos dithyrambicos. Intitula-se *Rosa branca*. Transcrevemos a versão n.º 94, tambem de Maçôres, pela modificação do quadro :

### A bella Infanta

- Porque não cantas, Helena,  
 A' sombra d'essa nogueira ?  
 «Morreu-me meu pae ha pouco,  
 Meu marido está na guerra.

- Quanto deras tu, Helena,  
A quem t'ó aqui trouxera ?  
« Dava-te a minha vacada,  
Que anda na Serra Morena.
- Quanto deras mais, Helena,  
A quem t'ó aqui trouxera ?  
« Tres moendas que eu tenho,  
Dava-te a escolher n'ellas ;  
Uma moía cravos,  
Outra cravos e canella.  
Outra moía o pão alveiro  
Para o rei de Castella.
- Quanto deras mais, Helena,  
A quem t'ó aqui trouxera ?  
« De tres filhas que eu tenho,  
Dava-te a escolher n'ellas.
- As tuas filhas, Helena,  
Não nasceram para mim ;  
Para mim nasceste tu.  
Meu cravo, meu seraphim.  
« Vá se d'ahi, oh magano,  
Não esteja a mangar de mim ;  
Mando chamar meus criados,  
Que o matam já ahi.
- Meu anel de sete pedras  
Em dois bocados o parti ;  
Mostra me a tua metade,  
Pois a minha vê-la aqui.  
• Se tu eras o meu homem,  
Para que mangavas de mim ?

Ha ainda com o titulo de *D. Francisquinha*, a versão de Carviças (n.º 99, ib., p. 321) extensa, nos seus elementos novos : pergunta ao Capitão : — Vistes por lá meu marido — Por essas guerras passadas ? — Allude a uma fortaleza :

- Por as senhas que me dás,  
Esse mesmo lá o vi.  
Encostado á muralha  
Com vinte e cinco feridas ; . . .

Nos Cantos populares das Asturias colligiu Menendez Pidal duas versões d'este romance, com o titulo de *La Ausencia* : é o regresso do marido, mas sem a prova da fidelidade da esposa :

Estando un dia á la puerta  
labranço paños de seda,

vi venir un caballero  
allá por Sierra Morena.  
Atrevi-me, y preguntéle  
si venia de la guerra ?

- De la guerra, si, mi señora ;  
de la guerra, si, doncella.  
Tiene allá algun primo hermano  
ó alguno que le dá pena ?  
«Yo tengo allá mi marido,  
mas hermoso que una perla.
- Deme las señas, señora,  
señora, deme las señas.  
«Llevaba el caballo blanco  
la silla dorada y negra ;  
dos criados que llevaba,  
iban vestidos de seda ;  
iban vestidos de luto  
de los piés á la cabeza.
- Vuestro marido, señora,  
en la guerra muerto queda.  
«Ay, pobre de mi, cuitada,  
que estoy sola en tierra ajena !  
Mis pobres hijos queridos  
quién los mandará á la escuela ;  
y á mi hija Teresina  
quien la casará en su tierra ?
- Los sus hijos y los míos  
juntos irán á la escuela,  
y á sua hija Teresina  
yo la casaré en mi tierra.

A otro dia de mañana,  
madrugó á la missa primera ;  
iba vestida de luto  
de los piés á la cabeza,  
y al tomar agua bendita  
co'l caballero se encuentra :

- Por quién trae luto, señora ;  
por quién trae luto, doncella ?  
«Traigolo por mi marido,  
que se me murió en la guerra.
- Non llore por él, señora,  
señora, non tenga pena,  
non vista paños de luto,  
que yo su marido era.

(Coleccion de Romances viejos asturianos, p. 153).

No *Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 202, *La vuelta del marido*, é este mesmo thema, mas sem a insistencia da prova da fidelidade :

Estava la Blancaflor  
 Sota l'ombra de la menta,  
 Que brodava un camison  
 Per la filla de la reyna ;  
 El camison era d'or,  
 De seda li broda ella.  
 Quant la seda li falta,  
 Brodava de sus cabellos.  
 De sus cabellos al or  
 No hi havia diferencia.  
 Gira'ls ulls envers la mar  
 Veu veni la usar lluenta,  
 Veu veni fustas y naus  
 Y galeras mes de trenta.  
 Veu veni un galion  
 Que 'el seu gran senyó li sembla.

«Galion, bon galion,  
 Deu te do en la mar bonariza,  
 Si est vist y conegut  
 El meu gran senyor en Fransa ?  
 —Yo l'hi vist y conegut  
 Y de sa part li comanda,  
 Diu qu'es cerqués aimado  
 Qu'ell aymada s'es cercada.  
 La filla del rey Francés  
 Per esposa li han dada.  
 «Ben haja qui presa l'ha,  
 Mal haja qui li ha dada.  
 Una dona com som jo  
 Per altra m'haji deixada !  
 Set anys el som esperat  
 Com à dona ben casada,  
 Y altres set l'esperaré  
 Com à viudette enviuvada.  
 Si al cap de aquets set ne ve,  
 Per monja m' seré posada.  
 —No's fassi monja, senyora,  
 No's fassi pas monja encara :  
 No dormiria en llit di plumas  
 Ni en cambra encortinada :

Haura de dormi en llit de pots  
 Sense llansol ni flassada.  
 Al capsal li possaran  
 Una pedra mal picada ;  
 No beura vi de sarmente  
 Sino d'un prunell molt aspre.

Alla vos lo sen marit  
 Li va daná una abressada.

- »Perdoni lo meu marit  
 Si he faltat en cap paraula.  
 —Perdoni la meva esposa  
 Del temps que à mi m'agràdava :  
 «Perdoni lo me umarit  
 Si n'he'stada mal criada,  
 —Ben criada, Blancaflor,  
 De bon pare y bona mare.

Nos *Canti popolari del Piemonte*, N.º 28, vem *Il ritorno del Soldato*, sobre este mesmo thema, mais laconico, na sua nota; Nigra cita os paradigmas *Le soldat revenant de la guerre*, colligido por De Puymaigre (*Chants populaires du Pays Messin*) e *La femme du Marin*, colligida por Bujeaud (*Chants populaires de l'Ouest*, p. 89) e *Le jeune soldat* (*Chants populaires de l'Ain*, de Guillon, p. 229) Sobre o thema da volta do esposo, a situação dramatica funda-se nos máos tratos soffridos durante a sua ausencia, forçada pelo cunhado ou por sua mãe a ir guardar porcos ou o gado; é *Germaine*, da collecção de De Puymaigre, p. 8, similar da forma catalã de *Dou Guilherme* (*Observaciones sobre la Poesia popular*, de Milá y Fontanals, p. 119); Villemarqué *Barzes Breiz*, t. I, p. 42, traz *A esposa do Cruzado*; Beaurepaire, nos *Etudes sur la Poesie populaire en Normandie*, traz uma versão d'este thema, colligido por Champfleury, nas *Chansons populaires des Provinces de France*, p. 135, com o titulo de *Germine*. Nos *Canti popolari monferrini*, colligidos por Ferraro, n.º 25, vem com o titulo *Il falso l'ellegriño*, apontando os paradigmas de Pe-lay Briz, *Cansons de la Terra*, p. 87: *La vuelta del peregrino*; en Marcoaldi, *Canti popolari inediti Umbri, Liguri, Picene, Piemontese*, p. 151: *La prova d'amore*; em Wolf, *Volkslieder aus Venetien*, p. 19; *La moglie fedele*. Belza, *Il riconoscimento*.—Tarbè, *Romancero de Champagne*, t. II, p. 2 e 221.—Luzel, *Gruerzion breiz izel*, t. I, p. 197; Bernoni, *Canti popolari veneziani*, *La bella esposa*; *Il ritorno de la guerra*;

*Il finto pelegriño.* Na collecção *Westfaelische Volkslieder*, XIII, a ballada de *Liebesprobe*; e Percy, *Reliques*, lib. I, p. 261.—Duran, *Romancero general*, n.º 4, e n.º 318, fôrma litteraria de Juan Ribera.

Nos Cantos populares das Asturias tambem este romance apparece degenerado em parodia com o titulo de *El Mambriu*:

*Este es el Mambriu, señores,  
que se cartará al revés.*

«Ha visto usted á mi marido  
en la guerra alguna vez ?  
—Acaso lo hubiera visto ;  
dême usted las señas de él.  
«Mi marido es un buen mozo,  
gentil hombre aragonés.  
En la punta de la lanza  
lleva um pañuelo morlés,  
que lo bordé cuando niña,  
quando niña lo bordé.  
Dos años há que lo espero  
y lo esperaré hasta tres ;  
si á los tres años no vuelve,  
monjita me he de meter,  
y á la menor de mis niñas  
con migo la llevaré,  
que me cosa y que me lave  
y me guise de comer,  
y me lleve de la mano  
á casa del coronel.

(Pidal, *op. cit.*, p. 349).

No seu estudo sobre *Il moro Saraceno*, Nigra investiga o thema do reconhecimento pelo anel, commum ás versões portugueza, catalan e piemonteza, citando todos os logares colligidos por Child, annotando as balladas *Young Beichan e Hind Horn* (*The english and scotish popular Ballads*, I, 187; II, 450. Tambem apparece na lenda de *Miragaia*, do Livro Velho das Linhagens; e em Boccacio, *Decameron*, X, 9.)

Sobre a extensão d'este thema da *Bella Infanta*, que transita espontaneamente para a *Noiva roubada*, concluímos por este pensamento de De Puymaigre na sua traducção dos *Vieux Chants portugais*, p. 324: «Será preciso indubitavelmente remontar á *Odyssea* para descobrir a origem de uma scena tantas vezes explorada.»

**3. Nausicaa** — (*Romanceiro*, t 1, p. 69 e 70.) — O quadro da filha do rei, que vae á fonte, lembra a filha de Alkinoos, o rei dos Pheaceos, na mais delicada rhapsodia da *Odysseá*. Este quadro idyllico é um enxerto na narrativa heroica ; vê-se que encantou o poeta ou artista que agrupou as lendas maritimas atlanticas. Sobre elle escreve Croizet : « De todos os papeis secundarios de mulheres na *Odyssea*, nenhum ha que eguale em merito o da joven Nausicaa. Uma tal personagem não podia evidentemente figurar na legenda, que não se limita a scenas puramente episodicas ; ella pertence inteiramente ao auctor do livro VI, actual. Foi elle que concebeu este typo tão gentil da donzella, e que soube com muita felicidade misturar n'ella, devido á admiravel delicadeza do seu genio, a agudeza de espirito, a bondade, a timidez mesmo com uma certa altivez de raça. — Um sonho lhe dera o presentimento do seu proximo casamento ; ella quer estar prompta, e para isso trata de ir lavar ao rio as peças de panno que têm de servir para se fazerem as vestimentas da festa ; . . . » (*Hist. de la Litterat. grèque*, I, p. 380.) Quando as outras donzellas fogem ao apparecer ihes Ulysses, Nausicaa deixa se ficar : « porque Athenêa lhe insuflara no coração a coragem firme, e impedia que o temor a fizesse fugir, » como descreve o rhapsodo (*Odys.*, VI, 138-141). Athenêa é na versão portugueza a Virgem, que lhe vaticina o casamento venturoso. A lenda de Nausicaa, como a accomodou artisticamente o rhapsodo ao error de Ulysses apparece na sua perfeição na tradição da origem do estabelecimento de Marselha : a filha do rei Nann, a bella Gyptis ao avançar para a mesa do banquete aonde devia escolher o seu noivo, vê chegar um baixel, que trazia á prôa a figura de uma phoca, com um piloto nobre e mancebo ; convidado a assistir ao festim Gyptis apresenta-lhe a taça cheia, signal da sua escôlha ; o estrangeiro aceita-a, e o rei consente no casamento da filha, estabelecendo-se a nova colonia que em pouco tempo se tornou uma cidade mercantil. (Emile Chasles, *Hist. de la Litt. française — Origines*, p. 24.) Evidentemente o rhapsodo grego apropriou-se de uma lenda occidental, deturpando-a nos seus elementos de realidade. Do episodio de *Nausicaa* dizem os criticos : « Indubitavelmente, nada impede de acreditar, que o poeta, a pouco e pouco modificou e ampliou a sua obra O episodio de Nausicaa, por exemplo, bem pode ter sido ajuntado por elle ulteriormente ; » (Croizet, *ib.*, p. 338.)

Na tradição popular da Galliza (Santiago — Vilancosto) encontra-se uma versão mais desenvolvida do que a de Trazos-Montes, dando-nos o sentido maravilhoso da ida á fonte :

Muñanita de San Juan  
 Anda a auga enamorada,  
 E estando Nosa Señora  
 Collendo n'a *Flor da'auga*,  
 D'esta maneira decia,  
 D'esta maneira falaba :

—Cal será, cal, a doncella  
 Que veña hoj'a catála ?

A' filla d'o Rey ovindo-a,  
 Sin paje sal e sin dama ;  
 A toda prêsa camiña,  
 E dicell' ó tropezala :

«Señora, gárdevos Dios,  
 —Doncella, muy bem chegada.

«Filla d'o rey sou, Señora,  
 Veña tral a flor d'a auga.

—Para ser filla de rey  
 Ves ti mal acompañada.

«Veño sin saber mi padre,  
 Qu' a sabélo s'enfadara.

Jarriña trayo de vidro,  
 Vos m'a darédes de plata.

—Bên está ; mais, se che din  
 Quéñ che deu tao linda jarra,

Contesta qu'unha señora  
 Que sobre todos mandaba.

«E pois mandas sobre todos,  
 Mandá qu'en sêa casada.

—Casadiña, miña filla,  
 E mais ben afortunada :

Casadiña con tres fillos  
 Todos de capa e d'espada.

Un será Rey de Sevilla,  
 Outro o será de Granada,

Outro será para o céu,  
 Para Deos, qu'asi ll'agrada.

Estando n'estes faláres  
 E caindo ela esmayada,  
 Nosa Señora envolveuna  
 N'os plégues d'a sua capa.  
 Pró chega Jesus e dille :



—«Mi madre, qu'é o que ahi garda?  
—A filla do'Rey eu gardo  
Que d'emayárseme acaba.

Noso Señor descubréuona  
E ali tocando-a na cara,  
A filla d'o Rey espérta  
E esperta n'a sua cama.

(*Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. IV, p. 107.)

O romance funda-se na crença da *Flor d'agua*, a herva fadada, o lirio (*ango.* entre o Chaldeos, que na tradição occidental equivale ao lotus, do Oriente; tem um sentido genésico. Na versão da *Moça da fonte*, decahida do seu sentido primitivo, a flor de agua é a flor do rosmaninho, que faz que a rapariga ande perdida de amores. Na *Revista lusitana*, vol. ix, vêm mais tres versões de Traz os Montes (Vinhaes, Baçal e Poiaries); n.º 42, 76 e 84, com variantes e omissões.

**4. Dom Marcos** — (*Romanceiro*, t. I, p. 71 a 87.) Nas diversas versões d'este Romance apparecem as Rhapsodias da *Odysséa*, no livro XIV, quando Ulysses tendo acabado as suas viagens, se encontra em Ithaca, demora-se junto de Eumeu, por quem sabe do estado da sua casa, e prepara a sua vingança ou o Castigo dos Pretendentes: «Ulysses desembarca em Ithaca, procura primeiramente abrigo no campo; chega a casa do seu velho creado, o porqueiro Eumeu, que lhe dá hospitalidade.— A intenção principal do poeta parece ter sido de nos fazer sentir de uma maneira dramatica quanto os mais fieis amigos de Ulysses desesperavam do seu regresso, mesmo no momento em que elle tinha já chegado á sua terra natal; é alli que nota o effeito de todas as palavras de Eumeu tão dedicado ao seu amo, e tão desalentado. E ao mesmo tempo que põe em obra este dado tão emocionante em si, Ulysses tratado como um extranho no seu proprio dominio por um servo excellente, que o não conhece.— Dois personagens preenchem sós a scena, não ha acção, propriamente fallando, por que tudo se passa em narrativas. Além d'isso, o quadro da vida rustica, que resalta do fundo d'esta scena, presta-lhe um encantó muito particular.» (Croizet, *Hist. de la Litterat. grécque*, I, 301.) Nos romances populares portuguezes, este episodio liga-se immediatamente ao quadro da vingança sobre os Pretendentes, que entre si dis-

putavam o casamento com Penelope, a esposa fiel. E' esse o desenlace da *Odysseia*: «No canto XII vem a narrativa do combate, que termina pela matança. Pode-se notar no conjunto alguma diffusão, mas torna-se impossivel deixar de admirar a força de imaginação, que brilha em quasi tudo. A revelação de Ulysses no comêço é empolgante, e o modo como a lucta se trava, lança de repente na alma do leitor uma impressão profunda. O terror dos Pretendentes, o lampejo terrivel da cólera do heroe, a supplica dos seus inimigos, a violencia soberba do seu desdem, são outros tantos lances dramaticos de uma incomparavel grandeza.— Quando os dois esposos se reconhecem um ao outro, quando Ulysses agora o senhor do seu palácio, e ahi encontra o terno affecto de sua mulher, achamos ahi esgotada a série das scenas verdadeiramente interessantes, que fornecera a legenda. Assim tambem os mais judiciosos criticos da antiguidade, Aristophanes de Byzancio e Aristarco consideravam o verso 296 do Canto XXIII como o signal do fim da *Odysseia*.» (Croizet, *ib.*, p. 317 e 319.)

O que leva á demonstração de que os romances populares portuguezes são os vestigios da lenda odysseaica elaborada pelos rhapsodos gregos, e a vasta persistencia d'estes cantos nas Asturias, na Catalunha, na Italia, no Paiz Messin, e ainda na Grecia moderna; e ao mesmo tempo o syncratismo da tradição com os elementos historicos, ligados á grande figura de Carlos Magno. Escreve Saint-Marc Girardin, nas *Notices politiques et litteraires de l'Allemagne* (p. 122): «Tambem na *Deutsche Sagen*, emquanto Carlos Magno anda em uma expedição contra os pagãos, na Hungria, sua mulher sollicitada pelas instancias dos Barões, promette escolher um esposo. E' dentro em tres dias que ella deve declarar a sua escolha; um anjo avisa Carlos Magno d'estas más novas; como vir em tres dias da Hungria a Aix-la-Chapelle? O anjo indica-lhe um cavallo maravilhoso que andar á esse caminho em tres dias. Chega a Aix, no meio das festas do novo casamento; vae assentar-se na cathedral de Aix-la-Chapelle, sobre a cadeira em que deviam ser installados os imperadores, é reconhecido, e Hildegarda volta com alegria para seu marido. O mesmo critico aponta uma variante d'esta lenda no romance italiano *Spagna historata*, em que o Anjo e o cavallo são substituidos pelo diabo; e acrescenta: «Assim a mesma historia encontra-se tanto no Meio Dia como no Norte: a imaginação popular muda apenas de detalhes, segundo os logares, tomando por pagãos os seus inimigos mais proximos; na Alemanha os Hungaros, no meio dia da França os Sarracenos da

Hespanha.» (*ib.*, p. 123.) Jacob Grimm colligiu esta lenda de uma chronica em verso (Cod. palat. 336, fl. 259-267) e incluiu nas suas Lendas allemãs (traducção franceza, *Les Veillées allemandes*, t. II, p. 124), esse quadro, que tem todos os elementos da situação final da Odyssêa, mas com o perdão dos Pretendentes.

Nos *Cantos populares da Grecia moderna*, publicados pelo Conde de Marcellus, vem uma lenda com o titulo *O Rapto*, em tudo semelhante ao romance portuguez da *Novra roubada* :

«Emquanto estava assentado e comia a uma mesa de mar-more, o meu cavallo nitriu e o meu sabre telintou. Disse então para mim : — Casam a minha bella ; abençoam-a com outro ; para outro corôam-a, desposam na, e dão-lhe outro marido. Levanto-me e vou-me direito aos cavallos, que são ao todo setenta e cinco. Qual é dos meus setenta e cinco cavallos o que pode faiscar no Levante e dar commigo no Poente ? Todos os cavallos que me ouvem gotejam sangue : todas as eguas que me escutam abortam. Mas um velho corcel com quarenta feridas acode : — Eu sou velho e feio, não me dou com as viagens ; mas pelo amor da minha bella senhora emprehenderei a corrida, porque ella me trazia de comer no seu avental arregaçado, e dava de beber no covo da sua mão.

«Immediatamente sella o cavallo, de prompto o monta : = Cinge a cabeça com uma toalha de nove covados ; não puches a rédea, nem craves as esporas, porque acaso me lembraria a minha mocidade, e eu seria como um pôtro e eu semearia os teus miolos em um campo de nove varas.

«De uma chicotada no cavallo adianta quarenta milhas ; redobra e faz quarenta e cinco mais ; e caminhando, roga a Deus : — Meu Deus, fazei com que encontre meu pae entrando a sua vinha. Pediu como christão, como santo foi ouvido, e encontrou seu pae podando a vinha — Bem andaes, meu velho ; mas de quem é essa vinha ? = Para luto e desgraça é do meu filho Janaki. Hoje dão um outro marido á sua bella. Com outro a abençoam, para outro a corôam. — Oh, dize-me, dize-me, bom velho, ainda a encontrarei á mesa ? = A' mesa a encontrarás se tiveres um bom cavallo ; se tens apenas um rocim, encontral a-has na benção.

«De uma chicotada no cavallo avança quarenta milhas ; redobra e faz quarenta e cinco mais ; e emquanto caminha vae resando a Deus : — Meu Deus, fazei com que eu encontre minha mãe regando o seu jardim. Como christão o pediu, como santo foi ouvido, e encontrou sua mãe regando o jar-

dim : — Bem andaes, minha velhinha ; de quem é este jardim ? = Para desgraça e luto é do meu filho Janaki. Hoje dão um outro marido á sua bella ; com outro a abendiçôam, corôam-na para outro. — Oh, dize-me, velhinha, encontral-a hei ainda á mesa ? = A' mesa a encontrarás, se tiveres um bom cavallo ; se só tiveres um rocim, encontral a has na benção.

«De ùma chicotada no cavallo galgou quarenta milhas, redobra e faz mais quarenta e cinco. O cavallo começa a relinchar, e a donzella o reconhece : — «Minha filha, quem é que conversa contigo ? Quem é que te falla ? — E' meu irmão mais velho, que me traz o meu dote. — «Se é teu irmão mais velho, sáe para lhe ires dar de beber. Se é o teu amante, saio-o eu e mato-o. — E' meu irmão mais velho, que me traz o dote. Ella pega em uma taça de ouro para lhe ir dar de beber. — Põe-te á minha direita, oh encantadora, e dá-me de beber pela esquerda. O cavallo ajoelhou e a donzella se achou em cima d'elle. Então desfillou como o vento. Os turcos pegam em seus mosquetes, mas já não alcançam nem o cavallo, nem a poeira d'elle. Aquelles que tinham bom ginete, viram a sua poeira, os que só tinham um rocim, nem sequer a avis-taram.» (*Op. cit.*, p. 140.)

Será este canto popular uma persistencia da lenda odysseica ? Parece-nos antes uma revivescencia por uma nova transmissão oral do Occidente. Sobre a passagem das tradições occidentaes para o Oriente, escreve Chassang, na sua *Histoire du Roman* (p. 438): «A quarta Cruzada teve consequencias profundas : os conquistadores estabeleceram na Grecia e na Moréa suas leis e costumes e até a propria litteratura ; muitas das Novellas de Cavalleria foram traduzidas ou imitadas em grego moderno, e as mais illustres familias do imperio cuidavam que ficariam mais honradas tecendo uma genealogia imaginaria, inscrevendo entre os seus antepassados os paladins francezes, os Roland e os Olivier.» Pode tambem vêr se a exposição de Fauriel, nos *Cantos populares da Grecia* (Prefacio p. 15) e sobretudo a vasta e conscienciosa introdução de Edelestand Du Méril á edição do poema de *Flore et Blancheflor*, seguido por Chassang.

Esta situação em que o marido chega a encontrar sua esposa prestes a casar-se, ou a sua noiva já nas festas da bôda, é um thema commum á poesia popular occidental. Sobre a versão piemontesa do *Moro Saracino*, o Conde Nigra julga que essas versões foram transmittidas de um cantar do Languedoc e da Provença para a Catalunha e para a França da lingua d'Oil e d'ahi para a Italia septemtrional; (*Canti popo-*

*lare del Piemonte*, p. 220) mas esta theoria de um unico fóco de diflução é incomprehensivel, sendo a explicação verdadeira a de um vasto fundo anthropologico e ethnico, em que essas tradições persistem, com suas differenciações como succede com os dialectos. Aqui o *substratum* ethnico é fundamentadamente o ligurico. Nigra em um pacientissimo estudo sobre o *Moro Saracino*, conclue, que a origem d'este thema data da invasão sarracena no Mediterraneo, e comprova isso com os paradigmas do Romance de *Gayfeiros*. (Op. cit., p. 256.) Não penetrou a antiguidade proto-historica, que remonta á lenda odysseaica; assim como o thema se encabeçou na lenda de Carlos Magno, tambem recebeu nova adaptação em *Gayfeiros* (Vifarius, um dos ultimos duques da Aquitania, de 745.)

Além das outras versões da *Noiva extremenha*, (p. 71 a 87) incorporamos aqui mais quatro versões da tradição oral de Tras-os-Montes, um dos fócos de maior persistencia ethnica:

### O Conde de Torres

(TRAZ OS MONTES — *Vinhaes*)

Lá vae o Conde de Torres,  
Co's Mouros vae batalhar:  
A Condessa era mui nova,  
Não cessava de chorar.

— Se eu tardar por aqui sete annos,  
Tornarás te a casar.

Sete e sete são quatorze,  
Lembra-lhe de se casar.  
Tambem lhe lembrou o Conde  
Para a sua terra voltar;  
Chegou o meio da serra  
Encontrou uma vacada;  
Chamou pelo pastor d'ella,  
Respondeu-lhe o zagal:

— De quem é esta vacada  
Que de golpe tem sinal?  
«Ella era do Conde de Torres,  
Deus me lo deixe voltar!  
Agora é do Conde de Flores,  
Deus m'o não deixe gosar!

- Que te fez el Conde (de Flores)  
 Que lhe rogas tanto mal?  
 «Soldadinha de sete annos  
 Não me la quer pagar.  
 —Guarda-te, oh pastorinho,  
 Que eu t'a heide de pagar.

A' entrada de uma villa,  
 A' saída de um logar,  
 Vira estar tres lavadeiras  
 N'um ribeiro a lavar :

- Deus as guarde, senhoras,  
 Deus las queira guardar!  
 =D'onde é o cavalleiro,  
 P'ra tão cortez nos fallar?  
 —Eu sou filho da do meio,  
 E das outras primo carnal.  
 =Se tu eras o meu filho  
 Uma signa me hasde dar!  
 —Que é das minhas bolas de ouro,  
 Com que aprendi a jogar?  
 =As tuas bolas, meu filho,  
 Guardadas te hão de estar.  
 —Que é do meu lindo cavallo  
 Onde eu ia a passear?  
 =O teu cavallo, meu filho,  
 Na estrebaria hade estar.  
 —Que é da minha esposa linda  
 Que se chama Guiomar?  
 =A tua esposa, meu filho,  
 Hoje se vae a casar!  
 —Adeus, adeus, minha mãe,  
 Que la a vou resgatar,  
 =Não vás lá oh, meu filho,  
 Que te poderão matar.  
 —Matar, a mim não me matam,  
 Que lhe heide saber fallar!

Chegou á porta de egreja,  
 Estava para casar.

- Onde está a minha esposa,  
 Que se chama Guiomar?  
 Aqui vem o seu marido,  
 E vem para a levar,

Pois tem a posse antiga  
E ninguem m'a hade tirar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 67. *Rev. lusitana*, vol. IX, p. 302).

### D. Fernando

(TRAZ OS MONTES—*Maçôres*)

- Que cavalleiro é este  
Que a minha porta rondêa ?  
«Sou das partes do mar,  
Venho das terras da Beira.  
Que é d'ellas as minhas guitarras  
Com que eu sabia tocar ?
- Essas guitarras, cavalleiro,  
Por esses quartos hão de estar.  
Se tu fôras lo meu filho  
Outros sinaes me havias dar.  
«Dera, dera, madre minha,  
Que tenho para vos dar :  
Que é d'elle as minhas bengalas,  
Com que eu saia a passear ?
- Essas bengalas, cavalleiro,  
Por esses cantos hão de estar.  
«Que é d'elle as minhas bolas de ouro  
Com que eu sabia jogar ?
- Essas bolas, cavalleiro,  
Por essas caixas hão de estar.  
Se tu fôras lo meu filho  
Outros sinaes me havias de dar.  
«Dera, dera, madre minha,  
Que tenho para vos dar.  
Que é d'elles os meus cavallos ruços,  
Que eu deixei a engordar ?
- Esses cavallos, cavalleiro,  
Por esses córtes hão de estar !  
Se tu fôras o meu filho,  
Outros sinaes me havias de dar.  
«Dera, dera, madre minha,  
Que tenho para vos dar :  
Que é d'ella, a minha esposa,  
Minha esposa Guiomar ?
- Tua esposa, meu filho,  
Fraca nova te vou dar,  
Que hoje se correm os banhos,

A' manhã se vão casar.  
 «Bote-me a sua benção,  
 Que me quero lá chegar.  
 — Não chegarás, não, meu filho,  
 Que te háode lá querer matar ?  
 «Não me matarão, minha mãe,  
 Que eu heide lhe saber fallar.

—  
 «De quem é esta bezerrada  
 Que o numero traz misturado ?  
 — Até aqui de Dom Fernando,  
 Agora do Duque real.  
 «Aguardae bem, oh meninos,  
 Que eu heide-vos saber pagar.  
 «Guarde os Deus, meus senhores,  
 E mail-o seu jantar.  
 — «Guarde-o Deus, oh senhor,  
 Já que o senhor nos quer guardar.

«Diga-me, oh minha esposa,  
 Minha esposa Guiomar,  
 Se queres os amores velhos  
 Ou se queres do Duque real ?  
 — «Eu quero os amores velhos,  
 Não quero os do Duque real !  
 Tate, ! tate ! cavalleiro,  
 Não hajas de o matar,  
 Que eu quero os amores velhos,  
 E não quero os do Duque real !  
 «Se é por causa das prendas,  
 Inda as tenho para t'as dar ;  
 E se é pelo jantar,  
 Meu pae t'o manda pagar.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 82. *Rev. lusitana*, vol. ix, p. 311.)

### Conde de Flores

(TRAZ OS MONTES — *Felgar*)

Lá se vae o Conde de Flores  
 Por capitão general ;  
 Sua mulher deixa mui nova,  
 Do que leva gran pesar.  
 — Se eu por lá tardar sete annos,  
 Tratarás de te casar.



Tardara sete e outros sete,  
 E ella sempre a guardar.  
 Ao cabo dos quatorze annos  
 Tratou de se casar.  
 Tambem o Conde de Flores  
 Tratara de se marchar.  
 Lá no meio do caminho  
 Encontrara uma vacada,  
 Chamou pelo pastor,  
 Fallara-lhe o zagal.

- De quem é essa vacada,  
 Que na testa traz o sinal?  
 «Era do Conde de Flores,  
 Deus lh'o ha de perdoar;  
 Agora é de Don Francisco,  
 Deus la não deixe gosar!
- Que mal te fez esse homem,  
 Que lhe rogas tanto mal?  
 «A soldada de sete annos  
 Ainda não m'a veiu pagar!
- Guarda a vacada, pastor,  
 Guarda a vacada, zagal;  
 As soldadas d'esses annos  
 Eu t'as mandarei pagar.

A' porta de sua mãe  
 Lá se foi a passear.

- D'onde é esse senhor  
 De tão grave passear?  
 —Sou filho seu, minha mãe,  
 Vossemecê não m'o hade negar!
- Vossemecê para ser meu filho  
 Outra senha me hade dar.  
 —Sim, las darei minha mãe,  
 Sim, tenho para las dar.  
 Onde está a minha espada  
 Com que eu ia a batalhar?
- A sua espada, senhor,  
 Lá por dentro hade estar;  
 Vossemecê para ser meu filho,  
 Outra senha me hade dar.  
 —Sim, las darei, minha mãe,  
 Sim, tenho para las dar:

- Onde estão as minhas bolas  
 Com que eu ia a jogar ?  
 =As suas bolas, senhor,  
 Lá dentro hão de estar ;  
 Vossemecê para ser meu filho  
 Outras senhas me hade dar.  
 —Sim, las darei, minha mãe,  
 Sim, tenho para las dar :  
 Onde está o meu cavallo,  
 Com que me eu ia banhar ?  
 =O seu cavallo, senhor,  
 Na estrebaria hade estar ;  
 Vossemecê para ser meu filho  
 Outras senhas me ha de dar.  
 —Sim, las darei, minha mãe,  
 Sim tenho para las dar :  
 Onde está minha mulher,  
 Que aqui lhe havia de deixar ?  
 =A tua mulher, meu filho,  
 Tratara de se casar ;  
 Hoje se fazem as hódas,  
 A'manhã se vão casar.  
 —Deixa lá, oh minha mãe,  
 Que eu a vou a resgatar.  
 =Não vás, não, meu filho,  
 Que elles te hão de matar.  
 —Não matam, não, minha mãe,  
 Que eu heide saber-lhes fallar  
 Sete annos andei por terra,  
 Sete annos andei por mar,  
 Olhe lá, oh minha mãe,  
 Se lhes saberei fallar !  
 —Guarde Deus estes senhores,  
 Que lhe aproveite o jantar !  
 Com essa senhora do meio  
 Com ella quero fallar.  
 Alevantou-se Dom Francisco  
 Com tenção de o matar.  
 —«Alto ! alto, Dom Francisco,  
 Alto ! não façás tal ;  
 Olha que os amores primeiros  
 São custosos de deixar.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 93. *Rev. Lusitana*, vol. ix, p. 317.)

**Conde de Flores**(TRAZ-OS-MONTES — *Poiares*)

Declarou-se uma guerra  
 Entre França e Portugal;  
 Convidaram Conde Flores  
 P'ra Capitão General.

— Por quantos annos vaes, Conde,  
 Conde, por quantos vaes ?  
 « Vou por sete, minha Condessa,  
 Vou por sete, nada mais;  
 Se aos outo não vier,  
 Condessa, podes casar.

Já os outo eram passados  
 E os nove iam a andar.  
 Uma manhã de Paschoa,  
 O pae a mandara chamar.

— Que me quereis, meu pae,  
 Meu pae, que me quereis dar ?  
 = Nada te quero dar, filha,  
 Se te queres casar ?  
 — Não, por certo, meu pae,  
 Não, por certo em verdade ;  
 Que me deu na cabeça  
 Que é vivo o Conde Dom Blas ?  
 Deite-me a sua benção,  
 Que o quero ir procurar,  
 = A minha benção te dou  
 Mais a soledade . . . . . ?  
 Vae a tua mãe, que t'a deite  
 A vêr se vales mais.

Foi-se para sua casa,  
 Saltou a desnudar-se ;  
 Vestiu-se de peregrina  
 E foi-se a peregrinar.  
 Sete annos andou por terra  
 E outros sete no mar,  
 A entrada de Barcelona  
 Se pozera a merendar.  
 Viu vir um rapazito  
 C'um cavallo a passear.

- Dize-me, oh rapazito,  
 Não me negues a verdade :  
 De quem são esses cavallos  
 Que os conheço por sinal ?
- «Estes cavallos, senhora,  
 São do Conde Dom Blas,  
 Hoje se alegram as bôdas  
 E amanhã se vae casar.
- Pois dize-me aqui, oh rapazito,  
 Não me negues a verdade,  
 Onde mora esse senhor ?  
 Onde mora, onde está ?

Indo toda a rua adiante  
 Não lhe pu'era fallar ;  
 Sete voltas ao palacio  
 Sem achar por onde entrar.  
 Ao cabo de sete voltas  
 N'uma ventana o viu estar.

- Dae-me uma esmola, bom Conde,  
 Dae me por necessidade.
- Pois perdôa, peregrina,  
 Que não tenho que te dar.
- Algum dia, bom Conde,  
 Algumas tinhas que me dar !
- Pois d'onde é a peregrina,  
 De que terra ou que cidade ?
- Sou de França, meu senhor,  
 Um pouquito mais acá.
- Dize me, oh peregrina,  
 Que se conta por ahi lá ?
- Por ahi, lá nada se conta,  
 Senhor Conde Dom Blas,  
 Deixou sua mulher só,  
 Sua mulher o anda a buscar !

Mete a mão ao seu bôlço  
 Um real de ouro lhe dá ;  
 Ella prometteu ao seu  
 Levantar o *beneirá*.

- Esse *beneirá* era meu  
 Me custou *una ciudad* !
- Como pode ser, senhor Conde,  
 Como pode ser verdade !

Deu m'ò o meu marido  
 Quando nos fômos casar.  
 =Fique com Deus o palacio,  
 E a gente que n'elle está,  
 E Anninha fica *borrada*  
 De abracinhos e beijinhos  
 Não a posso remediar ;  
 Se minha mulher fosse má  
 Não na vinha procurar.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 98. *Rev. lusit.*, vol ix, p. 320.)

Nos *Canti popolari del Piemonte*, n.º 42, com o titulo de *Moran d'Inghilterra*, vem este mesmo thema :

La fia del Sultan  
 l'è na fia bela ;  
 tan bela cum'a l'e,  
 savio pa a chi dé la.  
 S'a l'án dáil a a Moran,  
 Moran de l'Inghilterra.  
 P'rim di ch'a à l l'a'spuzà  
 no fá che tan bazé la :  
 segund di ch'a 'l l'à spuzá  
 Moran la vol chité la ;  
 teis di ch'a 'l l'à spuzà  
 Moran n'i'n va a la guerra.  
 La bella a j'â ben dot :

—Moran, quand e turnei-ve ?  
 «Se turno pa'n set agn,  
 vui, bela, maridei-ve.

Bela spetà set agn,  
 Moran mai pi veguéira.  
 La bela munta a caval,  
 gira tuta Inghilterra.  
 'Tal prim ch'a s'é scuntrà,  
 l'é d'un marghé di vaché.

—Marghé del bel marghé,  
 d'chi sunh-ne custe vache ?  
 —«Ste vache sun d'Moran,  
 Moran de l'Inghilterra.  
 —Marghé del bel Marghé,  
 Moran à le la dona ?

—«Ancor' sara quel giurn  
ch' Moran na spuza veina ;  
marcéisse'npò' pi fort,  
riverei l'ura dle nosse

Bella spruna 'l caval  
ruvá l'ura dle nosse.  
Ant una sana d'or  
a j'an smunû da béive.

—Mi béive, béive pa  
fin ch'la sana sia unia :  
'mi béive, beive pa  
fin qh' si j'è n'auta dona ;  
mi béive, béive pa  
fin ch'sia mi padruna.

Moran l'ambrassa al col,  
Moran de l'Inghilterra.

«Padruna si sempre stá,  
si le paré-ve ancuira.

N'este quadro é a esposa que vae procurar o marido, e se dá a conhecer quando está para casar-se ; n'esta transformação apparece o cyclo da ballada anglo-escoceza de *Suzan Pyé* ou de *Lord Beichan* (Gilberto *Becket*, a quem a filha do Soldan veiu procurar). O romance, *La Sposa porcaja*, é ainda a Esposa fiel, que o marido vem encontrar soffrendo máos tratos da sogra. (*Op. cit.*, n.º 55.) Vê-se que o cyclo originario se complica em diferentes ramificações, que evolucionam em efflorescencia autonoma, em muitos paizes.

No *Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 244 : *La boda interrumpida*.

De Puymaigre, nos *Chants populaires du Pays Messin*, p. 20, traz este thema na complainte *Le retour du mari*, e apontando diversos paradigmas, da Bretanha, de Champagne e da Normandia, reconhece que «apresentam semelhanças com esta situação, que na antiguidade forneceu a Homero um dos mais interessantes trechos da *Odyssèa*, o regresso de Ulysses, (*Odyss.*, liv. XXIII).— E' um incidente, que se deve ter repetido mais de uma vez na Edade média, de que a poesia popular pôde tirar o germen da vida real.»

Nas *Lendas allemãs* (trad., II, 289) traz Jacob Grimm o resumo de um velho canto popular, em que se encontra o thema da *Não Catherineta* continuado na *Noiva roubada* :

«Antigamente o duque Henrique, o nobre guelfo, quiz correr aventuras. Tendo se embarcado para atravessar os mares, uma violenta tempestade, que se ergueu de repente desarvora e arrebatou o navio; o duque andou errante muitos dias e muitas noites á mercê das ondas, sem alcançar nenhuma terra. Faltou logo de comer á equipagem, e a fome fez-se duramente sentir. N'esta extremidade, resolveu-se que se lançassem os nomes em um chapéo, e que se tirassem á sorte, e que aquelle em quem cahisse fosse morto para alimentar com a sua carne o resto da marinhagem; . . . eis, porém, que a sorte designou o nobre e digno patrão, e que a victima devia ser o duque.— . . . elle levantou-se para partir, porque queria chegar n'essa noite mesmo a Brannschweig. Dirigiu-se então para o castello. . . ; no ár ressoavam instrumentos. Elle quiz lá entrar na residencia principesca; mas os creados o impediram.— Que significa esta musica? exclamou Henrique. Ha no castello um dono extranho. = Não é nenhum extranho, responderam-lhe, porque é o desposado da nossa graciosa soberana, que hoje toma posse do paiz de Brannschweig.— Ah, bem! disse o duque; eu peço á noiva que me mande dar um copo de vinho, que estou quasi a desfalecer. Então um dos creados correu a dizer á princeza, que um hospede estrangeiro, seguido de um leão, lhe pedia um copo de vinho. A duqueza espantada, encheu o copo de vinho, e mandou-o ao peregrino.— Quem serás tu, disse-lhe o creado, para pedires de beber d'este vinho generoso, que só é de costume servil o á duqueza? O peregrino bebeu; pegou no seu anel de ouro e lançou-o no copo, dizendo-lhe que o fosse entregar á desposada. Quando ella viu o anel, em que estavam gravadas as armas e o nome do duque, empallideceu, levantou-se precipitadamente e correu as ameias para vêr o estrangeiro. Ella descobriu-o em baixo assentado com o seu leão; deu ordem para que o trouxessem á sala. e de lhe perguntarem como viera aquelle anel para o seu poder, e por que o deitou dentro do copo.— De ninguem o recebi, respondeu elle; tomei-o eu proprio, ha já mais de sete annos; pul-o aonde era conveniente que o puzesse. Quando levaram esta resposta á duqueza, ella considerou o estrangeiro, e com alegria caiu ao chão ao reconhecer o esposo querido; appresenta-lhe então a mão branca, dizendo-lhe que era bem vindo. Houve desde logo uma grande alegria em toda a sala; o duque Henrique assentou-se á mesa ao lado de sua esposa, e prometteram ao joven noivo a mão de uma formosa donzella de França.» N'esta tradição allemã, o que mais interessa é a relação estabelecida na canção popular entre os erros do

duque Henrique e o regresso ao seu castello, quando a esposa se ia casar. São estas relações que a critica destaca para formar os *conjunctos bem caracterisados*, que aqui nos revelam os germens occidentaes das rhapsodias odysseicas.

## II

### CYCLO SCANDINAVO GERMANICO

No *Cyclo odysseico* ou *atlantico* ficou determinado o fundo tradicional e poetico da grande raça do Occidente, os Ligures, de estatura meã. Sobre este fundo assentou uma outra efflorescencia poetica dos povos do Norte da Europa corpulentos e loiros; ao conjuncto das suas tradições que se espalharam durante a Edade média pela acção cosmopolita dos Normandos, se dá o nome de *Cyclo scandinavo germanico*. Verdadeiramente estas duas camadas de um immenso *substratum* poetico correspondem ao quadro anthropologico da Europa nas suas linhas geraes. Segundo Zeus, a antiga ethnographia do Occidente representa-se em dois factores: os homens loiros do Norte (em que se acham os Belgas e os Celtas), e os homens do Sul, que são designados pelo nome de Ligures. Este schema tão nitido, que se torna evidente nas tradições meridionaes do Cyclo odysseico, e nas tradições do Norte, no Cyclo de Sigurd, apparece dominando os grandes movimentos historicos dos Povos da Europa. Até ao seculo vi (a. C.) predomina a Civilização iniciadora ou bronzifera dos Homens do Sul; sendo invadidos pelos Celtas (*Gualt*, os comados), armados de ferro, que apagaram essa cultura, que só passados seculos veiu a renascer sob a incorporação dos Romanos. No seculo v, da nossa era, dá-se outra vez a invasão dos Homens do Norte, os Germanos, que derrubam o Imperio Romano, sendo outra vez incorporados na Civilização romana ou moderna pela formação de novas Nacionalidades. N'estes grandes movimentos de raças, syncretisaram-se tradições e revivesceram novas fontes de Poesia. A poesia scandinava dos *Eddas* foi reelaborada na epopêa dos *Nibelungens*; mas fóra dos textos fixados pela escripta ficaram vestigios tradicionaes, ás vezes incongruentes e contradictorios, pelo espirito popular, mas verdadeiros na sua proveniencia. Na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. I, p. 103, 119, 233, fica tratado este problema historico ethnico.

1. Vestigios de uma Saga — (*Romanceiro*, t. I, p. 88 a 89.) No Archipelago dos Açôres, aonde se encontram os



cantos narrativos mais archaicos, colligiu o Dr. João Teixeira Soares este fragmento de Romance, cujo thema coincide em tudo com a lenda do heroe scandinavo Sigurd, celebrado nos *Poemas de Sigurd, vencedor de Fafnir*, e nos *Fragments dos Poemas de Sigurd e Brunhilde*, dos Eddas. No seculo ix já era vulgar na Scandinavia a tradição de Sigurd. Em 1030 era já antigo o Canto de Sigurd entoado no comêço das batalhas, para animar os guerreiros. (Edelestand Du Méril, *Hist. de la Poesie scandinave*, p 402.) Essas tradições foram espalhadas na Europa pelas incursões dos Scandinavos em França e pela Hespanha. (Ib. p 404.)

A Senhora a quem o cavalleiro pretende fallar é Brynhilde, que se acha defendida por invenciveis guardas e obstaculos, que não amedrontam Sigurth. Brunhilde tinha jurado desposar-se com um homem que não soubesse o que era medo. (Ib., p. 398); para Sigurth conseguir o seu desejo era preciso que vencesse enormes trabalhos. E' este o dado simples das tradições do Edda. No poema dos *Niebelungens*, já elaborado cyclicamente, estes trabalhos são ampliados imaginosamente para exploração da curiosidade. Nos cantos populares que foram incorporados no Edda, é que se acham os traços primitivos dos Poemas scandinavos e da Epopêia germanica. Por aqui se vê a importancia da ingenuidade primitiva d'esse fragmento de Aravia conservado na ilha de S Jorge, trazida por algum skaldo entre os aventureiros normandos que estancearam pela peninsula hispanica. Tambem nos *Niebelungens* foram incorporadas balladas populares; (Ib., p 402) são os germens organicos ou anonymos sobre que trabalham os rhapsodistas.

Vejamos os elementos explicativos da aravia insulana: A Senhora com quem o cavalleiro desejava fallar é Brunhilde, de que diz o Primeiro Poema de Sigurd: «Em casa de Hejmer ha uma mulher bella; os homens chamam-lhe Brunhild (Guerreiro com couraça). . o seu ár é austero.— Esta filha adoptiva de Hejmer, afastará todas as alegrias de Sigurd — Tu não poderás dormir, não poderás pensar em cousa alguma, tu farás pouco caso dos homens em quanto não vires esta virgem.» Quem fallava assim era o Sabio Griper, o mais sapiente dos homens, o velho que não dormia, que lhe vaticina: «Tu descobrirás a caverna de Fafnir e te apoderarás do seu thezouro.» Era este o monstro, o dragão ou a Leôa parida que a defendia, o thezouro ou a brilhante Walkyrie: «Tu é que matarás a brilhante Serpente faminta, que se refugia no ribeiro do Guita.» Será esta a circumstancia do *rio que bem corria?* Etzel, nos *Niebelungens* era o soberano das regiões

banhadas pelo Valgu, rio que em tartaro se chama Etzel e Athel (por Edrisi) e nos escriptores byzantinos *Atil*, donde o nome de *Atli* dado ao Principe do Volga.

A situação de Brunhilde é assim descripta no poema de Sigurd: «Ella dorme ainda na montanha... a filha do rei, coberta de brilhante cota de malha. A armadura foi quebrada; a noiva começa a fallar como se acordasse de um sonho.» Aparece a circumstancia dos *dois irmãos* que embaraçam esse amor de Sigurd. Ha aqui uma nova acção, que indica o poema na forma de vaticinio: «Depois de teres sido hospede de Gjuke, durante uma só noite, tu esquecerás a linda filha adoptiva de Hejmer.— Tu cahirás nas ciladas de Grimhilde.» — «Quando Sigurd vem á côrte do Gjurki, os dois filhos d'elle, *Gunnar e Hangan*, offerecem-lhe a joven Gudrun, sua irmã. Elle pergunta ao velho vidente: «Porque hei de eu faltar ás promessas feitas a essa mulher, que amo com toda a minha alma?» Responde-lhe: «Grimhild, pelas suas manhas, te offerecerá sua filha, a joven virgem de cabellos louros, e se apoderará de ti arteiramente.» — «Se estabeleço amisade com Gunnar e seus irmãos, se eu possuir Gudrun, ficarei bem servido de mulher, e a pecha de perjuro não me dará afflicções. —Grimhilde pode muito bem enganar-te e fazer-te ir pedir Brunhilde para Gunnar... — Eu, ir pedir para outrem aquella bella mulher que eu amo tanto?»

E' este o ponto decisivo do Poema: Sigurd vae pedir Brunhild para seu cunhado Gunnar; e tendo de praticar a cerimonia de dormir com ella trez noites separado pela sua espada, falta ao seu dever realisando elle o consorcio. D'aqui a paixão ardente de Brunhilde, o sentimento de Gudrun, e a vingança de Gunnar, instigada por seu irmão Guanar, e a morte de Sigurd. Esta acção dos cantos populares foi desenvolvida nos textos escriptos pelos Skaldos. Por este dado se comprehenderá o fragmento da Aravia açoriana, que deveria ser extensa, obliterando-se por isso nas narrativas oraes. Observa Mannhardt, que «existem bastantes analogias entre as aventuras de Peleo com certas situações da lenda germanica de Siegfried (*Sigurth*, na versão scandinava) e da lenda historica do Tristão, *provenientes das mais antigas camadas das tradições populares*, prestando-se a cantos desenvolvidos e incidentes dramaticos.» (Dechambre, *Mythol. de la Grèce antique*, p. 558). De facto a situação do punhal ou da espada metido no leito entre os dois acha-se no *Tristan*, e no romance popular do *Gerinaldo*. O ciume entre as duas mulheres Brunhild e Gudrun (*Chrimilde*, na versão germanica) apparece no romance de *Juliana e Jorge*. O typo da Virgem guerreira,

acha-se na *Donzella que vae á guerra*. Rico Franco é Gunnar apoderando se de Brunhilde, que lhe resiste e o vence ; o romance de *Dom Aleixo*, é Sigurd sendo assassinado por Hangan. Por estes desenvolvimentos da tradição oral, se poderá reconstituir o conjuncto bem caracterizado de um fundo scandinavo primitivo.

**2 e 3. O caso de Juliana e Jorge — Tristes Novas —** (*Romanceiro*, vol. I, p. 89 a 94.) Na *Historia da Poesia popular portugueza* está estudado este romance em todos os seus importantes paradigmas, começando pela sua relação com a lenda de Sigurd (p. 233 a 246). No *Romanceiro popular de Traç os Montes*, n.º 85, (*Revista Lusitana*, vol. IX) vem uma variante, que aqui incorporamos :

### O Cavalleiro

(TRAZ-OS-MONTES — *Vimioso*)

- Apeia-te, oh cavalleiro,  
Que haveis de merendar !  
«Tu que tens, oh Dona Eugenia,  
Guardado para me dar ?  
—Tenho vinho de sete annos  
Para te dar a provar  
«Eu que sei, oh Dona Eugenia,  
Será muito guardar...  
Dá-me cá um copo d'elle,  
Que te o quero provar.
- Lá no meio da bebida  
Começou-se a agoniar.
- «Que me deste, oh Dona Eugenia,  
Que me fez tanto mal ?  
—Dei-te sangue de uma cobra  
Envolta c'um rosalgar,  
Já que me enganaste a mim,  
A outra não has de enganar !  
Coitados dos meus meninos  
Que ficam sem meu abrigo.  
«Coitada de minha mulher,  
Que fica sem seu marido !  
—Spira, 'spira, oh cavalleiro,  
Acaba de suspirar ;  
Que eu inda tenho dinheiro  
P'ra a tua morte pagar.

Nos seus *Estudos sobre o Romanceiro peninsular* publicou D. Carolina Michaëlis uma interessante nota sobre a versão de *Dona Ausenia* (Revista lusit., 2.º anno, p. 216): «Resto valiosissimo, ainda que de redacção relativamente moderna, de um Cyclo vetusto, a cujos representantes peninsulares, recolhidos n'este ultimo decennio Th. Braga já dedicou um estudo n'esta Revista (t. I, p. 100.) — Todos os romances em que uma cunhada ciumenta mata o noivo da irmã, seu proprio mas desleal amante, formam um conjunto, que não é sómente commum á Peninsula, ou ao Meio Dia da Europa, mas comprehende quasi todo o continente europeu — nacionalidades arianas e turanianas. — O motivo commum aos differentes grupos é uma vingança de familia, suscitada por um crime *contra sexum* — um parenticidio por ciumes — effectuado por meio de comida ou bebida envenenada. A fórma commum é a de um dialogo dramatico que elucida com inexcedivel laconismo de traços, em estylo lapidar, sobre a situação, rematando com palavras, em que o moribundo, ora com ironia mordaz, ora com caridade sublime, enuncia em varias deixas as suas ultimas vontades. O veneno mortal é sempre de reptil; — O accidente, que varia de nação para nação, e de poesia para poesia, é o gráo do parentesco entre os tres antagonistas da tragedia cruenta. Os Finnos e os Suecos introduzem um fraticida; os Escocozes, um parricida; os Italianos, um sponcicida; os Trasmontanos de Siebenbürgen, um cognaticida em harmonia com os peninsulares. — Em Portugal aconteceu o que ahi costuma acontecer com todos os argumentos: o thema prendeu com outras tradições indigenas sobre motivos identicos, talvez de base historica ou semi-historica.» (Vid. *Tristes novas*, Rom., t. I, p. 94.) D. Carolina Michaëlis cita outras fontes para a critica comparativa: «á ballada escoceza *Edward*, publicada por Percy (*Reliques of ancient english Poetry*), e traduzida para allemão por Herder e Platen, e o da serie italiana *Dona Lombarda*. Distingue se tambem a parallela sueca *Der Knab in Rosenhain* (germanizada por Mohnicke em *Volklieder der Schweden*. Berlin, 1830); a forma allemã *Die Schlangenköchin* (Wundeshorn, 16.) E entre as representantes turanianas, a finnica, admiravelmente imitada pelo poeta inglêz Swinburne no seu *The Bloody Son* (Poems and Ballads. Lond. 1885; o original publicou-se em Finnica Velynsmaaja, trad por Schott. A. C. L. V., IV, 134) e no da Transilvania, dos Széhler de Siebenbürgen, dadas a conhecer pelo bispo de Kolozsvár e por Hugs von Meltz.» (Revista Lusit., 2.º anno, p. 216.)

**4. Dom Martinho de Avisado** — (*Romanceiro*, t. I, p. 95 a 148.) E' grande a vulgarisação d'este romance em todas as provincias de Portugal, na tradição popular europêa, apresentando tambem a fórma de novella, e personalisações historicas modernas a par das mais remotas origens. Liebrecht estudou este cyclo da Donzella guerreira no *Heidel Jahrbuch* (anno de 1877) p. 874. Na poesia chinesa encontra-se o romance de *Mu-Lân*, de um poeta da dynastia dos Liang (502-556) publicado pelo sinologo Stanislas Julien, nos *Avadanas*, t. II, 161. Traduzimol-o: «Tsi-tsi, ainda outra vez tsi-tsi; (*som que imita o da lançadeira e o suspiro de uma criança.*) Mu-lân está tecendo diante de uma porta. Não se ouve o rumor da lançadeira; sómente se ouvem os suspiros da rapariga.— Menina, em que pensas tu? Menina, em que estás a cuidar? A môça não pensa em nada; a môça não reflecte em nada.» Hontem eu vi o livro de recrutamento; o imperador levanta um exercito numeroso. O livro do arrolamento tem doze capitulos, e em cada capitulo eu vi o nome de meu pae! Oh meu pae, vós não tendes um filho homem! Oh Mu-Lân, tu não tens um irmão mais velho. Eu quero ir á feira para comprar um selim e um cavallo; eu quero desde logo ir servir por meu pae.

«Na feira do oriente ella compra um cavallo veloz, na feira do occidente compra uma sela e um tabardo, na feira do meio dia compra um chicote comprido.

«De manhã, disse adeus a seu pae e a sua mãe; á noite passa na borda do rio Amarello. Não ouve o pae e a mãe, que chamam sua filha; ella ouve sómente o rumor sereno das aguas do rio Amarello. A' noite ella chega á nascente da ribeira Negra. Não ouve mais o pae e a mãe, que chamam por sua filha; ella ouve sómente os selvagens cavalleiros de Yen-chan.— Eu percorri dez mil milhas combatendo; eu transpuz com a rapidez da ave montanhas e desfiladeiros. O vento do norte trazia-me ao ouvido os sons da campana nocturna; a lua espalhava sobre as minhas vestes de ferro uma fria e morosa claridade. O general morreu depois de cem combates. O bravo guerreiro regressou depois de dez annos de ausencia. Na sua volta foi vêr o imperador. O imperador está assentado no seu throno. Agora concede uma das doze dignidades; em seguida distribue cem mil onças de prata.— O imperador pergunta o que é que eu pretendo? — Mu-lân não pretende emprego nem dinheiro. Empréstae-lhe um d'esses camellos que andam mil milhas em um dia, para que elle leve um filho ao lar paterno. Assim que o pae e a mãe souberam do regresso da sua filha, saíram da cidade, indo ao seu en-

contro. Desde que as irmãs mais novas souberam da volta da primogenita, deixaram os seus quartos e paramentaram-se com os mais ricos atavios. Desde que o irmão mais moço soube do regresso da irmã foi amolar a faca para matar um carneiro.— Minha mãe, abri o pavilhão do oriente, e deixa-me descansar em um assento voltado para o oriente. Ella tirou-me os meus trajos de guerreiro, e vestiu-me as minhas antigas roupas. Minhas irmãs paradas diante da porta ajustam-me uma brilhante capella, e entrelaçam flores de oiro nos meus cabellos. Mu-lân sae do seu quarto e vae vêr os seus companheiros de armas; os seus camaradas ficaram cheios de espanto. Durante doze annos ella marchou nas suas fileiras, e elles não conheceram que Mu-lân era uma rapariga.

«Conhece se a lebre, que pincha correndo; conhece-se-lhe a companheira pelos olhos esgaseados; mas quando correm juntas a par, ninguem poderá distinguir-lhes o sexo»

Rambaud, na *Russie épique*, p. 84, nas provas a que é submettida Vassilissa, aponta bastantes analogias com este thema. Na historia portugueza existe um factó anedoctico, que vivificaría o thema poetico: é a celebre Antonia Rodrigues, que militou e se distinguiu no Oriente, como soldado, de que falla o chronista Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal*, cap. 89, p. 346 (ed. 1785) e que foi glorificada no *Theatro heroico* de Froes Perym, t. I, p. 54. Estas aventuras repetem-se em varios paizes. As aventuras militares de *Ca. talina Erauso* foram objecto de uma comedia famosa de Montalvan; no livro de A. de Latour, *Valencia y Valladolid*, p. 213, vem um estudo de *Monja Alferes. Mathurina* é a aventura de uma bretã, que substitue o irmão nas campanhas de 1812, contada por Pitre Chevalier, no *Musée des Familles*, t. V, p. 139, 2.ª série. Menendez Pidal, nos *Viejos Romances asturianos*, traz um documento historico ácerca de D. Juanna de Arintero; e ainda no *Figaro*, de 20 de Outubro de 1879, vem narrada a aventura de Silvia Marchetto. Não admira que todas estas actualisações influam na persistencia do romance popular da *Donzella que vae á guerra*, e que o prestigio da virgem forte suscite as imitações isoladas.

As reminiscencias classicas levam a determinar na lenda de Achilles a situação em que o joven heroe se achava disfarçado entre as donzellas, d'onde o foram tirar para a guerra: «Sua mãe (Thetis) prevendo que elle morrerá em campanha, tratou de subtrahil-o ao seu destino. Occultou-o sob os trajos de mulher e appresentou-o assim disfarçado em casa de Lycomedes, rei de Sciros, que o admittiu no seu palacio e o

educou entre as suas proprias filhas.— Os gregos não tardaram a descobrir o esconderijo do joven heroe. Enviaram emissarios a Lycomedes, que, negando a presença de Achilles, consente que os mensageiros dêem uma busca ao palacio. As buscas deram resultado, graças a um ardil de Ulysses. No vestibulo do palacio estava uma lança e um escudo; elle fez resoar a trombeta, e fez barulho com as armas. A este ruido acudiu Achilles como para marchar contra o inimigo; rasgou as suas vestes femininas e pegou nas armas preparadas por Ulysses. Uma vez reconhecido, prometteu aos Gregos o seu concurso e partiu com elles.» (Dechambre, *Mythologie de la Grèce antique*, p. 562.)

No romance portuguez vem este estratagemma de Ulysses :

—Convidae-o vós, meu filho,  
Que vá convosco feirar;  
Elle então *se for mulher*  
A's fitas se hade pegar.  
«Oh que espadas finas estas  
Para hombre guerrear !  
Oh que fitas para damas,  
Quem lhas pudera mandar.

Em carta do nosso folklorista alemtejano Antonio Thomaz Pires, aproximando esta situação do romance, diz-nos : «acudiu me á memoria na parte em que o capitão grego, vestido em trajos de mercador foi astuciosamente descobrir Achilles contrafeito em habitos mulheris, dissimulado entre as filhas de Lycomedes, tentando-o, por lhe appresentar, entre varios objectos alguns estôjos e lanças, aos quaes se apegou o incauto. Ha correlação, pois não ha ?» As lendas de Peleo e seu filho, como têm notado os criticos, encontram-se nas tradições de Sigurd e de Roland.

D'este romance do *D. Martinho de Avisado*, falla o quinhentista Jorge Ferreira de Vasconcellos na *Aulegraphia* (fl. 81) com o titulo de *O rapaz do Conde Daros* (acto III, se. 1), apresentando este fragmento :

Pregonadas son las guerras  
Da Francia contra Aragone . .  
Como las haria triste  
Viejo, cano e peccador ?

Estes versos apparecem no romance *Don Martinos*, que se canta nas Asturias :

Estaba un día un buen viejo  
sentado en un campo al sol :

—*Pregonadas son las guerras  
de Francia con Aragon...  
Como las haré yo, triste,  
viejo, cano y pecador ?*

De allí fué para su casa  
echando una maldicion :

—Reventares tu, Maria,  
Por medio del corazon :  
que paristes siete hijas  
y entre ellas ningun varon  
La más chiquita de ellas,  
salió con buena razon :

«No la maldigaes, mi padre,  
no la maldigais, no ;  
que yo iré á servir al Rey  
en hábitos de varon.  
Compraraisme vós, mi padre,  
calcetas y buen jubon ;  
dareisme las vuestras armas,  
vuestro caballo troton.

—Conocerante en los ojos,  
hija, que muy bellos son.

«Yo los bajaré á la tierra  
cuando pase algun varon.

—Conocerante en los pechos  
que assoman por el jubon.

«Esconderelos, mi padre,  
al par de mi corazon.

—Conocerante en los pies  
que muy menudños son.

«Pondreime — las vuestras botas  
bien rellenas de algodón . .

Como me he de llamar, padre,  
Como me he de llamar yo ?

—Don Martino, hija mia,  
que así me llamaba yo.

Y era en el palacio del Rey  
y nadie la conoció,



sino el hijo del Rey  
que della se enamoró.

- «Tal caballero, mi madre,  
doncella me pareció.  
=En qué la conoceis, hijo,  
en qué la conoceis vós?  
—«En poner él su sombrero,  
y en abrochar el jubon,  
y en ponerse las calcetas...  
Mi Dios! como ella las pon!  
=Brindareisla vos, mi hijo,  
para en las tiendas mercar;  
si el caballero era hembra,  
corales querrá llevar.

El caballero es discreto,  
y un puñal tomó en la man.

- «Los ojos de Don Martinos  
roban el alma al mirar.  
=Brindareisla vos, mi hijo,  
al par de vos acostar;  
si el caballero era hembra  
tal convite no querrá.

El caballero es discreto,  
y echose sin desnudar.

- «Los ojos de Don Martinos  
roban el alma al mirar.  
=Brindareisla vos, mi hijo,  
á ir con vos á la mar;  
si el caballero era hembra,  
él se habrá de acobardar.

El caballero es discreto  
luego empezára a llorar.

- «Tú, que tienes, Don Martino,  
que te pones a llorar?  
•Que se me ha muerto mi padre  
y mi madre en eso vá:  
si me dieran la licencia,  
fuérala yó a visitar.

=Esa licencia, Martinos,  
de tuya la tienes yá.  
Ensilla un caballo branco,  
y en él luego vé á montar.

Por unas vegas arriba  
corre como un gavián ;  
por otra vega abajo  
corre sin le divisar.

«Adios, adios, el buen Rey,  
y su palacito real ;  
que siete años te servi  
doncella de Portugal,  
y otros siete te sirviera,  
si no fuese el desnudar.

Oyólo el hijo del Rey  
da alta torre donde está ;  
reventó siete caballos  
para poderla alcançar.  
Allegando á sua caza  
todos la van abrazar.  
Pidió la rueca á su madre  
á ver se sabia filar.

—«Deja la rueca, Martinos,  
no te pongas a filar ;  
que si de la guerra vienes,  
á la guerra has de tornar.  
Ya están aquí tus amores,  
los que te quieren llevar.

(Menendez Pidal, *Viejos Romances asturianos*, p. 100.)

Nas numerosas versões portuguezas, encontram-se estas mesmas situações, mas desenvolvidas com uma calorosa ampliação dithyrambica apontando todas as características mais admiráveis da graça feminina. N'essas variantes definem-se as preferencias das mais encantadoras feições. Incorporamos aqui uma versão da Traz os Montes, que pelas comparações ajuda a recompór o typo mais antigo, de que muito se aproxima o asturiano.

**Dom Martuchinho**(TRAZ OS MONTES — *Vinhaes*)

—Triste de mim que estou velho,  
As guerras me acabarão!  
Malo hajas tu, oh Helena,  
E mail-a tua geração:  
Sete filhas que tiveste  
Sem sahir nenhum varão.

Respondeu-lhe a filha mais velha  
Como mulher de rasão:

- «Calemos, meu páe, calemos,  
Não deite tal maldição;  
Que eu irei servir o rei  
Entre França e Aragão.
- Tendes los olhinhos pretos,  
Filha, te conhecerão.
- «Os olhinhos, oh meu pae,  
Inclinam-se para o chão.
- (Tendes lo cabello grande,  
Filha, vos conhecerão.
- «Dê-me cá uma tezoura,  
Verá-o cahir ao chão.) (1)
- Tens los peitinhos grandes,  
Filha, te conhecerão.
- «Fazem-se as fardas mais largas  
Que ellas me encobrirão.  
(Dê-me cá uma casaca  
Do mais fino camellão.) (2)
- Tendes o pé pequenino,  
Filha, te conhecerão.
- «Fazem-se as botas mais largas  
Que ellas me encubrirão.
- Sete annos andou em guerra,  
Camarada de um capitão;  
Ao cabo de sete annos  
Desconfiou o Capitão.

(1) Variante de Maçores.

(2) Idem, lb.

==Minha mãe, minha mãesinha,  
 Minha mãe do coração;  
 Os olhos de Martuchinho  
 De mulher são, que d'homem não.  
 (Os olhos de Dom Martinho,  
 Oh minha mãe, matar-me-hão :  
 O corpo de homem parece  
 Os olhos de mulher são.) (1)

—«Convida la, oh meu filho,  
 Para um dia ir jantar ;  
 Põe-lhe bancos altos e baixos  
 P'ra vêr onde se vae sentar.

Preparou-se ao jantar  
 Convidou-a para se sentar;  
 E ella como discreto  
 O's altos se foi sentar.  
 O capitão não satisfeito  
 Continuou a desconfiar.

==Minha mãe, minha mãesinha,  
 Minha mãe do coração,  
 Os olhos do Martuchinho  
 De mulher são, que d'homem não.

—«Convida-la, oh meu filho,  
 P'ra ir passear á praça  
 A vêr las joias de lá ;  
 Pois ella se mulher fôr  
 A's joias se hade inclinar.

Logo para o outro dia  
 Se foram a passear :  
 Mostrou-lhe joias e espadas,  
 Lindos ferros de engomar.  
 Andando e passeando,  
 Tratavam de passear :

==Oh, que lindas joias de ouro  
 P'ra damas se assear !  
 Aqui vão ter lindos ferros  
 Para damas engomar.  
 «Oh que lindas espadas fortes  
 Para com mouros brigar !

(1) Variante de Maçôres.

- «(Roga-a tu, oh meu filho,  
Para ella ir á tenda ;  
Que se ella mulher fôr  
Hade inclinar-se á renda.  
=Oh que facas e pistolas  
Para um homem batalhar !  
«Oh que fitas para damas,  
Quem lh'as pudera levar.) (1)

Recolhera-se para casa  
Muito triste sem fallar.

- =Minha mãe, minha mãesinha,  
Minha mãe do coração,  
Os olhos de Martachinho,  
De mulher são, que d'homem não.  
—«Convida-la, oh meu filho,  
Para ao rio ir nadar,  
Pois se ella mulher fôr,  
Logo se ha de acobardar.

Logo ó dia seguinte  
Trataram de passear ;  
Chegaram para o rio,  
Trataram de ir nadar.

- «Entre lá, meu capitão,  
Que tem n'ó primeiro logar ;  
Eu como seu camarada  
Tenho de o acompanhar.

O Capitão desfardou-se  
E trata de ir a nadar ;  
O camarada ficou-se,  
E queria-se desmaiar.  
O capitão saiu do rio  
Teve que a levantar ;  
Vieram-se para casa  
E trataram de se deitar.

- «Convida-la, oh meu filho,  
Para ambos ir dormir,  
E tu não deixes tomar o somno  
Sem vér o que d'alli saír.

(1) Variante de Maçôres.

Deitaram-se par em par,  
E não puderam dormir;  
Logo á pela manhã  
Tratar de se despedir.

«Adeus, oh meu capitão,  
Eu já não o posso servir;  
Vou-me para minha casa  
A' guerra não posso resistir.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 65, *Rev. lusit.*, vol. IX, p. 300. A versão de Maçôres, com o titulo de *Don Martinho* termina :

Sete annos andei na guerra  
Servir o rei, meu senhor;  
Agora querem que eu nade...  
Toca o pôtro, Leonor.

Apontaremos alguns dos numerosos paradigmas da tradição européa.

No *Romancerillo catalã*, de Milà y Fontanals, n.º 245 : *Ninha guerrera*.

De Puymaigre (ap. *Romania*, t. III, p. 96) canto bearnes, analogo apenas na primeira parte.— Idem, *Vieux Auteurs castillans*, p. 462, 465.— Idem, *Chants populaires du Pays Messin* : *La Fille soldat*, p. 78 ; *La brave Claudine*, p. 76, n.º XXV :

La petite Claudine s'habille en garçon,  
C'est pour aller en ville, pour s'engager dragon,  
Le Capitaine la regarde.— Tu es joli garçon,  
Même tu n'as point barbe, point de barbe au menton.  
«Ah ! si je n'ai point de barbe, point de barbe au menton,  
Ah ! si je n'ai point de barbe, j'ai un coeur de lion.

Le Capitaine l'engage, l'engage dans les Dragons.  
La petite Claudine retrouve son mignon,  
Son mignon que la laisse en triste abandon.  
Elle lui chercha querelle et tua son mignon ;  
On la prend, en l'emene jusque à la prison ;  
Elle se declare fille pour avoir son pardon.

Aqui o thema modifica-se : a rapariga não vae á guerra em logar de seu velho pae tendo de obedecer ao preito feudal de servir o rei, mas em busca do seu namorado. Assim começa um outro cyclo de aventuras.

Boujaud, *Chants et Chansons populaires des Provinces de l'Ouest*, Poitou, Saintonge, Aunis et Augenais, t. II, p. 200 : *Je viens te dire adieu.*

Conde Nigra, *Canti popolari del Piemonte*, p. 286: *La Guerrera*. Nos seus interessantissimos estudos da poesia popular do Piemonte (*Revista Contemporanea* de Turin, novembro de 1858) publicou este romance piemontez, intitulado a *Guerreira*, que é como uma variante da versão portugueza :

«Porque choraes, meu pae, porque choraes ? Se tendes de ir á guerra, eu irei por vós; apromptae-me um cavallo que possa levar-me bem, e um bom pagem em quem me possa fiar. Tomae meus vestidos cinzentos, dae-me umas calças e um *gonel*, e com a minha pequena fita fazei-me um laço sobre o chapéo.» Quando chegou a Nice, eis que sobe aos bastiões : «Oh ! vêde-a ! que linda pequena vestida de rapaz !» O filho do rei estava á janella a miral-a : «Oh ! que pequena tão bella : se ella quizesse ser minha ! Oh minha mãe, minha mãe, ella é uma rapariga ! Oh que pequena tão bella : se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem é, leva-a a casa de um negociante; se fôr uma donzella, só ha de comprar luvás. — Olhae, meus soldados, olhae para estes guantes ! — Soldados que vão á guerra não têm frio nas mãos. — Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella ! Oh que pequena tão linda : se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem é, leva-a a casa de um ourives; se fôr uma rapariga, ha de comprar um anel — Olhae, meus soldados, vêde que anneis tão bellos. — Soldados que vão á guerra só precisam de espadas e punhaes. — Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella. Oh que rapariga linda ! Se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem ella é, leva-a para dormir comtigo. «Ella apagou o candil e mandou para lá o seu creado. «Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella ! Que rapariga linda ! se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem é, fal-a passar na agua, se fôr uma donzella, não se ha de querer descalçar. Ella despiu uma perna, quando chegou uma carta ; a carta diz que lhe dêem a sua baixa. A pequena a meio caminho se poz a cantar : Donzella estive na guerra, donzella voltei de lá.»

No romance portuguez tambem se encontra esta prova do banho, e da carta que o pagem lhe traz, mas continúa, porque o capitão acompanha-a na volta á patria e vem a casar com ella. Na lição dos Açores, que traz Garrett, (t. III, pag. 65) termina igualmente o romance com um conceito engraçado:

Sette annos andei na guerra  
 E fiz de filho barão,  
 Ninguém me conheceu nunca,  
 Senão o meu capitão;  
 Conheceu-me pelos olhos,  
 Que por outra cousa não.

M. Nigra encontrou também na Servia vestígios d'este romance.

Tommaseo colligira nos seus *Canti greci, illirici, etc.*, um canto slavo, cuja similhaça com o canto piemontez e portuguez faz suppôr uma origem commum Tommaseo publicou também um canto grego moderno. Qual será essa origem commum? M. Nigra diz que «os cantos romanescos communs á poesia romanesca das raças latinas devem, sem se hesitar, ser considerados como vindos e muitas vezes originarios da Provença, etc.»

A Provença teve também um fundo de povoação ligurica; pertence a esse grande substratum anthropologico e ethnico.

Bernoni, *Canti popolari veneziani*, Puntata XI, n.º 5: *La guerriera*. — Giuseppe Ferraro, *Canti popolari monferrini*, n.º 18: *La Ragaza Guerriera*. — Wister e Wolf, *Volkslieder im Venetien*, n.º 79: *La Figlia coraggiosa*, p. 57 — Tommaseo, *Canti popolari toscani, Corsi, Illirici e Greci*, fasc. II, p. 79: *La Guerriera*. — Conde de Marcellus, *Chants populaires de la Grèce moderne*, p. 143. *A partida do Hospede*. — *Boehmische Granaten*, t. I, p. 266; no *Slavische melodien*, p. 34; e no *Neugrische Volkslieder*, p. 5.

O canto popular também degenerou em narrativa novellesca, sem fórma metrica: acha-se este thema, em: Laura Gonzembach, *Sicilianische Märchen*, n.ºs 12 e 17. Leipzig, 1870.

J. B. Bazile, *Pentamerone*, III, n.º 6.

Comparetti, *Novelline*, n.ºs 17 e 21.

Hahn, *Griechische und Albanische Märchen*, n.º 101.

Arthur and Albert Schott, *Walachische Märchen*, n.º 16, etc.

*Novellaja fiorentina*, p. 337: o canto *Fanta Ghiro*.

*Canti e Raconti del Popolo italiani*, t. I, p. 70: *Il Drago*.

Costa e Silva compoz o poema *Isabel ou a Heroína de Aragão*, sobre este romance popular, que appareceu em 1832.

**5. Bravo-Franco** — (*Romanceiro*, vol. I, p. 148 a 154.) Este admiravel romance, colligido da tradição dos archipelagos da Madeira e Açôres, não tem sido até agora encontrado nas versões continentaes. Os titulos *Bravo Franco*, *Gallo Franco*



e *Dom Franco* relacionam-o com a lição castelhana do *Rico Franco*, colligida no Cancioneiro de Romances de 1555, e reproduzido no *Romanceiro general*, de Duran, t. I, p. 160, ed. 1824. Transcrevemol-o :

### Rico Franco

A' caza iba, á caza  
 Los cazadores del Rey,  
 No hallaban en ellos caza,  
 Ni hallaban que traer.  
 Perdido habian los falcones,  
 Mal les amenaza el Rey;  
 Arrimaranse a un castillo  
 Que se llamaba Maynés;  
 Dentro estaba una doncella  
 Mui hermosa y mui cortés.  
 Siete condes la demandam  
 Y asi hacen reys tres.  
 Robárala Rico Franco,  
 Rico Franco aragonês.

—Si lloras tu padre ó madre,  
 Nunca mas vos los vereis;  
 Si lloras os tus hermanos,  
 Yo los maté todos tres.  
 «No llore padre ni madre,  
 Ni hermanos todos tres;  
 Mas lloro la mi ventura  
 Que no sé cual hade ser.  
 Prestadme, Rico Franco,  
 Vuestro cuchillo lugués,  
 Cortaré fitas al manto,  
 Que no son para traer.

Rico Franco de cortese.  
 Por las tachas le fué tender;  
 La doncella, que era artera,  
 Por los pechos se lo fué á meter.  
 Asi vengó padre y madre  
 Y aun hermanos todos tres.

As versões insulanas, do seculo xv são mais completas do que a lição impressa de 1555; na versão da ilha de S. Jorge falla-se no punhal *joanez*, isto é genovez; na versão o cuchillo

*lugués*, como observou Stanislas Prato: «relevasi che i coltello ó pugnali de Lucco erano senza dubbio assai noti nella península spagnuola. I portoghese per indicare una spada dicevanoi *luguêza*. (Ved. Dicc. Moraes.» Últimos trabalhos del Folk-Lore neolatino, p. 10.) As versões populares italianas d'este romance são numerosísimas; e Child que o estudou na sua forma anglo-escocesa, *Lady Isabel*, diz que é uma das balladas mais universalmente vulgarizadas na tradição popular, achando-se nos países scandinavos, Germania, Hollanda, Gran Bretanha, França, Italia, Espanha, Portugal, Bretanha, Polonia, Lusazia, Boemia, Servia e Hungria. (*The engl. and scott. Ballads*, I, 22.) Peia grande diffusão d'este canto, se explica como elle se syncretisou com outros temas em que uma donzella perseguida assassina o que tenta violal-a (vid. *Peregrina, Romeira, Beau Marinier*, etc.) e como decahiu nos jogos dansados infantis e nas cavalhadas carnavalescas.

Nos Cantos populares das Asturias o romance do *Rico Franco* transformou-se em jogo infantil dramatisado, conhecido pelo titulo de *La Princesa Isabel*. Sobre este phenomeno artistico observa Menendez Pidal: «Nos cantares com que as crianças acompanham os seus jogos intercalam-se ás vezes restos de Canções, de historias e outras, que sem pertencem ao assumpto que desenvolvem, merecem consideração pela epoca remota da sua origem.»

E exemplifica: «o que chamamos *La Princesa Isabel*, tem parentesco evidente com o que se intitula *Rico Franco*, no Romanceiro geral.» Eis o precioso texto:

Em Madrid hay un palacio  
que le llaman Urabé,  
y en él vive una señora  
que llaman Isabel.  
No la quieren dar sus padres  
ni por Conde ni Marqués,  
ni por dinero que valga  
la corona de Isabel.  
Un dia estando jugando  
al juego del ajedrez,  
la ha ganado un bello mozo,  
bello mozo aragonés.  
La cogiera por la mano  
y la llevara al cuartel.  
En el medio del camino  
llora la tierna Isabel.

- Por qué lloras, hija mia,  
por qué lloras, Isabel ?  
Si lloras por tus hermanos,  
ya no los vuelves a ver ;  
y si lloras por tus padres  
prisioneros han de ser.  
«No lloro por nada de eso,  
ni por ningun interés ;  
lloro por navaja do oro...  
—Si me dices para qué ?...  
para cortar una pera,  
que vengo muerta de sed.

Se la diera el bello mozo,  
bello mozo aragonés ;  
se la diera del derecho  
y la tomó del revés.

.....

(Menendez Pidal, *Viejos Romances asturianos*, p. 35o.) (1)

Tambem o conde de Nigra, consigna o facto da ballada piemontesa *La Monferrina*, ser representada nas cavalladas do entrudo de Ivrea, quando se leva espetada em uma lança a cabeça do busto do Senhor Monferino, assassinado pela donzella. (*Canti popolari del Piemonte*, p. 105.) Com o titulo *Un' Eroina* traz o conde de Nigra cinco versões d'este romance, e acompanhadas de um extenso e valioso commentario comparativo, em que resume os estudos completissimos de Child sobre este thema. Transcrevemos aqui o romance *A Manserrina*, publicada por Marcoaldi, sob uma facil versão portugueza :

O filho do senhor Conde  
Foi a pedir prasenteiro,  
Foi pedir a Monferrina,  
A filha de um cavalleiro.  
No sabbado são as bodas,  
Domingo vae-a esposar ;  
Levou a quinhentas milhas,  
Sem lhe uma palavra dar.  
A' primeira vez que falla,  
Fez logo este arrazoado :

(1) Tambem se encontra em uma dansa de Zafra. (*Bill. de las Tradiciones populares españolas*, t. III, p. 98.

—Olha, bella Monferrina,  
 O castello bem murado !  
 Já cincoenta monferrinas  
 Já para aqui arrastei ;  
 A todas as monferrinas  
 As cabeças lhes cortei.  
 Hei-te fazer outro tanto  
 Quando lá sejas chegada.  
 «Escutae-me, senhor Conde,  
 Empréstae-me a vossa espada.  
 —Dize, oh bella Monferrina,  
 O que é que queres fazer !  
 «Quero cortar um raminho  
 Para o cavallo tanger.

Logo que ella toma a espada,  
 Metteu-lh'a no coração.

«Oh, vae agora, bom Conde,  
 Para debaixo do chão.

Volta rédeas ao cavallo  
 E para traz se tornou;  
 Logo foi um irmãozinho  
 Quem primeiro ella encontrou.

—«Dize, oh bella Monferrina,  
 Como é que estás aqui ?  
 «Mataram me o meu marido  
 Uns salteadores ahi.  
 —«Dize-me, oh Monferrina,  
 Se fizeste essa maldade ?  
 «Fui eu, oh meu irmãozinho,  
 Mais vale fallar verdade.  
 —«Dize, oh bella Monferrina  
 Se a casa queres voltar ?  
 «Não quero, não; irmãozinho,  
 Não quero a casa tornar,  
 Sem que vá primeiro a Roma  
 Ao papa me confessar.

Os estudos de Child, baseados sobre os anteriores trabalhos de Svend Grundtvig, seguem os paradigmas d'este thema desde a Gram-Bretanha á Scandinavia e termina o exame de Portugal até á Hungria. Nigra aponta cerca de 125 lições

impressas em todas as linguas europêas ; Child tentou recompor a versão primitiva e Bugge quiz determinar a realidade, fiando-se no elemento historico, sem comprehender o rigor do criterio ethnologico. Todos estes estudos acham se resumidos pelo conde Nigra nos *Canti popolari del Piemonte*, de pag. 95 a 105.

As versões scandinavas parecem-nos as mais antigas : o cavalleiro attrae a donzella promettendo conduzil a a um paraíso, em que ficará para sempre livre da morte e de soffrimento, sendo servida por um sequito de donzellas, e recebendo magnificos presentes. A criança acompanha-a para uma floresta, e alli o seductor abre uma cova e diz lhe que alli já deshonorou outro donzellas e alli as enterrara ; que ella escolha, se quer morrer ou pela espada, ou enforcada em uma arvore, ou afogada na ribeira. Ella trata de fazer com que se recoste no seu regaço, adormece-o ; depois ata-o bem atado, e tendo-o despertado, degola-o, e regressa a sua casa virgem como partira.

Ha uma versão franceza em que este thema se modifica : a donzella obtem a espada, e mata-se a si propria para escapar á violação brutal.

De Puymaigre nos *Chants populaires du Pays Messin*, n.º XXX, traz uma versão d'este thema, despido do seu caracter heroico ; intitula-se :

### Le Fille du pâtissier

C'est un fort beau métier  
 Que d'être boulanger.  
 Tandis que le four chauffe  
 On va se promener.  
 En mon chemin rencontre  
 La fille d'un pâtissier ;  
 La pris par sa main blanche,  
 Dans la chambre l'ai menée.  
 Quand elle fut dans la chambre  
 Elle se mit à pleurer :

- Qu' avez-vous donc, la belle,  
 Qu' avez-vous à pleurer ?  
 • Je pleure mon innocence,  
 Que vous voulez m'ôter.  
 — Délacez votre corset,  
 Il faut vous deshabiller.  
 • Prêtez moi votre épée  
 Pour mon lacet couper.

Quand la belle eut l'épée,  
 Son sein elle a percé.  
 Voilà la belle qu'est morte,  
 Qui a le sein percée.  
 J'ai du vin dans ma cave  
 Pour boire à sa santé,  
 De l'argent dans ma bourse  
 Pour la faire enterrer.

**6. Dom Aleixo** — (*Romanceiro*, vol. I, p. 155 a 174.) — Não se encontra este romance nas collecções castelhanas, nem italianas. Garrett encontrou-o nos apontamentos manuscritos do Cavalheiro de Oliveira, reconstruindo-o com fragmentos de versões provincianas. Na versão da Foz, a dama pede ao cavalleiro uma entrevista nocturna, em que elle é assassinado por traição dos *dois irmãos* d'ella; D. Maria mata-se ao pé do Cavalheiro moribundo. Lembra o thema do suicidio de Brunhild. Encontra-se um precioso paradigma no *Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 251 :

### Don Olardo

Per las calles de Madrid  
 De quando lo Rey vivia,  
 Si n'hi ha una linda dama  
 Se llama Dona Maria.  
 Un cavallé la festeja,  
 Don Olardo se decia.  
 L'envia que l'en vaji à veure  
 Aquesta noche venida.  
 Que no hi vaji tot sol  
 Que hi vaji ben percebido.  
 A las once de la noche  
 Don Olardo se vestia.  
 Saliendo de lo su quarto  
 Una vision li ha exida :

—Que no hi vajis, el promés,  
 Mira que te matarian.  
 Ocho mancebos te aguardan  
 Y los tres t'acometian ;  
 Altres te iran al detrás,  
 Usaran de cobardia.

Al entrando del portal  
 Tiran pedras assassinas.

«No tireis pedras bellacas  
 Qu'es uso de cobardia,  
 Tinch l'espasa entre mis manos  
 Per quant mi defenderia.

A las dotse de la noche  
 Dotse cents morts hi havia,  
 La dama s'está al balcon  
 Molt trista y afligida :

—«No vuy sapigué res pus  
 en aquesta trista vida,  
 me vuy posá en un convent  
 usaré de santa vida.

Este romance aparece nas Asturias adaptado a um jogo infantil :

Una noche muy oscura,  
 que al mundo atemorisara,  
 passeaba un caballero  
 desde la corte á su casa ;  
 con sombrero de tres picos,  
 y en medio tres plumas blancas,  
 y en medio de las tres plumas  
 el retrato de su amada.

—Mi amada, si yo me muero,  
 no me entierren en sagrado,  
 entiérrenme en un ríacon,  
 do no me vea nadie.  
 A mis piés pon un ladrillo,  
 un ladrillo colorado,  
 con un letrero que diga :  
 =Aquí murió Juan de Lara ;  
 no murió de pulmonia,  
 ni tan poco de costado ;  
 que murió de mal de amor,  
 el peor mal de los males.

(Men. Pidal, *Romances asturianos*, p. 348.)

## III

CYCLO CARLINGIO (*Materia de França*)

A poesia épica franceza propagou-se em Hespanha, na epoca de Affonso VI, de Castella, pelos seus tres casamentos com princezas francezas, pela influencia dos seus dois genros, os cavalleiros francezes Raymundo e Dom Henrique de Boronha para quem creou o *Condado Portucalense*, que affirmou a sua autonomia de nação no principio do seculo XII. Tambem a Abbadia de Cluny exerceu uma grande influencia pela cultura latino-ecclesiastica, propagando muitas lendas agiologicas. Os personagens do Cyclo de Carlos Magno eram sympathicos aos hespanhoes, pela tradição das suas luctas contra os Sarracenos; os seus nomes apparecem referidos nos documentos genealogicos, como os *Doze Pares*; e *Roncesvales* e *Roldan*, na Canção n.º 1066 do Cancioneiro da Vaticana, e *Rotulandus*, no epitaphio de Rodrigo Sanches de 1245. O genio francez elaborava as grandes Canções de Gesta, ou o corpo das suas Epopêas feudaes; mas nem por isso cessara a criação das pequenas Cantilenas mtrificadas sobre as Lendas mais vulgarizadas. Quando o interesse historico se substituiu á curiosidade das Gestas, cessou a elaboração das Epopêas frankas; mas na Hespanha essas Cantilenas continuaram a produzir-se na fórma de Romances, com temas verdadeiramente originaes, subsistindo a par da idealisação dos typos nacionaes.

**1 Reginaldo; Gerinaldo.**—(*Romanceiro*, vol. I, p. 177 a 204.) A aventura amorosa d'este romance é aproximada da lenda referida ao secretario do Imperador Carlos Magno, *Eginhar*, *Heinhardus* ou *Agenardus* (771-844) e á princeza Imma ou Emma, com quem casara. Os nomes que lhe dão na tradição popular portugueza *Eginaldo* (na Beira), *Reginaldo*, *Gerinaldo*, *Dom Geraldo*, *Gerinaldo*, *Leonardo*, *Generaldo*, levam a procurar a relação com o nome do celebrado historiador franko, o glorioso discipulo da Eschola Palatina. O saber de *Eginhard* em mathematica, explicando a Arithmetica de Boecio, e a direcção que exercia nas construcções de Carlos Magno, levaram a suppôr que o imperador o occupava como seu chanceller. Por um poema contemporaneo sabe-se que era muito estimado por Carlos Magno:

Tunc Heinardus erat Caroli *dilectus amore*,  
Ingenioque sagax et benitate vigens...



O seu casamento com Emma é um facto; mas não era filha de Carlos Magno, considera-se apenas como uma sua parenta. A lenda dos amores de Eginhard appareceu vulgarisada por Guillaume de Mallebury, sendo referida á filha de Henrique III com um clerc ou escriba. Acha-se assim na chronica do Cartulario do mosteiro de Lorch, fundado no dominio de Mihelstadt. Todas as lendas degradantes foram por vezes incorporadas em Carlos Magno, como reacção das luctas baroniaes. As lendas deram logar a romances populares unicamente em Portugal e Hespanha, onde *Gerinaldo* era um pagem querido e *atrevido*, o typo do galanteador consummado, como se lê no romance das bodas da Cid: «Mas *galan* que Gerineldo.»

Na Beira, segundo descobriu primeiro Garrett, chamam-lhe *Eginaldo*, que é a traducção mais proxima de *Eginhart*. Quasi todos os nomes dos personagens carolinos foram aportunizados pelo nosso povo, como Valdovinos, Reinaldos de Montalvão, Roldão, Oliveiros, Beltrão, Danes Ogeiro, transformados de *Bauduin*, *Reynaud de Monteauban*, *Koland*, *Olivier*, *Bertrand*, *Ogier le Danois*. O romance portuguez de *Reginaldo*, tal como corre no Alemtejo, Extremadura, Beira Alta, Beira Baixa, Minho, apesar de todas as differenças de acção nas variantes, aproxima-se o mais possivel da tradição, que Jacob Grimm extractou do *Chronicon Laurishamense*, (ed. Manheur, 1768, in 4.º, I, f. 40, 46) e que Vicente de Bauvais refere ao tempo de Henrique III: «Eginhart, primeiro camarista e secretario de Carlos Magno, alcançou, pelos bons e leaes servicos na corte, a estima de todos, e sobretudo o amor de Emma, filha do Imperador. Estava promettida em esponsaes ao rei da Grecia; e quanto mais o tempo do casamento se aproximava, mais a intima inclinação d'Eginhart e de Emma se fortificava em seus corações. Letinha-os o medo de que o rei não viesse a descobrir esta paixão e se enfurecesse. Por fim o mancebo não pode dominar os seus transportes; revestiu-se de coragem, e não podendo communicar com a joven princeza por algum confidente, veio protegido pelo silencio da noite ao quarto d'ella. Bateu levemente á porta do aposento, como se viera mandado pelo rei, e entrou. Ali protestaram o mutuo amor, e regosijaram-se nos abraços tão ardentemente desejados. Eis que, ao romper da alvorada, o mancebo ao retirar-se viu que havia cahido durante a noite muita neve, e não se atrevia a dar passo da soleira da porta, porque as pegadas de homem o teriam logo trahido. N'esta perplexidade, os dois amantes resolveram o que haviam de fazer, e a menina concebeu um plano atrevido: quiz a toda a força

pegar em Eginhart aos hombros, e antes do rasgar da manhã levou-o até á porta do seu quarto, e voltou cuidadosamente sobre as mesmas pegadas. Logo n'esta noite não tinha o imperador pregado olhos; levantou-se, e mal raiavam os primeiros alvares, se poz a olhar para os jardins do palacio. Então viu passar por debaixo das janellas a filha, que vergava sob o doce, mas carregado pezo, e que, depois de o haver depositado, correu rapidamente sobre os primeiros passos. O imperador firmou-se bem, para se não enganar, e ao mesmo tempo se sentiu tocado de dor e admiração; comtudo calou-se. Eginhart, que sabia muito hem que mais hoje ou amanhã chegaria o caso aos ouvidos do rei, resolveu se, e veu ter com o seu amo, deitou-se-lhe aos pés, pedindo que o despedisse, a pretexto de que seus fieis serviços não eram sufficientemente recompensados. O rei ficou silencioso por longo tempo, e refreiu seus sentimentos; alfim prometeu ao joven de lhe dar uma prompta resposta. No emtanto formou um tribunal, reuniu os primeiros e mais intimos conselheiros, e descobriu-lhes que a magestade real fôra ultrajada pelo commercio amoroso de Emma com o secretario; e em quanto ficaram todos surprehendidos com a nova de um crime tão inaudito e grave, explicou-lhes como se haviam passado as cousas, e como observara tudo com os proprios olhos; depois, quando, acabou, pediu-lhes parecer sobre o facto. A maior parte dos conselheiros, homens prudentes e inclinados á doçura foram de voto que o rei pronunciasse de motu proprio sobre esta circumstancia. Carlos, depois de haver considerado o caso em todas as suas faces, reconheceu n'este acontecimento o dedo da Providencia, resolveu usar de clemencia, e casar os dois amantes. Applaudiram todos com alegria a moderação do rei, que mandou chamar o secretario e lhe fallou assim: Ha mais tempo devera ter compensado melhor os teus serviços, se me tivesses já manifestado o teu pesar; agora quero, em recompensa, dar te em casamento minha filha Emma, pois que ella propria, levantando sua cintura, te quiz levar aos hombros.» Immediatamente deu ordem para que chamassem a filha, que appareceu muito cõrada, e em presença da assembleia foi casada com o enamorado. Deu-lhe um rico dote em bens immoveis, em ouro e em prata; e depois da morte do imperador, Luiz-le-Debonaire fez-lhes presente, por um acto particular de doação, de Michlinsadt, no Maingan. Os dois amantes, depois de mortos foram enterrados n'esta referida cidade. A tradição oral do paiz conserva ainda a sua memoria, e a floresta visinha, se se der credito a esta tradição, se chamou *Odenwald*, porque uma vez Emma se dirigiu a el-

la exclamando: O *duwald*! «Oh tu, floresta» (*Tradições alemãs* de Jacob Grimm, ed. franceza de 1838, t. II, p. 149, 152.) O nosso romance popular apenas differe d'esta tradição em lhe faltar a particularissima circumstancia da neve e das pègadas. Em nada altera a acção; os trovistas do Meio Dia só tiraram da tradição os episodios que conheciam; descreveram a paixão como a sentiam; pintaram a natureza como estavam costumados a vê-la. É assim que se transplantam e naturalizam as tradições e as fórmulas poeticas. Garrett, no engraçado estudo com que precede a sua versão de Reginaldo, quer achar na ballada ingleza de *Little Musgrave and Lady Barnard* uns longes de semilhança com o nosso romance: (*Percy's Reliquis*, XI, secc. III, book the first), o que o leva a julgar a tradição de todos os paizes; no romance de *Blancefleur* ha o mesmo episodio do somno dos dois amantes (v. 2363). Este assumpto era da predilecção dos menestres populares; representa a acção que, segundo Edgar Quinet (*Revoluções de Italia*) exerceu a poesia provençal,— a fusão do elemento aristocratico e feudal com o povo, pelo sentimento; a nossa lenda dos amores de Bernardim Ribeiro e da infanta Dona Beatriz, promettida ao duque de Saboya, tambem se parece bastante com a de Eginhart, accommodada ao gosto de uma civilização mais conveniente. No romance de *Reginaldo* se encontram costumes dos povos do norte; o imperador, quando encontra o pagem dormindo com sua filha:

Tira el-rei seu punhal d'oiro,  
Deixa-o entre os dois mettido,  
O cabo para a princeza,  
Para Reginaldo o bico.  
Foi-se a virar o pagem,  
Sentiu-se cortar no fio:  
—«Acorda já, bella infanta,  
Triste somno tens dormido!  
Olha o punhal do teu pae,  
Que entre nós está mettido.»

Tambem no thalamo de Brunhild e Sigurd, e na pyra, se collocou entre ambos uma espada (Ampère, *Litterature du Nord*; Michelet, *Origines*, p. 32). Já nos romances de cavalleria, quando o esposo encontra Yseult dormindo com o amante Tristão entre a relva, retira-se tranquillo, porque ha entre ambos uma espada (Michelet, *Histoire de France*, t. II, c. 1, prope finem). A significação d'este symbolo cavalheiresco era o respeito, como ainda no seculo XV se usava,

quando o procurador do archiduque Maximiliano desposou Maria de Bourgonha, e dormiu com ella separado por uma espada nua. (Grimm, *Antiguidades do Direito allemão*, p. 170.) No romance popular o cabo voltado para a princeza e o fio para o pagem, denota aquelle symbolo juridico da Lei Ripuaria: «que uma mulher livre que desposasse um escravo contra a vontade da familia devia escolher entre a espada e a roca, que o rei ou o conde lhe apresentassem. Se pegava na espada, era preciso que ella matasse com suas mãos o escravo; se escolhesse a roca, devia permanecer tambem na escravidão.» (Lex Rip., 58, 18, d'après Michelet, *Origines*, p. 31.) Na Hespanha havia tambem um costume em que a mulher renegava o marido de inferior condição depois de morto, e tornava a alcançar os seus fóros; o genio hespanhol, impulsionado pelo sentimento cavalheiresco da honra, e o caracter portuguez, dominado pela integridade do *dever*, acceitam esta creação dos trovadores, em que a dama do solar, a filha do hidalgo se deixa amar por um homem de condição inferior. Cumpre citar aqui a auctoridade de Edgar Quinet no seu brilhante livro das *Revoluções de Italia*: «A feição característica dos trovadores é que quasi todos são filhos de servos que, pelo acaso do genio, pela elevação do coração, se acham por instantes em uma relação de equaldade ficticia com a aristocracia feudal. Entrando no solar o filho do povo, o trovador, todo emoção, ingenuidade, alma, poesia, paixão, é immediatamente deslumbrado pelo encanto da dama sua soberana; ousa apenas levantar os olhos para ella. D'onde resulta, que pela sua propria origem, o amor dos trovadores nasceu de relações inteiramente novas, que repugnavam á antiguidade, em que a mulher se torna o forte, e o homem fica o ente fraco. As relações dos sexos estão invertidas: é a mulher que protege, e o homem que necessita do apoio. Do lado d'ella está a auctoridade, o mando, o pleno poder; para elle ha só timidez, a submissão do servo. O trovador dedica-se a uma pessoa, que das alturas sociaes em que está collocada o domina, o opprime com a superioridade; é sempre para elle um ser inacessivel» (Ib., p. 80.) Em outro lugar o profundo pensador dá mais relevo a esta idea: «O comêço da sociedade moderna é a alliança da castellã e do filho do povo sobre os confins da barbarie; n'este laço chimerico, n'este momento de extasis que aproxima as duas extremidades da humanidade e casa duas condições que no decurso dos seculos estiveram sempre desunidas, está verdadeiramente encerrado o nascimento civil do mundo moderno. Emancipação real do servo pelo amor d'aquella a quem elle pertence, instincto manifesto

de fraternidade social, egualdade das almas, tudo está contido n'estes esponsaes invisiveis da dama nobre com o humilde servo.» (Ib. p. 85)

A versao da ilha de S. Jorge, termina com o symbolo verdadeiramente feudal da distincção á meza. Carlos Magno para elevar Gerinaldo á dignidade de seu genro, senta-o comsigo á meza.

As versões castelhanas acham-se no *Romancero general* de D. Agustin Duran, t. I, p. 175 e 176; traz duas versões, n.º 320 (das Asturias) e n.º 321, de um pliego suelto dos ceegos.— Ainda hoje este romance é elaborado com novos personagens e novas aventuras, pela sympathia que o povo hespanhol tem pelo galanteador *Gerinaldo*.— Da Andalusia publicou D. Estebanez Calderon, uma versão, no seu livro *Un baile en Triana* (Collec. de Escriptores Castellanos, vol. VI):

### Carrerilla de Gerinaldo

«D'onde vienes, Gerinaldo,  
Tan triste y tan affligido ?

—Vengo del jardin, señora,  
De regar flores y lirios.

«Gerinaldo, Gerinaldo,  
Mi camarero es Pulio,  
El que te pondrá esta noche  
Tres horas á mi servicio.

—Como soy vuestro criado,  
Señora, os burlais comigo.

«No me burlo, Gerinaldo,  
Que de veras te lo digo :  
A la una de la noche  
Has de venir al castillo,  
Con zapatitos de seda,  
Para que no seas sentido.»

Esto le digo la Infanta,  
Y al punto se ha despedido,  
Diciéndole Gerinaldo :

—Señcra, será cumplido.

(*Duran, Rom. geral*, t. I, p. 177.)

Nos cantos da Andalusia apparece esta efflorescencia lyrica :

Dabi nació para rey,  
Para sabio Salomon,  
Para galan *Gerinerdo*  
Y para adorar-te yo.

(*Folklore andaluç*, p. 28.)

Menendez Pidal, nos *Romances viejos que se cantan por Asturianos*, incluiu tres versões, uma que tende para a abreviação, e outra, que se amplia por syncretismos de situações analogas. No Romance LIV, *El paje de Don Francisco* ha este mesmo thema do *Gerinaldo*, despido dos atavios heroicos, como um caso moderno. E' uma das fórmulas da transformação poética, conduzindo ao encadeamento cyclico com outras situações :

### Gerinaldo

- Gerinaldo, Gerinaldo,  
 Mi caballero pulido ;  
 Dichosa fuera la dama  
 Que se folgara contigo !  
 «Se burla de mi, señora,  
 Porque á su mandado vivo...»  
 — No me burlo, Gerinaldo,  
 Que de veras te lo digo :  
 A' las diez se acuesta el Rey,  
 Yá las once, está dormido.

A eso de las once y media,  
 Gerinaldo se ha vestido ;  
 Púso zapatos de seda,  
 Porque no fuese sentido,  
 Y al cuarto de la Infante  
 Sus pasos ha dirigido ;  
 Y llamando á la puerta  
 D'esta manera le dijo :

- «Abráisme, señora mia,  
 Abráime, cuerpo garrido.  
 — Cual es el hombre traidor,  
 Cual es el hombre atrevido  
 Que deshora de la noche,  
 Sube a rondar mi postigo ?  
 «Gerinaldo soy, señora,  
 Que vengo á lo prometido.

Juegos van y juegos vienen,  
 Los dos se quedan dormidos.  
 Despertárase el buen Rey  
 Con un sueño que ha tenido :  
 A' eso de las cuatro y media  
 El Rey pidió su vestido ;

No se lo dá Gerineldo,  
 Y él sólo se lo ha cogido.  
 Para el cuarto de la Infanta  
 Sus passos han dirigido...  
 Hallólos boca con boca  
 Como mujer y marido.  
 Alzó los ojos arriba,  
 Y dijo :

—«Válgame Cristo !  
 Si matare la Infantina  
 Está mi reino perdido !

Desenvainando la espada  
 Entre los dos la ha metido.  
 Recordado habla la Infanta  
 Y la espada conocido.

—Levántate, Gerineldo,  
 Que los dos somos perdidos ;  
 Pues la espada de mi padre  
 Ha servido de testigo !

Levántase Gerineldo  
 Muy triste y muy afligido ;  
 Para el cuarto del buen Rey  
 Sus pasos ha dirigido.

- «D'onde vienes, Gerineldo,  
 Tan triste, tan afligido ?  
 «Vengo del jardin, señor,  
 De coger rosas y lirios.  
 —«No lo niegues, Gerineldo,  
 Que con la Infanta has dormido.  
 «Déme la muerte, buen Rey ;  
 Ella la culpa ha tenido.  
 —«No te mato, Gerineldo,  
 Que te crié de muy niño.  
 Para mañana á las doce  
 Sereis mujer y marido.  
 «Señor, mi padre no tiene  
 Ni para echarla un vestido.  
 —«Echase lo de sayal,  
 Pues ella así lo ha querido.  
 «Yo iré á la guerra, señor,  
 Para echárselo más fino.

Menendez Pidal, *Romances viejos asturianos*, n.º V. (Tem  
 duas versões mais abreviadas.)

Completamos o quadro das versões peninsulares com duas versões da Catalunha, que tendem para a extrema abreviação :

### Gerineldo

Aqui estaba Gerineldo  
 Junto a una ventana fria,  
 Limpiando ropas de seda  
 Por andar el rey vestido.  
 Por aqui pasa la infanta,  
 De amores le requeria...

L'endemá á la matinada  
 El rey pide su vestido...

—O es muerto Gerineldo  
 U ofende mi castillo !

.....  
 Si yo mato Gerineldo,  
 Tanto tiempo me ha servido.  
 Si yo mato á mi hija,  
 Mi estimada y querida !  
 Mejor será que los casi,  
 Nada ninguno sabria.

\*

—Arinello, Arinello,  
 Arinello Pampolino...

Por tres veces lo llamó,  
 Y nadie le ha respondido ..  
 Al despertar la infanta  
 Encuentra la espada fina...

«Esta espada es de mi padre  
 Que mucho la conocia...

—«Buenos dias tenga el rey.

—Arinello, bien venido  
 Eras preso ó eras muerto,  
 O' traidores te han trahido...

—«No era preso ni muerto,  
 Ni traidores me han trahido ;  
 Estaba en el camaril  
 A' coger rosas floridas,  
 A' coger rosas y flores  
 Rosavera y satalia.



Ment'estan en estas paraulas,  
L'infanta també hi arriba :

- «Buenos dias tenga mi padre.  
— Bien venida sêa mi hija.  
«El don que le pido, padre,  
No sé si me 'l concediría.  
— Que es lo que pides, infanta,  
Infanta, qu'es lo que pides ?  
«El don que le pido, padre,  
Arinello por marido.  
— Como te lo puedo donar,  
Si tu ya te lo has prendido ?  
Pues te lo has tomado tu,  
Que te lo dé no es preciso.  
Mejor es casar los dos,  
Pues tanto ya se querian.

*Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 269.

2. **Dom Beltrão; Valdevinos.**— (*Romanceiro*, vol. I, p. 207 a 210.) — Garrett colligiu este romance da tradição oral de Traz-os-Montes, que lhe chegou em uma fôrma immensamente bella. Comparando-o com a lição castelhana, publicada por Duran no *Romancero general*, n.º 395 a 397, conclue : «Com ser esta uma das mais bellas que tem o romanceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o caracter da poesia do nosso dialecto, e isso principalmente o distingue dos outros de toda a Hespanha.

«O cavallo moribundo que se levanta diante do pae do seu senhor para se justificar de seu procedimento na batalha, de como tudo fez para o salvar — é digno da Iliada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.» (*Rom*, II, p. 232.) São assim os cavallos do *Cyclo carlingio*, como o cavallo Bayard, que ao escarvar ao chão parecia que tocava lyra. Na variante de Valpassos que se intitula *Valdevinos*, falta o episodio do cavallo ; em uma outra variante de Traz-os-Montes, colligida em Vinhaes, tambem se dá a mesma omisáo, apresentando modificações :

Elle, como era seu filho,  
Tratou de o ir buscar,  
Pelo alto vae gritando  
Pelos baixos procurar ;  
A' entrada de uma villa,  
A' sahida de um logar,

- Vira estar tres lavadeiras  
Na ribeira a lavar...

(*Romanceiro transmontano*, n.º 14; *Revista lusit.*, vol. VIII, p. 76.)

Em outra versão do Baçal, tem estes versos com que termina, em que se conserva a situação grandiosa do cavallo :

—Por mandado do Senhor,  
Cavallo, hasde fallar.  
«Pedi-lhe sôpas de vinho,  
E elle não m'as quiz dar.  
Cevada não a havla,  
Nem logar de nol-a dar ;  
Eu guardei-o e resguardei-o,  
Não n'ó pude resguardar,  
Até que ao sangue dos mouros  
Nos viemos a afogar !

(*Romanceiro transmontano*, n.º 47; *Revista lusit.*, vol. IX, p. 291).

Este romance não nos veiu das collecções castelhanas, que se imprimiram no meado do seculo XVI ; era anteriormente muito vulgarisado em Portugal, por isso que Gil Vicente o cita na *Comedia de Rubena*; vem lá o conhecidissimo verso dos romances de Roncesvalles : *Em Paris está Dona Alda*, vulgarisado pelo *Cançionero de Romances*, de Anvers.

Na *Arte de Galanteria*, de D. Francisco de Portugal; (p. 113) lê-se esta referencia : «Cada mote *D. Beltran*.»

**3. Dom Gayfeiros; Melisendra.**— (*Romanceiro*, vol. I, p. 211 a 214.) Estes dois romances foram reunidos por Garrett em um só, (*Rom.*, II, p. 250) sobre fragmentos recebidos da Tradição oral de Tras os-Montes, aproveitando uma lição manuscrita do Cavalleiro de Oliveira, e seguindo no quadro o romance castelhano de *Gayfeiros*, publicado por D. Agustin Duran, n.ºs 37 a 381, de um pliego antigo. Podemos asseverar, como abaixo se prova, que este romance não nos veiu directamente de Hespanha nem das collecções impressas castelhanas. Gil Vicente já o citava na *Comedia de Rabena* (Obr. II, scena II, p. 27) quando no dialogo diz a Ama, entre os romances que elle sabe : *Vamonos, dijo mi tio*, que é o primeiro verso do 2.º romance de Gayfeiros (Ochoa, *Tesoro de los Romances*, p. 44) — Outra lição castelhana appareceu no *Cançionero de Romances* de Anvers de 1550 e reimpresso em Lisboa em 1581. Duran julga ser este romance o que mais quadra com a memoria que d'elle deixou Cervantes, na scena

em que D. Quixote assistindo ao rapto de Melisendra por *Gayfeiros*, feito por mestre Pedro com os seus titeres, escangalha tudo á espadeirada, por não consentir em sua presença o attentado contra uma fraca dama. (*Don Quixote*, P. II, cap. 26.) Garrett no seu commentario á versão portugueza, transcreveu este trecho delicioso de Cervantes, que deu ao romance cujos versos eram já proverbias uma consagração eterna. Vê-se por isto, que o Romance de *Gayfeiros* passava da fórma épica da narrativa para a fórma dramatica, seguindo a corrente da transformação que se deu desde o fim do seculo xvi em Hespanha dos Romances heroicos em Comedias famosas.

Dom Francisco Manuel de Mello, no romance xxii da *Cythara do Erato*, emprega como centão dois versos do romance castelhano de *Gayfeiros*, com sentido epigrammatico :

Perguntad allá en la corte  
 Por la virtud y os diran :  
*Si is a Francia el caballero,*  
*Por Gayfeiros perguntad.*

(*Obr. metricas*, II, 97.)

Sobre este mesmo thema de uma esposa cativa dos Mouros, temos no Nobiliario a lenda em prosa de Ramiro que vae á procura de sua mulher cativa do rei Abencadão. (*Portugaliae Monumenta*, Scriptores, p. 180). Esta lenda foi metrificada em outavas endecasyllabicas por João Vaz nos começos do seculo xvii. Tambem no romance do Mouro *Calynos* se falla de uma cativa que está em Sansueña ; foi prohibido pelo Index Expurgatorio de 1624, p. 174 : «O romance de Moro *Calynos* y de la Infanta Sibylla.»

Incorporamos aqui uma versão de Traz os-Montes, tal como se conserva ainda na tradição oral :

### O Gaifeiro

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Sentado estava Gaifeiro  
 Em taboleiro real,  
 As cartas tinha na mão,  
 Os dados 'stá p'ra jogar.

—Sentado tu estás, Gaifeiro,  
 Em taboleiro real ;  
 Tua mulher entre os Mouros  
 Sem a ires resgatar !

«Tres annos a *prècurei* pór terra,  
Outros tres annos por mar ;  
Ha seis annos que a busco  
Sem a poder encontrar !

—Pois ella está em Salsellas,  
Lá em palacio real.  
Minhas armas, meu cavallo  
Tenho p'ra te acompanhar.  
Meu dinheiro, minha força,  
Se a queres ir buscar.

«Pois eu tambem tenho dinheiro,  
Forças e o meu cavallo ;  
Então irei só eu,  
Para não dar tanto abalo.

Chegou á borda da praça,  
Encontrou a sentineila ;

«Dize-me tu, ó sentinella,  
Por onde posso passar,  
Para vêr a Melisende  
Lá em palacio real.

—«Vá por esta rua direita  
Ter ao palacio real.

Chegou á borda do palacio,  
Tratou de examinar :  
Logo viu a Melisende  
Lá em palacio real,  
C'um pente d'ouro na mão  
Estava para se pentear :

«Desce cá, oh Melisende,  
Que tenho que te fallar.

Pegara-lhe pela mão,  
Puzera-a no cavalgar :

—«Olha, que a vêdes ir,  
Não na vereis cá voltar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 9. *Rev. lusit*, vol. VIII, p. 74.)

O Conde de Nigra commentando o canto piemontez do *Mero Saracino*, ao identical-o com o romance de *Gaifeiros* escreve : «Se fosse provado que o romance hespanhol de *Gaifeiros* tem qualquer connexão com o nosso canto popular

(piemontez) se acharia n'este facto uma região, em que localisar a origem no Languedec. De facto Gaifeiros do romance é identificado com Vifario ou Gaifiero, que era duque do Aquitania por 745 a 768, e luctou por muitos annos contra Pepino e Breve. Este nome de Vifario aqui conduz-uos a pleno Languedec, embora o romance hespanhol, a despeito da historia e da geographia, segundo o exemplo das Canções de Gesta francezas, transportam a scena para a corte carlingia, e façam do mortal inimigo do rei Pipino o hospede e o genro de Carlos Magno, e o sobrinho de Renaud.» (*Canti popolari del Piemonte*, p. 241.) Na edição da *Primavera y Flór de Romances*, publicada por Wolf e Hoffman, II, 222, o terceiro romance de Gaifeiros, que está jogando descuidado sem se lembrar do resgate da esposa cativa é o que mais profundamente penetrou na sympathia popular. A este mesmo thema pertencem os Romances hespanhóes de *Moriana* e a sua variante de *Julianesa*. Wolf considerava a lição portugueza de *D. Gaifeiros* como uma apropriação da 3.<sup>a</sup> variante castelhana; mas o Conde de Nigra, comparando-a com a versão catalã, conclue pela sua origem de *uma redacção mais antiga, menos artificiosa*. (Op. cit., p. 245.) — «De resto, tanto o *Gaifeiro* portuguez como o catalão são emanações — mais provavelmente de uma redacção anterior ao *Gaifeiros* castelhana. As duas emanações não são porém synchronas, nem parece seguir esse mesmo processo. A portugueza é mais antiga...» (lb., p. 247). Nigra reconhecendo a impossibilidade de determinar esse archetypo do terceiro romance castelhana do *Gaifeiros*, e do seu reflexo nas versões portugueza e catalã, determina-se pela origem heterogenetica, sobre o thema de uma dama christã cativa de um rei mouro e libertada pelo esposo, representada nas varias figuras de Escriva, Florença, Arcisa, Melisende, Lindafior, seja o esposo ora Ramiro, ora Aja de Avignan, Irlas e outros. O illustre Nigra procura a base historica conservada no romance: «Quem foi este *Gaifeiros*? Como se explica que se tivesse formado em Hespanha este cyclo poetico que tem o seu nome? Entre os diversos successos historicos que se referem a Gaifeiros não haverá algum que possa ter suggerido o assumpto do romance ou da canção?»

«Já ficou notado que Gaifeiros deve ser identificado com Vifario, duque de Aquitania, no viii seculo, que é o *Gaiferus rex Burdigalensium* de Turpin, o duque *Gaiferos* da Chronica de S. Diniz e das Canções de Gesta francezas, o *Gaifier*, *Guaifre*, *Waifre* ou *Vifario* dos historiadores modernos. Vifario (*Gaifeiro*) descendia do rei merovingio Chlotario II...

Hanaldo que succedera a Eudo, seu pae, no ducado de Aquitania, cedeu-o a Vifario (em 745.)— A lucta durara cem annos, e a Aquitania em todo este tempo tinha encontrado em todos os seus ultimos Duques, Eudo, Hanaldo e Vifario, os mais firmes defensores da sua independencia contra os Francos septentrionaes de um lado, e contra os Sarracenos do outro. Lendas locais se deveriam ter formado successivamente em torno dos heroes aquitanicos, nas quaes, segundo o costume, successos de uns foram attribuidos aos outros, e vice-versa. Uma d'estas lendas concentrou-se em Eudo, companheiro do rei Carlos Martello na batalha de Tours contra os Sarracenos, uma outra em Vifario. Estas lendas tinham originado Canções de Gesta ou populares no logar em que se formaram, na lingua d'oc.—Uma passou para a França septentrional e achamol-a no poema dos *Quatro filhos d'Aymon*, em que Loughnon identifica o rei *Yen* com Eudon. A outra transplantada para Hespanha, no cyclo de *Gaifeiros* tendo aliás deixado vestigios nas tradições e poemas da lingua d'oil, sendo o duque *Gaifiers* de Bordéos é nomeado conjuntamente com os paladinos de Carlos Magno. A passagem da lenda de *Gaifeiros* para a França septentrional só se pôde effectuar, quando já estava perdida a memoria da parte que o heroe aquitano representara na independencia do seu paiz. Nem de outra forma se pode explicar a ficção poetica da presença d'elle na côrte de Carlos Magno entre os Pares, e menos ainda o seu parentesco com o imperador, com Roland e Oliveros, referida no romance castelhano.

Sobre a pessoa de *Gaifeiros* a lenda aquitana syncretisara provavelmente a lenda do pae e a do avô.— Os Frankos de septemtrião admittiram na sua epopêa não o inimigo de Pipino, mas o neto d'aquelle que na batalha de Tours, atacando Abderaman, assegurara a victoria dos christãos. A personalidade de Vifario na Gesta franceza só podia provir do Meio Dia.— Assim esta ultima parte da tradição meridional achamol-a desenvolvida especialmente no Romance castelhano, e não podemos attribuil-o á França...» N'este ultimo desenvolvimento a lenda de Vifario andou sujeita a muitas confusões. No romance, ora é *Gaifeiros* que está cativo dos Mouros, ora é sua mãe, ora sua esposa. Se quizermos achar a relação d'estas ficções poeticas com a historia, teremos de fixar a filha de Eudo, Lampagia, a qual, segundo algumas tradições, foi raptada pelo africano Munuza em uma incursão que fez dos Pyrenneos na Aquitania. Verdadeiramente, entre a Lampagia da tradição aquitânica e a condessa mãe de *Gaifeiros* e Melisende, Moriana, Julianesa ou Lindafior, não ha de con-

um senão um traço, o de cativo sob um chefe Mouro ou africano.— Não era filha, nem mãe, nem esposa de Vifarro, mas sua tia. Nada d'isto põe obstáculo insuperável á sua identificação. Os auctores das Canções de Gesta e dos Romances tratam a materia poetica com grande liberdade. Sem abusar d'este argumento, pode admitir-se a possibilidade de uma relação entre a dynastia morovingia da Aquitania e os personagens poeticos dos romances para que se restrinja ao nome de Gaifeiros, que é indubitavelmente o Vifarro historico e ao facto historico ou tradicional, do rapto da filha de Eudes. Uma obscura reminiscencia d'estes dados, combiuada com a materia de França, é que leva a constituir o nucleo poetico que germinou a sequencia do romance do cyclo de Gaifeiros.» (*Canti popolari del Piemonte*, p. 251 a 255.) O nome de Lampagia, segundo a *Art de verifier les dates*, era tambem o de Numerenza; este nome na metathese popular dá Menusenra, d'onde a *Melisendra*, do romance portuguez.

A versão de *Gaifeiros*, das Asturias é uma variante curiosa do primeiro romance castelhano do cyclo de Gaifeiros. (*Romances viejos que se cantam por Asturias*, n.º XXI.)

A versão da Catalunha é a que mais se aproxima da portugueza :

Si estava Don Gayferos  
En su celda qui jugava  
Am companyia d'altres Contes  
Qu' amb a daus d'or a-jugavam.  
Dementre n'está jugant  
Il envian una carta  
Diguent que la Lindafió  
E'ls moros la'u han robada.

—Io hauré la Lindafió  
Aucon sápigam matarme  
Mon son anat à la casa  
De mon uncle Don Rotlando :  
Deu vos quart, la mia tia,  
Y el meu uncle Don Rotlando.  
M'en deixarian un cavall  
Un cavall y mé las armas ?

A l'entrada de Sevilla,  
Troba un catiu cristiano :

—Deu te quart, lo bon catiu.  
«Caballé, ben arribado.

- No me donarias novas  
 D'una dama de la Francia ?  
 «Tan grossas son las meu penas,  
 Yo no m' avisi dels altres.  
 Diu qu'en ha 'ribada una,  
 Diu qu'en es de gran llenatge,  
 Mugere de Don Gayferos,  
 Neboda de Don Rotlando.
- Digasme, lo bon catiu,  
 Hont es la plassa royale ?  
 «En el funso del carré  
 Si es la plassa royale.

Quant n'es al funso del carré  
 Trava la plassa royale ;  
 Si ne veu la seu mullé  
 Que la tenen molt fort lligada.  
 Com mes s'acostava d'ella,  
 Mes li ve la recordansa.  
 Del seu corp delicat  
 Que tingue dintre'ls seus brassos.  
 Ab la punta de l'espasa  
 Li ha fet petá 'l degalo.  
 Tot la muntant a cavall  
 N'hi has fet una abrassada.  
 De pronte sonan trompetas,  
 Tamborinos e tabales ;  
 Diguent que la Lindofió  
 Se l'emportan de la plassa.  
 En arriba del portál  
 Els portals foren trancados.  
 Ell ha parlat al cavall  
 Del modo que il parlava :

- Si tu eres un cavall  
 De mon uncle Don Rotland !

Afluzando de la brida  
 Y estrenyentli el peitral,  
 N'en travessa set murallas  
 Y las non qu'encara hi bastan.  
 Al mixt de una buscuria  
 La Lindofió ha deixada.  
 Li diu :



- Tu restarás aqui  
 Que am les moros combatamos.  
 A cap de veintycuatro horas  
 Els moros tuts eridavan :
- «Arrera, arrera, Don Rotlan,  
 O' lo cavallé gallardo.  
 —Que jo ne sun Don Rotlan,  
 Ni lo cavallé gallardo.  
 Que jo ne sun Don Gayferos,  
 Don Gayferos de la França.
- La Lindafió l'en veu veni  
 Qu' en brollava tot de sangre ;  
 Ella le trenca la roba,  
 Per seu marit envolicarlo :
- No l'en trenqui la teu roba,  
 Lindafióra delicada ;  
 Qu' aixó es la sangre dels moros  
 Que tantos que n'ne matado.  
 De mil moros que hi 'via,  
 Los quatrecents son matados.

(Milá y Fontanals, *Romancerillo catalã*, n.º 247.)

Acham-se muitas referencias ao romance de *Gayfeiros* nos poetas portuguezes do seculo XVI; nos Autos de Antonio Pres-tes vem uma parodia (p. 443) e uma estropha (p. 502): Diogo Bernardes glosou-o, desde aquelle verso: «Cavallero, si a França ides . . . » E Diogo de Couto, na Decada VII cita alguns versos que os cavalleiros portuguezes na India usavam como proverbios. Todas estas referencias são anteriores á vulgarisação das collecções castellanas.

Por este romance de *Gayfeiros* poder-se-hia constituir uma *Pequena Iliada*: *Irene (Erinne)* (Helena raptada, na côrte de Priamo; a *Donzella que vae á guerra* (a situação de Achilles disfarçado em mulher na côrte de Lycomedes; *Dom João*, ferido mortalmente, voltando da guerra, é Heitor despedindo-se da dedicada esposa; *Dom Beltrão*, o velho pae procurando o cadaver do filho, situação applicavel a Heitor. Segundo Cail-leux:—«A *Iliada* descreve uma antiga guerra feita na Bretanha (Hierna) pelos povos do continente (Iberia).» Os Eacidas foram os heroes gregos, e na geographia antiga Ea designava a Inglaterra

**4. Cruel Vento — Joãosinho o Banido — Fiores e Ventos — Dona Branca —** (*Romanceiro*, t. I, p. 221 a 227.)

— A versão de Traz-os-Montes está muito resumida, a apagar-se na tradição oral ; o seu techo está incompleto, podendo completar-se pela variante de Vinhaes :

Vae-te embora, Cruelvento,  
Lá para essas ondas do mar.

(*Romanceiro Transmontano*, n.º 56. *Rev. Lusit.*, vol. IX, p. 207.)

Sobre as versões açorianas *Joãosinho o Banido e Flores e Ventos*, escrevia-nos o Dr. João Teixeira Soares : «Eis aqui um romance de alto preço. Não podia ir parar a melhor mão do que a de V. para lhe fazer um digno commentario philologico e criminalistico. Eis aqui a philosophia popular precedendo Beccaria e seus discipulos ; ha ainda muito a percorrer para satisfazer as exigencias d'ella, as unicas verdadeiras a meu sentir. Eu não sei que se possa com mais eloquencia pintar as amarguras do exilio. Recolhi este romance ha doze annos ; não tomei nota do nome do tradicionalista, nem da freguezia. Agora debalde perguntei por elle. Ha dias, nas Vellas, uma rapariga interrogada ácerca d'elle respondeu-me com um fragmento de uma variante notavel, dizendo que o não recordara mais depois que ha annos o apprendeu, e por isso o não sabia todo. Hoje 24 de Novembro, me pro netteram da Beira esse fragmento completo, que se chama *Flores e Ventos*.» Este titulo serviu a D. Carolina Michaëlis para investigar a sua origem historica : «Ha pouco que entendi que *Flores-vento* não é outrem senão o *Floovent*, das antigas Chansons de Geste, isto é, *Flodovinc* ou *Chlodovinc* (Cruel Vento) e descendente de Chlodvig, cujas mocedades (*Enfances*) serviram no seculo xii de assumpto a um velho *trouvère* francez. Os romances portuguezes pertencem por tanto ao vetusto *Cyclo merovingio* ; e talvez sejam o maior rasto popular d'elle. Não entro em pormenores n'este logar. Só dlrei que *Floovent* é a poetisação do historico *Dagoberto* — *banni par son père pour avoir gravement insulté, en lui coupant la barbe, un des plus hauts barons.*» (Estudos sobre o Romanceiro peninsular in. *Rev. lusitana*, vol. II, p. 220 ) A insigne romanista apoia-se n'esta interpretação sôbre a auctoridade de Gaston Paris, na *Histoire poétique de Charlemagne*, p. 222 e 444, referindo-se ás tradições populares sobre Dagoberto que se syncretisaram no vulto épico de Carlos Magno.

Cumprindo a indicação do dr. Teixeira Soares, commentámos este romance, relacionando a penalidade do *banido* com o direito consuetudinário dos *Foraes* portuguezes. Eis o que escrevemos na *Historia do Direito portuguez*, cap. IV, P. I, p.

52 : «A penalidade germanica do *banido* acha se no nosso povo, tal como o *Wargus*, o sentenciado para quem o *tecto*, *lar e agua* estão interdichos nos Codigos barbaros. O *Wargus* é comparado ao *lobo nocturno* ; pôde ser morto impunemente. No baixo povo a expressão de *lobis homem* tem o mesmo sentido. No Foral da Ponte de Sor encontra se tambem a mesma penalidade severa do *banido*, o *Wargus* a quem se prohibe *tecto lar e agua* : = A quem demandarem que omen a trayson lide et si caer, pectet mille morabitanos : et si non habuerit de que los pectat, faciant de illo justitiam como de aleiuoso et de traditor : Si los pectat *exeat de sancta cruce pro aletve, et de suo termino, et derribem suas cazas* : et per istam vocem vicinum ad vicinum det directum et non ad judicem. . . » No Foral de Freixo ha tambem a penalidade do *banido* : manda que se lhe derrubem as casas, e que ao espalhar-se sobre elle a voz de aleivoso e de traidor, os visinhos fiquem sobre elle com direito como de seus juizes. A interdicção de *tecto, lar e agua* encontra-se nas versões da ilha de S. Jorge, bellas pela sua antiguidade, e como monumento de uma poesia que se extingue. Não é a primeira vez que encontramos a poesia do povo em accôrdo perfeito com o direito consuetudinário dos Foraes, principalmente quando o velho uso a que allude tem uma côr germanica. A perda do estado de liberdade, era peor entre os povos da Edade média do que a *capitis diminutio maxima* dos romanos. O criminoso que estava fóra da garantia civil, era o *lobo no turno*, o bruto. No velho romance hespanhol de *Lanzarote del Lago*, se allude a esta metamorphose :

Tres hijuelos habia el rey,  
Tres hijuelôs, que no mas,  
Por enojo que habo dellos  
Todos malditos los ha :  
*El uno se torna ciervo,*  
*El otro se torna can.*

(Ochoa, *Tesoro de Rom.*, p. 14.)

No estudo referido de D. Carolina Michaëlis, falla se no typo «do *Outlaw, Exlex, Homo forbanitus*, soffrendo as disposições da *Lei Salica* (581) repetidas em certos fóros da provincia de Traz-os-Montes, que é a unica a conhecer e conservar ainda hoje o Romance de *Cruelvento*.» E fallando das versões açorianas: «São interessantes principalmente para quem procura no Folklore vestigios de costumes passados e praticas de outras edades.» (Ib., p. 219.)

**5. Carlos Magno** — (*Romanceiro*, t. I, p. 227.) Fôrma popular da tradição alemtejana, em que os themas de Carlos Magno e Oliveiros são tratados em decimas glosando quadras, cantadas com acompanhamento de violão por cegos ambulantes. Tambem na ilha de S. Jorge a melopêa do *Gerinaldo* serve de mnemonica para a recitação de todos os romances populares. E assim como a fôrma narrativa é por vezes convertida em lyrica, tambem n'estes themas carlingios, é frequente representarem-se pelas aldeias Autos como o de *Floripes*, e do *Almirante Balão* (Ganelon), sendo alguns verdadeiras obras classicas, como o do *Marquez de Mantua*, pelo cego Balthazar Días. São phenomenos que nos revelam a evolução morphologica das Litteraturas.

#### IV

#### CYCLO ARTHURIANO (*Materia da Bretanha*)

O lyrismo trobadoresco ou ocitanico e os Cantos epicos dos troveiros, decahiram nas côrtes medievaes preferindo ás vagas emoções do amor e aos valorosos feitos de armas, os *Lais* bretãos tornando a forma narrativa e ampliando-os até ás grandes Novellas das mais intensas paixões realistas, como os poemas de *Lancelot*, de *Tristão e Yseult*, de *Flores e Brancaflor*. Estes poemas foram conhecidos pelo rei Dom Diniz, e encantaram os seus trovadores, que foram abandonando o gosto limosino.

E foram taes os enthusiasmos pelos personagens d'esses poemas, que no onomastico civil, encontram-se os nomes de Tristão, de Lançarote, de Parcival, de Ysêa e Ausenda, de Viviana, de Briolanja usados por cavalleiros e damas nos Nobiliarios. Entre o povo estes cantos apenas foram conhecidos na forma breve dos *Lais*, identificados com os Romances peninsulares; e é notavel o encontrar-se todas as situações do Poema de *Tristão* dispersas pelos nossos romances tradicionaes syncretisando-se com as Cantilenas do Cyclo de Carlos Magno. Os dois *substrata* poeticos vieram estimular a imaginação popular, que soube conservar situações que faltam nos poemas de Béroul, de Thomaz d'Erceldune e de Gotfriet de Strasburg. A par de Lai das Donzellas, trobadaresco, temos o Tributo das Donzellas (Canção do *Figueiral*) de que Tristão liberta o reino de Cornewall; a paixão por Yseult e afastamento da Côte (Conde Ninho); quando o rei Marcos ou Carlos Magno encontra os dois amantes dormindo, tendo o deixando a espada entre elles (*Gerinaldo*); a morte dos dois

apaixonados amantes e as arvores ou flores que nascem das suas sepulturas e se encontram e entrelaçam no ar (*Conde Niño*); a princeza que vae á procura do amante e o encontra casado; o perdão do rei por que creou o pagem ou o sobrinho de pequenino, tudo isso revela a existencia de Lais, que andaram na tradição oral antes da elaboração artistica dos grandes poemas francezes, escossez e allemães, e que ainda subsistem, sem se conhecer o *substratum* poetico a que pertencem. E' pela reunião dos Romances populares que se pode reconstruir este fundo tradicional na sua integridade.

Nyrop, na *Storia del' Epopêa franceza*, sustenta o principio, de que toda a grande Epopêa nacional foi precedida por Cantos livres. Tal é a relação que os criticos francezes estabelecem das Cantilenas paraas Gestas. Este principio pode ampliar-se nos grandes Poemas do amor, que foram precedidos de pequenos *Lais*, que como as Cantilenas se podem equiparar aos Romances hespanhoes, ás Balladas da Escossia, e cantares da Servia, que não evolucionaram até a forma da Epopêa. E factó notavel, na tradição oral peninsular existem Romances sobre Carlo Magno e do Cyclo bretão, que são typos primitivos persistentes, que não entraram n'essas elaborações cyclicas.

**1. Infantina — A Encantada — O Caçador e a Donzella, etc.** — (*Rom.*, t. I, p. 230 a 260.) — D'este romance falla D. Francisco Manoel de Mello, na preciosa scena do *Fidalgo aprendiz*, quando entôa o verso: «A cazar va caballero» No *Romancero general*, de Duran, n.º 284, 295, vem a sua forma castelhana, da qual diz: «Todo indica que este romance es de origem frances, y imitacion de alguna trova caballeresca. De todas maneras es bellissima por su natural sencillez, y por la festiva y punzante expresion de sus idéas, tan propria de las *crónicas bretonas* y de los cantos de los troberos.» (*Ib.*, t. I, p. 152.) Annotando este romance, De Puymaigre indica a sua origem: «Sente-se a gente tentado a reconhecer n'este romance uma origem franceza, quando lê esta velha canção normanda:

—Eh ! qui vous passera le bois,  
 Dictes, ma douce amye ?  
 Nous le passerons cette fois  
 Sans point de villenye

Quant elle foust au bois si beau  
 D'aymer y la requise ;

«Je suis la fille d'un *mezeau*,  
 De cela vous advise.

—De Dieu soit maudit le merdier  
 Que la fille a nourrie !  
 Quant il ne la mett a mestier  
 Ou ne la faict en lieu bouter  
 Que homme n'en ayt envie !

Quant elle fut deshors du bois,  
 Elle se print à subrire.

—Belle, que menez tel desgoys,  
 Dicte moi, qu'est c'a dire ?

El respondit a basse voix :

«Je suis la fille d'un bourgeois,  
 Le plus grand de la ville,  
 L'on doit couard maudire.

—Femme je ne croyray d'un mois,  
 Tant soit belle ou habille.

(*Vieux de Vires*, d'Oliver Basselin, p. 225.)

f «Normandia e Bretanha, como escreve Mademoiselle Busquet, são duas provincias, que a despeito das divisões administrativas, formam ainda um todo homogeneo». Evidentemente o romance elaborou-se nas suas varias transformações de um Lai bretão. Henri Martin, na sua *Historia de França* (vol. VIII, p. 32.) traz uma cançoneta meridional, em que *Fantina* é ainda a donzella do nevoeiro, seguida por uma Serpente (*a Donzella e a Serpe*, que figurava nas Procissões do Corpo de Deus):

Ay vist una *Fantina*  
 Que estendava la maunt  
 Sa cota nebloussina...

Una Serpe la seguia  
 De couleur d'arc en ciel...

Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia*, fl. 133, allude a esta figura : «que me irei lançar em lençoes de veludo com a *Bella Infantinha*, da minha guela de cégonha...» D'estas donzellas-fadas, que tem amores e se casam, alludem lendas normandas como a da *Belle Tiphaine*, mulher de Duguesclin; e a da *Biche blanche* (*La Normandie*, p. 50 e 81.) Em Portugal temos as lendas da *Dama pé de cabra*, e a do Solar dos Marinhos, que se ligam a esta crença da *Dama branca* : «Este Dom Diego Lopez era muy boo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atendendo quando veria o porco

*ouvyo cantar muy alta voz huma molher em cima de uma peña*; e el foy para lá e vioa seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorouse della fortemente e perguntoulhe quem era; e ella lhe disse que era huma mulher de muita alta linhagem, e ell lhe disse, que pois era molher d'alta linhagem que casaria com ella se ella quizesse, ca elle era senhor daquella terra toda; e ella lhe disse que o faria, se lhe promettesse que nunca se santificasse, e elle lhe outorgou, e ella foisse logo com elle.» (*Portugaliae Mon*, t. II, p. 31.) Aqui temos a crença naturalista convertendo-se em entidade historica, revelando que o fundo tradicional portuguez facilmente se apropriou da canção franceza. Por isso com razão observava Fernando Wolf: «A versão portugueza está mais proxima do original francez do que da versão castelhana. Ambas tratam o mesmo assumpto, o logar da scena em ambas é em Paris; a desenvoltura dos *fabliaux*, em tom ironico e a crença nas fadas acham-se accentuadas no primeiro d'estes romances.» (*Proben*, S. 54.) Gerard Nerval colligiu da versão oral da Normandia um romance com esta situação da *Infantina* modernisada, e que De Puymaigre tambem ouviu cantar na Borgonha e no Pays Messin:

Après ma journée faite  
Je m'en fut promener,  
En mon chemin rencontre  
Une fille à mon gré;  
Je la prit par sa main blanche,  
Dans les bois je l'ai menée.  
Quant elle fut dans les bois,  
Elle se mit à pleurer.

—Ah! qu'avez-vous, ma belle,  
Qu'avez vous à pleurar?  
«Je pleure mon innocence,  
Que vous me l'allez ôter.  
—Ne pleurez tant, ma belle,  
Je vous la lesserai.

Je la pris por sa main blanche,  
Dans les champs je l'ai menée.  
Quant elle fut dans les champs,  
Elle se mit à chanter!

—Ah! qu'avez-vous, la bella,  
Qu'avez-vous à chanter?  
«Je chante votre bêtise  
De me laisser aller.

Quant on tenai la poule  
Il fallait la plumer.

(*Vieux Auteurs castillanes*, II, 257.)

Uma outra Canção franceza com caracter idyllico termina com este fecho espirituoso, que tanto encantava Garrett :

Nous étions trois filles,  
Bonnes à marier ;  
Nous nous en allâmes  
Dans un pré danser,  
Nous fîmes rencontre  
D'un joli berger.  
Il prit la plus jeune,  
Voulut embrasser.  
Nous nous mimes toutes  
A' l'en empêcher.  
Le berger timide  
La laissa aller ;  
Nous nous en criâmes :  
« Ah ! le sot berger !  
Quant on tien l'anguille,  
Il faut la manger.  
Quant en tien les filles,  
Faut les embrasser.

Nas versões portuguezas não falta este apedo gracioso :

— De que vos rides, senhora,  
De que vos rides, donzilla ?  
« Eu rio-me do cavalleiro  
E da sua covardia ;  
Achar donzilla no campo,  
E guardar-lhe cortezia.

A Infantina, que vae levada pelo caçador, para se defender de qualquer assalto, diz que é filha de um *malato* ou *malado*, e que quem a tocar malado se tornará. Refere-se evidentemente a um estado social ; a classe dos *mallaudi*, sob o dominio dos Arabes em Hespanha era composta dos christãos operarios e agricultores que para se eximirem aos impostos, transigiam com o culto islamico. Por isso eram malvistas pelos *Mosarabes*. A homophonia com a palavra malato, decerto, fez com que esta inferioridade social da degradação de *mallaudi* se confundisse com a molestia contagiosa. A ideia da



inferioridade social ainda persiste na Canção d'Armagnac em que Margaridette se dá como filha do carrasco :

Je suis la fille du *bourreau*,  
Du *bourreau* de la ville  
Quand ils ont eu passé le bois  
Elle s'est mise à rire.

—Belle, peut-on vous demander  
Ce qué vous fait tan rire ?  
«Je ri de moi, je rir de toi,  
Je ri de ta sottise !  
Je souis la fille du seigneur,  
Du seigneur de la ville.

(Bladé, *Poésies populaire de l'Armagnac*, p. 79. — De Puy-  
maigre, *Vieux Chants portugais*, p. 222.)

Na novella de cavalleria *La Gran Conquista de Ultramar*, onde vem o conto do Cavalleiro de Cysne, a bella Isemberte para fugir a um casamento, mette se em uma barca sem remos, e é levada ao acaso ; passados dias foi ter a uma terra selvagem ; ahi, andando á caça o senhor da terra, o conde Eustachio, a sua matilha deu com a menina, que aterrada trepou para uma arvore. Foi ahi que o Conde deu com ella, ficando fascinado pela sua belleza.

No romance das Asturias *Don Bueso*, a situação passa-se com uma christã cativa entre os Mouros :

Camina Don Bueso  
Mañanita fria,  
A' tierra de Moros  
A' buscar amiga.  
Falló-la lavando  
En la fontana fria.

—Quita de ahi, mora,  
Perra de judia !  
Dexa á mi caballo  
Beber agua fria.  
«Reviente el caballo  
Y quen lo traía ;  
Que yo non soy mora,  
Ni fia de judia.  
Soy uma cristiana,  
De nombre Maria,

En poder de Moros,  
 Siet'annos habia.  
 —Si fueras cristiana,  
 Yo te llevaria ;  
 Y se fueras mora,  
 Yo te dexaria.  
 «Los paños del moro  
 Ya d'ellos que harias?  
 —Los que son ruanos  
 Tráelos, Maria ;  
 Los que son de grana  
 Al mar los echarias.

Montêla á caballo  
 Por ver que decia.  
 En las siete leguas  
 No hablara la niña...  
 Al pasar un campo  
 De verdes olivas,  
 Por aquellos prados,  
 Que llanto hacia !

«Quando el Rey mi padre  
 Plantó esta oliva,  
 Sentado al amparo  
 De su sombra fria,  
 La Reina mi madre  
 La seda torcia.  
 Mi hermano Don Bueso  
 Los perros corria ;  
 Yo, que era rapaza,  
 Las flores cogia...  
 —Pues por estas señas  
 Mi hermana serias !  
 Abra, la mi madre,  
 Puertas de alegría ;  
 Que por traer nuera  
 Traigo la su fia.  
 —«Se eres la mi nuera,  
 Seas bien vinda ;  
 Si mi fia no eres,  
 Bien lo parecias !  
 Para ser mi fia  
 Color no tenias ?  
 «Como quieres, madre,

Color todavia ?  
 Si fay sete annos  
 Que pan non comia,  
 Si no amargas yerbas  
 Que en los montes cogia ?

(Menendez Pidal, *Romances viejos asturianos*, p. 113.)

D. Francisco de Portugal, na *Arte de Galanteria*, p. 85, allude a este romance: «En aquella edad en que el Contrai era gala y *Don Bueço* el galan...»

Na versão de Traz-os-Montes *O Caçador*, (Vinhaes) achase este final desenvolvido como situação :

—Que fazes ahi, oh donzella ?  
 Que fazes ahi, oh menina ?  
 «Estou cumprindo uma fada  
 Que me deu minha madrinha :  
 Sete annos morar com lobos,  
 Sete annos a mais um dia.  
 Hoje cerram-se os sete annos,  
 E amanhã se acaba o dia.  
 —Que comias, minha filha,  
 Que comias, minha vida ?  
 «Eu comia com os lobos,  
 Comia do que elles comiam.  
 —Que vestias, minha filha,  
 Que vestias, minha vida ?  
 Vestia as peis de carneiros  
 E tambem dos cordeirinhos.  
 —Pelos sinaes que me dás  
 Tu eras hermana mia.  
 Bota-te d'ahi abaixo,  
 Vem na minha companhia.

(*Romanceiro transmuntano*, n.º 75.—*Rev. Lusit.*, vol. IX. p. 307.)

Na versão de Maçores, (n.º 31; *ib.*, p. 281) vem este final :

Abram-se esses palacios,  
 Abram-se com alegria ;  
 Pensei que trazia esposa  
 E trago uma mana mia.

Na versão asturiana colligida por Amador de los Rios, com o titulo *El caballero burlado*, não ha o encantamento no monte, mas a situação natural de uma apósta, em que a donzella sae triumphante :

Fiz puesta con mis hermanos,  
Cien vasos de plata fina,  
De rondar con vos el monte,  
Volver con honra á la villa.

(*Hist. crit. de la Litt. españ.*, vol. VII, p. 443.)

O mesmo thema vae soffrendo novas representações; nos *Canti popolari del Piemonte, Occasione mancata*, é uma rapariga que perdeu o caminho na floresta, (n.º 71, p. 375,) ou *La Monacella salvata*, (ib., n.º 72, p. 381) a noviça que fugiu para o convento, escapando se ás blandicias do galanteador.

No *Romancerillo catalã, La Niña encantada* (n.º 213, p. 172) é a forma que nos parece mais antiga; o caçador encontra na fonte uma cerva branca, e ella pede-lhe que lhe não atire :

«Caçador, bom caçador,  
Mira-me e não me atires;  
Não sou cerva, caçador,  
Não sou cerva, sou menina;  
Que meu pae me encantou  
Por seis annos e um dia.  
Os annos já são passados  
E o dia decorria.  
Caçador, bom caçador,  
Casar contigo queria.  
—Eu não sei a madre velha  
Que conselho me daria.  
«Oh maldito o caçador,  
Que o conselho tomaria,  
Que uma dama como eu sou  
E' para sempre bemvinda.

Child estudou este cyclo do Caçador e da Donzella, na introdução ao romance anglo-escocoz *The haffled knight*, (Op. cit., IV; 479 483). — Ch. Guillon, *Chants populaires de l'Ain*, p. 101. — D. Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, t. I, 162; II, 90 — Blaté, *Poésies populaires de l'Armagnac*, p. 76. — Ms. *Poésies populaires de la France*, III, fl. 261: *La Fille du Lépreux*. — Ferraro, *Canti popolari Monferrini*, p. 79. — A. Gasté, *Chansons Normandes du XV siècle*, p. 72. — De Puymaigre *Chants populaires du Pays Messin*, p. 122. — Beurrepaire, *Etudes sue la Poésie populaire en Normandie*, p. 53. — Boujueaud, *Chants et Chansons populaires des Provinces l'Ouest*, t. II, p. 90 — Tarbé, *Romancero de Champagne*,

t. I', p. 137.— *Chants populaires du Canada*, p. 88.— Ch. Malo, *Chansons d'Autrefois*, p. 379.— *Folk-lore Betico-Extremeño*, p. 195.

Na riquíssima tradição de Traz os Montes encontram-se quatro versões de Maçores, Ligares, Baçal e Vinhaes, que nos dão o mais completo fundo tradicional relacionado com as tradições oraes da Beira e das Asturias. *Romanceiro trasmontano*, n.º 31, 37, 46 e 75.— *Revista lusitana*, vol. IX, p. 281, 285, 291, 307.

**2. Conde Nillo; Conde Nino; Conde Lindes**—(*Romanceiro*, vol. I, p. 265 a 275.)— Conhecendo-se a tradição amorosa dos poemas sobre Tristão, este romance corresponde ao momento em que o namorado foi afastado da côrte do Rei Mark, seu tio, e em que Yseult está reconciliada com o marido. Mas os effeitos do philtro, fazem-se inevitavelmente sentir, e Tristão ou Conde Nino, vem ver a sua amada. No fim do romance, em que apparece o episodio das flores que nascem na sepultura dos amantes, predomina o sentimento da fatalidade d'esse amor, que os poetas do seculo XIII, symbolisaram no Philtro, de que Wagner soube tirar o mais surprehendente effeito musical na sua opera.

A versão colligida por Garrett, de Traz-os-Montes, tem o titulo de *Conde Nillo*; e embora lhe causasse reparo o nome, fez bem em conserval-o porque relaciona o romance transmontano com os das Asturias, que se intitulam *Conde Olinos*. Em uma outra versão transmontona, de Vinhaes, (n.º 58; *Revista Lusitana*, IX) com pequenas variantes, intitula-se *Conde Anninho*; e d'estas duas fórmulas derivam as designações de *Conde Niño* e *Conde Lindes*. É necessario começar as comparações com os paradigmas das Asturias e da Galliza, porque estes, nas suas similaridades com as versões de Traz-os-Montes e da Beira, patentêam esse fundo ethnologico do antigo substratum lusitano. Transcrevemos a versão asturiana:

### Conde Olinos

Quen se dol del Conde Olinos  
 Que niño pasara el mar!  
 Lleva su caballo al agua  
 Una noche de lunar!  
 Mientras el caballo bebe,  
 El canta este cantar:

—Bebe, bebe, mi caballo;  
 Que Dios te libre de mal,

De los peligros del mundo  
Y de las ondas de la mar;  
De los castillos de Arriba,  
Que me quieren mucho mal.

La Reina mora lo oyera  
De altas torres donde está :

«Eseuchade, mis doncellas,  
La que dormis recordad,  
Y oyredes a la serena  
Como canta por la mar.

Respondió la mas chiquita,  
(Más le valia callar !)

—«Aquello no es la serena,  
Nin tan poco su cantar ;  
Aquel es el Conde Olinos  
Que commigo va casar.

La Reyna que aquillo oyera,  
Ambos los mandó matar.

[*(Versão de Boal)*

«Si es el Conde Olinos, hija,  
Yo lo mandaré matar.

—«Non lo mande matar, madre,  
Non me lo mande matar :  
Si matan al Conde Olinos,  
A' min me han de degollar.

Uno murriera á las doce,  
Y el outro el gallo al cantar.]

Uno lo entierran n'el coro,  
Y otro n'el pié del altar.

D'ella noció verde oliva.

D'él nació verde olivar.

Crece el uno, crece el otro,

Ambos iban á la par :

Cuando hacia aire d'arriba

Ambos se iban abrazar ;

Cuando hacia aire d'abajo,

Ambos se iban á besar.

La Reyna que aquello vé,

Ambos los manda cortar ;

D'ella naciera una fuente

D'él nació un rio caudal.

«Quem tiver mal de amores  
Aqui se venga á bañar.  
La Reina que aquello oyera,  
Tambien se fuera á lavar.

«Detente, Reina, detente,  
No me vengas dexobar,  
Quando yo era Blanca Flor  
Tu me mandaste matar ;  
Quando yo era verde oliva  
Tu me mandaste cortar ;  
Ahora soy fuente clara,  
No me puedes facer mal;  
Para todos he de correr.  
Para ti me he de secar.

(*Viejos Romances asturianos*, n.º XXVI.)

A versão asturiana n.º XXV, traz um grande desenvolvimento á situação em que o Conde Olinos é preso, e em que falla com o seu cavallo e com a sua espada.

A versão catalã, *D. Luiz de Montalban*, só no final se relaciona com a asturiana, na situação do canto do prisioneiro :

—Despertemos, vida mia,  
Si valen senti cantá.  
Sentiren cant de serena  
O' peix que rode pel mar,  
«Aixo no es cant de serena :  
Ni peix que rode pel mar,  
Sino qu'es lo meu marit  
Lo que me varen quitá.  
—Si es veritat, vida mia,  
Pronte l'aniré á matá.  
«Si maten lo meu marit  
Per mi poden comensá.

La un mort â mitja nit,  
L'altre al despuntá el clá,  
L'altá de Santa Maria  
Los dos vuen enterrá ;  
De l'un surt uua coloma  
Y de l'altre un colomá.

N'uma outra versão catalã, vem este fecho :

Don I.uis á nit fina,  
A' las non ella finá.

Yá n-agon las enterraren  
 A' la vora d'un altá.  
 L'un nasqué una olivera  
 Y l'altre un oliverá,  
 Quant las brancas foren altas  
 Yá se varen ajuntar.

O episodio das duas arvores nascidas nas sepulturas dos dois amantes deriva de um elemento mythico universal; Child considera-o como uma questão aberta. Na *Uranographia chinesa*, p. 679, vem uma lenda que versa sobre este episodio: «Conta-se que *Hauptang*, secretario do rei Kang, da epoca dos Sunys, tinha uma mulher joven e bella, chamada Ho, que elle extremamente amava. O rei desejando esta mulher, mandou prender o marido, que se matou na prisão. A esposa, para escapar á teimosia odiosa do rei, precipitou-se do alto de um terraço. Depois da sua morte achou-se lhe na cintura uma carta ao rei, pedindo para ser enterrada na sepultura de seu marido. O rei irritado deu ordem para que a enterrassem em separado. A vontade do céo não tardou a revelar-se. De noite dois cedros nasceram sobre as duas sepulturas; e em dez dias tinham-se tornado tão altos e tão poderosos, que entrelaçaram os seus ramos e raizes, embora distantes. O povo chamou-lhes: os Cedros do amor fiel» (Ap. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, II, 54.) No Egypto, o Conto dos *Dois Irmãos*: a mulher de Batu, casada com o pharaó, pede-lhe que mande cortar as duas grandes perseas (arvore da vida, no Egypto). Aqui é uma mulher ciosa e ruim, como na versão asturiana; n'outras é o pae da princeza, que manda cortar as arvores nascidas nas sepulturas. O romance dos dois amantes, de cujas sepulturas nascem as arvores que no ár confundem os seus ramos, acha-se tambem no Afghnistan: é a historia dos amores entre Audan e Darkhanea; aqui em vez do pae, é o marido que interrompe esses amores, como no caso de Tristão. (*Rev. des Deux Mondes*, 1863, novembro, p. 232.) Sobre o mytho das arvores que deitam sangue ou *ambrosia* (leite), quando cortadas, vêr *Mythologie des Plantes*, t I, p. 284. Nos *Chants historiques de l'Ukraine*, traducção de Chadzko, é uma rosa que nasce da sepultura do mancebo: «Esta rosa é a alma do mancebo morto de amor pela donzella.»

Em um estudo de Dora d'Istria sobre a Poesia popular da Romania, cita-se a ballada do *Véo e o Annel*, cujo thema é o seguinte: «Um filho do rei tinha tomado por companheira uma gentil *roumaine*, uma pobre aldeã. O rei indignado com



este enlace desigual mandôu afogar a rapariga em um lago. Quando o principe — bello como o pinheiro das florestas no cimo das montanhas — soube esta funesta nova, mandou o seu cavallo ao pae e precipitou-se no lago — aonde as duas crianças foram encontradas estendidas na areia, — com os braços entrelaçados. O rei mandou-lhes fazer magnificos funeraes, e do tumulo do principe saíu um pinheiro, e do tumulo da esposa saíu uma vide, cujos pampanos flexiveis trepavam ao longo dos muros da egreja, para irem enleiar-se nos ramos do pinheiro.— Deus! senhor Deus! (accrescenta o poeta) fere com o teu raio vingador todo aquelle que quebra os laços que unem entre si dois corações.— » (1)

Este thema pertence ás tradições poeticas occidentaes do *substratum* ligurico; e hoje começa-se a reconhecer que a povoação da Romania não proveiu de uma simples guarnição de soldados do Imperio, que ahi ficara, mas pertence a este fundo sobre cuja civilisação se estabeleceram as turbulentas tribus dos Celtas. As suas Balladas são eguaes ás nossas meridionaes, e as suas Canções lyricas pelo seu nome *Doïnas* não deixam de ter relação com as Canções denominadas *Doñaires*, e com o galanteio *Donear*. Dora d'Istria define assim o genero: «As *doïnas* são pequenas peças de verso, que se cantam em uma toada lenta e plangitiva.» (ib., p. 453.)

Em um canto popular da Normandia, colligido por Beau-repaire :

Sur la tombe du garçon  
On y mit une épine,  
Sur la tombe de la belle  
On y mit une olive.  
L'épine crut si haut  
Qu'elle embrassa l'olive :  
Où on tira du bois  
Par batir des églises.

D'este thema do *Conde Olinos* ou *Niño* escreve Menendez Pidal: «Inspirado nas lendas do cyclo bretão e concretamente na de *Tristão e Yseult*, de cujas sepulturas, como referem os livros de Cavalleria, nasceram duas arvores que se abraçam movidas pelo vento, nasceu a exquisita imagem d'este romance, que se repete em outras varias e distinctas.» (*Romancero asturiano*, p. 301.)

(1) *Revue des Deux-Mondes*, 1859, p. 452.

Na lição de Garrett (*Rom.*, t. III, p. 7<sup>1</sup>), não se encontra o cantar que o conde armou. O Canto do prisioneiro constitue um romance subjectivo na versão catalã, *El poder del Canto* (Romancerillo catalan, n.º 206); o mesmo phenomeno de evolução independente se dá no romance *Manhanas de San João* do Romanceiro transmontano, n.º 50. (Revista Lusit., vol. IX). Nesta versão o rei manda cortar as arvores que rebrantam das sepulturas dos amantes, porque o não deixam ir á missa; correm d'ellas leite e sangue que symbolisam os sexos; situação que faz lembrar, se não é directamente imitada, o mais popular de todos os romances da Europa na Edade media *Tristão e Yseult*. Eis como essa deliciosa imagem se encontra na seguinte passagem do *Tristan*: «Et de la tombe de monseigneur Tristan, yssoit une ronce belle et verte et bien feuilleue qui alloit par dessus la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tombe de la royne Yseult et entroit dedans. La virent les gens du pays et le comptèrent au roy Marc. Le roy la fist couper par troys foys et, quant il l'avoit le jour fait couper le lendemain estoit aussi belle comme avoit aultre fois esté, etc.» (*Tristan, Chevalier de la Table ronde*, fol. cxxiv). Este mesmo maravilhoso se encontra no *Lord Thomaꝝ and fair Annet*, (Percy, *Reliques of ancient english poetry*, t. III, p. 296); no *Prince Robert*, e no *The Douglas Tragedy* (Walter Scott, *Minestrelsy of the Scottish Border*, t. III, pag. 50, t. II, pag. 224). O romance de Tristão era conhecido já em Portugal no tempo de D. Diniz, como se vê do seu Cancioneiro (p. 37, Lang.):

Qual mayor poss'e o mui *namorado*  
*Tristam*, sei ben que non amou *Yseu*,  
 Quant'eu vos amo, esto certo sei eu,...

Tambem no Catalogo dos *Livros de uso* de el-rei D. Duarte, (Sousa, Provas da *Hist. Genealogica*, t. I, p. 544) se encontra citado o livro de *Tristam*. As almas dos amantes vóam na forma de pombas; nas lendas ecclesiasticas, e no hymno latino de Santa Eulalia, a alma do justo ascendia para o céo na apparencia de uma pomba.

Quando á realidade historica d'este romance, alguma se lhe pode assignar:

Na *Chronica do Conde D. Pedro Niño*, narração meio historica meio fabulosa de Gutierre Diez de Games, se encontram vestigios do romance, porque ahi se falla em varias aventuras de amores. Como d'ali veiu a tradição para Portugal, é facíl de comprehender, porque o conde Niño foi casado com D. Bea.

triz, infanta portuguesa. Quanto á origem do nome de *Niño*, diz a chronica: «Segund que de antigüa edad quedó en memoria, dicen que vino en Castilla un Duque de Francia, é vió é moró en ella grand tiempo, fasta que morió: é dejó dos fijos pequeñuelos, é tomólos el Rey, é diólos á un Caballero que los criasse en su casa del Rey.

«El Rey llamábales siempre los *Niños*: é el su Ayo, cada que alguna cosa deliberar con el Rey para los Niños, siempre erau mentados Niños. D'esta guisa los llamaban las otras gentes: assi que á cada uno decian su nombre apertadamente, é decian encima el *Niño*.» (Cap. I, 10, 15, pag. 13). O romance falla de um cantar do conde Niño: na Chronica se lê: «Avia graciosa voz, é alta: era muy donoso en sus *decires*.» (Cap. X, p. 44). O casamento de Pedro Niño com D. Beatriz de Portugal, filha do infante D. João, causou-lhe immensos trabalhos, porque a elle se oppunha el-rei Regente de Castella: «E despues de la respuesta del Infante andubo Pero Niño mas de medio año por la corte é cerca d'ella, é vióse en assaz peligros muchas veces por ver á su esposa.» (Cap. III, p. 185). No testemunho do conde Pero Niño dispõe que elle e sua mulher sejam sepultados no côro da Egreja de S. Thiago da Villa de Cigales Crêmos ter apresentado os principaes traços historicos, para se vêr a formação do romance popular. Os amores do conde Niño foram cantados em verso por Villasandino, poeta do tempo de Henrique III e João II, como se pode ver pelo *Cancionero* de Baena.

Nos *Cantos populares de Piemonte* o que se intitula *Le due tumbes*, conserva o episodio das arvores levado ao seu extremo:

.....  
 Bel galant l'è mort a l'alba  
 E la bela al sul levà  
 Bel galant l'au su trá au caza  
 E la bel sùl piassal.  
 Sù la tumbe d'bel galant  
 J'è nassù 'n pumi granà,  
 Sù la tumbe de la bela  
 J'è nassù na mandolà.  
 Tanto bin cum a crèsio  
 Fazio umbra a tre sitá,  
 Alesandria e Valensa  
 E la pi bela Casal.

(*Nigra, Canti popolari del Piemonte*, p. 125.)

Cita como paradigmas a ballada *Earl Brand*, publicada por

Child, nas *Balladas inglezas e escossezas*, (I, 89-90). Em outra versão piemontesa *Flôr di Tumbè*, este mesmo thema termina :

An cima a cula tumba  
 Piantran dle röße e flur ;  
 Tuta la gent ch'a i passa  
 A sentiran l'odur ;  
 Diran : — J'è mort la bela,  
 L'è morta pèr l'amur.

(Nigra, *ib.*, p. 129.)

Este thema evoluciona independentemente nas Asturias, em Traz-os-Montes e Madeira : é a *Donzella que se fina de amor*. Na tradição popular italiana, tornou se essencialmente lyrico (Nigra, *Op. cit.*, p. 134, com o titulo de *Rosettina*.) A ição franceza mais antiga, foi encontrada em um manuscripto de Bayeux, publicada por Gasté, nos *Chants Normands dn XV<sup>e</sup> siècle*, n.º 29, p. 125. Essa Canção com variantes foi publicada em Veneza com musica de Josquin em 1536 na collecção *Couronne et fleurs de Chansons*, por Antonio dell Abbate ; eis o texto, que Nigra compara com as variantes italianas :

La belle se siet  
 Au pied de la tour ;  
 Qui pleure et soupire  
 Et mène grant doulour.  
 Son père li demande :

—Ma fille, qu'avez vous ?  
 Vollez-vous mari,  
 Voltez-vous signour ?  
 «Je n'y vouldt mari,  
 Je n'y vouldt signour,  
 Je vouldt le mien amy  
 Qui pourris en la tour.  
 —Par Dieu, ma belle fille,  
 A' cela fauldrèz vous,  
 Car il sera pendu  
 Demain un point du jour.  
 «Mon père, s'on le pend,  
 Enterrez moi dessoult,  
 S'entrediront les gens :  
 =Voici léalle amour.

Nigra apontando estes versos nas variantes de Canavese,

Montferrato, Saluzzo e collina de Turin, fica maravilhado da extraordinaria fidelidade da tradição popular da região Padoana. (*Op. cit.*, p. 137.)

Nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular, D. Carolina Michaëlis, achando relações entre os *themas* de Gerinaldo e do Conde Olinos ou Nillo, nota-as como: «producto hybridado de cruzamentos entre representantes do Cyclo bretão e outros do Cyclo carlingio — é ao mesmo tempo tocador da maravilhosa harpa de Tristão, dono do barco celtico sem vela nem leme, e o esposo clandestino de uma das muitas filhas, esposas ou irmãs legendarias de Carlomagno. O joven *Conde Niño*, que faz de pagem ou de camareiro — *querido d'el Rei* — como Gerinaldo e o Conde Claros — costuma apparecer n'uma bella manhã do mez de San João, diante das janellas do paço real, sob pretexto de levar os seus cavalloos «a las orillas del mar» mas realmente para despertar, com o seu canto de sereia a Infantinha real.» E fallando d'essas reminiscencias do *Conde Olinos* adaptadas a Gerinaldo, faz uma curiosa observação: «Estas mesmas reminiscencias voltam, porém, um pouco modificadas em outros cantos asturianos, de assumpto completamente diverso, mas que passa hoje por ser uma *segunda parte* dos amores... Ao cabo de varios annos de aventuras e guerras, longe da Infantinha real — esta dama pega no bordão de peregrina e vae procurar o esposo infiel que a esquecera. Encontra-o casado ou em vespervas de casar, ou no proprio dia do noivado...» (*Rev. lus.*, II, 196.)

Com o titulo de *Conde Nann*, da noticia Luzel de um romance da Bretanha, cujo *thema* é o de *Jeand Reynaud*. (*Rev. polit. e litteraire*, vol. 11, pag. 834.)

**3. Princeza peregrina; Promessa de Noivado; a Enganada; Peregrina, etc.** — (*Rom.*, vol. I, p. 277 a 305.) — O *thema* d'estes romances, pertence a uma segunda parte do poema de *Tristão*, quando elle refugiado na Bretanha, cren-do-se esquecido por Yseult, para vencer a sua angustia casa com a filha do rei da Bretanha, tambem chamada Yseult, a das mãos brancas. E' este o dado do poema pelo menestrel Thomas. Yseult vae á procura de Tristão e encontra-o casado, mas quasi moribundo, abraçam-se e morrem ao mesmo tempo. Aqui se repete a situação da sepultura dos dois amantes, e das flores que sobre ellas nascem e se entrelaçam, ligando este quadro ao anterior do *Conde Niño*. Incorporamos aqui uma outra versão de Traz-os-Montes, para tornar mais patente esta relação tradicional:

## O Cavalleiro

(TRAZ-OS-MONTES — *Lousa*)

—Tu, cavalleiro, não ames  
A filha ó teu senhor ;  
E' novinha, põe-te fóra,  
Que tu morres com amor.

Cavalleiro descoroçoado  
Longe terra foi casar ;  
A menina foi crescendo  
Tambem deu em considerar.  
Andou de terra em terra,  
De logar em logar,  
D'onde foi pedir pousada  
A' casa onde estava.  
Procurava pela senhora  
Se ella alli iria ceiar,  
A menina, p'ra bem dizer,  
Ainda ia sem jantar.  
Estavam n'esta conversa,  
Cavalleiro a chegar.

—«Que faz por aqui, menina,  
Menina d'esta idade ?  
«O amor de um cavalleiro,  
Ao que me fez chegar !  
—«O teu amor, donzella,  
P'ra mim não vae prestar,  
Que tenho a mulher nova,  
E os filhos para crear.  
«Se tens a mulher nova,  
Deus t'a deixe conservar :  
Se tens los filhos pequenos  
Deus t'os deixe criar.  
Cavalleiro, abre os braços,  
Que n'elles quero findar !  
—«Dize, molher, que fazer  
N'uma noite tão pesar ?  
=Pega-lhe pelos cabellos  
E vae-a deitar ao mar.  
Se tu lá não queres ir  
Eu lá a vou botar.

—«Eu lhe quero tanto bem,  
 Não lhe quero tanto mal !  
 Mandarei vir pedrarias  
 De Castella a Portugal ;  
 Mandarei fazer uma ermida  
 Toda de pedras de cristal.

Um morre pelo almôço,  
 Outro morre ao jantar ;  
 Um enterra-se no altar-mór,  
 Outro no altar de cristal.  
 No mar nasceu olivia,  
 Como não ha igual ;  
 No altar de cristale  
 Nasceu um videiral.  
 A olivia dava azeite  
 P'ró Senhor alumiar ;  
 O videiral dava vinho  
 P'ra no *cáles* consagrar.  
 Na mais alta galhadinha  
 Lá se foram abraçar.

—Se eu soubera, donzellinha,  
 Que me vinhas descasar,  
 Inda tinha doze irmãos  
 Para te mandar matar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 33 (Rev. lusit., vol. IX,  
 p. 282.)

De Puymaigre, nos *Chants populaires du Pays Messin*, traz  
 este thema reduzido á sua maxima abreviação :

### La femme abandonée

Mon amant s'es engagé  
 Pour aller dans la Flandre ;  
 N'ai-je pas sujet de pleurer  
 Mon ami qui s'est engagé ?  
 Je cours en bas, je monte en haut  
 Dans ma plus haute chambre,  
 Je ne vois rien venir  
 Qu' un messenger de Flandre.  
 —Messenger, bon messenger,  
 Quelle nouvelle dans la Flandre ?

«Les nouvelles que j'apporte  
 Ne vous rendront pas contente.  
 Votre amant s'est marié  
 Avec une Flamande :  
 Elle n'est plus si riche que vous,  
 Mais elle est plus puissante.  
 Elle fait venir le soleil  
 A minuit dans sa chambre,  
 Elle fait bouillir la marmite  
 Sans feu et sans rente.

N.º VII, p. 31.

N'esta mesma collecção se encontra outra variante intitulada *Petite Rosalie*, cujo titulo analogo ao de *Rosal florido*, tem o mesmo thema, indo encontrar o amante já casado e com filhos — Amador de los Rios, no *Jarhbuck*, III, p. 290, e Muntke trazem este thema da poesia das Asturias.

De Puymaigre, na *Choix de Vieux Chants portugais*, p. 170, cita a *Primavera y flor de Romances*, t. II, p. 48; e os *Chants populaires des Provinces d'Ouest*, t. I, p. 293; e a *Rev. de Franche Comté*, Novembro de 1863. Duran, *Romancero general*, *El Conde Sol*, 327.

4. **Claralinda** — (*Romanceiro*, t. I, p. 306 a 354.) Pertence este romance ao cyclo do Conde de Montealvar, tendendo a desenvolver-se independentemente. Nos seus Estudos sobre o Romanceiro peninsular, D. Carolina Michaëlis escreve: «A heroína, uma das damas *à le cler vis*, ou *à la clere* façom das antigas *Chansons de geste*, é parente proxima e intima (nóra e afilhada? da *Clarisse de Montauban*, cujo nome se transformou na península em *Clarasinha*, *Claralinda*, *Clara niña*, *Albalinda*, *Alba niña*, *Blanca niña*, *Linda-Alba*, *Linda Clara*, *Galancina*, *Tarnarina* — e foi trocada ainda por confusão de motivos, em *Aliarda*, *Galiarda*, *Liarda*, *Lizarda*, *Silvaninha* ou *Marianninha*.» (*Rev. lusit.*, II, 199.) E em nota conclue: «Quer me parecer que — foi *Clarissa de Montalban* quem deu o nome ao heroe *Claros*. Em outros casos, é o heroe que transmite o seu nome á heroína: p. ex. *Bernal Francez* á *Francisquinha*.)

Um resto dos primitivos costumes da sociedade germanica apparece ainda n'este romance; segundo o extemporaneo Codigo Wisigotico, Liv. III, t. II, cap. 2.º, — a mulher livra que se abandava a um servo tinha a pena de fogo. A amante de Dom Claros de Alem-mar vae ser queimada, por que não sabem que o filho que traz no ventre é de sangue real. Dep-



ping attribue este romance ao Cyclo de Carlos Magno. Nas tradições populares de Italia e Hespanha, Carlos Magno é quasi sempre representado como um typo cobarde ou ridiculo; nos *Amores de Milan y Aglante* de Antonie Esclava, representa-o como o tyranno de suas filhas e irmãs; Bertha, irmã do Imperador, acha-se grávida, e *segundo a lei*, o imperador manda-a queimar, vindo o amante libertal-a da fogueira levando-a comsigo.— O caso da gravidez tambem se repete pelo influxo maravilhoso da *erva fadada* ou da fonte prodigiosa, mas pertence ao cyclo da Távola Redonda, como em *D. Ausenda e D. Azeria*. (Vid. a nota sobre *Dom Claros de Montealbar*.)

**5. Dom Carlos de Montealbar — Dom Carlos de Além mar; Lissrda; Albaninha, etc.**— (*Romanceiro*, t. I, p. 356 a 407.) — E' um d'aquelles romances de que o povo tanto se apossou, que o inverte e borda a capricho, desdobrando a acção em novas situações. Escreve D. Carolina Michaëlis, nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular: «O cyclo do *Conde Claros* — ou antes os cyclos concentricos e oscillantes de que se compõe a sua vasta área — não é, portanto, de origem hespanhola, nem exclusivamente peninsular, como affirmam Wolf, Duran e Pidal, — importa que os nossos folkloristas escolham outro ponto de vista mais elevado, que lhes permita abranger horisonte mais largo e lhes desvende os terrenos do Folklore da Provença, França, Italia, Allemanha, Escossia, Inglaterra, Suecia, Noruega, Hungria, Russia, etc. A longa série dos Romances do *Conde Claros* presta-se admiravelmente a um estudo comparativo, por que as differentes versões estão litteralmente recheiadas de traços e incidentes tradicionaes, communs a todas as litteraturas oraes, pelo menos das raças áricas. Não será facil, mas é muito instructivo, separar e extremar por meio de um cuidadoso cotejo de textos, os accrescentos posições que não podem ter feito parte do esbôço primitivo, reconstruindo afinal, quando não seja a forma, ao menos o fundo do prototypo commum, a base historica-romantica do assumpto.» Todo o processo comparativo leva a determinar a lenda sem forma definida derivada de um factio historico ou melhor da sua impressão. Os detalhes complicam os resultados.

O *Conde Claros* foi muito conhecido dos nossos poetas quinhentistas antes de se ter vulgarisado nas collecções castelhanas do meado do seculo xvi; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na Comedia *Eufrosina*, (p. 189) escreve: «e ali tangem tudo sobre o *Conde Claros*.» Referia-se a uma toada ou me-

lopêa; no seculo XVI já era considerado romance velho, e Salinas tinha-o posto em musica. (Liv. V, p. 342 e 348.) Antonio Prestes, nos seus Autos, cita o *Conde Claros* (p. 206) e Antonio Ribeiro Chiado (p. 286) com o intuito comico. Dom Francisco de Portugal na *Arte de Galanteria* (p. 122) traz esta referencia: «porque este genero de penitentes pretendem per lo de *Conde Claros* con amores — no podia reposar, — y parece que en ellos se hallará aquella tan pura frialdad de servir por servir, penar por penar.» Ainda D. Francisco de Quevedo, na *Musa VI*, p. 455:

El Conde Claros, que fué  
 Titulo de las guitarras,  
 Se quedô en las barberias,  
 Con chaconas de la gala.

Transcrevemos aqui uma versão de Traz-os-Montes, da *Albaninha*, que pode servir de base para o estudo comparativo:

### Albaninha

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

—Albaninha, oh Albaninha,  
 Filha do Conde de Albar;  
 Quem te caçara, Albana,  
 Tres horas ao rœu mandar!  
 «Tres horas não era nada,  
 Se te não fosses gabar!

Ainda não era manhã  
 A' praça se foi gabar:

—Esta noite, oh cavalleiros,  
 Eu dormi c'uma donzella;  
 Nos dias da minha vida  
 Nunca vi coisa mais bella.

Disseram uns para os outros:

=Qual seria? Oh, qual era?  
 Seria a nossa Albaninha,  
 Pois não ha outra como ella!

Disseram uns para os outros:

=Irmãos! Vamos a matal-a?

Respondeu o mais novinho:

—«Irmãos! vamos a casal-a.  
 Muito ouro e muita prata  
 Temos nós para lhe dar;  
 Co'a fama de um grande dote  
 Alguem a ha de acceitar.

(*Rom. transm.*, n.º 80.)

(*Versão de Baçal*)

.....  
 Hoje lhe cortam a lenha,  
 Manhã a vão queimar,

«Quem me levasse uma carta  
 Ao Conde de Mont'Alvar?  
 Quem dera um passageiro,  
 Ou irmão que fosse leal?

—«O irmão aqui o tens  
 Para o que quizeres mandar;  
 Escreve lhe tu uma carta  
 Que eu lh'a vou levar!

«Tu és mui pequenino,  
 Não lhe saberás fallar!

—«Ensina-me tu, Albaninha,  
 Como lhe heide fallar.

«Se estiver a comer,  
 Deixáral-o acabar;  
 Se estiver a dormir  
 Deixáral-o espertar;  
 Se estiver a jogare  
 Começarás de lhe fallar:

==Deus os ajude, senhores.  
 E ao Conde de Mont'Alvar.==

«—D'onde é esse cavalleiro,  
 Que tão bem sabe fallar?

—«Sou irmão da Albaninha,  
 Que carta lhe venho dar:  
 Hoje lhe cortam a lenha,  
 E ámanhã a vão queimar.

—Não se me dá que a queimem,  
 Nem que a vão queimar;  
 Tenho pena de seu ventre,  
 Que era de sangue real.

- «Oh, mal o haja taes homens  
 Que as sabem perder  
 E não as sabem resgatar !  
 «Mal o haja taes mulheres,  
 Que em taes homens se vão fingir !  
 Vós, como sois minha mãe,  
 Algum conselho me haveis de dar !  
 —«Veste-te tu de frade  
 E faz que a vaes confessar !

—  
 «Alto ! alto ! cavalleiros,  
 Que eu comvosco quero fallar :  
 D'onde vae essa donzella,  
 Que indo vae por confessar ?  
 —Ella já vae confessada  
 De cura e frade do logar.  
 «Um peccado que ella leva  
 A mim m'o hade confessar.

Agarrou-a pela mão,  
 Levou-a para o pé do altar :

- Tens dormido com alguém  
 De gosto ou de gosar ?  
 «Sómente foram duas noites  
 Com Carlos de Monte Alvar;  
 Uma fôra do meu gosto  
 E outra de meu gran pezar.  
 —Dá me um beijo, Albaninha,  
 Que eu te queria beijar !  
 «Ou vós sois o meu amor,  
 Ou não sabeis confessar !  
 —Eu sou o teu amor,  
 Da morte te vim livrar.  
 Quedem-se com Deus, senhores,  
 Justiça d'este logar,  
 Que a donzella era minha,  
 Eu com ella quero casar !  
 —Se a levaes bem levada,  
 Vem cá, que t'a quero dotar ;  
 Se a levaes mal levada,  
 Deus não t'a deixe gosar.  
 —Oh paes que ensinaes as filhas,  
 Bom dote lhe quereis dar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 45. Rev. lusit., IX, 290.)

Ha outra versão de Vinhaes *A Palombinha*, que começa pelo meio da acção :

Palombinha, oh Palombinha,  
Que mal soubestes a palombar !  
Hoje te cortam a rama,  
E amanhã te vão queimar.

Termina o romance (n.º 60, Rev. lusit, IX, 298) :

Pegara-lhe pela mão  
Pusera-a no cavalgar ;  
Olhos que a viram ir  
Não na viram cá voltar.

Na versão de Lagos (*Rev. lusit.*, vol. VI, n.º IV, começa :

Estando Dona Ablancina  
No seu jardim a serenar,  
Quem logo alli passaria ?  
Dom Carlos de Montealvar...

Outra versão de San Braz de Alportel (*ib.* n.º V, p. 164) termina :

Este seu, minha menina,  
Este seu do coração,  
Que te venho aqui buscar,  
Por mulher, que amiga não.

Leite de Vasconcellos em outra versão (vol. IV, p. 314) confronta-a com as versões açorianas, e aponta a *Claraniña*, do *Romancero general* de Duran, I, n.º 362.

No Romancero asturiano encontram-se diferentes versões, como *Galanzuca*, *Galancina*, *Tenderina*, e ainda *Doña Urgelia* e *Doña Enxendra*, que pertencem a este cyclo novellesco amoroso :

#### Galanzuca

—Galanzuca, Galanzuca,  
Hija del Rey, tan galan !  
Quien te me diera tres horas,  
Tres horas a mi mandar !  
Te besara y te abrazara  
Y no te hiciera otro mal !  
«Cárlos, eres muy ligeiro,  
De mi te vas á alabar.

—Non lo quiera Dios del cielo,  
 Nin su Madre lo querrá,  
 Que muger con quien yo holgara  
 Della me vaya á alabar.

A otro día de mañana  
 Al campo se fué à alabar :

—Dormi con la mejor moza  
 Que habia en este logar !

Miranse unos para otros :

—«Quien será ? Quien no será ?  
 Si será la Galanzuca,  
 Hija del Rey, tan galan ?

Su padre desde un balcan  
 Escuchando todo está.

==Pues si con ella has dormido,  
 Con ella te hasde casar ;  
 Y si non casas con ella,  
 Pronto la mando quemar.

—Tanto me dá que la queme  
 Ni la deje de quemar ;  
 Que mujeres en el mundo  
 Para mi no han de faltar.  
 Si non lo tienen de guapas,  
 Lo tendran de habilidad.

Siete criados tenia,  
 Leña les mandó apañar,  
 Para quemar Galanzuca,  
 Hija del Rey, tan galan.  
 Alli pasó un pajecico  
 Que ya le comiera el pan :

—«Escribale, Galanzuca,  
 A' Carlos de Montalvar.  
 «Escribir, si lo escribiera ;  
 Pero quien le va á llevar ?

—«Escribale, Galanzuca,  
 Que yo se lo iré à llevar.

Cuando va cuestras arriba  
 Non se le puede mirar ;

Cuando va cuestras abajo  
Corre com' un gabilan.

- «Aquí le traigo, Don Carlos,  
Tres letras de mal pesar :  
Escribelas Galanzuca  
Que lla diban à quemar.  
Confessó con siete curas ;  
Niugum dijo verdad.

Quitó su trajo de seda,  
Se vistió do padre Abad ;  
Arreó el caballo blanco,  
Tambien el caballo el ruan.  
Jornada de quatro dias  
En uno la fuera andar.

.....

- «Confiese, padre, confiese,  
Que Dios se lo pagará.  
— Si tuve que ver con hombres  
Casados ó por casar.  
«No tuve que ver con hombres  
Casados nin por casar,  
Si non han sido sus horas  
Con Don Carlos de Montalvar ;  
Una ha sido de mi gusto,  
Las otras de mi pesar.

Cogíerala entre mi brazos,  
Pusiérale en el ruan.

- Ahora con esa leña  
Con ella quemar un can.  
En quemando bien los huesos,  
Al Rey idlos presentar ;  
Que Galanzuca es mi esposa  
Y yo la voy á llevar.  
— «Llévela, el don Carlos, lleve,  
Dios, se la deje lograr ;  
Mas quiero que se la lleve  
Que non verla aqui quemar.

(*Romances viejos asturianos*, n.º VI, p. 92.)

A versão que se intitula *Tenderina* trata unicamente da  
scena de seducção e da promesso de segredo, formando um

quadro completo. (*ib.*, VIII, p. 97.) As versões de *Doña Urgelia* e *Doña Enxendra*, apenas se encontram representadas na versão de Lagos, *D. Aldonça*. (*Rom.*, I, 387.)

### Dona Urgélia

En mi huerto hay una yerba  
Blanca, rubia y colorada ;  
La dama que pisa en ella  
Della queda embarazada.  
Por Dios querer ó la suerte  
Doña Urgélia la pisara.  
Un dia, yendo á misa  
Su padre la reparara :

- Tu qué tienes, Doña Urgélia ;  
Tu qué tienes que estás mala ?  
«Señor, tengo un mal del cuerpo,  
Que de niña me quedára.  
—Si lo dijeras a tiempo,  
Cirujanos te catara.

Cató siéte cirujanos  
De los mejores de España.  
Unos dicen :

—«No lo entiendo !  
Otros dicen que : No es nada ;  
El mas chiquillo d'ellos  
Dice que está embarazada.

«Callen, callen, los señores ;  
Callen y no digan nada :  
Si el Rey mi padre lo sabe,  
Mi vida será juzgada.

Fuése logo hácia su cuarto,  
Donde cosia y bordaba ;  
Y á una ventana arrimóse  
Por ver quien se paseaba ;  
Se paseaba un mancebo  
Embozado en la su capa.

«Suba, suba, el caballero,  
Que le quiero una palabra,  
La palabra que te quiero,  
Sácame el niño de casa.



Si encuentras el Rey mi padre,  
Dile que no llebas nada,  
Sino rosas y claveles  
Para hacer una guirnalda.

Al bajar una escalera,  
Al Rey su padre encontraba.

- «Qué llebais, el caballero,  
N'el embozo de la capa ?  
=Llebo rosas y claveles  
Para hacer una guirnalda.  
—«De esas rosas y claveles  
Dadme la más encarnada.  
=La mas encarnada de ellas  
Tiene una hoja quebrada.  
—«Téngala que no la tenga,  
Al Rey no se niega nada.

Entre estas palabras y otras,  
El niño varon llorava.

- «Lleva el niño, caballero,  
Que le den salud al alma.  
Al árbol que dió ese fruto  
Yo le cortaré la rama !

La cogió por los cabellos,  
La colgó de una ventana.

- «Si Doña Urgélia se muere,  
Aqui queda Doña Juana.

(*Romances asturianos*, n.º XLIII, p. 175.)

A versão de *Doña Enxendra (Alexandra)* tem este final  
pathetic :

Quando venia da missa,  
Su madre la reparara :

«Ay Enxendra de mi vida !  
Ay Enxendra de mi alma !  
Cuantas cosas yo tenia,  
Yo para ti las guardaba ;  
Y ahora té veo aqui  
Colgada en una ventana !

(*Ib.*, p. 178.)

O mesmo thema é tratado na tradição popular da Catalunha no romance *La Infanta seducida* (*Romancerillo catalã*. de Milá y Fontanals, n.º 258, p. 249); o heroe tambem se chama *Don Carlos*.

No *Romancero general* de Duran, n.ºs 328 e 364; Amador de los Rios, Hist. de la Litteratura española, t. VII, p. 450: *Princesa Alexandra*.— Timoneda, na *Rosa Gentil*: De como el Conde Don Ramon de Barcelona libró á la Imperatriz de Alemania.— Wolf, *Flor de Romances*: *Galiarda, Aliarda*.

A crença na *herva sadada*, que na tradição peninsular era a borragem, vem aludida nos *Milagres da Virgem*, por Gonçalo de Berceo, n.º XXI, descrevendo a gravidez de uma abadesa:

Pero la abadesa cadió una vegada,  
fize una locura que es mucho vedada  
*pisó* por su ventura *yerba fuert* enconada,  
quando bien se catido, fallose embargada.

Segundo as noticias dos *Simplices* de Garcia d'Orta, os indios crêem em que a planta *Indrasura* (a bebida inebriante da India) quando as mulheres bebem o seu sumo, ficam logo peçadas. (Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 6.) Na tradição popular da Andaluzia ha uma adivinha sobre a borragem, em que se propõe a sua virtude prolifica.

Na tradição popular de Traz-os-Montes encontra-se o thema d'este romance reduzido aos traços do realismo crú de uma gravidez conduzindo á fatalidade do suicidio:

### Dona Angelina

(TRAZ-OS-MONTES — *Caniçaes*)

—Angelina, oh Angelina,  
Tanto te cresce a barriga!  
Se me dás algum desgosto  
Mato te, tiro te a vida.  
«Valha-o Deus, oh senhor pae,  
Valha-o Deus, tanto ralhar;  
Chegada a maldita hora,  
Vou me deitar a afogar.  
—Se te deitares a afogar,  
A culpa torna a a ti;  
O inferno está aberto  
Para seculos sem fim.

Tira os brincos das orelhas  
 E o cordão do seu pescôço,  
 Enrodilha-os n'um bucinho,  
 Vae-se deitar ao pôço.  
 Só, de roda do seu poço,  
 Co' seu pente a pentear-se,  
 Chegou-lhe a maldita hora,  
 Vae deitar-se a afogar!  
 O primeiro que a viu  
 Foi o senhor seu padrinho :

—Adeus, adeus, afilhada,  
 Já não logro teus carinhos,  
  
 A madrinha assim que o soube,  
 Logo se foi a correr :

—Adeus, afilhada, adeus,  
 Já te não posso valer.

Oh rapazes, oh rapazes,  
 Não tenhaes pena por ella ;  
 Tende dó de uma criança  
 Que levava no ventre d'ella.

(Ib., n.º 25 ; Rev. lusit. VIII, p. 79.)

**6. A Romeira; Marianninha** — (*Romanceiro*, I, p. 404 a 417.) A frequencia das peregrinações e romagens na Edade média chegou a um exagero vertiginoso, por ser uma pena ecclesiastica de expiação, e mesmo uma obrigação civil que se contrahia; produziam-se graves perturbações nas familias, encontrando muitas vezes os maridos, no regresso, suas mulheres novamente casadas. As aventuras e perigos pessoas davam logar a impressionantes narrativas, d'onde o proverbio corrente :

Qui multum peregrinantur,  
 Raro sacatificantur.

A's vezes davam-lhes nomes grotescos, como *San-jaques* e *Sanjacarios*, aos que faziam a romagem de San Thiago de Compostella. Os prégadores verberavam dos pulpitos os desmandos d'essas peregrinações; assim fallava em 1305, Fra Girolamo da Pisa : «l'uomo cade molte volte in peccado, ed bacci molti pericoli, trovano molti scandali nella via e no hanno pazienza... coll'oste e ce'compagni e talvolta hanno

micidio e ingani e fornicazioni!» E' sarcastico o proverbio portuguez: «*Ir romeira e vir rameira.*»

A promessa de romaria era tambem hereditaria como o castigo na penalidade heroica; Josselin fica herdeiro da peregrinação á Terra santa, que seu pae promettera. No testamento de el-rei D. Diniz se lê: «Item, mando que um Cavalleiro, que seja homem de boa vida, e de verguença, que vá por mi á Terra Santa dultramar, e que estêe hi por dous annos compridos se a cruzada for servindo a Deos por minha alma etc.» (Provas da Hist. Genealogica, por Antonio D. Caetano de Sousa, t. I, pag. 101.) As mulheres tambem faziam romarias, e, expostas aos perigos da estrada e da pirataria, não poucos romances tiveram origem das situações difficeis por que passaram. Nos romances do *Conde Preso*, se vê o fundamento de aquella carta que escreveu San Bonifacio a Guthbert, bispo de Cantorbery, ácerca das romarias das mulheres: «A maior parte d'ellas succumbem e muito poucas voltam com a sua castidade.» As leis protegiam os peregrinos, coadjuvados pelas excommunhões dos canones dos Concilios. A lei bávara diz: «Que ninguem faça mal ao estrangeiro, porque uns viajam por necessidade, e todos precisam de paz.» O concilio de Letrão em 1123 excommunga os que vexarem os peregrinos que vão a Roma ou a outro qualquer lugar de devoção. No romance portuguez de *D. Garfos*, o conde é enforcado por ter violado a romeira de Santhiago. Este romance da *Romeirinha*, que anda na tradição oral de Trás-os Montes e Minho, encontra-se tambem, na parte essencial da acção, com alguns romances populares da Italia. Pode-se apresentar como o typo dos romances communs ao Meio Dia da Europa; o conde Nigra e De Puymaigre determinaram os seus paradigmas.

Nas versões de Vimioso e de Maçôres (*Traz-os-Montes*) ha o syncretismo do thema de *Rico Franco*:

### A Romeira

(TRAZ OS-MONTES — *Maçores*)

Alta vae a lua, alta,  
 Mais que o sol ao meio dia;  
 Lá se vae aquella senhora  
 A cumprir a *romaria*.  
 Cavalheiro vae traz d'ella,  
 Alcançala não podia;  
 Alcançou-a descansando  
 Debaixo da verde oliva.

—Por Deus te peço, romeiro,  
 Por Deus e Santa Maria,  
 Que me deixes ir honrada  
 A cumprir a romaria

Cavalheiro como malo,  
 Disse-lhe que não queria.  
 Foram de braço a braço,  
 A vêr o que mais podia ;  
 Romeira como mais fraca  
 Logo debaixo cahira.  
 Botou mãos a um punhal  
 Que elle no bolço trazia,  
 Mettera-lh'o por um lado,  
 Ao coração lhe sahira.

«Por Deus te peço, romeira,  
 Por Deus e Santa Maria,  
 Que não vás dizer tu terra  
 Nem te vas gabar á minha.

—Heide o dizer tu terra,  
 E heide-me gabar na minha,  
 Que matei um cavalleiro  
 Co'as armas que elle trazia.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 89, (Rev. Lusit., vol. IX, p. 315.)

Na *Illustração transmontana*, n.º 2, pagina 24, ha outro  
 versão de Vimioso ; começa :

Por aquelles campos verdes  
 Linda romeira venia . .

Em outras duas versões, que adiante incorporamos, dá se o  
 caso maravilhoso de ser a Romeira perseguida de amores a  
 Virgem Maria. Merece aqui archivar-se a versão asturiana:

### Venganza de honor

Por aquelles campos verdes,  
 Que galana iba la niña !  
 Llevaba saya de grana,  
 Jubon brolado traía ;  
 El zapato pica en verde,  
 Las calzas de lona fina ;  
 Con los sus morenos ojos  
 Amiraba á quien la mira.

Mirábala un caballero,  
 Traidor, que la pretendia,  
 Que iba, paso traz paso,  
 Por ver si la alcanzaria.  
 Señera la fué alcanzar  
 Al pié d'una fuente fria.

—Adonde por estes prados,  
 Camiña sola la niña ?  
 «A bodas de mi hermana,  
 D'una hermana que tenia.

Los dos del agua bebieron,  
 Y se van en compañía.  
 El trata quitarle el honor,  
 Y la dice con falsia :

—Mas abajo do bebemos  
 Quedóme la espada mia.  
 «Mientes, mientes, caballero,  
 Qu'ende la traes tendida.

Dieron vuelta sobre vuelta,  
 Derribarla non podia :  
 A' la postrera que daban  
 Una espada le caía.  
 Trabola con las sus mancs  
 Temblando toda la niña ;  
 Metiósel a por el pecho,  
 Y á la espalda le salia.  
 Con las ancias de la muerte  
 El caballero decia :

—Por donde quieras que vayas  
 Non t'alabes, prenda mia,  
 Que mataste un caballero  
 Con las armas que traía.  
 «Con los mis ojos morenos  
 La tu muerte lloraria ;  
 Con la mi camisa branca  
 La mortaja te faria ;  
 A' la iglesia de San Juan  
 Yo á enterrar te llevaria.  
 Con la tu espada dorada  
 La fosa te cavaria :

Cada domingo del mes  
Un responso te faria.

(*Romances viejos asturianos*, n.º XXXVIII, p. 166; traz outra versão abreviadíssima, p. 168.)

Agora a situação do milagre de Nossa Senhora, em que se dá igual similaridade :

### O Rei e a Donzella

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Por aquella serra acima,  
Vae uma linda donzella ;  
Vestido leva de seda,  
Forado de primavera ;  
Sapatos leva de prata,  
Por cima linda fivella ;  
Leva lenço alemtejano,  
A' moda da sua terra.  
El Rei assim que a viu,  
Levantou-se e foi traz d'ella.

- Mal me parece, senhora,  
Sósinha por esta serra !  
•Mais mal parece a el-rei  
Levantar-se e ir traz d'ella;  
Inda que eu venha sósinha  
Meu marido atraz quéda.  
—Não teme mouro nem moura,  
Nem teme a paz nem a guerra ?  
«Tu, és rei dos teus vassallos,  
E elle é do céo e da terra.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 55. (Rev. lusit., IX, 296.)

### A Romeirinha

(TRAZ-OS-MONTES — *Rebordello*)

Antes que eu da festa venha  
Não direi quem ficou n'ella ;  
Ficou uma romeirinha  
Linda como uma estrella.

Baixou-se o rei da janella,  
Baixou-se a fallar com ella:

—Mal parece, romeirinha,  
Sósinha n'esta terra!  
«Eu só não venho, não,  
Antes sósinha viera l  
Meu marido ficou atrás,  
Lindo como uma donzella.

Recolheu-se o rei p'ra casa,  
Assentou-se á sua meza;  
Cada boccado que come  
Da romeirinha se lembra,  
Chamou pelos seus criados,  
P'ra que fossem saber d'ella.

—Nem por ouro nem por prata  
Vos venhaes aqui sem ella!

Chegou-se ao meio da festa,  
Logo se encontrou com ella!

«Não vou ao chamo do rei,  
Nem lhe vou servir á mesa;  
Se elle é rei dos seus vassallos  
Eu sou rainha do céu e da terra!  
—Perdoae, minha Senhora,  
Que não sabia quem era!  
«Perdoado estás, oh rei,  
Que isto dado aos homens era.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 102. (Revista lusit., vol. IX, p. 223.)

A versão asturiana *La Romera* é muito semelhante á transmontana, revelando a identidade de um *substratum* ethnico:

### La Romera

Por los senderos de un monte  
Se pasea una romera,  
Blanca, rubia y colorada,  
Relumbra como una estrella.  
Vio'la el Rey desde sus terras,  
E enamorárase d'ella.



—Donde vá la romerita  
 por estes montes señera ?  
 «No vengo sola, buen Rey,  
 Compañía traigo y buena ;  
 Atras viene mi marido,  
 Más hermoso que una estrella.  
 A Santiago de Galicia  
 Voy cumplir mi cuarentena,  
 Que me la ofreció mi madre  
 En la hora en que naciera.

Manda el Rey poner la tabla,  
 Manda el Rey poner la mesa ;  
 Al medio de la comida,  
 Se acordó de la romera ;  
 Llamara un paje corriendo :

—Vé buscar esa romera ;  
 Nin por oro, nin por plata,  
 No tornes aqui sin ella.  
 —«Romerías se encuentran muchas,  
 Y no sabré yo qual era.  
 —Como aquella romerita  
 Non las hay por esta tierra ;  
 Blanca, rubia, colorada,  
 Relumbra como una estrella.  
 Zapato de cordobán,  
 Una pulida gorguera,  
 Y una toca toledana  
 Que tal no la tiene la Reina ;  
 Rosario, por que rezaba  
 Cinco extremos de oro lleva ;  
 Por el segundo decia  
 «Muerto es quien vida espera.»

Bajara el paje corriendo,  
 Marcha tras de la romera.  
 Bien la viera relucir  
 En medio de la arboleda !  
 La encontrara sentadita  
 Debajo de una alameda.

—«Mándala llamar el Rey  
 Para comer á su mesa.  
 «Anda, paje, di a tu amo  
 Y dile desta manera :

Si él es rey de su reinado,  
 Yo soy de cielos y tierra.  
 —«Si eres Reina de los cielos,  
 Yo la gloria te pidiera  
 «Pajecito, si, por cierto,  
 Y a cuantos de ti vinieran.

(*Viejos Romances Asturianos*, n.º LXV, p. 221.— Menendez Pidal traz ainda outra versão, p. 219.)

**7. Dona Ouliva—Dona Euríres**—(*Romanceiro*, I, p. 420 a 422.) Apareceu este romance unicamente na tradição oral da ilha da Madeira. O nome é reductivel á sua forma bretã *Guenniwar*, que em portuguez tomou na fidalguia a forma de Ginebra; a situação e o caracter da heroína faz lembrar a rainha Ginebra, esposa do bom rei Arthur. Era a mulher seductora pela magia da sua brancura, tendo o prestigio das Damas brancas. Escreve Mademoiselle Busquet, no seu livro *La Normandie*: «Mr. de Rocquefort, nas suas notas sobre o *Lai de Lanval*, faz notar que o nome de *Genèvre*, mulher do rei Arthur, ou *Genièvre*, segundo alguns antigos romances inglezes, poderia ser formado do bretão *gwenn*, branco, e *eure*, mulher, isto é, mulher branca.» (Op. cit., p. 104.— *Poésies de Marie de France*, t. I, p. 220.) Este thema merece comparar-se com o do romance italiano *Dona Lombarda*, em Nigra e Ferraro.

**8. A Filha do Imperador de Roma; Hortelão das Flores; Dom Duardos**—(*Romanceiro*, t. I, p. 424 a 445.) Deriva este cyclo do romance da lenda de Roberto do Diabo, quando em penitencia trabalhava como jardineiro do Rei de Roma, desconhecido, e a princeza se namorou d'elle. (Mademoiselle Busquet, *La Normandie*, p. 20.) D. Carolina Michaëlis, cita o conto allemão de *König Drosselbout*. (Revista lusit., II, 206.)

### A Donzella

(TRAZ-OS-MONTES — *Vimioso*)

Alta vae a lua, alta,  
 Mais que o sol ao meio dia,  
 Quando aquella donzella  
 Metter freira se ella qu'ria.  
 Indo-se ella a despedir  
 De un, jardim que seu pae tinha :

—Adeus cravos, adeus rosas,  
 Adeus fonte d'agua fria,  
 Adeus jardins das flores  
 Onde me eu divertia ! . . .  
 Se por aqui passar meu pae,  
 Meu pae que tanto me queria,  
 Dizei que vou c'um *jornaleiro*  
 Ao jornal ganhar a vida.  
 Eu não sei se irei ganhada,  
 Ganhada, se perdida ! . . .  
 «Ganhada e não perdida !  
 Achareis muita coisa,  
 E muito de prata fria.  
 Achareis sala doirada  
 Para passear de dia ;  
 Achareis ricas donzellas.  
 Para vossa companhia ;  
 Entre Mouros e Moiramas  
 Vós sereis a mais querida.

(*Rom. trasmontano*, n.º 20 ; *Rev. lusit.*, VIII, 78.)

Um facto notavel se descobre n'este romance: O celebre romance de Gil Vicente intitulado *D. Duardos*, que os Romanceiros, principalmente o de Anvers, adoptaram, que o povo assimilou e fez quasi de novo, como se pode vêr na lição conservada pelo cavalheiro de Oliveira, apparece-nos aqui agora novamente assimilado, mas deixando ainda vêr alguns restos primitivos. A despedida da donzella e as fallas de *D. Duarte* foi o que o povo conservou na versão da Beira Baixa. São sempre as partes dramaticas que se perpetuam. Eis o romance de Gil Vicente:

### Dom Duardos

En el mes era de Abril,  
 De mayo antes un dia,  
 Cuando lyrios y rosas  
 Muestran más su alegria,  
 En la noche más serena  
 Que el cielo hacer podia,  
 Cuando la hermosa Infanta  
 Flérida ya se partia:  
 En la huerta de su padre  
 A' los árboles decia:  
 —Quedáos á Dios, mis flores,  
 Mi gloria que ser solia ;

Voyme á terra estrangeiras  
 Pues ventura allá me guia.  
 Si mi padre buscaré,  
 Que grande bien me queria,  
 Digan que amor me lleva,  
 Que no fue la culpa mia:  
 Tal tema tomó commigo.  
 Que me venció su porfia;  
 Triste no sé a dó vó,  
 Ni nadie me lo decia.—  
 Allí habla Don Duardos:  
 «No lloreis, mi alegría,  
 Que en los reinos de Inglaterra  
 Mas claras aguas havia  
 Y mas hermosos jardines  
 Y vuestos, señora mia.  
 Ternies trecientas donzellas  
 De alta genaalogia;  
 De plata son los palacios  
 Para vuestra señoria,  
 De esmeraldas y jacintos  
 De oro fino de Turquia,  
 Con letreros esmaltados  
 Que mentan la vida mia.  
 Cuentan los vivos dolores  
 Que me distes aquel dia  
 Cuando con Primalion  
 Fuertemente combatia.  
 Señora, vos me matastes,  
 Que yo a él no lo temia.»

Sus lagrimas consolaba  
 Flérida que esto oia;  
 Fuéronse a las galeras  
 Que Don Duardos tenia.  
 Cincuenta eran por cuenta,  
 Todas van en compañía;  
 Al son de sus dulces remos  
 La Princeza se adormia  
 En brazos de Don Duardos,  
 Que bien le pertenecia.  
 Sepan quantos son nacidos  
 Aquesta sentencia mia:  
*Que contra la muerte y amor  
 Nadie no tiene valia.*

*Obras, t. II, p. 249.*

A maior e mais bella parte dos romances cavalheirescos, que se encontram no *Cancionero de Romances* de Anvers, vêm citados nos *Autos* de Gil Vicente. O poeta da côrte de Dom Manoel tinha os sentimentos da alma popular; as suas obras são a historia dos costumes mediévos. Elle tambem compoz varios romances, como *Lasso de la Vega*, *Juan de la Cueva* e outros, mas com mais facilidade e graça. Na tragicomedia de *Dom Duardos*, introduziu um romance de lavra sua, sobre os amores de Flérida, de tal forma simples e bello que o povo o adoptou na tradição, e os Romanceiros hespanhoes o acceitaram dando lhe as honras de anonymo. Pode-se vêr na rarissima colleção de Anvers de 1581; o *Romancero* de Duran, já hoje o restitue ao seu auctor. A versão popular portugueza, colligida pelo curioso cavalheiro de Oliveira, foi achada, segundo elle confessa, em um papel de letra do seculo xvii. A versão que apresentamos é mais verdadeira do que a do infeliz cavalheiro de Oliveira; foi achada na ilha de Sam Jorge pelo Dr. João Teixeira Soares, antigo collaborador do *Romanceiro* de Garrett, que me confiou todos os seus trabalhos de investigação local.

Em carta de 24 de Setembro de 1868 diz: «Na minha ultima annunciei a descoberta de mais dois romances, e a grande probabilidade de que um d'elles fosse o *Dom Duardos*, de Gil Vicente; hoje cabe-me a honra de lhe apresentar o referido romance de *Dom Duardos*, refugiado desde seculos em uma freguezia d'esta ilha! Apparece *contrahido*, como que para provar plenamente a theoria de Sir Walter Scott, mas não menos bello, se por ventura não mais. Foi um feliz achado. Tenciono ir a Rosaes ouvir-o da propria bocca da senhora Maria Victorina, mulher de José Silva Soares abastado lavrador do logar, que m'o remetteu de bocca por uma rapariga que muito me tem ajudado n'estas cousas. Declarou ella, que o apprendera em sua mocidade, contando hoje sessenta e tantos annos.» E', portanto, a versão que apresentamos a mais genuina; a lição de Oliveira está muito proxima do original hespanhol; a versão insulana mostra nos mais claramente o processo da elaboração popular. O principio do romance de Gil Vicente:

Em o mez era de Abril,  
De Maio antes um dia,

acha-se muitas e muitas vezes repetido nos romances hespanhoes, o que levou Du Méril a dizer, que era uma como *convenção poetica*; encontra-se em grande numero de cantos

populares da Europa. Um hymno á Virgem, copiado de um manuscrito do seculo XII, começa :

En mai ki fet flurir les prez, etc.

(Apud Thomas Wright e Hallmiell, *Reliquiæ antiquæ*, t. I, p. 200.)

Gil Vicente em outro logar começa uma enselada d'esta forma :

En el mes era de Maio  
Véspera de Navidad,

*Obr.*, t. III, p. 323.

E nas Tragicomedias :

Por Maio era, por Maio,  
Ocho dias por andar,  
El Infante Don Felipe  
Nació en Evora ciudad.

*Id.*, t. II, p. 531.

Tambem no *Cancionero de Romances* :

Por el mes era de mayo  
Quando hace la calor,  
Quando canta la calandria  
Y responde el ruiseñor,  
Quando los enamorados  
Van á servir al amor, etc.

Du Méril, na introdução ao poema do seculo XII *Flore et Blanceflor*, julga esta tradição de origem oriental *où le printemps est bien plus avancé*. Pag. LXV, not. 2. Paris, 1856.

Como os mais bellos romances do seculo XVI, e romance de *Dom Duardos* tambem foi glosado. Don Agustin Duran, no Catalogo dos *Pliegos sueltos*, cita uma folha volante in-4.º, 2 col. 4. fol. :

«Romance sacado de la farsa de *Dom Duardos*, que comienza : *En el mes era de Abril*, nuevamente glosado por Antonio Lopes estudante portuguez vizino de la villa de Trancoso, estante en la Universidad de Salamanca, etc.»

O conde Nigra comparou este romance de *Dom Duardos* com o romance italiano do Piemonte o *Marinheiro*, cuja redacção primitiva, segundo elle, remonta ao seculo XIII, e com o romance hespanhol da *Infanta e o filho do Rei de França* (*Rom. Gen.*, t. I, p. 163) muito mais antigo que a versão por-

tugueza. O romance pertence ao cyclo dos Palmeirins, e até na poesia popular da Suecia se encontram reminiscencias. Nos *Cantos populares do Norte*, de X. Marmier (p. 201) o *Petit Batelier* começa d'este modo : «A donzella está assentada na sua camera, e está lavrando ouro. O barqueirinho aproxima-se e olha» e depois termina : «Eu não sou um barqueiro ; sou o melhor filho do Rei de Inglaterra.» Eis o romance hespanhol, da

### Infantina y el hijo del Rey de Francia

«Tiempo es, el caballero,  
Tiempo es de andar de aqui,  
Que ni puedo andar en pié,  
Ni al Emperador servir,  
Pues me crece la barriga  
Y se me acorta el vestir :  
Vergüenza he de mis doncellas,  
Las que me dan el vestir,  
Míranse unas á otras,  
No hacen sino reir :  
Vergüenza he de mis caballeros  
Los que sirven ante mi.

—Lloradlo, dijo, señora,  
Que así hizo mi madre á mi ;  
Hijo soy de un labrador,  
Mi madre y yo pan vendi.

La infanta desque esto oyera  
Comenzóse á maldecir :

«Maldita sea la doncella  
Que se deja seducir.  
—No os maldigais vos, señora,  
No os querais vos maldecir,  
Hijo soy del rey de Francia,  
Mi madre és doña Beatriz :  
Cien castillos tengo en Francia,  
Señora, para os guarir,  
Cien doncellas me los guardan,  
Señora, para os servir.

Ochoa, *Tesoro de los Romanceros*, p. 2.

No *Romancerillo catalan*, n.º 263, *Los Segadores*, o thema é o mesmo : em Ferraro, *Canti popolari Monferrini*, n.º 49, *La Violeta*.

Eis o romance do Piemonte, comparado por Nigra :

A' borda do mar  
 Estava uma donzella,  
 Bordava n'um lenço,  
 Como ella era bella !  
 Em meio do bordado  
 Faltou-lhe o retroz ;  
 Eis vinha chegando  
 Galera veloz.

«Oh marinheiro,  
 Trazeis seda aí ?

— Qual côr quereis ?  
 Branca ou carmezi ?

«Eu quero-a vermelha  
 Por que é da mais fina ;  
 Eu quero a vermelha  
 Que é para a rainha.

— Entrae, entrae já  
 N'esta caravella

Mal poz o pé dentro  
 Fez se logo á vela.  
 E o marinheiro  
 Cantava ao pé d'ella.  
 Com o canto do nauta  
 Fica adormecida ;  
 Com o mar inquieto  
 Acorda sentida.  
 Assim que ella acorda  
 Viu já longe a terra :

«Oh marinheiro,  
 Para o porto aferra,  
 Que a vaga que se ergue  
 Me espanta e aterra.

— Não faço o que pedes,  
 Serás minha amada.

«De tres irmãs que eramos  
 Sou mais desgraçada.

Casadas ambas são  
 Com um duque, com um conde ;  
 Vou ser marinheira  
 Sem saber aonde.  
 Que uma vista seda,



E a outra ouro tenha!  
 Mas eu, a mais bella,  
 Vou ter estamenha.  
 — Se uma veste seda,  
 E a outra ouro tinha,  
 Tu és marinheira  
 Que vae ser rainha.  
 O Rei de Inglaterra  
 Deu-me a caravella  
 Com que ha já sete annos  
 Te busco, oh donzella.

(Caselli, *Cantos populares da Italia*, p. 195).

## V

### ROMANCES DE AVENTURAS

Na Poesia popular europêa existe uma grande quantidade de Romances cujos themas poeticos estão em antinomia com a civilisação, pela sua accentuada barbarie, com situações monstruosas de uma sociedade primitiva e incompativel com o genio das populações áricas; taes são os themas da *Sylvaninha*, do *Conde Alarcos*, do *Conde da Allemanha*, da *Peregrina*, *Helena*, etc. Isto basta para reconhecer que na Poesia popular europêa existe um filão que não é Scandinvogermanico, nem Gallo-bretão, nem Celto iberico. Como determinar a existencia historica d'esse filão poetico tradicional? Amadeu Thierry, completando o seu estudo das *Lendas d'Attila* pelo exame das Tradições húngaras, observa que ellas eram conhecidas em França, Italia e Hespanha, nos Paizes germanicos e até na Scandinavia, essas lendas dos Hunnos. E' d'este fóco da *Hunnia* (Hungria) que no fim do seculo IX se espalharam na Europa esses cantos narrativos amaldiçoados pela Igreja.

No seu estudo *Legendas d'Attila*, descreveu Amadeu Thierry o vigor das Tradições húngaras:

«Estabelecidos em 891 no paiz que hoje tem o seu nome, os Hungaros receberam o Christianismo por 972. Elles possuíam um modo de transmissão popular e certo na poesia cantada. A poesia parece ter sido uma instituição publica nas nações providas dos Hunnos. Refere-se na vida de Attila como as raparigas que marchavam ao seu encontro ás portas da estação real, ordenadas em longas filas, com véos brancos, cantavam hymnos compostos em seu louvor, e como tambem

no banquete a que assistiu Priscus, os cantos das rhapsodias, celebrando as acções dos antepassados, animaram por tal fórma os convivas, que as lagrimas cahiam dos seus olhos. Estas Canções transmittidas de geração em geração, constituam os annaes do paiz. O mesmo uso existiu sem duvida entre os Avars, postoque a historia nol-o não diga positivamente, dizendo-nos porém que existia entre os Hungaros. Arpad tinha comsigo cantores, quando se appresentou no Danubio. Toda a gente era poeta entre os primeiros Magyars, e todos cantavam os seus versos ao lado dos outros acompanhando se com uma especie de lyra ou guitarra, chamada Kobza, na Edade média. Não sómente se era poeta, e cantor das canções dos outros, mas cantava-se frequentemente a si proprio, cantavam-se os seus antepassados, e cada grande familia teve os seus annaes poeticos. — A poesia nacional teve por tanto entre os Hungaros muitos inimigos dos quaes o primeiro e o mais temivel foi o Christianismo, que a encontrava de frente como uma guarda vigilante da velha barbarie e um adversario de toda a novidade. Os cantos magyares, historicos e guerreiros, eram, por sua natureza propria, saturados de paganismo; attribuiam-se ahi aos deuses as emprezas e as conquistas da nação; fallava-se ahi incessantemente das *aldumas*, banquetes religiosos, onde humildes e prepotentes, confundidas na mesma meza, se embriagavam e comiam carne de cavallo consagrada pelos sacerdotes; o desprezo dos estrangeiros, o odio contra as crenças estrangeiras, vibravam na poesia de um povo que era então o terror da Europa. Tambem os poetas, os cantores e as canções foram o objecto dos anathemas da Igreja. Muitos concilios fulminaram ameaças de excommunições contra todo aquelle que recitasse estas canções cu as ouvisse, os proprios ecclesiasticos recebiam a este proposito advertencias nos canones; mas anathemas e ameaças, tudo foi inutil. Para destruir as canções nacionaes seria preciso transformar a nação. Tudo se cantava entre os Hungaros; a *kobza* encontrava-se por toda a parte. A lei tinha sido cantada antes de ser escripta, e mais tarde as Canções foram consultadas para reencontrar os costumes, as instituições politicas e mesmo a lel civil. — Impotente para abafar a sua inimiga, o Christianismo procurou ao menos o desarmal-a. tratou de purificar e de se appropriar, até onde era possivel, d'estas composições tradicionaes, em que o espirito guerreiro da nação achava um estimulo feliz, e as familias nobres uma satisfação de orgulho. — Foi nas escholas ecclesiasticas dos seculos xi, xii e xiii, que os clerigos, sabios para a sua nação, e ainda mais piedosos do que sabios,

submitteram as Canções tradicionaes a uma transformação importante, que as accommodava ás necessidades historicas do culto novo, as reconciliava com elle, e por assim dizer as amnistiava.» O terror das invasões dos Tartaros correu em 1225 em Portugal, como se vê pela Canção do Trovador João Soares Coelho (n.º 1013, do Canc. Vat.).

### § 1. *Cyelo da Mulher perseguida*

**1. Sylvaninha; Faustina; D. Sylvana; Galdina; Aldina** — (*Romanceiro*, vol. I, p. 447 a 483.) — E' dos mais populares e antigos; encontra-se em Lisboa, Ribatejo e Beira Alta. Já no seculo xvii D. Francisco Manuel de Mello o cita como velho, como se deprehe de d'aquelle verso do *Fidalgo aprendiz*: *Uma letra nova quero*, que diz Brites, recusando-se a escutar este romance que Gil lhe ia cantar á guitarra. (Pag. 247). A *Silvana* faz lembrar a Myrrha da mythologia grega ou melhor Antiocho, do *Livro de Apolonio*, que se apaixona pela filha. Pertencerá ella ás ficções eruditas do cyelo greco romano? Não parece o combate de Tristão com o Morouhet de Irlanda uma imitação do combate de Theseu com o Minotauro? Arthur não é trahido por Ginebra, como Hercules por Djanira? Têm ás vezes origens caprichosas estas tradições do povo. O principio da *Sylvana* anda quasi sempre confundido com o romance do *Conde Alarcis*. Foi pela primeira vez publicado por Almeida Garrett, que o dá como originario portuguez. (Rom., t. II, p. 98). Encontra-se porém nas Asturias, e Amador de los Rios o publicou no *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, t. III, p. 284, com o tituo de *Delgadina*. E' um facto curioso vêr como o povo vae confundindo os romances, pro luzindo inconscientemente situações novas. O nó da acção é imitado pelo povo dos romances do *Conde de Allemanha*. Nossa Senhora do Pranto, que vem prantear a desgraçada, dá ao romance uma côr de alta antiguidade; era um velho uso de Portugai, já prohibido no tempo de D. João I. Frei Luiz de Sousa fallando de um mosteiro fundado em 1443, votado á *Senhora do Pranto*, observa: «que agora dizemos melhor da *Piedade*.» Esta circunstancia fixa a epoca da versão oral de Freixo de Espada á Cinta.

A versão do romance da *Sylvana*, colligida nas Ilhas dos Açores é muito mais simples do que as de Lisboa e Coimbra. A sua antiguidade prova-se com a allusão ao costume barba-ro da desherdação da mulher:

— Que mulher é esta aqui,  
 Que tanto está enfadada?  
 «E' vossa filha Sylvana,  
 Que a deixaes *desherdada*.

Sobre este costume, diz Michelet nas *Origines du Droit français*, (p. 33) : «A exclusão da herança ou, pelo menos, da terra salica, com que a mulher é ferida nas leis barbaras, vigorou durante a Edade média. Em muitas de nossas provincias a filha nada tem a esperar; ella é dotada com uma simples *capella de rosas*; muitas vezes, ainda tem menos, *uma noz*, como em Anjou e Maine.» No romance insulano o barão moribundo deixa á filha um *punhal de ouro*. Nas fórmulas lombardas, os esponsaes faziam-se pela *espada*, e pelo *guante* : «Por esta *espada* e por este guante eu te dou a minha filha por esposa.» Canciani, (*Leges Barbarorum*, t. II, p. 467). Segundo Tacito, o noivo é que trazia o dote á mulher entre os Germanos; o velho barão *desherdava* a filha, mas deixando-lhe o *punhal de ouro* dava a entender no symbolismo heroico que procurasse o casamento, que era a sua riqueza. Os cantos populares portuguezes estão cheios de allusões juridicas, em que florescem restos do symbolismo germanico :

Agora que a tua mãe,  
 Que te acabe de herdar.

Segundo o direito germanico, pertenciam ás filhas as joias das mães. (Michelet, *op. cit.*, p. 65.) O romance de *Sylvana* é antiquissimo na tradição da Europa; pertence, segundo o nosso entender, ao seculo x, ao tempo dos Contos de Fadas, por isso que este amor *desnaturado* de um pae por sua filha se encontra no conto de *Peau d'Ane*, colhido pela primeira vez da tradição moderna por Pérrault. Na historia apparecem factos semelhantes; Jacob Grimm traz a seguinte lenda, colligida da tradição oral, e encontrada tambem no *Gargantua* : «Mathilde, filha do Imperador Henrique III, era tão graciosa. que seu pae concebeu por ella um violento amor. A menina pediu a Deus, e rogou do imo de sua alma que a puzesse feia, para extinguir os desejos de seu pae; mas Deus não a ouviu. Então o espirito maligno lhe appareceu e offereceu-se, com a condição, que ella lhe pertenceria, de mudar a inclinação e o amor do Imperador em raiva e colera. Mathilde consentiu, com a reserva, de que só cairia no seu poder depois d'elle a encontrar adormecia trez noites a fio; e que se estivesse acordada, não teria nada que lhe exigir. Em vista d'isto co.

meçou um magnifico bordado, e passou a noite a lavrar, com o que conseguiu estar acordada; tinha comsigo um cãozinho fiel, chamado *Queld* ou *Weld*, que ladrava, e lhe batia com o rabo logo que fechava os olhos e parecia ceder ao somno. Ora, como o diabo tivesse vindo nas trez noites e a encontrasse sempre acordada, enfureceu-se; meteu lhe as unhas na cara, achatou-lhe o nariz, rasgou-lhe a bocca até ás orelhas, e lhe vazou um olho. Quando seu pae viu o olho arrancado, a boccarra e o nariz amassado, passou-lhe toda a paixão que sentira, e o culpado amor deixou de o atormentar. Mathilde consagrou-se á vida religiosa, e em lembrança do cão, edificou uma abbadia, a que poz o nome de *Castello de Queld*.» (*Tradições allem.*, t. II, p. 217.)

Nas duas ultimas versões açorianas da *Sylvana*, o povo descreve o Paraíso do mesmo modo que se acha na *Divina Comedia* de Dante :

Estava no céu a cantar  
'Numa *Rosa encarnada*.

e tambem :

A minha alma está no céu,  
Está n'uma *Rosa pintada*.

Confrontados estes versos da tradição popular com os admiraveis tercetos do vate florentino, torna-se para nós evidente a theoria de Aroux, que considera a *Divina Comedia* como a historia das luctas dos Albigenses, ou da França municipal contra a prepotencia da Igreja romana e dos Barões feudaes. Essa lucta deu-se em todo o Meio Dia da Europa, e em Portugal tambem, não só pela existencia dos Templarios aqui que eram os sectarios d'essa politica, como pelas continuas revoltas com que se alcançaram os Foraes. Como temos observado, a poesia popular está sempre em harmonia com o direito consuetudinario foraleiro. Eis os tercetos de Dante :

In forma dunque di *candida rosa*  
Mi si mostrava la milizia santa,  
Che nel suo sangue Cristo fece sposa.  
Ma l'altra, que volando vede e canta  
La gloria di colui, che l'innamora,  
E la bontà che la face cotanta ;  
Si come schiera d'api, che s'infiora  
Una fiata, e d'altra si ritorna  
Lá, dove suo lavoro s'insapora,

Nel gran fior discendeva, che s'adorna  
 Di tante foglie, e quindi risaliva  
 Lá, dove il suo amor sempre soggiorna.

(Paradiso, canto xxxi.)

A aproximação d'estes factos parecerá extraordinaria, mas impõe-se a realidade. Estas vagas allusões hoje achadas na poesia do povo já não tem sentido, mas ainda denotam a commoção primitiva.

O romance da *Delgadina*, que é a versão asturiana do romance portuguez da *Sylvana*, é tambem popular em Navarra, Rioja e Aragão. e na Serrania de Ronda. Na versão insulana os diabos que vem arrebatat o pae de Sylvana são os *Garrazes*: na asturiana chamam-se *degorrios*.

Nas versões asturianas, este romance tem o titulo de *Delgadina*, *Agadeta*, *Bergadina*, *Calderina* e *Sildana*, e é commum á Galliza, Catalunha, Andaluzia e Castilla, constando apenas de variantes que consistem nas torturas que dão todo o relêvo á pureza da perseguida donzella. Transcrevemos do Romanceiro Asturiano uma das tres versões colligidas por Menendez Pidal:

### Delgadina

El buen Rey tenia tres hijas  
 Muy hermosas y galanas,  
 La mas chiquitina dellas  
 Delgadina se llamava.

—Delgadina de cintura,  
 Tu hasde ser mi namorada.  
 «No lo quiera Dios del cielo  
 Ni la Virgen soberana,  
 Que yo enamorada fuera  
 Del padre que me enjendrara.

El padre que tal oyó  
 La encerrara en una sala;  
 No le daban de comer  
 Mas que de carne salada;  
 Non le daban de beber  
 Si nó sumo de naranja.  
 A la mañana otro dia  
 Se asomara á la ventana,

Y viera á su madre en bajo  
En silla de oro sentada.

- «Mi madre, por ser mi madre,  
Púrrame una jarra d'agua ;  
Porque me muero de sede,  
Y á Dios quiero dar el alma !  
— «Calla tú, perra maldita,  
Calla tú, perra malvada ;  
Siete años que estoy contigo,  
Siete años soy mal casada.

A la mañana otro dia  
Se assomara á otra ventana ;  
Vió á sus hermanas en bajo  
Filando seda labrada.

- «Herманas, las mis hermanas,  
Púrriime una jarra d'agua ;  
Porque me muero de sede  
Y á Dios quiero dar el alma !  
=Primerο te miteriamos  
Esta encina por la cara.

Se asomara al otro dia  
A otra ventana más alta ;  
Vió á sus hermanos que en bajo  
Taban tirando la barra.

- «Hermanos, por ser hermanos,  
Púrriime una jarra d'agua,  
Porque me muero de sede  
Y á Dios quiero dar el alma.  
=«No te la doy, Delgadina,  
No te la damos, Delgada,  
Que si tu padre lo sabe  
Nuestra vida es ya juzgada.

Se asomara al otro dia  
A otra ventana más alta,  
Y vió á su padre que en bajo  
Paseaba en una sala.

- «Mi padre, por ser mi padre,  
Púrrame una jarra d'agua

Porque me muero de sede  
 Y á Dios quiero dar el alma !  
 —Daréte la, Delgadina,  
 Si me cumples la palabra.  
 «La palabra cumpliria  
 Aunque sea de malagana,  
 —Acorredi, mis pajecicos,  
 A' Delgadina con agua :  
 El primero que llegase  
 Con Delgadina se casa ;  
 El que llegare postrero  
 Su vida será juzgada.

Unos van con jarras de oro,  
 Otros con jarras de plata...  
 Las campanas de la iglesia  
 Por Delgadina tocaban.  
 El primero que llegó,  
 Delgadina era finada.  
 La cama del Delgadina  
 De angelos está cercada :  
 Bajan à la de su padre  
 De demonios coronada.

(*Op. cit.*, p. 238.)

Em outra versão, (n.º LXXV), amplia-se o final :

La Virgem la sustenia,  
 Anxélos la amortayaban ;  
 En la cama de su padre  
 Los degerrios se asentaban ;  
 E á los piés de Delgadina  
 Una fonte fria estaba,  
 Porque apagase la sede  
 Que aquel cadaver pasaba.

Ainda outro final (versão n.º LXXVI) :

Las campanas del paraíso  
 Ellas de si se tocaban.  
 Por l'alma de Delgadina  
 Que á los cielos caminaba ;  
 El alma del Rey su padre  
 Por los infiernos bajara.

No Folk-Lore andaluz (1882-1883) a pag. 320 e 322, vem



duas versões do romance da *Delgadina* com pittorescas minúcias descritivas; no Folke Lore Frexenense, p. 125, mais outra versão, completando assim o quadro da tradição lusitana.

Nos *Romances tradicionales de Asturias*, n.º 50, 51 e 52 apresentou Menendez y Pelayo tres magníficas versões com o título de *Delgadina*, conformes com as mais puras versões portuguezas da *Sylvaninha* (Antologia de Poetas líricos, vol. X, p. 126 a 130.) Nos *Romances tradicionales de Andalusia y Extremadura*, sob n.º 6 a 11, vêm cinco versões com os títulos *Delgadina*, *Algarina*, *Bergadina*, *Angelina*, *Argelina* (lb., p. 167 a 176.) Algumas versões começam :

Tres hijas tenia el Rey Moro,  
Mas bonitas que ia plata...

No *Romancerillo Catalan*, n.º 238, vem com o título de *La Infanta seducida*; e com o título de *Agadeta*, publica Menendez y Pelayo outra versão muito abreviada, em lingua catalã, colligida na ilha de Cerdeña. (*Ibid*, p. 257.) Sobre o valor tradicional da poesia popular da Catalunha, observa Menendez y Pelayo : «muito mais original do que a portugueza, possui um consideravel numero de canções novellescas e de costumes que são inteiramente indigenas e locaes, e outras que tem mais analogia com as da Provença e norte da Italia, do que com as de Castella.» E' este facto que torna preciosa a comparação com os themes tradicionaes portuguezes, completando-nos o conhecimento do fundo occidental no seu substratum ethnico. Menendez y Pelayo ainda está na comprehensão de que os Cantos tradicionaes populares irradiaram de Castella para os outros estados peninsulares. Elle proprio se refuta, quando observa : «Generalmente fallando, todos estas romances castelhanos e semi-castelhanos colligidos na Catalunha tem paradigmas com a tradição popular das Asturias, de Portugal, da Andalusia, ou dos Judeus do Levante : costumam coincidir nas mesmas assonancias (embora ás vezes deformadas pelos vocabulos catalães) e apresentam continuamente não só phrases, se não versos inteiros quasi originaes.» (*Ibid.*, p. 250.) Hoje já se não trata de indigenismo, mas de riqueza e conservação dos themes em relação ao substratum ethnico commum a dados povos. Transcrevemos a versão dos Judeus do Levante, (em grande parte portuguezes, como reconheceu Menendez y Pelayo) :

#### Delgadilla

Tres hijas tenia el Rey,  
Tres hijas cara de plata;

La mas chiquita de ellas  
 Delgadilla se llamaba.  
 Un dia de los dias,  
 Se assentaron en la mesa.  
 En comiendo y bebiendo :

«Que me mira, señor padre?  
 Que me mira que me mata?  
 —Que te miro, la mi hija?  
 Que te miro y me enamoro.  
 No lo quiere ni el Dios ni la gente  
 Ni la ley santa bendita,  
 Ser *Comlesa* (manceba) de mi madre  
 Y madrastra de mis hermanas.  
 —Remata, Delgadilla,  
 Remata, pena mala,  
 Si el Rey de la tierra quiere  
 Por espada sois pasada.

Allá, em medio del camino,  
 Que le fraguen un castillo,  
 Ni puente ni ventana  
 Para Delgadilla.  
 Que comida le darian?  
 Carne cruda bien salada,  
 Que se muera de sed de agua.  
 Allá al fin de quince dias,  
 Al fin de tres semanas,  
 Un dia por la mañana,  
 Se asentó en la ventane,  
 Vido pasar á sus hermanas.

«Herманas mias queridas,  
 Herманas mias amadas,  
 Deisme un poco de agua  
 Que de sed y no de hambre  
 Al Dios vo dar la alma.  
 —«Vate de aqui, Delgadilla,  
 Vate de aqui, pena mala,  
 El Rey tu padre si lo sabe,  
 Por espada sois pasada.

Allá fin de quince dias,  
 Allá fin de tres semanas,  
 Un dia por la mañana

Se asentó en la ventana ;  
Vido pasar á su padre :

«Padre mio, muy querido,  
Padre mio, muy amado,  
Deisme un poco de agua,  
Que de sed y no de hambre  
Al Dios vo dar la alma.  
—Remata, Delgadilla,  
Remata, pena mala,  
Si el reñ tu padre quiere  
Por espada sois pasada.

Allá fin de quinze dias,  
Allá fin de tres semanas,  
Un dia por la mañana  
Se assentó en la ventana ;  
Vido passar á su madre :

«Madre mia, mi querida,  
Madre mia, mi amada,  
Deisme un poco de agua,  
Que de sed y no de hambre  
Al Dios vo dar la alma.  
=Presto que le traian agua,  
De las aguas destilladas  
Para Delgadilla.

Hasta que trujeran la agua,  
Delgadilla dió la alma.

(*Antologia de Poetas liricos*, t. X, p. 324 : Rom. n.º 26.)

No Romanceiro transmontano foram colligidas tres versões, n.º 28, de Maçores, n.º 68, de Vinhaes, e n.º 78, de Carviçaes; em todas se reflecte a sua antiguidade, sendo as que mais se approximam das versões das Asturias. Na versão de Maçores, o romance começa como o do *Conde Alarcos*, em que a Silvaninha tocava em sua guitarra, quando o pae lhe confessa o bruto desejo. A versão de Vinhaes tem o titulo de *Delga dinha*, como a das Asturias.

—Delgadinha, Delgadinha,  
Delgadinha, la Delgada,  
Queres tu, oh Delgadinha ?  
Ser a minha namorada ?

«Não permita Deus do céu  
De eu ser sua namorada !

Mettera la Delgadinha  
Lá n'uma torre fechada ;  
A comida que lhe dava  
Era sardinha salgada.  
A bebida que lhe dava  
Era agua de pescada.

(*Rev. lusit.*, vol. ix, p. 303.)

No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 29, intitulado *Margarida*, é este mesmo quadro do desejo incestuoso do pae ; sob n.º 272, traz outro romance abreviado com o titulo de *Silvana* ; nas variantes E, G e H, chama-se *Agadeta*, *Galderina* e *Agarita*.—Pelay Bris, *Cansons de la Terra*, t. iv, pag. 17 : *Filla del rey*.—Tomaseo, *Canti popolari toscani*, t. ii, p. 315, vem o começo da *Silvana*.

Este thema assombroso acha-se já degradado na forma de lenda e de Conto em prosa: Jacob Grimm, *Tradições allemãs*, t. ii, p. 218. Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, pag. 41 : *Le Roi qui voulait épsaser sa fille*.—*Racconti del Popolo italiano*, t. i, p. 244 : *Zuccacia*.—*Fiabe, Novelle e Racconti del Popolo italiano*, t. i, p. 381 : *Piluseda*.—*Novellaja fiorentina*, p. 158 : *La Scindirocura*. No *Pentamerone* de Basile, Nov. 2, 3 Journ.—Nos Rondellayre, t. II, 72 : *Pel d'Ase*.

Garrett tratou litterariamente este thema no poemeto *Sylvaninha*, com muita comprehensão artistica.

O thema do incesto que apparece na sua tremenda monstruosidade moral no bruto desejo do pae pela filha, foi outra vez tratado na tradição popular sob uma nova situação em duas versões oraes de Traz-os-Montes. O incesto passa-se com o irmão, como reflexo da lenda biblica de Tamar. Nos dois romances que aqui se incorporam, o irmão incestuoso chama-se D. Basinho (diminutivo de Bueso). Aproximam-os de uma versão andalusa.

#### D. Thomazia

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Dois filhos tenia o rei,  
Ambos lindos como a prata :

O mais novo d'elles todos  
 Dom Basinho se chamava.  
 Querendo elle tomar amores  
 Com sua propria hermana,  
 Pela não poder vencer  
 Fez-se doente de cama ;  
 Madrugou seu pae a vê-lo  
 N'uma doce manhana.

- Como estás, oh Dom Basinho,  
 O' filho da minha alma ?  
 «Que estou muito doentinho !  
 Doente, sem comer nada.  
 — Que comeras, Dom Basinho,  
 Que comeras, que eu t'o *dara* ?  
 «Comera um guisadinho  
 Feito por mãos de Thomasia.  
 Thomasia, que me lo guise,  
 Thomasia, que me lo traga.  
 Em companhia de Thomasia  
 Não venha nenhuma alma.

Lá se vae Dona Thomasia  
 Por essas salas doiradas,  
 N'uma mão leva o guisado,  
 Na outra alvas toalhas.  
 Pegara no guisadinho  
 Para traz do leito o botára  
 Pegara-lhe pela mão,  
 Em cima do leito a deitara ;  
 Atara-lhe as suas mãs  
 Com uma fita encarnada ;  
 Tapara-lhe a sua bocca  
 C'um lenço que ella levava ;  
 Fizera-lhe o que elle quizera  
 E na cara lhe escarrara.  
 Justiça de Deus ! justiça  
 Da terra não vale nada.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 69. Rev. lusit., vol. IX,  
 p. 304.)

#### D. Estephania

(TRAZ-OS-MONTES — *Lousa*)

Um rei tinha tres filhas,  
 A mais velha se chamava

Dona Estephania ;  
 Seu mano a escolheu  
 Para ser a sua dama.  
 Deitou-se sabbado á noite  
 Até domingo de tarde ;  
 Sua mãe, que lhe tardava,  
 A' cama o foi procurar.

—Que tens tu, meu filho,  
 P'ra ainda estares na cama ?

«Eu morro de mal d'amores  
 Pela mana Estephania.

—«Que comerás tu, meu mano,  
 Que te hei de trazer á cama ?

«Um migalho de cabrito  
 Que tu assasses, Estephania.

Estephania assou o cabrito,  
 Foi leval-o á cama.

—«Parece que estás maluco,  
 Não vês que sou tua mana !

Apenas isto ouviu,  
 Nem o cabrito comeu ;  
 Viu-se coberto de bichos,  
 Castigo que Deus lhe deu.  
 Veiu-lhe uma carta do céu  
 Mandada por Deus *devino*  
 Que fosse a Roma descalço  
 Como um pelingrino.  
 Que bebesse boas aguas  
 E deixasse bonos vinhos ;  
 Dormisse em cama de tojos  
 E a cabeceira de espinhos.  
 Acabou de lêr a carta  
 E logo o homen morreu,  
 Não pôde ir cumprir a Roma  
 O perdão que Deus lhe deu.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 2, Rev. lusitana, vol. VIII,  
 p. 72.)

Este romance apparece na tradição popular de Osma, com  
 o titulo de *Altamare*. (Vid. Menendez Pelayo, *Antologia de  
 Poetas liricos*, vol. X, p. 196.) :

**Altamare**

Er rey moro tenia un hijo,  
 Que Taquino le yamaban;  
 S'enamoró de Artamare  
 Qu' era su querida hermana.  
 Biendo que no podia ser,  
 Malito cayó na cama,  
 Y fué el padre á bisitarlo  
 Un lunes por la mañana.

- Qué tienes, hijo Taquino,  
 Qué tienes, hijo del arma?  
 «Mi padre, una calentura  
 Que me ha traspasado el arma.  
 —Quiéres que te guise un bicho  
 D'esos que se crián en casa?  
 «Guísemelo usté, mi padre,  
 Que me lo traiga mi hermana.  
 Y si mi hermana biniere,  
 Benga sola y sin compañía.

Como era en berapo,  
 L'ha mandado en naguas blancas.  
 Apenas l'ha bisto entrar,  
 Como un leon se le abansa;  
 L'h'agarrado en la mano  
 Y la echó sobre la cama;  
 Gosó d'este hermoso lirio  
 Y d'esta rosa temprana.

- Benga castigo der cielo,  
 Ya que en la tierra no hayga.  
 Que castiguen á mi padre  
 Qu' é'r que ha tenido la causa.

Foi publicado este romance por Rodriguez Marin no Bole-  
 tin Folklorico español; pelo seu titulo vê-se que é o caso de  
 Thamar e do incestuoso irmão. O facto de se encontrar na  
 tradição de Traz-os-Montes, para onde foram deportadas  
 muitas familias judaicas no fim do seculo xv para xvi, reve-  
 la-nos esse fundo tradicional popular hoje melhor conhecido  
 pelos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante, que  
 eram na sua maior parte portuguezes.

**2 — Conde Yano; Conde Alberto; Conde Alves; Sil-  
 vana; Dona Iria; Conde Alarcos; Conde de Alado; Con-**

de **Elarte; Conde de Alado; Conde Olario; Conde Algalia** — (*Romanceiro*, t. 1, p. 486 a 556.) E' um dos romances mais tragicos da poesia peninsular, sobre que se formaram melodias que mais o popularisaram. Na *Vida del Picaro*, estancia 6, lê-se :

Alçar las haldas, e atravesad los charcos  
 porque no os chalpiqueis en el camino  
 De los que cantan lo del *Conde Alarcos*.

A sua grande popularidade fez com que fosse glosado pelos trovistas e se transformasse na Comedia famosa; o thema heroico appresenta uma degenerescencia burgueza na versão italiana e em uma asturiana.

Qual será a razão porque este romance é o mais vulgar na tradição portugueza? Será porque tem alguma similhaça com o assassinato de Dona Maria Telles pelo Infante Dom João, para casar com a filha da rainha Dona Leonor? Duran, (*Romance general*, t. II, pag. 219) quando apresenta o romance do Duque de Bragança compara-o com o do *Conde Alarcos*, e crê que o da tradição oral se refere á historia. O romance do *Conde Alarcos* (Duran, n.º 365), foi tirado dos Romanceiros hespanhoes por Balthazar Dias, e por elle glosado, como se vê pelo *Index Espurgatorio* de 1624, que prohibe: «a sua Glosa, com o Romance, que começa: *Retrahida está a Infante.*» (Pag. 98). Na collecção hespanhola é elle mais extenso, d'onde se vê que a versão popular foi d'ali abreviada. É um dos quadros mais completos dos costumes feudaes, e o facto do *emprasamento*, fez suppor a Duran, que será da epoca da Fernando IV, o *Emprasado*. Garrett queria á força dar lhe origem portugueza: «eu me inclino a que o trovador castelhano alargasse a lyra do menestrel portuguez, do que vice-versa.» (Rom., t. II, p. 41). Hypothese inadmissivel á vista dos factos apontados. O *Conde Alberto* tem varios nomes nas diversas provincias: no Minho chamam lhe *Conde Albano*, no Porto *Conde Alberto*, na Beira-Baixa *Conde Anardos*, *Dom Duarte*, *Conde Yano*, como colligiu Garrett, e *Conde Alves*, como o obtivemos d'aquella mesma provincia. Na poesia popular da Catalunha é conhecido pelo nome de *Conde Floris*. (Milá y Fontanals, *Observaciones sobre la Poesia popular*, p. 20). Ticknor, (*Historia da Litteratura hespanhola*, t. I, p. 131, not. 32) considera esta composição jogralesca de Pedro de Riano, «como a composição mais pathetica e bella que se tem escripto.» Guillen de Castro, Mira de Amescua, José Milanes, e Lope de Vega na *Fuerza lastimosa*, aproveitaram-se dos lances profundamente dramaticos d'esta creação.



Na versão de Garrett ha o *maravilhoso* de uma criança que falla ao peito da mãe; na versão da Beira-Baixa ha uma quasi semilhança do emprazamento da lição hespanhola, o que a torna mais antiga e mais proxima da sua origem.

A versão açoriana que apresentamos é de Ribeira d'Areia; tem uma originalidade e traços pittorescos não conhecidos. Bem se vê que ali está ainda em elaboração a poesia, por isso que da pequena circumstancia por onde Sylvana começa a accusar o pae, sae esta fusão do romance do *Conde Yano*; tambem as lições da Beira-Baixa e do Porto começam com a abertura do romance da *Sylvana*, o que revela a tendencia que os dois romances têm para se fundirem. O dr. João Teixeira Soares descreve-nos o logar de Ribeira de Areia como: «uma pequena povoação na vertente norte da ilha de Sam Jorge, no extremo do concelho das Vellas a confinar com o da Calheta. E' uma das mais antigas povoações da ilha. E' notavel a elaboração que ali soffre a poesia popular. As mais das vezes, porém, os romances apparecem obliterados e confundidos, outros, com uma completa modificação na idéa ou na fórma. D'este ponto resultaram para a presente collecção versões e variantes curiosas, como v. deve de ter advertido. Muitas vezes tivemos de desprezar as versões pela sua grande adulteração. Ainda que recebiamos a rejeição da nossa versão do *Conde Yano*, sempre a offerecemos em prova do que dizemos.» Recebemos mais tres versões do *Conde Yano*, bellas e antigas, mas tão conformes com a lição da Beira-Baixa, que as rejeitámos por isso. Basta-nos esta advertencia para as supprir. A versão de Ribeira d'Areia é superior a todas as que temos colligido. Diz mais o nosso digno collector: «*Conde Yano* é a denominação mais geral d'este romance aqui. Em Rosaes chamam-lhe *Conde Delpho*, e *Conde Dalvos* na Ribeira de Nabo.»

O *Conde Yano*, na collecção dos *Romances asturianos de Amador de los Rios*, é o n.º xxxvi; diz elle que nas regiões orientaes da Peninsula se chama *El Conde Flores*. (*Hist. crit., de la Litteratura espanola*, p. 454.

Na versão de Vinhaes o *Conde Alarcos* é chamado Conde de Allemanha; a versão transmontana dá uma certa logica á morte imposta pelo rei :

### Conde de Allemanha

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

«Casae-me, meu pae, casae-me,  
A edade me requeria ;

Pois as outras do meu tempo  
Homem e filhos já tinham.

—Pois n'esta terra não ha  
Homem de tanta valia.

«Pois esse Conde de Allemanha  
Muito bem me serviria.

—Mas esse Conde de Allemanha  
Filhos e mulher já tinha.

«Mandae-m'o chamar, meu pae,  
Para vir jantar um dia.

Inda no meio do jantar,  
A princeza se sorrija :

«Não te lembras tu, oh Conde,  
Dos brinquinhos de algum dia ?

—Conde ! matae a Condessa,  
Casae com a minha filha.

—«Como a heide matar,  
Se a morte m'a não merecia ?

—Se tu isso não fizeres  
A vida te custaria.

Fôra o Conde para casa  
Mui triste de sua vida ;  
Pozeram-lhe de comer,  
Com a pena não comia,  
Com as lagrimas nos olhos,  
Onde a voz amollecia.

=O que me dás de tristezas  
Podes dar de alegrias.

—«Como t'as daria eu,  
Esposa da minha vida !  
El Rei manda que te mate,  
Eu que lhe case co'a filha.

=Esse ladrão d'esse rei  
Rixas traz com gente minha ;  
Já mandou matar meu pae  
E a um hermano que eu tinha.

Deu uma volta á sala  
E voltou pela cosinha :

=Adeus, môças ; adeus, aias,  
A quem eu tanto queria !

Mandae chamar um barbeiro,  
 Que me abra uma sangria,  
 Para me estinhar o sangue  
 Antes que amanheça o dia.  
 Anda cá, oh meu menino,  
 Mama o leite da amargura ;  
 A'manhã já estarei morta,  
 Já me levam á sepultura.

Caiu uma carta do céu  
 Por Deus fôra escrevida :  
 O rei já era morto  
 E a princeza sua filha.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 66. Rev. lusit., t. IX, p. 302.)

Na versão de Poiares (Ib., n.º 100), allude-se á morte pela sangria :

- Dá-me uma sangria solta  
 Ao uso da fidalguia.  
 —Como isso poderá ser,  
 Sendo tu condeza minha ?  
 ... ..  
 Dobram os sinos em Braga,  
 Ai Jesus ! quem morreria ?  
 Morreu o ladrão do rei  
 E a Infanta sua filha !  
 Disse logo o Conde Alvar :  
 —Tape-se essa sangria ;  
 Que em comendo gallinha  
 Logo se o sangue cria.

Agora a versão asturiana, como base da comparação :

### La Infantina

La Infantina está muy mala,  
 Llena de melancônia,  
 Con el Conde d'Mayorguia.

- Quando yo te quis casar  
 Con el Conde d'Mayorguia,  
 Fuisteme decir que aun eras  
 Para maridar muy niña.  
 Agora casarte queres ;  
 Ningun de tu igual habia.

«Cáseme, padre, el mi padre,  
 Pues que tengo mucha prisa ;  
 Que otras fembras de mi tiempo  
 Mantienen casa é familia.  
 Mándele á llamar, mi padre,  
 A' comer de medio dia ;  
 A' los manteles alzados  
 Dirále de parte mia,  
 Que mate la su mujer  
 E' case con la Infantina.

Mandóle á llamar elRey  
 Con un page que ende abia.

- «Qué me queria el buen Rey,  
 El buen Rey, qué me queria...?  
 —Que mates á tu mujer  
 E' cases con la Infantina.  
 —«Como he de matar yo, elRey,  
 A' quien tanto me queria?...  
 —Mata la tu mujer, Conde,  
 Sino, yo te mataria.

Salio el Conde de palacio  
 Con mas pesar que alegria.  
 Su mujer está á la puerta,  
 Que una estrella parecia.

- «—Qué te queria el buen Rey,  
 El buen Rey que te queria ?  
 —«Lo que me quiere el buen Rey  
 A' ti no te placeria.  
 Mandame que te dé muerte,  
 E' case con la Infantina.  
 «—Como hasde matar tú, Conde,  
 A' quien tanto te queria ?  
 —«Está la sentencia dada,  
 Será la tuya ó la mia.  
 «—Para ser la tuya, Conde,  
 Mi muerte pertenesca.  
 Enviárasme á largas tierras  
 Que padre y madre tenia ;  
 Los camisones de Holanda  
 De allá te los mandaria ;  
 Yo te amara, Conde amigo  
 Como siempre te queria ;

- Yo te amara, Conde amigo  
 Mejor que la vernia.  
 —«Callades, mujer, callades,  
 Callades per la mi vida ;  
 Que la sentencia está dada  
 E' no me pertenescia.  
 «—Dexedesme decir, Conde,  
 Una oracion que sabia.  
 —«Si la oracion es mui larga,  
 Que logo se acabaria.

Fize oracion la cuitada, <sup>2</sup>  
 Fize su oracion bendita.  
 El Conde le echó un pañuelo,  
 Lo apretó cuanto podia ;  
 Con el fervor de la sangre  
 Estas palabras decia :

- «Válgame el Rey de los cielos,  
 Gloriosa Santa Maria !

Non dixera estas palabras  
 El page del Rey venia :

- ==Non mates la mujer, Conde,  
 Que ya murió la Infantina.

(Menendez Pidal, *Romances asturianos*, n.º XLVIII, p. 185).

No *Romancerillo catalã*, de Milá y Fontanels, n.º 237 *Cruet Infanta* ; Primavera y Flor de Romances, n.º 260. (Ed. Menendez Pelayo.

Com o titulo de *La Aldeana*, aparece este mesmo thema tratado por uma nova forma : não é a filha do Rei que exige a morte da mulher do Conde, é a propria rainha com ciumes. O final do quadro é de aspecto tragico inexcédível

- La Aldeana mata, Conde,  
 Conde, mata la Aldeana.  
 «No la mataré yo tal,  
 Sin saber muy bien la causa !  
 —Toda mi vida por ella  
 Vivo yo muy mal casada.

Entre estas palabras y otras  
 El Conde fuese á su casa.

«Ven acá, perra traidora,  
 Hoy pagarás tu distama ;  
 Y antes del amanecer  
 Hasde morir degollada,  
 Que elRey así lo mandó,  
 Y hay que cumplir lo que manda.  
 —«Si causa tuviere elRey,  
 Lo que mandó, que se faga.

De tres hijas que tenia  
 Llamara la mas galana.

=Qué me quiere, madre mia,  
 Qué me quiere é que me manda ?  
 —«Quiérote, hija de mis penas,  
 Que me fagas la mortaja ;  
 Que antes del amanecer,  
 He de morir degollada.  
 Quitarásme la cabeza,  
 Preste tú irás á apañarla,  
 Y entre dos fuentes de oro  
 Al Rey habrás de entregárl'a.

Estando el buen Rey comiendo  
 La niña al palecio entraba :

=Buenos dias, el buen Rey.  
 —Bien venida, hija galana,  
 =Vengo á traer esta trucha  
 Que mi madre le enviaba.  
 —La Reina hallarála dulce,  
 Para mi es triste y amarga !

La Aldeana murió de noche,  
 La Reyna por la mañana.

(*Ib.*, n.º XLIX, p. 188.)

Este extraordinario processo de transformação de um thema poetico apparece tambem na tradição popular italiana. Nos *Canti popolari del Piemonte*, publicou o conde Nigra, *La fillia del Re*, (p. 71) que elle compara com as versões castelhana, portugueza, gallega e catalã ; o quadro italiano é lacónico : a filha do rei quer desposar-se com o homem casado, que tem sua mulher e filhos na Hollanda ; o cavalleiro chega a casa e refere as novas que não são boas para elle nem para ella. Separam-se então, e elle fica com o filho mais velho e a mulher com o mais moço e termina :

Che grossa dispartita  
 Ch'a sará antro nui dui !  
 Che gran malinconia  
 Che j'avran mai nui.

**3. Helena ; Olindinha ; Dom Beço ; D. Pedro ; D. Bruno ; Flor Dia ; Albuela**—(*Romanceiro*, vol. I, p. 556 a 584.) E' a narrativa da sogra malvada, que promove a morte da sua nora desditosa provocando a brutalidade do marido: este thema pertence ao fundo tradicional lusitanico, encontrando-se paradigmas nas Asturias e Galliza, Traz os Montes, Beira Baixa e Algarve, Açores e Brasil. O thema da má sogra tem um outro desenvolvimento no Algarve e Brasil, em que a sogra se mostra indifferente e crúa, quando a nora está nas angustias mortaes do parto. Escreve D. Carolina Michaëlis nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular :

«Ha na peninsula quatro grupos de romances, originalmente diversos — cada um com variadissimas versões, em differentes dialectos — em que uma mulher (dona ou donzella) padece tormentos sem os merecer. Todos os quatro têm a mesma assonancia grave, (em *ia* relativamente moderna.) São: 1.º *D. Silvana*, infeliz pela culpa de um pae desnaturado; 2.º *D. Helena*, morta por causa da traição da má sogra; 3.º a mulher do *Conde Yano* (Solisa, Silvela e Silvana) desgraçada pela antiga amante do marido; 4.º *D. Bernarda*, a menos popular das quatro, cujo nome por isso não varia, e que sofre por não consentir na deshonra da propria mãe, a amante do *Conde de Allemanha*. A vivissima, mas mal disciplinada phantasia do povo, confunde, mistura e amalgâma estas quatro figuras, martyres da sua honra; tanto os nomes proprios das heroínas, como os preludios que prendem as quatro tragedias, e muitos traços pequenos, são hoje propriedade commum dos quatro cyclos, demonstrando claramente a tendencia popular (inconsciente) de fundir em uma só tragedia de horrores todas as quatro (principalmente as tres primeiras.)» (*Rev. lusit.*, t. II, p. 234) No Romanceiro transmontano encontram-se colligidas duas versões, com grande côr de antiguidade, mas sem situações differentes das aqui comprehendidas, por isso não as incorporamos. A versão divergente, que se encontra no Algarve e Brasil (*Flor do Dia*) apparece na tradição de Traz os Montes, na mesma fórma da redondilha menor com o titulo de *Branca flor*. (*Romanceiro transmontano*, n.º 19; *Rev. lusit.*, vol VIII.) D. Carolina Michaëlis publicou outra versão com o titulo *A má sogra*, que os pastores de Urros, em Traz os Montes «cantam acompanhando-a

com a sua flauta,» onde a ouvira cantar em 1887 com o titulo de *Quadras da Branca rosa*. Na *Revista lusitana*, t. II, p. 238, transcreve a *Branca rosa*, em que os versos são completados por transições em prosa, e com o syncretismo dos romances de Santa Iria, causado pela similaridade da metrica. Começa :

—Vae-te d'ahi, amor,  
Vae-te a passear.  
«Como heide ir, triste  
Coração e deixar te?

O Romance *Helena*, versão do Viunioso, (n.º 97, *Rev. Lusit.* ix, p. 319) acaba pela confissão da desditosa, ficando incompleta :

Lá no meio do caminho  
Helena dera um ai.

—Por que suspiras, Helena,  
Por que dás tão grandes ais?  
«Repara para o meu cavallo  
Se queres vêr como elle vae?  
Toda alagado em sangue  
Que d'este meu corpo sae.  
Leva-me áquella ermida,  
Que me quero confessar.  
—N'aquelle ermida, Helena,  
Nem confessor lá ha;  
Confessa-te a mim, Helena,  
Que Deus te hade perdoar,  
D'esses pecados maiores,  
Dos outros não ha vagar.  
A quem deixas o teu fato,  
Que hagas tu te tragar?  
«A' minha irmã mais velha,  
Que bem lhe hade pintar.  
—A quem deixas o teu ouro  
Que deixas tu de trazer?  
A' minha irmã mais nova,  
Que bem lhe hade parecer.

O romance a.º 49, de Baçal, tem o titulo de *Romance de Segada*, trata este mesmo thema; ha o maravilhoso : (*Rev. Lusit.*, ix, p. 293):

O menino de tres dias  
Começou a fallar :



—A mim chamem Umbeino,  
Eu ainda estou por batizar.

Transcrevemos aqui uma das versões das Asturias, para base da comparação com as numerosas variantes d'este tema patheticó:

### **Dona Arbola**

Estándose Dona Arbola  
Sentadita en su portal,  
Guya d'oro, dedal : 'oro  
Cosa en un cabezal.  
Entre puntada e puntada  
Dolor de parto le dá ;  
Sus manos blancas retuercen,  
Sus anillos quieren quebrar.

—Oh palacios, los palacios,  
Palacios del Valledal ;  
El Rei mi padre vos fizo,  
Quien fuera parir allá !

Alli llegara la suegra,  
(Mas valera não llegar) :

«Tu que tienes, Arbolita,  
Que así no solías estar ?  
Doña Arbola, quieres parir ?  
Vé parir al Valledal ;  
Allí tienes padre y madre  
Que de tí se dolerán ;  
Allí tienes tus hermanas,  
Que al niño bautizarán.

—Y si mi Don Marcos viene,  
Quién le dará de cenar ?

«Yo le daré del mi vino,  
Yo le daré de mi pan ;  
De la caza que él trajese  
Mandaréte la mitad ;  
De la perdiz algo menos,  
De la paloma algo más.

A eso dé la media noche,  
Da Don Marcos en portal.

—«Dónde está mi espejo, madre,  
Donde me puedo espejar ?

- «Qué espejo quieres, mi hijo,  
El d'oro ó el de cristal ?  
Si quieres el d'azabache  
Tambien lo he de irte á buscar.
- «No quiero, madre, el de oro,  
Nin tampoco el de cristal,  
Nin tampoco el d'azabache,  
Non me lo vaya buscar.  
Dónde es mi esposa Arbola,  
Que es mi espejo natural ?
- «A tu esposa doña Arbola  
En fuego deben quemar ;  
Dolor de parto sintiera,  
Fué parir al Valledai.  
A mi tratóme de p . . . ,  
A ti de hijo de rufian.

- «Ensilla el caballo, mozo,  
Que la quieto dir buscar.
- Sin detenerse un momento  
Fuese para el Vailledal.  
Siete vueltas dió al palacio  
Sin hallar por donde entrar ;  
El viejo padre de Arbola  
Asomóse á un ventanal.

- «—Albricias vos doy, Don Marcos,  
Que un hijo varon tien yá.
- «Tenga varon, tenga hembra,  
Que se baje para acá ;  
Y si á mandar se le vuelvo  
Hade ser con mi puñal.
- «—Si muere por el camino,  
Tú ante Dios responderás.

Arbola desde que lo overa  
De la celda donde está,  
Besando al recién nacido,  
Comenzára a suspirar.  
Sin detenerse un momento  
Bajóse luego al portal :  
La cogiera entre sus brazos,  
Tiróla encima el ruan.  
Siete leguas anduvieron  
En sin palabras hablar.

- «Por qué no me hablas, Arbola,  
Como me solias hablar ?  
—Como quieres que yo t'hable  
Si no puedo respirar !  
Mujer parida de una hora,  
Cómo podrá caminar ?  
Mira estos montes de Cristo  
Colorados como estan ;  
Las crinas de tu caballo  
Bañadas en sangre van ;  
La silla de tu caballo  
Semeja un fino coral.

Entre estas palabras y otras,  
A' una ermita van llegar.

- Bájame aqui, Don Marcos,  
Que me quiero encomendar  
Este niño que aqui llevo  
Me lo dereis á criar !  
No lo deis a vuestra madre,  
Que ella me lo ha de matar ;  
A' mi madre lo dareis ;  
Ella bien lo criará.  
Por Dios vos pido ermitaño,  
Que me querais confesar.

Desde que la confesion fué dicha  
El alma quiso entregar.  
Desprende el niño los labios,  
Por gracia que Dios le dá :

- Mi madre vá pa los cielos,  
Yo voy á la oscuridad ;  
A' mi agüela en los infiernos  
Los diabos la quemarán ;  
Mi padre, si non se enmienda,  
No se sabe dónde irá

(*Romances asturianos*, n.º xxxv, p. 148, de Menendez Pidal.)

A variante asturiana *Marbella*, n.º xxxv, é mais violenta nos seus traços, mas menos bella ; Amador de los Rios colligira outra versão com o título *Arbola*. (*Hist. da Litt. esp.*, t. VII, p. 447). Don Joaquin Costa colligiu en Pirineo d'Aragão uma lição que se intitula *Carmona*, e se canta como *Albata* ou

*Alvorada*. (*El Folk-Lore andaluz*, p. 76.) E' tambem cantado o romance colligido em Alcalá del Rio, (ib., p. 40.) na Andaluzia, que pertence ao substratum luso. No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, o n.º 243: *La mala suegra*. Nas *Cansons de la Tierra*, de Pelay Briz, t. II, p. 39, com este thema: *Don Juan*.

Ha uma referencia na *Arte de Galanteria*, de D. Francisco de Portugal, p. 85, ed. 1670.

Nos *Romances tradicionaes de Asturias*, N.º 31 *D. Arbola*; n.º 32 *Marbella*. D'elle escreve Menendez Pelayo:

«No se encuentra en las antiguas colecciones castellanas, pero es de los que mas abundan en la tradicion oral de varias provincias.» (*Antologia*, t. x, p. 97.)

Andaluzia e Extremadura: *Carmela*, n.º 23 (p. 191.); *Id.*, p. 221; *id.*, *Dofia Arbola*, p. 226, Nos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante vem duas versões com o titulo de *Miralbella*, (Menendez Pelayo, *Ant.*, vol. x, p. 313.)

**4. Dona Anna; Alferes matador; Rei Traquilha; D. Branca; Flor-Bella; Pobre Viuva**—(*Romanceiro*, t. I, p. 590 a 603.) E' grande a diffusão d'este thema da donzella raptada, e que se deixa matar para salvar a sua honra. Existem versões bellas nos grandes centros tradicionaes de Trazos-Montes, Beira Baixa e Açôres; acha-se nas colleções folkaloricas de França e da Italia e Hespanha, interessando-nos principalmente as versões das Asturias, pelo seu fundo ethnico. No *Romanceiro transmontano*, n.º 24 (*Revista lusit.*, vol. IX) vem uma lição com o titulo de *D. Anna*. Este thema tende a syncretisar-se com o do *Rico Franco* e o da *Romeira*. O mesmo phenomeno se dá com a lição asturiana, *La hija de la viudina* (*Viejos Romances*, n.º XLII, p. 172, de Menendez Pidal.) Transcrevemos a parte especial do thema :

Paseábase la Viudina  
 Con dos fijas que ende habia;  
 Por la mano las llevaba,  
 Por la mano las traía;  
 Por la mano las llevaba  
 A' la fuente del agua fria;  
 Mas relucientes que estrellas,  
 Como las rosas garridas.  
 Vierónlas dos caballeros,  
 E' muy bien les parecian.  
 Ya se acercan, ya se llegan  
 E' por el camin decian :

- Cual será la más fermosa ?  
 Cual hade ser la más linda ?  
 «La de morado es bella,  
 Es bella, por vida mia.
- La que viste colorado  
 Mejor denaire tenia.  
 «Deixemos esta querella,  
 Que ya se fenesce el dia.  
 Venir, que vino, la noche  
 Fueron en cas la Viudina ;  
 Rezando estaba el rosairo,  
 Como costumbre tenia.
- Viudina, (ambos le dixeron)  
 D'onde estan las tus dos figas ?
- «Mis figas, los caballeros,  
 Fueron en una visita.

A una voz ambos responden :

- Miente, miente la Viudina ;  
 Que sus figas son en casa  
 Eso bien yo lo sabia.  
 Encendamos una luz,  
 Que yo so las buscaria ;  
 Encendamos una luz,  
 Veredes vuestra mentira.

Con el ruido que ficieron,  
 Despertara la mas linda :

- =Dexedesme, caballeros,  
 Si lo sois en cortezia ;  
 Deixedesme vestir sola  
 La mi morada basquiña.  
 «Vestir podés, la señora,  
 Esa, é quantas más habia ;  
 Vestir podés fasta cuatro,  
 E' fasta las cinco ansima.

Ya se viste, ya se viste,  
 Ya sus sayas se vestia :  
 Y al salir por la su puerta  
 Estas palabras decia :

- =Adios, quedad, la mi madre,  
 Adios, hermana querida ;

Que ya non tornaré á veros  
En los dias de mi vida.

Fuèronse por esses montes,  
Fueron por una montiña ;  
En un roble dal fincaban,  
E' de amor la requerian.  
E' maguer que estaba sola  
Su honor defiende la niña.

.....

N'esta defeza é que o thema se assimila com o do *Rico Franco* e com o da *Romeira*, ou melhor, continnando as tres versões da *Venganza de honor* n.º XXXIX a XLI. O Conde Nigra nos *Canti popolare del Piemonte*, p. 309, traz este mesmo thema em um pequeno romance, *L'onore salvato*, em que a donzella regressa á casa paterna com a sua honra salva. No pequeno estudo com que o acompanha cita numerosos paradigmas, em Ferraro, *Canti popolari Monferrini*, n.º 51 : *La Risuscitata*, Marcoaldi, *Canti popolari inediti*, p. 162. D'Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, I, p. 143 *Los trois Capitaines*. Champfleury, *Chansons popul. des Provinces de France*, p. 95.— Boujaud, *Chants populaires de l'Ouest*, t. II, p. 174 : *Dessous le rosier blanc*. Cahu Bayone, t. I, p. 174, versão do paiz basco ; e Decombe, *Chants populaires de l'Ille et-Vilaine*, (Bretanha) I. 84.— Child estabeleceu as relações d'este thema com a poesia popular anglo-saxonica prefaciando a ballada *The gay geshawk*. (*The english and scottish popular Ballads*, t. III, 174.)

Gerard Nerval (*Bohème galante*, pag. 71) traz uma canção bourbonesa, *La jolie Fille de la Garde*, tambem conhecida na Picardia. No Pays Messin foi colligida uma outra versã : por M. de Puymaigre (*Vieux Auteurs Castil.*, t. II, p. 478) o

Au chateau de Baufort y avait trois belles filles,  
Elles sont belles, belles comme le jour ;  
Trois de nos capitaines leur vont faire l'amour.

.....

Le plus jeune des trois, celui qui la courtise,  
A mis la belle sur son cheval grison,  
Puis ils l'ont emmenée droit à la garnison.

Deux ou trois jours après, la belle est tombée morte,  
Sonnez, trompette, et le tambour joli :  
Voilà la belle morte sans en avoir joui.

Il faut enterrer dans l'jardin de son père ;  
 Au dessus de sa tombe on mettra par écrit :  
 =Voilà la belle morte sans en avoir joui.

Deux, ou trois jours après, le père qui se promène  
 A vu le tombeau frais . . . « Mon père si vous m'aimez,  
 Faites ouvrir la tombe :  
 J'ai fait trois jours la morte pour mon honneur garder.

### D. Anna

(VERSÃO DE TRAZ-OS-MONTES — *Maçôres*)

N'aquella Villa Viçosa  
 Entrou a cavallaria ;  
 Foi por uma rua abaixo,  
 E virou por outra acima.  
 Viu-se estar n'uma *jinella*  
 Duas meninas *mun* lindas.  
 Disse o tenente p'r'o Alferes :

—Qual d'ellas é a mais linda ?  
 «Oh, aquella de azul claro  
 Essa é uma maravilha !  
 —Heide-la roubár a noite,  
 Antes que me custe a vida !

Com vinte e cinco soldados  
 Foi p'ra sua companhia ;  
 E á meia noite em ponto  
 O tenente á porta batia.

—«Oh, quem bate a minha porta,  
 Olhe que inda *num* é de dia !  
 —Num é comsigo, Dona Anna,  
 Mas é com a sua filha.  
 —«Minha filha *num* está cá,  
 Foi a dormir com a tia.

Entrou pela porta a dentro  
 Sem nenhuma cortezia !  
 Sete salas descobriram  
 Sem acharem a menina ;  
 Chegaram ó aposento  
 Onde ella estava dormida.  
 Levantou se a mãe da cama  
 A dar conselhos á filha :

—«Oh filha, faze pela honra,  
Que eu tambem fiz pela minha.

A desgraçada Dona Anna  
Em lagrimas *le dezia*:

—Honra as barbas de meu pae,  
Que a minha já vae perdida!

A' sahida do palacio  
O tenente *le précurava* :

—Lá em casa de seus paes  
Como elle se chamava?

—Em casa de meus paes,  
Chamava-se-me fidalga,  
Agora por esses mundos  
Serei infeliz, desgraçada!

Inda lá mais adiante  
O tenente *le précurava* ;

—Em casa de seus paes  
Como ella era tratada?

—Em casa de meus paes  
Comia gallinha assada,  
Agora por esses mundos  
Comerei sardinha salgada.

Inda lá mais para diante  
O tenente a *accomettia* ;  
E ella como discreta  
Respondeu-le que *num* queria.  
Puchou por um punhal de ouro,  
Que o cavalleiro trazia ;  
Meteu-l'o por um lado  
E ó coração *le sahia*.  
Pegou n'ella em seus braços,  
E á sua mãe *lurvou* á filha ;  
E assim fallou á Dona Anna  
Para maior tyrannia :

—Oh Dona Anna, oh Dona Anna,  
Eis aqui a tua filha,  
Honrada e virtuosa,  
*Mum* bem *le* custou a vida.

—«Justiça do céo, valei-me,  
Que na terra nem n'a havia,



P'ra matar o cavalleiro  
Que matou a minha filha.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 24. lb., p. 277.)

**5. Guimar ; Dom João ; D. Agueda de Medina ; Pom-  
ba sem fel ; D. Maria** — (*Romanceiro*, vol. I, p. 603 a 625.)  
O thema é um amor contrariadoq pela familia da namorada :  
diversas peripecias se appresentam, em que a menina suc-  
cumbe e resuscita na volta do amante, ou escapa da doença  
mortal e tudo termina em bem ; em outras situações ha con-  
flicto entre rivaes, ou o perdão concedido pelo rei á filha ina-  
balavel no seu amor. A versão de *Guimar* encontra no *Rom-  
ancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 249, um simile  
intitulado *La amante resuscitada*. Ahi apparecem os mesmos  
nomes D. João e D. Maria, e termina quasi com os mesmos  
versos :

Que dè la mano a Don Juan  
Que muy béen lo merecia.

Nos *Cantos populares de Italia*, de Caselli, p. 204 e 207, en-  
contram-se dois romances com grande analogia ao nosso, ex-  
cepto no final, em que o desenlace não se dá pelo milagre.  
Eis a versão piemontesa em facil tradução :

N'esta terra ha um mancebo  
Que pretendia casar ;  
Foi pedir a conversada  
E não lh'a quizeram dar.  
Ficou com esta recusa  
Tão afflicto e amargurado,  
Que disse adeus aos amigos  
E foi fazer-se soldado.  
Recebeu carta depois  
De pouco tempo passado ;  
Uma carta bem fechada  
Em que lhe era declarado :

=A tua querida amante  
Está de cama a morrer.

Foi-se ter com o capitão,  
Aos pés d'elle se foi ter :

«Capitão, por vossa alma,  
A baixa me concedei.

O Capitão lhe pergunta :

—O que queres tu fazer ?  
 «Quero ir vêr a minha amada,  
 Que está de cama a morrer.

Já vinha perto da terra,  
 Ouvia os sinos tocar.  
 Tocam sinos n'um enterro ;  
 O defunto quem será ?  
 Ao entrar na sua terra  
 Foi quando ouviu o resar ;  
 Era o esquife da amante  
 Que levavam a enterrar.  
 Mette esporas ao cavallo,  
 Torna outra vez para traz :

«Morreu-me o meu coração,  
 Vou ser outra vez soldado;  
 Adeus, pae, e adeus, mãe,  
 Também d'ella e seus parentes,  
 Se me dessem vossa filha  
 Estariam mais contentes.

Ferraro, nos *Canti popolari monferrini*, n.º 39, traz uma ballada *Amore sfortunato*. O thema da amante perseguida apparece na lenda da *Bella Isanberge*, filha de um rei de França, que a tem preza para pôr fim a esse amor ; ella finge-se morta, é levada para a egreja e o amante rapta-a ; impressa esta lenda em 1600, foi reproduzida depois por RATHERY no Monitor de Agosto de 1853. Este caso é também referido a Mademoiselle de Tournon, nas Memorias de Marguerite de Valois. O Conde de Nigra, nos *Canti popolari de Piemonte*, pag. 278, annotando o romance *Amore costante*, cita o trabalho de Child, sobre este thema, prefaciando a ballada *The gay goshawk* (*Op. cit.*, IV, 355) ; também Liebrecht estudou o thema universal, no *Zur Volkskunde*, p. 54 e seg.

Na poesia popular da ilha da Madeira o quadro particularizou-se a uma lenda genealogica ; na tradição da ilha de San Jorge (Açores) a filha do rei, em vez de ser metida em uma torre, como no romance do *Duc Luys* (Ap. Gerard de Nerval, *La Boheme galante*, p. 70) é metida em um navio abandonado ao fluxo do mar. Encontra-se este lance do Romance *Dona Maria*, nas tradições dos Hunnos, passando-se com a encantadora *Ailmely*, filha do rei Attila. (Am Thierry, *Legende d'Atilla*, p. 531 Rev. des Deux Mondes, 1.º Agosto, 1855.)—No *Gwerziou-Breiz-izel*, t. I, p. 161, Santo Honorato é também lançado ao mar em um tonel. N'estes dois themas

da douzella perseguida, dá se o syncretismo de uma situação de *Bernal francez*, quando vae vêr a amante morta, e da *Sylvaninha* mettida pelo pae na torre; são como neoplasias renovando a vitalidade da tradição proxima a apagar-se. O facto de metter a princeza em uma náó :

Deitaram-na n'esses mares,  
Sem velas nem remaria,  
Dona Maria foi n'ella  
Só sem a mais companhia ;

não é um capricho da imaginação popular, mas uma reminiscencia da antiga penalidade heroica.

O genio ligurico do povo portuguez revela se n'este romance; a aventura maritima inspirou-o ao povo das ilhas d'os Açôres. Não se encontra, até hoje, em collecção alguma. Parece uma tradição dos claustros bretões, quando Barontus, Kadoc e San Brendan se deixavam perder pelo Oceano, entregues ao fluxo das aguas, envelados na admiração do espectáculo da natureza. A leitura d'este romance confirma o principio de Grimm, que *o povo não mente na sua poesia*. Ha aqui um resto do antigo symbolismo juridico dos povos britonicos. O rei, vendo que sua filha amava um capitão, mandou lançal-a ao mar em um navio sem leme e sem piloto. Junto do lago de Grandlieu, o tribunal, a quem pertencia alta, media e baixa justiça, era assente em um barco afastado da terra duzentos passos. (1) Em Athenas havia um tribunal, no porto do Pireu, á borda do mar, para julgar aquelles que, tendo sido condemnados ao desterro, eram accusados de homicidio. O réo estava dentro de uma barca a alguma distancia. e d'ali se defendia, sem lhe consetirem que tocasse na praia; provado o seu crime era desamparado á mercê dos ventos e das ondas, sem remos e sem leme: «Erat vero judicium in mari; et reum quidem adnavigantem, terram non attingentem, e navi causam dicere oportebat, neque scalam, neque anchoram in terram injicientem.» (Pollux, in *Phreatt*, apud Chassan, loc. cit., p. LXXXI, aonde cita: Demosthenes, in *Isocratem*; Meursius, *Areopag.* c. XI, e Robinson, *Ant. grecque*, trad. t. I, p. 170, 282. (2)

(1) Mem. da Acad. Celtica, t. V, p. 145; apud Chassan, *Symbolique du Droit*, p. LXXX.

(2) Na Edade média, a litteratura grega era conhecida dos romancistas e tropeiros. Diz Ritson: «Nothing seems more probable than that the composers of romance were well acquainted with the ancient greck and latin poets.» Du Mé-

Nos *Cantos populares da Grecia moderna* encontram-se aventuras maritimas inspiradas pelo mesmo genio que dictou o romance açoriano; porém na legenda de *Edward* se lê: (1)

= Oh! eu matei meu pae,  
Desgraçado de mim!  
«Que pena terás tu d'isso,  
Dil-o meu caro filho.  
= Hei embarcar u'um navio,  
Minha mãe, madre minha,  
Heide ir em um navio  
Por esse mar perdido.

Na *Historia do Direito portuguez* provamos á evidencia a origem germanica dos nossos Foraes; these exposta e demonstrada muito antes de nós por Muñoz y Romero, e por isso muitos vestigios da poesia gotica existem nos romances populares portuguezes. Michelet, nas *Origines du Droit français* (p. 401) traz a seguinte lei do Norte: «Se alguém for convencido de traição, metam-no em um navio, e aguardem-no na praia até que o vento ou os remos o façam perder de vista. Logo que esteja bem longe para ser engulido pelas vagas, toquem as trombetas, e grem tres vezes: — Fuão perdeu os direitos da antiga alliança. «(Vid. Du Cange, *Gloss. vb.\* Abjuratio terrae.*)

Esta verdade, torna a nossa these mais evidente vendo as analogias profundas que existem entre os *costumes* legalizados nas cartas de Floral e as allusões, hoje sem sentido, conservadas nos romances:

A penalidade heroica do *banido*, vestigio germanico dos nossos Foraes, está lembrada nos romances de *Joãosinho e Flores e Ventos*. O tribunal sobre o mar, como se encontra na legislação grega, britonica e germanica, apparece na acção do romance de *Maria*. O *malado*, estado das classes servas da Peninsula, tantas vezes citado nos documentos do seculo XII e XIII, ainda entretece o enredo da ficção lindissima da *Filha do Rei de França*. No romance da *Condessa*, a mãe do pagem vem vingar a morte do filho com a mesma audacia da Bruhild dos *Niebelugen*. No *Gerinaldo*, Carlos Magno deixa o seu punhal mettido entre a filha e o amante, com o mesmo rigor do velho symbolismo germanico; depois, quando lhe per-

ril, na introd. do poema de *Blanceflor*, p. cvij, not. 2, modifica a proposição, mas não a rejeita.

(1) Percy, *Reliques of ancient poetry*, t. I, pag. 60.

dôa, senta-o comsigo á meza, como o maior signal da egualdade de nos tempos feudaes. No romance de *Sylvana*, o velho barão, pae da menina, deixa-a *desherdada* segundo o costume do direito germanico; é á mãe que fica recommendada; na *Donzella guerreira*, o barão feudatario não pôde, já cansado pela velhice, accudir ao *applido* do monarcha, e a filha mais velha offerece-se para ir sustentar o seu nome. A negação de dar pousada ao cavalleiro em casa do burguez, segundo os *Fo-raes de Santarem e Coimbra*, vem citada no romance de *Santa Iria*: a pena de fogo para o adulterio e para a deshonra da mulher nobre forma a acção do *Dom Claros d'Além mar*. O *cabello atado* symbolo da submissão marital, lá se vae repetindo nas cantigas, apesar de terem passados seis seculos por sobre esse uso.

Todos estes factos eram comtemporaneos na imaginação do povo, quando elle se sentiu impressionado e começou a lançar aos ventos as primeiras estrophes da epopêa dos tempos modernos; o pove, como diz Jacob Grimm, repete os cantos como lh'os trasmittiram, sem saber porque, mas com um respeito profunda.

Consignamos aqui a versão das Asturias para a comparação do estado do thema tradicional na reminiscencia portugueza :

### Doña Angela

Allá en tierras de Leon,  
 Una viudina vivia ;  
 Esta tal tenia una hija  
 Mas guapa que ser podia.  
 La niña ha dado palabra  
 A' aquel Don Juan de Castilla ;  
 La madre la tiene mandada  
 A un mercader que venía,  
 Que es muy rico y poderoso...  
 Y mal se lá quitaria.  
 El Don Juan desque lo supo,  
 Para las Indias camina ;  
 Allá estuvo siete años.  
 Siete años menos un dia,  
 Para ver si la olvidaba,  
 Y olvidar la no podia.  
 Al cabo de los siete años,  
 Para la España venia,  
 Y fuese la calle abajo  
 Donde la niña vivia :

Encontró puertas cerradas,  
Balcones de plata fina ;  
Y arrimárase á una reja  
Por ver si allí la veía.  
Vió una señora de luto,  
Toda de luto vestida.

—Por quién trae luto, mi prenda,  
Por quién trae luto, mi vida ?

«Tráigolo por Doña Angela,  
Que a Doña Angela servía ;  
Con los paños de la boda  
Enterrarán á la niña.

Fuérase para la iglesia  
Más triste que no podía ;  
Encontróse al ermitaño  
Que toca el Ave-Maria.

—Dígame do está enterrada  
Angela, la mi vida ?

—«Doña Angela está enterrada  
Frente á la Virgen Maria.

—Ayúdeme á alzar la tumba,  
Que yó solo non podía.  
Quitaron los dos la tumba,  
Que es una gran maravilla,  
Y debajo della estaba  
Como el sol quando salía ;  
Los dientes de la su boca  
Cristal fino parecían.  
Por tres veces la llamaba,  
Todas tres les respondía:

—Si es Don Juan el que me llama,  
Presto me levantaria ;  
Si es Don Pedro el que me llama,  
Levantarme no podria.

—Don Juan es el que te llama,  
Levántate, vida mía ;  
Don Juan es el que te llama,  
El que tanto te queria.

Levantóse Doña Angela

.....  
Y dió la mano a Don Juan.

=Este ha ser mi compañía,  
Que no me quiso olvidar  
Nin de muerta nin de viva.

Tomóla Don Juan en brazos,  
Mas alegre que podia ;  
En un ruan la montara,  
Y écha andar la plaza arriba.  
Encontró con el marido  
Galan que la pretendia.

»—Deja esa rosa, Don Juan,  
Que esa rosa era la mia.

Armaron los dos un pleito,  
Un pleito de chancelia,  
E echaron cartas á Roma,  
No tardaron mas que un dia :  
Las cartas vien en diciendo,  
Que Don Juan lleve la niña.  
Que el matrimonio se acaba  
Echándole tierra encima.

(*Romances tradicionales asturianos*, n.º 55. *Antologia de Poetas liricos castellanos*, t. x, p. 136). *Idem*, t. x, p. 177 : *D. Pedro*.)

O mesmo thema no *Romancerillo catalan*, n.º 249: *La amante e resucitada*.

**6. Casamento e mortalha** — (*Romanceiro*, t. I, p. 627) — Pertence ao thema geral do heroe que vem ferido mortalmente para casa, *Roi Renaud*, e que sabendo que sua mulher acabara de dar á luz um filho, quer que se lhe occulte a sua morte. Este thema foi estudado enquanto ás tradições do norte por Svend Grundtvig, comparando *Olaf* com os cantos populares dinamarquezes, suecos, noruegueses, irlandezes, escossezes, bohemios e tedescos, concluindo pela sua origem celtica. Gaston Paris tencionava estudar as origens d'este canto, que em França se chama *Roi Renaud*, *Fils Renaud Arnaut l'Infant*; em Italia é conhecido pelo titulo de *Conte Angiolino*, *Re Carlino*, *Re Luigi*, *Re Rinaldo*. Na tradição popular das Asturias, tem o titulo de *Dona Alda* (*Viejos Romances que se cantam por Asturias*, n.º XLIV e XLVII, p. 183.) Tambem se encontra no Folk Lore Frexenense, p. 129 e 180.

Torna-se immensamente interessante a versão portugueza

pela sua originalidade : a situação do heroe moribundo apresenta-se sob a emoção de não ter tempo de vida para pagar a divida da honra á sua amada. Na tradição de Traz-os-Montes foram colligidas tres versões, que mostram a antiguidade e vitalidade d'este thema.

Pela tradição oral asturiana é que se lhe determina uma origem historica.

### Dom João

(TRAZ-OS-MONTES — *Bragança*)

Tristes novas me vieram  
Lá do centro da Hespanha,  
Estava Don João doente,  
Doente por uma dama.  
Mandou chamar ao doutor,  
Os melhores que lá havia ;  
Um dizia muitas cousas,  
O outro nada lhe dizia;  
Os mais entendidos d'elles  
Tres horas de vida julgava;  
Tres horas pouco valiam,  
Uma já vae acabada.

—Uma é para satisfazer  
Para bem da minha alma;  
Outra para me despedir  
Da minha querida amada.

Estando n'esta carreira,  
Pae e mãe ali chegaram.

«Que é isso, oh Dom João,  
E' verdade o que contaram ?  
Se deves alguma cousa  
A alguma menina honrada ?

—Deixo-lhe cem mil cruzados  
Para haver de ser casada,  
«Cem mil cruzados não é nada  
Para uma menina honrada.  
—Deixarei lhe mais duzentos  
Para a mesma desgraçada.

Estando n'esta conversa  
Dona Isabel alli chegava.



- D'onde vens, Dona Isabel,  
Minha rosa enearnada ?
- Venho de pedir a Deus  
E mais á Virgem sagrada  
Que te levantes d'essa cama,  
D'essa cama desgraçada.
- Se d'esta cama me levantar,  
Oh minha rosa encarnada,  
Eu te vestirei de ouro  
E de prata agaloada.

Lançou as mãos á cabeça,  
E chamou-se desgraçada.

- Não chores, Dona Isabel,  
Não chores, pela tua gala,  
Que não te chame o mundo  
Viuva sem ser casada.
- A quem me deixas tu, João,  
A quem me deixas entregada ?
- A meu pae e minha mãe  
Para haver de ser casada.  
Aqui n'esta sala morro,  
Aqui me entrego á morte,  
Aqui me virão buscar  
Nos laços d'amor mais fortes.

(*Illustração trasmontana*, p. 40.)

\*

(TRAZ-OS-MONTES — *Versão de Carviçaes*)

Estando Dom João doente,  
Com pesar de sua amada,  
Mandou chamar o barbeiro  
Para que o desenganasse.

- Quatro horas tens de vida,  
Uma já vae acabada,  
Uma é do testamento,  
Deixa bens por tua alma,  
Outra é de sacramentos  
Hora tão bem empregada.  
Outra é da despedida  
Da tua querida amada.

Estando com estas rasões  
Sua mãe que chegava.

«Que tens Dom João, meu filho,  
Que estás n'essa cama deitado ?

—«Estou deitado n'esta cama,  
Minha mãe, não me doe nada.  
Só me doe Dona Isabel  
Que a deixo enganada.

«Dona Isabel, oh meu filho,  
Com dinheiro se lhe paga.

—«Deixo-lhe mil cruzados  
Para que seja morgada ;  
Lá lhe deixo outro tanto,  
Que a honra nunca se paga.

Estando com estas rasões,  
Dona Isabel que chegava.

—«D'onde vens, Dona Isabel,  
Retrato da minha amada ?

—Venho de resar á Virgem,  
Que te alga d'essa cama.

—«Se d'esta cama me erguer  
Minha roseira abanada . . .

— («Deixa-lhe cem mil cruzados  
Para que seja morgada.) <sup>(1)</sup>

—Eu nom quero morgadios,  
Nem tampouco ser morgada ;  
Em morrendo Dom João  
O mundo p'ra mim acaba.

—«Se me erguer d'esta cama,  
Minha roseira abanada,  
Ha de ser em tumba de ouro  
Em *alcatrunfa* dourada !  
Não lances as mãos ás galas  
Em quanto se a hora acaba ;  
Que te não chamem viuva  
Sem nunca seres casada.

Volvera-se para a parede  
Não tornou a dizer mais nada.

(1) Variante do Ligares, n.º 3, melhor do que a de Carviães,  
n.º 40.

Este romance de *Dom João* canta-se nas provincias de Leão, Asturias e Burgos, e pelos factos alludidos vê-se que seria o successo historico de 4 de outubro de 1497, a morte do príncipe Dom João, filho dos reis catholicos, como fundamenta o erudito Menendez y Pelayo. Eis um fragmento de uma versão leoneza (Valencia de Don Juan):

Tristes nuevas, tristes nuevas  
 Que se cuentan por España,  
 Que el caballero Don Juan  
 Malito que está en la cama.  
 Siete doctores le asisten,  
 Los mejozes de la España;  
 Todos eran á decirle  
 Que su mal no era nada.  
 Y y que estaban en esto,  
 Sale un doctor de la Parra  
 Le ha agarrado por la mano  
 Y hasta el pulso le tomara:

—Tres horas tienes de vida,  
 Hora y media ya pasada,  
 Media para despedirte  
 De la gente de tu casa,  
 Media por hacer testamento,  
 Media por el bien de tu alma.

Na outra versão leoneza (Almanza) continua-se a narrativa, fallando o príncipe moribundo:

«Ahora llamen á mi padre,  
 Tan solito una palabra:  
 Padre, mire por mi esposa  
 Que es niña y queda preñada;  
 De los dones que le di,  
 Padre, no le quites nada;  
 Tampoco el anillo de oro,  
 Que le di de namorada.  
 —«Si tu se lo diste de oro,  
 Yo se lo daré de plata.

Entre estas palabras y otras,  
 Entra la rosa temprana.  
 «Dónde viene la mi esposa  
 Solita y tan de mañana?

=Vengo de Santo Domingo  
 Dé oír la misa del alba,  
 De rogar á Dios por ti  
 Te levantes de esa cama.  
 «Luego me llevo, esposa,  
 El lunes por la mañana,  
 Con los pies amarellitos  
 Y la cara amortajada.  
 Tu te vestirás de luto,  
 Llorando desconsolada,  
 Y te irás para a iglesia,  
 Y volverás á tu casa;  
 Hallarás las calles tristes •  
 Y las tus puertas cerradas,  
 Y la justicia á la puerta  
 Pidiéndote las fianzas.  
 Y no tendrás quien te fie,  
 Esposa mia del alma:  
 Ahí te fiarán mis padres,  
 Que a ellos te dejo encargada.

En estas palabras y otras,  
 Se ha caído desmayada ;  
 Luego le abrieron el vientre  
 Y de sus entrañas sacan  
 Un niño como uma rosa,  
 Parece un rayo de plata,  
 Se lo llevan á su padre,  
 Que la bendición le echara.

«La bendición de Dios Padre,  
 La de Dios Hijo te caiga;  
 Si te crias para el mundo  
 Serás príncipe de España,  
 Y si no, irás á gozar  
 Al Redector de las almas.

Transcripto do *Buletin hispanique*, t. vi de Janeiro de 1904,  
 por Menendez y Pelayo na *Antologia de Poetas liricos cas-*  
*telhanos*, t. xii, p. 546 a 549. N'este mesmo livro, o sabio cri-  
 tico estudando os Romances velhos verificou a verdade histo-  
 rica de algumas referencias d'este romance, como a do Doutor  
 de la Parra, que effectivamente foi medico famoso no tempo  
 dos Reis Catholicos e de Carlos V; observa: «Nunca fôra colli-  
 gida esta canção popular, que através de quatro seculos conser-

va fielmente não só o nome, senão também as principaes disposições do seu testamento e o nome de um dos medicos que lhe assistiram. Phenomeno portentoso que nos mostra quão fundas raizes tem a tradição poetica em Hespanha, e quão impio e nescio empenho é querer obliterarla.» (Ibid pag. 316 a 319.) Menendez y Pelayo confrontou as tres versões publicadas em 1904 com duas portuguezas de Traz-os-Montes e Algarve, e acha em uma alteração historica (a princeza morrer, ao dar á luz o filho) «evidentemente confusão com outra desgraça succedida em Saragoça no mesmo anno de 1498, a morte da rainha de Portugal D. Isabel, ao dar a luz um filho varão em cuja cabeça se reuniriam as tres corôas de Castella, Aragão e Portugal.» Sobre este caso a tradição portugueza conserva o romance á morte do principe D. Affonso, cuja viuva é essa rainha D. Isabel, casada em segunda nupcias com D. Manuel. Estas relações historicas entre as duas côrtes explicam-nos a corrente que trouxe a Portugal o romance de *D. João*, conservado nos seus traços mas humanos e dramaticos.

Em outra versão de Traz-os-Montes apparece mais nitido o thema universalizado de *Jean Renaud*, revelando a extraordinaria riqueza d'aquelle fóco tradicional. Incorporamol-o aquí :

### D. Pedro e D. Leonarda

(Versão de TRAZ-OS-MONTES)

A' casa ia Dom Pedro,  
A' caça de anno e dia;  
Dera-lhe o mal no caminho,  
Para casa voltaria.

—Novas te dou, oh meu filho,  
Que tens Leonarda parida.

«Conforte-a, oh minha mãe,  
E faça-me a mim a cama,  
D'ella me não levantaria.

—«Oh, diga-me, oh minha mãe,  
Pelo bem que me ella queria,  
Onde está o meu marido,  
Que elle a vêr-me não vinha ?

«Teu marido foi á caça,  
A' caça de anno e dia;  
A caça que elle trouxe,  
Eu d'ella te guardaria.

- «Oh, diga-me, oh minha mãe,  
 Pelo bem que me ella queria,  
 Que é este estropido  
 Que em nossa casa havia ?  
 «Não á nada, minha filha,  
 São visitas que cá vinham.
- «Or', diga-me, oh minha mãe,  
 Pelo bem que ella me queria,  
 As paridas, n'esta terra,  
 De que tempo vão a missa ?  
 «Umás vão de tres semanas,  
 Outras vão de quinze dias;  
 Mas tu, como és mais nobre,  
 Só irás de anno e dia
- «Or', diga-me, oh minha mãe,  
 Pelo bem que ella me queria,  
 As paridas n'esta terra  
 De que côr vão a missa ?  
 «Umás vestidas de azul claro,  
 Outras de mil maravilhas;  
 E tu, como és mais nobre,  
 Irás de luto vestida.
- «Malo haja, minha mãe,  
 E mais o bem que ella me queria !  
 Teve-me um anno casada,  
 Não me ter inda mais um dia,

(Publicado na *Romania*, vol. 11, p. 585, por J. Leite de Vasconcelhos. 1882.)

Sobre este thema commum a todo o Occidente europeu, mais conhecido pelo titulo de *Jean Renaud*, escreveu Svend Grundtvig uma monographia com o titulo de *Elveskud*. Gaston Paris, colligiu dos Manuscriptos das Canções populares da França depositados na Bibliotheca nacional treze versões d'este thema que publicou na *Romania*, vol. 11, p. 97 a 108 (1882). Em um fragmento da versão de Orleans, Renaud volta quasi exangue de caça :

Renaud à la chasse est allé,  
 A' la chasse du sanglier;  
 Il a manqué le sanglier  
 Et le sanglier l'a tué.

«Renaud, Renaud, Renaud, mon fils,  
 Ta femme est accouchée d'un fils.

—Ni de femme ni de fils,  
 Je ne sarais me réjouir ;  
 Dedans mes bras, sur mes cheveux  
 Je tiens mes tripes et mes boyaux.

### Complainte de Renaud

(BLÉSOIS)

Quand Renaud de la guerre vint,  
 Portant ses tripes dans ses mains,  
 Sa mère, à la fenêtre, en haut,  
 Dit : «Voici v'nir mon fils Renaud.  
 Renaud, Renaud, rejouis toi,  
 Ta femme est accouchée d'un roi.

—Ni d'ma femme, ni de mon fils  
 Mon coeur ne peut se réjouir,  
 Qu'on me fasse vite un lit blanc,  
 Pour que je m'y couche dedans.

Et quand il fut mis dans le lit,  
 Pauvre Renaud rendit l'esprit.

*(Les cloches sonnent le trépasement.)*

—Or, dites-moi, mère m' amie,  
 Qu'est-c- que j'entends sonner ici ?  
 «Ma fille, c'sont des processions  
 Qui sortent pour les rogations.

*(On cloue le cercueil.)*

—Or, dites-moi, mère, m'amie,  
 Qu'est-c' que j'entends cogner ici ?  
 «Ma fille, c'sont les charpentiers  
 Qui raccommodent nos greniers.

*(Les prêtres enlevent le corps.)*

—Or, dites-moi, mère, m'amie,  
 Qu'est-c' que j'entends chanter ici ?  
 «Ma fille, c'sont les processions  
 Qu'on fait autour de nos maisons.  
 —Or dites-moi, mère, m'amie,  
 Quell'robe prendrai-je aujourd' hui ?

«Quittez le ros' quittez le gris,  
 Prenez le noir, pour mieux choisi'.  
 =Or dites-moi, mère, m'amie,  
 Qu'ai-je donc à pleurer ici ?  
 «Ma fille, je ne puis plus vous l'cacher,  
 Renaud est mort et enterré.  
 =Terre, ouvre-toi, terre, fends-toi,  
 Que j'rejoigne Renaud, mon roi !

Terre s'ouvrit, terre fendit  
 Et la belle fut engloutie. (1)

O Conde Nigra, na *Romania* (vol. 11, pag. 391) publicou uma serie de versões piemontezas; uma d'ellas, a IV, começa como a portugueza :

Ven de la cassa lo Re Rinaldi,  
 Ven de la cassa, l'é tut feri

Na Bretanha este romance tem o titulo de *Conde Nann*. (*Rev. politique e litteraire*, vol. 11. p. 834.)

## § II—*Cyclo da Esposa infiel*

1. **Conde de Alemanha** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 1 a 27.) — O titulo d'este romance apenas alterado em a *Rainha descoberta*, (Elvas) contém um sentido social ainda conservado no titulo com que é conhecido na ilha da Madeira, *Conde de Aramanha e Conde de Germanha*. Fallando das *Hermandades* escrevemos: «O nome de *Arimania* e *Ariman*, que na lingua hespanhola se conserva em *germania*, *hermandad*... As *Hermandades* tornaram-se um poderoso elemento de ordem na peninsula, mas algumas vezes foram cumplices dos crimes da realza. Em uma canção de Ayras Nunes (*Canc. Vat.*, n.º 455) as *Hermandades* são envolvidas tambem no quadro da corrupção geral. As *Irmandades* tinham por norma o recusar abrigo aos malfeitores, resolverem as suas questões pelo julgamento dos tribunaes; estas ligas tornaram-se um elemento de organização civil; o sino (*campana*) da sua igreja é que as convocava, e debaixo das carvalheiras do adro se davam as sentenças.» (*Canc. da Vaticana*), p. XXXIX). Não se tratava de um conde da Allemanha, mas do chefe da *Arimania* ou

(1) Ap. Ampère, *Instruções relatives aux Recueil de Poesies populaires de la France*.



*Germania*, que era a confraternidade de homens livres ante o poder feudal, que veio a decahir e a confundir-se com os leudes (*Arm-leute*, ou abreviadamente *Arlot*.) Em 1845 escrevia J. J. de S. P., na *Revista litteraria do Porto*, t. 12, 2.ª série, p. 121: «Grande nacionalidade peninsular se descobre no lindo romance do *Conde d'Alemanha*, romance que muitas vezes temos ouvido cantar em portuguez e com muita graça na provincia do Minho, pelas visinhanças da Villa de Guimarães (hoje cidade) e pelas immediações de Landim, perto da confluyente dos Rios Ave e Visella, aonde arranjàmos um bom peculio de antigas trovas e cantigas populares, todas compostas em metros octonarios.» O mesmo colleccionador diz que se encontram estes romances «com especialidade na bocca das velhas criadas, que muitas vezes costumam cantar ás criancinhas e para entreter os rapazes.» Faz lembrar a scena da Ama na *Rubena* de Gil Vicente. Do Conde de Allemanha escreveu Garrett: «Facto conhecido da historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance.» (Rom., II, 79.) Don Agustin Duran falando da versão castelhana: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del Conde Garci-Fernandes; pero uno y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.» (*Romancero general*, n.º 305.) As versões de Traz-os-Montes e Beira Baixa cheias de repetições dithyrambicas, são o que ha de mais pittoresco na inspiração popular; é n'essas fórmulas dithyrambicas que borda a capricho, libertando-se da assonancia forçada. É a parte movel por onde a *variante* vae de geração em geração modernizando o romance. Nas versões da ilha de Sam Jorge (Açores) a da Urzelina apresenta essas repetições acintosas e insistentes que traduzem o animo da filha que convida a rainha para vêr o saimento do Conde.

Eis a versão castelhana do seculo XVI:

### El Conde Aleman

A tan alta va la luna,  
 Como el sol a medio dia;  
 Quando el buen conde Aleman  
 Y con la reyna dormia;  
 No lo sabe hombre nascido  
 De quantos en corte avia,  
 Sino era la infanta  
 Aquessa infanta su hija.  
 Y su madre le hablava,  
 Desta manera decia:

—Quando vieredes, infanta,  
Quando vieredes, encobrildo ;  
Davos ha el conde Aleman  
Un manto de oro fino.  
«Mal fuego lo queme, madre,  
El manto de oro fino,  
Quando en vida de mi padre  
Tuviese padrasto vivo.

De alli se fuera llorando,  
El rey su padre la ha visto :

—«Porque llorays, la infanta,  
Deci quien llorar os hizo ?  
«Yo me estava aqui comiendo  
Comiendo sopas de vino ;  
Entró el Conde Aleman  
Y échólas por el vestido.  
—«Calleys, mi hija, calleys,  
No tomeys desso pesar,  
Que el Conde es niño y muchacho  
Hazer lo ya por burlar.  
«Mal fuego quemasse, padre,  
Tal reyr y tal burlar,  
Quando me tomó en sus braços,  
Comigo quizo holgar.  
—«Si el os tomó en sus braços,  
Y con vos quizo holgar,  
En antes que el sol saliesse  
Y lo mandaré matar.

(*Cancionero de Romances*. Anvers, 1555. — Jacob Grimm,  
*Silva de Romances viejos*, p. 227.)

Na versão trasmontana de Carviçaes vem como castigo  
do Conde :

—Cal'-te lá, oh minha filha,  
Não o queiras duvidar :  
Nas cordas d'esta guitarra  
Eu o mando enforçar.

(*Rom. trasmontano*, n.º 81. Rev. lusit., vol. IX, p. 311.)

Liga-se esta circumstancia á contaminação com o romance  
da *Silvana* ; e mesmo com este titulo apparece muito desen-  
volvido na versão do Algarve (*Revista lusitana*, vol. III, pag.

151 a 155); a lição açoriana de Rosaes (ilha de Sam Jorge) terminava com o fecho do romance da *Sylvana*, pela tendência do syncrestimo que se passa na memoria do povo em que certos versos se convertem em modismos e traços imprescindíveis. Em duas versões de Lagos (Algarve) tem o titulo de *Conde de Lamenha*, (*Rev. lusit.*, vol. VI, p. 151 a 155) e tambem *A Condessa*. (ib., n.º 156 a 161.)

Nos *Cantos tradicionais dos Judeus de Levante*, n.º 6, tem o titulo de *El Conde Aliman*; (*Antologia de Poetas*, t. X, p. 307, de Menendez y Pelayo), é uma syncretisação com o romance do *Conde Olinos* :

En el vergel de la reina  
crescia un buen rosal ;  
en la ramica mas alta  
un ruscion senti cantar.  
La reina estaba labrando,  
la hija durmiendo está.

—Alevanteis, la mi hija,  
de vuestro dulce folgar,  
sentiredes como canta  
la serenica de la mar.

«Non es la serena, mi madre,  
si non el es Conde Alimán ;  
que el Conde es niño y muchacho,  
con mi quijo burlar.

—Si esto es verdad, mi hija,  
yo lo mandaré á matar.

«Non lo mateis, la mi madre,  
ni mandeis á matar ;  
que el Conde es niño é muchacho,  
el mundo quiere gosar ;  
si lo matas, la mi madre,  
á mi y á él embarabar (enterrar).

La reina, que de el mal tenga,  
presto lo mandó á matar.

**2. Dona Alda — D. Aldonso — D. Alberto — Flor de Marilia** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 29 a 34.) — Este thema corrente na tradição asturiana, catalã, andalusa e betico extremeña, estava representado no *Romanceiro* portuguez com versões insulanas (Madeira e Açôres; só muito tarde é que foram publicadas duas versões de Traz-os-Montes, com o ti-

tulo de *D. Filomena e Branca nina*, que aqui incorporamos. Sobre tudo este ultimo pertence á epoca da elaboração da lição castelhana do Cancionero de Romances, e revela-nos a pureza d'esse fóco tradicional trasmontano.

### D. Filomena

(TRAZ-OS-MONTES — *Carviçaes*)

Estando Dona Filomena  
No seu jardim a fiar,  
Passou um triste soldado,  
Tratou de o namorar.

Vem cá tu, oh soldadinho,  
Que vens em boa occasião,  
Meu marido não está cá,  
Stá na serra de Aragão.  
Quem m'o lá fosse matar  
Dava-lhe o meu cordão.

Estando n'esta conversa,  
Seu marido aqui chegou :

- Que tens tu, oh Filomena,  
Que tens tu, branca flor ?  
Ou estás borracha de vinho,  
Ou tomaste outros amores !  
«Não estou borracha de vinho,  
Nem tomei outros amores ;  
Perdi as chaves da adega  
Nos mais altos corredores.
- Se as perdeste, vae achal-as,  
Ou de pressa ou de vagar.  
»Por causa do soldadinho  
Vou-me deitar a afogar !
- Se te deitares a afogar  
A culpa só é de ti ;  
O inferno está aberto  
Para seculos sem fim.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 22. Rev. lusit., vol. VIII, p. 79.)

### Branca Nina

(*Versão de TRAZ-OS-MONTES*)

- Branca Nina, Branca Nina,  
Branca eras como o sol ;

Oh, quem dormira contigo  
 Uma noite sem temor !  
 «Esta noite, cavalleiro,  
 Tem bella occasião,  
 Meu marido foi á caça  
 Por esses montes de Aragão.  
 Os corvos lhe tiraram os olhos,  
 As aves o coração.  
 Quem me trouxera notícias  
 Daria-lhe um gibão.

Estando n'essas rasões,  
 Seu marido alli chegou.

—Abre-me a porta, Branca-Nina,  
 Abre-me a porta, que eu sou.

.....  
 De quem era aquell' cavallo  
 Que na loja relinchou ?

«Aquelle cavallo é nosso,  
 Que meu pae nol-o mandou.

—De quem era aquella capa  
 Forrada de camelão ?

Quem era aquelle mancebo  
 Que na cama suspirou ?

«Elle era um irmão meu,  
 Que inda agora aqui chegou.

—De quem era aquella espada  
 Que de ouro tem guarnição ?

«Essa espada, meu marido,  
 Enterra-m'a no coração.

—Matar, já te não mato,  
 Que te mate quem te creou ;  
 Hei-te levar a teu pae,  
 Que tal ensino te deu.

(Da *Illustração trasmontana*, n.º 4, p. 53.)

O *Soldado* (*Romanceiro trasmontano*, n.º 27 ; é a segunda parte de Bernal Francez, isolada. (Rev. lusit., t. IX, p. 279.) A versão de Ligares, n.º 53, é extensa, mas sem novidade de situação ; a versão de Vinhaes, n.º 59, intitula-se *João de França*, e destaca-se de todas as outras versões pelo final :

«Se tu és o meu marido  
 Mata-me já aqui !...

—Eu matar não te mato,  
 Que te mate quem te creou ;  
 Vou-te levar ó teu pae  
 Que veja a filha que me *doou*.  
 «Que culpa terá meu pae  
 O's males que a filha causou ?  
 Emquanto fui de meu pae  
 Muito bem me regalou.  
 Dês que vim p'ra tua mão  
 O mimo me derramou.

(*Rev. lusit.*, vol. IX, p. 298.)

Eis o citado romance da collecção de Anvers, para que se confronte com as lições que discutimos. Duran e Ochoa dizem que este romance, no século xviii, ainda era popular em Hespanha :

«Blanca sois, señora mia,  
 Mas que no el rayo del sol :  
 Si la dormire esta noche  
 Desarmado y sin pavor ?  
 Que siete anos habia, siete  
 Que no me desarmo, no ?  
 Mas negras tengo mis carnes,  
 Que no un tiznado carbon.  
 —Dormidla, señor, dormidla,  
 Desarmado sin temor,  
 Que el Conde es ido á la caza  
 A los montes de Leon;  
 Rabia le mate los perros,  
 Y aguilas el su halcon,  
 Y del monte hasta casa  
 A él arrastre el moroq.

Ellos en aquesto estando  
 Su marido que llegó :

—Qué haceis, la blanca nina,  
 Hija de padre traidor ?  
 «Señor, peino mis cabellos,  
 Peinolos con gran dolor,  
 Que me dejais á mi sola  
 Y á los montes os vais vós.  
 —Ésas palabras, la nina,  
 No eram sino traicion ;

Cuyo es aquel caballo  
 Que allá bajo relinchó ?  
 «Señor, era de mi padre,  
 Y enviólo para vós  
 =Cuyas son aquellas armas  
 Que están en el corredor ?  
 «Señor, eran de mi hermano,  
 Y hoy vos las envió.  
 =Cuyas es aquella lanza  
 Que desde aqui la veo yo ?  
 «Tomadla, Conde, tomadla,  
 Matadme con ella vos,  
 Que aquesta muerte, buen Conde,  
 Bien os la merezco yo.

A tradição é a mesma entre os dois povos. Qual d'elles romanceou com mais graça e paixão ? As versões portuguezas nada deixam a desejar em belleza e antiguidade.

Qual será mais antigo na tradição, o hespanhol ou as lições portuguezas ? A resposta a esta pergunta é nada menos do que uma grande descoberta : os romances portuguezes não são imitados, como se suppõe, dos cantares hespanhoes ; foram elaborados ao mesmo tempo pelo genio da mesma raça a que os dois povos pertencem. Desde o seculo xv que se recolhem romances populares em Hespanha, e em Portugal só desde a ultima metade do seculo xix ; muitos thesouros da tradição poetica perderam se cá, e pelo facto de apparecerem nas collecções castelhanas não se pode concluir que nos falte a invenção poetica. Quando encontramos romances antigos na tradição portugueza, os de que se acham paradigmas hespanhoes são sempre do seculo xvi, já recolhidos na collecção de Nucio ; por isto se pode vêr a riqueza das nossas lições, a abundancia de variantes, e a diversidade de versões, ao passo que o collector hespanhol só appresenta uma lição contemporanea das nossas.

No Romanceiro asturiano, publicou Menendez Pidal uma versão que serve de base comparativa ; eil-a :

### La Esposa infiel

Estaba nna bella dama  
 Arrimada a su balcon,  
 Vió venir un caballero,  
 Mirólo con atencion ;  
 De palabras se trabaron,  
 De amores la comprendió :

—Bella dama, bella dama,  
 Con usted durmiera yo.  
 «Suba, suba, el caballero,  
 Dormirá una noche ó dos.  
 —Lo que temo és su marido,  
 Que tenga mala intencion.  
 «Mi marido és ido a casa  
 A' los montes de Leon.  
 Para que no vuelva nunca  
 Le echaré una maldicion :  
 =Cuervos le saquen los ojos,  
 Aguilas el corazon,  
 Los perros de mis rebaños  
 Le arrastren en procesion.=

Estando en estas palabras  
 El marido que llegó.

—«Abre-me la puerta, luna,  
 Abreme la puerta, sol,  
 Que te traigo un cervatillo  
 De los montes de Leon.

Al bajar á la escalera  
 La color se le mudó.

—«Tu tuviste calentura  
 O' dormiste con varon.  
 «Yo no tuve calentura,  
 Ni he dormido con varon ;  
 Solo que perdi las llaves  
 De tu puerta del salon.  
 —«Si las perdiste de hierro,  
 De plata las haré yo.  
 «El herrero está en la fragua,  
 y el platero en el meson...  
 —« e quien es aqual sombrero,  
 Que en mi cuarto veo yo ?  
 «Es tuyo, marido mio ;  
 Mí padre te lo mandó.  
 —«Dá las gracias á tu padre ;  
 Buen sombrero tengo yo.  
 Cuando yo no lo tenia,  
 No me lo mandaba no !  
 De quien es aquella capa  
 Que en mi percha se colgó ?



- «Es tuya, marido mio ;  
 Mi padre te la envió.  
 —«Dá las gracias á tu padre,  
 Buena capa tengo yo.  
 Cuando yo no la tenia  
 No me la mandaba, no !  
 De quien es aquel caballo  
 Que en la cuadra relinchó ?  
 «Es tuyo, marido mio,  
 Mi padre te lo endonó.  
 —«Da las gracias á tu padre,  
 Buen caballo tengo yo ;  
 Cuando yo no lo tenia  
 No me lo mandaba, no !  
 De quien es aquella espada  
 Que colgada veo yo ?  
 «Clavadla, señor marido,  
 Clavadla en mi corazon,  
 Que bien la muerte merece  
 Quien a un marido enganá.

(N.º XXXIII, p. 154.)

No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 254, *La adúltera castigada*, o quadro é como o das Asturias, mas com um final mais cavalheiresco ; pergunta o marido á esposa :

- De qui es aquesta esposa,  
 Que gasta tanto brilló ?  
 «Aquella esposa es de Don Carlos  
 Aquell malahit traydó.  
 Ya s'en pujá á l'escalera  
 Dret adalt del miradó :
- Des que fas aqui Don Carlos ?  
 Des que fas aqui traydó ?  
 —«Vinch veure la sua senyora  
 Si m'en vol doná l'amor.  
 —Don Carlos, porta l'esposa  
 Que pleyarem los dos.  
 Don Carlos moria á las quatre,  
 A' las cinch Don Jardis mor ;  
 Ya quedá la gentil dama  
 Sens consuelo ni amor.

Na versão da Andalusia, colligida por F. Rodrigues Marin tem este romance outro final ; pergunta o marido, vendo escapar-se o galanteador :

—De quien es aquella sombra  
Que va por el corredor ?  
«La sombra será mi muerte,  
Que bien la meresco yo.

La ha cogido por la mano,  
A' su casa la llevó :

—Aqui tiene usted su hija,  
Sin honra ni estimacion.  
—«Si mi hija no tiene honra,  
Con honra te la dí yó.

La ha cogido por la mano,  
Y al campo se la llevó,  
Y allí le ha dado la muerte,  
Y con eso concluyó.

(Variante):

Le tiró tres puñaladas  
Y allí muerta la dejó.  
La dama murió á la una  
Y el galan murió á las dos.

(Antol., p. 182 ; Fernan Caballero, *La Gaviota*, p. 128-131.)

Nos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante, n.º 25, vem este mesmo thema muito abreviado. (Ib., p. 324). — Acham-se numerosos paradigmas na poesia popular da Edda de média : *Chevalier á la robe vermeille*, nos Fabliaux de Méon, t. III, p. 276 — *Le vieux Vichef et sa femme*, na Revue des Deux Mondes— (1863, 15 de Agosto.) No *Romancero de Champagne*, t. II, p. 78 : *Le mari soupconneux*. — Nos *Chants populaires de la Provence*, t. II, p. 152. — *Poesies populaires de l'Agenais*, p. 116 — De Puymaigre, *Chants populaires du Pays Messin*, p. 217. — *Litterature populaire de la Gascogne*, p. 316. — Bernoni, *Canti popolari veneziani : La sposa colta in falso*. — Pelay Briz, *Cansons de la terra*, t. II, p. 69. — Ferraro, *Canti monferrini*, p. 70. — Marion, canção bearneza, na Revue de l'Est. — *Constantin*, canto grego; outro de Carniole, traduzido por Grun.

Na Autologia de Poetas liricos castellanos, vol. X, p. 179, colligiu Menendez y Pelayo tres versões da Andalusia e Ex-

tremadura (n.º 14, 15 e 16) e a versão asturiana (ib., p. 87.) No Folklore betico-extremenho, p. 171 : *Mañanita, mañanita*. Nos *Canti popolari monferrini*, n.º 4 : *La moglie infidele*.

3. **Bernal francez — Dom Francisco — Bernal Françoilo — D. Pedro Françoillo — O caso da Françoisquinha** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 36 a 77.) O thema embora autonomo, versa sobre a mesma situação da *Dona Alda* e da *Bella malmaridada*, mas levado ao extremo da emoção pathetica, quando depois da meia noite dada o amante se dá a conhecer como marido. O romance da *Bella mal maridada* — de las mas lindas que yo vi — foi muito conhecido dos poetas portuguezes do seculo XVI, e Gil Vicente que o cita na *Rubena*, tambem o tratou em uma parodia burlesca. O *Bernal Francez* é immensamente vasto na diffusão tradicional; e por essa diffusão se torna explicavel a sua desmembração em duas partes distinctas : uma, quando ella recebe o amante e deita a par de si, até que ao vir da madrugada é degolada pelo marido; e outra, quando o amante vae visitar a sua sepultura e a sua sombra ou apparição lhe falla. Esta separação já se observa no *Romancero* general de Duran (n.º 298) na *Adultera castigada*, e no *Palmero* (ib., n.º 292) em que o cavalleiro vem para vêr a sua amada, e lhe dizem que é morta por causa d'elle. Realisa-se na representação poetica popular o pensamento n'este epigramma grego, que foi traduzido em latim :

Omnis mulier odiosa est ; sed habet laeta dua tempora :  
Quum jacet in thalamo ; quum jacet in tumulo.

No *Decameron* de Boccacio já se encontram equivococos como o d'este romance, mas em vez de ser no thalamo são no confessorario. Em uma versão insulana vêm estes versos — «Manda chamar teus irmãos — Que te venham a *carpir*.» O uso das *carpideiras* (analogas aos *Voceri* da Italia) já no tempo de D. João I era prohibido por uma Postura da Camara de Lisboa de 1385.

Em um pliego suelto gotico da Bibliotheca nacional de Madrid, vem um : «*Romance de un caballero, como le traen nuevas que sua amiga era muerta*. E' a segunda parte do Romance de *Bernal Francez* :

En los tiempos que me ví  
Mas alegre y placentero,  
Yó me partiera de Burgos

Para ir á Valladolid ;  
Encontré con un palmero,  
Él me habló y dice así :

—Donde vas tu, desdichado ?  
Donde vas, triste de tí ?  
Oh persona desdichada  
En mal punto te conocí ;  
Muerta es tu enamorada,  
Muerta es, que yó la ví.  
Las andas en que la llevan  
De negro las ví cubrir.  
Los responsos que le dicen  
Yo los ayudé á decir.  
Siete condes la llevaban,  
Caballeros más de mil.  
Lloraban las sus doncellas,  
Llorando dicen así :

==Triste de aquel caballero  
Que tal pérdida perdi.==

Do aquesto oyera mesquiño  
En tierra muerto cayó,  
Desde aquellas dos horas  
No tornára triste en mí ;  
Desque me hubo retornado,  
A' la sepultura fui,  
Con lágrimas de mis ojos  
Llorando decia así :

==Acógeme, mi señora,  
Acógeme á par de tí.==  
Al cabo de la sepultura  
Una triste voz oí :

«Vive, vive, enamorado,  
Vive pues que yó morí ;  
Dios te dé ventura en armas  
Y en amores así,  
Que el cuerpo come la tierra,  
Y el alma pena por tí.

(*Antologia*, X, p. 362.)

Em uma versão oral asturiana, com o título de

**La apparicion**

En la ermita de San Jorge  
Una sombra obscura ví:  
El caballo se paraba,  
Ella se acercaba de mí.

- «Aonde va el soldadito  
A' estas horas por aquí ?  
—Voy á ver la mi esposa,  
Que ha tiempo que no la ví.  
«La tu esposa yá se ha muerto,  
Su figura verla aquí.  
—Si ella fuera la mi esposa,  
Ella me abrazara á mí.  
«Brazos con que te abrazaba,  
La desgraciada de mí,  
Yá los comió la tierra,  
La figura verla aquí.  
—Si vós fuerais la mi esposa,  
No me mirárais así.  
«Ojos con que te miraba,  
La desgraciada de mí,  
Yá me los comió la tierra,  
Su figura verla aquí.  
—Yo venderé mis caballos,  
Y diré misas por tí.  
«Non vendas los tus cabellos,  
Nin digas misas por mí,  
Que por tus malos amores  
Agora peno por tí.  
La mujer con quien casares,  
No se llame Beatriz ;  
Cuantas más veces la llares,  
Tantas me llamas á mí.  
Si llegas á tener hijas,  
Ténlas siempre juntó á tí  
No te las engañe nadie  
Como me engañaste a mí.

(*Antologia*, X, p. 132.)

Versão andalusa, (Ossuna) Ib. p. 122. Folk Lore Frexenenses,  
p. 171.

No *Romancerilho catalan*, de Milá y Fontanals os dois quadros apparecem tambem divididos, nos n.ºs 255 e 227 :

### 1 — La mujer preversa

Yá n'hi trukan á la porta :

«Olá, ola, qui va assi ?  
Sabes que fos Don Francisco  
Luego l'aniria obri ;  
Sabes que fos mi marido  
Primeró calsó y vesti.

—Don Francisco soy, senyora,  
El que l'en solia servi.

En abrintne de la puerta  
Ya li apago lo candil.

«Valgame Dios de los cielos  
Y lo gloriós San Gil.

—No t'espantis, Marieta,  
No t'espantis pera mi.

S'agafan mano per mano,  
Los dos s'en van al jardi.  
S'en rentan sas carnes blanxas  
En aygua de llessami.  
S'agafan mano per mano,  
Los dos s'en van á dormi.  
En sent á la media noche  
Ell ne llansa en gran suspir.

«Que suspira, Don Francisco,  
Que no ho solia fé 'xi ?

—Yo ahora estaba pensando  
Quants hijos tienes de mi ?

«Todos vuestros, Don Francisco,  
Tan el gran com el mes xich,  
Menos aquell mitjanet  
Qu'és del traydó del marit.

—No digas mal del marido,  
Que ahora 'l tienes aqui.  
Yo ahora estaba pensando  
Do que 't faria un vestit,  
Un vestit de tela blanca,  
Y en el coll un carmesi.

«Antes que tu no me matis  
 La finestra vuy eixi,  
 Donzellas, viudas, casadas,  
 Prenen exemple de mi...

(*Romancerillo*, p. 245).

—  
**2 — La Condessa muerta**

—Ahont anen vos, el bon comte ?  
 Ahont anen tan de matin ?  
 «Vaig á veure la contessa,  
 Tant de temps que no'ns hem vist.  
 —La contesa ya n'es morta,  
 Ya es morta que yo ho puch di,  
 Qu'el dia del seu enterro  
 Yo la missa vaig oi.  
 Las cortinas del palacio  
 Yo de dol las vaig cubri.  
 Els infants qu'ella tenie  
 Yo de dol los vaig vesti.

Al senti aixó'l bon comte,  
 Passa avant el seu cami.  
 Ab la punta de 'l espassa  
 Ell la fossa li va obri.

«Alsa 't alsa 't, la comtesa,  
 Qu'el teu comte n'es aqui.  
 —«Co'm m'alsaré, lo bon comte,  
 Si sola no'm puch teni.  
 Casa't, casa't, lo bon comte,  
 Casa't per amor de mi,  
 Y la dona que tindrias  
 Estimala com á mi  
 Que com pensarás amb ella  
 També pensarás am mi.  
 Y tots les fills que tenian  
 Posa'ls en un monasti.  
 Posals-hi xiquets, no aprenguin  
 El mon que cosa vol di.  
 Fesles di la Pare Nostre  
 El vespre y el demati.

(*Ib.*, p. 193.)

Nigra escreve : «Achando-se esta canção na Italia e em

Portugal, não deve faltar, como de facto não falta, o seu reflexo catalão.» *Canti popol. del Piemonte*, p. 186.) Cita a versão de Pelay Briz: *Mala muller. (Cansons de la terra*, t. II, p. 83.) Na *Antol.*, vol. XII, p. 502, vem uma versão de Chile, provincia de Coquimbo.

O conde Nigra traz na sua opulenta collecção piemonteza duas lições d'este thema *La moglie uccisa* (p. 177) e *Il marito giustiziere*. (p. 183.) N'esta ultima o amante chama-se *Re Inardi*, d'onde talvez se derivou o *Bernal* do romance portuguez, aproximando-nos assim da sua fonte lendaria. Nigra indica o seguinte facto: «Se se quizesse investigar uma base historica para a canção, os personagens a que se poderia com mais plausibilidade applicar-se as partes n'ella narradas seriam o duque de Septimania, Bernardo, e a imperatriz Judith, accusada de adulterio com elle. Bernardo foi no anno de 844 conduzido á morte por ordem, e segundo uma chronica, pela mão de Carlos o Calvo. A imperatriz foi por duas vezes conservada prisioneira, primeiramente n'um convento em Poitiers, depois em Tortona, n'aquella mesma cidade d'onde proveiu uma versão piemonteza do romance. Dom Vaissette nega, porem a authenticidade da chronica, segundo a qual Carlos o Calvo teria apunhalado pela sua mão Bernardo, para vingar a affronta feita ao thalamo conjugal de seu pae. E' indubitavel que Bernardo fosse morto por ordem de Carlos; como é tambem indubitavel a accusação de adulterio com Bernardo feita á imperatriz. O nome de Bernardo corresponde ao de *Bernal* e *Bernardino*. O facto do adulterio é confirmado na canção, como accusação assim tambem na historia.— Se se suppõe a canção nascida na Septimania, esta hypothese explicaria de um lado o appellido de *Francez* dado ao amante, de outro lado a irradiação da canção para a Catalunha, Portugal e alta Italia. Dá-se aqui uma certa concordancia de nomes e de factos. O estudo dos cantos e das tradições populares quando tiver realisados ultteriores progressos, apresentará maiores surpresas, e trará conclusões das concordancias bem menos apparentes do que d'esta.» (*Op. cit.*, p. 187).

A imperatriz Judith, segunda mulher de Luiz o Pio, foi accusada em 830 pelos dois Condes Hugon e Malfrido de adulterio com o camareiro Bernardo, duque de Septimania, conde de Tolosa e de Barcelona. A rainha justificou-se por juramento; Bernardo reptou aos dois Condes, que recusaram o duello sendo mortos por traidores. (Menendez y Pelayo, *Antol.*, XII, p. 274).

As investigações de Lüdtkke, de Rajna e de Gaston Paris, filiam por entre os themas historicos o do Conde de Barce-



lona e a Imperatriz da Allemanha, sem que por isso possa negar-se que em seu integro desdobramento e tanto mais quanto mais se aproxima da sua fonte, vem a ser um caso particular de um thema geral *folklorico*, o da esposa innocente perseguida.» (*Ib.*, p. 276).

Transcrevemos o quadro do romance da Lombardia :

### Il marito giustiziere

Bel galant diz d'andè a la guera,  
a la guera, ma a va giùghè  
La nôit va tambussè a la porta :

- O bela, veni-me a durbè.  
«Chi tambüssa a la mia porta,  
ch'a l'è l'ura dël bun dormi ?  
—Sun el fiäl do re Inardi ;  
o bela, veni-me a dürbi.

Cun üna man a durb la porta,  
cun l'otra man l'ambrassa al col.

- Dizi-me 'n poc, o vui, la bela,  
lo vost mari duv'è-lo andò ?  
«Lo me mari l'è andà a la guera ;  
s'a podéissa mai pi venì.  
—Ma stè 'n po' cieta vui, la bela ;  
vost mari pudria senti.

- Campa giù sua mandriola :  
—O guardè 'n poc e chi sun mi ?

- S'a la campà i genui pèr tera :  
«O me mari, vi clam pèrdun !  
—A j'è pa guiün perdun ch'a tenho,  
a j'è gniün perdun pèr vui.

L'à mená-la sür punt de Peifo  
s'a vuria campè-la giù

.....

(*Op. cit.*, p. 183.)

(Bernal francez)

En chevauchant mes chevaux rouges  
J'entends le resignol chanter.  
Qui me disait dans son languaige :

«Tu ris quand tu devrais pieurer,  
De la mort de ta pauver' Jeanne  
Qu'on est à c't'heure à enterrer.  
—T'en a menti, maudite langue,  
Car j'étais hier au sa an' lé.  
Où c'qu'al' filait sa quenouillette  
Su' l'billot dans l'coin du foyer.

Là, quand je fus dedans les landes,  
Je sentis les cloches hober ;  
Et quand je fus dans le cenus'terre  
J'entendis les prêtres hucher ;  
Et quand je fus dedans l'église  
Je vis un corps qui reponait.  
Je daubis du pied dans la charse :  
—Reveill'vus, Jeanne, s'vus dormez ?  
—«Non, je ne dors ni ne scumeille ;  
Je vis dans l'enfer à brûler.  
Auprès de moi reste une place,  
C'est pour vous, Piar', qu'on l'a gardée.  
—Ha, dites-moi plustôt, ma Jeannes,  
Comment fair pour n'y point aller.  
—«Il faut aller à la grand'messe  
Et aux vèpres sans y manquer ;  
Faut point aller aux fileriès,  
Comm' vous aviez d'accoutumé.  
Ne faut point embrasser les filles  
Sur l'bout du coffre au pied du lect.

Ap. Ampère, *Instructions relatives au Recueil de Poesies populaires de la France*. Acham-se estes contornos mais desenvolidos em certas versões do Bernal francez.

Ha numerosas versões italianas : *Margherita*, na *Rivista de Letteratura popular e de F. Sabatini*, p. 29.—Bernoni, *Canti popolari veneziani: La bella Francese* (Puntata IX, n.º 5).—Ferraro, *La moglie del soldato*, nos *Canti popolari monferriani*, n.º 6 ; e 14 : *Dona Francen*.—Wolf, *Volkslieder aus Venetien*, p. 63 : *La bella francesse*.—De Puymaigre, *Chants populaires du Pays Messin*, p. 85 : *La soldat revenant de guerre*, n.º XXVI.—Nos *Romances tradicionaes dos Judeus do Levante*, n.º 35. (Na *Antologia*, de Menendez y Pelayo, t. X, p. 332.)

Du Méril nos Prolegomenos da *Historia da Poesia Scandinava*, p. 466, diz que sobre o mesmo assumpto ha uma ballada dinamarqueza, (*Danske Viser fra Middelalderen*, t. IV,

p. 228, 362 e 363); uma ballada sueca (*Svenska Folk-Visor*, t. III, p. 107) e uma escocesa (*Scottish songs*, London, 1794, t. I, p. 231). A cada investigação se descobre cada vez mais evidentemente a unidade das tradições poeticas da Edade média da Europa.

**4. A Morena — A Moreninha — Frei João — Mulher falsa — Marianna — Frade Caçador**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 78 a 108.) O typo do Frade rascão, goliardo e seductor, querido da tradição popular, tem um logar de destaque na litteratura. *Frei João* é mais antigo que o Don Juan Tenorio.

Gil Vicente traz um conto de *Frei João*, muito chistoso definindo o typo :

Era la Paschoa florida,  
 En el mes de San Juan,  
 Cuando la mona parida  
 Perguntó al sacristan :  
 Teresica de Robledo,  
 Que te guarde Dios de mal :  
 Respondió Pero Pinan  
 Estae quedo co'a mão,  
 Frei João, Frei João,  
 Estae quedo co'a mão.  
 Padre, pois sois meu amigo,  
 Quando falardes commigo,  
 Frei João,  
 Estareis vós quedo, mas estai vós quedo,  
 Mas estai vós quedo co'a mão ;  
 Frei João, estai quedo co'a mão.  
 Perguntaban qual Pirico,  
 Qual Pinão ou qual Frei João,  
 Não diria quien era la moça,  
 Não diria quem, nem quem não.

(*Obras* de Gil Vicente, t. III, p. 323)

Frei João é tão antigo na lenda portugueza, como o Frère Jean des Entommeures do *Gargantua* de Rabelais; se não proveiu d'esta criação comica, foi por certo tirado das aventuras da vida claustral, que em ocio santo e beatifica estupidez era consummada. O retrato do frade da versão popular é semelhante ao esboçado em Rabelais: «En l'abbaye estoit pour lors un moine claustrier nomimé frère Jean des Entommeures, jeune, galant, frisque, dehait, bien à dextre, hardi, aventureux, delibéré, hault, maigre, bien fendu de gueule,

bien advantagé en nez, beau despecheur d'heures, beau debrideur de messes, beau descroteur de vigiles : pour tout dire sommairement, vrai moine si onques en fut depuis que le monde moinant moina de moinerie ; au reste, cleric jusque ès dents en matière de breviaire.» (*Gargantua*, C. 27). Em algumas versões do romance portuguez descreve-se como : Frei João se levantou n'uma fresca madrugada ; Rabelais diz : «Mais le moine, ne faillit onqués à s'esveiller avant la minuit, tant il estoit habitué à l'heure des matines claustrales. (Id. cap. 41.) Na versão colhida por Garrett o *manteo de cocho-nilha*, e a circumstancia dos pretos que vão buscar agua, fazem a tradição portugueza do seculo xvi, e por isso contemporanea do romance de Rabelais. Nos *Ineditos de Alcobaca*, publicados por Frei Fortunato de Sam Boaventura, encontra se frequentes vezes empregada a palavra *gargantuice* nos monumentos em prosa do seculo xiv e xv ; o que prova existirem entre nós vislumbres da tradição a que Rabelais deu desenvolvimento. Na versão de Garrett não vêm o milagre do calix.

Os contos de Frades são vulgares no Meio Dia da Europa ; em todos os escriptores, inspirados pela verdade e dotados de faculdades criticas, como Boccacio ou Rabelais, não faltam exemplares, que se possam considerar como prototypos de *Frei João*. Frère Jean des Entommeures tinha *as suas frescas madrugadas*, como se relata no *Gargantua* ; no *Decameron*, apparece tambem um Padre João de Barole, amigo de um recoveiro, mecer Pedro, casado com uma mulher nova e bella, a quem o padre mandou pôr de quatro pés, para lhe ensinar o segredo de a transformar em jumenta. Quando o Padre João estava na operação de lhe fazer o rabo, mecer Pedro interrompeu-o : «Na verdade, não me faz conta esse rabo em um tal sitio, e vós o prendeis muito em baixo ; e já que era forçosamente preciso um, porque m'o não dissestes para o meter eu ?» A moçoila, que estava gostando d'esta ultima cerimonia, prorompeu : «Que estúpido tu és ! Aonde viste uma jumenta sem rabo ? Queixa te contra ti se fôrmos toda a vida miseraveis.» (*Novella IX, Jornada nona do Decameron.*) Nos contos d'este genero, quasi sempre o frade está na posição mais vantajosa ; o marido logrado, suplantado pelo seu ridiculo, não sabe vingar-se. Porém estas novellas não são feitas pelo povo ; quando os leões são pintores succede d'outra fórma. No romance popular o sentimento natural da dignidade do homem pinta a justa vingança. A *Morena*, no quadro popular, morre ás punhaladas do marido, para que se não torne a vêr nos braços de Frei João. O final

da versão de Castello Branco, do *Romanceiro* de Garrett, acaba artificialmente; quando a *Morena* ia a enterrar, Frei João ria da aventura e o marido é quem chorava.

Na versão de Traz-os-Montes, n.º 41, intitulada *Frei João*, termina :

Passados alguns dias  
Lá p'ras as bandas da Hespanha,  
Morreu o Frei João  
Com pena da sua dama.

(Ib., p. 288.)

Na outava jornada do *Decameron*, Novella II, vem o *retrato do Cura de Varlongue*, dado a cantigas e bons ditos, o qual visitava as freguezas na ausencia dos maridos e as regalava com bolinhos, com agua benta e com côtos de cirios. O patuscão do cura apaixonou-se pela mulher de um lavrador, gorducha, fresca, *morena*, esbelta, tal como lhe fazia conta. Veiu uma vez a casa da sua amada, quando o marido estava fóra; a historia, em que o romance popular urde a intriga na pergunta :

«A quem dás as tuas fallas ?  
—Perguntava á padeirinha  
Se cosia, se *amassava*...

na novella de Boccacio, segue o mesmo fio; mas era o Cura de Varlongue que *amassava* em um almofariz da parochiana.

A versão 86, é allusiva a outra situação, mas sô com o titulo semelhante, retratando uma moça *morena*; no vol. VI da *Revista lusitana*, n.ºs XIII e XIV, duas versões algarvias, sem novidade no quadro.

Nos Romances tradicionaes dos Judeus de Levante, n.º 54, vem um a que Gil Vicente já alludiu no verso *Lunes de mañana*; é uma versão alterada do Romance da *Morena* :

Un lunes me levanté,  
Un lunes por la mañana,  
Tomí arco en la mi mano  
Y ordeni esta cantica :  
    Tambien de la madrugada.  
—Asi viva el nikokiri  
Que vaiga por la plaza ;  
Que me merque harina blanca  
Para hacer el pan de casa,  
    Tambien de la madrugada.

El marido por la puerta,  
El enamorado por la ventana.

«Abridme, mi blanca niña,  
Abridme, mi blanca dama.  
Los pies tengo en la nieve,  
La cabeza en la helada.

—Ah, mujer, la mi mujer,  
A' quien dais tanta palabra?

«Al mozo del panadero  
(Que los malos años haga).  
Harina no tengo en casa,  
Levadura me demanda.

—«Donde te escondo, mi alma?  
Donde te escondo, mi vida?

Lo escondió en una caja;  
La caja era de pimienta.  
El marido que viniera,  
El namorado que esternudara.

—Ah, mujer, la mi mujer,  
Quien esternuda en esta caja?  
«El gato de la vecina,  
Que á los ratones alcanza.

Tomó la balta en su mano  
Y rompió là linda caja.

—Ah, mujer, la mi mujer,  
Yo no vido gato con barba.  
Matachico retrocido  
Y sapatetica trababada.

Tomó la balta en su mano  
La cabeza le cortaba.  
Quién tiene mujer hermosa,  
Que la tenga bien guardada.  
Se la llevan de la cama,  
Y se queda él sin nada.

(*Antologia de Poetas liricos castellanos*, vol. X, p. 350.)

A versão catalan, já reduzida ao extremo laconismo, conserva os contornos geraes do romance portuguez :

**Deseos no santos**

El dia de San Joan  
 Es diada senyalada ;  
 Yo m'en anava cantant  
 A' la porta de l'aymada :

- Aymada, baxen obri  
 Qu'en tinch la barba gelada,  
 Y la sella del cavall  
 Tota blanca de ruada.  
 «Com ne baixaria obri  
 Si n'estich al llit acostada ;  
 Mon marit al meu costat  
 La maynada a l'altra banda ?

Y estant en aqueix parlá  
 Son marit se despertava :

- «Ab qui eurabonas, mullé,  
 Ab qui ara eurabonavas ?  
 «Es al fadri del forné  
 Que ve à veure de pastava,  
 No tinch el llevat posat  
 Ni la farina passada.  
 Meu marit, te llevarás  
 Y aniras à la cassada  
 Que no hi ha millò cassa  
 Que de part de matinada ;  
 Las llebretas van pel camp  
 Y els cunills per las ruadas.  
 — Traydora de ma mullé  
 Quina ya te l'ets pensada.  
 De ferm' eu ana à u-el bosch  
 Tu tens el galan à casa.  
 «Qué 't pogués veure, u-arit  
 Ab una sala quadrada  
 Voltada de capellans  
 Y tu al mitx amb la mortalla.  
 — Qui 't pogués veure, mullé,  
 Dintre d'un pallé de palla,  
 Ficá foch à teta costats  
 Y la cendra los ventada.

(Milá y Fontanals, *Romancerillo catalán*, n.º 359.)

Com o titulo de *Don Ramon y Magdalena* aparece este

romance contaminado no seu thema com o *Bernal Francez*. — Nos *Canti popolari del Piemonte*, n.º 191, o romance *Margherita* é a scena do encontro da mulher pelo marido que a mata pela infidelidade.

5. O Cordão de ouro — O Soldadinho — **Entrada de Maio** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 110 a 117.) — Foi pela primeira vez publicada por Garrett, derivada de tres versões de Traz os Montes. Uma versão gallega publicada por Ballesteros leva a prevêr, que tambem se encontrará nas Asturias. Incorporamos aqui uma outra versão transmontana :

### O Capitão

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Lá se vae o capitão  
Com seus soldados á guerra ;  
Na dianteira de todos  
Vae lindo cabo de guerra ;  
Seu coração leva triste  
E os olhos postos em terra.  
Indo ao meio do caminho  
O Capitão reparara :

- Por que vaes triste, meu cabo,  
Por que vaes triste para a guerra ?  
Se vaes triste por dinheiro,  
Muito dinheiro te dera.  
« Não vou triste por dinheiro,  
Muito dinheiro eu levo.
- Se vaes triste por cavallo,  
Lindo cavallo te eu dera !  
« Não vou triste por cavallo,  
Lindo cavallo eu levo  
Vou triste por minha esposa,  
Que inda não dormi com ella.  
Inda hontem me casei  
E já hoje vou para a guerra.
- Torna para traz, ó meu cabo,  
Torna para adonde ella.

O' cabo de sete annos  
Não tinha acabado a guerra.



O cabo appresentou-se.  
Junto ao seu capitão :

«Aqui estou, meu capitão,  
Prompto para ir á guerra.

Puchou por um cordão de oiro,  
Entre as mãos lh'o metterá :

«Aqui tem, meu capitão,  
Os mimos da minha terra.  
—Torna para lá, meu cabo,  
Até que se acabe a guerra.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 73. *Ib.*, p. 306.)

No *Canti popolari del Piemonte* o romance *Il ritorno del Soldato* (n.º 28, p. 173, é este mesmo thema, modificado não pela traição da mulher amada, mas por um casamento :

Le re j'à scrit na letra ;  
Au guera a venta andá.  
La povera mitressa  
Nin fa che tan piurá.

—Piuré pa tan, mitressa,  
Piurè pa tan di uni.

A fin de la compagne  
Galant a l'è rüvâ.  
La porta de la bela  
L'è andait a tabüssar.

—Dorbi, dorbi la porta,  
Mi sun èl vostr' amur,  
Che venho da la guera  
Per aspuzé ve vui.

«Mi dorbo por la porta,  
La porta dorbo pa.  
I v'u spetà set ani,  
cun n'aut sun maridà.

—Da già ch'sei maridaja,  
Tucal-me ancur la man.  
Mi turnarò à la guera,  
Mai pi si vederan !

### § III — *Cyclo de Peregrinos e Cativos*

1. Conde prezo — Dom Garfos — Justiça de Deus — (*Romanceiro*, vol. II, p. 119 a 123.) Garrett, que alcançou a versão de Traz-os-Montes completa, (*Rom.*, II, 289) apparecendo-nos hoje laconica e degradada nas lições de Maçores, diz d'ella: «Poucas cousas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa península. Onde nasceu não sei, mas as collecções castelhanas não o trazem.» Já no seculo XVI vinha no *Cancionero de Romances* de Anvers, fol. 173, uma versão com o titulo *El Conde Grifos Lombardo*, e publicada depois no *Romancero general* de Duran, n.º 324. Este titulo faz-nos comprehender o sentido com que é denominado na versão da Beira Baixa (Covilhã) *Dom Garfos*:

#### El Conde Grifos Lombardo

En aquellas peñas pardas,  
 En las sierras de Moncayo  
 Fué do el Rey mandó prender  
 Al conde Grifos Lombardo,  
 Porque forzó una doncella  
 Camino de Santiago,  
 La cual era hija de un duque,  
 Sobrina del Padre Santo.  
 Quejábase ella del fuerzo ;  
 Quejáse el Conde del grado :  
 Allá ván á tener pleito  
 Delante de Carlo Magno,  
 Y mientras qu'el pleito dura  
 Al conde han encarcelado  
 Con grillones á los piés,  
 Sus esposas en las manos,  
 Una gran cadena al cuello  
 Con eslabones doblados :  
 La cadena era muy larga,  
 Rodea todo el palacio ;  
 Allá se abre y se sierra  
 En la sala del rey Carlos.  
 Siete Condes le guardaban,  
 Todos han juramentado  
 Que si el conde se revuelve  
 Todos serán á matarlo.

Ellos estando en aquesto,  
 Cartas habian llegado  
 Para que cazen la Infanta  
 Con el Conde encarcelado.

Lê-se em Tacito, na *Germania*: «cada cantão era presidido por um official chamado *Grav*, em latim *Comes*, que tinha o seu tribunal ao ar livre, com a assistencia de um certo numero de scabinos ou assessores.» Perdeu-se o significado de *Graff*, tomando-o como nome proprio, repetindo lhe a dignidade de Conde, pleonasticamente. E' frequente este processo popular, como em *Al-cantara*, a ponte; depois designou-se Ponte de Alcantara. A versão da Beira-Baixa é de um effeito surprehendente pela fórma incisiva, de um laconismo descriptivo quasi dantesco, incomparavel. O valor tradicional d'este thema completa-se pela versão das Asturias, que conserva o titulo de *Bernardo del Carpio*, que nos colloca em frente do heroe da Hespanha épica. Antes de tudo incorporamos aqui mais uma versão trasmontana:

### O Conde

(TRAZ OS-MONTES — *Maçores*)

Prezo vae o Conde, prezo,  
 Prezo vae a bom recado,  
 Não vae prezo por ladrão  
 Nem por homem que ha matado :  
 Por dormir c'uma donzella,  
 Caminho de Santiago ;  
 Não bondou dormir com ella  
 Se não dal-a ao seu criado !  
 A donzella, como discreta,  
 Ao rei se fôra queixar ;  
 O rei lhe dera um conselho  
 Melhor que nem um letrado :  
 =Ou hade casar com ella,  
 Ou morrer degolado ! =

—Mais quero morrer com honra  
 Que viver envergonhado,  
 Nem por mim toquem os sinos,  
 Nem subam ao campanario ;  
 Nem me enterrem na igreja,  
 Nem tampouco em sagrado ;

Enterrem-me n'aquelle valverde  
 Onde pasta o meu cavallo ;  
 Deixem-me a cabeça de fóra  
 E o meu cabello entrançado,  
 Que digam os passageiros :  
 =Deus te perdôe, desgraçado !  
 Nem morreu de garrotilho,  
 Nem tampouco constipado ;  
 Morrera de mal de amor,  
 Que é um mal desesperado.=

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 88 ; *Rev. lusit.*, IX, p. 315.)

Para se comprehender melhor a situação heroica de *Bernardo del Carpio*, o Conde feudal que affronta com altivez o poder monarchico, incorporamos as versões populares das Asturias e da Catalunha, revelando-se a extensão e persistencia d'este thema épico, sem uma realidade verdadeiramente historica :

### Bernardo del Carpio

Preso vae el Conde, preso,  
 Preso y muy bien amarrado,  
 Por encintar una niña  
 N'el camino de Santiago.  
 Como era de buena gente  
 Gran castigo le habian dado ;  
 Por castigo le pusieron  
 Que habrá de morir ahorcado.  
 Cerráronlo en una torre  
 Tiénenlo bien custodiado ;  
 De día le ponen cien hombres,  
 Y de noche ciento y cuatro.

—Si estuviera aqui mi primo,  
 El mi primo Don Bernaldo,  
 No temiera los cien hombres  
 Ni tampoco ciento y cuatro.

Inda no lo hubiera dicho,  
 Cuando viene caminando ;  
 En el medio del camino  
 El buen Rey le habia parado :

«Suba, suba, Don Bernaldo,  
 Vamos á jugar un rato.

—Voy ver á mi primo el Conde,  
Que está en la carcel guardado.  
«Si supiera que es tu primo  
Yo mandaria soltarlo.

No se habia bien sentado,  
A' la puerta dió un muchacho.

—«Baje, baje, Don Bernaldo,  
Que van á ahorcar su hermano ;  
En el medio de la plaza  
He visto el tablero armado.

«Don Bernaldo ! poco á póco,  
Que en la corona me ha dado.

—No se me da por el Rey  
Si en la corona le he dado.

Cien pares hay de escalones,  
De un salto los ha ganado.  
Sin poner pié en el estribo,  
De un salto montó a caballo ;  
Le dió un pontapié á la horca,  
Y la hizo mil pedazos.  
Dió una éstocada al verdugo  
La cabeza le ha cortado.

(*Romances tradicionales de Asturias*, n.º 11, Menendez y Pelayo, *Antol.*, X, p. 49.)

A versão seguinte, de Oviedo, é immensamente parecida com a da Beira Baixa (Covilhã) não tendo o final tão tragico :

Al Conde le llevan preso,  
Al Conde Miguel del Prado ;  
No le llevan por ladron,  
Tampoco por ter matado ;  
Lo llevan por que forzó  
En el camino de Santiago  
Una niña muy hermosa,  
Cogiérala sin reparo.  
Era sobrina del Rey,  
Y nieta del Padre Santo ;  
Por eso le llevan preso  
Al Conde Miguel del Prado.  
Sin tener apelacion  
A muerte lo sentenciaron.  
Guárdanlo de dia cien hombres  
Y de noche ciento y cuatro.

—Si estuviessse aqui mi primo  
 El mi primo Don Bernaldo,  
 No temiera yo cien hombres,  
 Ni tampoco ciento y cuatro.

Bernardo estaba en el juego  
 Y á la puerta lo llamaron;  
 Al mas aparar del juego,  
 Salió muy bien preparado  
 Con una espada en el cinto,  
 Y otra desnuda en la mano;  
 Y del brinco que pegó  
 Doce pasos ha salvado,  
 Poniendo el pié en el estribo  
 Ligero montó á caballo.  
 Marchó por la calle arriba,  
 Al Rey Alfonso ha topado.

«Adónde vas, caballero,  
 Adónde vas, Don Bernardo ?  
 —«A' libertar á mi primo  
 Que yá lo estorán ahorcando.  
 «Porque és un primo tuyo  
 Yo mandaré libertarlo.  
 —«No quiero empeño del Rey  
 Ni de ningun soberano ;  
 Quiero defenderlo yó  
 Con la fuerza de mi brazo.

Quando llegára á la horca,  
 Le estaban predicando,  
 Diera un pontapié á la horca,  
 La hizo dos mil pedazos,  
 Y al verdugo en la cabeza,  
 Que pronto marchó rodando.

—«Toma la espada, mi primo,  
 Deféndete por tu mano ;  
 No quiero que de mi sangre  
 Ninguno muera ahorcado.

(Ib., p. 5o.)

Menendez y Pelayo publica uma terceira versão asturiana d'este romance, cujo quadro é a parttda de D. Bernardo para ir libertar o pae, e a demora que lhe faz ter no caminho seu tio que o convida para descansar um pouco.

No *Romancerillo catalan*, n.º 241, *El Conde preso*, vem este thema nos seus contornos mais simples; a emoção tragica está em que não lhe aproveita o perdão, porque o algoz já tinha puchado a corda:

—Afluixa, verdugo, affluixa la sogá,  
Respon el verdugo: que ya no és hora,  
Que el Conde yá es muerto, que Dios lo perdone.

Menendez y Pelayo tem um longo estudo sobre os elementos historicos da lenda de Bernardo del Carpio, no seu *Tra-tado de los Romances viejos*, t. I, p. 176 a 2:6 (*Antol*, vol. XI.) Gaston Paris, na *Historie poétique de Charlemagne*, e Léon Gautier, nas *Epopées françaises* (vol. III) tratam este thema em relação ao grande vulto das Gestas carlingias.

Menendez Pidal, na nota do seu Romanceiro asturiano, mostra que o thema popular se afasta do typo da lenda escripta de Bernaldo del Carpio: «Em nenhum romance nem livro de cavallerias se diz que o Conde de Saldanha fosse condemnado a morrer na forca, de cuja affronta o liberta seu filho com heroico esforço, na narração asturiana.

«Os romances de Bernaldo que até hoje se conheciam, ajustam-se, e até a letra, com o relato que da sua historia admite por verdadeira a *Cronica general*; porém o que incluímos no texto, cujos versos começam: *Preso vá el Conde, preso*... separa-se d'essa tradição geralmente seguida e a unica conservada nas canções vulgares, e parece referir-se a outra mais antiga, esquecida presentemente, de que tambem ha memoria na tantas vezes citada *Cronica general*: = *Algunos dicen en sus Cantares de Gesta* que fué este Don Bernaldo fijo de Doña Tiber, hermana de Carlos el Grande, e que vino aquella Doña Tiber en romeria de Santiago, et de sa tornada que la convidó el Conde Don Sandias de Saldaña et que la llevó consigo para su logar y ovo allo con ella su fabla et ella otorgole quanto el quiso et ovo entonces este fijo della, et el Rey don Alonso que lo recebió por fijo, porque non avie fijo ninguno que fincase por señor del reino despues de su muerte. =

«Estes Cantares de Gesta, dos quaes nos parecem ser derivação immediata o Romance provincial, foram inspirados sem duvida pela Canção franceza de *Roland* ou das duas que depois do seculo xi referiram aventuras de *Roland*, — cream o Bernardo mythico, e para que tivesse tão nobre origem como o celebrado paladino franko, filho furtivo de Milon e de Bertha, irmã de Carlos Magno, fizeram-o tambem nascer furtivamente de outra irmã do mesmo Imperador, (D. Tiber)

dando-lhe por pae o Conde Sandias de Saldanha, para que não deixasse correr nas suas vêas sangue espanhol.» (*Romanceiro asturiano*, p. 289.)

No romance do *Conde Grifos Lombardo* é Carlos Magno quem condemna o Conde pelo attentado contra a romeira; depois complica-se a tradição, apparecendo em umas versões a salvar seu pae, n'outras seu tio, e em outra um primo. Proveu esta modificação da hespanholisação da lenda, substituindo Carlos Magno por Alfonso o Casto, e Dona Tiber por dona Ximena sua irmã, de quem nascera o destemido fidalgo del Carpio. Este tio alludido no romance é Vasco Melendez, que revelara ao querido sobrinho que o rei Alfonso o adoptára por filho, por ser nascido da união de D. Ximena com o Conde de Saldanha, que estava preso. Estas indicações são como os fios que se destacam na trama d'este precioso romance.

2 — **A Romeira.** (*Romanceiro*, vol. II, pag. 126.) — E' o thema da dama que vae em romagem, e que é perseguida ou assaltada por um cavalleiro. O thema tem dois desenlaces : a *Romeira* torna-se a vingadora da sua honra, identificando-se com o thema de *Rico Franco*; ou a Romeira transfigura-se revelando-se a Virgem Maria. Nas Notas a paginas 441 a 444, vêm estas duas situações. Menendez y Pelayo traz esta versão das Asturias, na sua *Antologia de Liricos hespanhães*. No seculo XIII era este um dos Milagres da Virgem, a protecção das romeiras, como se lê nas *Cantigas de Santa Maria* pelo rei Affonso o Sabio, escriptas em lingua portugueza, como o affirma o marquez de Valmar. Eis um d'esses milagres :

.....  
 Em Monserrat vertude  
 fez, que mui longe vò,  
 a Virgem, se me ajude  
 ella, por hũa bõa  
 dona, que na montanha  
 d'í, mui grand'e estranha  
 deceu a hũa fonte  
 com toda sa companha,  
 por y jantarem,  
 des i folgarem,  
 et yrem sa via.  
 Mui grandes, noit'e dia  
 devemos dar por ende  
 nós a Sancta Maria



graças, porque defende  
 os seus de dano  
 et sem engano  
 em salvo os guia.  
 Ú seíam comendo  
 cabo d'aquella fonte,  
 saíu ben d'esse monte  
 Reimundo, un cavalleiro  
 roubador e guerreiro,  
 què de quanto traziam  
 non lhes deixou dinheiro,  
 que non roubasse  
 et non filhasse  
 com sa companha.

.....  
 A dona, mantenente  
 logo que foy roubada,  
 foi-s'ende con sa gente  
 muy triste e muy cuitada.  
 A Maderrat aginha  
 chegou essa mesquinha  
 dando grandes brados :  
 —Virgem santa Reynha,  
 dá-me vingança  
 cá pris viltança  
 en ta romaria.

.....

O nome do cavalleiro roubador *Reimundo*, subsiste nos romances populares como sendo o Rei, ao qual a romeira contrapõe o poder de seu esposo o Rei dos Mundos. (Vide *Cantigas de Santa Maria*, t. I, pag. 93. Ed. Madrid. 1889.)

**3 — Branca Flor.** — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 128 a 144.)  
 — Outra vez o thema do reconhecimento dos esposos ou dos irmãos como na *Infanta de França* e *Linda Pastora*; aqui esse reconhecimento dá-se sob a desgraça do cativo. Correm estas versões em *Tras-os-Montes*, ainda com grande vivacidade, Minho, Beira Baixa, Extremadura, Algarve, Ilha da Madeira e Brasil. Garrett publicou a primeira versão no seu *Romanceiro* com o titulo de *Rainha e Cativa* (t. II, pag. 38), considerando que faltava nas colleções hespanholas. Na marcha das investigações viu-se que este thema existe largamente representado nos focos mais ricos das tradições poeticas peninsulares : *Asturias*, *Catalunha* e *Tras-os-Montes*. Da superio-

ridade das versões tradicionaes portuguezas, quiz concluir De Puymaigre da modernidade d'ellas : «os portuguezes muitas vezes romanceam com mais talento assumptos que se acham nas collecções dos dois povos; porém esta perfeição denota a sua pouca antiguidade. De ordinario os romances portuguezes são mais claros, mais bem desenvolvidos, para se tomarem por primitivos.» (*Vieux Auteurs castillans*, t. II, pag. 270.) Quando De Puymaigre escreveu esta affirmação ainda desconhecia os cantos populares das Asturias e Catalunha; Nigra reconheceu a maior belleza dos cantos portuguezes comparados com os de Catalunha; e Jeanroy, nos *Origines de la Poésie lyrique en France* poz em evidencia o character archaico dos Cantos populara portuguezes, o que significa a maior pureza pela sua antiguidade respeitada.

Pela sua vasta vulgarisação na peninsula, poder-se hia determinar as suas fontes originaes na literatura da Edade média. Será este romance um vestigio remoto e já completamente alterado pela tradição do romance de *Flor e Blanche fleur*? Os nomes dos personagens são o *Conde Flores e Blancaflor*, a quem os mouros cativaram :

Dia de Paschoa florida,  
Andando apanhando rosas  
N'um rosal que meu pae tinha.

O nome de *Blanche fleur*, nas versões francezas é explicado pelo dia do nascimento do heroe :

Li doi enfant, quant furent né,  
De la feste fure només :  
La crestiène, por l'honor  
De la feste, ot nom *Blance fleur*

ÿ 169—172.

Na versão italiana de *Blancaflor* as duas mães têm os seus filhos no mesmo dia :

Partorirno in una medesma sera  
Di maggio, ch'era la rosa in su la spina...  
Lo fresco giorno di *Pasqua rosata*.

E' mui frequente esta data nos poemas da Edade média, principalmente nos de origem oriental. Podemos com certeza asseverar que a versão portugueza, colhida da tradição oral, se encontra exactamente quanto á essencia no romance de *Blance fleur*, desde o verso 55 até o verso 190. (Ediç. Elzevi-

riana.) As alterações podem-se explicar do mesmo modo que Du-Méril descobriu pela analyse das versões hespanholas: «l'esprit espanhol ne parait pas l'avoir jamais comprise.» (Introd., pag. LXXIX) Desde quando andarà na tradição portugueza este fragmento do romance de *Blancefleur*? Que elle era conhecido na Hespanha, sabemos-o por Affonso o Sabio, pelo Arcipreste de Hita e por Francisco Imperial; em Portugal encontramos-lo citado no *Cancioneiro* do rei Dom Diniz:

Qual mayor poss'e o mais encuberto  
 Que poss'e sey de *Brancaflor*  
 Que lhe non ouv'en *Flores* tal amor  
 Qual vos eu ey;.....

Na tradição da Grecia moderna, encontra se um poema sobre este thema publicado nas Memorias da Academia das Sciencias de Berlin, de 1845. Na Suecia, o canto de *Linda Ana*. A versão de Garrett tem o titulo de *Rainha e Cativa*; nos Cantos tradicionaes dos Judeus de Levante, este titulo é empregado como um refrem do romance das duas irmãs;

Ya quedaron preñadas  
 Todas las dos en un dia,  
 La Reina con la cautiva.  
 Ya cortaron fajadura,  
 Todas las dos en un dia  
 La Reina con la cautiva, etc.

(*Antologia de Poetas liricos*, t. x, p. 330.)

### O Moirito

(TRAZ-OS-MONTES — *Baçal*)

—Moirito, se vaes a França,  
 Moiro, traz'-me uma cativa;  
 Nem parenta nem irmã  
 Nem gente que seja minha.

O Conde e a Condessa  
 Ambos vão de romaria,  
 A pedir ao Deus do céu  
 Que lhe desse filho ou filha,  
 Para herdar sua fazenda,  
 Que herdeiros não os tinha.  
 Puzeram-se a descansar  
 A' sombra de uma oliva;

A Condessa como nova  
Logo se ficou dormida.  
Levantou-se a Condessa  
Logo mui despovorida :

«Que a ti te matam os moiros,  
E a mim me levam cativa !

A palavra não é dita,  
Brincavam os moiros em cima.

«Por Deus vos pido, oh moiros,  
Por Deus e Santa Maria,  
Que me não mateis o homem,  
Nem a mim me leveis cativa.

Ou por Deus ou pela Virgem,  
Ambas pariram n'um dia :  
A escrava traz um menino,  
A rainha uma menina.  
As parteiras eram falsas,  
E trocados os traziam.  
Levanta-se a rainha a vê-la  
De trez dias de parida.

— Porque choras, minha escrava,  
Porque choras, 'scrava minha ?

«Choro pela fé de Christo  
Para batizar a menina.

— Se estiveras na tua terra,  
Que nome lhe porias ?

«Havia de lhe pôr (poêr)  
Branca-Flôr de Alexandria ;  
Chama-se assim minha mãe,  
E uma irmã que eu tinha,  
Que a cativaram os mouros  
Dia de Paschoa florida,  
Estando colhendo rosas  
Para a Virgem Maria.

— Pelos sinaes que me dás  
Tu és uma irmã minha.

— Perro mouro, perro mouro,  
Perro mouro da perraria,  
Tu mataste meu cunhado,  
Trazes minha irmã cativa !

- «Se matei o teu cunhado  
E' porque não o sabia ;  
Se cativei tua irmã,  
Por que não a conhecia.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 48 : ib. IX, 292.)

### O Mouro

(TRAZ-OS MONTES — *Maçóres*)

- Oh mouro, se vaes á caça,  
Traz'-me uma creada cativa,  
Que não seja de lavrador  
Nem de gente de villania ;  
Seja de Condes e Duques,  
De gente de grande valia.
- «Aqui tens tua criada,  
Tua criada cativa,  
Que não é de lavrador  
Nem de gente de villania ;  
E' de condes e de duques,  
Gente de grande valia.
- Aqui tendes, minha criada,  
Chaves de minha cosinha.
- «Eu as acceito, senhora,  
Não é com muita alegria.  
Inda hontem era condessa,  
Hoje môça de cosinha !
- A ama era pejada,  
A môça pejada vinha ;  
Quiz Deus e Nossa Senhora  
Dessem ambas á luz n'um dia.  
Nas mãos de as parteiras  
Se lhe trocaram as crias.  
Deram a fêmea á reina,  
E o macho á bizzarria.  
A ama, de seus cuidados  
Levantou-se mais um dia,  
Foi a vêr sua criada,  
Sua criada cativa.
- Como estás, minha criada,  
Como estás, criada minha ?
- «Eu de hoje mais em diante  
Já vou, 'stando melhorsinha.

- Se estivesse na tua terra  
Como chamavas a ninha ? (\*)
- «Chamava-lhe Mar de Flôres  
Mar de Flôres de Castilla,  
Que assim era uma hermana,  
Uma hermana que eu tinha,  
Que a roubaram os Mouros  
D'um pomar que meu pae tinha,  
Andando a colher rosas,  
Rosinhas de Alexandria.
- Tu agora se a visse  
Ainda a conhecerias ?
- «Eu não a conheceria,  
Que inda era pequenina ;  
Pelos sinaes que ella tinha  
Ainda a conheceria :  
No seu peito direito  
Uma rosa branca tinha.
- Pelas novas que me dás  
Sois uma hermana minha.  
Hermana como hermana,  
Vamos nós para Castilla ?
- «Como me heide ir sem o Conde,  
Sem a sua bizzarria ?
- O Conde já está no céo,  
Permitta a Virgem Maria.
- Venhas embora, oh Mouro,  
Boa seja a tua vinda !  
A criada que trouxeste  
Foi uma hermana minha.  
«Se ella é vossa hermana  
Tratae-a com alegria ;  
Se ella quizer ser casada,  
Eu tambem a casaria ;  
Ou se quizesse ser freira  
Eu tambem a metteria.
- Ella não quer ser casada,  
Nem tambem freira mettida ;  
Só quer que vós a leveis  
A sua terra de Castilla.  
«Todas as vontades faço ;  
Só essa vos não faria.
- (*Romanceiro trasmontano*, n.º 38. Ib., IX, p. 286.)

---

(\*) *Anilhas.*

## Las hijas del Conde Flores

*(Versão da GALLIZA)*

- Sal á cazar, el rei moro,  
A' cazar como solias,  
Y traerásme una cristiana  
De gran belleza y valia.
- Ya se saliera el rey moro  
A' las carreras salia,  
Y á la hija del buen conde  
Alli ficiera cautiva.  
Ya la lleva, ya lla lleva  
Camin de la Moreria ;  
La hija del Conde moro  
De seu esposo estaba cinta.  
Y la presenta á la reina,  
Que hace muy grande alegria.
- «Bien venida la mi esclava,  
La gentil esclava mia ;  
Tengo de hacer contigo  
Lo que con otra no haria.  
Tengo de darte las llaves  
De todo quanto tenia.
- «No quiero tus llaves, mora,  
Tus llaves yo no queria,  
Pues las tuyas son de fierro,  
Las mias de plata fina.
- Quiera Dios y la fortuna  
Que ambas parieron un dia ;  
La cristiana parió un niño,  
Parió la mora una niña ;  
Las parteras son traidoras  
Y por haber las albricias,  
Llevan el niño á la mora ;  
Y á la cristiana la niña.  
No tardara mucho tiempo,  
Que dentro del tercer dia,  
Fue la mora á ver su esclava  
Por ver que cama tenia.
- Como está assi, la mia esclava,  
La gentil esclava mia ?

- «Como quieres que yo esté?...  
 Como una mujer parida.  
 «Daráisme mi niño, mora,  
 Que yo lo bautizaria  
 Y pondriale *Conde Flores*,  
 Que asi le pertenecia.  
 «Si eso decis, la cristiana,  
 Qué pondrias á la niña ?  
 —«Si yo estuviesse en mi tierra  
 Y la niña fuera mia,  
 Pondriale *Blanca-Flor*  
 Y Rosa de Alexandria,  
 Que asi llamaba mi padre  
 A' una hermana que tenia ;  
 Me la cautivaran moros  
 Acá dentro, en Moreria,  
 Me la cautivaran moros,  
 Dia de Pascoa florida.  
 «Si eso decis, la cristiana,  
 Tú eres la hermana mia.

Esto que oyera elRey moro,  
 De alta torre venia :

- Que tiene la mi mujer,  
 Que tiene la mujer mia ?  
 Pues cuando menos lo espero,  
 Hace tantas alegrias.  
 «Que entendi tener esclava,  
 Y dulce hermana tenia.  
 —Callad, callad, mi mujer,  
 Callad, callad, mujer mia ;  
 Que de tres hijos que tengo  
 El mayor escoyeria,  
 Y por haceros merced  
 Con ella lo casaria.  
 «No lo quiera Dios del cielo,  
 Ni la sagrada Maria,  
 Dos hijas del Conde Flores  
 Maridar en Moreria.  
 Válgame nuestra Señora,  
 Válgame Santa Maria.

(*Antologia*, vol. X, p. 217.)



No *Romancerillo catalan*, n.º 242, *Las dos hermanas* :

—Digas, Moret, ahon t'en vas ?  
 «A rondarne la marina,  
 —Moret, si a Fransa t'en vas  
 Dun una hermosa cautiva,  
 No siga pobre ni rica,  
 Ni venga de villania,  
 Venga d'un sanch real  
 De so milló que hi havia.

Ya venia Condi Floris,  
 Venia de romeria,  
 Demanava fill á filla,  
 Na deya si convenia.  
 Es moros plantaron guerra  
 Y guerra assi com solia,  
 Mataren Condi Floris  
 Que de Galicia venía.  
 La Condessa foi cautiva,  
 Todas pariren un dia.  
 La Reyna paré á palacio  
 Y l'esclava 'paré á cocina ;  
 La Reyna feya una hija,  
 L'esclava 'n feya un hijo.  
 Las traydoras llevaras  
 Els-a varen cambiá,  
 Donaren l'hijo á la Reyna  
 Por mes al Rey contentá,  
 Y davan l'higa á l'esclava  
 Per mes estrena ganyá.  
 Estant l'esclava sentanda  
 La seva hija plorá.

—«No plores, figeta meva  
 Hija de la mena vida.  
 Si 'n fos à la mena terra  
 Yo ben t'en batiaria.  
 Et posai de nom,  
 De nom Roseta Maria,  
 Nom de la Mare de Deu  
 Y d'una germana mia,  
 Que 's moros me l'endugueren  
 Un mati de Sant Joan,  
 De des del hort de mi padre  
 Rosas y clavells coyant.

- La Reyna que sint aixó  
De palacio vá bajá.  
—Si tu ta germana vessar  
En que la coneixeria.  
—«No 'n la gregó de la cara  
Porque ella no la tenia,  
Devall de la sena esquena  
Un higo senyal tenia ;  
Y si no le han llevat  
Prante la coneixeria  
Es va descudá 'l gipo  
Y 's departa la camisa,  
Y 's varen doná un abrás  
En tristó y gran alegría ;  
Trovantse as des germanas  
Esclavas dins Berberia.  
Estant alli conversant  
' Riba ' Rey de passetjia :
- «A-que té la mi Condesa  
Qu' está tan trista y affligida ?  
L' há graviada l'esclava,  
Molt fort la castigaria.  
—No m' ha' graviat l'esclava,  
Ningun tal no's posaria,  
Sino que ella m'ha dit  
Qu' es germana carnal mia.  
«Si aqueixa fos veritat,  
Yo criat li donaria ;  
O li busaria un turco  
Dels mes grans de dalt Turquia.  
Li pagaria una dot  
Qu' anomenada seria.  
—«Ves que molt anys, lo bon Rey  
Den li dó mults anys de vida,  
No-ho mana Deu del cel  
Ni la sagrada Maria  
A deixá la fe de Deu  
Per segui lo de Turquia.  
«Que s' acosti, 'l bon Rey,  
S'acosti qu' hade diná.  
Estant á taula dinant  
Dormicien li va dona ;  
Armaren una galera  
De tresentas que n'hi ha.

Llarga todos los cristianos  
 En mes anats que costá,  
 Aun algun turco á la mescla  
 Pera mas desimulá.  
 Com varen sé a las mais altas  
 Alla en es golf de la má.  
 Los turcos ya renegavan  
 Que se volian aná.  
 La Reyna va surti a popa  
 En un morcadó à la ma.

—Vaya, vaya, soldats mios,  
 Vengan turcos á la mia,  
 Qu' á sas terras del Rey moro  
 May mes no hi hem de torná.  
 Qu' hem de aná veure mon pare,  
 Veyén si 'm coneixerá.  
 Y un hijo me Deu m'ha dat  
 També me 'l vay emportá,  
 Per que de sa mena terra  
 Ningú an mi 's vuyga casá.  
 Hi set casada una volta  
 Allá 'm un Rey de lundá.  
 Hem d'aná veure ma mare,  
 Veure si 'm coneixerá.

Quant anivan a cas sena,  
 Demanaren per sa mare,  
 Y son pare li va di :

=Aqui la tens á ta mare,  
 Ella va di : «Aqueixa no es mare  
 Si acás es malleuada,  
 =Y aquestos infants que duis  
 No-es els viem emportat.  
 Y els envian de fora  
 Com á fiys de renegats.  
 «Aqueixos infants que duim  
 Ne mo' ls ' viam emportate  
 Ya que siguén fiys de moro  
 Son fiys de la nostra vida.  
 Dien que sigut alabat  
 El sagrat nom de Maria.

Outras versões catalans, em Pelay Briz, *Cansons de ja Torra*, t. II, p. 159. Amador de los Rios, *Historia critica de la*

*Literatura española*, t. VII, p. 455 : *Hijas del Conde Flores*.  
 Ilustracion americana, Sept. 1870.— Versões asturianas : Me-  
 nendes Pidal, *Romances asturianos*, n.º XIX e XX : *El Conde*  
*Flor*.— Primnaveras y Flor de Romances, t. II, p. 38.

Tambem sob o aspecto do thema da *Esposa roubada*, li-  
 bertada (*Noiva arraiana e Dom Gafeiros*,) deve aqui incor-  
 porar-se o Romance trasmontano de *Dom Garcia*, em verda-  
 deiro contraste com o de *Brancaflór* :

#### D. Garcia

(TRAZ-OS-MONTES : *Vinhaes*)

—Eu montei no meu cavallo  
 Por aquella serra acima,  
 Pois a neve era mui grande,  
 Minha esposa vae perdida;  
 Vistes por aqui, minha mãe,  
 A minha esposa linda ?  
 «A tua esposa ahí vae,  
 Mui contente que ella ia !  
 Tocando n'uma guitarra,  
 Bom romance lhe fazia;  
 Com duzentos pêrros mouros,  
 Vão na sua companhia.  
 No romance vae dizendo :  
 =Morra, morra Dom Garcia ! =  
 —Valha-me Deus, minha mãe,  
 Ella isso não dizia !  
 Vou saber de minha sogra,  
 Que ella isso não diria.

—Vistes por aqui, minha sogra,  
 A minha esposa tão linda ?  
 —«A tua esposa ahí vae,  
 Mui triste que ella ia  
 Tocando n'uma guitarra,  
 (Bom romance lhe fazia),  
 Com duzentos pêrros mouros  
 Que vão na sua companhia.  
 No romance ia dizendo :  
 =Vale aqui, Dom Garcia !  
 Se me não vales agora  
 Não me vales outro dia. =

—Adeus, adeus, minha sogra,  
Que eu a valer lhe já ia.  
Chegou ao meio da serra,  
Vira ir a Dom Garcia.

=Descança aqui, oh mouro,  
Que eu cançadinha já ia ;  
Tomaremos um taquinho,  
Beberemos uma pinguinha.  
Cavalleiro que além vem,  
Elle para o Mouraria iria.

—•Se elle era teu pae,  
De beber se lhe daria.

=Elle meu pae já o não tinha.

—•Pois se elle era teu irmão,  
De beber se lhe daria.

=Pois elle meu irmão não é,  
Que eu irmão já não tinha.

—•Pois si elle era teu marido,  
De beber se lhe daria.

=Meu marido não é,  
Que eu inda não o tinha.

—

—Deus os guarde, oh senhores,  
Deus os queira guardar !

=D'onde era lo senhor  
Que era tão cortez no fallar ?

—Sou mouro da Mouraria,  
P'ra lá vou a caminhar.

—•Se é mouro da Mouraria  
Hade levar esta *ninha*,  
Que levamos de esposa  
O' meu rei da Turquia.

—Menina que não tem honra,  
No meu cavallo não ia ;  
Pois de beijos e abraços  
Que voltas já levaria ?

—•Pois se a tinha, einda a tem,  
Ninguem lh'a tiraria,  
Pois levamol-a de esposa  
O' nosso rei da Turquia.

—

Pegara-lhe pela mão,  
Sobre o cavallo a poria;

- Os Moirinhos mas abaixo,  
E los christanos mas ácima.  
—«Tornamos cá, cavalleiro  
Tornamos cá a nossa vi nha.  
Que a levamos de esposa  
Ao nosso Rei da Turquia.  
—Dizei lá ao vosso rei  
Que a ninha que era minha;  
Que me pertencia a mim  
E não ao rei de Turquia.  
—«Temos cá os vestidos  
Que já compramos á ninha.  
—Os vestidos não são vossos  
Os vestidos são da ninha.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 10; ib., VIII, p. 74.)

Na tradição popular das Asturias Menendez Pidal colheu duas versões d'este romance dignas de se compararem com a trasmontana :

#### La esposa de Don García

- En poder de moros va,  
En poder de moros iba,  
En poder de moros va  
La esposa de Don Garcia.  
.....  
—Dios la guarde, la mi madre,  
Dios la guarde, madre mia;  
Por aqui pasó mi esposa,  
La mi esposa querida ?  
«Por aqui pasó esta noche,  
Tres horas antes del dia ;  
Vihuela de oro en las manos,  
Y muy bien que la tangia.  
—Andes, andes, mi caballo;  
Guárdete Santa Maria;  
Llevareisme á lo palacio  
Donde mi suegra vivia,  
Que lo que mi madre ha dicho,  
Mi madre revocaria.  
.....  
Dios la guarde, la mi suegra,  
Dios guarde, la suegra mia,  
Por aqui pasó mi esposa,  
La mi esposa querida ?

—«Por aqui pasó esta noche  
Tres horas antes del día,  
Vihuela de oro en las manos  
De pesar no la tangia;  
Toda vestida de luto  
Por onde iba oscurecia.

—Andes, andes, mi caballo,  
Guárdete Santa Maria;  
Pasarasme aquella sierra  
Aquella sierra bravía;  
Si á aquella sierra llegares,  
Nunca mas aquí volvias.

.....

Dios los guarde a los moros,  
Y a toda la moreria;  
Grandes guerras les armásteis  
Al Infante Don Garcia.  
Y le robásteis la esposa  
De los palacios de su tia.

=Tómela, el caballero;  
Por cien doblas la darian,  
Si doncella la trajimos,  
Doncella la volveria.

Él la agarró por el brazo,  
Y á caballo la ponía.

(*Antologia de Poetas liricos*, t. X, p, 76)

4 — O Cativo. — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 147 a 169.)—  
E' vivissima esta tradição em Lisboa, Algarve, Madeira e Açores; apagada na versão oral de Traz-os-Montes, assim como na Catalunha. (*Romancerillo catalan*, n.º 267) Menendez Pidal traz uma versão das Asturias, que na sua parte descriptiva é egual á portugueza, e com um quadro em que dois amantes foram ambos captivos (remeniscencia de *Flores e Branca flor*) e que, evadindo-se do cativoiro chegaram a sua terra natal, aonde são reconhecidos pelos parentes e alli se casam. (*Romances que se cantan por Asturias*, n.º 282: *Los Cautivos*) *Romancero general*, vol.º 258; Timoneda, *Rosa de Romances de 1572*; *Antologia*, vol. x, p. 219, fragmento.

A poesia d'este romance animava todos os espiritos do seculo XVI. Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon*, de Vicente Espinel, o mais bello episodio é o de uns amores que teve o aventureiro, quando cativo em Argel. (Pag. 216, 218 e 220, da edição de 1869.)

Logo que Marcos de Obregou chegou cativo a A rgel, encontrou a mulher e a filha do capitão pirata na praia: «Saliéronle á recibir su mujer y una hija, muy española en el talle y garbo, blanca y rubia, con bellos ojos verdes, que realmente parecia más nacida en Francia que criada en Argel. algo aguileña el rostro alegre y muy apacible, y en todas las demas partes muy hermosa. Hallé un agradable albergue en hija y madre; pero mucho más en la hija, porque como habia oido decir á su padre mucho bien de España y los habitadores de ella, que naturaleza la llevaba por este camino. Regalábame más que a los demás esclavos; . . . » A prosa de Vicente de Espinel desdobra-se, aprimorada em phrases intraduzíveis, para contar o amor occulto que nascia entre elle e a filha do capitão pirata. A *doncellita* mandava-o continuamente, para ter o prazer de ser servida por elle; o cativo veiu a receiar que descobrissem estes amores e tratou de combater em si a paixão: «La pobre doncella que sintió novedad en mi, llevólo con mucha melancolia de corazon, abatimiento de ojos, arcauces y lumbreras del alma, color mudado de rostro, suspencion en las palabras y encogimiento en el trato.» Era uma nostalgia profunda; depois de tentados todos os remedios, chamaram o cativo para lhe dizer umas palavras mysteriosas que sabia. Milagre de amor! ao aproximar-se da *doncellita*, ella começou a animar-se, a fallar, a sorrir-se. Que pena! o cativo, mais do que tudo, amava a sua terra, e só pensava em voltar a ella.

Já Camões fazia allusões a este romance, nos *Disparates da India*, (*Rimas*, Lisboa, 1666, p. 284). Camões termina uma estrophe com os dois versos com que o romance principia como no *Cancionero de Romances* de Anvers:

Mi padre era de Ronda  
Y mi madre de Antequera, etc.

### El Cativo

Preguntando está Flerida  
A su esposo placentera,  
En un vergel asentada  
Junto una verde ribera:

—Digasme tu, esposo amado,  
De dónde eres? de qué tierra?  
Y a dónde te captivaron?  
Y libertad quien te diera?



«Yo os lo diré, dulce esposa,  
 Estando atenta siquiera : \*  
 Mi padre era de Ronda, <sup>1</sup>  
 Y mi madre de Antequera ;  
 Captiváronme los moros  
 Entre la paz y la guerra,  
 Y lleváronme á vender  
 A Velez de la Gomera.  
 Siete dias con sus noches  
 Anduve en el almoneda :  
 No hubo moro ni mora  
 Que por mi una blanca dera,  
 Si no fuera un perro moro  
 Que cien doblas ofreciera,  
 Y llevárame á su casa,  
 Echárame una cadena ;  
 Dábame la vida mala,  
 Dábame la vida negra ;  
 De dia majaba esparto,  
 De noche molia cibera.  
 Echóme un freno á la boca,  
 Por que no comiese d'ella.  
 Pero plugo á Dios del cielo  
 Que tenia el ama buena :  
 Cuando el moro se iba á caza  
 Quitábame la cadena ;  
 Echábame en el regazo,  
 Mil regalos me hiciera,  
 Espulgábame y limpiaba  
 Mejor que yo mereciera.

A este thema do *Cativo* tambem se prende um outro, em que em vez de ser um christão é um mouro que é libertado pela piedade de uma donzella christã, que logo atraiçôa fugindo com ella e annunciando-lhe a escravidão, que a espera. Entra no numero dos Milagres da Virgem, o grande thema das *Cantigas de Santa Maria* do rei Affonso o Sabio. Na tradição oral de Traz-os-Montes encontrou Leite de Vasconcellos uma preciosa versão d'este thema, algum tanto fragmentada. (*Romanceiro portuguez* n.º XIX, p. 23. Lisboa 1886). Incorporamos aqui uma versão trasmontana de Vinhaes, acompanhada das variantes que a completam :

\* Até aqui na *Rosa de amores*, de Timoneda.

<sup>1</sup> D'aquí em diante, com pequenas variantes, é semelhante ao romance *Mi padre era de Ronda*, do *Cancionero de Romances*, de 1550, fl. 243

## O Mouro

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

- Canta Mouro, canta mouro,  
Canta pela tua vida.  
«Como cantara, senhora,  
Se eu ferros não podia.
- Canta mouro, canta mouro,  
Que eu t'os alargaria.  
«Se m'os alargaes, senhora.  
Commigo a levaria. (1)

Levara-a sete leguas ;  
Nem uma falla lhe dizia ;  
O' cabo de sete leguas  
Altas torres relumbriam.

- Dize-me, ó perro mouro,  
Dize-me pela tua vida,  
Quem são aquellas torres  
Que d'ó longe relumbriam ?  
«Umás são de minha mãe,  
Outras de uma tia minha ;  
Outras são de minha esposa  
A quem eu tanto le queria.
- Dize-me tu, ó perro mouro,  
Dize me pela tua vida,  
Se me levas por esposa,  
Se me levas por amiga ?  
«Nem te levo por esposa  
Nem te levo por amiga,  
Levo-te por minha escrava  
Da sala e da cosinha.  
O pão te darei por onça,  
E a agua por medida ;  
Heide-te fazer a cama  
D'onde o cavallo dormia ;  
Heide-te dar de paulada  
Sete tundas cada dia.

(1) Segue-se na versão de Maçôres :

- Vamos, Mouro, vamos mouro,  
Vamos para a Mouraria l

—Oh Virgem nossa Senhora, (1)  
Se me valeis algum dia!  
Tornae-me este pêrro mouro  
A's prisões que meu pae tinha.

Palavras não eram ditas,  
Moiro para traz voltaria.  
Chegou á entrada do palacio,  
Seu pae muita pena tinha.

—«D'onde vens, oh minha filha,  
D'onde vens tão 'spalvorida ?

—Venho da banda de além,  
De cumprir a romaria ;  
Este ladrão d'este mouro  
Foi na minha companhia,  
Lá no meio do caminho  
Fez-me uma descortezia.

—«O pão lhe hei dar por onça (2)  
E a agua por medida,  
Hei-de te dar por soldada  
Sete tundas cada dia ;  
Heide-o carregar de ferros  
Antes que amanheça o dia.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 71 ; *ib.* IX, p. 305.)

(1) Segue-se na versão de Maçôres:

—Minha Senhora da Serra,  
Que estaes lá tão mettidinha,  
Tendes lá corôa de prata,  
Meu pae de ouro vol-a daria,  
Se me levaeis este moiro  
A' prisão que meu pae tinha.

(2) —«Podias comer bom pão,  
Melhor que El rei comia ;  
Agora comes da palha  
Que meu cavallo não queria !  
Podias beber bom vinho,  
Melhor que El rei bebia ;  
Agora bebes da agua  
Que meu cavallo vertia !  
Podias dormir boa cama  
Melhor que El rei dormia,  
Agora *drumes* na córte  
Prezo á estrebaria.

Com o titulo *El Cautivo* vem uma versão asturiana d'este romance na Bibliotheca del *Folk Lore español*, t. VIII, p. 151 ; *Antologia Poetas liricos*, t. X, p. 149.

**5. Vida alegre** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 171.) E' a unica versão conhecida, na tradição oral de Valpassos ; parece ser o exordio de um romance narrativo feito na época da reconquista do solo hispanico aos sarracenos ; não appresenta nenhuma allusão historica. Como falla de um cativoeiro, ajuntamos aqui o romance do *Preso*, que anda geralmente intercalado em varios romances narrativos, tendo comtudo uma transmissão autonoma.

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Manhana de San João,  
Pelas manhãs do alvor,  
Todos os criados vão  
Visitar o seu senhor ;  
Só eu sou triste coitado  
Que aqui estou n'esta prisão ;  
Não sei quando é dia  
Nem quando arraia o sol ;  
Se não são tres passarinhos  
Que me cantam no alvor :  
Uma era a calhandrina,  
Outro era o rouxinol ;  
Outro era o pintasilgo  
Que inda canta melhor.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 50 ; ib. IX, p. 293.)

No *Romancerillo catalan*, n.º 239, vem este romance :

### **El Preso**

Mes de Mayo, mes de Mayo,  
N'es tiempo de grans calores,  
Quando la cebada grana  
Los trigos n'estan en flores,  
Los condes y caballeros  
Van á ver á sus amores,  
Y yo, pobrete de mi,  
M'estich metido en duras prisiones,  
Sin saber quant es de dia  
Ni tampoch quant es de noche

Si no por dos pajaritos  
 Que volan sobre la torre (1);  
 Lo uno n'hi marca le día  
 L'otro n'hi marca la noche.  
 Los cabellos de mi cabeza  
 M'en redondean els talones,  
 Los pelos de mia barba  
 M'en redondean els genollos,  
 Las uñas de mias manos  
 Parecen uns tejadores.

§ IV.—*Cyclo de Xácaras e Coplas de burlas*

1. O Cego — (*Romanceiro*, vol. II, p. 173 a 190.) Em algumas versões o título traz qualificativos: *Cego fingido, andante, pedinte*, e *Cego amador*. No antigo *Cancionero de Romances*, de Anvers, encontra-se este thema particularizado em uma situação da sociedade mosarabe:

Yo me era mora Moraina,  
 Morilla de un bel catar,  
 Cristiano vivo á mi puerta,  
 Coitada, por me enganar.  
 Hablóme en *algarabia*,  
 Como quien la sabe hablar:

—Abras-me las puertas, mora,  
 Si. Alá te guarda de mal.  
 «Como te abriré, mesquina,  
 Que no sé quen tu serás?»  
 —Yo soy el moro Mazote,  
 Hermano de la tu madre,  
 Que un cristiano dejo muerto  
 Y tras mi viene el alcalde.  
 Si no me abres tu, mi vida,  
 Aquí me verás matar.

Cuando esto oí, cuitada,  
 Comencéme á levantar,

(1) No *Cancionero de Romances*; e no *Cancionero general*, ed. 1511, ff. 136:

Si no por una avecilla  
 Que me cantaba al alvor.

Vistiérame un almeja,  
 No hallando mi brial.  
 Fuérame para la puerta,  
 Y abrila de par en par.

O velho romance não tem desfecho, mas advinha-se o resto. Na *Floresta de enganos*, de Gil Vicente, vem o fragmento de um romance, com o mesmo pretexto :

Llevántate, panadera,  
 Si te has de levantar,  
 Que un fraile deajo muerto,  
 No traigo vino ni pan.

(*Obras*, t. II, p. 139.)

As numerosas variantes d'este romance são quadros renovados, pondo em evidencia a elaboração anonyma popular. No Brasil esta canção narrativa teve um desenvolvimento figurado ou dramático. No Lagarto, villa de Sergipe, nas festas populares das Janeiras, esta *xácara* é representada em fórma de Auto, conjuntamente com o *Bumba meu boi*, os *Marujos*, os *Mouros*, elementos preciosos da elaboração espontanea do theatro popular. (*Rev. Brasileira*, vol. I, p. 265.) Depois dos riquissimos focos tradicionaes da Madeira e Açores, ainda se encontra uma versão d'este romance do *Cego* entre os Judeus portuguezes, que foram expulsos pelo fanatismo boçal do rei Dom Manuel, para com isso captar as graças da côrte castelhana.

Nos *Romances tradicionales de los Judios de Levante*, n.º 39, vem esta versão do *Cego* :

Siete años andaví  
 Por una linda dama :  
 No me la dejan ver,  
 Ni por puertas ni ventanas.  
 Hiceme un Romero  
 De la Roma santa.  
 Fui á la su puerta  
 Demanda le demandaba.  
 (La madre cosia,  
 La hija labrava) :

—Levantéis, bolisa,  
 Del vuestro labrado ;  
 Le deis la limosna  
 A' este Romero.

- «Madre, la mi madre,  
 Que este mal Romero ?  
 Yó le dé la limosna,  
 El me apreta el dedo.  
 —No pecáres la mi bolisa,  
 Que él allá es un ciego :  
 —«A tientas, á tientas,  
 Os apreté el dedo.  
 Mostradme, bolisa,  
 Por dónde es el camino ?  
 Yo os daré á vós  
 Anillo de oro fino.  
 Mostradme, bolisa,  
 Por dónde dó el paso ?  
 Y os daré a vós  
 Anillo de oro en mano.

Estas palabras diciendo  
 Al hombre se le echó.  
 Pregoneros salian  
 Por todas las vias.

- =Quién vida á la flor,  
 Y la floreria ?  
 Quién vido al Romero,  
 Que bulto llevaria ?  
 —Si es la mi hija,  
 Traédmela al lado.  
 Si és la mi nuera  
 Llevadla al palacio.

(*Antologia de Poetas liricos castellanos*, t. X, p. 335.)

O Conde Nigra encontrou doze versões d'este romance na Italia piemontezza (Piemonte, Monferrato e Canavese) com muitas similhanças com as dos Alpes Maritimos ; intitula-se *Bella Leandra*. Acompanha-as de um erudito estudo, do qual compilamos a parte mais geral. O thema, em que um rei vestido de mendigo, recebe esmola da donzella, e lhe aperta a mão, e depois a desposa, é analoga á lenda de Autari, rei dos Lombardos, e da sua noiva Theodolinda, contada por Paulo Diacono. (*De Gesta Longob.*, III, XXX.) Autari fôra á côrte do rei da Baviera Garibaldo, assim disfarçado para conhecer mais de perto a noiva. Tambem os chronistas Aimonus e Gregorio de Tours, attribuem um caso semelhante a Aureliano, convidado por Clodoveo, rei dos Frankos, para ir á côrte

do rei dos Burgundios offerecer o anel nupcial á princeza Clotilde; elle vae tambem disfarçado em mendigo. Ainda a mesma lenda nos esponsaes de Attila e Erka, nos de Herbart e Hilda. *Canti popolari del Piemonte*, n.º 43: *La bella Leandra*, p. 267 a 273.—*Romanic*, vol. XV, p. 122-23. Garrett determina os paradigmas em duas balladas escossezas do rei James V: *The Gaberlunzie man e Jolly Beggar*. (Percy's, *Reliques of ancient english Poetry*, série II, vol. I, 10.)—Menendez y Pelayo, *Antologia dos Poetas liricos*, vol. X.

**2. Linda a Pastora; Linda Pastorinha; Os dois Irmãos; Pastora Linda; Rosa Pastorinha.**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 191 a 219.) Na tradição portugueza este romance é muitas vezes acompanhado de um preambulo, contando como um rapaz regressando do Brasil á sua aldeia, encontra a irmã na serra, e antes de se dar a conhecer, começa a fallar-lhe de amores, por apósta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquivada de todas as môças da terra. Na versão garrettiana, dos arredores de Lisboa, o guapo galanteador não é irmão, nem vem com a preocupação da apósta; é um despique de conversados, com aquella antiguidade das «*Cantigas serranas e dizeres portuguezes*» de que fallava o Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal. Nos *Canti popolari del Piemonte*, colligiui Nigra duas versões *Tentazione* (p. 403) e la *Figliula prudente* (p. 460); aponta nas suas notas numerosos paradigmas italianos de Marcoaldi, Rhigi, Bernoni, Ferraro, e Domenico Buffa. Mostra que as versões francezas e provençaes são semelhantes ás italianas.—Guillon, *Chans. popul. de l'Ain*, p. 61.—Damase Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, II, 113, com este final, analogo ao portuguez:

Garde les moutons qui voudra,  
E me lou galant vau anar.

Tambem em outras versões portuguezas triumphava a honestidade da rapariga, como na da Bretanha: *Le frère et la soeur* (Luzel, *Cants populaires de la Basse-Bretagne*, I, 203); e *Chants populaires du Nord*, de Marmier, p. 175: *L'épreuve*. Emile Souvestre, *Les derniers paysans*, p. 119.—Na Úkrania *O Irmão e a irmã*; e a bylina russa: *Petrovitch*.

Nos *Chants populaires du Pays Messin* (p. 54), encontramos um romance perfeitamente analogo ao nosso; transcrevemol-o para se seguir o fio originario da tradição:



## L'épreuve

- Ma mère, où est ma sœur ?  
 «Mon fils, elle est aux champs,  
 Gardant ses moutons blancs.
- Ma mère, n'avez-vous pas peur d'elle ?  
 Les soldats y sont si fréquents,  
 Qu'il y en a parmi les champs.
- «Mon fils, quand il y en avait mille,  
 Dix mille, aussi dix millions,  
 Jamais votre sœur n'y auront.
- Ma mère, voulez-vous parier  
 Cent pistoles, et qu'elle ne me reconnaisse point,  
 Et je vous promets que je l'emmènerai bien.

A pris son cheval par la bride,  
 S'en va, riant, tout falottant,  
 Trouver la bergère aux champs :

- Que Dieu te garde, belle bergère,  
 Bergère, en guardant tes moutons,  
 Ensemble si tu veux causerons !  
 Ma bergère, jolie bergère,  
 J'ai cent écus à vous donner,  
 La belle, s'il vous plais de m'aimer.  
 «De vos cent écus je n'en ai que faire,  
 Je n'ai point de bourse pour les serrer ;  
 Là, vous pouvez vous retirer.
- J'ai une belle bourse, jolie bergère,  
 J'ai une belle bourse à vous donner,  
 La belle, s'il vous plait de m'aimer !

La belle a planté sa houlette.

«Gardera mes moutons qui voudra,  
 Avec mon amant je m'en vas.

- Tenez, ma mère, voilà ma sœur  
 Elle est à moi si je voulais ;  
 Mais, c'est ma sœur, je n'oserais.

La belle a pris si grand honte,  
 Dans la rivière elle va se jeter ;  
 La pauvre fille, elle s'a noyée.

Este desfecho tragico como consecuencia de uma aposta divertida não se encontra na tradição meridional.

**3. Dona Ausenda** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 222.) Quadro desenvolvido de uma situação do Conde de Montealvar, representado por um ermitão da Ponte da Alliviada. Contém o talisman genésico da *erva fadada*, que é as vezes uma certa fonte e o Philtro de Yseult ou *Isaut*, (*Isêa e Ausenda*). Incorporamos aqui uma versão trasmontana deturpada por um extremo laconismo :

**Dona Alvórea**

(TRAZ-OS-MONTES — *Ligares*)

A' porta de Dona Alvórea  
Nasceu uma herva mui má ;  
Dona Alvórea buliu n'ella,  
Logo se sentiu pejada.

—De que mira, meu pae,  
De que tanto me mirava ?  
«Miro-te, oh minha filha,  
Que me pareces pejada.  
—Não é d'isso, oh meu pae,  
E' a saia mal talhada.

Mandou chamar dois alfaiates  
Em que elle mais confiava.

«Digam-me, oh senhores mestres,  
Que êrro tem esta saia ?  
—«Esta saia não tem êrro,  
Nem tampouco mal talhada ;  
A menina que a trai  
Nos parece pejada.

—«Que levas ahi, sobrinho  
Na ponta da tua capa.  
=Levo pêras e maçãs  
Para dar ás desejadas.  
«Déral-as a tua prima  
Que tambem as precisava.  
.....  
Que levas ahi, sobrinho ?  
Falsete da minha casa ?  
=Não é isso, oh meu tio,  
E' um cavallo que relinchava.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 52; *Rev. Lusit.*, t. IX, p. 294.)

4. **Flor do Dia** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 226). Único, na tradição açoriana da ilha de S. Jorge. Appresenta uma circumstancia curiosissima: a versão IV da *Não Catherineta* (Açôres) dá ao gageiro que sobe ao mastro o nome de Pedro, o qual acceta a offerta que o Capitão lhe faz de uma das suas trez filhas, que elle avista debaixo de um laranjal; mas ao chegarem a terra a salvamento, o capitão já não está pelo promettido e as trez meninas que deram com o gageiro no quintal, desancaram o com muita pancada. Sobre este lance o povo tinha margem para bordar nova rhapsodia ligando a *Não Catherineta* com a *Bella Infanta*, evidenciando o seu fundo odysseico.

5. **O Toureiro namorado** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 228.) Colligida da tradição oral da Beira Baixa; tem o merecimento de representar um aspecto dos costumes peninsulares, a paixão pelos divertimentos tauromachicos. Não se encontra nas demais provincias. O final apparece como logar commum em outros romances. No *Testamento do Gato*, da Galiza, vem:

«Nha madriña, se me muero,  
Non me entérren en sagrado,  
Entérenme en campo verde,  
Ond' á pacer vai o gado.  
Deijenm' a cabeza de fora  
E o cabelo ben peinado.  
Para que digan as gentes:  
=Este pobre desdichado  
Non morreu de tabardillo,  
Nin tampoco de costado;  
Morreu, si, de mal d'amores,  
Ay! qué mal desesperado.

(*Biblioteca de las Tradiciones populares españ.*, t. IV, p. 15.)

Em uma das versões do *Conde Preso*, apparece esta mesma disposição do que vae morrer.

«*O Conde*» (*Versão de Maçôres*) n.º 88, do *Rom. trasmontano*, tem o seguinte final:

—Mais quero morrer com honra  
Que viver envergonhado,  
Nem por mim toquem sinos,  
Nem subam ao campanario;  
Nem me enterrem na egreja,  
Nem tampouco em sagrado.

Enterrem-me n'aquelle vall' verde  
 Onde pasta o meu cavallo,  
 Deixem-me a cabeça de fóra  
 E o meu cabelo entrançado,  
 Que digam os passageiros :

=Deus te perdôe, desgraçado!  
 Nem morreu de garrotilho,  
 Nem tampouco constipado;  
 Morrera de mal de amores  
 Que é um mal mui desgraçado.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 88; *Rev. lusit.*, IX, 315.)

Os touros eram obrigados ás festas reaes portuguezas, como se vê na *Miscellanea* de Resende. Pelas festas do nascimento do Principe D. João, pae de D. Sebastião, correram no Funchal «muitos Touros grandes e bravos... e hum touro manchado, pintado, que veio do Cabo da Guee, para esse effeito.» (Fructuoso, *Saudades da Terra*, cap. 108. Ed. Azevedo.)

7. **A Freira arrependida** — (*Romanceiro*, vol. II, p.º 232 a 237.) E' um grito de alma saído dos in-pace dos claustros medievaes. E' uma queixa dorida da mulher na sua fraqueza, mas fortificada pela verdade do sentimento e do bom senso, appellanno para que chegue a hora do imperio da rasão e da tolerancia. Quem escreveu ou sentiu a desolação d'esta *xácara* foi talvez alguma contemporanea, irmã no soffrimento, d'essa pobre *Religiosa portugueza*, Marianna Alcoforado, que soube exprimir com palavras eternas a paixão da alma.

No Cancioneiro manuscripto do Visconde de Juromenha, do seculo XVII, extrahiu D. Carolina Michaëlis (fl. 9, n.º 31,) uma *Lamentação de hũa Freira que meteram no Mosteiro de menina*; consta de trinta e trez estrophes; transcrevemos as que mais se aproximam da lição portugueza :

Mis padres me encerraran  
 por se ahorrar de mi dote;  
 vestíranme un capote,  
 i soi monja.  
 Habláronme com lisonja  
 i diéranme un saial;  
 quando conocí mi mal  
 era professa!  
 Todo es una celda huesa  
 dormitorio es purgatorio;

regalos de refeitorio  
son gemidos !

.....  
Si no es la abade benina  
luego vos pone na cruz ;  
i todas hazemos buz  
i no basta.

Coitada de la que gasta  
su vida traz torno é redes !  
mal haia quien hizo paredes  
i tan altas

.....  
Véome nesta estrechura,  
Do salir ia no espero,  
ni tener ia lo que quiero,  
si no muerte.

Dura i inqua suerte  
Fue la mia, i sin remedio,  
pues no puedo hallar medio  
á mi vida.

.....  
Pues no tengo en mi mano  
quanto io tener solia,  
que aqui niña me ponía  
mi padre.

Oh cruel de ti, mi madre,  
Como en esto consentiste  
que fuese io la mais triste  
de tus hijas.

Si desto te regosijas  
ia acabado lo tienes.  
Mando, queda con tus bienes,  
i tu hados

.....  
Mas denme la sepultura  
que mi anima desêa,  
i plega a Dios que possea  
el cielo que siempre dura,  
i penar mas no me vea !

(*Zeitschrifte fur romanische Litteratur*, vol. VIII, p. 636.)

Em todas as religiões asceticas o tédio é o mesmo; nos *Ava-panas*, da China, traduzidos pelo celebre sinologo Stanislas Julien, vem uma ballada, *Ni-ku-ssé-fan* ou a *Freira que pensa*

no mundo, que tem fundas analogias com a xácara portugueza :

«Na primeira vigilia, uma joven religiosa entrou no templo ; — ella tem na sua mão umas camandulas de perolas brancas, e os seus olhos estão alagados de lagrimas:— «Pobre menina! Que desgraça a minha, por ter deixado o mundo. Estôu na flôr da minha primavera, e sem ter um esposo !»

Ella deixa escapar uma queixa contra seu pae, um murmúrio contra sua mãe:— «Não era preciso arrastar-me onde todas as manhãs se adora Kuan e Fo. Quando chega a noite, eu penso em ter um esposo ornado de graças, e espirito.»

Na segunda vigilia, a joven religiosa afflige-se e lamenta-se : — «Eu penso em minhas irmãs, que têm cada uma d'ellas um esposo encantador, que realça pelo traje e pela sua belleza. Ellas têm em seus braços lindos filhos, que chamam pela sua mãe com uma voz cariciosa.

«Quanto mais n'isso penso, mais a minha alma se confrange de dôr. Ellas mostraram os seus negros cabellos, e mostram quanto podem a habilidade e o desejo de agradar. Flôres recentemente apanhadas baloiçam levemente sobre suas cabeças, e argolas de ouro pendem-lhes das orelhas !»

Na terceira vigilia, a joven religiosa pensa e suspira:— «Eu vejo o disco arredondado da lua e que gira para o occidente, em quanto eu estou no templo immersa em um devaneio silencioso.» Ella lava as suas mãos para queimar incenso, e profere : — «*O-mi*

.....  
Na quarta vigilia, a joven religiosa cahira em somno profundo:— «Eu vi em sonhos um estudante môço que entrava na minha cella. Elle puchou-me para si e apertou-me sobre o meu coração. Encostou-se sobre o meu leito e encheu-me de afagos.

«Em meio do sonho, dirigiu-me palavras de ternura e de amor. Que escuto ! o vento empurra a minha porta, e a aldraba sonora retumbou na minha alma abalada. . . Eu acordo, e a minha illusão esvae se. Dou por mim sobre o meu leito humido de lagrimas, e caio n'um vacuo medonho.»

Na quinta vigilia a joven religiosa adormece até á hora em que o sol doira os primeiros alvôres do dia.— O pássaro kinhi poisa sobre o ramo e solta o canto matinal que annuncia a aurora. «Eu reso as minhas orações sacras, mas a minha alma verga sob os mais cruéis tormentos. Eu só tenho um desejo : é descer da montanha á procura de um esposo.»

Ella deixa escapar uma queixa contra seu pae, um murmúrio contra sua mãe : — «Não era preciso, não, encerrar-me

em clausura. Uma cousa me espanta, e mesmo me confunde : é a resposta d'aquelle que leu a minha sina. Aquelle que tirou a minha sina disse, que eu estava destinada a viver sósinha, que eu devia renunciar ao que é mundano.

.....  
 «As mulheres seculares vestem-se de tecidos macios, entretecidos de ouro e de seda. Esta triste escrava não tem outra vestimenta além de uma tunica de estamemha feita de retalhos grosseiramente cosidos.

«Esta manhã o superior saíu : eu quero fugir da clausura e ir procurar um amante.— Quero um esposo, quero-o terno e apaixonado. D'aqui a um anno eu serei mãe. No anno que vem, uma bella criança hade estar suspensa ao meu seio.

«Quando o tiver creado até á idade de um anno, até á idade de dois annos, elle me puchará docemente pela saia, e com voz infantil me chamará ma-má. Etc. (*Contes et Apologues indiens, suivis de Fables et de Poésies chinoises*, t. II, p. 176 a 184.)

**8. Confissão do Pastor** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 242.) Trovas de um dialogo faceto e atrevido da Edade média, em que o povo parodiava os sacramentos. Não se encontra um minimo vislumbre da *Confissão do Pastor* no continente. Termina com um traço pittoresco, que faz o desespero da arte. O padre manda ao pastor que ajoelhe, porém o mancebo das brenhas só está acostumado a ajoelhar-se para receber na bocca a *frechada de leite*, acompanhada com a dentada de pão. Escrevia-nos o dr. João Teixeira Soares sobre esta versão colhida na Ribeira de Areia: «A respeito da tradição poetica da Ribeira de Areia, ha n'aquelle logar uma senhora D. Barbara de Azevedo, matrona quasi nonagenaria; nasceu, foi criada e tem sempre vivido alli; conserva a memoria ainda fresca e gosta muito de poesia popular, de que é um verdadeiro tombo. Foi d'esta senhora, exclusivamente, que Marianna da Conceição e mais uma ou duas raparigas do logar têm recebido os seus conhecimentos sobre o assumpto. Isto prova o quanto a tradição d'estas cousas tende a obliterar-se da memoria do povo. Sem esta senhora, as tradições que eram populares nas gerações contemporaneas na sua mocidade, não teriam attingido a actual.»

**20. O velho gaiteiro — Maravilhas do meu Velho — A Viuva casadeira—Viuva resignada — Pranto da Viuva** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 260 a 265.) O thema do *Velho* na tradição fica tratado na *Historia da Poesia popular portu-*

gueza, t. I, p. 462. Nos *Canti popolari del Piemonte*, Nigra traz duas versões d'esta xácara com o titulo *Strano Vocero* (p. 419) e fez o confronto com as numerosas versões francezas, publicadas por Tarbé, *Romancero de Champagne*, II, 242; da *Romania*, vol. IV, 216; V, 376; da Revista *Melusine*, I, 544; II, 302; Bladé, *Chans. popul. de Gascogne*, II, 57; III, 383; Boujeaud, *Ch. populaires de l'Ouest*, II, 52, 68, Fleury, *Litter. Orale de la Basse Normandie* p. 360, e nas colleções de Cénac Moncaut, Decombe, Guillon e Rolland.

26 — O Galante. — (*Romanceiro*, vol. II, p. 276.) Colligida esta preciosa xácara na ilha de Sam Jorge (Açores) e publicada nos *Cantos populares do Archipelago*, n.º 81. Nenhum folk-lorista a encontrou ainda em qualquer terra de Portugal. Nas Asturias, apesar de ser uma canção narrativa, tornou-se um Jogo infantil; colligiu-a Menendez Pidal nos *Viejos Romances que se cantan por Asturias*, p. 349:

—Me casó mi madre,  
 Chiquitita y bonita,  
 Con un muchachito  
 Que yo no queria.  
 A' la media noche  
 El picaro se iba,  
 Con capa terciada  
 Y espada tendida.  
 Le seguí los pasos  
 Por ver donde iba,  
 Y le veo entrar  
 En cá su querida.  
 Me puse á escuchar  
 Por ver lo que decian,  
 Y oigo que le dice:  
 =Palomita mia,  
 A ti he de comprarte  
 Saya y mantilla,  
 Y á la otra mujer  
 Palo y mala vida.=  
 Me fui para casa  
 Triste y afligida;  
 Púseme á cenar,  
 Cenar no podia;  
 Me puse a rezar  
 Rezar no podia;  
 Me puse al balcon  
 Por ver si venia;



Ya escuché sus pasos  
 Por la calle arriba;  
 Llegóse á la puerta,  
 Llamando decia:  
 =Abreme la puerta,  
 Abre, vida mia,  
 Que vengo cansado  
 De ganar la vida.  
 —Tu vienes, traidor,  
 De ver la querida;  
 Bien te oí decirle:  
 =Palomita mia,  
 A ti he de comprarte  
 Saya y mantilla,  
 Y á la otra mujer  
 Palo y mala vida.=

Tambem se encontra nos *Cantos populares de Andaluzia*, de Francisco Rodriguez Marin, t. I, p. 81; tem algumas variantes, principalmente no final:

—Tu vienes cansado  
 D'en ca e la querida.  
 =Pícara mujer,  
 Quien te lo decía?  
 —Hombre del demonio,  
 Yo que lo sabia.

Bertrand y Bros, *Cansos y Folias*, p. 123.

38 — O Gato Bella Saude — O senhor D. Gato. — (*Romanceiro*, vol. II, p. 294-295.) — Encontra-se esta xácara na Biblioteca de las Tradiciones populares españolas, t. IV, p. 84; é uma versão gallega, intitulada o *Testamento do Gato*. No *Folk-Lore Bético-Extremeño*. p. 99, vem a seguinte versão castellana, colligida pelo Dr. José Leite de Vasconcellos:

### Romance

Estando el señor gato  
 Sentado na sua silla,  
 Calzando médias de seda  
 Zapatos de oro picado,  
 Con el sombrero á los tres ventos,  
 Parecía un escribano,

Le llegó una noticia  
 Que había de ser casado;  
 Y el gato con la risa  
 Cayó de la silla en bajo,  
 Quebró las siete costillas  
 También la punta del rabo;  
 Mandó á llamar los médicos,  
 Y tambien un cirujano.  
 Tuvo que hacer testamento  
 De lo que había robado:  
 Beinte libras de tocino  
 Siete gallinas y un gallo.  
 Ah, pobrecito gato!  
 Que no se entierra en sagrado!  
 Entiérrase en un campo verde,  
 Donde passeia el ganado,  
 Con la cabecita fuera  
 Y en cabello bien peinado,  
 Para quien pase por allí  
 Diga: Aquí está un desdichado  
 Mico gato meu.

41 — **Amphiguri** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 297.) Filinto Elisio cita em uma nota estes versos desconchavados como tradicionaes; e Alexandre Herculano, em um artigo *Na Extremadura*, escreve: «é cousa inintelligivel, como um pergaminho gasto, e quasi apagado do seculo X, absurdo como um drama romantico, e o

à

Trinta gallegos  
 Não fazem um homem.»

(*Panorama*, t. III, 106.)

Completam-se as Xácaras e Coplas de burlas, com outras ainda não incorporadas, colligidas pelo Abb.º José Augusto Tavares no *Romanceiro Trasmontano*, publicado na *Revista Lusitana*:

### O vestido novo

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

O meu vestidinho novo  
 De ouro bem agaladoado!  
 Se me eu vira tão nova,  
 Fui-me a passear ao 'adro;

Vira andar aos meus amores  
 Passeando no mercado.  
 Acenavam-me de um lenço,  
 E eu fui ao acenado.  
 Estando fallando d'amores,  
 Meu irmão tinha chegado;  
 Tantas pancadas me deu,  
 Por morta me deixara.  
 Adeus, adeus, meus amores!  
 D'amores não quero nada.

(*Ib.*, n.º 15; *Rev. lus.*, VIII, p. 77.)

### Oh triste velha

(TRAZ-OS-MONTES — *Carviças*)

- Meninas, fosteis á feira,  
 Visteis lá os meus amores?  
 «Sim, senhora, bem n'os vimos  
 Na feira dos compradores.
- Meninas, minhas meninas,  
 Que visteis lá comprar?  
 «Oh velha! oh triste velha,  
 Um punhal p'ra te matar.
- Meninas, minhas meninas,  
 Adonde me hei de acautellar?  
 «Oh velha! oh triste velha,  
 Debaixo de um laranjal
- Meninas, minhas meninas,  
 Deixae-me aqui descansar.  
 «Oh velha! oh triste velha,  
 Já te podes levantar.

(*Ib.*, n.º 16; *Rev. lus.*, p. 77.)

### O Moleiro

(TRAZ OS-MONTES — *Carviças*)

Ao moleiro lhe furtaram  
 A mulher pelo telhado,  
 Pensando que era toucinho  
 Que estava dependurado.  
 Ao moleiro lhe furtaram  
 Sete pitas e um gallo:

Moleiro ficou perdido,  
 E o ladrão ficou ganhado.  
 Uma certa cosinheira  
 Lá poz dois cruzados novos ;  
 Lá na sua frigideira  
 Deixou frigr um par d'ovos.  
 Pensou que era pão com queijo,  
 Comeu-lhe duas fatias ;  
 Meteu-se em taes serviços...  
 Durou pouco mais de dois dias.

(*Ib.*, n.º 17 ; *Rev. lus.*, VII, 77.)

### A malcasada

(TRAZ-OS-MONTES — *Carviças*)

Estava a malcasada  
 No seu tear tecendo,  
 Da sua vidinha nova  
 Mal estava dizendo.  
 Ouvia lh'a um clerigo  
 D'onde estava lendo ;  
 Pegou no seu breviario,  
 Fôra-se lá correndo:

— Gertrudes, mal casada,  
 Que estaveis dizendo ?  
 « Caiu-me a lançadeira,  
 Estava-l'a eu erguendo.

Ouvia-a outro clerigo,  
 D'onde estava resando ;  
 Pegou no seu breviario,  
 Fôra-se lá andando:

— Gertrudes, mal casada  
 Que estaveis fallando ?  
 « Caiu-me a lançadeira  
 Estava-a levantando.

(*Ib.*, n.º 18 ; *Rev. lus.*, VIII, 77.)

### . Retira-te, oh ama

(TRAZ-OS-MONTES — *Ligares*)

— Retira-te, oh ama,  
 Que vem a Justiça.

«Se vem a Justiça,  
 Venha muito embora;  
 Eu heide ter dama  
 Do Juiz de fóra.  
 O juiz de fóra  
 Diz que está doente;  
 Eu heide ter dama  
 Do seu escrevente.  
 O seu escrevente  
 Não me quer fallar.  
 E eu pr'amor d'isso  
 Heide-me casar.  
 Se me não casar,  
 Metterei-me freira;  
 Se freira não fôr  
 Serei regateira.  
 Heide comprar caro  
 E vender barato;  
 E se vir que perco  
 Largarei o trato.

(*Ibid.*, n.º 4; *Rev. lus.*, VII, 73.)

### A Villaninha

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

- Villaninha me sondes ora.  
 «Villana sou, mas não vossa.
- Como passa la villana  
 Lá no rio sem uma ponte?  
 Alvejam-lhe os pés n'agua,  
 Parece a neve do monte...
- Como passa la villana  
 Lá no rio sem na pedra?  
 Alvejam-lhe os pés n'agua,  
 Parece a neve na serra...
- Bem lhe mirava el-rei,  
 A's suas altas janellas:
- «Oh quem fôra senhor, fôra  
 De tão *alvesinhas* pernas!  
 «Fazei vós a mim senhora  
 Das vossas altas janellas,  
 Que eu vos farei a vós senhor  
 Das minhas alvinhas pernas.

—Oh quem fôra senhor, fôra  
De tão lindos pernegões!  
«Fazei-me vós a mim senhora  
Dos vossos altos balcões,  
Que eu vos farei a vós senhor  
Dos meus alvos pernegões.

(*Ib.*, n.º 6; *Rev. lusit.*, VIII, p. 73.)

### Rosa branca

(TRAZ-OS MONTES — *Vinhaes*)

—Oh que linda rosa branca  
Lá no claro se passeia!  
Oh que lindo botãosinho  
Se passeia a par com ella!  
Se ella é de gente nobre,  
Eu hei de casar com ella;  
Se ella é de gente baixa,  
Hade ser minha manceba.  
Caçador que vaes á caça,  
Caça-me aquella manceba!  
«Se m'a vós mandaes caçar  
Eu ficarei a par d'ella...  
—Pois tu, lhe queres tanto  
Por ventura tens com ella...  
«Morreu-lhe seu pae ha pouco,  
E eu ficava tutor d'ella.

(*Ib.*, n.º 7; *Ib.*, VII, p. 73.)

### A Lavadeira

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Bem lavava a lavadeira,  
O' som da sua barrella...  
Ella cantando dizia:  
—Oh que meada tão bella!  
Os pannos que ella lavava  
Eram do rei de Castella;  
O sabão que ella deitava  
Viera de Inglaterra;  
A lenha que ella queimava  
Era cravo e canella;  
Lavava-os em tanque de ouro,  
Estendia-os na primavera.

(*Ib.*, n.º 13; *Rev. lusit.*, VIII, p. 76.)

## ROMANCES HISTORICOS E LENDARIOS

§ I. *Cyclo Neogodo e Mosarabe*

1. **Monte Medulio** — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 303.) Vidè *Historia da Poesia popular portugueza*, t. I, p. 196. Pertence á cathogoria dos romances bailados.

2. **O Velho Maioral** — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 304) estudado na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 258.

3. **Dom Julião** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 306). Sente-se n'este romance o relêvo litterario, que inquinna quasi todas as versões do *Romanceiro do Algarve*, de Estacio da Veiga.

No emtanto o seu fundo primitivo determina-se pelo romance da *Silva de Romances viejos*, que começa : (Grimm., ed. 1815, p. 288)

En Ceupta está Julian,  
en Ceupta la bien nombrada. .

Na versão algarvia acham-se estes mesmos versos :

Dom Julião lá em Ceuta,  
Lá em Ceuta, a bemfadada. . .

Vid. *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 227.

4. **Dom Rodrigo** — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 308.) D'esta versão algarvia, colligida por Estacio da Veiga, escreve Menandez y Pelayo, na *Antologia*, vol. X, pag. 32 : «tem aspecto de ser muito moderno. O seu estylo nada popular, torna-o altamente suspeito.» Encontra-se este thema na sua fórmula antiga na *Silva de Romances viejos*, reimpressa por Jacob Grimm em 1815, n.º XXXII.

A este cyclo pertence o romance da *Penitencia do Rei Rodrigo*, que na tradição portugueza de Castro de Avelãs está degradada na fórmula de uma apaga lenda em prosa. Além da versão da Galliza, Menendez y Pelayo publicam duas versões das Asturias, com o titulo *El Penitente* (*Antologia de Poetas lyricos castellanos*, vol. X); ha uma versão do seculo XVI na *Primavera y Flór de Romances*, publicada por Wolf.

5. **Poder da Moirama** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 373.) Estudado na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. I, p. 198.

6. **Figueiral** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 315.) Este canto ficou amplamente estudado sob o aspecto de lenda agiologica

ligada á prestação dos Votos de Santiago na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 101 a 139. Pela sua fôrma, semelhante ao canto da *estavillar*, da dança asturiana, vê-se que elle foi primeiramente uma Canção dansada, que se tornou narrada. No *Livro dos Copos*, em um documento do sec. XV, vem intercalados uns versos, que nos explicam a intenção ægiologica:

Apostolo Santiago,  
Cavalleiro muito honrado,  
Antre os Mouros  
Muy esfoiçado.

(*Rev. lusit.*, vol. V, p. 233.)

Pela epoca em que a Canção do *Figueiral* se vulgarisa, quando no seculo XIV era muito conhecida em Portugal a Novella de *Tristan*, vê-se, que ella fôra simplesmente um Lai, em que se celebrava a libertação das Donzellas, que eram pagas annualmente a *Morhout*, (o mouro Mauregato, da lenda ægiologica) effectuada pelo repto audacioso de *Tristan*, que o mata. No *Cancioneiro Colocci-Brancuti* vem o Lai das *Quatro Donzellas*, celebrando esta libertação do vergonhoso feudo. Será um vestigio do texto perdido do *Tristão* portuguez? (Vid. *Historia da Litteratura portugueza*. Edade média, p. 275 a 278.)

7, 8. — O Cavalleiro da Silva; Ruy Cid; O Moiro atraído; Guai Valença — (*Romanceiro*, vol. II, p. 317 a 326.) Este romance propriamente castelhano penetrou profundamente na tradição popular portugueza do Algarve, Madeira e Açores. Acha-se estudado comparativamente na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 261 a 267, aproveitando os resultados do estudo de D. Carolina Michaëlis (*Zeitschrift fur romanische Philologie*, t. XVI, de 1891.) Gil Vicente no *Auto da Lusitania* (t. III, p. 270) traz alguns versos do romance: «Helo, pelo por do viene», na parte que começa *Guai Valencia!* Tambem no *Romancerillo catalan*, n.º 238; e na *Primavera y Flór de Romanes*, t. II, p. 36. Incorporamos aqui uma versão trasmontana, que revela a importancia extraordinaria d'aquelle fóco tradicional:

Dom Oucidres (O Cid)

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

Bem se passeia Mourito  
De calçada em calçada;  
Olhando para Valencia  
Como está amuralhada:



—Oh Valencia, ó Valencia,  
De fogo sejas queimada!  
Pois quando eras de Mouros  
Eras de prata lavrada;  
Agora sois de christãos,  
Sois de pedra mal talhada!  
Se minha espada me não quebra,  
Minha sustancia me não falta,  
Antes de vinte e quatro horas  
A Mouros serás tornada.  
A filha de Dom Oucidres  
Ja foi minha cautivada;  
Agora tem a mais nova  
Que será minha namorada.

Ouvira elrei Dom Oucidres  
De altas torres d'onde estava :

«Levanta-te, oh minha filha,  
Pega na tua almofada;  
Vae, vence-me aquelle mourinho  
De palavra em palavra!  
As palavras sejam poucas,  
E de amores bem tocadas.

- «Bemvindo sejas, Moirinho,  
Bemvinda a tua chegada;  
Sete annos ha, oh Moirinho,  
Que eu por ti não lavei cara!  
—Ha outros sete, senhora,  
Que eu por si não fiz a barba!  
—«Vae-te d'ahi, oh Moirinho,  
Não digas que te fiz falha;  
A Babeca de meu pae  
Ella trepa na calçada.  
—Não se me dá pela Babeca,  
Nem por quem n'a cavalgava;  
Se a Babeca corre muito,  
O meu cavallo voava.

Botou por um valle abaixo,  
Não corria que voava;  
O valle estava lavrado,  
O cavallo se lhe atolava.

- Mal o hajas las lavradas,  
E os toiros que as lavraram!

• Estas lavradas, Moirinho,  
Foram lavradas em Maio,  
Quando os touros emgrossam  
E os mancebos adelgavam.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 72. *Rev. lusit.*, vol. IX, p. 305.)

**10. Moiro pêrro** — (*Romanceiro*, vol. I, p. 530.) Completa o estudo da Nota do Romance do *Cativo*, p. 548. Não tem referencia historica; podendo incorporar-se no grupo dos romances do Cyclo Marial.

**11. D. Vela** — (*Romanceiro*, vol. I, pag. 330.) Extraordinario especimen dos Romances peninsulares primitivos em versos quinaros, a que o Chanceller Ayala chamou *Versetes de antigo rimar*. Apareceu no *Cancioneiro Colocci*, n.º 466. (Vid. *Historia da Poesia popular portugueza*, I, p. 202.) Pode escrever-se ligando os dois hemistychios, formando o verso decasyllabico, como queria Jacob Grimm; mas estas fórmulas nasceram medidas originalmente pelo rythmo a que eram dançados os romances.

O romance de *Dom Vela*, foi interpretado por D. Carolina Michaëlis (*Zeit. fur rom. Phil.*, XXI, p. 212-220) encontrando o seu conteúdo nas *Cronicas de D. Sancho IV*: «... que ficesen al rey de Aragon que soltase a don Alfonso e a don Fernando, fijos del infante D. Fernando, e que tomarian voz con él e que farian que tomase voz de rey... E luego don Diego, fijo del conde, se fué para el rey de Aragon e envió su mandado a don Gascon de Bearn que viesse luego y; des que don Gascon y llegó acordó el rey de Aragon que soltasen a don Alfonso e a don Fernando... e don Diego fijo del conde tomó por rey e por señor de los reinos de Castilla e de Leon a don Alfonso... e mandó que ficesen guerra desde los castillos que tenia su padre el conde al rey don Sancho... E vínose el rey don Sancho para Castilla (de las vistas con el de Portugal) e llegado a Palencia llegaron y caballeros del rey de Aragon e de don Alfonso e dijeron al rey en como le enviaba a desafiar. E el rey don Sancho fizoles muchas honras e dioles sus dones e envió dos caballeros suyos al rey de Aragon e a don Afonso a desafiarlos; e con tanto se volvió á la guerra.»

## § II — Cyclo portuguez tradicional e semi-litterario

**1, 2. Rainha Santa Isabel.** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 334 a 338). Estudados na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 130 a 134.

Os versos cantados pelas Freiras de Santa Clara junto do túmulo da *Rainha Santa*, vêm na obra de Barthelomé de Villalba y Ertaña, *El Peregrino curioso y Grandezas de España*, p. 17 e 18. Este manuscrito do fim do século XV, publicado pela Sociedad de Bibliophilos españoles (1889), traz a poesia traduzida para castelhano, d'onde invertemos em fôrma portugueza pela restituição das rimas e erros do traductor Ertaña. Diz o antigo viajante: «Llegó nuestro peregrino á tiempo que las monjas cantaban estos versos en loor de su superiora, una diciendo y otra respondiendo» O Dr. Ribeiro de Vasconcellos, na obra *D. Isabel de Aragão*, diz d'estes versos, que conservou em castelhano: «cheguei a convencer me que são traduzidos do portuguez, descobrindo-se até contradições entre o que elles dizem e as ideas emanadas de Villalba a respeito da Rainha D. Isabel. O peregrino hespanhol foi apenas traductor dos versos que ouviu realmente cantar no côro das Freiras de Santa Clara.» (*Op. cit.*, t II, p, 76).

**3. Dona Inez de Castro** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 340.) — Era para admirar que a tradição do povo, conservando vivissima a memoria dos amores de D. Inez de Castro, os não perpetuasse nos seus cantares. Quando Camões, o poeta que mais profundamente comprehendeu e fez reviver o genio nacional, compoz com essa desfolhada bonina o mais bello episodio dos *Lusiadas*, tinha em vista a tradição popular. A *Castro*, de Ferreira, não foi tirada da tradição, mas dos moldes academicos. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (fol. 221) vem a historia dos amores de D. Inez de Castro em fôrma de romance culto :

«Eu era moça e menina  
per nome Dona Inez, etc.»

Dos romances populares feitos á morte de Dona Inez de Castro, cantados pelo povo em Coimbra, falla o P.<sup>o</sup> D. Marcos de Sam Lourenço, no manuscrito dos *Lusiadas* commentados, cujo autographo existe na Bibliotheca da Ajuda: «As filhas de Mondego, diz Camões, que longo tempo fizeram memoria d'esta morte de Dona Inez, o que se entende nas cantigas que logo saem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. Estas cantigas e romances duraram mais na bocca das môças de cantaro e lavadeiras, principalmente onde a gente é alegre e prezenteira como a de Coimbra, onde esta historia aconteceu.» Este Commento foi escripto depois de 1633, eé natural que andassem ainda na tradição os cantares que ag ora vão apparecendo em cadernos de uso popular.

De um romance primitivo sobre a morte de D. Inez, diz Menendez y Pelayo : «da sua existencia no seculo XV temos irrecusavel testemunho nas quintilhas de Garcia de Resende que no seu Cancioneiro se intitulam *Trovas á maneira do romance feitas á morte de Dona Ines de Castro*. Estas singelas e affectuosas coplas, que tem o merito de terem introduzido na poesia culta um assumpto tão poetico e tão nacional. abrindo caminho á classica musa de Ferreira e de Camões, conservam o ecco de um romance velho, que devia parecer-se em tudo, excepto nos nomes, a outros que hoje temos, e que só na apparencia tratam de um argumento diverso.» (*Antologia*, vol. XII, p. 234).

Menendez y Pelayo expõe que esse romance primitivo «estava em Castellano y no portuguez»; contra esta hypothese oppõe-se o facto de já no seculo XIV existirem romances populares em portuguez, como esse sobre os amores do rei D. Fernando com D. Leonor Telles conservado na tradição oral dos Judeus de Salonica; e o ter-se inspirado Garcia de Resende no romance de D. Ignez de Castro, só muito mais tarde deturpado nos seus nomes historicos pelos romancistas castelhanos do seculo XVI e XVII. A fórma de romance appareceu tratada no Cancionero do Infante D. João Manuel, pae de D. Constança á qual D. Ignez de Castro acompanhara a Portugal. Não ha pretexto para duvidar da existencia de um ou mais romances, que só em Portugal despertariam um vivo interesse; é *á maneira do romance*, que Resende começa :

Eu era môça e menina,  
Chamada Dona Inez...

No romance popular da Catalunha *D. Isabel*, que se liga pelos nomes aos romances castelhanos, vem estes versos que lembram os de Resende :

Cuando *yo era chica y pequena*  
*muchacha* de poca edad...

No romance castelhano fragmentado: *Yo me estaba em Tordesillas* — Per mi placer y folgar (retro, p. 358) promette-se uma longa narrativa, que se não realisou. Em outro romance (retro, p. 260) recomeça-se

Yo me estando em Giromena  
á mi placer y holgar,  
subiérame á un mirador

por mas descanso tomar :  
*por los campos de Mouvela*  
*caballeros vi asomar....*

Nas coplas de Resende encontram-se estes dois ultimos versos :

Estando my de vaguar,  
 Bem fóra de tal cuidar  
 Em Coimbra, d'aseseguo,  
*Pelos campos de Mondego*  
*Caballeros vi somar....*

Menendez y Pelayo vae encontrar versos d'este romance intercalados nas Comedias famosas do licenciado Mexia de Lacerda e Luiz Velez de Guevara.

No segundo acto da *Tragedia famosa de Dona Inez de Castro*, vem :

*Por los campos de Mondego*  
*Caballeros veo asomar,*  
 En el talle muestran ser  
 Mas de guerra que de paz...

E no romance *D. Isabel de Liar* :

Ellos no vienem de guerra,  
 Nem menos vienem de paz...

Velez de Guevara, na comedia *Reinar depues de morir* :

Por los campos del Mondego  
 Caballeros vi asomar  
 Y segun he reparado  
 Se van acercando acá.  
 Armada gente los segue,  
 Válgame Dios ! que será ?

Observa Menendez y Pelayo: «A apparição inesperada do nome de *Coimbra* no romance da morte do Mestre de Santiago, onde nada tem fazer, é um *lapso* da memoria de jorral, uma reproducção automatica das primeiras palavras do romance de *D. Inez*, em que quadra á maravilha o nome d'aquella cidade e não o de *Girumena* (*Jurumenha*) que actualmente apparece.» (Op. cit., pag. 286).—«O principe *D. Pedro* é transformado em um rei *D. João Manuel* (o sogro de *D. Pe-*

dro)... dão-se por causa da catastrophe os ciumes de uma rainha sem nome, offendida pela amante de seu marido, e invejosa da sua fecundidade. Tantas e tão estranhas modificações não bastam para apagar o fundo do assumpto, posto que os romances referem não só a morte de D. Inez como tambem a sua coroação posthuma...» (Ob. cit., p. 287). Estas alterações são consideradas por Menendez y Pelayo como voluntarias, obedecendo a um systema; cremos que são o resultado de syncretismo de factos passados nas duas côrtes de Portugal e de Castella, quando os dois Pedros tiveram amores com as duas irmãs Castros, e com varias contaminações com romances de thema novellesco, como o do *Conde Alarcos*, e as aventuras de D. Leenor Telles que ambicionou ser rainha de Portugal.

No fundo, Menendez y Pelayo encontrando se á opinião de D. Agustin Duran, conclue: «Sus aventuras, mal conocidas por algun juglar, ó alteradas en la fantasia del pueblo castellano, pudieren ser el germen de esta rara composicion.» (Ib., p. 291.) No romance que vem nas *Rosas* de Timeneda, allude-se á circumstancia unica da exhumação de D. Inez:

Hiso sacar su amiga  
Para con ella casar;  
Y por heredar sus hijos  
A Don Pedro y a Don Juan,  
Y despues con mucha honra  
La mandó iogo enterrar....

São grandes as relações d'este romance velho castelhano com o romance oral da Catalunha, intitulado *D. Isabel (Romancerillo catalan, n.º 253)* com sete variantes, que denotam a sua grande vulgarisação. Começa:

Dona Isabel se passea  
en su palacio real.  
Mirando sus campos verdes,  
romeritos ve pasar.  
No'n van á pé los romeros,  
en buenos caballos van,  
los rosarios que elles traen  
son cabezas de metal...  
Isabel ya los ha visto,  
las puertas manda cerrar,  
Manda á la centinela  
Que ao los dejen entrar...

- Venim da part de la Reyna  
que l'habemos de matar.  
«Que l'hi hecho yo la Reyna  
que á mi mi haya de matar?»  
—Perque vusté tienia hijos  
y la Reyna non té cap.  
«Se yo del Rey tengo hijos  
Sabe Dios perque me los dá.  
Escuche usté, Don Rodrigo,  
Li voy á decir la verdad.  
Quando *yo era chica y pequena*  
Muchacha de poca edad,  
El rey pide mis amores,  
Yo no los hi quise dar.  
.....
- Déjese, Doña Isabel,  
Déj de tanto hablar...  
Aqui tiene el confesore  
Si se quisiere confesare...  
Aqui tiene lo verdugo  
que la tiene de matar.

Em outra versão B vem este lance, que continúa a situação anterior:

- Ya les damana licencia  
para en el cuarto entrar.  
Se viste vestido negro  
que hace duelo de mirar.  
De tres hijos que ella tiene  
s'en posa un cada ma.  
Uno tenia cinco años,  
otro para los tres vá ;  
el otro era leche,  
que le daba de mamar.
- «Ay, hijo de mis entrañas,  
quando el rei esto sabrá ?  
Alli bajando el castillo  
al rei varen encontrá.  
Viene de jugá á pelota  
A' pelota de jugá...  
—Si Doña Isabel és morta  
bien sé qui ho pagará.  
.....

Ya ve las ventanas tristes,  
mal morte le fué á dar.  
Oye criados y creadas  
cristuras suspirar.

- Ay, hijos de mis entrañas,  
vuestra madre adonde está ?  
—«La nuestra madre és muerta.  
la reina la hizo matar.  
—Si la vuestra madre es muerta  
Ya sé quien lo pagará.

Na versão C é que vem descripta a vingança do principe, em que esta manda :

Ya fen mata los criados  
perque no lo van avisá...  
tamben fen matá los gosos  
perqué no varen lladrá...

O romance de *D. Isabel*, publicado por Menendez y Pelayo (*Antologia*, vol. X, p. 210) é por elle considerado como referente a D. Inez de Castro; considera os versos de Garcia de Resende como derivados de um antigo romance popular. O que publicamos foi achado entre os papeis de um burguez do Porto antigo contraste de ouro, e escripto em letra do seculo XVIII. O seu character litterario atraiçoa-se em algumas palavras cultas, e na fórma das lyras arcadicas. Em todo o caso é um raro monumento, que embora não pertença á poesia anonyma, comtudo tem de occupar um merecido lugar n'este cyclo historico. Não podemos duvidar da existencia de romances populares sobre o caso de D. Inez de Castro; porque do seculo XIV appareceu-nos um romance sobre os amores do rei D. Fernando e Dona Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha.

Entre os Romances tradicionaes conservados pelos Judeus do Levante, colligiu Menendez y Pelayo o seguinte: «Curiorissimo romance historico, de assumpto portuguez. Refere-se indubitavelmente aos amores do Rei D. Fernando I de Portugal com D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, alchunado *el de los cuernos de oro*, por que os patenteava na côrte de Castella, depois que se refugiou n'ella, tendo-lhe o rei roubado a mulher.»



**Gian Lorenzo y el rey de Portugal**

«Gian Lorenzo, Gian Lorenzo,

Quién te hizo tanto mal ?

—Por tener mujer hermosa

El Rey me quiere matar.

Yo estando en la mi puerta

Con la mi mujer real,

Taniendo la mi viguela,

Mis hijos al son bailar,

Alzé mis ojos en lexos,

Quanto más los pude alzar.

En los campos de Arzuma

Grande gente vide baxar ;

El corazon me lo diera

Que era el rey de Portugal,

Que viene por los mis hijos

Y la mi mujer real.

Eché mi manto en mis hombros

E lo fuera a encontrar :

E esteis em buena ora, buen rey !

—«Gian Lorenzo, en mal vengades.

—Me oigáes, el Dios del cielo,

Que es padre da piedade.

Yo le hablaba con buenas,

El me respondia mal.

—Si vos plase, oh buen rey,

De mi venir a vijitar ?

—«Y para toda esta gente

Que les dareis á ermorsar ?

—Para toda esta gente

Vacas y carneros hay ;

Para mi y vós, buen rey,

Pichonicos con agrás.

En mientras que ordenan mesas

Vamos á la güerta a espasiar.

En la güerta de Gian Lorenzo

Hay cresido un buen rosal ;

Arrancó de ahí una rosa

Y una rosa del rosal,

A' la mujer de Gian Lorenzo

A' ella la fuera dar :

- Tomárais esta rosa,  
 Esta rosa del rosal,  
 Y de aqui a quinze dias  
 Seréis reina de Portugal.
- = No mateis á Gian Lorenzo,  
 Ni lo quijeráis matar;  
 Desterraldo de sus tierras,  
 Que de ellas no coma pan,  
 Que es padre de los mis hijos,  
 Marido de mi mosedad.

Yoraba Gian Lorenzo  
 Lágrimas de voluntad.

- = No yoréis, Gian Lorenzo,  
 No quijeráis yorar,  
 En forma de carbonero  
 Me verneis á visitar,  
 Mataré yo al buen rey,  
 Y vos asento en su logar.

(*Antologia de Poetas liricos castellanos*, vol. X, p. 304).

4, 5, 6. **Tonadilha dos Pobres ao Condestavel; Endechas ao Condestavel** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 342 a 347.) Estudadas na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 192 a 198.

7. **Oh noite má** — (*Romanceiro*, t. II, p. 357.) Estudada na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 199.

8, 9. **Triste noivo; A má novas; Caamento mallogrado; Novas ruins; La cantiga del Mirandum**. — (*Romanceiro*, vol. II, p. 348 a 354.) — Evidentemente este romance é allusivo ao desastroso successo que privou Dom João II do herdeiro da sua corôa. Pela morte do Principe Dom Affonso, casado de pouco tempo com Dona Isabel de Castella, da queda de um cavallo abaixo, veiu o sceptro a pertencer a Dom Manoel. O romance tradicional conserva quasi todas as circumstancias da historia; é digno de confrontar-se com um romance hespanhol, que vem no *Cancionero de diversas obras*, por Fray Ambrosio de Montesino, o qual inserimos na quinta parte da nossa *Floresta de Varios Romances com forma litteraria*. Tanto na versão portugueza, como na lição castelhana, as circumstancias são as mesmas; d'onde se conclue que o romance popular e a composição jogralesca foram á mesma fonte commum da historia. No *Cancioneiro geral* de 1516, Gar-

cia de Resende colligiu numerosas coplas dos poetas portuguezes da côrte de Dom João II á morte do principe Dom Affonso. As trovas de Alvaro de Brito são notaveis pela sua fôrma quasi romanceada. Mais tarde, Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda*, cap. 46, sob a impressão da morte prematura do principe D. João, celebrou em um romance o desastre do principe D. Affonso. Vêm tratados estes romances tradicionaes na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 306 a 314.

**II. Despedida de Lisboa; D. Joaquim; Não que vae á guerra; D. João da Armada; Batalha de Lepanto; A Não de D. João.**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 357 a 370.)—Foi colligido da tradição oral na Ilha de Sam Jorge: em Coimbra descobrimos uma variante mais moderna e fragmentada, em que o facto historico se acha completamente obliterado. Na versão dos Açôres, a allusão aos Galeões dos turcos, ao mar vermelho de sangue, a Dom João de Austria, tornam evidente a referencia á batalha de Lepanto. Na *Floresta de varios*, de 1642, vem commemorado este facto; com as versões portuguezas nada tem de commum. Os dois povos da Peninsula romancearam a seu modo o feito que lhes deslumbrara a imaginação. Quevedo, na *Vida del Gran Tacaño*, (lib. II, cap. II, p. 58) allude ás tradições e cantos populares da batalla de Lepanto: «Celebrava mucho la memoria del señor D. Juan, y oyle dezir muchas vezes de Luis Quixada, que avia sido honrado amigo. Nombrava turcos, galeones y capitanes, todos los que avia leido en unas coplas que andavan desto: Y como él no sabia nada de mar (porque no tenia nada de nabal, mas de comer nabos) dixo (contando la batalla que avia tenido el señor Don Juan en Lepanto) que aquel Lepanto fué um Moro muy bravo. Como no sabia el pobrete que era nombre del mar, passavamos con él lindos ratos » Por este trecho de Quevedo se vê a popularidade da batalha de Lepanto nas coplas da tradição. O romance portuguez ao mesmo assumpto é incontestavelmente contemporaneo do feito.

A batalha de Lepanto foi um dos successos mais estrondosos do seculo XVI; os catholicos exageraram-lhe a importancia, considerando-a como o triumpho definitivo da religião sobre a ruina ottomana. No anno de 1571, Dom João d'Austria, filho de Carlos V e irmão do terrivel Philippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa. Dom João d'Austria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistivel de gloria. An-

dré Doria oppoz-se ao plano de ataque e conservou-se immovel na acção. O entusiasmo da Liga christã deu-lhe a victoria; Dom João d'Austria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancôr do Demônio do Meio Dia, que o desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalharia na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto? Os nossos poetas cantaram a batalha como os de Hespanha e de Italia; Pedro da Costa Perestrello, o traductor do *Livro de Job*, ali esteve com o posto de capitão. Elle escreveu um poema em outava rima, em seis cantos, a *Batalha Ausonia*, que, segundo Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, principiava:

La santa Liga de Christianos canto,  
De Austria las armas, y el varon potente...

O auctor do *Naufragio de Sepulveda*, Jeronymo Côrte Real, tambem cantou em um poema heroico a *Victoria de Lepanto*. Herrera em Hespanha, e João Rufo em Italia, na sua *Austriada*, cantaram as glorias de Don Juan d'Austria. Existe em Italia uma colleção de poemetos em latim celebrando esta batalha.

As tres versões da ilha de Sam Jorge são altamente suggestivas; tambem recebemos outras tres versões que omittimos, vindas das freguezias da Beira e Rosaes, que pouco diversificavam das preferidas, a não ser em furtuitas variantea de verso. O digno collector georgense diz da versão de Ribeira de Areia: «Viva a Ribeira de Areia, que apresenta com um differente colorido as suas tradições poeticas. Esta lição vale um romance novo. Já aconteceu o mesmo com o *Dom Varão*.» Tambem em uma versão do *Conde Yano*, a Ribeira de Areia leva a palma no concurso poetico; esta pequena povoação é para a tradição dos Açôres o mesmo que a Covilhã é para a Beira-Baixa, a provincia aonde a poesia popular está ainda em elaboração. A' ultima versão puzemos o nome de *Batalha de Lepanto*, visto que não é possivel duvidar-se da realidade da allusão historica. O povo tambem conheceu a importancia de

esta batalha,  
Que era de tanta valla.

Em 1501, o rei Dom Manuel mandara uma esquadra contra os Turcos, em auxilio de Veneza; era commandante da armada João de Menezes. Os Turcos não atacaram os Portuguezes, voltando por isso a armada a Lisboa em novembro de 1501.

E' este o primeiro facto sobre que se desenvolveu a tradição popular tratada no romance oral (1) a que a batalha naval de Tunis em 1535, a de Lepanto em 1572, e a de Matapan em 1716, augmentaram a vibração poetica, que se estendeu até ás ilhas dos Açores, e ainda se conserva persistentemente. Factos historicos do mesmo character ou analogia, facilmente se syncretisam em uma lenda viva com elementos de realidade.

**II. Terremoto de Villa Franca do Campo** — (*Romanço*, vol. II., p. 373). Romance semi-litterario, transcripto nas *Saudades da Terra*, cap. V, do Dr. Gaspar Fructuoso, primeiro historiador açoriano; foi abreviado por Jorge Cardoso, no *Agiologio lusitano*, t. III, p. 405. O lamentavel successo passou-se em 1522. Na sua fórma extensa e completa o romance foi publicado por José de Torres no jornal *O Philologo*, n.º 5 e 6, copia do apographo das *Saudades*, que pertencera ao morgado João de Arruda. Vem publicado na integra no volume terceiro no *Romanço geral portuguez*, p. 110 a 120. E' presumivel que fosse composto pelo contemporaneo de Camões o Dr. Gaspar Fructuoso.

## ROMANCES SACROS E DEVOTOS

### § I — *Cyclo evangelico popular*

Estes romances são a revelação da fórma poetica anterior aos *Evangelhos apocryphos*, que já se julgava perdida. Diz Gustave Brunet, na sua introdução aos *Evangelhos apo-*

(1) Na versão da ilha de S. Miguel, onde se lê *perro* Mouro, estava Carlos Mouro; por ventura seria reminiscencia de romance referente á batalha naval de Tunis? A não de Don Juan não será a *Não San João*, que rompeu as correntes que fechavam o porto da Goleta? E' natural que a reminiscencia d'este feito de 1535, em que Dom João III ajudou seu cunhado Carlos V, se syncretisasse com esse outro de 1572, a famosa batalha de Lepanto, da Liga catholica. — Este romance foi ditado por uma velha de 90 annos, da aldêa de Santo Antonio, e accrescentava que essa Não se chama *Casco da Gama*, está no Arsenal e n'ella fazem os marinheiros exercicios. (Comunicação de D. Rachel Ferraz.)

*cryphos*: «Estas legendas eram poemas populares dos primeiros neophytos do culto novo, a fé e a imaginação os embellezavam sem cessar; ainda se descobre n'ellas fragmentos visíveis de composição em verso, e que foram com toda a certeza cantados.» (1) D'estas legendas, regeitadas pela Igreja, diz Gustave Brunet: «Longe de permanecer estereis, exerceram, durante um longo decurso de seculos, a acção mais poderosa e a mais fecunda sobre o desenvolvimento da poesia e da arte; a epopêa, o drama, a pintura, a esculptura da Edade média não se pejaram de tirar de lá elementos ás mãos cheias. Não fazer caso dos *Evangelhos apocryphos* é não querer descobrir as origens da Arte christã. Foram o manancial d'onde, após a extincção do paganismo, os artistas tiraram uma vasta symbolica que a Edade média amplificou.» (Pag. v.) Os grandes mestres das Escolas italianas representam sempre Sam José como um velho, tal como o descreve o *Evangelho de José o Carpinteiro*; Raphael deu-lhe como symbolo perpetuo o ramo de lyrios, tirado do *Evangelho apocrypho da Natividade*; Simeão apparece nos quadros vestido de dalmatica; os animaes cercam o menino que acaba de nascer sobre as palhas, e nada d'isto, que a arte moderna sanctificou, se acha nos *Evangelhos synopticos*. Dante elabora as lendas da descida ao Inferno, que a imaginação do povo formara em roda do *Evangelho apocrypho de Nicodemus*, que deu origem ao grande cyclo do *Santo Graal*; Milton, no *Paraiso perdido* desenvolve o quadro da revolta dos Anjos, esboçado no Livro de Enoc; Klopstok, espalha pela *Messiada* as côres mysteriosas do *Evangelho de Nicodemus*. (2) No romance *Presentimento da Paixão*:

Senhora Santa Maria  
Seu cabello de ouro fino...

condiz com o retrato antigo da virgem, colligido de diversos auctores pelo padre Xavier, na *Historia Christi*, (pag 30): «oculi ejus magni et vergentes ad cœruleum, *capillus ejus aureus*.» O que mais admira, sobre tudo, é o sentimento humano com que o povo revestiu todos os passos da Paixão; os *Evangelhos synopticos* são a parte exterior da acção; o que o povo canta é a parte psychologica, subjectiva.

(1) *Les Evangiles apocryphes*, traduits d'après l'édition de Thilo, p. II<sup>e</sup>

(2) Vêr o notavel trabalho de Alfred Maury, sobre o *Evangelho de Nicodemus*, aonde cita Gori, *Thesaurus veter. dypt.*, t. I. figuras 14, 30 31; e d'Agincourt, *Histoire de l'Art*, planche, 52, e 69.

Os romances *ao divino* appareceram pela primeira vez colligidos da tradição oral no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, em Valencia de Aragon em 1511; o collector, em um prologo que serve de dedicatória ao conde de Oliva, diz que empregou vinte annos n'esse trabalho, vindo assim a dar-lhe principio em 1491. A poesia popular insulana data nos Açôres desde o meiado do seculo xv, e tem-se conservado pura até ao presente. Emquanto os *Indices Expurgatorios* nos seculos xvi e xvii estigmatizam os cantos tirados do Velho Testamento e da letra do Evangelho, repellidos em Portugal e Hespanha, nas Ilhas passaram incólumes até hoje. O acaso salvou essas venerandas reliquias do povo da Edade média, filhas da sua audacia fervorosa com que andava criando um christianismo poetico em contraposição com o prosaico e severo catholicismo dogmatico. (1) Tambem as ricas tradições poeticas dos povos do Norte desappareceram diante da acção do christianismo canonico. Diz Grimm: «O christianismo, introduzido entre elles, devia consummar a ruina de todos os monumentos do passado—porque lhes prescrevia como um dever o abandono dos velhos costumes e o despreso de todas as tradições do pagnismo.» Os villancicos do Natal appresentam ainda um fervor e barbaridade semigothica; parecem os cantos do povo quando invadia os templos e tomava parte na liturgia. Nossa Senhora ao portal de Belem, com o menino nos braços, é a mulher de José o Carpinteiro, como descreve o Evangelho apocrypho, e não a Senhora descendente da real stirpe de David, como querem os Evangelhos authenticos; a cantiguinha, com que embala o filho, é o ideal da pobreza, como a cantava Francisco de Assis no seculo xiii pela Italia, e como se acha ainda hoje nas modernas cantigas de berço ou *nannarissa*. O romance dos *Reis Magos* é a crença pura de um povo que se sente vivamente impressionado pelas grandes emprezas e aventuras maritimas; a imaginação que teceu tão bello quadro é a mesma que inventou os lindos ornatos da architectura *manuelina* dos Jeronymos de Belem.

Quando Lope de Vega começou a introduzir uma fórma litteraria no romance, poz em verso quasi todos os passos da Paixão. Este genero constitue os romances sacros. Sepulveda, nos *Romances sacadas de varias historias*, tambem descreve a Paixão; com esta tendencia se iam romanceando quasi todas as scenas da Escripura. O grande uso e predilecção do

(1) O rei D. Duarte include «Cantar *cantigas sagraes*» entre os peccados de bocca. (*Leal Conselheiro*, (p. 357.) Esta obra foi escripta por 1428.

genero sacro nota-se pela prohibição expressa que d'elle faz o *Index Expurgatorio* de 1624 : prohibe o romance que começa : Con rabia está el rei David.

«*E todos os mais Romances ou cantos tirados do Testamento Velho, ou Novo ao pé da letra.*» — Prohibe mais : «*Romances sacados da letra del Evangelio.* El primeiro *La resurreiçõ de Lazaro.* — El segundo *El juiçio de Salomão.*» (1) A celebre xácara de Quevedo, conhecida com o titulo de *Escarmanan*, tambem andava convertida ao divino.

**3. Angelina gloriosa** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 384 a 392.)  
 Aparece pela primeira vez alludida na scena do *Fidalgo aprendiç* de Dom Francisco Manuel de Mello :

*Brites* : Sabeis alguma ao divino ?

*Gil* : Sei.

*Britis* : Dizei.

*Gil* : Pois é fermosa:

*Andorinha gloriosa* . . .

*Brites* : Tendes cousas de menino.

(*Obras metricas*, p. 217.)

Em uma Oração de Elvas ainda se encontra o verso *Andorinhas gloriosas*. (Vid. supra, p. 436.)

Nas *Preghiere popolari veneziane*, colligidas por Bernoni, n.º 45, vem esta oração :

— Anzoleto, che vien del Paradiso,  
 Me savoressi insegnar qualche novela ?  
 «Una dona, che á nome Maria bela,  
 In testa porta 'n gentil corona  
 In dosso porta un manto celestino  
 Ne le sue sante brazzia un bel bambino . . .

**4. Noite de Natal** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 384 a 392.)  
 Versões similares na tradição popular asturiana : *El Natal* (p. 260) e *La Fé del ciego* (p. 262) nos *Viejos Romances que se cantan por Asturias*, de Menendez Pidal.

**7. Nascimento do Senhor** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 397.)  
 No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, p. 4, versão similar, *Contento de San José*.

**13. Fugida de Belem** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 409.) Variar-

(1) *Index Scriptorum damnatae memoriae*, p. 175.



te nos *Cantos populares españoles*, de Rodriguez Marin, t. IV, p. 165; D'Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, t. II, p. 235: *Fuite en Egypte*; Pitré, op. cit., II, 333: *La fuga in Egitto*.

14. **Os Santos Reis** — *Romanceiro*, vol. II, p. 410 a 424.)  
Versão similar no *Romancerillo catalan*, n.º 8: *Los Reyes de Oriente*, p. 5; Pitré, *Canti popolari siciliani*, t. II, p. 331: *Tre Re dell'Oriente*.

24. **Pregação de Sam João** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 443.)  
Cabe aqui essa pequena versão trasmontana:

### Baptismo de Jesus

(TRAS-OS-MONTES — Vimioso)

Batizaram a Jesus Christo  
Nas aguas do rio Jordão;  
Batiza San João a Christo  
E Christo a San João.  
Todos os Anjos do céu  
Ao seu batizado vão.  
San José pega na Cruz  
E San João leva o pendão;  
A Virgem Nossa Senhora  
Leva uma vela na mão.  
O nome que lhe puzeram :  
=Manuel do coração.=  
Abriram-se as portas do céu  
Para entrar a procissão.

### § II — *Cyclo marial* — *Milagres da Virgem*

4. **Nossa Senhora dos Martyres** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 463.) O sentimento do maravilhoso e a inspiração piedosa tornam este romance de aventuras mais do genio britonico, do que do gosto mourisco. Nos Açôres são vulgares as tradições dos piratas da costa; e na legislação portugueza se encontram varias multas para a *Arca da Piedade*, d'onde sahia o dinheiro para a redempção dos cativos pelos trinitarios. Foi colligido este romance no Algarve, por Stacio da Veiga; repete o o povo na romaria de Castro-Marim no meado de agosto. A tradição é antiquissima, a sua fórmula poetica é porém mais moderna; Frei Luis de Sousa, no livro IV da *Historia de Sam Domingos*, refere o milagre do seguinte modo:

«Reinando em Portugal el-rei Dom Affonso III, que foi Conde de Bolonha, succedeu cair em poder de mouros um homem natural de Penamacor. Escureceu o tempo as particularidades do nome e calidades da pessoa, e da occasião e logar do cativo. Era o tratamento do amo mais de inimigo e tyrano, que de amo e senhor. Porque sendo o pobre cativo seu e fazenda sua, assim se deleitava em lhe fazer cruezas, como se fôra christão livre, ou cuidara que com os tormentos lhe acrescentára a vida. Não tinha o atribulado outra consolação no meio dos trabalhos, senão era soccorrer-se ao Santo da sua terra, Sam Domingos da Sovereira. E quando a força d'elles lhe arrancava algum gemido (que até o suspirar era culpa diante do barba-ro) sempre saía envolto com o nome de Sam Domingos. Era isto tão ordinario que o mouro (devia ser algemiado, e d'aqui collijo que o cativo seria em Granada, ou em outra terra de Hespanha, das muitas que então e muitos annos depois senho-reavam os mouros n'ella) veiu a notar lhe a linguagem. E por-que não ficasse cousa em que deixasse de o martyrisar, per-guntou-lhe um dia que arenga era aquella que trazia na bocca, continúa, quando devia chamar por Alá nomear Domingos, Do-mingos (é Alá o nome por que os mouros conhecem a Deus.) Alegrementemente confessou elle que trazia na bocca, e tinha na alma tendo por obra de fé e animo catholico pronunciar claramen-te e com a lingua o que sentia o coração, e foi proseguindo que era um santo subido, pouco tempo havia, da terra ao céu, e co-nhecido na sua por grandes maravilhas que obrava, e em quem elle tinha esperança que o havia de livrar das suas mãos. Caro lhe custou ao pobre a alegria e liberdade da confissão, pagou a com rigoroso castigo presente e com outro mais duro que não tardou. O primeiro não estrahou tanto, como era seu pão quo-tidiano, offerecendo o a Deus por honra da fé. Mas com o se-gundo se viu reduzido a termos de desesperação. Julgou o bar-baro que as esperanças do cativo se deviam fundar em alguma determinação e traça de fugida: quiz acautellar se: Vindo uma noite cansado de servir e trabalhar o dia inteiro, encerrou-o sobre má cêa em um novo genero de masmorra, que era um arcaz grande e forte, que depois de fechado com mais de uma chave, lhe ficou para inteira segurança servindo de leito. Mas parecendo-lhe, que ainda assim o não tinha bastante arrecada-do, ia cada dia accrescentando novas cautellas a sua descon-fiança. Já lhe lançava algemas nas mãos, já adobes nos pés, de- pois de encerrado na arca. E tendo-o assim, perguntava-lhe de cima com escarneo, se esperava ainda no santo da sua terra.

.....  
 «Uma noite, depois que o mouro o meteu na triste masmor-

ra, na fôrma que o temos dito, sobre algemas nas mãos e outros ferros nos pes, lançou-lhe no pescôço um grosso collar, das argollas sahia uma forte cadeia de trinta palmos, com que lhe foi dando voltas, e enrolando o corpo todo. E para dormir mais a somno solto, lançou sobre o alquifer que vestia um alfange a tiracollo, e prendeo um lebreo que tinha ás argôlas da arca. Feita esta diligencia estendeu-se sobre ella, e contente com o que tinha de novo acrescentado, bateu-lhe de cima dizendo que se não esquecesse de fazer oração ao seu Domingo da Sovereira, que o viesse livrar de suas mãos . . . . Assim se lançaram a dormir á noite ambos em terra de mouros: assim amanheceram amo e escravo em terra de christãos com grande distancia de leguas, em meio, e á porta de Sam Domingos da Sovereira em Penamacor . . . . Abriu o mouro os olhos, viu se entre montes e cercado de gente, que pelo traje e espanto que fazia de sua vista conhecia ser christã. Espantava-se o enterado na arca ouvindo linguagem da sua terra e muitas vozes juntas. Mas nem amo, nem cativo se atreviam a dar credito um aos olhos, outro aos ouvidos: ambos haviam que era tudo somno. Emfim, como não é facil de enganar o sentido da vista, e o mouro viu que tudo o desenganava, e que estava entre christãos, não por sonhos, senão com effeito, que via a igreja, e ouvia som de sinos que a infidelidade sobre tudo aborrece, acabou de cair que não eram palavras mal fundadas as do seu cativo quando tanta confiança fazia do seu santo. Lembrou-se de tudo com estranha confusão, e só desejava saber por ultimo desengano se estava em Portugal. Como tinha conhecimento das linguagens de Hespanha, perguntou a um de muitos que o rodeavam espantados de tal invenção de romeiro e tal alfaia de romaria, como chamavam a terra, e o sitio em que estavam. Quando soube que tinha diante dos olhos Sam Domingos da Sovereira ficou como fôra de si de pasmado e attonito: e conformando-se com o tempo, quiz começar a grangear com cedo quem por boa conta trocadas as sortes havia de ser seu senhor . . . . Foi o mouro logo removendo um mólho de chaves que lhe pendiam da cinta e abrindo candeados e fechaduras da sua arca. Chegaram os circumstantes a vêr que peças trazia para offerecer em tam grande arca o romeiro estranho: senão quando dão com os olhos em um Lazaro sepultado, e em rosto e côres defunto; mas vivo na voz, e envolto em novo genero de mortalha, mortalhas de ferro: e tão carregado d'ellas, que de nenhum membro era senhor, senão só da lingua, com a qual, voz em grita chamava por Sam Domingos, como quem tinha já sentido d'onde estava . . . . Solto emfim sem outra palavra na bocca mais que Sam Domingos, deixa-

se cahir em terra, abraça-se com ella, beija-a e vae-se prostrar diante do altar do Santo . . . . O cativo cumpriu sua promessa, viveu e morreu ermitão do Santo. O mouro penetrado da grandeza do milagre pediu o santo baptismo (divina força da predestinação) e ficou em cativo livre e ditoso servindo a ermida e acompanhando o seu cativo. E por morte foram enterrados juntos á porta d'ella, onde os cobre ambos uma só campa com um letreiro que o declara.» (*Hist. de S. Domingos*, liv. IV, c. V., fl. 211 v.) Resumimos o facto deixando de parte os consecrarios moraes e piedosos do chronista. Todas as lendas da Edade média tendiam a *localisar-se*; eis porque apparecem reproduzidas. As tradições dos cativeiros, e as esmoladas na Arca da Piedade iam formando estas creações da mente popular. O milagre é tambem uma das fórmulas do maravilhoso do povo. Sam Domingos foi o fogoso propagador do culto da Virgem, a quem a tradição popular attribue este milagre. Incorporamos aqui a trova trasmontana :

### O Seginebra

(TRAZ-OS-MONTES : *Vinhaes*)

Navegára o Seginebra  
Véspera de Nossa Senhora;  
Pensando de navegar  
O dia e a noite toda.  
Indo no meio da *navega*  
O navio cahiu á onda :

—Valei-me aqui, oh Virgem,  
Oh Virgem nossa Senhora !  
Uma vez que me valestes  
D'ouro vos dei uma c'rôa ;  
Agora se me valerdes  
D'ouro vos vestirei toda.

As palavras não eram ditas,  
O navio sahiu da onda :

—Louvada seja a Virgem,  
A Virgem nossa Senhora !  
Quantos milagres tem feito  
O maior foi o de agora !  
«Quando vos vêdes em pena,  
Chamaes-me Nossa Senhora ;  
Quando não vos vêdes n'ellas  
Chamaes-me perra traidora.

(*Rom. trasmontano.*, n.º 8 ; *Rev. lus.*, vol. VIII, p. 74.)

**5 A Devota da Ermida**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 469 a 473.)  
O cantar da criança que nasce na sepultura, faz lembrar a ballada bretã dos *Tres Monges vermelhos*, feita pelo povo contra Templarios.

**8. A Filha do Rei de Roma**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 481.)  
Encontra-se uma versão preciosa na Tradição popular das Asturias: *La Devota* (Menendez Pidal, *Viejos Romances que se cantan por Asturias*, n.º LXVIII, p. 227.)

**10. Nossa Senhora do Monte**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 486.)  
Acha-se uma versão asturiana, *La Pastorcilla*, publicada por Menendez Pidal, nos *Viejos romances asturianos*, p. 225.

**13. A Confissão da Virgem**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 498 a 500.)  
Vem no *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 15, *Confesion de Nuestra Señora*, versão similar da portugueza.

**16. Romagem de San Thiago**—(*Romanceiro*, vol. II, p. 501.)  
Segundo a velha crença todos tem de fazer n'este mundo a romagem a San Thiago de Compostella, vivos ou mortos. D'esta crença provém o romance. Menendez Pidal publicou uma versão asturiana muito bella, *El alma em pena*. (*Viejos Romances que se cantan por Asturias*, n.º LXVI, p. 223.)

N'este mesmo grupo entra a Oração do *Dia do Juizo* (p. 502), em que apparece a psychostasia ou pezagem das almas.

A poesia do christianismo é inteiramente popular, como se vê pelas palavras de San Jeronymo: «Ecclesia non de Academia, sed de vili plebecula orta est.» Que são os Evangelho apocryphos senão os cantos dos primeiros neophytos? O Livro dos Peccados, que hade apparecer no dia do Juizo, é uma tradição rabbinica e mussulmana tornada popular nos primeiros seculos da Igreja, como se vê pelo *Evangelho de José o Carpinteiro*. Os rabbinos admittiam que era S. Miguel quem appresentava as almas a Deus. No *Ensaio sobre as Lendas piedosas da Edade Média*, por Alfred Maury, vem um eruditissimo estudo sobre a psychostasia e o uso das balanças no Juizo final (pag. 17 a 84), que trataremos de resumir, para mostrar como a lenda portugueza é formada de tradições primitivas. Nos monumentos egypcios e etruscos se encontra este symbolismo da alma pezada em uma balança, a que alludem tambem Homero e Virgilio. Dherma, na religião dos Indus, peza as bôas e más accções. Na Biblia e nos Santos Padres encontra-se esta allusão metaphoricã, bem como nos hymnos de Prudencio e Fortunato. Principalmente nas obras de arte da Edade média, baixos relêvos, pinturas e miniaturas

dos manuscritos, encontram-se diferentes representações de Sam Miguel pezando as almas.

Quando o diabo fazia pender a balança para o lado das más acções, era a Virgem quem fazia prevalecer o pequeno numero das acções boas, como se vê em Herm. Com. Chr. apud Eccard. Cf. Michelet, *Hist. de France*, p. 310. D'este mesmo sentimento se inspira o drama de Bartolo: *L'Homme pardevant Jesus, le Diable demandeur et la Vierge defendeur*. (Vid. Maury, *loc. cit.*)

Une âme est morte cette nuit,  
Elle est morte sans confession;  
Personne ne la va voir,  
Excepté la Sainte Vierge.  
Le démon est tout à l'entour.

«Tenez, tenez, mon fils Jesus,  
Accordez-moi le pardon de cette pauvre âme.  
—Comment voulez-vous que je lui pardonne,  
Jamais elle ne m'a demandé de pardon.  
«Mais si bien à moi, mon fils Jesus,  
Elle m'a bien demandé pardon.  
—Eh bien, ma mère, vous le voulez,  
Dans le moment même je lui pardonne. (1)

As tres versões portuguezas são muito mais completas e perfeitas de que a franceza, que está reduzida aos ultimos contornos dramaticos.

Nos romances populares das Asturias: *La toca de la Virgen* (Menendez Pidal, *op. cit.* p. 251.)—No *Romancerillo catalan*, n.º 20: *La intercesion de la Virgen*.

A este genero de Orações chamam-se nas provincias francezas de Velay e de Forez, o *Reveilleç*. (*Romania*, vol. II, p. 169 a 171.)

No antigo costume portuguez punha-se na mão do moribundo uma candêa; nas *Lendas da India*, conta-se que o P.º João Figueira chegara a estar com a candêa na mão, mas escapara. Camões diz em uma carta sua, que ella vae com candêa na mão morrer na mão de um amigo. E' a este costume que allude o seguinte romance trasmontano:

---

(1) Chanson périgourdine, ap. J. J. Ampère, *Instructions relatives au Recueil de Poésies populaires de la France*, 1853.

**A Candeia dourada**

Eu bem sei quem no mar anda ;  
 E' a flor de uma laranja.  
 Deita-te d'ahi abaixo,  
 Minha roseira florida,  
 Que eu te levarei nos braços,  
 Ou nas mangas da camisa ;  
 Eu te levarei além,  
 Além, áquella ermida,  
 Onde estão os anjos todos  
 E mais a Virgem Maria ;  
 Que te alumiem a alma,  
 Que te alumiem a vida,  
 C'uma candeia dourada,  
 C'uma candeia dourida.

Deita-te d'ahi abaixo,  
 Minha roseira granada,  
 Que eu te levarei nos braços  
 Ou nas mangas da delgada.  
 Eu te resarei além,  
 Além n'aquella orada,  
 Onde estão os anjos todos  
 E mais a Virgem sagrada ;  
 Que te alumieiem na vida,  
 Que te alumieiem na alma  
 C'uma candeia dourida,  
 C'uma candeia dourada.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 74 ; *Rev. lus.*, vol. IX, p. 307.)

**§ III—Cyclo santoral—Lendas piedosas**

**1—Santa Iria; Santa Helena; Santa Irena; Iria-a-Fidalga.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 507 a 528.) Apareceu pela primeira vez nas *Viagens da minha Terra*, de Garrett, (t. II, p. 35.) Discute ahi, com grande senso critico, as origens monasticas da lenda da padroeira de Santarem em desaccôrdo com a tradiçào poetica popular. No *Breviario de Evora* (20 de outubro) refere-se a lenda do martyrio de Irene, filha de Hermigio e Eugenia, que viviam junto do rio Navanis ; o seu director espirital o monge Remigio deu á donzella uma beberagem com que ella logo se sente pejada, como no romance de *D. Ausenda*; e o namorado Britaldo, com despeito mata-a,

como no romance do *Rico Franco*. Diz o *Breviario*: «Um milagre descobriu por fim sua innocencia; o rio deixou em secco o lugar em que foi encontrado o seu corpo sobrenaturalmente encerrado em um precioso cofre. De *Santa Iria* tomou o nome a cidade de *Santarem*.» Do nome primitivo *Iere* ou *Eiri*, o templo ou lugar sagrado á borda dos rios, veiu a personificação da Capellinha dedicada a *Santa Iria*, e d'este nome a lenda monastica de Santarem, cujo processo é frequente nas designações topologicas. Fr. Francisco Brandão na *Monarchia lusitana*, P. VI, liv. 19, cap. 44, ainda cita o facto da *separação das aguas*, e como a Rainha Santa visitou a pé enchuto a sua sepultura.

Ha uma outra Santa Iria, irmã do pontifice San Damaso, que viveu no IV. seculo. (Zeferino Brandão, *Mem. de Santarem*, p. 628.)

A legenda piedosa pode lêr-se na *Espanha Sagrada* de Florez; mas o que torna este romance importantissimo para o ethnologo é ser um vestigio quasi extincto do tempo da revoltados Foraes em Portugal. Segundo o *costume* de muitas terras, era defezo aos cavalleiros exigirem pousada dos burguezes e villãos; as extorsões senhoriaes tinham feito proclamar este principio da inviolabilidade da casa do cidadão. No Foral do Porto, no de Coimbra e Santarem se acha proclamada esta fórmula justa, que no romance popular parece um tanto crua:

*Passa um Cavalleiro, pedia pousada,  
Meu pai lh'a negou: quanto me custava!*

Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...  
Senhor pae não digam tal da nossa casa;

*Que a um Cavalleiro, que pede pousada,  
Se fecha esta porta á noite cerrada.*

Estas estrophes são tiradas da versão de Santarem. aonde existia a garantia do Foral. (Vid. a minha *Historia do Direito portuguez*, Parte I, Cap. II, p. 31.) Não se imagina a immensa luz que a poesia de um povo espalha sobre a sua historia; grande parte do direito consuetudinario portuguez acha-se perpetuada na poesia popular. Já demonstramos esta asserção na *Historia do Direito portuguez*. (p. 51.) Na versão insulana do romance de *Santa Iria*, o povo, já esquecido do privilegio do Foral, modificou a estrophe d'este modo:

*Chegara um cavalleiro a pedir pousada,  
Meu pae lh'a dera, que bem me pesava!*



Por isso podemos dizer com Jacob Grimm, que se não encontra uma mentira na poesia popular. Também n'esta versão o povo perdôa ao assassino. E' assim a sua alma ; não comprehende a maldição canonica, é incapaz de rancor. Emquanto a Igreja amaldiçôa Judas, o povo inventa-lhe uma acção boa na sua vida, em virtude da qual elle vem do inferno cada sabbado refrescar-se nos gelos do polo. (Du Ménil, *Poésies populaires latines du Moyen Age*, p. 325.)

Incorporam-se aqui duas versões trasmontanas, que manifestam as transformações que o Romance vae soffrendo na sua transmissão oral.

### Iredia

(TRAZ-OS-MONTES : *Maçôres*)

Estando eu á janella  
 Coser na minha almofada,  
 Com uma agulha de ouro  
 E um dedal de prata,  
 Veiu um cavalleiro  
 Pedindo me pousada :  
 Meu pae que lh'a dera,  
 E eu fôra a culpada.  
 Pelo meio da noite  
 Volta deu á sala;  
 De sete que eramos  
 Só a mim levou !  
 Pelo meio do caminho  
 Elle me procurava :  
 Eu na minha terra  
 Como me chamava ?

—Eu, na minha terra,  
 Sou Iredia estimada,  
 Por estas serras medonhas  
 Serei sempre desgraçada.  
 «Por estas fallas que destes,  
 Detraz do outeiro  
 Serás degolada  
 Assim como um carneiro.

.....  
 .....

Perdoa-me, Iredia,  
 Meu amor primeiro,

Servirei-te um anno  
 De joelhos inteiro.  
 — Como te heide perdoar,  
 Cruel carniceiro?  
 «Perdoa-me, Iredia,  
 Meu amor primeiro;  
 Servirei-te um anno  
 A serrar o pinho  
 Para uma capella  
 O' Verbo divino.

(*Romanceiro irasmontano*, n.º 32. *Rev. lus.*, IV, p. 282.)

A seguinte versão de Vinhaes é interessante pelo facto da contaminação com o romance da *Romeira*.

### Historia de Santa Helena

Por aquellas campinhas  
 Linda romeira venia;  
 Sua saia leva baixa,  
 Aservas a reprehendiam.  
 Veiu por alli um cavalleiro,  
 De amores a pretendia:

—Peço-te, oh bom cavalleiro,  
 Por Deus e Santa Maria,  
 Que me deixes ir honrada  
 A cumprir a romaria.

Sete leguas a levou,  
 Nenhuma falla lhe dizia;  
 O' cabo de sete leguas  
 O cavalleiro lhe prégunto:

«Como se chama a menina?  
 Como se chama a minha alma?»

—Em casa de meu pae  
 Chamo-me Helena, estimada;  
 Nas mãos de ti, cavalleiro,  
 Sou Helena desgraçada.

Lá no meio do caminho  
 O cavalleiro a accomettia;  
 Ella como mui discreta  
 Dissera-lhe, que não queria.

Puchou por um punhal de ouro,  
 O coração lhe partira.  
 O' cabo de sete annos  
 O cavalleiro por alli tornara ;  
 Vira estar uma ermida,  
 Vira estar uma orada.  
 Encontrou um pastorsinho  
 Que o seu rebanho guardava.

«Quem fez esta ermida,  
 Que fez esta orada?»  
 = Senhora Santa Helena,  
 Que um cavalleiro matara.  
 «Meus amores primeiros,  
 Perdoae-me a vossa morte,  
 Que eu serei vosso romeiro.  
 — Como te perdoarei eu,  
 O' lobo, ó carnicheiro ?  
 Que fizeste á minha cabeça  
 O que o lobo fez ó carneiro ?  
 Vae-te para traz do altar  
 Servirás de candieiro.

(*Rom. trasmontano*, n.º 61. *Rev. lus.*, t. IX, p. 299.)

Menendez y Pelayo, traz uma versão intitulada *Ilenia*, na *Antologia*, vol. X, pag. 210.

**2 — Santo Antonio e a Princeza de Leão; Santo Antonio de Lisboa; Alvorada.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 530 a 547.)  
 A lenda piedosa, a que o povo deu a fórma poetica, vem assim narrada na *Chronica dos Frades Menores* de Frei Marcos de Lisboa: «Uma Rainha de Leão de Hespanha a qual era natural de Portugal e devotissima de Santo Antonio, teve uma filha de onze annos morta tres dias, contra vontade de el-rei seu marido, e dos principaes de seu reino; e fazia oração ao Santo, dizendo : = Bem aventurado Santo Antonio! eu sou vossa natural, e vim de vossa patria; dae-me minha filha viva.= A cujos devotos clamores resurgiu a filha, e reprendeu a mãe, dizendo : Oh, senhora mãe, nosso Senhor vos perdõe, porque eu estando entre as Virgens na gloria, o bem aventurado Santo Antonio com tanta instancia por amor de vós rogou a Deus, que me restituiu a vida e me mandou que viesse a vós; mas, senhora mãe, sabereis que o Senhor me não deu licença para estar comvosco mais que quinze dias. Os quaes quinze dias, acabados, a infante se tornou á gloria.» (Op. cit., t. I, livro v, cap. 33. fl. 157.)

Esta lenda foi posta em verso pelo livreiro Francisco Lopes, no seu poema em quintilhas *Santo Antonio*, Milagre xxxv. (Vid. *Romanceiro geral*, t. III, p. 357.) A versão colligida da tradição oral do Algarve por Estacio da Veiga (na *Estrella do Alva*, n.º 11, de 1861) apresenta algum aperfeiçoamento literario; reconheceu-o o Dr. João Teixeira Soares, ao colligir a versão de Rosaes, na ilha de S. Jorge: «Prova em parte o protesto que lhe fiz contra a genuinidade dos romances do Algarve (lições de Estacio da Veiga.)» Além da personificação (como no romance de *Iria*,) a tradição popular tende sempre a localisar-se; esta versão de Castro Marim cita como logar da acção *Realmonde*, que é a corrupção de *Aiamonte*, fronteriço em Hespanha a Castro Marim, no Algarve. Sobre o typo poetico de *Santo Antonio*, emquanto aos seus elementos ethnicos, vidè *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 140 a 149. — Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, vol. I, p. 443; Pitré, *Canti popolari siciliani*, p. 935.

3 — **Santa Thereza.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 549 a 554.) Como o povo soube retratar o amor da alma d'aquella santa e apaixonada poetisa, que dizia abrasada em fogo divino:

Vivo sin vivir en mi,  
Y tan alta vida espero,  
Que muero porque no muero!

Em vez de fazer apparecer-lhe Jesus em um extasis voluptuoso na penumbra da cella, como os agiographos calculadores, leva Santa Thereza a encontrar um mendigo á porta do mosteiro, a quem faz todos os dias esmola. Que poesia verdadeira n'estes dois versos:

«Meu velho, como te chamas?  
—Chamo-me Jesus de Thereza.

Um amor assim declarado nada tem de sensual, mas resceन्दe nas almas delicadas com o perfume inebriante da rosa mystica. Sobre esta situação do pobre que se revela Jesus, vidè a nota no romance de *Jesus Mendigo*.

8 — **Santa Barbara.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 560.) Nos *Cantos populares españoles*, de Rodriguez Marin, t. I, p. 427 e paradigmã da Catalunha, *Romancerillo*, p. 450, vem duas variantes d'esta Oração.

9 — **Santa Catherina.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 562.) Acha-se uma versão popular da Catalunha, publicada por Fontanals

no *Romancerillo catalan*, p. 16; outra por Nigra, nos *Canti popolari del Piemonte.*, p. 541.

10 — **Santa Clara.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 564.) Nas *Preghiere popolare veneziane*, colligidas por Bernoni, n.º 50, vem uma oração analogá.

11. **Santa Appolonia.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 565.)—Perence esta Oração ao genero dos *Ensalmos*. Escreve Germond de Lavigne, no *Don Pablo de Segovia*, (p. 384): «A sciencia dos Ensalmos ou Orações era uma sciencia importante, na qual se graduavam os maltrapilhos e mendigos, e em que os cegos eram os mais afamados adeptos. Havia Orações para todos os males, para todas as affecções, cujo effeito era infalivel com tanto que fossem resadas com compunção e com uma voz grave e pausada. A oração de *Santa Appolonia* era, entre todas, de uma poderosa efficacidade e dissipava n'um instante as dores de dentes mais obstinadas. O entendido bacharel Sanson Carrasco aconselhou-a á governante de Don Quixote, e *Celestina* levando uma mensagem de amor, introduziu-se em casa de uma donzella a pretexto de lhe pedir uma copia d'ella. O cego que educou o *Lazarilho de Tormes* era um repositório vivo de *Ensalmos* e sabia cento e tantos. Finalmente Pedro de Urdemalas, heroe de uma comedia de Cervantes, dizia, passando em revista as mais celebres Orações:

Sé la del *Anima sola*,  
Sé la de San Pancraccio;  
Sé la de *San Quirce y Acacio*  
Sé la de los subafiones (frieiras)  
La de curar tericia,  
Y resolver lamparones (alporcas).

Transcrevemos a afamada Oração de *Santa Appolonia*, publicada na traducção da *Celestina* (p. 88, nota) de Germond de Lavigne:

A la puerta del cielo  
Polonia estaba;  
Y la Virgem Maria  
Alli pasaba:

—Di, Polonia, qué haces?  
Duermes ó velas!

•Señora mia, ni duermo ni velo,  
 Que de un dolor de muelas  
 Me estoy muriendo.  
 —Por la Estrella de Venus  
 Y el Sol naciente,  
 Por el Santísimo Sacramento,  
 Que tuve en mi vientre,  
 Que no te duela más  
 Ni muela ni diente.

Nos *Cantos populares españoles*, t. I, p. 445, publicou Rodriguez Marin uma versão tradicional da Andalúzia.

18 — **Jesus mendigo ; O Pobresinho ; Jesus peregrino.** (*Romanceiro*, vol. II, p. 566 a 570.) A moral antiga aconselhava o agasalho ao peregrino como uma acção boa, dirigindo-se ao sentimento pela representação allegorica e pittoresca accessivel ás rudes intelligencias. A hospitalidade, que se tornara um culto, e que se impoz nos Capitulares (ann. 803) como uma obrigação, ligava-se a lendas religiosas, em que por vezes era um Deus que se manifestava no forasteiro a quem se dera agasalho; assim Jupiter visita Philemon e Baucis, Ceres a casa de Celeu, e os anjos que são recebidos por Abrahão, ao qual annunciam uma progenie immensa como as areias do mar e as estrellas do céo. Conhecido o processo legendogonico na personificação de uma ideia abstracta, forçosamente se hão de encontrar similaridades em muitas lendas dos outros povos. Eis como nos apparece a Hospitalidade entre os sectarios de Tao, na China: «Tché ou Hoi-Hoa, desvelava-se esmolando os pobres; nada afroixava o seu zelo. O deus Tchi-Kuan-Sin mudou-se em peregrino para o experimentar. Tchéu apressou-se com alegria a dar-lhe esmola, e immediatamente Deus o arrebatou á mansão celeste, onde elle tem o nome de Tchín-Sin. (*Livro das Recompensas e das Penas*, trad. Stanislas Julian, p. 407.)

O mesmo processo nas lendas christãs; os mendigos apparecem ás vezes áquelles que os receberam na pessoa de Jesus; é a representação material da ideia expressa n'estes versiculos do Novo Testamento: — *Qui recipit me, me recipit; et qui me recipit, recipet eum qui me misit.* Eis como o preceito moral se traduz na lenda impressionante: San Judicael encontra um leproso, de quem a multidão foge; trata-o com bondade e o miseravel era Jesus. (Lobineau, *Vie des Saüts de Bretagne*, liv. 2, p. 180.) San Julião Hospitaleiro inspirou a Christovam Allori um quadro equal; tendo morto pae e

mãe por engano, parte com sua mulher e vae habitar na margem de um rio para dar passagem a quantos alli chegarem: «Uma vez, estando a repousar, ouviu uma voz que em chôro consternado o chamava para passar o rio. Mal que a ouviu, o santo se levantou commovido, e encontrou um homem que morria de frio; levou-o para sua choupana, sentou-o junto da sua lareira, esforçando-se para accalental-o, e como nada conseguisse, levou-o para o seu leito e agasalhou-o sollicito. Eis que pouco a pouco aquelle que lhe apparecera assim exânime, o leproso se mostra resplandecente, e elevando-se para os céos disse ao seu hospedeiro:— Julião, o Senhor me enviou a ti, e te faz saber que acceitou a tua penitencia, e vós ambos repousareis no Senhor, em breve.» (Voragine, *Legenda Aurea*, p. 126. Ed. franc., 1854.)

Tambem San Martinho dá metade de sua capa a um mendigo, sem conhecer que estava agasalhando Jesus; isto se lê nos versos de uma tapeçaria da igreja de Montpezat:

Quant d'Amiens Martin se partist,  
 Pour cheminer soubz loy payenne,  
 Au povre son manteau partist,  
 Faisant œuvre de foy chrétienne.  
 Lui reposant comme endormi  
 Dieu se apparut environné  
 De angels auxquels disoit ainsi:  
 Martin le manteau m'a donné. (1)

Jacques de Voragine, traz na *Legenda aurea* uma lenda analogá de San João Esmoler: o santo patriarcha de Alexandria, aconselhava a esmola com a seguinte parabola: «E como este homem rico (o causidico Pedro) fosse uma vez pela rua, com vestiduras esplendidas, um homem semi-nú lhe pediu alguma roupa com que cobrir-se. Pedro despojou-se immediatamente das preciosas vestes, e deu-as ao mendigo, que logo as foi vender. Tanto que viu o miseravel vender e gastar o que recebera, ficou tão desgostado, que não quiz comer nem beber; e dizia:— Assim succedeu porque eu não sou digno de que este homem guardasse cousa minha.—E quando adormeceu viu um homem que era mais resplandecente que o sol, e que trazia uma cruz sobre a cabeça, e estava agasalhado com a vestimenta que dera ao pobre; e este lhe disse:— Porque choras, Pedro?— Sabida a causa, redarguiu-lhe:— Conheces tu isto? E o rico disse:— Senhor, sim! Tornou

(1) Ap. Alfred Maury, *Legendas piuses au Moyen Age*, p. 72.

então o Senhor : — Eu estou vestido com o que tu me dás, e eu te dou graças pela boa intenção, por que tinha frio e me cobriste.» (Op. cit., p. 109.)

Na poesia dos claustrós da Irlanda a lenda de San Patricio reproduz com uma suavidade e candura infantil o mesmo milagre da hospitalidade; o santo apóstolo ao passar pelas ilhas do Mar Tyrreno conversa com uma familia de solitarios em quem a mocidade e a velhice se entremeavam por modo que causava admiração. Inquirindo a razão do prodigio, os adolescentes lhe responderam : «Desde a infancia que Deus nos concedeu a graça de praticarmos constantemente obras de misericordia; esteve sempre aberta a nossa casa para os viandantes, que pedem em nome de Jesus esmola ou hospitalidade. Uma noite, um forasteiro, firmado a um bastão, bateu á nossa porta, acolhêmol-o com disvejo e o tratámos com sollicitude. Ao vir do dia, elle agradeceu-nos e disse: — Eu sou o Senhor Jesus Christo; foi a mim proprio que esta noite abrigastes. — N'aquelle instante entregou o seu bastão ao nosso pae espirital, recommendando o guardal-o até que alguém que devia nascer em tempos ainda remotos, viesse da parte de Deus buscal o. Dizendo isto Jesus subiu aos céos e nós permanecêmos jovens e cheios de vigor como éramos» (1).

Possuido d'este sentimento, San Francisco de Assis idealisou a pobreza como um trovador da Provença se exaltaria em um arrôbo lyrico pela sua dama. A Pobreza, como a retrata esse mystico poeta da Ombria, torna se a essencia do christianismo, como ideal do povo: «Senhor! apiedae-vos de mim e da Dama Pobreza. Vêde-a, como está assentada em seu lar, ella que é a rainha de todas as virtudes; queixando-se de que os seus amigos a abandonaram e tornaram-se seus inimigos... Lembrae-vos, Senhor, que baixastes da morada divina para tomal-a por esposa, a fim de serdes um pae de innumerous filhos que fossem perfeitos... Foi ella quem vos recebeu no presepe entre palhas, e que, acompanhando-vos durante a vida, teve o cuidado de que não tivesses aonde repousar a cabeça. Quando destes inicio á guerra de nossa Redempção, veiu alliar-se-vos a Pobreza como pagem fiel; permaneceu a vosso lado durante o combate, e não se retirou quando os discipulos fugiram. Emquanto vossa mãe vos seguiu até ao fim e tomou parte em todas as vossas dores, emquanto vossa mãe assim, por causa da altura da cruz vos não podia tocar, n'esse mo-

(1) Villemarqué, *Legende celtique*, p. 33.



mento a Pobreza vos abraçou de mais perto que nunca. Não quiz que a vossa cruz fosse falquejada com esmero, nem que os cravos fossem em numero sufficiente, aguçados e polidos; não preparou mais que tres e os fez duros e grosseiros para melhor servir a intenção de vosso supplicio. E em quanto morrieis de sêde, teve o cuidado de vos recusar uma gota de agua, de sorte que foi nos apertados braços de esta esposa, que se vos exhalou a alma. Oh, quem não amaré a Pobreza sobre todas as cousas!»

Eis a alma do povo comprehendida por aquelle que mais a soube commover, o Christo das Renascença, que no *Cantico delle Creature* deu expressão ao pantheismo espontaneo. O romance de *Jesus mendigo* é a assimilação popular d'estas lendas da hospitalidade e d'essa conformidade fraterna da pobreza.

### La ballade de Jésus Christ

- Jesus Christ s'habille en pauvre : } *bis*  
 «Faites moi la charité;  
 Des miettes de votre table  
 Je ferai bien mon diner.
- Les miettes de notre table,  
 Les chiens les mangeront bien; } *bis*  
 Ils nous rapportent des lièvres,  
 Et toi ne rapporte rien.
- «Madame, qu'et's en fenêtre,  
 Faites-moi la charité. } *bis*  
 —Ah ! montez, montez, bon pauvre,  
 Un bon souper trouverez.
- Après qu'ils eurent soupé,  
 Il demande à se coucher. } *bis*  
 —Ah ! montez, montez, bon pauvre,  
 Un bon lit frais trouverez.
- Comme ils montaient les degrés,  
 Trois beaux anges les éclairaient. } *bis*  
 «Ah ! ne craignez rien, madame,  
 C'est la lune qui paraît.
- Dans trois jours vous mourrez, } *bis*  
 En paradis vous irez;  
 Et votre mari, madame,  
 En enfer irá brûler.

Esta ballada é popular na Picardia, e Champfleury a colligiu nas *Chansons populaires des Provinces de France*, p. 5. A nossa lenda piedosa é mais primitiva, não tem o sêlo ecclesiastico da maldição: o marido e a mulher, como Philémon e Baucis da Antiguidade classica, gosam ambos a bem-aventurança.

Em um Conto do rei Sancho IV vem esta lenda passada com o gafo encontrado pelo rei Eduardo de Inglaterra. (Rios, *Historia de la Literatura española*, t IV, p. 45.) — Menendez y Pelayo, na *Antologia*, vol. X, p. 149, e 200, traz versões d'este Romance.

### O LAVRADOR

(TRAZ-OS-MONTES — *Vimioso*)

Oh ditoso lavrador,  
Que da sua arada vinha,  
Resando no rosario  
A cavallo na burrinha.  
Lá no meio do caminho  
Encontrou um pobresinho:

— Bem puderas, lavrador,  
Levar-me n'essa burrinha.

O lavrador se descera  
E o pobresito subiu;  
Levara-o para sua casa  
P'ra melhor sala que ell' tinha.  
Mandou lhe fazer a ceia  
De gallinhas e capones,  
Que outra cousa não havia;  
Mandou-lhe fazer a cama  
Da melhor roupa que ell' tinha;  
Por baixo lençoes de londa (blonda)  
Por cima de lãnda fina.  
Lá pela meia noite  
O pobresinho gemia.  
Levantou-se o lavrador  
A vêr o que o pobre tinha;  
Achara-o disciplinando-se  
Com rigorosa disciplina.

«Oh, meu Deus, quem tal soubera,  
Que em casa vos tinha!

—Cala-te lá, oh lavrador,  
 Que nenhuma falta havia.  
 Lá no reino de Deus Padre  
 Cadeiras de ouro havia :  
 Uma para a tua mulher,  
 Outra para a tua familia,  
 A tua, bom lavrador,  
 Ao par da Virgem Maria.

\* (*Romanceiro trasmontano*, n.º 95. *Rev. lusit.*, vol IX, p. 318.)

Na versão da *Açoreira*, ha uma contaminação do romance do *Conde Alarcos*:

Mandou-lhe fazer a ceia  
 Do melhor manjar que tinha.  
 Assentaram-se ambos á mesa,  
 Nem um nem outro comia ;  
 As lagrimas eram tantas  
 Que pela meza corriam.  
 Mandou-le fazer a cama  
 Da melhor roupa que tinha ;  
 Por baixo camellão rôxo,  
 Por cima cambraia fina.  
 Lá pela noite adiante  
 O pobresinho gemia.  
 O lavrador se levantou,  
 A vêr lo que o prove queria ;  
 Achou-o crucificado  
 N'uma cruz de prata fina.

—Oh quem soubera, meu Deus,  
 Que em casa vos tinha.

.....

(*Ib.*, n.º 29. *Rev. lus.*, vol. IX, p. 281.)

### TRANSFORMAÇÕES DO ROMANCE POPULAR DO SECULO XVI A XVIII

A elaboração escolaresca das tradições das luctas sangrentas das Familias senhoriaes de Hespanha, foi simultanea com a dos tropeiros celebrando nas Gestas francezas as luctas dos grandes vassallos contra o Poder real. E' reconhecida na communicação da cultura franceza á peninsula hispanica, sob a Affonso VI, a influencia d'essas Canções de Gesta na Epopeia peninsular, actuando na sua fórmula metrica. Esses poemas

épicas soffreram a degradação jogralesca ou popular, e prosificação, admittidas as suas narrativas como documento historico na *Cronica general* de Hespanha. Do residuo d'este processo da prosificação, ficaram no seculo XII cantares narrativos muito abreviados, cuja letra servia para acompanhar os rythmos da dança, em metro *quinario* ou de redondilha menor, ou para serem recitadas á lareira em metro octonario, ou redondilha maior. Affonso, o Sabio, já no seculo XIII imitava esta redondilha na série monorríma do romance vulgar, e a fôrma do Romance (*versetes de antigo rimar*) entrou nos Cancioneiros aristocraticos, como vêmos de Aires Nunes no *Cancioneiro da Vaticana*, e no Cancioneiro de D. Juan Manuel que Argote de Molina ainda logrou vêr, no qual como diz se continham romances. Isto podemos hoje comprovar pelo romance sobre os amores do rei D. Fernando com D. Leonor Telles, conservado entre os Judeus levantinos.

Os Poetas da côrte de D. João II e Enrique IV, glosaram os *Romances velhos*, como se chamavam no seculo XV essas quadras narrativas em redondilha maior, dando-lhes nova fôrma litteraria sobre o antigo thema, parodiando-os liricamente, ou ampliando-os cyclicamente. Chegou-se a afirmar que nenhum *Romance velho* apparecia em Codice manuscripto anterior á primeira metade do seculo XV; disse-o D. Agustin Duran; mas em historia quem pode fazer afirmações absolutas? No Cancioneiro do Stuniga acharam Gayamgos e Vedia um romance de 1448 (*Hist. litt. españ.*, t. I, p. 509) e Hugo Rennert encontrou em um manuscripto do Museu Britanico, Romances com fôrma litteraria do celebre e apaixonado Juan Rodrigues del Padron, da côrte de Henrique IV. Transcrevemos aqui dois d'esses romances, não só como documento de historia litteraria, mas pelas suas relações com os dois romances populares portuguezes do *Conde Ninho* e da *Infanta de França* (1):

### Arnaldos

Quien tuviese a tal ventura  
 Con sus amores folgare,  
 Como el Infante Arnaldo  
 La mañana de San Juane !  
 Andando a matar la garza

(1) No poema da Batalha de Salado, o verso *Mal lo passaron francezes* (n.º 2285) denuncia um romance popular, conservado nas collecções do seculo XVI.

Por riberas de la mare,  
 Vide venir un navio  
 Navegando por la mare;  
 Marinero que dentro viene  
 Diciendo viene este cantare :

—Galera, la mi galera,  
 Dios te guarde de male,  
 De los peligros del mundo,  
 De las ondas de la mare,  
 Del regolfo de Leone  
 Del puerto de Gibraltare,  
 De tres castellos de moros  
 Que combaten con la mare.

Oydelo ha la princeza  
 En los palacios do estae.

•Si saliésedes, mi padre,  
 Saliésedes a mirare  
 Y veredes como canta  
 La sirena de la mare.

—•Que no era la sirena,  
 La sirena de la mare;  
 Que no era sino Arnaldos...

•Arnaldos era el Infante  
 Que por mi muere de amores.  
 Que se queria finare.  
 Quien le pudiese valere,  
 Que tal pena no pagase.

### Infantina

Yo me iba para Francia,  
 Do padre e madre tenia;  
 Errado habia el camino,  
 Errado habia la via;  
 Arriméme á un castillo  
 Por atender compañía.  
 Por y viene un escudeiro,  
 Cabalgando a la su guisa.

—Que faces ahí, donzella,  
 Tan sola y sin compañía ?  
 •Yo me iba para Francia,

Do padre y madre tenia;  
 Errado habia el camino,  
 Errado habia la via.  
 Si te plaze, el escudero,  
 Lléveme en tu compañía.  
 —Plázeme (dije) señora.  
 Si, faré por cortezia.

Y á las ancas de un caballo  
 El tomado la habia.  
 Allá en los Montes claros  
 De amores la requeria.

«Tate, tate, el escudeiro,  
 No hagays descortezia;  
 Figa soy de un malato  
 Lleno es de malatia;  
 Y si vos á mi llegades  
 Luego se vos pegaria.

Andando jornadas ciertas  
 A Francia llegado habia;  
 Alli fabló, la doncella,  
 Bien oyrés lo que diria;

•Es cobarde el escudero,  
 Bien lleno de cobardia;  
 Tuvo la niña en sus brazos,  
 Pero no supo servilla. (1)

O *Cancionero generale* de Hernando del Castillo, publicado em Valencia de Aragon em 1491, contêm alguns fragmentos de romances glosados. Taes são os romances sacros: *Durmiendo yva el Señor*, (2) *Terra y cielos se quexavan*, (3) e mais trinta romances com glosas, como são o de *Conde Claros*, com glosa de Francisco de Leon e uma imitação de Lope de Sosa; o romance de *Rosa fresca, rosa fresca*, com

(1) *Lieder der Juan Rodrigues del Padron*. Ms. do Museu Britanico, publicado por Hugo Renerat. — Pelayo, *Antol.* XII, p. 542 (1903.)

(2) Fol. xxvij. Edição de Anvers de 1557, em casa de Martin Nuncio.

(3) Fol. xxvj verso.

a glosa de Pinar; o de *Fonte frida*, *Fonte frida*, com a glosa de Tapia; o de *Yo m'era mora morayna*, e outros muitos feitos pelos poetas cultos das côrtes de Dom João II e Enrique IV, como Don Juan Manuel, o commendador de Avila, Juan de Leyva, Garci Sanchez de Badajoz, o Bacharel Alonso Poza, Juan de la Ensina. (1) Estes poetas ou se serviam de fragmentos de romances populares para as suas glosas, ou os parodiavam. Quando, pela primeira vez, os romances populares foram colhidos da tradição oral, em 1550, por Estevan de Najera, na collecção de Saragoça intitulada *Silva de varios Romances*, muitos fragmentos do *Cancionero* de Hernando del Castillo appareceram mais completos. Antes d'esta primeira colleccionação, os cantares do povo andavam em *Pliegos sueltos* ou folha volante, com que mais tarde os livreiros tanto especularam. Pelo menos, os melhores romances da collecção de Najera encontram-se em folha solta de duas columnas, em typo gothico, sem logar de impressão, sem data e frontispicio: taes são os romances de *Durandarte*, de *Grimaltos*, do *Marquez de Mantua*, dos *Sete Infantes de Lara*, de *Gayfeiros*, do *Conde Claros de Montalvan*, do *Conde Dirlos*, de *Calaynos*, e outros muitos que se podem vêr no precioso trabalho do infatigavel Don Agustin Duran. (2) Os commentadores de Ticknor são de opinião, que antes das colleções os romances não andaram em *Pliegos sueltos*, e fundam-se no prologo de Najera: «Eu não nego que em muitos dos romances impressos hajam casualmente erros; mas são devidos ás copias d'onde os extraí, copias quasi sempre alteradas, e á fraqueza da memoria das pessoas que nol-os dictavam e que se não podiam recordar perfeitamente.» D'onde concluem, que o povo se servia de *cadernos manuscritos*. (3)

(1) De fol. cci a ccxj. São ao todo 38.

(2) Catalogo por ordem alfabetica de varios *Pliegos sueltos* que contienem Romances, Vilancicos, Canciones, etc. *Roman-cero generale*, t. I, pag. LXXVII.

(3) Durante o nosso trabalho de colleccionação, encontrei cadernos de uso do povo, cheios de emblemas pittorescos, e mais ainda de gordura. De um d'esses tirei uma *Conversa de Namorados*. Remettendo-nos copias do romance de *Flora e de Lizarda*, escreve o Dr. João Teixeira Soares: «Do proprio romance consta que o primo de Flora se chama Felix. De uma copia manuscrita consta pelas rubricas ser o pae Conde, e o amante, com quem veiu a ficar, Anteaque e Entheor, e seu pae Anacleto. Seria este romance já impresso em *folha volante*? Sempre d'elle tive esta desconfiança. E' vulgar, mas

Ao mesmo tempo Martin Nucio imprimiu esta mesma collecção em Anvers, para uso dos soldados e do povo que se achava fóra de Hespanha nos Paizes Baixos. O gosto da época pelas trovas cultas fel-o adoptar o titulo de *Cancionero*, com que então se nobilitavam todas as collecções. Emquanto o gosto dos romances populares se vulgarisava em Hespanha, em Portugal os poetas da côrte de Affonso V e Dom João II conheciam a existencia d'esse riquissimo veio de poesia; continuando nas suas trovas do *Cuydar e Suspirar*, Pedro Homem allude ao romance que começa *Nunca fué pena maior*; Nuno Pereira, Francisco da Silveira e Resende fazem referencias epigramaticas ao romance da *Bella mal maridada*. Garcia de Resende, chronista de Dom João II, e collecter das canções da sua côrte, mostra ter conhecido esse renascimento em uma glosa que fez a um *romance velho*, e em algumas palavras da dedicatória do seu *Cancioneiro geral*.

N'esta collecção sómente se deparam, com *fôrma de romance*, as trovas que fez Garcia de Resende á morte de D. Ignez de Castro, que principiam :

Eu era moça menina '  
per nome dona Ines.... (1)

N'este tempo a fôrma do romance popular narrativo tornava-se lyrica ou subjectiva; Garcia de Resende, traz mais um romance fragmentado, conservado a pretexto da glosa : (2)

anda auxiliado na tradição por copias manuscriptas. Cento e outenta versos é muita extensão para romance inteiramente popular.» Todas estas considerações são judiciosissimas; o facto de ainda hoje se encontrarem copias d'este romance, vem em parte comprovar a asserção de Don Pascual de Gayangos e Don Henrique de Vedia, sustentando que os romances populares do seculo XIV e XV antes de andarem em *pliegos sueltos*, primeiro se vulgarisaram por *copias manuscriptas*, como as palavras do editor da *Silva de varios Romances* de 1550 dão a entender claramente. E' de crêr que não exista, ou nunca se imprimisse *folha volante* do romance de *Flora*, e que a copia manuscripta seja o indício da sua primitiva lição jogralesca, d'onde o povo iria tirando as partes mais bellas e dramaticas, isto é, *abreviando-o*, como diria Walter Scott.

(1) *Cancioneiro geral*, fol. 221.

(2) *Ib.*, fol. 217.



**Rymance**

Tyempo bueno, tyempo bueno,  
 quien te llevo de my!  
 Qu'en acordar-me de ti  
 todo plazer m'es ajeno.  
 Fué tyempo y oras ufanas,  
 en que mys dias gozaron.  
 Mas en ellas se sembraron  
 la symyente de mys canas.  
 Quien no llora lo passado,  
 vyendo qual vá lo presente?  
 Quyen busca más acyidente  
 de lo qu'el tiempo l'a dado?  
 Yo me vy ser byen amado,  
 my deseo en alta cyma.  
 Contemprar en tal estado  
 la memoria me lastyma.  
 Y pues todo m'es ausente,  
 no ssé qual extremo escoja,  
 Byen y mal, todo m'anoja:  
 mesquyno, de quien lo syente!

Este romance parece uma imitação dos dois celebres romances conservados no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, *Fonte frida*, *Fonte frida*, e *Rosa fresca*, *Rosa fresca*, muitas e muitas vezes glosados pelos poetas palacianos. O romance de *Tyempo bueno* é um trecho conservado por causa da glosa.

O romance popular era antigo e invariavel nos seus moldes; muitas das suas estrophes tinham-se convertido em proverbio, como se vêem no *Don Quixote*; não se prestando a perpetuar as anedoctas palacianas, a glosa veiu mobilisal-o. O romance popular, simples de condição, franco, rude, tocava a verdade na sua espontaneidade mais divina; era narrativo, não sabia abstrair, dramatisava, accumulava as situações. Era preciso um genio superior para comprehender a sua ingenuidade profunda. Lope de Vega foi um dos primeiros que lhe deu importancia; começou por mostrar que o metro octosyllabo servia para exprimir os mais altos pensamentos e poz em fórma de romance os passos da Paixão. Rengifo, na *Poética española*, reconhece a superioridade do romance. (1)

(1) «No ay cosa mas facil que hazer un Romance, ni cosa mas difficultosa, si hade ser qual conviene. O que causa la

Gil Vicente foi o unico escriptor portuguez do seculo XVI conhecedor da vida do povo, das suas superstições e dos seus cantos. Na *Comedia de Rubena*, representada em 1521, cita um grande numero de romances populares a que allude, como a cousa que por sabida não repete. E' certo que o nosso povo, apesar do desprezo dos cultistas, continuou a apreciar o romance, e d'outra sorte se não explica a reimpressão do *Cancionero de Anvers* em Portugal por Manoel de Lyra em 1551; a apparição do pequeno in-12, intitulado *Ramilhete de flores: quarta, quinta e sexta partes de Romances nuevos hasta agora não impressos*, que Pedro de Flores, collector do *Romancero generale*, imprimiu em Lisboa em casa de Antonio Alvares em 1593; bem como o *Romancero del Cid* de Juan de Escobar, em Lisboa em 1605, 1613 e em 1615, e a *Primavera y Flor de los mejores Romances* tambem em Lisboa, nos prelos de Matheus Pinheiro, em 1626.

O romance de *Dom Duardos*, composto por Gil Vicente, foi colligido no *Cancionero de Romances* como anonymo, e assim a historia dos amores de Bernardim Ribeiro. Na *Menina e Moça* encontra-se o soláo da *Ama* e o romance de *Avalor*, mas com a difficil alliança do artificio trobadoresco com a naturalidade da alma popular. Nas novellas cavalheirescas usava-se intercalar varias composições poeticas; no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda* de Jorge Ferreira, lêem-se muitos romances do cyclo troyano, do cyclo de Arthur, da historia de Roma, como então os fazia Gabriel Lasso de la Vega e Juan de la Cueva; mas é para notar que alguns dos romances de Jorge Ferreira se parecem muito com os romances da tradição, conservados no *Cancionero de Anvers*, taes como os que tratam da morte de Policena. Quando a eschola italiana se introduziu em Portugal procurou tambem banir das composições poeticas o octosyllabo da redondilha.

O metro espontaneo das linguas hespanhola e portugueza é a redondilha octosyllabica; o verso da redondilha sãe faldado, natural, sem se pensar. No *Discurso sobre la Lengua castellana* de Argôte y de Molina, vem: «Leemos algunas coplil-

facilidad es la composicion del metro, que toda es de una redondilla multiplicada. La dificultad está en que la materia sea tal, y se trate por tales términos, que levante, mueva y suspenda los animos. Y se esto falta, como la assonancia de suyo no lleva el oydo tras si, no sé que bondad puede tener el Romance. Descrévense en los romances hechos hazafios, casos tristes e lastimeros, acontecimientos raros, nuevos, singulares.» Edição de 1592, pag. 38, cap. XXXIII.

las italianas antiguas en este verso, pero el es proprio y natural de España, en cuya lengua se halla más antiguo que en alguna otra de las vulgares, y asi en ella solamente tiene toda la gracia, lindez y agudez que es más propria del ingenio Español, que de outro alguno.—En el qual género de verso al principio se celebravan en Castilla las hazañas y proesas antiguas de los Reyes, y los transes y sucesos asi de paz, como de la guerra, y los hechos notables de los Condes, Cavalleros, y Infançones, como son testimonio los *Romances antiguos castellanos*, asi como el del Rey Ramiro, cuyo principio es: *Ya se assienta el Rey Ramiro.*» (1)

Muitas vezes a historia era fundada sobre os romances da tradição oral; Estevan de Garibay y Zamalloa traz na sua Historia varios romances vasconços. D'elles, diz Argote: «en los quales romances hasta oy dia se perpetua la memoria de los pasados, y son una buena parte de las antigas historias castellanas de quien el Rey Don Alonso se aprovechó en su historia, y en ella se conserva la antiguidad, y propiedad de nuestra lengua.» (2) Só a contar do seculo XVI é que os romances populares começaram a tomar uma natureza artistica; até aí as chronicas procuravam o subsidio da tradição oral; d'aí por diante os poetas iam tirar d'ellas os motivos e factos para os seus romances. Sepulveda poz em verso os principaes factos da *Cronica general*, de Affonso o Sabio.

O que se dava em Hespanha acontecia igualmente em Portugal; Gil Vicente cantava em romances a morte de Dom Manoel, a aclamação de D. João III, o casamento e partida da Infanta Dona Beatriz, o nascimento de Dom Philippe. Era a moda do tempo, como confessa o proprio Sepulveda no prologo da sua collecção: «va puesto en estylo que vuestra merced lea. Digo en metro castellano y en tono de *Romances viejos, que és lo que agora se usa.*» (3) Por este tempo entraram na tradição do povo muitos romances de formação litteraria; o romance de *Don Duardos*, de Gil Vicente, foi recolhido nos Romanceiros hespanhoes; o Cavalheiro de Oliveira o colligiu outra vez da versão oral, e nos veiu da Ilha de Sam Jorge, da freguezia dos Rosaes, outra variante não menos veneranda, se não mais pura. Estes romances eram intencionalmente compostos para serem cantados, em lugar dos *velhos* e quasi perdidos da Tavola Redonda e do Cyclo

(1) *Conde de Lucanor*, edição de 1642, fol. 127.

(2) *Ibid*, fol. 128.

(3) Sepulveda, *Romances nuevamente sacados de Historias antiguas*. Anvers, 1551, fol. 2 verso.

carolino. Dil-o Sepulveda, no prologo da sua collecção : que a fizera «para aproveitarse los que cantarlos quisieren, en lugar de otros muchos que yo he visto impresos y de muy poco fructo.» (1) Estes romances a que allude Sepulveda com desprezo, são hoje a parte mais bella e sublime dos Romanceiros da Peninsula. Portanto, podê dizer se, que a transformação erudita do romance popular foi devida á falta de comprehensão dos cultistas litterarios. O mesmo tinha já succedido no seculo XV, quando o Marquez de Santillana, enlevado com os artificios da poetica provençal, considerava como *infimos e despreziveis* os que cultivavam a fórma do romance. No seculo XVI, a imitação do classicismo e dos metros italianos fez novamente desprezar o metro octonario pelo endecasyllabo heroico. Os que sustentam o combate pelo metro popular, como Lope de Vega, Argote de Molina e Sepulveda, entregam-se ao romance como á forma mais do gosto do publico não accostumado ás canções petrarchistas.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalheiros da Tavola Redonda* intercalou muitos romances cultos sobre as tradições do Cyclo greco romano; alguns d'esses romances da historia de Troya são tão parecidos com os do *Cancionero de Romances de Anvers*, que levam á supposição de serem as suas versões em parte aproveitadas da tradição oral, como foram essas colligidas por Esteban de Najera. O romance ao casto Scipião sobre a morte de Sophoninha tambem foi romanceado por Juan de la Cueva no *Coro Febeo*; a lição de Jorge Ferreira é mais laconica, com a simplicidade tradicional e o mesmo se pode dizer do seu romance á *Batalha de Pharsalia*, comparado com os de Lobo Lasso de la Vega, no *Romancero y Tragedias*.

O relêvo musical que recebiam as Canções nos costumes da cõrte, dando logar a uma renovação de velho lyrismo, desenvolvendo como Motes versos de Letrilhas, Vilancetes e Esparsas esquecidas, veiu tambem acordar a sympathia palaciana pelos *Romances velhos*, já abandonados pelos sectarios da Eschola italiana. N'este tempo os romances serviam de letra para fogosas melodias; eram postos em musica e publicados por Milan, Pisador, Valderrabano, Fuenllana, Mudarra e Salinas. A D. João III, em 1535, offreceu um *Livro de Musica*, em que vinham notados musicalmente os romances: *Mis arreos son las armas, Suspirastes, e Baldovinos*.

E d'este prurido de gosto castelhano escrevia Jorge Ferreira, no *Memorial*: «Cantavam a violas de arco e doçayna

(1) Idem, *ibid.*, fol. 3.

mui concertadamente -o romance, que eram os cantos que então mais se usavam.» (p. 215. Ed. 1867.)

As trovas castelhanas tinham-se apossado do nosso ouvido; e ainda no seculo XVII, no seu *Fidalgo aprendiz*, põe D. Francisco Manuel a namorada Brites exigindo do galanteador D. Gil Cogominho em vez de romances velhos, romances trovados, *letra castelhana*.

Além das duas correntes que atacavam a fôrma do romance, o gosto erudito da Eschola italiana e os anáthemias da Censura religiosa dos Indices Expurgatorios, o Romance culto recebeu uma nova degenerescencia nas fôrmas affectadas dos Romances *mouriscos* ou granadinos postos em voga por Gines Perez de Hita, e os romances *picarescos* as xacarrandinas tratados por Quevedo.

Dom Francisco Manuel de Mello, além de ter escripto varios romances mouriscos, cita os mais celebres, como o de *Dragut*:

Se ha dez annos que amarrado  
Qual forçado de Dragut.

(Obras, II, 245.)

e o romance do Mouro Zaide :

Trago a rojo lá do Minho  
Mais prisões que um mouro Zaide.

Dom Francisco Manuel de Mello cultivou com predilecção a fôrma do romance tal como se usava no seculo XVII; no primeiro côro das suas *Tres Musas de Melodino*, imita os romances mouriscos, usados pelos cultistas castelhanos. O romance de Aben-Humea começa :

Ya por la puerta de Elvira  
Saliendo vá de Granada  
Aben-Humea, el quexoso  
De su rey y de su dama.

Canta tambem o romance de Celidaja :

Texiendo está Celidaya,  
La hermosa hija del Rey,  
Zambras de sus bellas Moras  
Una tarde en su vergel.

Gongora tambem fez *romances mouriscos*, principalmente do cyclo turquesco, mas de um gosto bello e admiravel; cedo veiu a conhecer o enfado que já causavam os poetas granadinos, e elle proprio os ridicularisou em um romance. Os productos d'este genero, compostos por D. Francisco Manuel de

Mello e por Francisco Rodrigues Lobo, não apresentam o minimo merecimento; são em hespanhol, em um estylo cançado, e sem o esplendor da paixão oriental que os poetas hespanhoes imprimiram ás suas contrafacções. Não vale apresentar especimen de composições taes; apenas servem para mostrar que o contagio litterario tambem chegou até Portugal. Do meado do seculo XVII por diante, os romances *mou-riscos* perderam-se em um subjectivismo e requinte que lhes tirou o character. Foi então quando os romances se tornaram *pastoris*, sendo os heroes arabes substituidos pelos Belardos, Filis, e pelas aventuras dos rufiões dos bêccos, ou *xaques*. A *Xácara* era o nome dado aos romances que celebravam esses feitos dos meliantes; os nossos *Fados* populares podem-se considerar como contaminados das *xacarandinas* do seculo XVII, a que D. Francisco de Quevedo imprimiu uma forma litteraria. (1)

O que fosse este genero de poesia, procura o commentador na propria palavra *xacara*: «Y si bien á la primera noticia, que de si prometen con el nombre, parece peligra la estimacion.» Da linguagem formada pela gentalha, vadios, rufiões, goliardos e maninellos, que se chama *giria*, e em hespanhol *geringonça* ou linguagem particular dos Ciganos, e *jargon* no francez, e tambem *germania*, se formou esta especie de poesia. Os mesmos vadios se chamam entre si *xaques*: «Pero como quiera que ello fuese, denominacion dieron infalible á las *xacaras* ó *xacarandinas* aquellos *xaques* mismos? y con legitima razon, pues de sus acontecimientos y penalidades continuas son annales las relaciones que alli se repiten: y nuestro Poeta (Quevedo) historiador suyo, ó verdadero, ó singularmente de adequado spiritu.» (2) A' vista d'esta simples noticia e da leitura de Quevedo, é facil de vêr em que a *xacara* consistia: eram as aventuras dos goliardos, a fórma antiga do *Fado*, uma historia longa das suas falcatruas. Na *xacara* de Escarraman, ha cartas entre Escarraman e Mendez, cartas entre Peralta e Lampuga. D'onde veiu D. Francisco Manoel dizer: «Começaram um dialogo á maneira de *xacara*», isto é, na linguagem *giriante* em que os *xaques* faziam as relações de seus desastres e aventuras divertidas, que era em-

(1) Sobre a existencia das *Xácaras* populares diz o seu annotador: «Muchas *xácaras* rudas y desabridas le habian precedido entre la torpeça del vulgo: pero las ingeniosas, y de donayrosa propiedad y capricho él fué el primero descubridor sin duda.» *Musa V*, pag. 221, ediç. de Lisboa de 1652.

(2) Edição de Madrid, 1724, pag. 248.

pregada na *xacarandina*. A *xacara*, como quasi toda a poesia popular, era acompanhada de musica.

Do meiado do seculo XVI por diante começaram os romances populares a receber uma fôrma artistica, a tornarem se descriptivos e lyricos. Fuentes, Timoneda, Sepulveda, Lasso de la Vega os foram tornando subjectivos. As *xacaras* populares receberam tambem de Quevedo esta mesma influencia artistica, que se resentiu em Portugal, por isso que o *Index Expurgatorio* de 1624 prohibe a leitura do *romance de Escarraman*, e de todos os que sobre elle se fizeram. Dom Francisco Manuel de Mello imitou o gosto das *xacaras* nos seus *romances entretenidos*. A *xacara* á força de exaggerar o natural tornava-se grosseira; o metro seguia uma tendencia artificialiosa que lhe tirava a vulgarisação popular; elaborou-se o vasto cyclo dos *Guapos* e *Temerones* substituindo os heroes por bandidos e contrabandistas.

Nos fins do seculo XVII a mania dos romances continuava; os frades escreviam-nos pelos mosteiros sobre assumptos pastoris; outros de longe em longe se lembravam do *Cid* e de *Durandarte*. Assim o diz um poeta coevo, Antonio Peixoto de Magalhães:

Algun, sem que descanse,  
Faz ás barbas do *Cid* logo um romance,  
Outro, grave e quieto  
Compõe a *Durandarte* algum soneto.

Em Hespanha o romance tinha perdido o character *narrativo*, absolutamente popular, tornando-se *descriptivo* ou litterario, até 'se fundir em um subjectivismo que o desnaturava. Em Portugal o povo continuou na sua obscuridade, como d'antes, mas o romance seguiu exactamente as mesmas transformações que em Hespanha. Por este tempo Francisco Lopes, livreiro de Lisboa, romanceava, á imitação do *Santo Isidro* de Lope de Vega, a vida do popular *Santo Antonio* e dos cinco *Martyres de Marrocos*; servia á causa da liberdade na Revolução de 1640 com as suas *folhas volantes* em verso, popularizando as victorias contra as armas de Castella,

Na evolução do Romance com fôrma litteraria, elle tendia a transformar-se de *narrativo* em *dramatico*.

No meado do seculo XVI, o pobre cego Balthazar Dias deu á fôrma dramatica ao romance do *Marquez de Mantua*. Tivera a intuição da revolução poetica que ia operar-se derivando dos themas heroicos, que se apagavam nas recitações, pela vida da scena, as *Comedias famosas* do innumeravel repertorio do Theatro hespanhol. Os poetas portuguezes foram cooperar na composição das *Comedias famosas* em Castella

com que enriqueceram a litteratura dramatica de *nuestros hermanos*, na epoca do dominio da Casa de Austria.

D'entre esses escriptores destacou-se João de Mattos Frago, do qual ainda hoje se representa por todas as provincias hespanholas a Comedia famosa dos *Sete Infantes de Lara*. Escreve Menendez Pidal, no seu valioso estudo sobre esta tradição: «As relações da nossa lenda que mais circulam pelas provincias de Burgos e Soria, são cabalmente as que estão mais afastadas da versão primitiva das *Chronicas e Romanes*, as que não apresentam vestigio algum da inspiração popular. Alli, aonde a tradição devia manifestar-se mais original e pura, em Lara, em Covarrubias, em Salas e em Barbadillo, é aonde estão divulgadas as obras de Mattos Frago e de Fernandez y Gonzales; . . . Nos theatros populares, a comedia de Mattos Frago é a unica conhecida. No Ayuntamiento de Salas se representava ainda ha sete annos, agora, com mais irregularidade, e é preferida pelos habitantes a todas as outras peças do repertorio alli em uso, fazendo sempre encher-se as bancadas da casa consistorial. Tambem se punha em scena em Lara, porém ha uns quarenta annos que isto não acontece; já se representou em varias povoações da provincia de Soria; que eu averbo tambem em Valdegeña, Agreda e Naviercas. e em alguma outra da Montanha.» (1) Tambem nas Comedias famosas sobre D. Inez de Castro se intercallam trechos de romances que revelam a sua origem popular, como estabelecendo a transição entre estas duas formas poeticas.

A poesia popular á medida que ia decaindo no gosto dos cultistas, emancipava-se de novo, pela falta de espontaneidade dos que a queriam imitar. Podemos dizer que a poesia popular portugueza ficou absolutamente desconhecida até á incompleta, mas brilhante tentativa de Garrett; em Hespanha os vendedores das *folhas volantes*, romanceando os successos do tempo, continuavam obscuramente o trabalho dos Najeras, dos Nucios, dos Flores, dos Tortejadas; entre nós o povo parecia mudo, sem canto. Que symptoma mais franco de decadencia! Quando os nossos poetas quizeram imitar o que na Allemanha faziam Uhland e Bürger, trovando os seus poemas sobre as tradições nacionaes, mostravam-se a nú, mediocres e sem alma. É' vêr essa infinidade de *solaos*, xacaras de accalantar netos, balladas e outros prenuncios do Ultra-romantismo em Portugal, que se cansou de andar a tombos com uma Edade média de cartão. Para que enumerar aqui nomes de falsos sacerdotes da arte? A poesia do povo precisa de uma extraordinaria boa-fé para ser entendida.

(1) *Leyenda de los Infantes de Lara*, p. 176. Madrid. 1896



# INDICE

## ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

### V

#### ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA DO SECULO XV AO XVIII

##### § I — *Romances, Trovas e Canções narrativas*

|  | Pag. |
|--|------|
| <b>Alvaro de Brito</b> — Trovas á morte do Principe D. Affonso, filho de D. João II. ....      | 1    |
| <b>Garcia de Resende</b> — Trovas á maneira de Romance, feitas á morte de Dona Inez de Castro. | 3    |
| — Exclamação ( <i>Anonymo</i> ) .....  | 8    |
| <b>Gil Vicente</b> — Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz para Saboya.....    | 11   |
| — Romance burlesco parodiando o celebre Romance: <i>Yo me estava allá en Coimbra</i> .....     | 12   |
| — Cantiga dos Romeiros em folia, no Auto do Templo de Apollo .....                             | 13   |
| — Romance ao nascimento do Infante D. Felipe ....  | 14   |
| — Romance á morte do Rei Dom Manuel.....   | 15   |
| — Romance á aclamação de D. João III.....  | 18   |
| — Cantiga de Natal, no Auto Pastoral.....  | 20   |
| — Vilancete de Abel .....  | 21   |
| — Barca da Gloria.....   | 22   |
| — Os Cativos do Peccado .....  | 22   |
| — Fragmento da Parodia de Romance: <i>A Bella mal maridada</i> .....                           | 23   |

|   | Pag. |
|---|------|
| <b>Gil Vicente</b> — Cançoneta dialogada.....   | 23   |
| — Cantiga de Chacota de pastores . . . . .  | 24   |
| — Outra ( <i>em castelhano</i> ) . . . . .  | 25   |
| — Outra ( <i>idem</i> ).....  | 25   |
| <b>Bernardim Ribeiro</b> — Cantar á maneira de Soláo . . . . .  | 26   |
| — Romance de Avalor . . . . .   | 27   |
| — Romance de Cuidado e Desejo . . . . .   | 29   |
| <b>Christovam Falcão</b> — Cantiga com Voltas..   | 34   |
| <b>Sá de Miranda</b> — Cantiga de Passacalles . . . .   | 35   |
| <b>Jorge de Monte-Mór</b> — Canções subjectivas   | 36   |
| — Cançoneta.....  | 37   |
| <b>Jorge Ferreira de Vasconcellos</b> — Romance da batalha que teve El Rey Arthur com Mordhereth..... | 37   |
| — Romance ao modo hespanhol sobre a Guerra de de Troya.....   | 39   |
| — Romance da morte de Achilles e desgraça de Policena . . . . .                                       | 41   |
| — Romance da morte de Policena.....   | 43   |
| — Romance da História de Roma . . . . .   | 45   |
| — Romance da vespera da Batalha de Pharsalia . . . .  | 47   |
| — Romance cantado a tres vozes á morte do Principe D. Affonso, filho de D. João II.....               | 50   |
| — Romance á morte do Principe D. João, filho de João III . . . . .                                    | 54   |
| <b>D. Manuel de Portugal</b> — Romance do Trespasso.....  | 55   |
| <b>Luiz de Camões</b> — Cantiga com volta: Descalsa vae para a fonte . . . . .                        | 56   |
| <b>Pedro de Andrade Caminha</b> — Cantiga a Leonor na fonte.. . . . .                                 | 57   |
| — Romance subjectivo . . . . .  | 58   |
| <b>Francisco Rodrigues Lobo</b> — Cantigas de Leonor na fonte.....                                    | 59   |
| — Cantiga da Violante . . . . .   | 60   |
| — Romance do Desenganado.....   | 61   |
| <b>D. Francisco de Portugal</b> — Romance pastoril de Leonor . . . . .                                | 63   |
| <b>Balthazar Dias</b> — Historia da Imperatriz Porcina . . . . .                                      | 65   |
| <b>Dr. Gaspar Fructuoso</b> — Romance ao tremor de Villa Franca do Campo em 1522.....                 | 110  |

|  | Pag. |
|--|------|
| <b>Anonymo</b> — Satira da Perda da Nacionalidade portugueza .....                       | 120  |
| — Mote: Dona Velha relha .....   | 129  |
| — Aos Governadores do Reino .....  | 130  |
| — Aos Governadores de Portugal .....   | 131  |
| — Folia dos Portuguezes .....  | 133  |
| — Ao Duque de Villa Hermosa, Presidente .....  | 135  |
| — Ao Motta .....   | 136  |
| — D. João de Bragança .....  | 136  |
| — Contra o Conselho da Regencia: Ao Arcebispo<br>D. Miguel de Castro .....               | 137  |
| — Ao Conde de Portalegre .....   | 138  |
| — Ao Conde de Santa Cruz .....   | 140  |
| — Ao Conde de Sabugal .....  | 140  |
| — A Miguel de Moura .....  | 143  |
| <b>D. Thomaz de Norouha</b> — Romance a um<br>Cavalleiro de Ceuta ridiculo .....         | 145  |
| <b>D. Francisco Manuel de Mello</b> — Romance<br>picaresco: Debuxo de penna .....        | 146  |
| <b>M. Quintana de Vasconcellos</b> — Romance<br>ao som de harpa .....                    | 149  |
| <b>Antonio Serrão de Castro</b> — Romance<br>da briga de um cego com um corcovado .....  | 150  |
| <b>Anonymo</b> — Romances e Cantigas na Canonisação<br>de S. Francisco Xavier .....      | 132  |
| — Outra ao mesmo .....   | 133  |
| — Cantiga de Abel .....  | 136  |
| <b>Francisco Lopes</b> — Romance de Santo Antonio<br>e a Princeza .....                  | 137  |
| <b>Frei Rodrigo de Deus</b> — Hymno dos Passos<br>da Paixão .....                        | 139  |
| <b>Anonymo</b> — Trovas de Dom Duardos .....   | 170  |
| <b>Thomaz Pinto Brandão</b> — Despedida de<br>um Marujo ( <i>giria alfamista</i> ) ..... | 172  |
| <i>§ II — Romances anonymos contrafazendo<br/>o gosto popular</i>                        |      |
| A Obra da Creação ( <i>Versão do Rio de Janeiro</i> ) .....                              | 177  |
| Romance do Moiro Encantado ( <i>Algarve</i> ) .....                                      | 189  |
| A Pastora ( <i>Versão do Algarve</i> ) .....   | 191  |
| O Paladim Cativo ( <i>Ibidem</i> ) .....   | 193  |
| A Pastora ( <i>Ibidem</i> ) .....  | 195  |
| A Ausencia ( <i>Ibidem</i> ) .....   | 199  |

|  | Pag. |
|--|------|
| A Cativa ( <i>Versão do Algarve</i> ).....   | 201  |
| A Serrana ( <i>Ibidem</i> ).....   | 204  |
| Os Calvos ( <i>Ibidem</i> ).....   | 206  |
| Estoria do Boi Bragado ( <i>Versão da Madeira</i> ).....   | 207  |
| O Mestre de Solfa ( <i>Madeira</i> ).....  | 214  |
| Mariquinhas ( <i>Madeira</i> ).....  | 218  |
| Don Beltrão, ou o Cavalleiro com odio e sem amor ...   | 221  |
| Nota elucidativa.....  | 224  |
| O Cruzador Cath'rineta — Parodia politica.....   | 225  |
| A Fróta do Syndicato (Parodia da Náo Catherineta)...   | 227  |
| A Náo da Governança (Parodia da Náo Catherineta)...  | 229  |
| § III — <i>Romances da Historia de Portugal</i><br>( <i>tirados das Collecções hespanholas</i> )               |      |
| 1. Romance de como se ganó Coymbra ( <i>Sepulveda</i> ) ..   | 233  |
| Romance del Conde Alfonso Enriquez ( <i>Anonymo</i> ) .  | 236  |
| 2. Romance de Don Egas Moniz ( <i>Juan de la Cueva</i> )..   | 237  |
| 3. Romance del rey don Alfonso quando libertó del tribu-<br>lo al reino de Portugal ( <i>Sepulveda</i> ).....  | 243  |
| 4. Romance de D. Pedro I de Portugal y Doña Inez de<br>Castro — I. (De <i>Gabriel Lobo Laso de la Vega</i> ).. | 246  |
| 5. Don Pedro y Doña Inez de Castro — II ( <i>do mesmo</i> ).   | 248  |
| 6. Don Pedro y Doña Inez de Castro — III ( <i>Anonymo</i> )  | 249  |
| 7. Doña Inez de Castro, Cuello de Garza de Portugal<br>— IV ( <i>Anonymo</i> ).....                            | 251  |
| 8. Romance de Dona Isabel ( <i>Anonymo</i> ).....  | 258  |
| 9. Romance de Dona Isabel de Liar ( <i>Anonymo</i> ).....  | 260  |
| 10. Al mismo asunto ( <i>Anonymo</i> ).....  | 264  |
| 11. Romances del Duque de Guimaras — I ( <i>Anonymo</i> )  | 266  |
| 12. La Duqueza de Braganza se quejó al Rey por la<br>muerte que hizo dar a su esposo — II ( <i>Anonymo</i> ).  | 269  |
| 13. Romance del Duque de Bragança D. Jayme ( <i>Anonymo</i> )  | 270  |
| 14. A la muerte del Principe de Portugal ( <i>Fr. Ambrosio</i><br><i>de Montesinos</i> ).....                  | 273  |
| 15. Romance de la muerte del enamorado Don Bernal-<br>dino ( <i>Anonymo</i> ).....                             | 274  |
| 16. Romances del Rey D. Sebastian — I ( <i>Anonymo</i> ) ...   | 277  |
| 17. El Rey Don Sebastian — II ( <i>Anonymo</i> ).....  | 278  |
| 18. El Rey Don Sebastian — III ( <i>Anonymo</i> ).....   | 281  |
| Romance sobre a entrada del Rey Felipe II em Lis-<br>boa em 1581, por <i>André Falcão de Resende</i> .....     | 283  |
| Romance da Armada que foi ás Ilhas Terceiras no<br>anno de 1581, por <i>André Falcão de Resende</i> .....      | 289  |

## NOTAS

AO

## ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

|   | Pag.      |
|---|-----------|
| I — Romances heroicos e Novellescos :                           |           |
| I. Cyclo Odysaico ou Atlantico .....                            | 305 a 361 |
| II. Cyclo Scandinavo-Germanico .....                            | 362 a 385 |
| III. Cyclo Carlingio ( <i>Materia de França</i> )...            | 386 a 406 |
| IV. Cyclo Arthuriano ( <i>Materia de Bretanha</i> )             | 406 a 450 |
| II — Romances de Aventuras.....                                 | 451 a 568 |
| I. <i>Da Mulher perseguida</i> .....                            | 453 a 498 |
| II. <i>Da Esposa infiel</i> .....                               | 498 a 523 |
| III. <i>De Peregrinos e Cativos</i> .....                       | 524 a 550 |
| IV. <i>Cyclo de Xácaras e Coplas de Burlas</i> ..               | 551 a 568 |
| III — Romances Historicos e Lendarios .....                     | 569 a 583 |
| IV — Romances Sacros e Devotos.....                             | 583 a 604 |
| V — Romances com fórma litteraria do seculo XV<br>a XVIII ..... | 605 a 618 |

# INDICE

## ROMANCEIROS PROVINCIAES PORTUGUEZES

### *I—Romanceiro tradicional do Minho e Douro*

- Dona Clara, — I, 36; 40.  
Dom Barão, 102.  
D. Carlos e D. Leonor, 105.  
Dom Aleixo, 158.  
A Encantada, 234.  
O Caçador e a Donzella, 235.  
Princesa peregrina, 277.  
D. Carlos de Montealbar, 364.  
A Romeira, 409.  
Moreninha, 411.  
A tecedeira, 414.  
Conde Alberto, 496.  
Silvana, 503.  
Olindinha, 461.  
Dom Beço, 562.  
Casamento e mortalha, 627.  
Conde de Alemanha, II, 8.  
Dom Francisco, 40; 42.  
A Moreninha, 81.  
Vida alegre, 171.  
O Cego, 173; 174.  
Rosa, 193.  
Dona Ausenda, 222.  
Gallinha Pinta, 291.  
Dona Inez de Castro, 340.  
Oh noite má, 347.  
Noite de Natal, 380; 387.  
O presepio, 391.  
Adoração dos Pastores, 393.  
Infancia de Jesus, 394.  
Nascimento do Senhor, 397.  
Jesus peregrino, 398.  
Offertas ao Menino, 398; 399.  
Os Santos Reis, 410; 413, 417,  
418.  
Oração das Endoenças, 425.  
A Ressurreição, 434.  
O testemunho da porta, 471.  
A filha do Rei de Roma, 481.  
A Confissão da Virgem, 491.  
Virgem da Conceição, 498.  
Romagem de San Thiago, 501.  
Dia de Juizo, 502.  
A Senhora da Conceição, 505.  
Santa Iria, 509, 511.  
Jesus Mendigo, 566.

*II — Romanceiro tradicional de Traç-os-Montes*

- Nausica, — I, 67; 69.  
 Dona Ausenia, 90.  
 Tristes novas, 94.  
 Gerinaldo, 183; 185.  
 Dom Beltrão, 207.  
 Valdevinos, 216.  
 Dom Gayfeiros, 211.  
 Melisendra, 214.  
 Cruel Vento, 221.  
 Dom Pedro, 242.  
 Dom Carlos, 314.  
 O que diz o rouxinol, 316.  
 Lisarda, 371.  
 Albaninha, 394.  
 A Romeira, 409.  
 A Tecedeira, 416.  
 A Filha do Imperador de Roma, 424.  
 Faustina, 451.  
 Dona Anna, 590; 592.  
 Conde de Alemanha, — II, 6.  
 Frei João, 83.  
 O Soldadinho, 112.  
 Entrada de Maio, 114; 116.  
 Conde prezo, 119.  
 A Romeira, 126.  
 Morenita, 281.  
 O laranjal, 282.  
 Lo Moro, 327; 329.  
 La Cantiga del Mirandun, 356.  
 Noite de Natal, 390.  
 A Marinheira, — III, 317.  
 O Marinheiro, 317.  
 A Serrana e o Pastor, 331.  
 A Serrana, 332.  
 A Dama e o Cavalleiro, 333.  
 Um cavalleiro, 338.  
 A bella Infanta, 330.  
 O Conde Torres, 351.  
 Dom Fernando, 353.  
 Conde Flores, 354; 357.  
 O Cavalleiro, 565.  
 Dom Martuchinho, 373.  
 Valdevinos, 395.  
 O Gaifeiro, 397.  
 O Caçador, 413.  
 O Cavalleiro, 424.  
 Albaninha, 428; 429.  
 Dona Angelina, 436.  
 A Romeira, 438.  
 O Rei e a Donzella, 441.  
 A Romeirinha, 441.  
 A Donzella, 444.  
 Delgadinha, 461.  
 Dona Thomazia, 462.  
 D. Estephania, 463.  
 Conde de Alemanha, 467;  
 469.  
 D. Anna, 481.  
 Dom João, 490; 491.  
 Dom Pedro e Dona Leonarda,  
 495.  
 O Capitão, 522.  
 O Conde, 525.  
 O Moirito, 533.  
 O Mouro, 535.  
 Dom Garcia, 542.  
 O Mouro, 548; 549.  
 O Prezo, 550.  
 Dona Alvorea, 596.  
 O vestido novo, 564.  
 Oh triste velha, 565.  
 O moleiro, 565.  
 A mal casada, 566.  
 Retira-te, oh ama, 566.  
 A Villaninha, 567.  
 Rosa branca, 568.  
 A Lavadeira, 568.  
 Dom Oucidres, 570.  
 Baptismo de Jesus, 587.  
 O Seginebra, 590.  
 Camdea dourada, 593.  
 Iredia, 595.  
 Historia de Santa Helena,  
 596.  
 O Lavrador, 604.

*III— Romanceiro tradicional da Beira (Alta e Baixa)*

- Dona Infanta, — I, 42.  
 Dom Martinho, 98.  
 Dom Aleixo, 155.  
 Reginaldo, 177.  
 Infantina, 230.  
 Promessa de noivado, 280.  
 Dona Lisarda, 368.  
 O hortelão das flores, 426.  
 O Duque da Lombardia, 428.  
 Sylvaninha, 247.  
 Conde Alves, 500.  
 Dom Pedro, 563.  
 O Alferes matador, 594.  
 Conde de Alemanha, — II, 4.  
 Morena, 78.  
 Mulher falsa, 87.  
 Dom Garfos, 120.  
 O Cego fingido, 176.  
 Linda Pastorinha, 196.  
 O Toureiro namorado, 228.  
 O Comboio, 229.  
 A Freira arrependida, 230.  
 Maravilhas do meu velho, 261.  
 Romances de Cegos, 296.  
 O velho Maioral, 304.  
 Despedida de Lisboa, 356.  
 Infancia de Jesus, 395.  
 Jesus Peregrino, 398.

*IV— Romanceiro tradicional da Extremadura e Ribatejo*

- Náo Catherineta, — I, 1.  
 Bella Infanta, 33.  
 O Caçador, 238.  
 A Enfeitiçada, 240.  
 Claralinda, 306.  
 D. Carlos de Além-mar, 356.  
 Sylvaninha, 447.  
 Conde Yano, 488.  
 Helena, 556.  
 A mulher forçada, 596.  
 O Rei Traquilha, 597.  
 O Cordão de Ouro, — II, 110.  
 Brancaflor, 128.  
 O Cativo, 147.  
 Linda-a-Pastora, 191.  
 A Doente, 224.  
 Sim e Não, 283.  
 Os Frades, 284.  
 O passaro, 285.  
 Tonadilhas dos Padres ao  
 Condestavel, 342.  
 Endechas ao Condestavel, 343.  
 Trovas do Ramalhão, 377.  
 Confissão da Virgem, 493.  
 Santa Iria, 507.  
 Santo Antonio, 547.

*V — Romanceiro tradicional do Alemtejo*

- A Náo Catherineta, — I, 4.  
 Dona Leonarda, 48.  
 Dona Isabel, 50.  
 Dona Maria, 108.  
 Carlos Magno, 228.  
 Conde Lindes, 267.  
 Dona Felisarda, 376.  
 Dona Silvana, 455.  
 A Infanta castigada, 509.  
 Dona Silvana, 513.  
 Guimar, 606.  
 Dom João, 61c.  
 Dona Angela de Medina, 613.  
 —Conde de Alemanha, II, 10.  
 Bernal Francez, 36; 45.  
 Frei João, 88.  
 O Cego de amor, 179.  
 A Pastorinha, 200.  
 Os dois irmãos, 210.  
 O Velho gaitero, 260.



- A Viuva casadoira, 262.  
 Gallinha pintada, 293.  
 O senhor D. Gato, 295.  
 O gato da velha, 295.  
 Disparates, 300.  
 Rainha Santa Isabel, 334.  
 Noite de Natal, 388.  
 Infancia de Jesus, 396.  
 Oração das Endoenças, 427.  
 As doze Petições, 430.  
 Martyrios do Senhor, 433.  
 As tres Marias, 435.  
 A Eucharistia, 436.  
 A Pastorinha, 472.  
 Nossa Senhora do Prado,  
 484.  
 Confissão da Virgem, 494.  
 Senhora da Conceição, 499;  
 500.  
 Santa Thereza, 549; 550.  
 O Pobresinho, 569.  
 O Padre Nosso, 575.

*VI— Romanceiro tradicional do Algarve*

- A Não Catherineta, — I, 4; 8.  
 Bella Infanta, 552; 55.  
 Dona Isabel, 50.  
 Dona Silvana, 57; 59.  
 D. Maria, 71.  
 Noiva arraiana, 75.  
 Dom Martinho, 111.  
 D. Maria, 115.  
 D. Aleixo, 162; 165; 168.  
 As tres irmãs, 166.  
 Dom Geraldo, 189.  
 Generaldo, 191.  
 A Encantada, 244.  
 Almendo, 247.  
 Dom Nino, 268.  
 Dom Diniz, 270.  
 A Enganada, 281.  
 Dom Manuel, 283.  
 A Peregrina, 286.  
 Dona Galançua, 378; 390.  
 Lisarda, 384.  
 Dona Aldonça, 387.  
 Conde de Montealbar, 417.  
 Sylvaninha, 459, 463.  
 Dona Silvana, 515;  
 Dona Iria, 520.  
 A Condessa, 524.  
 Dom Bruno, 566; 513; 575.  
 Dona Branca, 598.  
 A Donzella e o punhal, 615.  
 Conde de Alemanha, — II, 14.  
 Bernal Francez, 48; 50; 53.  
 Frei João, 90.  
 A Morena, 92.  
 A Cativa, 131.  
 As duas irmãs, 134.  
 O Cativo, 152.  
 O Christiano, 156.  
 O Cego pedinte, 180.  
 Linda pastorinha, 208.  
 Pranto da Viuva, 265.  
 O Canario, 286.  
 Amphiguri, 297; 301.  
 Dom Julião, 306.  
 Dom Rodrigo, 311.  
 O Cavalleiro da Silva, 517.  
 Dom Joaquim, 358.  
 Os sete Sacramentos, 379.  
 Caminho de Belem, 362.  
 Infancia de Jesus, 394.  
 A Senhora das Angustias, 458.  
 A Fonte das Almas, 460.  
 A Senhora da Piedade, 462.  
 Nossa Senhora dos Martyres,  
 465.  
 A Devota da ermida, 474.  
 Santa Cecilia, 475.  
 A Senhora da Orada, 477.  
 Bom Jesus de Padrão, 479.  
 A Confissão, 491.  
 Nossa Senhora da Conceição,  
 499.  
 Santa Iria, 513; 517; 519.

*VII — Romanceiro tradicional do Archipelago da Madeira*

- A Não Catherineta, — I, 10; 12; 14.  
 Bella Infanta, 62.  
 Dom Martinho, 120.  
 Donzella que vae á guerra, 127  
 Hoje s'apregôam guerras, 130.  
 Bravo Franco, 148.  
 Gallo-Franco, 150.  
 Gerinardo, 194; 196; 199.  
 Filha do Rei de França, 250.  
 Dona Anna, 287.  
 Cavalleiro não namores, 290.  
 Dona Inez, 293.  
 Conde de Montealbar, 309; 321; 324; 329.  
 Conde Claros (Alarcos), 334; 338.  
 Dona Ausenda, 392; 397.  
 Dona Ouliva, 420.  
 Dona Eurives, 422.  
 O Ceifão, 431.  
 Amores de Lizarda, 432.  
 No jardim do seu recreio, 436.  
 Aldina, 469; 471; 473.  
 Conde Elarde, 527; 534.  
 Pomba sem fel, 619.  
 Dom Henrique d'Alencastre, 522.  
 Conde Germano (de Alemanha), — II, 16; 19; 21; 24.  
 Bernal Francez, 55; 58.  
 Frei João (Morena), 94; 97; 100; 103; 104; 105.  
 O Frade caçador, 105.  
 A Cativa rainha, 136.  
 O Cativo, 159; 162.  
 O Cego, 183; 184.  
 Pastora linda, 209; 215.  
 A vida da Freira, 233; 235.  
 Real Caçador, 249.  
 A mulher do Almocreve, 250.  
 Mulatinha, 270.  
 A Villôa, 275.  
 Missa do Gallo, 277.  
 Chama Rita, 279.  
 Amor de Soldado, 280.  
 Rainha Santa, 336.  
 Triste noivo, 348; 349.  
 Não que vae á guerra, 360.  
 Principio do Mundo, 379.  
 O Natal, 400; 401; 402.  
 Os Pastores, 403.  
 Oração de S. José, 405.  
 Endoenças, 438; 438.  
 As Almas santas, 440.  
 Nossa Senhora da Luz, 441.  
 Sam Pedro, 441; 442.  
 Pregação de Sam João, 443, 445.  
 Nossa Senhora Cuidosa, 446.  
 Nossa Senhora do Monte, 486.  
 Senhora do Monte, 488.  
 Alma peccadora, 503.  
 Santa Iria, 523; 525.  
 Santo Antonio, 535; 538.  
 Santa Thereza, 552.  
 Oração de San Bartholomeu, 557;  
 Oração de San Thomé, 559.  
 Santa Clara, 564.

*VIII — Romanceiro tradicional do Archipelago dos Açores*

- A Não Catherineta, — I, 18; 20; 22; 25; 27.  
 Bella Infanta, 64.  
 Noiva extremenha, 77; 79; 95.  
 Vestigios de uma Saga, 88.  
 O caso de Juliana e Jorge, 89.  
 Donzella que vae á guerra, 131.  
 Dom Varão, 136.  
 Donzella guerreira, 140.  
 Dom Franco, 152.

- Dona Inez, 153.  
 O caso de Dona Inez, 154.  
 Dom Aleixo, 171; 173.  
 Gerinaldo, 301; 204.  
 Joãozinho o Banido, 221.  
 Flores e Ventos, 223.  
 Dona Branca, 225.  
 Filha do Rei de França, 254.  
 O Caçador e a Donzella, 236.  
 Donzella encantada, 259; 260.  
 Donzella que se fina de amor,  
 297.  
 Rosal florido, 300; 302.  
 A Condessa, 341.  
 Dom Pedro Menino, 345.  
 Dom Pedro Pequeninno, 348.  
 Claralinda, 399; 412.  
 O Cativo de Argel, 166; 169.  
 O Cego, 185.  
 Rosa pastorinha, 213; 215.  
 Vida da Freira, 237.  
 Vida do Frade, 240.  
 Confissão da Beata, 242.  
 Alvoradas, 248.  
 O tio Jorge Coutinho, 252.  
 Bandeira de guerra, 287.  
 Campesinas, 288.  
 Fragmentos de Romances, 290;  
 O Gato Bella-saude, 294.  
 Mã nova, 351; 352; 354.  
 Dom João da Armada, 362; 365.  
 367; 370  
 Terremoto de Villa Franca do  
 Campo, 373.  
 Noite de Natal, 406; 407; 408.  
 Fugida para Belem, 409, 410.  
 Os Reis Magos, 423, 424.  
 Presentimento da Paixão, 446;  
 447.  
 A Paixão, 448.  
 Pranto da Senhora, 450.  
 Passos do Senhor, 453.  
 Oração do Espirito Santo, 456.  
 Santa Iria, 526.  
 Conde Claro, 405.  
 Lisarda, 439.  
 Dom Duardos e Flérida, 442.  
 Sylvana, 475; 477; 480.  
 Conde Yano, 483.  
 Conde d'Alba; Conde Alado,  
 539; 543.  
 Dona Helena, 577; 579.  
 Florbella, 601.  
 A pobre Viuva, 603.  
 Dona Maria, 615.  
 Conde de Alemanha, — II, 27.  
 Bernal Françoilo, 62; 65; 68;  
 72.  
 Morena, 105; 108.  
 Santo Antonio e a Princeza,  
 530.  
 Alvorada, 541.  
 Santa Thereza, 554,  
 Pobre prezo, 555.  
 S. Bartholomeu, 558.  
 Santa Barbara, 560; 561.  
 Santa Catherina, 563.  
 Santa Apollonia, 565.  
 Contra os Côbros, 566.  
 Jesus Peregrino, 570.  
 Cruz da Vida, 572.  
 Oração do Peccador, 573.

*IX — Romanceiro tradicional do Brazil e India Portugueza*

- Noiva extremenha, — I, 86; 87.  
 Juliana, 91; 92.  
 D. Maria e D. Arico, 174.  
 D. Duarte e Donzilha, 305.  
 D. Carlos de Montealbar, 351;  
 354.  
 D. Branca, 407.  
 Conde Claros, 551.  
 Flor do Dia, 582.  
 Bernaldo Francez, II, 74.  
 Flores Bella, 144.  
 O Cego, 186; 188.

- A Pastorinha, 218.  
 O Cabelleira, 254.  
 Mal de amores, 255.  
 Redondo Sinhá, 260.  
 A Mulatinha, 272.  
 Quero bem á mulatinha, 274.

Iria a Fidalga, 527.

\*  
 Dom Marcos, I, 144.

Sylvaninha, 548.

Conde Alarcos, 550.

A victoria de Salsete, II, 356.

*X—Romanceiro tradicional dos Judeus portugueses do Levante*

Arboleda, III, 336.

Delgadilla, 459.

Conde Olinos, 500.

O Cego, 552.

Morena, 119.

Gian Lorenzo y El Rey de Portugal, 579.

**FIM**

## THÉOPHILO BRAGA

---

### *Romanceiro geral portuguez*

C'est un Espagnol qui regardait **Camoens** comme ayant composé le poème intégral de la Race ibérique. Cet Espagnol, évidemment, ne devait prendre le Portugal que pour un accident dynastique au sein de la plus grande Espagne. Cela peut se contredire, et les Portugais sont assez fondés, historiquement et ethnologiquement parlant, à repousser cette solution castillane d'un problème pendant depuis plusieurs siècles dans la péninsule. A juste titre, leur faiblesse ombrageuse se méfie de tout ce qui peut livrer leur patrie à l'Espagne jalouse. La grande pensée de Camoens, cet amour de la patrie dont il était plein: *nào movido de premio vil, mas alto e quasi eterno* (pur de tout intérêt vil, mais profond et presque éternel), habite le peuple entier de Portugal. Et il y a dans cet amour un grand esprit de sacrifice; car l'idéal chevaleresque propagé par la race des Celtes se trouve à là base. Voilà déjà qui particularise le Portugal, et Camoens demeure, quoi qu'on fasse, le meilleure argument de sa nationalité. -

Ouvrez maintenant le **Romanceiro geral portuguez**, dont l'infatigable Théophile Braga vient de publier le second tome; vous y verrez comme chaque étape de la Tradition se rattache à une conception de l'Amour et du rôle social de la Femme; vous verrez comme la civilisation lusitanienne, avec son goût de l'héroïsme et son point d'honneur chevaleresque est le produit de toute une série de composantes successives de cet ordre, à travers lesquelles l'apport gallo-breton témoigne d'une importance insoupçonnée.

Le premier volume du *Romanceiro geral* assemble—nous l'avons dit naguère ici—les chants cycliques du thème de l'*Epouse fidèle* ou rhapsodies atlantiques; les ballades issues du thème de la *Femme forte*, telle que nous la présentent les Sagas scandinaves; les cantilènes de la *Femme persécutée* ou se retrouve l'écho de l'invasion des Huns. Le second volume aborde le thème de l'*Epouse infidèle* où apparaît l'influence des lais bretons et des fabliaux; il se complète d'une gerbe copieuse de ballades légendaires ou sacrées, groupées autour des deux thèmes chrétiens et féodaux de la *Femme assujettie* et de la *Femme sanctifiée*. Le cycle mosarabe et néo-goth y trouve sa place, auprès du cycle évangélique populaire et du cycle portugais semi-littéraire, dont la formation est contemporaine de Camoens lui-même.

«Autour de ces groupes thématiques, dit l'éminent folkloriste, les variantes des localités diverses s'accroissent, dans une surprenante richesse d'imagination. C'est un enchantement d'assister à l'élaboration poétique du peuple; tantôt il dissout la partie descriptive en rubriques laconiques, tantôt il donne à ce laconisme la profondeur de l'expression dansesque ou shakespearienne; le dialogue est incisif et original ou bien il s'éploie en forme de litanie, comme il arrive en musique avec la note obstinée.

«Le processus originel de formation apparaît à nu, obje-

ctivant les impressions, dramatisant des situations, changeant le décor à l'aide d'un simple vers, mais tout exubérant de vie et de mouvement. La perfection ou la détérioration des tableaux nous documente sur l'état de la tradition en chaque localité, et son extension met en évidence le fonds ethnique, par comparaison avec les chants populaires d'autres régions occupées par la race ligurique ou pré-celtique, comme on voit dans la Haute Italie, dans la Bretagne continentale ou insulaire et dans l'Espagne occidentale.»

De cette tradition nationale incomparablement riche et vivante Gil Vicente et Camoens, pour relier le passé à l'avenir, s'imprégnèrent tour à tour; Garrett plus tard fit de même, et de la même source de Jouvence jaillirent le drame et l'épopée. Qu'on dissèque le drame portugais dans ses œuvres originales et l'on apercevra, dans la façon particulière de poser le problème de la Femme et de l'Amour, tout ce qui le différencie du drame espagnol. C'est sur la passion qu'il repose tout entier et c'est par là qu'il donne l'impression de la Fatalité.

Mais que de ballades du *Romanceiro geral* nous présentent l'admirable raccourci de drames à faire!

Il n'y a qu'à transposer et à développer.

Inversement, quiconque avec amour médite sur la vie portugaise arrive promptement à dégager l'«essentiel tragique» dont la tradition, par une séculaire exégèse, a composé la matière du *Romanceiro*.

PHILÉAS LEBESGUE.

*Mercure de France*—I-XI-1907.















RETURN TO the circulation desk of any  
University of California Library  
or to the

NORTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY  
Bldg. 400, Richmond Field Station  
University of California  
Richmond, CA 94804-4698

---

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS  
2-month loans may be renewed by calling

510 (415) 642-6753

1-year loans may be recharged by bringing books  
to NRLF

Renewals and recharges may be made 4 days  
prior to due date

---

DUE AS STAMPED BELOW

---

APR 01 1992

---

Returned by

---

FEB 07 1992

---

Santa Cruz Jilaw

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

U.C. BERKELEY LIBRARIES



C003302817



